

S. FRANCISCO DE SALES

TRATADO DO AMOR DE DEUS

TRADUÇÃO SOBRE A EDIÇÃO CRÍTICA PUBLICADA PELAS
RELIGIOSAS DA VISITAÇÃO D'ANNECY

REVISTA PELO

P.^e AUGUSTO DURÃO ALVES

SEGUNDA EDIÇÃO

Reformatado by MIB
<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>



1950
LIVRARIA APOSTOLADO DA IMPRENSA
PORTO

Imprimi potest.
Olysiþone, 5 iulii 1950.
Josephus Leite, S. J.
Vice-praep. Prov. Lusit.

Pode imprimir-se.
Porto, 7 de Julho de 1950.

Mons. Pereira Lopes.
Vigário Geral.

IMPRESA MODERNA, LTD.
R. da Fábrica, 80 — Porto

ORAÇÃO DEDICATÓRIA

SANTÍSSIMA Mãe de Deus, vaso espiritual, rainha do amor divino, sois a mais amável, a mais amante e a mais amada de todas as criaturas. O Senhor, desde toda a eternidade, pôs em vós as suas complacências, destinando o vosso puríssimo Coração ao santo amor, para que um dia amásseis o seu Filho único, como mãe, como Ele o amou eternamente como Pai. Ó Jesus, a quem posso melhor dedicar as palavras do vosso amor, do que ao Coração amabilíssimo da querida da vossa alma?

Mas, ó Mãe gloriosa, como contemplar a vossa Majestade sem ver Aquele que vosso Filho quis tantas vezes, por amor de vós, honrar com o título de Pai, tendo-vos ligado a ele, para ser o vosso auxiliar e cooperador no cargo da direcção e da educação da sua divina infância? Grande S. José, Esposo amadíssimo da Mãe do Bem amado, oh! quantas vezes tivestes em vossos braços o Amor do Céu e da terra; quantas vezes, abrasado pelos ternos amplexos e os doces ósculos deste divino Menino, sentistes a vossa alma enternecer-se de amor quando o ouvíeis carinhosamente dizer-vos (e com que suavidade, meu Deus!) que éreis o seu grande amigo e o seu querido Pai!

Assim como as alâmpadas do templo de Jerusalém repousavam sobre flores de açucenas de ouro ⁽¹⁾, também eu, ó Maria e José, par sem igual, lírios sagrados de incomparável formosura, entre os quais o Bem amado se delicia ⁽²⁾ e apascenta todos os seus amantes!, se alguma esperança tenho de que este escrito de amor possa esclarecer e inflamar

(1) III Reis, VII, 49. — (2) Cant., VI, 2.

os meus irmãos, filhos da luz (1), onde o colocarei melhor do que entre os vossos lírios? lírios que tão soberanamente deleitaram o meu Deus, Sol de Justiça, clarão de luz eterna (2), que neles pôs as complacências do inefável amor do seu Coração para connosco!

Ó Mãe amadíssima do Bem amado! Ó Esposo amadíssimo da Bem amada! prostrado no pó da terra, ante os vossos pés que tantas vezes conduziram o meu Salvador, ofereço, dedico e consagro este pequeno trabalho de amor à imensa grandeza da vossa dilecção. Suplico-vos pelo Coração do vosso amabilíssimo Jesus, Rei dos corações e que os vossos adoram, abrasa! minha alma e as de todos que lerem este escrito no Espírito Santo, para que imolemos de hoje em diante em holocausto todos os nossos affectos à sua divina Bondade, para viver, morrer e reviver para sempre nas chamas deste celeste fogo que o vosso Filho e Senhor nosso tanto desejou acender nos corações (3) não cessando de trabalhar e de suspirar para este fim até à morte e morte de cruz (4).

(1) Luc., XVI, 8.—(2) Sab., VII, 25, 26.—(3) Luc., XII, 49.—(4) Filip., II, 8.

NOTA

A presente versão portuguesa do *Tratado do Amor de Deus* de S. Francisco de Sales é feita sobre a tradução publicada em 1908 no Porto, cuidadosamente revista e cotejada com a edição francesa de 1894 (Annecy), a qual, por sua vez, reproduz o texto da edição *princeps* de 1616, a única de que o Autor tem a responsabilidade.

O original autógrafo desta Obra encontra-se disseminado por cadernos e folhas soltas manuscritas, que acusam numerosas variantes, desde os manuscritos primitivos até à redacção definitiva.

Isto explica uma ou outra divergência que possa ser notada entre a presente versão e o texto francês, que porventura venha a cair nas mãos dos leitores.

P.^e AUGUSTO DURÃO ALVES,

VIVA † JESUS

PREFÁCIO

○ ESPÍRITO Santo ensina que os *lábios* da divina Esposa, isto é, da Igreja, se assemelham a *uma fita de escarlate* ou ao *favo que destila doçura* ⁽¹⁾, para que todos saibam que a doutrina que ela anuncia se resume no sagrado amor.

A Igreja, banhada pelo sangue de Jesus, é mais viva e brilhante que o escarlate, é mais suave que o mel, por causa da doçura do Bem amado que a inunda de *delícias* ⁽²⁾. Por isso, este celeste Esposo, ao começar a publicação da sua Lei, fez descer sobre os discípulos — seus pregoeiros, grande número de línguas de fogo, mostrando assim que o Evangelho era destinado a abrasar os corações.

É um quadro admirável contemplar as pombas, tão belas, expostas aos raios do sol. Vêde: mudam de cor, segundo as diversas posições em que as examinamos, porque as suas penas são tão sensíveis à luz, que o sol dardejando-as forma uma surpreendente variedade de matizes; cores tão agradáveis, que excedem em formosura o esmalte das mais preciosas pedrarias; tão deslumbrantes e tão delicadamente douradas que o seu ouro as torna mais vivamente coloridas. É por isso que o Profeta-Rei diz aos Israelitas: ⁽³⁾.

Seja embora a vossa face macerada pela dor,
Como as asas da pombinha d'oravante se há-de ver,
Quando aos raios do sol expostas, variando a sua cor,
Ora de prata, ora de ouro parecem as penas ser.

(1) Cant., IV, 3, 11—(2) Cant., VII, 5.—(3) Ps., LXVII, 14.

Na verdade, a Igreja tem uma rica variedade de instruções, sermões, tratados e livros piedosos, todos belos e agradáveis porque o Sol da Justiça mistura admiravelmente os raios da sua divina Sabedoria com as línguas dos Pastores, que são as suas penas, e com suas penas que, por vezes, fazem também de línguas, e são a rica plumagem desta pomba mística ⁽¹⁾. Contudo por entre a diversidade de cores da doutrina, que a Igreja publica, descobre-se por toda a parte o precioso ouro da santa dilecção, iluminando com seu incomparável brilho toda a ciência dos Santos e erguendo-a acima de qualquer outra ciência.

Tudo na Igreja procede do amor, radica no amor, tende ao amor e vive do amor.

Assim como do sol provém toda a claridade do dia, embora digamos usualmente que o sol não alumia senão quando dardeja seus raios a descoberto, assim também, ainda que toda a doutrina cristã provenha do amor sagrado, só chamamos Tratado de amor divino àquela parte da teologia que se refere à origem, à natureza, às propriedades e às operações deste amor.

Muitos autores têm admiravelmente tratado este assunto, sobre tudo os antigos Padres. Porque amavam a Deus, falavam divinamente do seu amor.

Como é bom ouvir falar das coisas do Céu a um S. Paulo, que as aprendeu no próprio Céu! ⁽²⁾ Como é agradável ver almas alimentadas no seio da dilecção escreverem da sua santa suavidade!

Por isso mesmo, entre os escolásticos, os que mais e melhor recorreram sobre esta matéria, mais eminentes foram em piedade.

S. Tomás deixou-nos um tratado digno de S. Tomás; S. Boaventura e o beato Dionísio Cartuxo escreveram vários, por diversos títulos, excelentes. Quanto a João de Gerson, chanceler da Universidade de Paris, Sixto Sienense fala dele desta sorte: «Tão dignamente discorreu sobre as cinquenta propriedades do amor divino, recolhidas do Cântico dos Cânticos, que parece só ele ter dado conta dos affectos do amor de Deus».

(1) Ps., XLIV, 2. — (2) II Cor., XII, 4.

Mas, para que se saiba que esta espécie de escritos procede mais de almas devotas do que de inteligências ilustradas, o Espírito Santo quis que muitas mulheres operassem maravilhas neste capítulo. Quem jamais exprimiu melhor as celestes paixões do amor sagrado do que Santa Catarina de Génova, Santa Ângela de Foligno, Santa Catarina de Sena?

Nestes nossos dias, e sobre esta matéria, muitos escreveram, cujos livros não tive ocasião de ler, senão pela rama, tanto quanto se requeria para ver se este teria ainda lugar.

O P.^e Luís de Granada, esse grande doutor da piedade, incluiu no seu *Memorial* um *Tratado do amor de Deus*, que basta ser de tão bom autor para merecer recomendação. Diogo Estrela, da Ordem de S. Francisco, escreveu um outro, grandemente afectivo, e útil para a oração. Cristóvão da Fonseca, religioso Agostinho, publicou um ainda maior, em que diz muito belas coisas. O P.^e Luís Richome, jesuíta, também escreveu um livro intitulado *Arte de amar a Deus* pelas criaturas, e é este autor tão amável na sua pessoa e nos seus escritos que não pode duvidar-se de que o seja mais ainda, falando do próprio amor.

O P.^e João de Jesus Maria, da Ordem dos Carmelitas descalços, compôs também um livrinho que tem igualmente o título de *Arte de amar a Deus* e é muito apreciado. Também o grande e célebre Cardeal Belarmino deu há pouco à publicidade um pequeno livro intitulado *Escada para subir até Deus pelas criaturas*, que não pode deixar de ser admirável, saindo daquela sapientíssima mão e devotíssima alma, que tanto e tão doutamente escreveu para bem da Igreja.

Nada direi do *Parentético*, dessa torrente de eloquência que corre por toda a França em numerosos e variados sermões e belos escritos. A estreita consanguinidade espiritual que minha alma contraíu com a sua, quando, por imposição de minhas mãos recebeu o carácter episcopal, para felicidade da diocese de Belley e honra da Igreja, além de mil laços de sincera e recíproca amizade, não permitem que eu fale, sem me tornar suspeito, de suas obras, entre as quais o *Parentético do Amor divino* foi um dos principais jorros da inegalável torrente espiritual, que todos nele admiramos.

Há ainda o grande e magnífico *Palácio* que o Rev. P.^e Lourenço de Paris, da Ordem dos Capuchinhos, levantou

em honra do amor divino, e que, uma vez acabado, será um curso completo da ciência de bem amar.

Finalmente, a bem-aventurada Teresa de Jesus escreveu tão bem das sagradas moções do amor em todos os livros que nos deixou, que nos encanta ver tanta eloquência em tão grande humildade, tanta energia de espírito em tanta simplicidade; a sua sapientíssima ignorância faz parecer ignorantíssima a ciência de muitos letrados, que, cansados de tanto estudo, sofrem a vergonha de não entenderem o que ela escreveu, com tanta felicidade, acerca da prática do amor divino.

Assim Deus levanta o trono do seu poder sobre o pedestal da nossa fraqueza, servindo-se dos *fracos para confundir os fortes* (1).

Este tratado que te apresento, meu caro leitor, está bem longe de todos esses excelentes livros, nem espera poder alcançá-los; porém confio tanto na protecção dos dois Amantes celestes a quem o dedico, que, espero, poderá prestar-te ainda algum serviço. Neste, depararás com muitas considerações que não te seria fácil encontrar noutros livros; como também encontrarás noutros, muitas boas coisas que não estão expostas neste. O meu desígnio é muito especial. Eu tenho em vista apresentar simples e singelamente, sem arte e ainda mais sem artifício, a história do nascimento, do progresso, da decadência, das operações, propriedades, vantagens e excelências do amor divino. Se algumas outras coisas aqui encontrares, são meras excrescências que é quase impossível evitar, quando se escreve, como eu, entre muitas distrações e interrupções. Quero crer todavia que nada ficará sem alguma utilidade. A natureza que é tão sábia obreira, para produzir uvas cria ao mesmo tempo, por prudente inadvertência, tão grande número de parras e de rebentos, que poucas vinhas há que, na estação competente, não precisem de ser desfolhadas e esladroadas.

Tratam-se muitas vezes os escritores com excessiva rudeza; proferem-se contra eles juízos precipitados, e a maior parte das vezes mais impertinentes, do que a ousadia praticada por eles publicando os seus escritos.

(1) I Corint., I, 27.

Um juízo precipitado põe sempre em grande risco a consciência dos juizes e a inocência dos acusados: se muitos escrevem nescientemente, muitos censuram sem razão. A benevolência dos leitores torna suave e útil a leitura. Para que sejas favorável, meu caro leitor, quero explicar-te alguns pontos, que, sem estas reflexões, poderiam indispor-te comigo.

Alguns notarão, talvez, que eu disse demais e que não era necessário ir até à raiz do assunto; porém, eu penso que o divino amor é uma planta semelhante à que nós chamamos angélica ⁽¹⁾, cuja raiz é tão odorífera e salutar, como o tronco e as folhas. Os quatro primeiros livros, e alguns capítulos mesmo dos outros, poderiam ser facilmente omitidos ao arbítrio das almas que não procuram senão a prática da santa dilecção; mas, tudo isto lhes será muito útil, se o lerem devotamente. Muitas outras pessoas reprovariam o não ter aqui apresentado tudo o que respeita ao Tratado do amor de Deus.

Nisto tive em consideração a índole dos espíritos deste século, e assim o devia fazer: porque importa muito não perder de vista a época em que se escreve.

Cito algumas vezes a Sagrada Escritura com termos diferentes dos da edição vulgar.

Meu caro leitor, não me faças por isso a injustiça de julgar que quero afastar-me desta edição; não, mil vezes não, porque sei que o Espírito Santo a autorizou pelo sagrado Concílio de Trento, e que por isso devemos todos aceitá-la. Emprego as outras versões unicamente em serviço desta, e quando elas explicam e confirmam o seu verdadeiro sentido. Por exemplo, o que o Esposo celeste diz à sua Esposa: *Tu feriste o meu coração* ⁽²⁾, é perfeitamente esclarecido pela outra versão ⁽³⁾: *Tu me roubaste o coração*, ou *Tu atraíste e arrebataste o meu coração*.

O que Nosso Senhor diz ⁽⁴⁾: *Bem-aventurados os pobres de espírito*, é aclarado pela versão grega: *Bem-*

(1) *Angélica-arcangélica*, planta muito estimada pelas suas propriedades medicinais e pelo aroma.—(2) Cant., IV, 9.—(3) Versão dos 70 intérpretes, ou grega.—(4) Mat., V, 3.

-aventurados os mendigos de espírito. Assim nos outros textos.

Cito muitas vezes os Salmos em verso, com o fim de recriar o teu espírito e pela facilidade que tive de o fazer, servindo-me da excelente tradução de Filipe (Des-Portes), abade de Tyron ⁽¹⁾, do qual contudo me afastei algumas vezes, mas não por me julgar capaz de fazer versos melhores do que os deste célebre poeta, pois seria ousadia inqualificável da minha parte, se, não tendo nunca pensado sequer em tal forma literária, presumisse escrevê-los numa idade e condição que me obrigaria a afastar-me desse campo, se nele alguma vez tivesse entrado.

Em certas passagens que poderiam oferecer diversos sentidos não segui os seus versos por não querer seguir o seu sentido.

Assim no Sal. CXXXII ele traduziu uma palavra latina por *franjas* do vestido e eu entendo que deve ser *gola*; por isso traduzi a meu modo.

Não digo coisa alguma que não tivesse aprendido dos outros, mas ser-me-ia impossível recordar-me de quem recebi cada coisa em particular. Afirmo, porém, que se tivesse extraído de qualquer autor trechos importantes e dignos de atenção, a minha consciência me impunha o dever de prestar o louvor que merecesse. Para que não haja dúvidas sobre a minha sinceridade, advirto que o capítulo XIII do sétimo Livro, é tirado de um sermão que prèguei em Paris, em St. Jean en Grève, no dia de Assunção de Nossa Senhora, em 1602.

Nem sempre me cingi a um método rigoroso na sequência dos capítulos; contudo com alguma atenção acharás facilmente os nós que os ligam. Nisto tive todo o cuidado de poupar o meu tempo e a tua paciência. Quando publiquei a *Introdução à vida devota*, o Senhor Arcebispo de Viena, Pedro de Villars, fez-me a fineza de me escrever em termos tão enco-

(1) Des-Portes (1546-1606). *Os CL Salmos de David postos em verso Francês por Philippe (Des-Portes). Com algumas obras crístãs e orações do mesmo autor.* Rouen, Raphael du petit Val, 1594.

(Nota do tradutor).

miásticos para este opúsculo e para mim, que nunca ousarei revelá-los. Exortava-me a aplicar, quanto me fosse possível, as horas vagas a este género de trabalho, e entre muitos e importantes conselhos com que me honrou, disse-me que observasse sempre, tanto quanto o assunto o permitisse, a brevidade dos capítulos; porque, diz ele, assim como os viajantes, quando têm notícia de que há um belo jardim a vinte ou vinte e cinco passos do seu itinerário, se desviam facilmente para o irem ver, o que não fariam se o julgassem mais afastado, assim também aqueles que sabem que um capítulo é breve, o lêem de boa-vontade, o que não fariam, por atraente que o assunto fosse, se precisassem de muito tempo para terminar a sua leitura. Tive, pois, motivo de seguir neste ponto a minha inclinação, pois que ela mereceu a aprovação deste preclaro varão, que foi um dos mais santos prelados e dos mais ilustres doutores que a Igreja possuiu no nosso século, e era, quando me honrou com a sua carta, o decano dos doutores da faculdade de Paris.

Não há muito tempo, que um grande servo de Deus me avisou de que o ter dirigido à *Filoteia* os meus conselhos da *Introdução à vida devota*, tinha feito com que muitos homens a não tivessem lido, porque não julgavam digno da leitura dum homem os conselhos dirigidos a uma mulher. Não pude deixar de admirar que houvesse homens, que, por quererem parecer homens, se mostrassem tão-pouco homens, pois vê tu, caro leitor, se a devoção não é igual para os homens e para as mulheres, e se não devemos ler com igual atenção e respeito a segunda Epístola de S. João dirigida à santa matrona Electa, como a terceira que ele destina a Caio, e se milhares de cartas ou de excelentes tratados dos antigos Padres da Igreja, devem considerar-se inúteis aos homens por terem sido dirigidos a santas mulheres daquele tempo!

Mas, além disto tudo, é à alma que aspira à devoção que eu chamo *Filoteia*, e os homens têm uma alma como as mulheres. Entretanto, para nisto imitar o grande Apóstolo que se considerava devedor a todos, (¹) mudei o endereço

(1) Rom., I, 14.

neste Tratado e dirijo-me a *Teotimo*: e, se por acaso houvesse mulheres (e este disparate seria mais compreensível nelas...), que não quisessem ler as instruções que se fazem a um homem, rogar-lhes-ia que reflectissem que o *Teotimo* a quem me dirijo, é o espírito humano, que deseja fazer progressos no amor de Deus, espírito que está igualmente nas mulheres como nos homens.

Este Tratado é feito para ajudar a alma já devota a aperfeiçoar-se, e por isso, fui obrigado a dizer muitas coisas um pouco menos conhecidas do vulgo e que, por consequência, parecerão mais obscuras; o fundo da ciência é sempre um pouco mais difícil de sondar, e encontram-se poucos mergulhadores que queiram e saibam ir colher as pérolas e outras pedras preciosas nos abismos do oceano. Mas, se tiveres verdadeira coragem para aprofundar este escrito, acontecer-te-á o mesmo que aos mergulhadores, os quais, segundo diz Plínio ⁽¹⁾, quando «estão nos profundos abismos do mar, vêem ali claramente a luz do sol»; porque encontrarás nos pontos mais difíceis deste Tratado uma boa e aprazível clareza. Nem quis seguir aqueles que desprezam certos livros que tratam de um género de vida de perfeição supereminente, nem a ela me referir, porque não posso censurar os autores, nem autorizar os censores de uma doutrina que não entendo.

Toquei em muitos pontos de teologia, mas sem espírito de crítica, propondo simplesmente não tanto o que noutro tempo aprendi em discussões, mas o que a experiência no serviço das almas e o emprego de vinte e quatro anos na santa pregação, me fizeram julgar como mais conveniente à glória do Evangelho e da Igreja.

Finalmente algumas pessoas notáveis de diversos lugares, me avisaram, que alguns opúsculos têm sido publicados com as iniciais do nome de seus autores, iguais às do meu, o que fez scandalizar a alguém, julgando que eu me houvesse desviado da minha simplicidade, para encher o meu estilo de palavras pomposas, de conceitos mundanos e de rendilhados duma eloquência arrogante e enfatuada.

(1) Hist. nat., 1. II, c. XLII.

A este respeito dir-te-ei, meu caro leitor, que assim como os que talham ou lapidam pedras preciosas, cansando a vista à força de a aplicarem às linhas delicadas do seu trabalho, têm sempre diante de si alguma formosa esmeralda para a fitarem de tempos a tempos, e descansarem na sua cor verde os olhos enfraquecidos para tomarem novo vigor, assim também na variedade de negócios a que a minha condição me obriga necessariamente a aplicar-me, tenho sempre pequenos planos de algum tratado de piedade com que me entretenho, quando posso, para aligeirar e distrair o espírito.

Mas isto não quer dizer que faça profissão de escritor, porque nem a fraqueza do meu espírito, nem as obrigações do meu cargo, exposto a servir e atender uma infinidade de pessoas, mo permitiriam. Por esta razão tenho escrito muito pouco e publicado ainda menos, e só para seguir o conselho e a vontade de meus amigos. Digo isto, para que não atribuas o louvor que merece o trabalho dos outros, a quem não merece nenhum pelo seu próprio.

Há dezanove anos achando-me em Thonon, pequena cidade nas margens do lago de Genebra, que então se convertia pouco a pouco à fé católica, o ministro, adversário da Igreja, clamava por toda a parte que o dogma católico da presença real do Corpo do Salvador, na Eucaristia, destruiu o Símbolo e a analogia da fé, (era muito fácil dizer esta palavra *analogia*, incompreensível para os ouvintes, com o fim de parecer muito sábio); e, por isso, os outros prégadores, com os quais estava, me encarregaram de escrever, refutando esta tolice.

Fiz o que me pareceu conveniente, redigindo uma breve meditação sobre o Símbolo dos Apóstolos para confirmar a verdade, e todas as cópias foram distribuídas nesta diocese, onde já não encontro nenhuma.

Pouco depois Sua Alteza ⁽¹⁾ veio de França e encontrando os baillios do Chablais, Gaillart e Ternier, situados nos

(1) S. Francisco de Sales refere-se aqui ao príncipe Carlos Emanuel, duque dos estados da Sabóia, de que o Chablais fazia parte.

arrabaldes de Genebra, meio dispostos a receberem a santa religião católica, que lhes tinha sido roubada pela desgraça das guerras e revoltas, havia perto de setenta anos, resolveu este príncipe restabelecer o seu culto em todas as paróquias, abolindo a heresia; e como, de um lado, havia grandes dificuldades para realizar este feliz propósito, pelas considerações a que se dá o nome de razões de Estado, e, por outra parte, alguns, ainda não bem instruídos na verdade, resistiam a este tão desejado restabelecimento, Sua Alteza venceu o primeiro obstáculo pela firmeza invencível do seu zelo pela santa religião, e o segundo por uma suavidade e prudência extraordinárias. Reuniu os principais e mais obstinados, falou-lhes com eloquência tão amável e cativante que, quase todos, vencidos pela doce violência do seu amor paternal, depuzeram aos seus pés as armas da sua contumácia e entregaram suas almas nas mãos da santa Igreja.

De passagem, seja-me permitido dizer-te o seguinte: Podem-se louvar muito as nobres acções deste grande príncipe, entre as quais brilha a prova da sua bravura e ciência militar que a Europa inteira admira; quanto a mim, o que mais me admira é o restabelecimento da santa religião nos três bailios já mencionados. Por esta ocasião fui testemunha de muitos rasgos de piedade, harmonizados com uma admirável prudência, constância, magnanimidade, justiça e benevolência, parecendo-me ver como num quadro em miniatura, tudo o que se diz em louvor dos príncipes que outrora trabalharam mais ardentemente para a glória de Deus e da Igreja; o campo era pequeno, mas as acções eram grandes. É como aquele antigo artífice ⁽¹⁾ que não foi tão estimado pelas suas obras de grande vulto, como admirado por ter feito um navio em marfim, provido de toda a equipagem, em tão pequeno volume que as asas duma abelha o cobriam todo; assim também aprecio mais o que este grande príncipe realizou então naquele cantinho dos seus Estados, do que os altos feitos que muitos exaltam até às nuvens.

Por esta ocasião erigiram-se por todas as avenidas e praças públicas daquelas cidades, as vitoriosas insígnias da

(1) Myrmecides. Ver Plínio. Hist. nat., liv. VII, cap. XXI.

cruz; e entre elas levantou-se uma, muito solenemente, em Annemasse, perto de Genebra. Um ministro protestante escreveu um pequeno tratado contra a honra devida à cruz, contendo, uma invectiva violenta e venenosa, que devia ser refutada. Monsenhor Cláudio de Granier, meu predecessor, de santa e saudosa memória, encarregou-me de lhe responder, ao que obedeci não só por ser o meu Bispo, mas, além disso, um santo servo de Deus. Escrevi a refutação com o título de *Defesa do Estandarte da Cruz*, e dediquei-a a Sua Alteza, em parte para lhe testemunhar a minha humilde submissão, e em parte para lhe agradecer o cuidado que havia tido da Igreja naquelas localidades.

Pouco depois, reimprimiram esta *Defesa* com o honroso título de *Pantalogia ou Tesouro da Cruz*, título em que eu nunca teria pensado, porque não tenho estudos, nem tempo, nem memória para poder reunir documentos tão importantes num livro que merecesse o título de *Tesouro* ou de *Pantalogia*; estes frontispícios arrogantes fazem-me horror:

É bem louco o architecto, que, privado de razão,
Faz o portal maior do que toda a construção.

No ano de 1602 celebraram-se em Paris, onde eu estava, as exéquias do magnânimo príncipe Filipe Emanuel, de Lorena, duque de Mercœur, o qual havia realizado tão grandes façanhas contra os Turcos na Hungria, que todos os cristãos concorreram para honrar a sua memória. Mas foi principalmente a duquesa Maria de Luxemburgo, sua viúva, que fez tudo o que a sua coragem e o amor que consagrava ao finado lhe sugeriam, para solenizar estes funerais; e como meu pai, meu avô e meu bisavô tinham sido pagens dos príncipes de Martigues, seus predecessores, considerava-me como servo hereditário da sua casa, e por isso me escolheu para fazer a oração fúnebre nesta notável solenidade, a que afluíam, não só muitos cardeais e prelados, mas ainda grande número de príncipes, princesas, marechais de França, cavaleiros de Ordem e até o Parlamento. Compus, pois, este discurso e o pronunciei nesta respeitável assembleia, na grande igreja de Paris; e como ele encerrasse um verdadeiro resumo

dos feitos heróicos do defunto Príncipe, imprimi-o, porque a Princesa viúva mostrou desejos disso, e os seus desejos para mim eram ordens. Dediquei este trabalho à Senhora Duquesa de Vandome, então ainda donzela e muito nóvel princesa, mas em quem se divisavam já traços da primorosa virtude e piedade que hoje nela reluzem, dignas da família e da educação da sua tão devota e piedosa mãe.

Quando se imprimia esta oração chegou-me a notícia de que estava nomeado Bispo, o que me obrigou a vir imediatamente para aqui para ser sagrado e começar a minha residência. Logo no princípio me notaram a necessidade que havia de advertir os confessores sobre alguns pontos importantes do seu ministério, por isso redigi vinte e cinco *Avisos*, que mandei imprimir para fazer chegar mais facilmente às mãos daqueles a quem os dirigia. Mais tarde foram reimpressos em diversos lugares.

Três ou quatro anos depois, publiquei a *Introdução à vida devota*, pelos motivos e da maneira que já declarei no seu Prefácio; e nada tenho a dizer-te a respeito deste opúsculo, meu caro leitor, senão que, se recebeu, em geral, favorável e lisonjeiro acolhimento, mesmo entre os mais graves prelados e doutores da Igreja, não foi contudo isento de áspera censura por parte de alguns que não só me criticaram, mas até me injuriaram rudemente em público, por eu ter dito à Filoteia que os bailes em si mesmo são acções indifferentes, e que nas conversas se admitem gracejos. Como conheço a qualidade destes censores, louvo-lhes muito a intenção, porque creio que foi boa, mas desejava que notassem: que a primeira proposição é extraída da doutrina verdadeira e geral dos mais santos e doutos teólogos: que escrevia para pessoas que vivem no mundo e nas cortes; e que além disso, inculcava cuidadosamente o grande perigo que se encontra nas danças. Quanto à segunda proposição, com respeito aos gracejos, também não é minha, mas sim do admirável rei S. Luís, doutor digno de ser seguido na arte de bem dirigir os cortesãos na vida devota. Creio bem que se tivessem ponderado tudo isto, a sua caridade e discrição não teriam nunca permitido ao seu zelo, embora rigoroso e austero, indignarem-se contra mim.

Por todos estes motivos, te suplico, meu caro leitor, que

me sejas benévolo e indulgente na leitura deste Tratado; se achares o estilo um pouco (parece-me que será muito pouco), diferente do que usei escrevendo a *Filoteia*, e ambos muito diversos do que empreguei na *Defesa da Cruz*, lembra-te que em dezanove anos aprendem-se e desaprendem-se muitas coisas; que a linguagem da guerra é diferente da linguagem da paz, e que se fala de uma maneira aos jovens aprendizes, e de outra aos velhos camaradas.

Aqui dirijo-me às almas adiantadas na devoção; porque é preciso que te diga, que temos nesta cidade uma Congregação de donzelas e viúvas, que, retiradas do mundo, vivem unânimemente no serviço de Deus, sob a protecção da Sua Mãe Santíssima; e como a sua pureza e piedade de espírito me têm proporcionado grandes consolações, impus-me o dever de as recompensar distribuindo-lhes frequentemente a sagrada palavra, que lhes tenho anunciado tanto em sermões públicos como em colóquios espirituais, e quase sempre na presença de muitos religiosos e de pessoas altamente piedosas: foi-me, pois, preciso tratar muitas vezes dos mais delicados pontos de piedade, indo além do que havia dito a *Filoteia*. É uma boa parte do que aqui te comunico, devo-o a esta abençoada comunidade, porque a superiora que a ela preside, sabendo que escrevo sobre este assunto e que difficilmente poderia levar ao fim esta tarefa, se Deus me não ajudasse de uma maneira especial, e se eu não fosse continuamente animado a fazê-lo, teve um cuidado muito particular de orar e mandar orar sem cessar por esta intenção, suplicando-me santamente que aproveitasse todos os bocadinhos que tivesse de vago, ou que pudesse tirar às minhas obrigações, para os empregar neste trabalho. Como respeito esta alma de uma maneira que só Deus sabe, não teve ela pouco poder para animar a minha, neste propósito.

Há muito tempo que projectava escrever sobre o amor sagrado, mas este projecto estava muito longe de se realizar se não fossem os motivos apontados e que te descubro singelamente à maneira dos antigos, para que saibas que não escrevo senão por circunstâncias eventuais, e assim me sejas mais benévolo. Dizia-se entre os gentios, que Fídias nada esculpia tão genialmente como as divindades, nem Apeles pintava coisa alguma como o retrato de Alexandre. Nem sempre

se colhem resultados iguais: se sou breve neste Tratado, meu caro leitor, faz tu por adiantar na bondade, e Deus abençoará a tua leitura.

Por tal razão dediquei esta obra a Nossa Senhora e a S. José, como já havia dedicado a *Introdução* ao Divino Menino que é o salvador dos amantes e o amor dos salvados. Pois, assim como as mulheres, enquanto novas, escolhem ordinariamente para padrinhos de seus filhos os amigos da terra, e, quando a sua fraqueza e falta de saúde lhes torna difíceis e perigosos os trabalhos da maternidade, invocam os santos do Céu e prometem convidar um pobre ou uma pessoa devota, em nome de S. José, S. Francisco de Assis, S. Francisco de Paula, S. Nicolau, ou qualquer outro Bem-aventurado que possa impetrar de Deus o seu feliz sucesso; assim também eu, antes de ser Bispo, como tinha mais vagar e menos desassossego para escrever, dedicava os meus modestos trabalhos aos príncipes da terra. Agora, que me vejo oprimido pelo meu cargo e encontro mil embaraços para escrever, não consagro nada senão aos príncipes do Céu, para que eles me alcancem a luz de que necessito, e, se isto for do seu agrado, para que estes escritos tenham um nascimento frutuoso e útil a muitos.

Deus te abençoe, meu caro leitor, e te faça rico do seu santo amor. Submeto, porém, sempre e de todo o meu coração os meus escritos, as minhas palavras e as minhas acções à correccção da Santíssima Igreja Católica, Apostólica e Romana, porque sei que ela é a *coluna e firmamento da verdade* ⁽¹⁾, da qual não pode afastar-se nem separar-se, e que «ninguém pode ter a Deus por Pai, quando não tem esta Igreja por Mãe» ⁽²⁾.

Annecy, no dia dos amantíssimos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, 1616.

BENDITO SEJA DEUS.

(1) I Tim., III, 15. — (2) Serm., III do Simb., S. Agost. atrib..

LIVRO PRIMEIRO

CONTENDO

UMA PREPARAÇÃO DE TODO O TRATADO

CAPÍTULO I

**Para beleza da natureza humana Deus concedeu
à vontade o governo de todas
as faculdades da alma**

A unidade na variedade é a ordem; a ordem produz a conveniência e a proporção, e a conveniência no todo constitui a beleza. Um exército é belo, quando os soldados estão por tal modo colocados em sua ordem, que fazem um só exército. Para que uma música seja bela, não é somente necessário que as vozes sejam sonoras, claras e bem distintas, mas que se aliem por tal forma umas às outras, que produzam uma perfeita consonância e harmonia, pela união que existe na distinção, e pela distinção na união das vozes, a que com razão se chama um acordo discordante, ou antes um desacordo concordante.

Ora, como explica muito bem o angélico S. Tomás ⁽¹⁾, depois do grande S. Diniz ⁽²⁾, a beleza e a bondade, ainda

(1) I^a II^{ae}, Qu. XXVII, art. 1. — (2) De div. nomin., c. IV.

que tenham alguma semelhança, não são uma e mesma coisa: porque bem é o que agrada ao apetite e à vontade; belo o que agrada ao entendimento e ao conhecimento; ou, para me explicar de outra forma, bem é aquilo cujo gozo nos deleita; belo é aquilo cujo conhecimento nos satisfaz. E é por isso que, falando com propriedade, nós não atribuímos a beleza corporal senão aos objectos dos dois sentidos que mais têm por função conhecer e servem mais ao entendimento: os quais são a vista e o ouvido; e assim, não devemos dizer: belos perfumes ou belos sabores, mas sim: belas vozes e belas cores.

O belo, sendo belo porque o seu conhecimento nos deleita, além da união e da distinção, da integridade, da ordem e da conveniência de suas partes, deve ter muito esplendor e luz, para que seja conhecível e visível. As vozes para serem belas, devem ser claras e límpidas, os discursos inteligíveis, as cores brilhantes e resplandecentes: a obscuridade, a sombra, as trevas são feias e desfiguram todas as coisas, porque nelas nada se torna conhecido, nem a distinção, nem a união, nem a conveniência; o que fez dizer a S. Dinis ⁽¹⁾, que Deus, «como soberana beleza, é autor da formosa conveniência, do primor e do esmero que se encontra em todas as coisas, fazendo resplandecer em forma de luz, as irradiações e divisões do seu raio», por meio das quais todas as coisas se tornam belas, querendo para estabelecer a beleza, que em todas houvesse a conveniência, a claridade e a harmonia.

Sem dúvida, Teotimo, a beleza não traduz efeito, é inútil e morta, se a claridade e o esplendor a não avivam, dando-lhe força; eis a razão porque costumamos dizer que as cores são vivas, quando têm brilho. Mas quanto às coisas animadas e vivas, a sua beleza não é completa sém a harmonia, a qual, à conveniência das partes que constitui a perfeição, acrescenta a conveniência dos movimentos, gestos e acções, que são como a alma e a vida da beleza das coisas vivas. Do mesmo modo, na soberana beleza do nosso Deus, reconhecemos a união, ou antes a unidade da essência na distinção das Pessoas, com uma infinita luz, junta à conve-

(1) Cap. 4 dos Nomes Div.

niência incompreensível de todas as perfeições das acções e movimentos, contidas mui soberanamente, e, para assim dizer, juntas e reunidas majestosamente na singularíssima e simplíssima perfeição do puro acto divino, que é Deus mesmo, imutável e invariável, como o demonstraremos noutra parte ⁽¹⁾.

Deus, pois, querendo tornar todas as coisas boas e belas, reduziu a multidão e a distinção das mesmas a uma perfeita unidade, ordenando-as todas de modo que os seres se sustentem uns aos outros, e todos nele, que é o soberano Monarca. Reduz todos a um corpo, com uma cabeça; de muitas pessoas forma uma família; de muitas famílias uma cidade; de muitas cidades uma província; de muitas províncias um reino, e um reino inteiro obedece a um só rei. Assim também, Teotimo, entre a inumerável multidão e variedade de acções, movimentos, sentimentos, inclinações, hábitos, paixões, faculdades e potências que existem no homem. Deus estabeleceu uma natural supremacia na vontade, que ordena e domina tudo o que está neste pequeno mundo, parecendo ter dito à vontade o que Faraó a José ⁽²⁾: *Tu governarás a minha casa; todo o povo obedecerá ao mando da tua voz; e sem tua ordem não moverá ninguém mão nem pé.* Esta dominação da vontade realiza-se de formas mui diversas, como veremos.

CAPÍTULO II

A vontade dirige de diversos modos as potências da alma

O pai de família guia sua mulher, seus filhos e seus criados por conselhos e ordens, às quais todos são obrigados a obedecer, bem que possam deixar de o fazer; se tem servos e escravos, governa-os pela força, à qual não podem

(1) Livro II, c. II. — (2) Gen., XLI, 40, 44.

deixar de se submeter. Os seus cavalos e os seus bois maneja-os com indústria, prendendo-os, pondo-lhes o freio, chegando-lhes a espora, encurralando-os, soltando-os.

Por certo, que a vontade governa a faculdade dos movimentos exteriores como um servo ou um escravo; a não ser que externamente qualquer coisa a estorve, nunca deixa de obedecer. Abrimos e fechamos a boca, movemos a língua, as mãos, os pés, os olhos, e todas as partes em que a faculdade do movimento se encontra, sem resistência, como nos apraz e segundo a nossa vontade.

Mas quanto aos nossos sentidos e à faculdade de nutrir, crescer e desenvolver-nos, não a podemos governar tão facilmente, antes carecemos de empregar a indústria e a arte. Se chamamos um criado, ele vem; se lhe dizemos que pare, ele para; mas não podemos esperar esta obediência de um gavião ou falcão; quem o quiser obrigar a voltar, tem de fazer-lhe negaças, quem o quiser sossegar, tem de lhe cobrir a cabeça. Diz-se a um criado: volta à esquerda ou à direita, e ele obedece; mas para fazer voltar assim um cavalo, precisamos servir-nos das rédeas. Não podemos, Teotimo, ordenar aos nossos olhos que não vejam, nem aos nossos ouvidos que não ouçam, nem às nossas mãos que não toquem, nem ao nosso estômago que não digira, nem ao nosso corpo que não cresça, porque todas estas faculdades são privadas de entendimento, e portanto incapazes de obedecer. *Ninguém pode acrescentar um covado à sua estatura* ⁽¹⁾.

Raquel queria, mas não podia conceber.

Comemos muitas vezes sem nos nutrirmos nem nos desenvolvermos. Quem quiser dominar as suas faculdades, tem de ser industrioso. O médico, tratando de uma criança de berço, não se dirige nunca a ela, mas ordena à ama que lhe aplique isto ou aquilo; às vezes manda que tome este ou aquele alimento, que use de certo medicamento; o efeito deste comunica-se ao leite, o leite alimenta o corpo da criança, e a vontade do médico alcança feliz êxito neste pequenino doente, que nem sequer nisso podia pensar. Não é de certo necessário impor leis de abstinência, de

(1) Mat., VI, 27.

sobriedade e de continência ao estômago, à garganta ou ao ventre; mas é preciso ordenar às mãos que não forneçam à boca as viandas e bebidas, a não ser nesta ou naquela medida. É preciso tirar ou dar às paixões más os objectos e os alimentos que as fortificam, segundo o que a razão exigir. É preciso distrair os olhos, ou fechá-los quando quisermos que não vejam; e com estas indústrias os encaminharemos como a vontade o desejar. É assim, Teotimo, que Nosso Senhor ensina ⁽¹⁾ que *há eunucos que o são para o Reino dos Céus*, isto é, que não são eunucos por impotência natural mas pelos meios de que a sua vontade se serve para os reter na santa continência. É loucura ordenar a um cavalo que não engorde, que não cresça, que não escoicinha; se desejas tudo isto, levantai-lhe a manjedoura; não basta mandá-lo, é preciso refreá-lo duramente para o domar.

Sim, a vontade tem poder sobre o entendimento e sobre a memória: porque das muitas coisas que o entendimento pode compreender ou das que a memória pode recordar, a vontade determina aquelas às quais quer que as suas faculdades se apliquem, ou das quais quer que se desviem. É verdade que não pode dirigi-las nem submetê-las tão absolutamente como faz com as mãos, com os pés ou com a língua, em razão das faculdades sensitivas, e especialmente a imaginação, não obedecerem pronta e infalivelmente à vontade; todavia a vontade agita-as, emprega-as e aplica-as como lhe apraz, se bem que não tão firme e invariavelmente que a fantasia, inconstante e volúvel, as não distraia muitas vezes, desviando-as para outro lado; de forma que, como diz o Apóstolo ⁽²⁾: *Eu faço, não o bem que quero, mas o mal que aborreço*: do mesmo modo somos muitas vezes forçados a lamentar-nos, porque pensamos não no bem que amamos, mas no mal que detestamos.

(1) Mat., XIX, 12. — (2) Rom., VII, 15.

CAPÍTULO III

A vontade governa as paixões

A vontade, Teotimo, domina a memória, o entendimento e a imaginação, não pela violência mas pela autoridade, de forma que nem sempre é obedecida, como nem sempre o é o pai de família por seus filhos e seus servos. Ora acontece o mesmo com o apetite sensual ⁽¹⁾, que, como diz S. Agostinho, em nós, pecadores, tem o nome de concupiscência, e está sujeito à vontade e ao espírito, como a mulher a seu marido; porque ⁽²⁾, assim como foi dito à mulher: *Tu estarás no poder do teu marido e ele te dominará* ⁽³⁾, também foi dito a Caim que a sua *concupiscência* se voltaria contra ele ⁽⁴⁾, mas que a podia dominar e submeter. «Ó homem, diz S. Bernardo ⁽⁵⁾, está na tua mão, se quiseres, fazer do teu inimigo teu servo, de forma que todas as coisas volvam em teu benefício: *O teu apetite está debaixo do teu domínio e o subjugarás*. O teu inimigo pode excitar em ti o sentimento da tentação, mas tu podes, se quiseres, dar-lhe ou recusar-lhe o consentimento». Se permites ao apetite que te conduza ao pecado, então ficarás sujeito a ele e ele te subjugará, porque *todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado* ⁽⁶⁾; porém antes que o cometas, enquanto ainda não está em teu consentimento, mas só em teu sentimento, quer dizer que só está em teu apetite e não na tua vontade, *o teu apetite está*

(1) Por «apetite sensitivo», entendem os filósofos escolásticos — a operação pela qual o homem tende para um bem que convém à sua natureza sensitiva, e que foi percebido pelos sentidos. As operações desta faculdade, elevadas a um grau intenso de força e energia, tomam o nome especial de paixões, que podem ser boas ou más.

(Nota do tradutor).

(2) Aug., 1. 15 de Civit. c. 7.—(3) Gen., III, 16; juxta Septuag. et Chald.—(4) Gen., IV, 7.—(5) Serm., 5. de Quad.—(6) Joan., VIII, 34.

sujeito a ti e tu o subjugarás. O imperador antes de ser elevado à dignidade imperial, depende dos eleitores, que dominam sobre ele, podendo escolhê-lo ou rejeitá-lo; mas uma vez eleito, fica desde logo governando e domina sobre eles. Antes da vontade dar o consentimento ao apetite, domina sobre ele; porém, depois do consentimento, a vontade torna-se sua escrava.

Em suma, este apetite sensual é na verdade um súbdito rebelde, sedicioso, inquieto; e devemos confessar, que não poderemos nunca desfazer-nos dele, de maneira que não ataque e assalte a razão. Contudo a vontade é tão superior, que, se quizer, pode aniquilá-lo, derrubar os seus projectos e repeli-lo, não consentindo nas suas sugestões. Não se pode impedir que a concupiscência nasça na alma, mas sim que produza e consuma o pecado (1). Esta concupiscência ou apetite sensual tem doze movimentos pelos quais, como outros tantos capitães amotinados, levanta a sedição dentro do homem.

Estes movimentos sensuais, de ordinário inquietam a alma e agitam o corpo; enquanto desassossegam a alma, chamam-se perturbações; enquanto comovem o corpo, chamam-se paixões, segundo diz Santo Agostinho (2). Todos têm em vista o bem e o mal; aquele para o adquirir, este para o evitar. Se o bem é considerado em si mesmo, segundo a sua natural bondade, excita o amor, primeira e principal paixão; se o bem está ausente, provoca-nos o desejo; se, sendo desejado, julgamos poder obtê-lo, concebemos a esperança; se pensamos não o poder obter, sentimos o desespero; mas quando o possuímos, enche-nos de alegria. Ao contrário, apenas conhecemos o mal, aborrecemo-lo; se está ausente, fugimos dele; se julgamos que o não podemos evitar, tememo-lo; se cremos que o podemos evitar, afoitamo-nos e animamo-nos; mas, se o sentimos presente, afligimo-nos, e então a ira e a cólera acodem repentinamente para rejeitar e repelir o mal, ou pelo menos vingar-nos dele. Se não conseguimos afastá-lo, ficamos tristes; se o repelimos ou logramos vingar-

(1) Jacob, I, 15. — (2) De Civit. Dei, I, XIV, c. VIII.

-nos, sentimos o contentamento e a satisfação que causa o prazer do triunfo; porque, assim como a posse do bem regozija o coração, a vitória contra o mal alimenta a coragem. E sobre toda essa multidão de paixões sensuais, a vontade mantém o seu império, rejeitando as suas sugestões, repellido os seus ataques, impedindo os seus efeitos, e, por fim, recusando-lhes o consentimento, sem o qual não a podem prejudicar, e com cuja recusa ficam vencidas, abatidas, enfraquecidas, extenuadas, reprimidas, e, se não completamente mortas, pelo menos amortecidas ou mortificadas.

É para exercitar a nossa vontade na virtude e força espiritual, que esta multidão de paixões existe nas nossas almas, Teotimo; de sorte que muito se enganavam os estóicos quando afirmaram que elas não se encontram no homem prudente; tanto mais, que o que negavam com suas palavras o praticavam em seus actos, como refere Santo Agostinho ⁽¹⁾, na seguinte interessante história.

Tendo Aulus Gellius embarcado com um célebre estóico, sobreveio uma grande tempestade que o atemorizou; empalideceu, enfiou e tremia tanto, que se tornou notado por todos os que estavam no navio, e curiosamente o observavam, apesar de se acharem no mesmo perigo. Pouco depois o mar acalmou-se, o perigo passou, e daí os passageiros começaram a rir-se e a escarnecer uns dos outros do medo que tiveram. Então um passageiro da Ásia, dirigindo-se ao filósofo censurou o susto que manifestara, tornando-se lívido e desfigurado durante o perigo, enquanto ele, ao contrário, se conservara forte e destemido. O estóico replicou contando o que Aristipus, filósofo socrático, tinha respondido a um homem que pelo mesmo motivo o havia mofado: «fizeste bem, lhe disse, em te não teres inquietado pela sorte da alma dum perverso trapaceiro, como tu, porém eu faria muito mal se não receasse a perda da alma de Aristipus». O melhor da

(1) Livr. de Civit. 9, c. 4. — O estoicismo é um sistema filosófico fundado por Zenon, de Cittium, original pela sua moral, que estabelecia como primeira regra—viver conforme a razão. Os estóicos diziam afectar uma indiferença absoluta perante os fenómenos da natureza e os revezes da vida.

(Nota do tradutor).

história é ser o próprio Aulus Gellius, testemunha ocular, quem a refere ⁽¹⁾. Enquanto à réplica que ela encerra, o estóico que a deu, provou mais a sua finura do que a sua razão, porque, citando um companheiro do seu susto, provou por duas irrepreensíveis testemunhas, que os estóicos eram susceptíveis de ter medo, e do medo que manifesta os seus efeitos nos olhos, no rosto e na atitude, o que por consequência se torna uma paixão.

É grande loucura querer afectar indiferença, quando é impossível! A Igreja condenou a louca doutrina que certos anacoretas presunçosos quizeram introduzir, e contra os quais a Escritura, mas sobretudo o grande Apóstolo ⁽²⁾, clama, dizendo que temos em nossos corpos *uma lei que repugna à lei do nosso espirito*. «Entre nós, Cristãos», diz o grande Santo Agostinho ⁽³⁾, «conforme refere a Escritura Sagrada e a sã doutrina, os cidadãos da Santa Cidade de Deus ⁽⁴⁾, peregrinando neste mundo, segundo os desígnios da Providência, temem, desejam, lastimam-se e regozijam-se». Sim, o próprio Rei soberano desta Cidade, temeu, desejou, lastimou-se e rejubilou; chorou, tornou-se lívido, tremeu e suou sangue, posto que n'Ele estes movimentos não fossem paixões iguais às nossas, movimentos que o grande S. Jerónimo ⁽⁵⁾, e depois dele os escolásticos, não ousaram apelidar de paixões, em reverência à pessoa em que eles se manifestavam, antes lhes deram o nome respeitoso de *pro-paixões*, para testemunhar que os movimentos sensíveis em Nosso Senhor ocuparam n'Ele o lugar de paixões, se bem que não fossem paixões; tanto mais que não tinha absolutamente nada a sofrer por parte delas, senão o que fosse do seu agrado e como lhe aprouvesse, governando-as e dirigindo-as à sua vontade; o que nós, pecadores, não podemos fazer, porque sofremos e suportamos esses movimentos desregrados contra a nossa vontade, e com grande prejuízo da boa ordem e tranquillidade das nossas almas.

(1) Noctes Atticæ, 1. XIX, c. 1. — (2) Rom., VII, 23. — (3) L. 14. de Civit. c. 9. — (4) Estes cidadãos cujo Rei e chefe é Jesus, são os cristãos em opposição aos maus, cidadãos do demónio. — (5) In Mat. V, 28 e XXVI. 37.

(Nota do tradutor).

CAPÍTULO IV

**O amor domina todas as afeições e paixões
e dirige mesmo a vontade,
ainda que esta tenha também domínio sobre ele**

O amor, que é a primeira complacência que sentimos pelo bem, como adiante diremos, precede o desejo, porque desejamos só o que amamos. Precede a deleitação, pois quem poderia regozijar-se no gozo de uma coisa que não amasse? Precede a esperança, porque só se espera o bem que se ama; precede o ódio, porque não aborrecemos o mal senão pelo amor que temos ao bem; antes o mal não é mal senão por ser oposto ao bem; e acontece o mesmo, Teotimo, com todas as outras paixões ou affectos, porque todos provêm do amor como da sua origem e da sua raiz.

É por isso que as paixões e afeições são boas ou más, viciosas ou virtuosas, conforme o amor donde procedem é bom ou mau porque este derrama sobre elas por tal modo as suas qualidades, que aparentam ser o próprio amor. Santo Agostinho ⁽¹⁾ reduziu a quatro todas as paixões e affectos. «O amor» diz ele, que tende a possuir aquilo que ama, chama-se desejo; alcançando-o e possuindo-o, chama-se gozo; fugindo ao que lhe é oposto, chama-se temor; e, se este mal lhe sucede, e o sente, chama-se tristeza; e estas paixões são más, se o amor é mau, boas, se ele é bom». «Os cidadãos da Cidade de Deus», isto é, os cristãos, «temem, desejam, lastimam-se, regozijam-se, e como o seu amor é recto, todos os seus affectos são também rectos». «A doutrina cristã, submete o espírito a Deus, para que o guie e o socorra, e submete ao espírito todas estas paixões para que as refreie e modere, convertendo-as ao serviço da justiça e da virtude ⁽²⁾». «A vontade recta é amor bom; a vontade má é amor

(1) L. 14, c. 7 e 9, de Civit. — (2) Aeneis, Liv. 9, c. 5.

mau»⁽¹⁾: em resumo, Teotimo, o amor domina por tal modo na vontade, que a torna tal-qual ele é.

A mulher de ordinário muda a sua condição na de seu marido, e torna-se nobre se ele é nobre, rainha se é rei, duquesa se é duque. A vontade também muda de qualidade conforme o amor que ela esposa; se é sensual, torna-se sensual; espiritual, se é espiritual; e todos os affectos de desejo, alegria, esperança, temor e tristeza, como filhos nascidos da aliança do amor com a vontade, recebem também do amor as suas qualidades. Numa palavra, Teotimo, a vontade não é estimulada senão pelas suas afeições, entre as quais o amor, como o primeiro móbil e o primeiro affecto, dá o impulso a todos os outros affectos, e produz todos os movimentos da alma.

Isto não obsta a que a vontade possa dominar o amor, tanto mais que a vontade só ama quando quer amar, e de muitos amores que a ela se apresentam, pode escolher o que mais lhe agrada; doutra forma nem poderia haver amor proibido, nem amor preceituado. A vontade domina pois os amores, como uma donzela domina os pretendentes que a requestam entre os quais pode escolher.

Outro tanto, porém, lhe não sucede depois do casamento, porque perde a sua liberdade, e de dominadora passa a ser dominada pelo marido, ficando presa por aquele mesmo que ela prendera. Do mesmo modo, a vontade que escolheu o amor segundo o seu agrado, logo que o aceitou, fica-lhe sujeita; e assim como a mulher fica subordinada ao marido enquanto vivo, e, *morrendo ele, retoma a sua antiga liberdade* ⁽²⁾, podendo passar a outras núpcias, também enquanto um amor vive na vontade, domina-a, e conserva-a dependente dos seus movimentos: mas se este amor deixar de existir, poderá retomar outro. Há, porém, na vontade uma liberdade que se não encontra na mulher casada; e é que a vontade pode repelir o seu amor quando quer, applicando o entendimento às causas que podem desgostá-la, e, formando a resolução de mudar de objecto: e assim, para fazermos viver e reinar o amor de Deus em nós, temos de destruir o amor próprio; se o não podemos aniquilar completamente, é pre-

(1) *Aeneis*, c. VII. — (2) I Cor., VII, 39.

ciso, ao menos, enfraquecê-lo, de forma que, embora viva em nós, não reine; como também podemos, ao contrário, deixando o amor sagrado, aquiescer ao das criaturas, que é o *infame adultério* que o celeste Esposo tantas vezes exprobra aos pecadores.

CAPÍTULO V

Dos afectos da vontade

Na vontade há, como no apetite sensitivo, movimentos chamados affectos; mas os da vontade chamam-se ordinariamente afeições, os outros, paixões. Os filósofos gentios podiam amar a Deus, a pátria, a virtude, as ciências; aborreceram o vício, desprezaram as honras, a morte ou a calúnia, desejaram a ciência; podiam até ser bem-aventurados depois da sua morte; animaram-se a vencer os obstáculos que encontravam na aquisição da virtude, temeram a censura, fugiram de cometer muitas faltas, vingaram as afrontas públicas, indignaram-se contra os tiranos, sem interesse próprio. Todos estes movimentos residiam na vontade, visto que nem os sentidos, nem por consequência o apetite sensual, são capazes de ser applicados a estas coisas, e portanto, estes movimentos eram affectos do apetite intellectual ou racional, e não paixões do apetite sensual.

Quantas vezes temos nós paixões contrárias aos affectos que sentimos ao mesmo tempo na vontade! O mancebo de que fala S. Jerónimo ⁽¹⁾, cortando a língua com os próprios dentes, e atirando-a à cara daquela maldita mulher que o excitava à volupuosidade, não manifestou ter na vontade uma extrema afeição de desgosto, contrária à paixão do prazer que, à força, lhe faziam sentir no apetite sensual? Quantas vezes trememos nós de susto nos lances perigosos

(1) In vita Pauli.

a que nos conduz a vontade! Quantas vezes detestamos as voluptuosidades em que se compraz o apetite sensual, amando os bens espirituais que ele detesta! Nisto consiste a luta que sentimos todos os dias entre o espírito e a carne; entre o nosso homem exterior, que depende dos sentidos, e o homem interior, que depende da razão; entre o velho Adão, que segue os apetites da sua Eva ou da sua concupiscência e o novo Adão, que secunda a sabedoria celeste e a santa razão.

Os estóicos, segundo refere S. Agostinho, negando que o sábio possa ter paixões, confessavam, todavia, ao que parece, que tem afeições, e a estas chamavam *eupatias*, ou boas paixões.

Diziam eles que o sábio não cubiça, mas quer; não sente gosto, mas prazer; não tem temor, mas providência e precaução, de sorte que não é movido senão pela razão e conforme a razão. E assim negavam que o sábio possa ter tristeza, porque esta refere-se ao mal que nos acontece, e mal algum acontece ao sábio, visto ninguém ser maltratado senão por si próprio, segundo a máxima dos estóicos.

Na verdade, Teotimo, alguma razão tiveram em pretender que há *eupatias* e bons affectos na parte racional do homem, mas foi sem razão que afirmaram não haver paixões na parte sensitiva, e não ser o coração do sábio affectado pela tristeza, porque, sem falar de que esta os perturbava a eles próprios, como ficou dito no Cap. III, bem poderia succeder que a sabedoria nos privasse da misericórdia, que é uma virtuosa tristeza que se apodera do nosso coração, e nos impele ao desejo de libertar o próximo do mal que o aflige.

Por isso, o maior homem de bem de todo o paganismo, Epitecto, não abraçou este erro de não haver paixões no homem sábio. Assim atesta S. Agostinho, mostrando que o desacordo dos estóicos com os outros filósofos não passa de pura disputa de palavras e debate de linguagem.

Estas afeições que sentimos na nossa parte racional, são mais ou menos nobres e espirituais, conforme os objectos a que se referem; porque há afeições em nós originadas na experiência dos sentidos; outras há que procedem das ciências humanas; ainda outras que procedem da fé; final-

mente algumas há que nascem do assenso da alma à verdade e vontade de Deus.

As primeiras são chamadas afeições naturais; porque, quem é que não deseja ter a saúde, os meios necessários para se vestir e manter, e travar agradáveis conversas? As segundas afeições são chamadas racionais, porque são fundadas na razão, pela qual a nossa vontade é excitada a procurar a tranquilidade do coração, as virtudes morais, a verdadeira honra, a contemplação filosófica das coisas eternas. As afeições de terceira ordem chamam-se cristãs, porque se baseiam na doutrina de Nosso Senhor, que nos faz amar a pobreza voluntária, a castidade perfeita, a glória do Paraíso. As afeições do último grau são chamadas divinas e sobrenaturais, porque é o próprio Deus que as infunde em nossos espíritos, e porque se referem e tendem a Deus sem meios naturais, como adiante explicaremos ⁽¹⁾. E estas afeições sobrenaturais, são três principalmente: o amor do espírito para com as belezas dos mistérios da fé, o amor para com a utilidade dos bens que nos são prometidos na outra vida, e o amor para com a soberana bondade de Deus.

CAPÍTULO VI

O amor de Deus domina os outros amores

A vontade governa todas as outras faculdades do espírito humano, mas é governada pelo seu amor que a torna tal qual ele é. O amor de Deus é o primeiro entre todos os amores, e possui a tal ponto o direito de dominar inseparavelmente unido e próprio à sua natureza, que se ele não domina, deixa de existir e perece.

Ismael não herdou com Isaac, seu irmão mais novo ⁽²⁾; Esau foi destinado ao serviço de seu irmão, nascido depois

(1) Cap. XII. — (2) Galat., IV, 30.

dele (1); José foi adorado, não só por seus irmãos, mas também por seu pai, e até mesmo por sua mãe, na pessoa de Benjamim, como o tinha previsto nos sonhos da sua adolescência (2). Não é sem mistério que os últimos entre estes irmãos tiram as vantagens que pertenciam aos primeiros. O amor divino é, na verdade, o último nascido entre todos os affectos do coração humano; pois, segundo diz o Apóstolo (3), *aparece primeiro o que é animal e só depois o que é espiritual*. Este último nascido herda toda a autoridade, e o amor próprio, como um outro Esau, é destinado ao seu serviço; e não só todos os outros movimentos da alma, como seus irmãos, o adoram e lhe são sujeitos, mas até o entendimento e a vontade, que lhe fazem as vezes de pai e mãe. Tudo está sujeito a este celeste amor, que quer ser sempre ou rei ou nada, não podendo viver sem reinar, nem reinar senão soberanamente.

Isaac, Jacob e José, foram filhos sobrenaturais; porque suas mães, Sara, Rebeca e Raquel, sendo estéreis por natureza, os conceberam pela graça da bondade celeste; eis a razão porque foram constituídos senhores de seus irmãos. Da mesma forma o amor sagrado é um filho milagroso, porque a vontade humana não pode concebê-lo, se o Espírito Santo o não comunica aos nossos corações; e, como sobrenatural, deve presidir e reinar sobre todos os outros affectos, inclusive o entendimento e a vontade. Mesmo que haja outros movimentos sobrenaturais na alma, como o temor, a piedade, a fortaleza, a esperança, assim como Esau e Benjamim foram filhos sobrenaturais de Raquel e de Rebeca, assim o divino amor é o senhor, o herdeiro e o superior, como *filho da promessa* (4), visto que em atenção a ele é que o céu foi prometido ao homem. A salvação é revelada pela fé, prepara-se pela esperança, mas só é dada à caridade. A fé mostra o caminho da terra prometida, como uma coluna de nuvem e de fogo, isto é, claro-escuro; a esperança sustenta-nos com a suavidade do seu maná; a caridade introduz-nos nela, como a Arca da aliança que nos abre a passagem do Jordão, quer dizer do juízo final, e permanecerá no

(1) Rom., IX, 13. — (2) Gen., XXXVII, 6-10. — (3) I Cor., XV, 46.
— (4) Galat., IV, 28.

meio do povo, na pátria celeste, prometida aos verdadeiros Israelitas, na qual nem a coluna da fé é já necessária para nos guiar, nem o maná da esperança para nos sustentar.

O santo amor reside na mais alta e elevada região do espírito, onde faz os seus sacrifícios e holocaustos à Divindade, como Abraão fez o seu ⁽¹⁾, e como Nosso Senhor se imolou no Calvário, para dum tão elevado cume ser ouvido e obedecido pelo seu povo, isto é, por todas as faculdades e afeições da alma, que Ele governa com uma incomparável doçura. O amor não tem nem forçados nem escravos, antes submete todas as coisas à sua obediência com uma força tão deliciosa, que, assim como nada é mais forte do que o amor, nada é também tão amável como a sua força.

As virtudes residem na alma para animar os seus movimentos, e a caridade, como a primeira de todas, as dirige e modera, não só porque, «em todas as coisas, o primeiro em cada espécie serve de regra e de norma a tudo o mais ⁽²⁾», mas também, porque Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e quer que tudo no homem, como nEle próprio, seja ordenado pelo amor e para o amor.

CAPÍTULO VII

Descrição do amor em geral

A vontade tem uma relação tão íntima com o bem, que apenas o avista volta-se logo para o seu lado para nele se comprazer, como em seu objecto, unindo-se-lhe tão estreitamente, que não se pode explicar a natureza da vontade senão pela relação que tem com o bem, nem a natureza do bem senão pela relação que tem com a vontade. Dizei-me Teotimo, o que é o bem senão aquilo que cada um quer? e o que é a vontade senão a faculdade que dirige e encaminha

(1) Gen., XXII, 2. — (2) Aristot., Física, I, IV, c. XIV,

para o bem, ou para aquilo que julga sê-lo? A vontade, pois, distinguindo e sentindo o bem por intervenção do entendimento que lho representa, experimenta ao mesmo tempo neste encontro, um repentino prazer que a move e inclina, suave mas poderosamente, para este objecto amável, a fim de se unir a ele; e para lograr esta união, procura todos os meios mais convenientes.

A vontade tem, pois, uma conformidade estreitíssima com o bem; essa conformidade produz a alegria que a vontade experimenta em sentir e distinguir o bem; essa alegria move e impele a vontade ao bem; este movimento aspira à união, e, enfim, a vontade, estimulada e incitada à união, procura todos os meios requeridos para a poder alcançar.

Falando dum modo geral, o amor abrange tudo isso juntamente à semelhança duma árvore, cuja raiz é a conformidade da vontade com o bem; o pé é a complacência; o tronco, o impulso para o bem; as exigências, tentativas e esforços para o atingir são os ramos; a união e o gozo na posse é o fruto.

Assim o amor parece ser composto de cinco partes principais, em que se contém numerosas outras secundárias, de que falaremos no decurso desta obra.

Consideremos a atracção que o íman exerce sobre o ferro, imagem do amor de que nos estamos ocupando. O ferro tem uma tal conformidade com o íman, que, apenas reconhece a sua virtude, volta-se logo para ele; depois começa prontamente a mover-se e agitar-se com pequenos estremecimentos, manifestando por esta forma a complacência que sente, e por isso se adianta e se dirige para o íman, procurando todos os meios para se unir a ele. Não estão nesta comparação representadas todas as partes dum vivo amor?

Por conseguinte, Teotimo, a complacência e a efusão da vontade na coisa amada é o amor; ainda que a complacência não seja senão o princípio do amor, e o movimento ou efusão do coração, que se segue, seja o verdadeiro amor.

Um e outro podem chamar-se amor, posto que por motivo diferente. Assim como a aurora pode chamar-se dia, também esta primeira satisfação do coração na coisa amada pode chamar-se amor, pois é o primeiro assalto do amor.

Mas como o dia real decorre desde o fim da aurora até ao sol posto, assim a verdadeira essência do amor consiste no movimento do coração, que segue imediatamente a complacência e termina na união. Numa palavra, a complacência é a primeira vibração ou a primeira comoção que o bem excita na vontade; e esta comoção é seguida do movimento pelo qual a vontade se adianta e aproxima do objecto amado, e é esse o verdadeiro e próprio amor. O bem arrasta, prende e liga o coração pela complacência, mas pelo amor o seduz, e o atrai a si; a complacência é o despertar do coração, mas o amor é a sua acção; aquela obriga-o a levantar-se, este fá-lo andar; o coração abre as suas asas pela complacência, o amor é o seu vôo. E para falar clara e distintamente, o amor não é nada mais do que o movimento, e o progresso do coração para o bem.

Pessoas muito autorizadas julgaram, com verosimilhança, que o amor era a mesma complacência; porque o amor se origina nesse prazer que o coração experimenta encontrando-se com o bem e unindo-se com ele, e não pode viver senão nesse gozo, sua causa e seu sustento, e, por isso, logo que cessa a complacência, cessa o amor. Assim como a abelha, nascendo dentro do mel, se nutre do mel e não voa senão para adquirir o mel, também o amor nasce da complacência, sustenta-se pela complacência, tende à complacência. O peso das coisas agita-as, dá-lhes movimento e fá-las parar. É o peso da pedra que a faz oscilar, deslocar-se e descer, logo que encontra os obstáculos removidos; é ele que a faz continuar o seu movimento, e deter-se quando chega ao seu lugar. O mesmo acontece com a complacência que estimula a vontade; move-a, e fá-la repousar no objecto amado, logo que este se lhe une. Esse movimento de amor dependendo, como vemos, da complacência, no seu começo, na sua conservação e perfeição, e sendo sempre inseparável dela, não admira que muitos julgassem o amor e a complacência uma e a mesma coisa, ainda que, sendo o amor uma verdadeira paixão da alma, não pode ser a simples complacência, mas sim o movimento que procede da alma.

Este movimento produzido pela complacência permanece até à união com o objecto amado. Por isso, quando tem por fim um bem presente, impele o coração, fixa-o, une-o, aplica-o ao objecto amado, e por este meio goza; e é então chamado

amor de complacência, porque nasce do prazer de conhecer o bem e termina no prazer de o possuir. Mas quando o bem para o qual o nosso coração se sente inclinado ou atraído, está afastado, ausente ou futuro, ou que a união não pode fazer-se tão perfeitamente como se deseja, então o movimento de amor pelo qual o coração se dirige e aspira a esse objecto ausente, chama-se desejo; porque o desejo não é outra coisa mais do que a avidez das coisas que não possuímos, mas que pretendemos possuir.

Há ainda certos movimentos de amor pelos quais desejamos as coisas que não esperamos nem solicitamos, como quando dizemos: quem me dera estar agora no Paraíso! queria ser rei: prouvera a Deus que fosse mais moço; por minha vontade nunca teria pecado, e outras coisas semelhantes.

Tudo isto são desejos, mas desejos imperfeitos, a que podemos chamar appetites. E de facto, tais affectos não se manifestam como os desejos; porque, quando exprimimos os nossos verdadeiros desejos, dizemos: desejo, quero; e, quando enunciamos os nossos desejos imperfeitos, dizemos: eu desejaria, eu quereria. Podemos muito bem dizer: desejaria ser moço, e não: desejo ser moço, porque isso não é já possível. Este movimento chama-se loucura ou veleidade, porque é apenas um início de querer, mas sem nenhuma consequência. A vontade vendo que não pode obter esse objecto, suspende o seu movimento, como se dissesse: este bem que eu vejo e que não posso alcançar, ser-me-ia na verdade muito agradável; e ainda que não posso quere-lo nem esperá-lo, se eu o pudesse querer ou desejar, desejá-lo-ia e querê-lo-ia de boamente.

Ainda não é tudo, Teotimo, porque há desejos que são ainda mais imperfeitos do que aqueles que acabamos de dizer tanto mais que o seu movimento não cessa pela impossibilidade ou extrema dificuldade, mas sim pela sua incompatibilidade com outros desejos mais poderosos; como quando um doente deseja comer abóbora ou melão, e ainda que isso esteja no seu querer, não come, temendo agravar o seu mal; ora quem não vê dois desejos neste homem, um de comer, e outro de curar-se? mas como o de se curar é maior, abafa e reprime o outro, impedindo-o de produzir qualquer efeito.

Jephthé ⁽¹⁾ desejaria conservar sua filha, mas como isso era incompatível com o desejo de observar o seu voto, quis o que não desejava, sacrificando-a; apeteceu o que não queria, que era conservá-la. Pilatos ⁽²⁾ e Heródes ⁽³⁾ desejavam um livrar o Salvador, o outro o Precursor; porém, como esses desejos eram incompatíveis com o desejo de agradar, o primeiro aos Judeus e a César, o segundo a Herodias e a sua filha, tornaram-se vãos e inúteis. Ora, à medida que as coisas incompatíveis com o que é desejado são menos amáveis, os desejos são mais imperfeitos, visto que são reprimidos e como que sufocados por tão fracos contrários: deste modo o desejo que sentiu Herodes de não mandar matar S. João, foi mais imperfeito do que o que Pilatos teve em querer livrar Nosso Senhor; este temia a calúnia, a indignação do povo e de César, e aquele, temia desagradar a uma só mulher. E esses desejos, reprimidos, não pela impossibilidade mas pela incompatibilidade com desejos mais poderosos, chamam-se verdadeiramente desejos e vontades, porém desejos vãos, baldados e inúteis. Para as coisas impossíveis, dizemos: desejo, mas não posso; e para as coisas possíveis, dizemos: desejo, mas não quero.

CAPÍTULO VIII

De onde se origina o amor?

Os olhos vêem, os ouvidos ouvem, a língua fala, o entendimento discorre, a memória recorda-se e a vontade ama; todavia, sabemos que é propriamente o homem, que por diversas faculdades e diferentes órgãos, exerce toda esta variedade de operações. Portanto, é também o homem que, pela vontade, propende e se compraz no bem, e tem com ele esta grande conformidade, da qual o amor deriva como de

⁽¹⁾ Judic., XI, 30, segs. — ⁽²⁾ Joan., XIX, 12. — ⁽³⁾ Marc., VI, 20, 26.

sua fonte e origem. Logo, não entenderam bem os que julgaram que a posse de um objecto semelhante é que produz o amor; pois os velhos amam terna e carinhosamente as crianças, e são por elas amados; os sábios amam os ignorantes dóceis aos seus ensinamentos, e os doentes amam os seus médicos. E se nos é dado tirar argumento de imagem do amor que se observa nas coisas insensíveis, que semelhança pode inclinar o ferro ao íman? um íman não terá mais semelhança com outro íman ou com uma outra pedra, do que com o ferro que é de um género inteiramente diferente? E ainda que alguns, para reduzir todas as conveniências à semelhança, tenham assegurado que o ferro atrai o ferro, e o íman atrai o íman, não têm sabido dar a razão porque o íman atrai com mais força o ferro, do que o ferro atrai o próprio ferro. Mas, dizei-me, que analogia existe entre a cal e a água, ou entre a água e a esponja? e todavia, a cal e a esponja absorvem a água com uma incomparável avidez, e manifestam um extraordinário amor insensível para com ela. Acontece o mesmo com o amor humano, que se encontra algumas vezes mais forte entre pessoas de qualidades opostas, do que entre aquelas que as têm semelhantes.

A conveniência que produz o amor não consiste sempre na semelhança, mas na proporção, relação ou correspondência do amante ao objecto amado. Não é a semelhança que torna o médico amável ao doente, mas a correspondência da necessidade de um com a capacidade do outro, visto que um tem necessidade do socorro que o outro pode prestar-lhe. O médico ama o doente, e o sábio o seu discípulo, porque ambos podem exercer sobre eles as suas faculdades. Os velhos amam as crianças, não por simpatia, mas porque a extrema simplicidade, fraqueza e ternura de estas faz sobressair a prudência e seriedade daqueles, e esta dissemelhança torna-se agradável; ao passo que as crianças amam os velhos, porque os vêem entreterem-se e ocuparem-se com elas, e, por um secreto instinto, conhecem que carecem da sua direcção. Os acordes da música fazem-se pela discordância, por meio da qual as vozes dissemelhantes se correspondem, para todas reunidas fazerem uma só harmonia; e o mesmo succede com a dissemelhança das pedras preciosas e das flores que produzem a agradável composição do esmalte e do matiz.

Da mesma forma o amor não nasce sempre da semelhança e simpatia; nasce antes da correspondência e proporção, que consiste em que pela união dum objecto a outro, ambos possam tornar-se mutuamente mais perfeitos e melhores. Certamente a cabeça não se parece com o corpo, nem a mão com o braço, e todavia, estas coisas têm uma correspondência tão íntima e ligam-se tão apropriadamente uma à outra, que se tornam perfeitíssimas pela sua mútua união, e se cada uma destas diversas partes tivesse uma alma distinta, amar-se-iam perfeitamente, não por semelhança, que não têm nenhuma, mas pela correspondência que mantém na sua mútua perfeição. Por isso os melancólicos e os joviais, os irascíveis e os pacíficos, amam-se algumas vezes pelas mútuas impressões que recebem uns dos outros, por meio das quais os seus temperamentos são mutuamente modificados.

Porém, quando essa mútua correspondência é reunida à semelhança, o amor sem dúvida torna-se mais intenso; porque sendo a semelhança a verdadeira imagem da unidade, quando duas coisas semelhantes se unem por correspondência para o mesmo fim, parece dever ser unidade e não união.

A conveniência, pois, do amante com a coisa amada é a primeira origem do amor, e esta conveniência na correspondência não é outra coisa senão a mútua relação que torna as coisas aptas a unirem-se, para reciprocamente se comunicarem qualquer perfeição.

Nos capítulos seguintes estudaremos melhor este assunto.

CAPÍTULO IX

O amor aspira à união

Salomão descreve deliciosa e admiravelmente os amores de Jesus e da alma devota, nessa divina obra que por sua excelente suavidade é chamada o Cântico dos Cânticos. E para nos elevar mais docemente à consideração desse amor

espiritual que se exerce entre Deus e nós, pela correspondência dos movimentos dos nossos corações com as inspirações de sua divina Magestade, o escritor sagiado apresenta os amores dum casto pastor com uma pudica pastora. Fazendo falar primeiro a Esposa, como que impelida por um surto de amor, leva-a primeiro que tudo a dirigir-lhe esta ardente aspiração: *Beije-me ele com o ósculo da sua boca* ⁽¹⁾! Vede, Teotímo, como a alma na pessoa desta pastora não pretende, pelo primeiro desejo que exprime, senão uma casta união com o seu Esposo, como querendo protestar que é o único fim ao qual aspira e pelo qual respira.

Em todos os tempos o ósculo, como por instinto natural, tem sido empregado para representar o perfeito amor, isto é, a união dos corações, e por isso, a alma por aquelas palavras parece exclamar: Tantos suspiros, tantas setas apaixonadas que o meu amor incessantemente arremessa, não impetrarão jamais o que a minha alma deseja? Eu corro e não alcançarei nunca o prémio porque anseio, que é o de estar unida coração a coração, espírito a espírito com o meu Deus, o meu Esposo, a minha vida? Quando colocarei a minha alma no seu coração, e assim ditosamente unidos, viveremos inseparáveis?!

O Espírito divino sempre que deseja exprimir um perfeito amor, emprega as palavras de união, ex.: *E na multidão dos crentes, havia um só coração e uma só alma*, diz S. Lucas ⁽²⁾. Nosso Senhor orou a seu Pai por todos os fiéis para que fossem *todos um* ⁽³⁾; S. Paulo nos admoesta ⁽⁴⁾ que *trabalhemos cuidadosamente para conservar a unidade de espírito pelo vínculo da paz*. Esta unidade de coração, de alma e de espírito significa a perfeição do amor, que liga muitas almas numa só: por isso se diz ⁽⁵⁾, que *a alma de Jonathas se fundiu com a de David*; isto é, como acrescenta a Escritura, *e ele amou David como a si mesmo*.

S. Gregório Nazianzeno ⁽⁶⁾ e Santo Agostinho ⁽⁷⁾, dizem que com eles os seus amigos não tinham senão uma só alma; e Aristóteles, aprovando já no seu tempo este modo de falar,

⁽¹⁾ Cap. I, I. — ⁽²⁾ Act., IV, 32. — ⁽³⁾ Joan, XVII, 21. — ⁽⁴⁾ Ephes., IV, 3. — ⁽⁵⁾ I Reg., XVIII, I. — ⁽⁶⁾ Orat., XLIII, § 20. — ⁽⁷⁾ Confess., I, IV, c. VI.

diz ⁽¹⁾: «Quando queremos exprimir quanto amamos os nossos amigos, dizemos: a alma dele e a minha alma fazem uma só». O ódio nos separa, e o amor nos une: o fim pois do amor consiste na união do amante ao objecto amado.

CAPÍTULO X

A união para que o amor tende é toda espiritual

Convém observar que há uniões naturais, como a da semelhança, da consanguinidade e da causa com o seu efeito, e outras que, não sendo naturais, podem dizer-se voluntárias, porque só se fazem quando as queremos; tais são: as que ligam o que recebe os benefícios ao que os dá, as resultantes da conversação, da convivência e outras congêneres.

A união natural produz o amor, e o amor leva-nos a uma nova união voluntária, que aperfeiçoa a natural; assim o pai e o filho, a mãe e a filha, ou dois irmãos, estando naturalmente unidos pelo sangue, são excitados por esta união ao amor, e pelo amor são atraídos a uma união de vontade e de espírito que se pôde chamar voluntária, pois, embora o seu fundamento seja natural, a sua acção é deliberada, e nestes amores produzidos pela união natural, não é preciso procurar outra correspondência senão a da mesma união, pela qual a natureza antecipando-se à vontade, obriga-a a aprovar, amar e aperfeiçoar a união que ela já efectuou.

As uniões voluntárias, porém, são posteriores ao amor nos seus efeitos, embora causas dele como o seu único fim e termo, de forma que, como o amor tende à união, a união muitas vezes dilata e aumenta o amor. Por exemplo: o amor faz procurar a convivência, e a convivência alimenta e faz crescer o amor; o amor faz desejar a união nupcial, e esta união reciprocamente conserva e dilata o amor.

(1) Magna Moralia, I. II, c. XI.

Tal é a tendência do amor para a união entre os seres amados!

Mas a que género de união aspira ele? Não notastes, Teotimo, que a Esposa sagrada exprime o seu desejo de estar unida com seu Esposo, pelo ósculo? É que o ósculo representa a união espiritual que se opera pela recíproca comunicação das almas. É sem dúvida o homem que ama, mas ama pela vontade, e por conseguinte, o fim do seu amor deve ser da mesma natureza que a sua vontade.

Por isso sendo a sua vontade espiritual, também a união a que o seu amor aspira deve ser espiritual; visto que o coração, sede e origem do amor, não só não seria aperfeiçoado pela sua união às coisas corporais, mas até seria por elas aviltado.

Há no homem um certo género de paixões, Teotimo, que, assim como o visco aparece nos ramos das árvores por forma de parasita, nascem também muitas vezes no meio do amor e em torno do amor, como excrescências e superfluidades dele. Estas paixões não só não conservam nem aperfeiçoam o amor, mas, se as não arrancarmos, o prejudicam, enfraquecem e destroem por completo. Vejamos o motivo:

A nossa alma, como finita, não se pode empregar, ao mesmo tempo, em coisas de igual ou de diverso género com a mesma perfeição e eficácia.

Os homens que têm muitas occupaões não as desempenham tão bem como se tivessem uma só. Não podemos analisar com igual cuidado no mesmo momento as linhas de um rosto e a harmonia de uma excelente música; nem estar ao mesmo tempo atentos à figura e à cor; falando, não poderemos prestar devida atenção a outra coisa.

Bem sei o que se diz de César ⁽¹⁾, e creio o que tantas pessoas ilustres asseguraram de Origenes, que a sua atenção podia ao mesmo tempo repartir-se por vários objectos; porém, todos affirmam que à medida que eles applicaram a sua actividade a vários objectos, o seu trabalho não era tão perfeito. Há, pois, diferença entre ver, ouvir, ou saber mais, e ver, ouvir, ou saber melhor; porque, quem vê melhor, vê menos,

(1) Plin., Hist. nat., I. VII, c. XXV.

e quem vê mais, não vê tão bem. Em geral aqueles que estudam muitas ciências, pouco chegam a saber de cada uma, porque o entendimento difundido pelo conhecimento de muitas coisas, é menos forte e vigoroso do que quando se recolhe na consideração dum só objecto. Quando, pois, a alma emprega a sua força affectiva em diversos géneros de operações amorosas, forçoso é que a sua acção assim dividida seja menos vigorosa e perfeita. Temos três espécies de operações amorosas: as espirituais, as racionais e as sensuais; quando o amor derrama a sua força por todas essas três operações, é sem dúvida mais extenso, porém menos intenso, e quando se não infunde senão por uma espécie de operação, é mais intenso, mas menos extenso.

Não vemos nós que o fogo, símbolo do amor, obrigado a sair pela única boca que tem o canhão, produz um estampido medonho, que seria muito menor se explodisse por duas ou três aberturas? Já que o amor é um acto da nossa vontade, quem o quer ter nobre e generoso, e sobretudo forte, e activo, precisa conter a sua força nos limites das operações espirituais; porque quem quisesse applicá-lo às operações da parte sensível ou sensitiva da nossa alma, enfraqueceria igualmente as operações intellectuais, e é nestas, todavia, que está a essência do amor.

Os antigos filósofos reconheciam que havia duas espécies de êxtases,—um que nos elevava, outro que nos depreciava; como se quisessem dizer que o homem era duma natureza média entre os Anjos e os animais, participando da natureza angélica na sua parte intellectual e da natureza animal na sua parte sensitiva.

O homem todavia por um contínuo exercício é cuidado sobre si mesmo, pode subtrair-se e desalojar-se dessa média condição; applicando-se aos actos intellectuais, torna-se mais semelhante aos Anjos do que aos animais; e entregando-se às acções sensuais, desce da sua média condição e aproxima-se da dos animais. Como o êxtase não é outra coisa senão a saída que se faz de si mesmo, de qualquer lado que se saia, fica-se verdadeiramente em êxtase. Aqueles que movidos pelo amor dos sentimentos nobres ou de Deus deixam o seu coração enlevar-se nestes affectos, estão fora de si mesmos, entrando num estado mais santo e elevado; são

igualmente anjos pela operação da sua alma, como são homens por sua natureza, e devem ser qualificados ou de anjos humanos ou de homens angélicos. Ao contrário, os que vivem engolfados no lodaçal dos prazeres sensuais, descem da sua média condição à dos racionais, e merecem igualmente ser chamados animais por suas acções embora sejam homens por natureza: são desgraçados, por que só saem fora de si mesmos para entrarem num estado indigno da sua condição.

Ora, à medida que o êxtase é maior, quer acima quer abaixo de nós, mais impede a nossa alma de voltar a si e de fazer as operações opostas ao êxtase em que ela está. Por isso os santos arrebatados na contemplação de Deus e das coisas celestes, enquanto o seu êxtase dura, perdem inteiramente o uso e a atenção dos sentidos, o movimento e todos os actos exteriores, porque a alma, embebida nesse divino amor, despreza e prescinde de todo o resto. São figurados por Elias, subindo ao céu arrebatado por um carro de fogo (1).

Também os homens bestializados nas voluptuosidades sensuais, perdem por vezes completamente o uso e a atenção da razão e do entendimento, porque a sua alma desgraçada, para se apossar mais inteiramente do objecto brutal e dos gozos materiais, afasta-se das operações espirituais. 

Nabuchodonosor, embrutecido e aviltado até à condição dos animais ferozes (2) é a imagem desta alma.

Quando a alma se deixa arrastar pelas paixões más que a colocam abaixo dela, enfraquece no exercício do amor superior; de forma que o amor verdadeiro e essencial longe de ser auxiliado e conservado pela união a que tende o amor sensual, pelo contrário, dissipa-se e perece. *Os bois de Job lavravam a terra, enquanto os jumentos inúteis pastavam à roda deles* (3), comendo as pastagens que eram para os bois que trabalhavam. Enquanto a parte intelectual da nossa alma aspira ao amor honesto, virtuoso, e verdadeiro por qualquer objecto que seja digno dela, succede muitas vezes que, em contraposição, os sentidos e faculdades da parte

(1) IV Reg., II, II. — (2) Dan., IV, 30. — (3) Job., I, 14.

inferior tendem à união que lhes é própria e lhes serve de pasto, embora a união só seja devida ao coração e ao espírito, únicos que podem produzir o verdadeiro amor.

Eliseu, tendo curado o Sírio Naaman, contentou-se com os seus agradecimentos, recusando o ouro, a prata e os móveis que lhe oferecera; mas Giezi, servo infiel, correndo após Naaman, pediu e ficou, contra vontade de seu amo, com o que este havia recusado (1). O amor intelectual e cordial, que domina, ou deve dominar em nossa alma, recusa toda a sorte de uniões sensuais e contenta-se com a simples benevolência; porém as potências da parte sensitiva, que são ou devem ser as servas do espírito, pedem, procuram e tomam o que foi recusado pela razão, e, sem consentimento dela, empenham-se em fazer as suas uniões abjectas e servis, desonrando, como Giezi, a pureza da intenção de seu amo, que é o espírito; e à medida que a alma se inclina para tais uniões grosseiras e sensuais, afasta-se da união delicada, intelectual e cordial.

Vêde, pois, Teotimo, como as uniões que têm por fim exclusivo os prazeres e paixões animais, não só não servem de nada para a conservação do amor, mas até lhe são altamente prejudiciais e em extremo o enfraquecem: por isso, quando o incestuoso Ammon, que morria de amor por Tamar, se uniu a ela, desapareceu a amizade, e, não podendo mais vê-la, expulsou-a indignamente de casa (2).

O manjerição, o alecrim, a manjerona, o hissopo, o cravo da Índia, a canela, a noz moscada, os limões e o almiscar, todos reunidos, produzem um perfume muito agradável, mas não é para comparar ao suco destilado destas plantas e misturado depois, no qual as suavidades de todos estes ingredientes, separados das suas substâncias se confundem muito mais unindo-se num suavíssimo aroma, que impressiona muito mais o olfato. Assim também pode haver amor nas uniões das potências sensuais confundidas com as uniões das potências intellectuais, mas nunca é tão perfeito, como quando a alma está separada de todos os affectos corpóreos, pois então o perfume dos seus affectos é mais vivo e suave, mais activo e mais sólido.

(1) IV Reg., V, 142-3. — (2) II Reg., XIII.

É verdade que muitos homens de espírito grosseiro, terrestre e vil, apreciam o valor do amor como o das peças de ouro, das quais as mais grossas e pesadas são as melhores e mais valiosas; e assim lhes parece que o amor brutal é mais forte, por mais violento e turbulento; mais sólido, por mais grosseiro e terrestre; maior, por mais sensível e feroz. É um erro. O amor é como o fogo; quanto mais delicado for o combustível, tanto mais claras e belas são as chamas que não se podem melhor apagar do que cobrindo-as de terra. Do mesmo modo, quanto mais a causa do amor é elevada e espiritual, tanto mais as suas acções são vivas, subsistentes e permanentes, e não se poderia melhor aniquilar o amor, do que rebaixando-o às uniões vis e terrestres. «Há esta diferença» como diz S. Gregório ⁽¹⁾, «entre os prazeres espirituais e corporais; os corporais despertam o desejo antes de se alcançarem, e produzem o tédio depois de se possuírem; os espirituais, ao contrário, dão o tédio antes de se alcançarem, e o prazer depois de se possuírem».

É assim que o amor animal, pretendendo satisfazer e aperfeiçoar o seu amor pela união que faz com o objecto amado, e vendo que, ao contrário, o destrói pondo-lhe termo, sente-se muitíssimo enfasiado de semelhante união: o que fez dizer ao grande Filósofo ⁽²⁾, que quasi todo o animal, após o gozo do seu mais ardente e instante prazer corporal, ficava triste, taciturno e aturdido, como um negociante que, tendo julgado ganhar muito, se encontra enganado e comprometido numa grande perda.

O amor intelectual é o contrário: encontrando na união com o seu objecto mais satisfação do que havia esperado, aperfeiçoa nela o seu amor e fica de cada vez mais satisfeito.

(1) Homil. XXXVI in Evang., § 1. — (2) Problemata (cf. p. 51), sectio IV, qu. VI.

CAPÍTULO XI

Em que sentido podemos dizer que há duas partes na alma humana?

É certo, Teotimo, que temos só uma alma, e indivisível, mas nela há diversos graus de perfeição, de propriedades e inclinações pelas quais é induzida a fugir ou a unir-se às coisas.

Primeiro: Da mesma forma que as hortas não produzem bem se estão cobertas pelas vinhas e, segundo alguns naturalistas (¹), há uma tal repugnância entre o homem e a serpente que esta morre com a saliva humana, ao passo que outras vezes, por exemplo, o homem e o cordeiro se afeiçoam extraordinariamente, também nós aborrecemos e amamos, antipatizamos e simpatizamos por motivos ocultos e secretos, por completo desconhecidos.

Segundo: Outras vezes somos levados para um objecto ou nos afastamos pelo conhecimento sensitivo que dele temos, como os animais procuram ou fogem de alimentos que instintivamente sabem, que os beneficiam ou prejudicam.

Em terceiro lugar, como racionais temos uma vontade, pela qual somos levados a procurar o bem, apresentado pela inteligência. Ora na alma, notamos manifestamente dois graus de perfeição, que o grande Santo Agostinho (²), e todos os doutores, chamaram duas partes da alma, a inferior e a superior; a inferior é a que discorre e tira conclusões pela experiência e conhecimentos fornecidos pelos sentidos; e a superior é a que discorre e tira conclusões pelo discernimento e juízo do espírito. Esta parte superior é chamada vulgarmente espírito e parte mental da alma; a inferior é ordinariamente chamada o sentido, ou sentimento e razão humana.

(¹) Plínio — Hist. nat. l. VII, c. 2. — (²) In Ps. CXLV, § 5.

O espírito pode discorrer por duas espécies de luzes: ou pela simples luz natural, como fizeram os filósofos antigos e sábios, ou pela luz sobrenatural, como fazem os teólogos e cristãos, quando baseiam os seus conhecimentos na revelação divina; e ainda mais os inspirados directamente por Deus.

Diz Santo Agostinho ⁽¹⁾, que a parte superior da alma é aquela pela qual aderimos e obedecemos à lei eterna.

Jacob, apertado pela fome de sua família, deixou ir contra a vontade, como diz a história sagrada ⁽²⁾, o seu Benjamim com seus irmãos para o Egipto. Manifestou nesta ocasião duas vontades, uma inferior desgostando-se de o ter mandado, outra superior por se haver resolvido a mandá-lo.

A razão porque se desgostara de o ter mandado era fundada no prazer que sentia em o ter perto de si e no desgosto que sentia com a sua separação.

A resolução que tomou de o mandar era fundada no estado da sua família, para prevenir uma fome futura.

Abraão, quando o anjo lhe annunciou que teria um filho, manifestando uma certa desconfiança na parte inferior da alma, diz: *Pois que! a um homem de cem anos nascerá um filho?* ⁽³⁾ mas, segundo a parte superior, *creu Abraão em Deus, e isto foi-lhe contado para a recompensa* ⁽⁴⁾. Segundo a parte inferior ficou sem dúvida muito perturbado, quando Deus lhe ordenou que sacrificasse o seu filho ⁽⁵⁾, porém segundo a superior determinou-se a sacrificá-lo corajosamente.

Todos os dias experimentamos ter muitas vontades contrárias. Um pai mandando seu filho para a corte ou para os estudos não deixa de chorar quando dele se despede, mostrando que apesar de querer, segundo a parte superior, a partida de seu filho para vê-lo progredir na virtude, todavia, segundo a parte inferior, tem desgosto com esta separação. Uma donzela, embora tenha casado à vontade de seu pai e de sua mãe, quando depois lhes vem pedir a bênção, eles choram, o que mostra que a vontade superior consente na partida e a inferior mostra resistência. Devo, porém, notar que isto não quer dizer que no homem haja duas almas ou

⁽¹⁾ Ubi supra. — ⁽²⁾ Gen., XLIII, 6-14. — ⁽³⁾ Gen., XVII, 17. — ⁽⁴⁾ Gen., XV, 6. — ⁽⁵⁾ Gen., XXII, 2.

duas naturezas, como julgavam os Manicheus: «Não!», diz Santo Agostinho ⁽¹⁾, «mas a vontade seduzida por diversos atractivos, impressionada por várias razões, parece estar dividida em si mesma, enquanto é instigada pelos dois lados, até que tomando uma decisão conforme a liberdade, segue um ou outro», porque então a vontade mais poderosa predomina, e tornando-se vencedora só deixa à alma o resentimento do mal, que a luta lhe fez, a que chamamos contra-vontade.

O exemplo do nosso Salvador é admirável para este assunto, e depois de bem o considerarmos, não se pode mais duvidar da distinção da parte superior e inferior da alma. Jesus foi perfeitamente glorioso desde o instante da sua concepção no seio da Virgem, e todavia esteve ao mesmo tempo sujeito às tristezas, às penas e aflições de coração. E não se diga que sofreu só no corpo, nem só na alma, enquanto sensível, porque Ele antes de algum tormento exterior, antes de ter visto os algozes perto de si, disse: *a minha alma está numa tristeza mortal* ⁽²⁾ e pediu que o cálix da sua Paixão lhe fosse retirado.

Jesus exprime evidentemente por estas palavras o querer da parte inferior da sua alma, que pensando nos tristes e angustiosos objectos da Paixão, que lhe estava preparada e cuja imagem se representava em sua imaginação, tirou por conclusão muito racional a fugida e afastamento daqueles objectos, fazendo esta súplica a seu Pai; por onde se vê claramente que a parte inferior da alma não é o mesmo que o seu grau sensitivo, nem a vontade inferior o mesmo que o apetite sensual. Nem o apetite sensual, nem a alma no seu grau sensitivo são capazes de formular um pedido ou súplica, que é um acto da faculdade racional; muito menos são capazes de falar a Deus, objecto inacessível aos sentidos.

O Salvador, mostrando que tinha a parte inferior quando procurou fugir às dores e às penas, mostrou que tinha a parte superior, aderindo inviolavelmente à vontade eterna e ao decreto do Pai celeste, aceitando voluntariamente a morte, e não obstante a repugnância da parte inferior da razão,

(1) Confissão VIII, 10. — (2) Mat., XXVI, 38.

exclamando, *Pai, se é do teu agrado, transfere de mim este cálix: não se faça contudo a minha vontade, senão a tua* ⁽¹⁾. Quando diz: *a minha vontade*, refere-se à sua vontade segundo a parte inferior, e considerando que diz isto, voluntariamente, mostra que tem uma vontade superior.

CAPÍTULO XII

Nestas duas partes da alma há quatro diferentes graus de razão

Havia três átrios no templo de Salomão; um para os Gentios e estrangeiros, que vinham adorar a Deus em Jerusalém; o segundo para os Israelitas, homens e mulheres; o terceiro para os sacerdotes e levitas; e além destes o Santuário ou casa sagrada na qual *só entrava o Sumo Pontífice uma vez no ano* ⁽²⁾.

A nossa alma, enquanto racional, é o verdadeiro templo do Senhor, o qual nele reside mais particularmente. «Eu te procurava», diz Santo Agostinho ⁽³⁾, «fora de mim» e não te encontrava, porque «estavas em mim». Neste templo místico há também três átrios que são três diferentes graus de razão; no primeiro discorremos pela experiência dos sentidos; no segundo pelas ciências humanas; no terceiro pela fé; e além disto há uma certa eminência, razão superior e faculdade espiritual, guiada por uma simples intuição do entendimento e um simples sentimento da vontade, pelos quais o espírito adere e se submete à verdade e à vontade de Deus.

Ora, esta extremidade e cimo da nossa alma, se me é lícito assim exprimir, este supremo ápice do nosso espírito, é bem representado pelo Santuário ou casa sagrada. Porque, 1.º no Santuário não havia janelas para dar clareza; neste grau do espírito não há raciocínio que ilumine;

⁽¹⁾ Luc., XXII, 42. — ⁽²⁾ Heb., IX, 7. — ⁽³⁾ Confess., I, X, c. XXVII.

2.º No Santuário toda a luz entrava pela porta; neste grau do espírito nada entra senão pela fé, a qual produz, como por forma de raios, a vista e o sentimento da beleza e bondade de Deus; 3.º Ninguém entrava dentro do Santuário senão o sumo Sacerdote; neste cimo da alma não pode ter acesso senão o sentimento puríssimo de que a vontade divina deve ser soberanamente amada, aprovada e abraçada em todas e cada uma das coisas; 4.º O sumo Sacerdote ao entrar dentro do Santuário, obscurecia ainda a luz que entrava pela porta, lançando muitos perfumes no seu túrbulo; o fumo deste empanava os raios da luz que vinha pela abertura da porta; assim toda a vista que se faz no supremo cimo da alma é em certo modo obscurecida e coberta pelas renúncias e resignações que faz a alma, não querendo tanto considerar e ver a beleza da verdade e a verdade da bondade, que lhe é apresentada, como abraçá-la e adorá-la; de forma que a alma quiereria quase fechar os olhos apenas começou a ver a dignidade da vontade de Deus, para que sem mais se ocupar a considerá-la, possa mais poderosa e perfeitamente aceitá-la, unir-se e submeter-se a ela. Enfim, 5.º no Santuário estava a Arca da aliança e, nela, ou pelo menos junto a ela, estavam as tábuas da Lei, o maná dentro duma talha de ouro, e a vara de Aarão, que floresceu e deu fruto numa noite ⁽¹⁾; e neste supremo cimo do espírito se encontram: *a)* a luz da fé representada pelo maná escondido na talha, pela qual aderimos à verdade dos mistérios que não compreendemos; *b)* a utilidade da esperança representada pela vara florida e fecunda de Aarão, pela qual aderimos às promessas dos bens que não vemos; *c)* a caridade divina representada nos mandamentos de Deus que ela compreende, e pela qual nos unimos a Deus, união que quase não sentimos. Porque ainda que a fé, a esperança e a caridade distribuam a sua divina emoção por quase todas as faculdades da alma, tanto racionais como sensitivas, reduzindo-as e submetendo-as santamente à sua justa autoridade, é certo que a sua especial morada, a sua verdadeira e natural residência, está neste supremo cimo

(1) Heb., IX, 4.

da alma, da qual, como duma excelente fonte de água viva, se espalham por diversos regatos, sobre as partes e faculdades inferiores.

Nesta parte superior da razão há dois graus, num dos quais se tiram as consequências que dependem da fé e luz sobrenatural, e no outro se fazem as simples aquiescências da fé, da esperança e da caridade. A alma de S. Paulo sentiu-se estimulada por dois desejos diversos: um era separar-se do corpo para ir ao céu com Jesus Cristo, e o outro permanecer neste mundo para nele se empregar na conversão dos povos ⁽¹⁾; um e outro desejo estavam sem dúvida na parte superior, porque procediam ambos da caridade; porém a resolução de seguir o último não se realizou pelo raciocínio, mas por uma simples vista e um simples sentimento da vontade de Deus, ao qual aderiu o seu espírito.

Mas se a fé, a esperança e a caridade se formam por esta santa aquiescência à vontade divina, como é que depois podemos discorrer acerca da fé? Assim como vemos, que os advogados no tribunal impugnam com muitas razões os actos e os direitos das partes, e que o Parlamento ou Senado resolve em última instância todas as dificuldades por uma sentença, que depois de pronunciada, os advogados e auditores podem discutir entre si os motivos que levaram o Parlamento a proceder assim, do mesmo modo, Teotimo, depois que a graça de Deus persuadiu o espírito a aquiescer e firmar o acto de fé, por forma de sentença, o entendimento não deixa de discorrer de novo sobre essa mesma fé, já concedida, para considerar os motivos e razões dela. Como, porém, o conhecimento destes quatro diversos graus da razão é altamente necessário para se compreender todos os tratados das coisas espirituais, quis desenvolvê-lo amplamente.

(1) *Fillp.*, I, 23, 24.

CAPÍTULO XIII

Divisão do amor

1. Divide-se o amor em duas espécies: amor de benevolência e amor de concupiscência. O amor de concupiscência é o que nos induz a amar qualquer coisa pelo proveito que dela pretendemos tirar para nós; o amor de benevolência é o que nos faz amar qualquer ser para bem dele; benevolência outra coisa não é, senão querer bem.

2. Se aquele a quem queremos bem, o tem já e o possui, então queremos-lhe pelo prazer e contentamento que sentimos de ele o ter e possuir, e assim se forma o amor de complacência, que não é outra coisa senão o acto da vontade pelo qual se une e liga ao júbilo, contentamento e bem de outrem. Se aquele a quem queremos bem, o não possui ainda, desejamos-lho, e este amor chama-se amor de desejo.

3. Quando o amor de benevolência é exercido sem correspondência da parte do objecto amado, chama-se amor de simples benevolência; quando é com mútua correspondência, chama-se amor de amizade. Ora a mútua correspondência consiste em três pontos; pois é preciso que os amigos se amem mutuamente, saibam que se amam, e tenham intimidade e familiaridade.

4. Se amamos simplesmente o amigo, sem o preferir aos outros, a amizade é simples; se o preferimos, a amizade chamar-se-á dilecção, como quem dissesse amor de eleição, porque entre muitas coisas que amamos, escolhemos aquela para a preferir.

5. Quando por essa dilecção não preferimos muito um amigo aos outros, chama-se simples dilecção; mas quando, ao contrário, preferimos extremamente um amigo aos outros da mesma condição, então esta amizade chama-se dilecção de excelência.

6. Se a estima e preferência que fazemos do amigo, embora seja grande e não tenha igual, não deixa contudo de

poder entrar em comparação e proporção com as outras, a amizade chamar-se-á dilecção eminente. Porém, se a eminência dessa amizade está fora de proporção e de comparação acima de qualquer outra, então será qualificada de dilecção incomparável, soberana, suma; numa palavra, será a caridade que é devida só a Deus. E de facto, a nossa linguagem mesmo, as palavras caro, encarecer, representam uma certa estima, um preço, um valor particular: de forma que assim como a palavra = homem = entre o povo é só dada ao sexo masculino, como sexo mais excelente, e a de adoração é também destinada só a Deus, como seu principal objecto, assim também o nome de caridade é só dado ao amor de Deus, como à suprema e soberana dilecção,

CAPÍTULO XIV

À Caridade deve-se chamar Amor

Orígenes disse algures ⁽¹⁾, que em sua opinião, a Escritura divina, querendo impedir que o nome de amor originasse algum mau pensamento aos espíritos fracos, como mais conforme a significar uma paixão carnal do que uma afeição espiritual, em vez desse nome de amor, usou dos nomes de caridade e de dilecção, que são mais honestos. Ao contrário, Santo Agostinho ⁽²⁾, tendo considerado melhor o uso da Palavra de Deus, mostra claramente que o nome de amor não é menos sagrado do que o de dilecção, e que um e outro significam às vezes um affecto santo e algumas vezes também uma paixão depravada, citando neste sentido várias passagens da Escritura. O grande S. Dinis ⁽³⁾, ensina que os teólogos, isto é, os Apóstolos e os seus primeiros discípulos (porque este santo nunca viu outros teólogos), para desenganar o vulgo, e subjugar a sua fantasia que tomava o

⁽¹⁾ *Homil. I. in Cant. (Rectius Prolegom in Cant.).* — ⁽²⁾ *Lib. 14 de Civit. c. 7.* — ⁽³⁾ *Lib. de Div. nom. c. 4.*

nome de amor em sentido profano e carnal, empregaram-no mais frequentemente nas coisas divinas, que o de dilecção; e ainda que eles julgassem que um e outro podiam ser tomados no mesmo sentido, «todavia, pareceu a alguns de entre eles, que o nome de amor era mais próprio e conveniente a Deus do que o de dilecção; tanto assim que o divino Inácio escreveu estas palavras: O meu amor está crucificado».

Desta arte, os antigos teólogos, assim como empregavam o nome de amor nas coisas divinas, a fim de lhes tirar o sabor de impureza que os tornava suspeitos aos olhos do mundo, assim também, para exprimirem os affectos humanos, gostavam de empregar a palavra dilecção, por não ser suspeita de desonestidade.

Finalmente, o nome de amor, representa mais fervor, mais efficácia e actividade do que o de dilecção, de forma que entre os Latinos, dilecção é muito menos que amor. «Clódio», diz Cícero ⁽¹⁾, consagra-me dilecção, e para melhor me exprimir — ama-me». Portanto, o nome de amor, como mais perfeito, foi justamente dado à caridade, como principal e mais eminente de todos os amores; por todas essas razões, pois, e por pretender falar dos actos da caridade mais do que do hábito dela, chamei a esta pequena obra, *Tratado do amor de Deus*.

CAPÍTULO XV

Da conveniência que há entre Deus e o homem

Apenas o homem pensa um pouco atentamente na Divindade, sente logo uma doce comoção que atesta que Deus é o Deus do coração humano; e nunca a nossa intelligência tem maior prazer do que em conhecer a Deus, e o mínimo conhecimento dEle, como diz o príncipe dos filósofos ⁽²⁾,

⁽¹⁾ Epist. ad Brutum, lib., I, ep. I.—⁽²⁾ De part. Animl., I, I, c. v, initio.

vale mais do que a maior das outras coisas. O menor raio do sol é mais claro do que o maior da lua ou das estrelas, e por conseguinte mais luminoso do que a lua e as estrelas reunidas. Se qualquer acontecimento assusta o nosso coração, este recorre logo à Divindade, confessando que, quando tudo lhe é funesto, só Deus lhe é propício, e quando está em perigo, só Ele, como soberano, bem o pode salvar e preservar. Este prazer, esta confiança que o coração humano tem naturalmente em Deus, não pode proceder senão da conveniência perfeita que existe entre a divina Bondade e a nossa alma. É uma conveniência ao mesmo tempo grande e oculta; conhecida por todos e por poucos entendida; inegável mas impenetrável.

Expliquemo-nos: *Somos criados à imagem e semelhança de Deus* ⁽¹⁾; e que quer dizer isto senão que temos uma extrema conveniência com a sua divina magestade?

A nossa alma é espiritual, indivisível, imortal, conhece e é livre; é capaz de julgar, de discorrer, de saber, e de ter virtudes; nisto se assemelha a Deus. Reside toda em todo o corpo, e toda em cada uma das partes dele, como a Divindade está toda em todo o mundo, e toda em cada parte do mundo.

O homem conhece-se e ama-se pela inteligência e pela vontade; o conhecimento e o amor, sendo distintos um do outro, ficam todavia inseparavelmente unidos na alma e nas faculdades donde procedem.

Também o Pai eterno, conhecendo-se, gera o Filho; e o Espírito Santo é o amor procedente do Pai e do Filho; são três pessoas distintas mas inseparáveis, numa única, simples indivisível Divindade.

Além desta conveniência de semelhança, há uma correspondência admirável entre Deus e o homem, para a sua recíproca perfeição. É certo que Deus não pode receber perfeição alguma do homem; mas como o homem não pode ser aperfeiçoado senão pela divina Bondade, assim a divina Bondade não pode, em certo modo, exercer melhor a sua perfeição, fora de si, do que socorrendo-nos.

(1) Gen., I, 26.

O homem tem necessidades e é capaz de receber o bem; Deus é rico e é inclinado a dar. Nada mais a propósito para um pobre do que encontrar um rico liberal, nem há nada que cause mais prazer ao liberal do que deparar uma miséria para socorrer. A indigência então desaparece, como o vácuo pela entrada do ar.

Agradável e apetecido encontro este da abundância com a indigência, nem poderia dizer-se quem tem maior prazer — se o que possui, dando, se o que precisa, recebendo — se Nosso Senhor não tivesse afirmado: «é mais feliz o que dá do que o que recebe» (1).

Ora, onde há mais felicidade, há mais satisfação: por tanto, a divina Bondade tem mais prazer em dar as suas graças, do que nós em recebê-las. Se as mães têm os peitos cheios e abundantes, consolam-se todas quando os filhos sugam o leite, apertados pela necessidade.

Deste modo, Teotimo, a nossa fraqueza carece da abundância divina, e Deus pela sua infinita bondade é levado a derramar sobre nós os seus dons, embora esta doação não o torne mais feliz, porque Ele tem todas as perfeições.

A alma, considerando que nada a contenta por completo, e que a sua capacidade não pode ser preenchida por coisa alguma que exista no mundo, vendo que o seu entendimento tende a saber sempre mais, e que a sua vontade é insaciável de amor e bem, tem razão de exclamar: «Ah! não sou feita para este mundo! Existe qualquer bem supremo de que dependo, e qualquer obreiro infinito que imprimiu em mim este interminável desejo de saber e amar; importa pois que eu me encaminhe e me dirija para ele, para me unir e ligar à sua bondade». Tal é a conveniência que temos com Deus,

(1) Act., XX, 35.

CAPÍTULO XVI

**Temos uma inclinação natural para amar a Deus
sobre todas as coisas**

Se os homens se conservassem no estado de perfeição primitiva, conforme saíram das mãos de Deus, não só tenderiam naturalmente a amá-lo sobre todas as coisas, mas não poderiam viver sem o amar.

Como o vapor se eleva para as nuvens e as águas correm para o mar, assim, estando gravado no nosso coração o desejo de possuir o bem, e sobretudo a divina bondade, havíamos de tender para Deus quase irresistivelmente, por inclinação da nossa natureza.

Ora, ainda que o estado da natureza humana não seja agora dotado de perfeição original, que o primeiro homem possuía em sua criação, contudo a inclinação de amar a Deus conservou-se em nós, como se conservou a luz da inteligência que nos diz que Ele é bom e amável sobre todas as coisas. Por isso quem, sabendo pelas luzes naturais, que Deus é tão bom e tão digno de ser amado, não há-de sentir no coração uma inclinação para amar quem é tão nosso amigo?

As perdizes, ou pelo desejo de criarem ou por desconhecerem os próprios, roubam muitas vezes os ovos umas às outras para os chocar ⁽¹⁾, e, dizem ⁽²⁾, o perdigoto chocado e creado por uma ave estranha, se, por acaso, ouve o reclamo da verdadeira mãe, corre logo para ela; o que mostra que há entre ele e a perdiz uma correspondência oculta e secreta, adormecido no fundo da natureza até ao encontro do seu ser, e que, súbitamente excitada, produz logo o seu efeito, levando-o para a sua verdadeira mãe.

Dá-se isto mesmo, Teotimo, com o nosso coração; por-

⁽¹⁾ Jerem. XVII, v. 11. — ⁽²⁾ S. Amb. Ep. XXXII ad Irenæum § 6, S. Isidor, Hispal., Etymol., I, XII, c. VII, § 63.

que, embora ele seja alimentado, nutrido e educado no meio das coisas corporais, baixas e transitórias, e, para assim dizer, sob as asas da natureza, todavia, ao primeiro olhar que lança a Deus, ao primeiro conhecimento que dele recebe, a inclinação natural de amar a Deus, que estava como que adormecida e imperceptível, acorda num instante, e de repente aparece como uma centelha que sai de entre as cinzas, que movendo a nossa vontade, lhe dá um transporte de amor supremo, devido ao soberano e primeiro Princípio de todas as coisas.

CAPÍTULO XVII

Não temos naturalmente o poder de amar a Deus sobre todas as coisas

Embora as águias tenham grande força e voem muito ao longe, é certo que sobressaem principalmente pela sua vista penetrante, e estendem muito mais depressa e mais longe o seu olhar do que as suas asas. Do mesmo modo, os nossos espíritos animados duma santa inclinação natural para com a Divindade, têm muito mais luz no entendimento para conhecer quanto ela é amável, do que força na vontade para amar; porque o pecado enfraqueceu mais a vontade humana do que obscureceu o entendimento, e a rebelião do apetite sensual, a que chamamos concupiscência, perturba certamente o entendimento, mas é contra a vontade, que ele excita principalmente a revolta, de sorte que a pobre vontade já de si enferma, sendo agitada por contínuos assaltos que a concupiscência lhe dá, não pode fazer tamanho progresso no amor divino, como a razão e a inclinação natural lhe sugerem que deveria fazer.

Ah! Teotimo, que belos testemunhos não só de um grande conhecimento de Deus, mas também de uma forte inclinação para ele, foram deixados pelos grandes filósofos, Sócrates, Platão, Trismegisto, Aristóteles, Hipócrates, Séneca, Epíteto! Sócrates, o mais louvado deles, conhecia clara-

mente a unidade de Deus e tinha tanta inclinação em amá-lo, que, segundo afirma Santo Agostinho ⁽¹⁾, muitos julgaram que nunca ensinou a filosofia moral por outro motivo, senão o de aperfeiçoar os espíritos para que estes podessem melhor contemplar o soberano bem, que é Deus único. E Platão diz ⁽²⁾ que filosofar não é outra coisa senão amar a Deus, e que filósofo não era senão o que ama a Deus. Que direi do grande Aristóteles, que com tanta eficácia louva a unidade de Deus ⁽³⁾, e dela falou tão magnificamente em tantos lugares? Mas, ó meu Deus! tendo estes grandes espíritos tanto conhecimento da Divindade, e tanta propensão para a amar, a todos faltou a força e coragem para bem a amar. Pelas criaturas visíveis, *reconheceram as coisas invisíveis de Deus*, até mesmo *a sua eterna virtude e divindade*, diz o grande Apóstolo ⁽⁴⁾, *de forma que não são excusáveis, por quanto, depois de terem reconhecido a Deus, não o glorificaram como a Deus*.

Não o glorificaram como deviam, isto é, sobre todas as coisas, porque não tiveram a coragem de destruir a idolatria, mas comunicaram com os idólatras, *retendo a verdade*, que conheciam injustamente prisioneira nos seus corações, preferiram a honra e o vão repouso de suas vidas, à honra que deviam a Deus; e assim se *desvaneceram nos seus pensamentos*. Não causa dó, Teotimo, ver Sócrates moribundo, segundo refere Platão, falar dos deuses como se houvesse muitos ⁽⁵⁾, ele, que tão bem sabia não haver mais que um só? Não é deplorável que Platão tivesse ordenado que sacrificassem a muitos deuses ⁽⁶⁾, ele, que tão bem sabia a verdade da unidade divina? E Mercúrio Trismegisto, não é lamentável vê-lo lastimar e prantear tão vergonhosamente a abolição da idolatria ⁽⁷⁾, ele que em tantos lugares falara tão dignamente da Divindade?

Mas o que mormente admiro é o pobre e ingénuo Epicteto. Pois não faz compaixão ver este distinto filósofo falar,

(1) Ibid. — (2) Vide Aug., l. 8. de Civit. c. 23 e 24. — (3) Metaphys., 1, XII, c. X; De Mundo, circa finem. — (4) Rom., I, 20, 21, 18. — (5) Aug., l. 8. de Civit. c. 12. — (6) Lib. 8. Civit. c. 3. — (7) Apud Aug., lib. 8. de Civit. c. 9.

por vezes, de Deus com tanto critério, sentimento e zelo, que o tomariam por um cristão saindo de alguma santa e profunda meditação, e contudo, por outro lado, de vez em quando, fazer menção dos deuses à maneira pagã?! Porque é que esse pobre homem, que conhecia tão profundamente a unidade divina, e apreciava a sua bondade, não teve o santo zelo da honra divina para não tergiversar nem dissimular num assunto de tão grande importância?

Em suma, Teotimo, a nossa mesquinha natureza dilacerada pelo pecado, faz como as palmeiras que temos na Europa, que produzem frutos imperfeitos como se fossem amostras dos verdadeiros, mas quanto a dar tâmaras maduras e sazoadas isso é só reservado às regiões mais quentes. Assim também, o nosso coração humano produz muito naturalmente certos princípios de amor para com Deus, mas daí a amá-lo sobre todas as coisas, que é a verdadeira maturidade do amor, devido a esta suprema Bondade, isso só pertence aos corações animosos, favorecidos da graça celeste, e revestidos da santa caridade. Este fraco e perfeito amor de que a natureza sente os estímulos, não é senão um certo querer sem querer, um querer que queria, mas não quer, um querer estéril, que não produz verdadeiros efeitos, um querer paralítico, que vê a piscina salutar do santo amor, mas não tem força para se lançar nela ⁽¹⁾; enfim, este querer é um aborto da boa vontade, que não tem a vida e o vigor necessário para eficazmente preferir Deus a todas as coisas, pelo que exclama o Apóstolo, falando em nome do pecador ⁽²⁾: *Sinto que quero o bem, mas não acho meio de o fazer perfeitamente.*

(1) Joan., v, 7. — (2) Rom., VII. 18.

CAPÍTULO XVIII

Não é inútil a inclinação que temos de amar a Deus

Se não podemos pelas próprias forças amar a Deus sobre todas as coisas, porque razão sentimos essa inclinação natural? Acaso a natureza será louca incitando-nos a um amor que nos não pode dar? Porque razão nos dá ela a sede de uma água tão preciosa, se não a podemos beber? Ah! Teotimo, como Deus foi bom para connosco! A perfídia que havíamos cometido, ofendendo-o, merecia, sem dúvida, que nos privasse de todos os testemunhos da sua benevolência, e da mercê que havia concedido à nossa natureza, quando nela gravou *o lume do seu divino rosto, e deu alegria aos nossos corações* ⁽¹⁾ de se sentirem inclinados ao amor da divina Bondade, a fim de que os Anjos vendo este mísero homem, tivessem ocasião de dizer, por compaixão: *É esta a criatura de perfeita beleza, a honra de toda a terra?* ⁽²⁾.

Porém, a infinita bondade não foi nunca tão rigorosa para com a obra de suas mãos: Viu que estávamos rodeados de concupiscência, *dum espírito que passa e não torna* ⁽³⁾, e, por isso, não quis pela sua misericórdia aniquilar nem tirar-nos o sinal da sua graça perdida, para que vendo-a e sentindo em nós esta tendência e propensão a amá-lo, diligenciássemos fazê-lo, e ninguém pudesse com razão dizer: «quem nos mostrará o bem?» ⁽⁴⁾ Embora, pela simples inclinação natural, não possamos alcançar a felicidade de amar a Deus, como devemos, é certo que, se fôssemos fiéis a essa inclinação, Deus nos auxiliaria e nos daria os meios de adiantarmos neste amor; se secundássemos este primeiro auxílio, a paternal bondade Deus nos forneceria outro auxílio

⁽¹⁾ Ps. IV. 7. — ⁽²⁾ Thren., II, 15. — ⁽³⁾ Ps. LXXVII, 39. — ⁽⁴⁾ Ps. IV, 6.

maior, e nos conduziria de bem a melhor com toda a suavidade, até ao soberano amor a que nos impele a nossa natural inclinação; pois é certo, que a benignidade divina não recusa nunca a sua assistência àquele que *é fiel nas coisas pequenas* ⁽¹⁾ e faz tudo o que está ao seu alcance. Esta natural inclinação, que temos, de amar a Deus sobre todas as coisas não existe inútilmente nos nossos corações; Deus serve-se dela como de uma argola para mais suavemente nos segurar e atrair a si, e parece que por ela, a divina Bondade conserva, por assim dizer, os nossos corações presos como avezinhas atadas a um fio, pelo qual possa puxar-nos, quando apraz à sua misericórdia compadecer-se de nós. Por outro lado essa inclinação para Deus, é sinal evidente de que Deus é o nosso primeiro Princípio e Criador, quem nos guia e protege.

Os grandes senhores mandavam atar coleiras com os seus braços nos veados e depois punham-os em liberdade nas florestas. Os veados assim assinalados nunca mais deixavam de ser reconhecidos por quem quer que os encontrasse, não só por terem sido uma vez apanhados pelo senhor de quem traziam as armas, mas também porque lhes eram reservados. Certamente a honrosa inclinação que Deus pôs em nossas almas, dá a conhecer aos nossos amigos e aos nossos inimigos, que não só fomos criados por Deus, mas que apesar de Ele nos ter deixado e soltado à mercê do nosso livre arbítrio, nós lhe pertencemos, e se reservou o direito de nos retomar, e nos salvar, segundo a sua santa e suave providência o exige. Por esta razão o Profeta real ⁽²⁾, chama esta inclinação não só luz, pois nos faz ver para onde devemos dirigir-nos, mas também *alegria* e *júbilo*, porque nos consola em nosso desvario, dando-nos esperança de que Aquele que em nós imprimiu e nos deixou este nobre sinal da nossa origem, pretende ainda e deseja fazer-nos volver e restabelecer-nos na primitiva beleza, se formos tão felizes que nos deixemos colher pela sua divina Bondade.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

(1) Mat., XXV, 21, 23. — (2) Supra.

LIVRO SEGUNDO

ORIGEM DO AMOR DIVINO

CAPÍTULO I

As perfeições divinas formam uma perfeição única e infinita

Quando o sol ao nascer está vermelho, e de repente se torna escuro, ou quando no ocaso se apresenta encoberto, dizemos que é sinal de chuva.

Ora, o sol não tem côr; não é nem vermelho, nem escuro, nem pálido, nem pardo, nem verde. Expressimo-nos assim, porque assim nos parece ser, graças aos vapores que estão entre ele e os nossos olhos, e que no-lo representam de diferentes maneiras.

Em certo modo, a Deus acontece o mesmo; falamos dele, não tanto segundo o que é em si mesmo, como segundo as obras, por intermédio das quais o contemplamos, e como se nele houvesse grande número de excelências e perfeições diferentes.

Considerando-O como punindo os maus, chamamo-Lo justo; como libertador do pecador, misericordioso; como criador de todas as coisas e autor dos milagres, reconhecemo-Lo todo poderoso; como exacto e fiel às suas promessas, O proclamamos verdadeiro; como produzindo todas as coisas e sustentando-as em sua ordem, O dizemos sapientíssimo; e

assim por diante; conforme a variedade das obras, assim Lhe atribuímos diversidade de perfeições. Na realidade, porém, em Deus não há variedade, nem diferença alguma de perfeições. É uma só, simplicíssima, e única perfeição: tudo o que está n'Ele, não é senão Ele mesmo; e todas as excelências que dizemos existir n'Ele de modo tão diverso, resumem-se a uma simples e puríssima unidade,

Como o sol não tem nenhuma das cores que lhe atribuímos, mas só a luz claríssima, superior a todas as cores mesmo; também em Deus não existe nenhuma das perfeições que imaginamos, mas só a excelência puríssima que está acima de toda a perfeição, e dá a perfeição a tudo o que é perfeito.

Não está ao alcance da criatura humana, ou angélica mesmo, definir com precisão a essência divina — síntese de todas as perfeições, porque, como está escrito no Apocalipse (1): *Nosso Senhor tem um nome que ninguém conhece senão Ele mesmos.*

Abrangendo pela inteligência a sua infinita perfeição, só Ele a pode exprimir por um nome adequado. Por isso os antigos disseram, que o verdadeiro Teólogo era Deus; pois só Ele pode conhecer totalmente a grandeza infinita da perfeição divina, e por conseguinte, representá-la por palavras. Deus respondeu por meio do Anjo ao pai de Sansão, que lhe perguntava o nome: *Porque queres tu saber o meu nome que é admirável?* (2) como se dissesse: O meu nome pode ser admirado, mas não pronunciado pelas criaturas; deve ser adorado, mas não é compreendido senão por mim.

O nosso espírito é demasiado fraco para conceber um pensamento que possa representar uma perfeição tão imensa e tão simples, contendo todas as outras perfeições. Quando falamos de Deus somos logo obrigados a usar de muitos nomes; bom, sábio, todo poderoso, verdadeiro, justo, santo, infinito, imortal, invisível.

Dizemos a verdade; porque Deus é tudo isto, e mais do que tudo isto, possui todos estes atributos duma forma tão pura, tão excelente e tão sublime que reúne numa perfeição

(1) Chap. 19. — (2) Judic., XII, 17, 18.

simples e única, a virtude, a força, a excelência de toda a perfeição.

O maná no deserto continha em si o sabor e a virtude de todos os outros alimentos ⁽¹⁾; pode-se dizer que o sabor da lima, do melão, da uva, da ameixa e da pera entravam nele; e podia ter-se dito também com razão, que não tinha todos estes sabores mas um só, que era o seu próprio sabor, o qual abrangia tudo o que podia haver de agradável e de apetecível nos outros sabores.

O dodecáteos é «remédio de todas as doenças», diz Plínio ⁽²⁾, porque sem ser ruibarbo, nem sene, nem rosa, nem betónia, nem buglosa, encerra as propriedades dos medicamentos.

Oh! abismo das perfeições divinas, como sois admirável em possuir numa só perfeição a excelência de toda a perfeição, e duma forma tão admirável que ninguém a pode compreender senão Vós mesmo!

Muitas coisas diremos nós, afirma a Escritura ⁽³⁾, e ainda nos faltarão palavras; mas o resumo de tudo o que se pode dizer é que Ele mesmo está em todas as coisas. Que poderemos dizer para exaltar a sua glória? porque o mesmo Todo-Poderoso é sobre todas as suas obras. O Senhor é terrível e soberanamente grande e maravilhoso o seu poder. Por mais que glorifiquéis ao Senhor quanto puderdes, ainda ficará muito acima do vosso louvor, e será admirável a sua magnificência. Bendizendo vós ao Senhor, exaltai-O quanto podeis, porque ele é maior que todo o louvor. Exaltando-O vós, revesti-vos de toda a vossa fortaleza; não vos canseis; porque não chegareis a lograr o vosso intento. Não, Teotimo, nunca O poderemos compreender, porque, diz S. João ⁽⁴⁾, Ele é maior que o nosso coração. Porém, que todo o espírito louve o Senhor ⁽⁵⁾, dando-Lhe os mais eminentes nomes que se possam encontrar. Por maiores que sejam os nossos louvores, protestemos que o seu nome é sobre todo o nome ⁽⁶⁾, e não o podemos pronunciar dignamente.

(1) Sap., XVI, 20, 21. — (2) Hist. nat., I, XXV, c. IV (al. IX). — (3) Eccli., XLIII, 29, 30, 33, 34. — (4) Ep. I, c. III, 20. — (5) Ps. CL, ult. — (6) Philip., II, 9.

CAPÍTULO II

Deus é acto puro

Possuímos várias faculdades e hábitos, que produzem uma grande variedade de acções, e estas uma multidão inumerável de obras. Assim como as faculdades de ver, ouvir, gostar, apalpar, mover-se, alimentar-se, compreender, querer, e os hábitos de falar, andar, jogar, cantar, coser, saltar, nadar são diferentes, assim também as acções e as obras que provém destas faculdades e destes hábitos, são inteiramente diferentes.

Não sucede o mesmo em Deus. N'Ele não há senão uma perfeição simples, infinita, e nesta perfeição um acto único e puro; ou, para me exprimir mais santa e sábiamente, Deus, sendo uma perfeição única e soberana, também é um só acto puro que é a sua própria essência imutável e eterna.

Nós, miseráveis criaturas, falamos das «acções de Deus» como se Ele fizesse todos os dias muitas e diversas, apesar de sabermos o contrário. Somos obrigados a exprimir-nos assim, pela nossa fraqueza, porque não podemos falar das coisas senão como as entendemos, e só podemos entendê-las segundo a forma por que se passam entre nós.

Nas coisas naturais as obras são diferentes umas das outras, porque são também diferentes as acções que as originam, e por isso, quando vemos tantos trabalhos diferentes, uma tão grande variedade de produções, e a inumerável multidão de actos do poder divino, parece-nos, à primeira vista, que esta diversidade se dá por tantos actos quantos são os seus diferentes efeitos, e nos exprimimos assim, falando segundo o uso e a maneira por que compreendemos as coisas.

E nisto não ofendemos a verdade, porque, embora não haja em Deus diversidade de acções, mas um só acto, que é a própria Divindade, este acto é tão perfeito, que compreende a força e a virtude de todos os actos indispensáveis à variedade dos efeitos que vemos.

Deus disse apenas uma palavra, e, num momento, foram criados o sol, a lua e a inumerável multidão de astros, com as suas variantes de brilho, de movimento e de influências.

Ele disse e logo foram feitas

Todas estas obras tão perfeitas (1).

Com uma só palavra, Deus povoou o ar de pássaros, e o mar de peixes, fez surgir da terra as plantas e os animais que nela vemos, porque, embora o historiador sagrado, acomodando-se ao nosso modo de entender, refere (2) que Deus nos dias da criação do mundo repetiu muitas vezes esta palavra onnipotente: *Faça-se*, todavia, propriamente falando, esta palavra foi única, tanto assim que David a chama (3) *um sopro ou aspiração da boca* divina, isto é, um só rasgo da sua infinita vontade, derramando tão poderosamente a sua virtude na variedade das coisas criadas, que o julgamos múltiplo e diversificado segundo a multiplicidade e a diversidade dos seus efeitos, ainda que realmente seja um único e simples acto.

Do mesmo modo, S. João Crisóstomo observa (4) que o que Moisés disse em muitas palavras ao descrever a criação do mundo, o glorioso S. João (5) o exprimiu numa só palavra dizendo que *pelo Verbo*, isto é, por esta Palavra eterna, que é o Filho de Deus, *tudo foi feito*. Esta *Palavra* pois, simples e única, Teotimo, produz a distinção das coisas; invariável, ocasiona as belas variações; e finalmente imutável na sua eternidade, dá sucessão, vicissitude, ordem, lugar e oportunidade a todas as coisas.

Imaginemos, ver dum lado, um pintor fazendo a imagem do nascimento do Salvador, (e escrevo isto justamente nos dias consagrados a este mistério): certamente, ele dará milhares de pinceladas, e empregará não somente muitos dias mas muitas semanas e meses a aperfeiçoar este quadro, conforme a variedade das personagens e outras coisas que ali quer

(1) Ps. CXLVIII, 5. — (2) Gen., I. — (3) Ps. XXXII, 6. — (4) Hc-mil. V in Joan., § I. — (5) Cap. I, 3.

representar. Doutro lado, observemos um impressor de estampas, o qual, tendo colocado uma folha de papel sobre a lâmina gravada com o mesmo mistério da Natividade, aperta a máquina, e numa única pressão, Teotimo, executa todo o trabalho, e imediatamente tirará a imagem, perfeitamente gravada, representando delicadamente tudo o que pode ser imaginado segundo o texto sagrado.

Apesar deste trabalho ter sido todo feito com um só movimento, todavia, terá grande número de personagens e doutras coisas diferentes bem distintas umas das outras, cada uma em sua ordem, em sua posição, em seu lugar, em sua distância e em sua proporção, e quem não conhecesse o segredo ficaria surpreso de ver um só acto produzir tão grande variedade de efeitos.

E assim também, Teotimo, a natureza como o pintor, multiplica e varia as suas acções à medida que as suas obras são diferentes, e carece de muito tempo para realizar grandes efeitos; mas Deus, como o impressor, deu o ser a todas as criaturas que existiram, existem e existirão, por um só acto da sua vontade onnipotente, tirando da sua mente, como duma lâmina perfeitamente gravada, esta admirável variedade de pessoas e seres que se sucedem uns aos outros em todas as épocas, em todas as gerações, em todos os séculos, cada um segundo a sua ordem.

Esta unidade soberana do acto divino é oposta à confusão e à desordem, mas não à distinção ou variedade que ela emprega, e que constitui a sua beleza, reduzindo as diferenças e diversidades à proporção, e a proporção à ordem, e a ordem à unidade do mundo, que compreende todas as coisas criadas tanto visíveis como invisíveis, as quais todas reunidas se chamam universo.

Chama-se universo, talvez, porque toda a sua diversidade se reduz à unidade, como se se dissesse unidiverso, isto é, único e diverso, único com diversidade, e diverso com unidade.

Numa palavra, a soberana unidade divina diversifica tudo, e a sua permanente eternidade dá vicissitude a todas as coisas, porque a perfeição desta unidade dominando a diferença e variedade das coisas, dá o ser a todas as diversidades das perfeições criadas, e dispõe da força para as pro-

duzir. E a prova disto, é o que a Escritura refere ⁽¹⁾, que Deus disse no princípio do mundo: *Façam-se uns luzeiros no firmamento do céu, que dividam o dia da noite, e sirvam de sinais para mostrar os tempos, os dias e os anos.* Vemos ainda agora esta revolução perpétua e a sequência de tempos e de estações que durará até ao fim do mundo, para nos ensinar que assim como;

Uma palavra dos seus mandamentos
Basta para todos estes movimentos ⁽²⁾.

assim também o único querer eterno da sua divina Majestade, estende a sua força de século em século até à consumação dos séculos, a tudo o que foi, é e será eternamente, sem que coisa alguma possa existir senão por este único, simples, e eterno Acto divino, ao qual só *seja honra e glória.* Amen ⁽³⁾.

CAPÍTULO III

Da Providência divina em geral

Deus, como infinitamente perfeito, não carece de muitos actos para produzir a variedade das suas obras, mas basta um só divino acto da sua onnipotente vontade. Entretanto, como a nossa inteligência é muito limitada para compreender a sua Providência divina, examinemos, eu vo-lo peço Teotimo, o reinado do grande Salomão, como um modelo perfeito da arte de bem reinar.

Este grande rei, sabendo por inspiração celeste que o estado depende da religião como a alma do corpo, delineou tudo que era necessário tanto para o estabelecimento da religião, como para o do estado. Para a religião, resolveu edifi-

(1) Gen., I, 14. — (2) Ps. CXLVIII, 5. — (3) I. Tim., I, 17.

car um Templo de tal e tal comprimento, largura, altura, com tantos pórticos e átrios, tantas janelas, e tudo o mais que dizia respeito ao edifício; em seguida, precisou o número dos sacrificadores, dos cantores e de outros empregados do Templo. E para o governo do estado, mandou fazer um palácio para sua residência e da sua corte, determinando o número dos mordomos, dos gentis-homens e dos outros cortesãos; e para o povo, estabeleceu juizes e outros magistrados para exercer a justiça.

Depois, para a segurança do reino, e tranquilidade pública ordenou manter em tempo de paz um exército permanente, e para este fim colocou à sua frente duzentos e cinquenta chefes com diferentes cargos, dando-lhes quarenta mil cavalos, segundo o testemunho da Escritura ⁽¹⁾ e dos historiadores.

Ora, tendo assim disposto na sua mente as partes principais do seu reino, seguiu-se o acto da providência: tendo ponderado tudo que era necessário para a construção do Templo, para a manutenção dos sacerdotes, dos ministros, dos magistrados reais e dos homens de guerra que projectava criar, resolveu mandar a Hiram buscar as madeiras necessárias, ao Peru, em Ofir ^(*) para os outros materiais; finalmente, empregou todos os meios necessários para obter todas as coisas indispensáveis à realização e boa direcção da sua empresa. Mas a sua providência não parou aqui, Teotimo; porque, depois de ter delineado o plano e deliberado sobre os meios convenientes para o realizar, desceu à prática, nomeando oficiais para os diferentes cargos que projectara, e por uma prudente administração lhes deu tudo o que era necessário para a sua subsistência e bom desempenho das suas atribuições.

(1) III Reg., IV, 24-26; — II Paral; VIII, 10.

(2) III Reg., v, IX. S. Francisco de Sales segue a opinião, que o célebre comentador Cornelius a Lapide (in III Reg. IX, 28) julga uma das mais prováveis de que Salomão mandara buscar o ouro para o Templo a Ofir que ficava no Peru. A opinião, porém, mais seguida entre os exegetas modernos é de que Ofir fica na Índia pois encontram-se no sanscrito as raízes das palavras que vêm na S. Escritura. (Vide La Bible et les découvertes modernes, de Vigonroux).

Daqui se vê que Salomão foi providente quando organizou o plano do seu reino, foi providente quando criou oficiais e magistrados para exercerem os diferentes cargos públicos e foi ainda providente quando lhes assinou os meios de conservação.

Por este motivo deu-se o nome de providência não só à disposição, mas também à criação e bom governo de Salomão.

Um homem só é providente, quando governa bem.

Agora, Teotimo, falando das coisas divinas, dizemos que Deus, tendo tido um conhecimento eterno e perfeitíssimo da arte de criar o mundo para sua glória, dispôs primeiro em sua divina mente todas as partes principais do universo, que podiam dar-lhe honra, isto é, a natureza angélica e a natureza humana; estabeleceu na natureza angélica, a variedade das hierarquias e das ordens que a Sagrada Escritura e os santos Doutores nos ensinam, e entre os homens criou uma grande variedade de raças.

Depois, nesta mesma eternidade, previu e projectou em sua mente todos os meios necessários aos homens e aos Anjos para conseguirem o fim a que os destinara, e foi este um acto da sua providência.

Não parou aqui: Para realizar a sua disposição criou realmente os Anjos e os homens e proveu e provê pelo seu governo a tudo que é necessário às criaturas racionais para alcançarem a glória: de sorte que, em resumo, a soberana Providência não é outra coisa mais do que o acto pelo qual Deus confere aos homens e aos Anjos os meios necessários ou úteis para conseguirem o seu fim.

Mas como estes meios são de diferentes géneros, diversificamos também o nome de providência, e dizemos que há uma Providência natural, e outra sobrenatural; e que esta é ou geral, ou especial, ou particular.

Mais adiante exortar-vos-ei, Teotimo, a unirdes a vossa vontade à providência divina; agora vou dizer-vos uma palavra sobre a providência natural.

Deus querendo prover o homem dos meios naturais que lhe são necessários para glorificar a sua Bondade, criou em seu proveito todos os outros animais e todas as plantas; e para os outros animais e plantas criou os diferentes terrenos, estações, fontes, ventos e chuvas; e para o homem e para as

outras coisas que lhe pertencem, criou os elementos, o céu e os astros, de modo que quase todas as criaturas se prestem reciprocamente serviços: Os cavalos nos conduzem, e nós lhes damos a comida; as ovelhas nos alimentam e vestem, e nós as apascentamos; da terra elevam-se os vapores para a atmosfera, e desta descem as chuvas para a terra; a mão presta serviços ao pé, e o pé conduz a mão.

A vista de tal Sabedoria não podemos deixar de sentir um profundo transporte de amor e exclamar: *A vossa Providência, ó Pai eterno, governa todas as coisas!* ⁽¹⁾

S. Basílio e Santo Ambrósio no seu Hexâmeron (tratado dos 6 dias da criação), o bom Luís de Granada na *Introdução ao Símbolo* ⁽²⁾ e outros, tratam deste assunto duma maneira muito proveitosa às almas devotas.

Assim pois, querido Teotimo, esta Providência estende-se a tudo, reina sobre todas as coisas, e as conduz à sua glória.

Há todavia casos fortuitos e acontecimentos inesperados, que só o são para nós, mas não para a Providência celeste, que na sua presciência os prevê e os destina ao bem geral do universo. Ora, estes casos fortuitos dão-se pela concorrência de muitas causas, que, não tendo umas com outras relação natural, produzem cada uma o seu efeito particular, resultando, porém, deles, um efeito duma outra espécie para o qual todas estas causas contribuíram, sem que o pudéssemos prever.

Por exemplo: era justo castigar a curiosidade do poeta Êsquilo, que tendo sabido por um advinho que morreria esmagado por uma casa, conservou-se todo esse dia em pleno campo para evitar o destino: e como permanecesse ali sempre com a cabeça descoberta, um milhafre que tinha nas garras uma tartaruga, vendo esta cabeça calva, e julgando que era a ponta dum rochedo, deixou cair a tartaruga sobre ela, e eis que Êsquilo morre imediatamente, esmagado pela casa ou concha duma tartaruga ⁽³⁾. Isto foi, sem dúvida, um acidente fortuito, porque este homem não foi para o

⁽¹⁾ Sap., XIV, 3. — ⁽²⁾ Parte I e Parte V, secção I. — ⁽³⁾ Plin., Hist. nat., l. X, c. III.

campo para morrer, mas pelo contrário para evitar a morte; o milhafre não pensava esmagar a cabeça dum poeta, mas sim a concha da tartaruga, para depois a comer; não obstante succedeu o contrário, porque a tartaruga salvou-se e o infeliz Ésquilo morreu.

A nosso ver, este caso foi imprevisto; mas aos olhos da Providência, que via de mais alto, e conhecia tudo, foi um acto de justiça, pelo qual a superstição deste homem foi castigada.

As aventuras do antigo José foram admiráveis pela variedade e extraordinárias passagens. Os seus irmãos que o haviam vendido para o perder, ficaram atónitos de o vêrem vice-rei, e temeram que ele se vingasse do mal que lhe haviam feito ⁽¹⁾: *Não, lhes disse ele, não foi pelo vosso conselho artificioso que fui mandado para aqui* ⁽²⁾, mas pela vontade de Deus: *Vós intentastes fazer-me mal, mas Deus converteu este mal em bem* ⁽³⁾. Os ignorantes, Teotimo, teriam chamado casualidade, ou acontecimento fortuito, o que José disse ser um projecto da soberana Providência, que dispõe e conduz todas as coisas ao seu serviço.

Tudo no mundo tem razão de ser, até as monstruosidades, que servem para tornar as obras perfeitas mais apreciáveis, são para o universo o que as sombras para os quadros: — dão-lhes graça e fazem sobresair a pintura.

CAPÍTULO IV

Da Providência sobrenatural que Deus exerce para com as criaturas racionais

Tudo o que Deus criou foi destinado para a salvação dos homens e dos Anjos. E nós, à face das sagradas Escrituras e da doutrina dos Antigos, podemos conhecer e falar,

(1) Gen., XLV, 3, L, 15. — (2) Ibid., XLV, 8. — (3) Ibid., L, 20.

na medida que a nossa fraqueza no-lo permite, da ordem da Providência divina a este respeito. Deus, desde toda a eternidade conheceu que podia criar uma quantidade inumerável de seres de diversas perfeições e qualidades, aos quais se poderia comunicar. E, como de entre todas as maneiras de se comunicar, não havia nenhuma mais perfeita que a da união a alguma natureza criada, de forma que a criatura fosse, para assim dizer, enxertada e inserida na Divindade, para com ela fazer uma só pessoa, a sua infinita bondade, que de si mesma e por si mesma tende a comunicar-se, resolveu e determinou fazer uma destas criaturas.

Assim como existe eternamente uma comunicação íntima em Deus, pela qual o Pai comunica toda a sua Divindade ao Filho, que d'Ele procede, o Pai e o Filho originando juntamente o Espírito Santo, comunicam-lhe igualmente a sua própria e única Divindade; do mesmo modo, este Soberano Bem foi comunicado fora de si tão perfeitamente a uma criatura, que a natureza criada e a divindade, conservando cada uma as suas propriedades, foram contudo por tal forma unidas que não fizeram senão uma mesma Pessoa.

Ora, entre todas as criaturas que esta suprema onipotência podia criar, foi do seu agrado escolher a mesma humanidade que mais tarde se uniu à Pessoa de Deus Filho, à qual foi destinada esta honra incomparável da união pessoal à sua divina Majestade, para que eternamente gozasse por excelência dos tesouros da sua infinita glória.

Tendo assim preferido para esta felicidade a sagrada humanidade do nosso Salvador, a suprema Providência dispôs não limitar a sua bondade à Pessoa deste amado Filho, mas estendê-la em seu favor a várias outras criaturas, e entre a inumerável quantidade de coisas que podia produzir, escolheu criar os homens e os Anjos, para fazerem companhia a seu Filho, participarem das suas graças e da sua glória, adorá-lo e louvá-lo eternamente.

E, como Deus visse que podia formar de muitas maneiras a humanidade de seu Filho fazendo-o homem verdadeiro, como por exemplo, criando-o do nada, não só quanto à alma, mas também quanto ao corpo, ou ainda, formando o corpo de alguma matéria precedente, como fez o de Adão e o de Eva, ou ainda por meio de geração ordinária do homem e da mulher,

ou finalmente, pela geração extraordinária de uma mulher sem homem, deliberou que isto se faria desta última maneira; e entre todas as mulheres que podia escolher para este fim, elegeu a Santíssima Virgem Senhora nossa, pela intervenção da qual, o Salvador das nossas almas seria não somente homem, mas filho do género humano.

Além disso, a divina Providência resolveu criar todas as outras coisas tanto naturais como sobrenaturais para serviço do Salvador, para que os Anjos e os homens pudessem, servindo-o, participar da sua glória; depois disto, e ainda que Deus quisesse criar os Anjos e os homens com o livre arbítrio, dotados duma verdadeira liberdade de escolher o bem e o mal, todavia, para provar que a bondade divina os destinava à glória, criou-os todos na justiça original, a qual não era outra coisa senão um amor suavíssimo que os dispunha e encaminhava à felicidade eterna.

Mas, como essa suprema Sabedoria tinha deliberado juntar este amor original com a vontade das suas criaturas, de forma que o amor não forçasse a vontade mas lhe deixasse a sua liberdade, previu que uma parte, sem dúvida a menor, da natureza angélica, abandonando voluntariamente o santo amor, perderia por consequência a glória.

E, como a natureza angélica não podia fazer este pecado senão com uma malícia expressa, sem tentação nem motivo algum que a pudesse desculpar, e a maior parte desta mesma natureza se conservaria firme no serviço do Salvador, Deus, que tinha tão amplamente glorificado a sua misericórdia no desígnio da criação dos Anjos, quis também exaltar a sua justiça, e no furor da sua indignação resolveu abandonar para sempre estes desgraçados pérfidos, que na fúria da sua rebelião o tinham abandonado tão injuriosamente.

Previu também que o primeiro homem abusaria da sua liberdade, e que, desprezando a graça, perderia a glória; mas não quis tratar tão rigorosamente a natureza humana como deliberara tratar a natureza angélica.

Havia escolhido esta natureza humana para unir à sua Divindade, tomando dela uma parte bem-aventurada; viu que era uma natureza fraca, *sopro que passa e não torna* (1) isto

(1) Ps. LXXVII, 39.

é, que se dissipa na sua passagem; atendeu à surpresa que o maligno e perverso Satanás fizera ao primeiro homem, e à grandeza da tentação que fora causa da sua queda, viu que todos os homens pereceriam pela falta dum só, e foi por esta razão que se compadeceu da nossa natureza e resolveu usar de misericórdia para com ela.

Mas para que a suavidade da sua misericórdia fosse ornada com a beleza da sua justiça, deliberou salvar o homem por uma rigorosa redenção, e como esta não podia efectuar-se senão por meio de seu Filho, determinou que Ele resgataria os homens, não só por um dos seus actos de amor, que teria sido mais que suficiente para resgatar mil milhões de mundos, mas ainda por todos os actos de amor e sofrimentos dolorosos que suportaria, *até à morte e morte de Cruz* ⁽¹⁾, à qual o destinou, querendo que deste modo se fizesse o companheiro das nossas misérias, para depois nos fazer companheiros da sua glória; *descobrimo as riquezas de sua bondade* ⁽²⁾, por esta *copiosa redenção* ⁽³⁾, abundante, superabundante, magnífica e excessiva, que nos adquiriu, e, para assim dizer, nos readquiriu todos os meios necessários para alcançarmos a glória, de maneira que ninguém pudesse jamais, queixar-se, como se a misericórdia divina faltasse a alguém.

CAPÍTULO V

A Providência divina proporcionou aos homens uma redenção abundantíssima

Dizendo que Deus viu e quis uma coisa primeiro, e depois outra, observando ordem em suas vontades, refiro-me ao que precedentemente demonstrei ⁽⁴⁾, isto é, que embora

(1) Philip., II, 8. — (2) Rom., II, 4, IX, 23, — (3) Ps. CXXIX, 7.
— (4) Cap. II.

tudo isto se tenha passado num só e simplicíssimo acto, todavia por este acto, a ordem, a distinção e a dependência das coisas não foi menos bem observada do que se tivesse havido muitas acções no entendimento e na vontade de Deus.

Partindo, pois, do princípio que qualquer vontade bem ordenada, resolvendo-se a querer muitos objectos igualmente presentes, prefere o que é mais amável, segue-se que a soberana Providência, concebendo o plano de tudo o que projectara criar, quis primeiramente e amou o mais amável objecto do seu amor, que é o nosso Salvador, e depois, por ordem, as outras criaturas, segundo o serviço, a honra e a glória que cada uma Lhe presta.

Deste modo tudo foi criado para Jesus, que por isso é chamado o *Primogénito de toda a criatura* ⁽¹⁾, *possuído pela divina Majestade no princípio dos seus caminhos, antes que criasse coisa alguma* ⁽²⁾ *criada desde o princípio e antes dos séculos* ⁽³⁾; porque *n'Ele foram criadas todas as coisas e Ele existe antes de todas as coisas e todas as coisas subsistem n'Ele, e Ele é o chefe da Igreja, tendo a primazia em todas as coisas* ⁽⁴⁾.

O fim principal da plantação da vinha é o fruto; e portanto é o que se deseja antes de tudo, ainda que as folhas e as flores o precedem na produção.

Também o Salvador foi o primeiro nos desígnios divinos, e no projecto eterno que a divina Providência fez da criação dos seres; e em consideração deste fruto apetecido foi criado o universo, e estabelecida a sequência de gerações, que à maneira de folhas e flores o deviam preceder, como precursores e aprestes convenientes à produção desta uva que a Esposa sagrada louva tanto nos Cânticos ⁽⁵⁾, e cujo licor *regozija Deus e os homens* ⁽⁶⁾.

Ora, pois, meu Teotimo, quem poderá duvidar da abundância nos meios da salvação, visto que temos um tão grande Salvador, em consideração do qual fomos criados, e por cujos merecimentos fomos resgatados? Porque *«Ele morreu por todos»*, porquanto *«todos estavam mortos»* ⁽⁷⁾, e a sua

(1) Coloss., I, 15. — (2) Prov., VIII, 22. — (3) Eccli., XXIV, 14. — (4) Coloss., I, 16-18. — (5) Cap. I, 13. — (6) Judic., IX, 13. — (7) II Cor., V, 14, 15.

misericórdia foi mais salutar para o resgate da raça humana do que a miséria de Adão fôra venenosa para a perder.

E o pecado de Adão está tão longe de ter sobrepujado a bondade divina, que, pelo contrário, a excitou e provocou de modo que tomou novo vigor na presença do seu adversário, e como que reunindo todas as suas forças para vencer, fez *superabundar a graça onde abundara a iniquidade* ⁽¹⁾; de sorte que a santa Igreja, por um sublime excesso de admiração, exclama, na véspera da Páscoa ⁽²⁾: «O pecado de Adão, verdadeiramente necessário, pois foste apagado pela morte de Jesus Cristo! ó ditosa culpa, que mereceu ter um tão grande Redentor!»

Certamente, Teotimo, nós podemos dizer como aquele antigo ⁽³⁾: «Estávamos perdidos se não tivéssemos sido perdidos»; isto é, a nossa perda foi-nos proveitosa, porque na verdade a natureza humana recebeu mais graças pela redenção do seu Salvador, do que nunca teria recebido pela inocência de Adão, se ele houvesse perseverado nela.

Porque, embora a divina Providência, no meio da sua misericórdia, tivesse deixado no homem grandes sinais da sua justiça, como, por exemplo, a necessidade de morrer, as doenças, os trabalhos, a revolta da sensualidade, é certo que a graça celeste, superior a tudo isto, se compraz em volver todas estas misérias em proveito daqueles que a amam ⁽⁴⁾, fazendo nascer a paciência nos trabalhos, o desprezo do mundo na necessidade da morte, e mil vitórias sobre a concupiscência, de modo que, assim como o arco-iris, tocando o espinheiro aspalato, torna-o mais odorífero de que os lírios ⁽⁵⁾, assim também a redenção de Nosso Senhor, tocando as nossas misérias, torna-as mais úteis e mais amáveis do que nunca o teria sido a inocência original.

Os anjos têm mais alegria no Céu, diz o Salvador ⁽⁶⁾, *por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não hão mister de penitência*, e assim também o estado da redenção vale cem vezes mais que o da inocência.

(1) Rom., v, 20. — (2) In Præconio Paschali. — (3) Themistocles. Ver Plutarco, *Vita Themis.* § XXIX. — (4) Rom., VIII, 28. — (5) Plin., *Hist. nat.*, l. XII, c. XXIV (al LII). — (6) Lucæ, XV, 7.

A aspersão do Sangue de Nosso Senhor feita pelo *hissope* da Cruz, restituiu-nos uma alvura incomparavelmente superior à da inocência ⁽¹⁾, pois saímos, como Naaman ⁽²⁾, do rio de salvação, mais puros e limpos do que se nunca tivéssemos sido leprosos; para que a divina Majestade (como houve por bem ordenar-nos), não fosse *vencida pelo mal, mas vencesse o mal pelo bem* ⁽³⁾; para que a sua *misericórdia*, como um óleo sagrado, *triunfasse sobre o juízo* ⁽⁴⁾ e as suas *misericórdias excedessem todas as suas obras* ⁽⁵⁾.

CAPÍTULO VI

De algumas graças especiais concedidas pela divina Providência na redenção dos homens

Deus mostra admiravelmente, sem dúvida, a riqueza incompreensível do seu poder na grande variedade das coisas que vemos na natureza; mas apresenta, ainda mais magnificamente, os tesouros infinitos da sua bondade na prodigiosa diversidade dos bens que reconhecemos na ordem da graça.

Na sua misericórdia infinita, Teotimo, não se contentou com enviar ao seu povo, isto é, ao género humano, uma Redenção geral e universal, para que todos pudessem salvar-se; mas manifestou-a por tantas formas, que a sua liberalidade reluz em toda esta variedade, como esta variedade embeleza reciprocamente a sua liberalidade.

Deste modo, destinou primeiramente para sua santíssima Mãe uma graça digna do amor dum Filho, que, sendo a infinita sabedoria, onnipotência e bondade, devia preparar uma Mãe digna de Si, e por isso quis que a sua redenção lhe fosse aplicada à maneira de remédio preservativo, para que o pecado, que passava de geração a geração, a não maculasse.

(1) Ps. L, 9. — (2) IV Reg., V, 14. — (3) Rom., XII, 21. — (4) Jacob, II, 13. — (5) Ps. CXLIV, 9.

Maria foi, pois, tão excelentemente resgatada, que a torrente da iniquidade original querendo desencadear o seu furor sobre a concepção desta excelsa Senhora, com a mesma impetuosidade com que o faria sobre qualquer outro filho de Adão, teve que suspender súbitamente o seu curso, como fizera outrora o Jordão, no tempo de Josué ⁽¹⁾, e pelo mesmo motivo, porque este rio parou a sua corrente em reverência à passagem da Arca da Aliança, assim o pecado original retirou as suas águas, reverenciando e temendo a presença do verdadeiro Tabernáculo da eterna aliança.

Desta forma Deus livrou sua gloriosa Mãe do *cativeiro* ⁽²⁾, dando-lhe a felicidade dos dois estados da natureza humana, porque conservou a inocência, que o primeiro Adão havia perdido, e gozou exuberantemente da redenção que o segundo lhe adquiriu.

E como Maria era um jardim que devia produzir o fruto da vida, foi aformoseado com todas as perfeições, e deste modo o Filho do amor eterno adornou sua Mãe, *com um manto de ouro cercado de variedade para que ela fosse a rainha da sua dextra* ⁽³⁾, isto é, a primeira de todas as eleitas que gozaria das *delícias da dextra divina* ⁽⁴⁾.

E assim, esta sagrada Mãe inteiramente reservada a seu Filho, foi por Ele resgatada, não só da condenação, mas também de todo o perigo de condenação; assegurando-lhe a graça e a perfeição da graça, de maneira que ela caminhava *como a aurora, quando se levanta* ⁽⁵⁾, *vai adiante e cresce até o dia perfeito* ⁽⁶⁾.

Redenção admirável, obra prima do Redentor, e a primeira de todas as redenções, pela qual, o Filho, com um coração verdadeiramente filial, prevenindo sua Mãe de *bênçãos de doçura* ⁽⁷⁾, a preserva não só do pecado como aos anjos, mas também de todo o perigo de pecado, e de tudo que poderia afastá-la e retardá-la no exercício do santo amor.

E por isso afirma que entre todas as criaturas racionais que escolheu, esta Mãe *é a sua única pomba*, a sua *perfeita*, a sua *caríssima* ⁽⁸⁾ sem confronto nem paralelo.

(1) Josué, III, 16, 17. — (2) Ps. CXXV, 1. — (3) Ps. XLIV, 10. — (4) Ps. XV, 11. — (5) Cant., VI, 18. — (6) Prov., IV, 18. — (7) Ps. XX, 4. — (8) Cant., VI, 8, VII, 6.

Deus dispôs também de outras graças para um pequeno número de criaturas privilegiadas que quis livrar do perigo da condenação, como aconteceu a S. João Baptista, e muito provavelmente a Jeremias, e algumas outras, às quais a divina Providência colheu do seio materno, e imediatamente estabeleceu na perpetuidade da sua graça, para que permanecessem firmes no seu amor, embora sujeitas às fragilidades e aos pecados veniais, que são contrários à perfeição do amor, mas não ao mesmo amor.

E estas almas, em comparação das outras, são como rainhas sempre coroadas de caridade, ocupando o primeiro lugar no amor do Salvador, depois de sua Mãe, que é a Rainha das rainhas; Rainha, não somente coroada de amor, mas da perfeição do amor, e ainda mais, coroada do seu próprio Filho, que é o soberano objecto do amor, pois que os *filhos são a coroa* de seus pais e de suas mães ⁽¹⁾.

Há ainda outras almas que Deus julgou útil deixar por algum tempo expostas, não ao perigo de perder a salvação, mas ao perigo de perder o seu amor; e assim permitiu que elas o perdessem com efeito, não lhes assegurando o amor para toda a vida, porém somente para o fim dela e por certo tempo antes.

Tais foram os Apóstolos, David, Madalena e vários outros, que por um tempo viveram longe do amor de Deus, *mas finalmente uma vez convertidos* ⁽²⁾, foram confirmados na graça até à morte, de maneira que, ficando, é certo, ainda sujeitos a algumas imperfeições, foram isentos de todo o pecado mortal, e por conseguinte, do perigo de perder o amor divino.

Foram os sagrados amantes do Esposo celeste adornados do vestido nupcial do santíssimo amor de Deus, mas não coroados, porque a coroa é um ornamento da frente, isto é, da principal parte duma pessoa; e como a primeira parte da vida das almas desta categoria, foi sujeita ao amor das coisas terrenas, não podem cingir a coroa do amor celeste, mas basta-lhes o vestido que as torna dignas do leito nupcial do divino Esposo, e da eterna felicidade que se goza junto dele.

(1) Prov., XVII, 6. — (2) Luc., XXII, 32.

CAPÍTULO VII

A Providência divina é admirável na diversidade de graças que distribui aos homens

A Providência eterna houve-se com incomparável benevolência para com a Rainha das rainhas, a *Mãe do amor formoso* ⁽¹⁾, a única perfeita.

Dispensou também especiais mercês, graças e bênçãos aos homens e anjos, de cuja abundância todos foram orvalhados como de uma *chuva que cai sobre os justos e injustos* ⁽²⁾; todos foram esclarecidos, como *de uma luz verdadeira que alumia todo o homem que vem a este mundo* ⁽³⁾, todos receberam a sua parte, como de uma *semente que cai não só sobre a boa terra, mas no meio dos caminhos, entre os espinhos e sobre as pedras* ⁽⁴⁾, *de modo que todos fossem sem excusa* ⁽⁵⁾ perante o Redentor, se não aproveitassem esta abundantíssima redenção para sua salvação.

Porém, Teotimo, ainda que estas graças sejam assim derramadas sobre toda a natureza humana, e nisto sejamos todos iguais, pois tantas bênçãos nos são oferecidas a todos, é certo que a variedade destes favores é tão grande, que se não pode dizer o que é mais admirável, se a grandeza de todas as graças numa tal diversidade, ou a sua diversidade em tantas grandezas.

Quem não vê que os meios de salvação entre os cristãos são maiores e mais poderosos que entre os bárbaros, e que entre os cristãos há povos e cidades onde os pastores são mais prestadios e hábeis?

Ora, negar que estes meios exteriores são favores da Providência divina, ou pôr em dúvida que contribuam à salvação e à perfeição das almas, seria ser ingrato para com a

(1) Eccli., XXIV, 24. — (2) Mat., V, 45. — (3) Joan., I, 9. — (4) Mat., XIII, 38. — (5) Rem., I, 20.

celeste Bondade, e desmentir a verdadeira experiência que nos ensina que, de ordinário, onde abundam estes meios exteriores, os interiores têm mais eficácia e produzem melhor resultado.

Assim como não se encontram nunca dois homens perfeitamente parecidos nos dons naturais, também se não encontram iguais nos sobrenaturais.

Santo Agostinho ⁽¹⁾, e S. Tomás ⁽²⁾, asseguram que os Anjos receberam a graça segundo a variedade de suas condições naturais. Ora eles são todos, ou de diferente espécie, ou pelo menos de diversas condições, porque se distinguem uns dos outros: por conseguinte há tantas graças diferentes quantos são os anjos.

Com respeito aos homens, ainda que a graça lhes não seja dada segundo as suas condições naturais, todavia a divina Bondade, comprazendo-se, e para assim dizer, recreando-se na produção das graças, diversifica-as por infinitas formas, para que desta variedade se faça o formoso esmalte da sua redenção e misericórdia, como a Igreja canta na festa de cada Confessor Pontífice: *Não se achou outro semelhante a ele* ⁽³⁾. E como no Céu *ninguém conhece o novo nome senão quem o recebe* ⁽⁴⁾, porque cada um dos Bem-aventurados tem o seu nome particular, conforme o novo estado de glória que adquire; assim também na terra, cada um recebe uma graça particular, que todas são diversas.

Por isso o nosso Salvador compara a sua graça às *pérolas* ⁽⁵⁾, que, como diz Plínio ⁽⁶⁾, nunca são perfeitamente iguais; e como as *estrelas diferem umas das outras em claridade* ⁽⁷⁾, do mesmo modo serão os homens diferentes uns dos outros na glória, sinal evidente de o terem sido na graça.

Ora esta variedade na graça, ou essa graça na variedade, produz uma beleza e harmonia, que regozija a santa cidade de Jerusalém celeste.

(1) I, Pars. Qu. LXII, art. VI, sensut., 1, I (dist. XVII) et alibi. — (2) As palavras de Santo Agostinho (De Civit. Dei lib. XI, cc. IX, XVI, lib. XII, c. IX) encerram implicitamente a doutrina ensinada por S. Tomás sobre esta matéria. — (3) Eccli., XLIV, 20. — (4) Apoc., II, 17. — (5) Mat., XIII, 44, 46. — (6) Hist., nat., I, IX, c. XXXV (al. LVI). — (7) I Cor. XV, 41.

Mas importa muito não procurar investigar por que motivo a suprema Sabedoria distribuiu uma graça a um antes que a outro, nem por que razão trasbordou os seus favores mais num lugar que em outros.

Não, Teotimo, não tenhais nunca esta curiosidade: porque, se todos recebem suficiente e abundantemente o que é necessário para a salvação, que razão de queixa pode ter o homem, por distribuir Deus as suas graças com mais liberalidade a uns do que a outros?

Se alguém perguntasse qual a causa porque Deus fez os lírios maiores que as violetas, porque razão o alecrim não é uma rosa e o cravo não é um malmequer, porque motivo o pavão é mais belo que um morcego, ou porque é o figo doce, e o limão ácido, escarneceriam de suas perguntas, e dir-lhe-iam: Pobre homem, já que a beleza do mundo requer a variedade, é preciso que haja diferentes e desiguais perfeições nas coisas, e que uma não seja a outra; eis porque umas são pequenas, outras grandes; umas acres, outras doces; umas mais e outras menos belas.

Dá-se o mesmo com as coisas sobrenaturais: *cada pessoa tem o seu dom; um dum modo e outro doutro*, diz o Espírito Santo (¹).

É, pois, um dislate querer investigar porque razão S. Paulo não teve a graça de S. Pedro, nem S. Pedro a de S. Paulo, porque motivo Santo Antão não foi Santo Atanásio, nem Santo Atanásio S. Jerónimo.

A Igreja é um jardim matizado de flores, e é preciso que as haja de diversos tamanhos, de diversas cores, de diversos aromas, numa palavra, de diferentes perfeições; todas têm o seu valor, a sua graça, o seu esmalte; e todas, no conjunto de suas variedades, produzem a beleza.

(¹) I Cor., VII, 7.

CAPÍTULO VIII

Quanto Deus deseja que o amemos

Posto que a Redenção do Salvador nos seja aplicada por tantas maneiras diferentes, quantas são as almas que existem, é todavia certo, que o amor é o meio universal da nossa salvação, que se introduz em tudo e sem o qual nada pode ser salutar, como adiante diremos ⁽¹⁾.

Por isso mesmo o *Querubim* foi colocado à *porta do Paraíso* terrestre com a *espada de fogo* ⁽²⁾, para nos ensinar, que ninguém entrará no Paraíso celeste, sem que seja traspassado pela seta do amor.

Por isso, Teotimo, o dulcíssimo Jesus, que nos resgatou com o seu sangue, deseja infinitamente que o amemos, para alcançarmos a salvação eterna; e deseja que nos salvemos para o amarmos eternamente, porque o seu amor aspira à nossa salvação e a nossa salvação ao seu amor. *Vim*, diz Ele ⁽³⁾, *para trazer o fogo à terra*; e que posso eu desejar senão *que ele se acenda*?

E para melhor nos declarar o ardor do seu desejo, ordena-nos este amor em termos admiráveis: *Tu amarás*, disse Ele ⁽⁴⁾, *o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todas as tuas forças: eis o primeiro e o maior mandamento*. Ah! Teotimo, como o divino Coração é apaixonado pelo nosso amor! Não teria sido bastante que ele nos houvesse permitido amá-lo, como Labão permitiu a Jacob amar a sua formosa Raquel, e de a ganhar por seus serviços? Mas não; faz mais, declara-nos antes a sua terna paixão para connosco, e nos ordena que o amemos com todas as nossas forças; para que a consideração da Sua Majestade e da nossa miséria, que produz uma tão infinita disparidade e desigualdade entre Deus e a criatura, ou outro qualquer pretexto, nos

⁽¹⁾ Livro X, c. I e livro XI. — ⁽²⁾ Gen., III, 24. — ⁽³⁾ Luc., XII, 49. — ⁽⁴⁾ Mat., XXII, 37-38.

não desviassem de o amar. E assim claramente prova, Teotimo, que não foi inútilmente que nos deixou a inclinação natural de o amarmos: insiste que a empreguemos por este mandamento geral; e não deixa de dar com abundância aos homens os meios de que carecem para este fim.

O sol anima tudo com o seu calor vivificante, dá o vigor necessário para as coisas inferiores produzirem; e do mesmo modo a divina Bondade anima todas as almas, e excita todos os corações ao seu amor, sem *que ninguém esteja escondido ao seu calor* ⁽¹⁾. A Sabedoria eterna, diz Salomão ⁽²⁾, *ensina em público, faz ouvir sua voz nas praças; grita à testa dos ajuntamentos do povo, à entrada das portas da cidade profere as suas palavras dizendo: Até quando amareis, ó crianças, a infância, os insensatos cubiçarão as coisas que lhe são nocivas, e os imprudentes aborrecerão a ciência? Convertel-vos às minhas correções, eis aqui vou eu a propor-vos o meu espírito e a intimar-vos as minhas palavras.* E esta mesma Sabedoria continua em Exequiel ⁽³⁾, exclamando: *Que ninguém diga: Os meus pecados estão sobre mim; como poderei viver?*

Ah não! Porque, eis que Deus diz: *Eu juro por minha vida, que não quero a morte do ímpio, mas que se converta do seu caminho e que viva.*

Ora viver segundo Deus, é amar, e *aquele que não ama permanece na morte* ⁽⁴⁾. Vêde, pois, Teotimo, se Deus deseja que o amemos. E não se contenta em anunciar assim o seu extremo desejo de ser amado publicamente, de forma que possa cada um tomar parte no seu amável convite, mas vai mesmo de porta em porta batendo e protestando que *se alguém abrir entrará em sua casa, e ceiará com ele* ⁽⁵⁾, isto é, testemunhar-lhe-á toda a sorte de benevolência. Que quererá dizer tudo isto, Teotimo, senão que Deus não nos dá só uma simples suficiência de meios para o amar, e amando-o salvar-nos, mas uma suficiência tão rica, ampla e magnífica como era de esperar de tão grande bondade, como a sua?

O grande Apóstolo, falando ao pecador obstinado: *Desprezas, lhe diz* ⁽⁶⁾, *as riquezas da bondade, da paciência*

(1) Ps., XVIII, 7. — (2) Prov., I, 20-23. — (3) Cap., XXXIII, 10-11. — (4) I Joan., III, 14. — (5) Apoc., III, 20. — (6) Rom., II, 4-5.

e da longanimidade de Deus? Ignoras que a benignidade de Deus te convida à penitência? Mas tu pela tua dureza e coração impenitente entesouras para ti ira no dia da ira.

Meu caro Teotimo, Deus para converter os obstinados emprega todas as riquezas da sua bondade. O Apóstolo opõe as riquezas da bondade de Deus aos tesouros da malícia do coração impenitente, e diz que o coração malicioso é tão rico em iniquidade, que até despreza as riquezas da benignidade com que Deus o atrai à penitência. E notai que não são só as riquezas da bondade divina, que o obstinado despreza, mas as riquezas que atraem à penitência, riquezas que se não podem ignorar de boa fé.

Vemos na Sagrada Escritura por quase toda a parte este divino Amante à porta do nosso coração, não só batendo, mas esperando e chamando a alma: *Eia, levanta-te, minha amada, apressa-te, e põe a sua mão na fresta a ver se consegue que lha abram* ⁽¹⁾. *Se prega no meio das praças* ⁽²⁾, não se contenta de pregar, mas vai clamando, repetidas vezes. Se brada que se convertam, parece-lhe que o não repete assaz: *Convertet-vos, convertet-vos, fazei penitência, volvei a mim; vivei, porque morrereis vós, casa de Israel?* ⁽³⁾ Numa palavra, este divino Salvador nada esquece para mostrar que as suas misericórdias estão acima de todas as suas obras ⁽⁴⁾; que a sua misericórdia triunfa sobre o juízo ⁽⁵⁾, que é copiosa a sua redenção ⁽⁶⁾, que o seu amor é infinito, e, como diz o Apóstolo ⁽⁷⁾, que é rico em misericórdia, e por consequência *quereria que todos os homens fossem salvos* ⁽⁸⁾, e que nenhum perecesse.

⁽¹⁾ Cant., II, 10, V, 4. — ⁽²⁾ Supra. — ⁽³⁾ Ezech., XVIII, 30-32, XXXIII, 11. — ⁽⁴⁾ Ps., CXLIV, 9. — ⁽⁵⁾ Jacobi., II, 13. — ⁽⁶⁾ Ps., CXXIX, 7. — ⁽⁷⁾ Ephes., II, 4. — ⁽⁸⁾ I Tim., II, 4.

CAPÍTULO IX

**O eterno amor de Deus para connosco predispõe
os nossos corações por sua inspiração,
para que o amemos**

Com amor eterno te amei, por isso me compadeci de ti, te atraí a mim e de novo te edificarei, e serás edificada, Virgem de Israel ⁽¹⁾. São palavras de Deus, pelas quais Ele promete que o Salvador vindo ao mundo, estabelecerá um novo reino na sua Igreja, que será sua esposa virgem e verdadeira Israelita espiritual.

Ora, como vedes, Teotimo, isto *não foi por nenhum merecimento das obras que tivéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia* nos salvou ⁽²⁾; por aquela antiga, ou antes eterna caridade, que moveu a sua divina Providência a atrair-nos a si; porque, se o Pai nos não tivesse chamado, nunca nos teríamos aproximado do Filho nosso Salvador ⁽³⁾, nem por consequência teríamos podido alcançar salvação.

Há certas aves, Teotimo, que Aristóteles chama ápodas ⁽⁴⁾, porque têm as pernas extremamente curtas, e os pés tão fracos, que não podem servir-se deles, de sorte que quando caem no chão ali ficam sem que por si mesmos possam retomar o voo, visto não poderem fazer uso das pernas nem dos pés para se lançarem ao ar, e por conseguinte jazem inertes e morrem, a não ser que algum vento propício as levante da terra, como faz a muitas outras coisas. Se elas, correspondendo a este movimento e primeiro impulso que o vento lhes dá, fazem uso das asas, e levantam voo, o mesmo vento continua a auxiliá-las, impelindo-as cada vez mais a voar.

(1) Jerem., XXXI, 3-4. — (2) Tit., III, 5. — (3) Joan., VI, 44.

(4) De Hist. Anim., I, I c. I. Ápode (Hirundo riparia) é uma espécie de andorinha do mar cujos pés são mui curtos.

(Nota do tradator).

Os Anjos, Teotimo, são como as aves, que por sua beleza e raridade se chamam aves do Paraíso, que nunca foram vistas na terra senão mortas, porque estes espíritos celestes apenas trocaram o amor divino pelo amor próprio, imediatamente caíram como mortos, sepultados nos infernos. O que a morte faz aos homens separando-os para sempre desta vida mortal, assim fez o pecado aos anjos separando-os para sempre da vida eterna. Nós, os homens, parecemo-nos mais com os ápodes, porque, se nos acontece pela ofensa a Deus abandonar a santa aragem do amor divino para nos prendermos às criaturas, morremos certamente, mas não duma morte tão completa que nos não fique algum movimento, e com ele certos pequenos affectos que nos podem animar a fazer algumas tentativas de amor.

Contudo a nossa fraqueza neste caso é tão grande que já não podemos por nós mesmos desprender os corações do pecado, nem retomar o voo do amor divino.

Por certo mereceríamos ser abandonados por um Deus, que tão deslealmente ofendemos, mas o seu eterno amor não permite muitas vezes à sua justiça empregar este castigo; e então a bondade divina procura retirar-nos da desgraça, enviando o vento favorável da sua santíssima inspiração, a qual, excitando com doce violência e elevando os pensamentos, impele os nossos affectos para a atmosfera do divino amor.

Este primeiro impulso ou comoção, que Deus opera nos corações para excitá-los ao bem, produz-se em nós, mas não por nós; porque aparece de improviso, sem que nisso tenhamos pensado, nem podido pensar. *Não somos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento que diga respeito à nossa salvação; mas toda a nossa capacidade vem de Deus* ⁽¹⁾, que nos amou para que *fôssemos santos* ⁽²⁾, e por isso nos previne *com as bênçãos da sua doçura* ⁽³⁾ paternal e excita-nos ao arrependimento e à conversão.

Vede, Teotimo, o pobre príncipe dos Apóstolos inteiramente insensível em seu pecado, na triste noite da Paixão de seu Mestre, não pensando em se arrepender, como se

(1) II Corint., III, 5. — (2) Ep., I, 4. — (3) Ps., XX, 4.

nunca houvera conhecido o seu divino Salvador; e, como um miserável ápole, deitado por terra, não se teria nunca levantado, se o galo, como instrumento da divina Providência, lhe não houvesse ferido os ouvidos com seu canto, ao mesmo tempo que o doce Redentor, lançando um olhar como uma seta de amor, traspassava aquele coração de pedra, que tantas águas depois verteu ⁽¹⁾, como a antiga pedra quando foi tocada por Moisés no deserto!

Vede ainda esse venerando Apóstolo *dormindo* na prisão de Herodes, *atado com duas cadeias*; ali está na qualidade de mártir, e todavia representa o pobre pecador adormecido no meio do crime, prisioneiro e escravo de Satanás. Quem o livrará? O Anjo desce do Céu, *e batendo na ilharga* do grande S. Pedro, prisioneiro, *acorda-o dizendo: Eia, levanta-te* ⁽²⁾.

A inspiração vem do Céu como um Anjo, e caindo a prumo sobre o coração do pobre pecador, excita-o a levantar-se da sua iniquidade.

Não é, pois, verdade, meu caro Teotimo, que esse primeiro impulso e abalo que a alma sente, quando Deus a acorda e excita a deixar o pecado, para volver a Ele, se opera em nós e para nós, mas não por nós? Acordamos, mas não acordamos por nós mesmos, foi a inspiração que nos acordou, e para nos acordar, abalou-nos e agitou-nos. *Eu dormia*, disse esta devota Esposa ⁽³⁾, e o meu Esposo, que é o *meu coração*, *velava*. Ah! ei-lo que me acorda, chamando-me pelo nome dos nossos amores, reconheço-o pela sua voz. É de sobressalto e de improviso que Deus nos chama e nos acorda por sua santíssima inspiração; neste início da graça celeste nada fazemos senão sentir o abalo «que Deus opera em nós», como diz S. Bernardo ⁽⁴⁾, mas «sem nós».

(1) Luc., XXII, 55, 62. — (2) Act., XII, 6-7. — (3) Cant., V, 2. — (4) De Grat., et Lib. arbit., c. XIV, initio.

CAPÍTULO X

Muitas vezes repelimos a inspiração e recusamos amar a Deus

Ai de ti Corozain! ai de ti Bethsaida! porque se em Tyro e Sidónia se tivessem operado as maravilhas que se realizaram em vós, muito tempo há que elas teriam feito penitência em cilício e em cinza: eis a palavra do Salvador (¹). Os habitantes de Corozain e Bethsaida, instruídos na verdadeira religião, e tendo recebido favores tão grandes que teriam podido converter os próprios pagãos, conservaram-se obstinados na sua cegueira, e não quiseram aproveitar-se das graças que lhes foram oferecidas, recusando esta santa luz com uma inexplicável resistência.

Por certo, no dia do juízo os Ninivitas e a rainha de Sabá se levantarão contra os Judeus e os condenarão; porque, sendo os Ninivitas idólatras e de nação bárbara, converteram-se à voz de Jonas, e fizeram penitência. E a rainha de Sabá, tendo ouvido falar da Sabedoria de Salomão, não obstante as preocupações inerentes ao governo dum reino, deixa tudo para vir ouvi-lo (²). Porém os Judeus que ouviram com seus ouvidos a divina sabedoria do verdadeiro Salomão, Salvador do mundo, que viram com seus olhos os seus milagres, que foram testemunhas das suas virtudes e objecto dos seus benefícios, endureceram-se no erro e resistiram à graça que lhes era oferecida. Considera mais uma vez, Teotimo, como os que receberam menos graças foram atraídos à penitência, e os que colheram maior cópia delas se obstinaram; os que tinham menos possibilidade de aprender vieram à escola da Sabedoria, e os que tinham para isso mais facilidade permaneceram na sua loucura.

Por conseguinte far-se-á o juízo por comparação, como o

(¹) Mat., XI, 21. — (²) Matt., XII, 41-42.

observam todos os doutores, o qual não pode ter por fundamento senão a resistência daqueles, que tendo sido favorecidos com tantas ou mais graças que outros, não correspondem à misericórdia; enquanto que outros assistidos de iguais ou mesmo de menores graças, têm seguido a inspiração, e feito penitência.

Como se poderia exprobrar com razão aos impenitentes a sua impenitência, senão pela comparação dos que se converteram?

Nosso Senhor mostra claramente, e todos os cristãos o compreenderão facilmente, que neste justo juízo os Judeus serão condenados por comparação com os Nínivitas; porque aqueles receberam muitos benefícios e não deram nenhuma prova de amor, receberam muitos socorros e não mostraram nenhum arrependimento; enquanto que estes, menos favorecidos, manifestaram muito amor, e com menos socorros fizeram muita penitência.

O grande Santo Agostinho dá magnífica luz a este discurso no duodécimo livro da *Cidade de Deus*, caps. VI, VII, VIII e IX, porque, ainda que considera particularmente os anjos, é fora de dúvida que neste ponto pôs os homens a par com eles.

Ora, no cap. VI, apresenta ele dois homens completamente iguais em bondade e em todas as coisas, agitados ambos por uma mesma tentação, e supõe que um possa resistir e o outro ceder ao inimigo. No cap. IX depois de provar que todos os anjos foram criados com caridade, e de reconhecer como coisa provável que a graça e a caridade tivesse sido igualmente proporcionada a todos ⁽¹⁾, pergunta porque razão uns perseveraram em sua bondade até alcançarem a glória, e outros abandonaram o bem, para se alistarem no mal a ponto de serem condenados. E ele mesmo responde que não se poderá explicar doutra forma, senão que uns perseveraram, pela graça do Criador, no

(1) Santo Agostinho não diz que todos os Anjos receberam o mesmo grau de graças, apenas afirma que a graça concedida aos espíritos celestes que se revoltaram contra Deus não era inferior à que foi distribuída aos Anjos fiéis das mesmas Jerarquias. Esta opinião não é nada contraditória à que é atribuída ao mesmo Santo na pág. 169.

amor casto que receberam em sua criação, e outros, de bons que eram, se tornaram maus por sua própria e única vontade,

Porém, se é verdade, como muito bem o prova ⁽¹⁾ S. Tomás, que a graça fosse diversificada nos anjos na proporção e segundo a variedade de seus dons naturais, os Serafins deviam ter recebido uma graça incomparavelmente superior à dos simples Anjos da última ordem. Como, pois, succedeu que alguns dos Serafins, até mesmo o primeiro de todos, segundo a opinião mais provável e comum dos Antigos, se tivessem corrompido, enquanto que uma grande multidão de outros anjos, inferiores em natureza e em graça, perseveraram tão perfeita e corajosamente? Porque razão caíu Lúcifer tão elevado por natureza, e tão exaltado pela graça, e como é que tantos anjos menos favorecidos, permaneceram em sua fidelidade? Certamente, os que perseveraram devem por isso dar a Deus todo o louvor, pois que por sua misericórdia os criou e conservou bons; porém, a quem deverão Lúcifer e todos os seus sequazes atribuir a sua queda, senão, como diz Santo Agostinho ⁽²⁾, à sua própria vontade, que pela sua liberdade, abandonara a graça divina que tão suavemente se lhes antecipara? *Como caíste do Céu ó grande Lúcifer, tu que brilhavas como uma bela aurora* ⁽³⁾ invisível, revestido da perfeita caridade como da aurora dum belo dia, que devia crescer até ao meio dia ⁽⁴⁾ da glória eterna? A graça não te faltou, tu a tiveste excelente como excelente entre todas foi a tua natureza, mas faltaste tu à graça; Deus não te havia privado da acção do seu amor, mas tu privaste o seu amor da tua cooperação; Deus não te teria nunca repellido, se tu não tivesses repellido a sua dilecção. Ó Deus, sumamente bom, vós nunca abandonais senão os que vos abandonam; jamais nos subtraís vossos dons, senão quando vos subtraímos nossos corações. Se nos atribuímos a glória da nossa salvação, roubamos os bens de Deus, como também desonramos a sua misericórdia se dissermos que ela nos faltou; ofendemos a sua liberali-

⁽¹⁾ Ubi supra, 0, VII.—⁽²⁾ In loco.—⁽³⁾ Is., XIV, 12.—⁽⁴⁾ Prov., IV, 18.

dade, se não confessamos os seus benefícios; blasfemamos da sua bondade, se dizemos que ela nos não assistiu e socorreu. Numa palavra, Deus clama bem alto e distintamente aos nossos ouvidos: *A tua perdição, ó Israel, vem de ti só, em mim está o teu auxílio* (1).

CAPÍTULO XI

Não depende da divina Bondade o não termos um grande amor

Se aproveitássemos as graças divinas, ó Teotimo, como em pouco tempo fariamos grandes progressos na santidade! Por mais abundante que seja a fonte, as águas não entram no jardim senão segundo a maior ou menor capacidade do respectivo cano. Ainda que o Espírito Santo, como fonte de água viva, aflua por todos os lados ao nosso coração, para nele derramar a sua graça, como Ele não quer que ela entre em nós senão pelo livre consentimento da nossa vontade, só a derramará na medida da nossa própria disposição e cooperação, como diz o sagrado Concílio (2), o qual chama à recepção dela, *recepção voluntária* (3).

Neste sentido S. Paulo nos exorta *a não recebermos a graça de Deus em vão* (4): porque, assim como um doente que, tomando na sua mão o remédio, o não engulisse para o introduzir no estômago, teria tomado o remédio, mas dum modo inútil e infrutuoso, do mesmo modo recebemos *a graça de Deus em vão* quando a recebemos à porta do coração, e não no consentimento do coração; porque deste modo a recebemos sem a receber, isto é, recebemo-la sem fruto, pois não basta sentir a inspiração, se não consentimos nela. E assim como, se o doente a quem se desse o remédio para a

(1) Oseas, XIII, 9. — (2) Sess. VI. can. IV. — (3) Sess. ead., cap. V. — (4) II Cor. VI, I.

não, o não tomasse todo, mas parte dele, também só parte do efeito se produziria, do mesmo modo, quando Deus nos envia uma inspiração grande e poderosa para abraçarmos o seu santo amor, se não a aceitamos em toda a sua extensão, ela só nos aproveitará na medida do nosso consentimento.

Sucede-nos recebermos a inspiração de fazermos muitas coisas, mas não aderimos a toda a inspiração, e somente a parte dela, como fizeram aqueles pobres homens do Evangelho com a inspiração que Nosso Senhor lhes deu de o seguir; quis um enterrar primeiro o pai, e o outro despedir-se dos seus ⁽¹⁾.

Enquanto a pobre viúva teve vasilhas vazias, não cessou de correr o azeite cuja multiplicação miraculosa Eliseu impetrara, mas, quando não houve mais vasilhas, cessou ele de correr ⁽²⁾. A medida que o nosso coração se dilata, ou, para melhor dizer, à medida que ele se deixa alargar e dilatar e não recusa o vácuo do seu consentimento à misericórdia divina, esta derrama sempre nele, e difunde sem cessar as suas sagradas inspirações, as quais, aumentando continuamente, nos fazem crescer mais e mais no amor sagrado; e quando não encontra este vácuo, porque deixamos de prestar o nosso consentimento, também cessa a inspiração.

Qual será, pois, a razão porque não estamos tão adiantados no amor de Deus como um Santo Agostinho, um S. Francisco de Assis, uma Santa Catarina de Génova, ou uma Santa Francisca Romana?

Ah! Teotimo, é porque Deus nos não faz esta graça. Mas porque é que Deus nos não faz esta graça? É porque não correspondemos, como devíamos, às suas inspirações. E porque não correspondemos? Porque, sendo livres, abusamos deste modo da nossa liberdade. Mas porque abusamos da nossa liberdade? Teotimo, não é mister ir mais longe, pois, como diz Santo Agostinho ⁽³⁾, a depravação da vontade não provém de nenhuma causa, mas da fraqueza da causa que produz o pecado. E não devemos pensar que se possa dar razão da falta que se comete com o pecado,

⁽¹⁾ Lucas, IX, 59, 61. — ⁽²⁾ IV Reg., IV, 1-6. — ⁽³⁾ De lib., arbit., I. II, § 20.

porque a falta não seria pecado, se não fosse cometida sem razão.

O piedoso fr. Rufino, tendo tido uma visão da glória que o grande S. Francisco alcançara por sua humildade, fez-lhe esta pergunta: «meu caro Pai, peço-vos me digais com verdade que opinião fazeis de vós mesmo. E o Santo respondeu: Julgo-me o maior pecador do mundo, o menor servo de Nosso Senhor. Mas, replicou fr. Rufino, como podeis dizer isso com consciência, se muitos outros, como claramente se vê, cometem grandes pecados de que pela graça de Deus estais isento? Ao que S. Francisco respondeu: Se Deus tivesse favorecido esses, de quem falaís, com tantas misericórdias como me favoreceu a mim, estou certo de que, por muito maus que agora sejam, teriam sido muito mais reconhecidos aos dons de Deus, e o serviriam muito melhor do que eu o sirvo; e se o meu Deus me abandonasse, cometeria mais crimes do que o maior pecador» (1).

Vede, Teotimo, a opinião deste homem, que quase não foi homem, mas um Serafim sobre a terra. Sei que ele falava deste modo de si mesmo por humildade, mas também porque tinha como verdade certa, que uma graça igual feita com igual misericórdia, pode ser mais útilmente aproveitada por um pecador do que por outro. Ora, eu considero como um oráculo o sentir deste grande doutor na ciência dos santos, formado na escola do Crucifixo.

Esta opinião tem sido louvada e repetida por todos os insignes místicos que vieram após o seráfico Assis, e muitos de entre eles entenderam que o grande Apóstolo S. Paulo dissera, no mesmo sentido, que era o *primeiro* de todos os *pecadores* (2).

A bem-aventurada madre Teresa de Jesus, esta angélica Virgem, falando da oração de quietude ou repouso, diz estas palavras (3): «Muitas almas chegam até este estado, mas é pequeníssimo o número das que passam além, e não sei dizer a causa disto. Por certo a falta não é da parte de Deus, pois creio que a sua divina Majestade, que nos auxilia

(1) Crónica, Fratr., Min., 1, I, c. LXVIII. — (2) I-Thim., I, 15. — (3) C. 15 da sua vida.

e concede a graça de chegarmos até este ponto, não deixaria de nos conceder ainda mais graças, se da nossa parte e só por culpa nossa nos não opuséssemos». Sejam, pois, atentos, Teotimo, em caminhar no amor que devemos a Deus; porque o amor que Ele tem por nós jamais nos faltará.

CAPÍTULO XII

A graça divina deixa-nos a plena liberdade de a seguir ou de a repelir

Não falarei aqui, meu caro Teotimo, daquelas graças miraculosas que quase num momento transformaram os lobos em pastores, os rochedos em água, e os perseguidores em pregadores. Ponho de parte essas assombrosas vocações, e essas graças santamente violentas, por meio das quais Deus, num rápido instante, passou algumas almas de eleição dos extremos da culpa aos extremos da graça, operando nelas, para assim dizer, uma certa transubstanciação moral e espiritual, como sucedeu ao grande Apóstolo, que de Saulo, vaso de perseguição, se tornou súbitamente Paulo, *vaso de eleição* ⁽¹⁾. Convém dar um lugar distinto a estas almas privilegiadas, que Deus inundou com suas graças, prodigalizando-lhes o seu amor, se é lícito falar assim.

A justiça divina flagela-nos neste mundo com castigos, que, por serem ordinários, são também quase sempre desconhecidos e imperceptíveis; algumas vezes, porém, produz dilúvios e abre abismos, para fazer reconhecer e temer a severidade da sua indignação. Do mesmo modo, a sua misericórdia converte e deleita ordinariamente as almas por uma forma tão branda, suave e delicada, que mal se percebe o seu influxo.

Todavia, sucede algumas vezes que, como um rio trans-

(1) Act., IX, 15.

borda e inunda a planície quando engrossado e apertado pelas margens, assim a Bondade divina, ultrapassando as balizas ordinárias, produz uma efusão de graças tão impetuosa e amorosa, que num momento cobre e enche inteiramente a alma de bênçãos. Desta maneira mostra por um lado as riquezas do seu amor, e por outro que, assim como a justiça opera geralmente por via ordinária, e algumas vezes por caminhos extraordinários, assim também a sua misericórdia pratica o exercício da liberalidade, por via ordinária sobre o comum dos homens, e por meios extraordinários sobre alguns.

Quais são os atractivos ordinários com que a divina Providência costuma arrastar os nossos corações para o seu amor? São aqueles que ela mesma indica, ao descrever os meios de que usou para arrancar o povo de Israel do Egipto e do deserto, e conduzi-lo à terra da promessa: *Eu os atrairei*, diz pela boca do profeta Oseas ⁽¹⁾, *com os laços da humanidade, com laços de caridade e da amizade*. Sem dúvida, Teotimo, nós não somos atraídos a Deus com cadeias de ferro, como sucede com os bois e os búfalos, mas por meio de doces afagos, de affectuosos impulsos e de tantas inspirações, que são, em suma, os *laços de Adão e da humanidade*; isto é, proporcionadas e adequadas ao coração humano a quem a liberdade é natural.

A vontade humana é arrastada pela voluptuosidade e o prazer. «Mostram-se nozes a um menino» diz Santo Agostinho ⁽²⁾ «e ele é atraído pelo gosto; isto é, pelo laço, não do corpo, mas do coração». Vede como o Pai Eterno nos chama; ensinando-nos, deleita-nos com sua palavra sem nos impor necessariamente a sua vontade; lança nos nossos corações delícias e prazeres espirituais, como sagrados engodos, com que nos atrai suavemente a receber e a saborear a doçura da sua doutrina.

Desta forma, caríssimo Teotimo, o nosso livre arbítrio de modo algum é forçado ou violentado pela graça; não obstante o poderosíssimo vigor da misericordiosa mão de Deus, que toca, rodeia a alma com tantas e tantas inspira-

(1) Cap. XI, 4. (Juxta Septuag. et alios). — (2) Tract., in Joan., c. XXVI, § 5.

ções, avisos e incitamentos, a vontade humana permanece perfeitamente livre, independente e isenta de toda a sorte de constrangimento e de violência. A graça é tão fagueira e prende tão afavelmente os nossos corações para os atrair, que em coisa alguma prejudica a liberdade da vontade; apenas estimula poderosa mas tão delicadamente as energias do espírito, que o livre arbítrio não recebe com isso violência alguma. A graça dispõe de forças, não para obrigar, mas para cativar o coração; dispõe duma santa violência, não para violentar, mas para apaixonar a liberdade; procede fortemente, mas com tanta suavidade, que a vontade não se sente esmagada sob uma tão poderosa acção; incita-nos, mas não nos oprime a liberdade, porque nós podemos pelas nossas forças consentir ou resistir aos seus movimentos, se assim nos apraz.

Mas o que é tanto mais admirável quanto verdadeiro, é que, quando a vontade corresponde à graça, é tão livre como quando lhe resiste, embora a correspondência à graça dependa mais da graça do que da vontade, e a resistência só depende da vontade.

Eis como é carinhosa a mão de Deus no manejo do nosso coração, e hábil em nos comunicar a sua força, sem nos sequestrar a liberdade, dando-nos o impulso do seu poder sem impedir o do nosso querer, e harmonizando o seu poder com a sua suavidade. *Se tu conhecesses o dom de Deus*, disse o Salvador à Samaritana ⁽¹⁾, *e quem é aquele que te diz: dá-me de beber, tu mesma lha pedirias e ele te daria a ti da água viva*.

Vede, Teotímo, o traço distintivo do Salvador, quando fala dos seus atractivos: *Se tu conhecesses o dom de Deus*, sem dúvida te sentirias impelida e atraída a pedir a *água da vida eterna*, e talvez lha pedirias; como se dissesse: tu terias o poder e serias movida a pedi-la, sem ser forçada nem obrigada a fazê-lo, *mas talvez* a pedisses, pois ficar-te-ia sempre a liberdade de a pedir, ou de a não pedir. Tais são as palavras do Salvador, segundo a edição ordinária, e segundo a lição de Santo Agostinho sobre S. João ⁽²⁾.

(1) Joan., IV, 10. — (2) Tract., XV, § 12.

Numa palavra, «se alguém dissesse que o nosso livre arbítrio não coopera, aderindo às promoções da graça, ou que não pode rejeitar a graça nem recusar-lhe o seu consentimento», impugnaria toda a sagrada Escritura, todos os antigos Padres, as lições da experiência, e seria excomungado pelo sagrado concílio de Trento ⁽¹⁾. Porém, quando se afirma que podemos rejeitar a inspiração celeste e as graças divinas, isto não quer dizer que se possa impedir a Deus de nos inspirar, e de atrair com as suas graças os nossos corações: pois como já disse ⁽²⁾, isto dá-se «em nós» e «sem nós», são mercês que Deus nos concede, antes que nelas tenhamos pensado. Acorda-nos quando dormimos, e por conseguinte achámo-nos acordados antes de nisso termos pensado; mas depende de nós o levantar-nos, ou não; pois ainda que Ele nos tenha acordado sem nós, não quer levantar-nos sem nós. Resistimos ao despertar quando nos não levantamos e tornamos a adormecer, pois que ninguém nos acorda senão para nos fazer levantar. Não podemos impedir que a inspiração nos provoque e por consequência nos agite; mas se, à medida que ela nos excita, a repelimos, para não seguirmos o seu impulso, então lhe resistimos.

Do mesmo modo, o vento, tendo colhido e levantado as aves ápodas, não as levará para muito longe se elas não estenderem as asas e não cooperarem, elevando-se e voando no espaço em que foram lançadas. Mas, se, ao contrário, engodadas talvez por qualquer verdura que vejam cá na terra, ou entorpecidas, em lugar de auxiliarem o vento, conservam as asas dobradas, e se atiram de novo para terra, terão sem dúvida recebido o impulso do vento, mas inútilmente, pois que dele se não aproveitaram.

Portanto as inspirações precedem-nos; antes que nelas tenhamos pensado, fazem-se sentir; mas depois de as termos sentido, a nós compete consentir, secundando-as e seguindo os seus atractivos, ou dissentir, repelindo-as, porque se fazem sentir a nós, sem nós, mas não nos fazem consentir sem nós.

(1) Sess., VI, can. IV. — (2) Chap., IX.

CAPÍTULO XIII

Primeiros sentimentos de amor que as graças divinas produzem na alma, antes de ela ter a fé

O vento que levanta os ápodas, agita-lhes em primeiro lugar as penas, como partes mais leves e susceptíveis da sua acção, move-lhes as asas, estendendo-as e desdobrando-as, de forma que lhe sirvam de presa para segurar a ave e arremessá-la para o ar. Se o ápode, assim arrebatado, ajuda com o movimento de suas asas o vento, este o ajudará a voar mais e mais facilmente. Do mesmo modo, meu caro Teotimo, quando a inspiração, como um vento sagrado, nos impele para a atmosfera do santo amor, move a vontade, e pela impressão de um certo gozo celeste, enternece-a, dilatando e desenvolvendo a inclinação natural que ela tem para o bem, de forma que esta mesma inclinação lhe sirva de meio para prender o nosso espírito; e tudo isto, como já disse, se faz «em nós e sem nós», porque é a graça divina que nos precede desta maneira.

Se o espírito assim santamente predisposto, e sentindo as asas da sua inclinação enlevadas, dilatadas, impelidas e agitadas por esse ventô celeste, concorre, por pouco que seja, com o seu consentimento, então a mesma graça que nos cativou, juntando a sua acção ao nosso consentimento, animando os nossos débeis movimentos com a força do seu impulso, e vivificando a nossa mesquinha cooperação, nos ajudará, conduzirá e acompanhará de amor em amor, até ao acto da santíssima fé, exigido para a nossa conversão.

Oh céus! como é consolador, Teotimo, considerar o sagrado método pelo qual o Espírito Santo esparge nos corações os primeiros raios e impressões da sua luz e calor vital! Ó Jesus, que delicioso prazer não é o de vermos o amor celeste, que é o sol das virtudes, quando pouco a pouco, por progressos quase insensíveis, vai projectando a sua luz sobre uma alma, e não descansa enquanto a não vê

revestida do esplendor da sua presença, dando-lhe, enfim, a perfeita beleza do seu dia! Oh! como é bela, risonha, graciosa e agradável esta alvorada! Porém, é bem certo que a alvorada não é dia, ou, se é dia, é o princípio do dia, antes que o próprio dia.

E assim, também os movimentos de amor que precedem o acto de fé exigido para nossa justificação, ou não são amor propriamente dito, ou, então, são um amor imperfeito; são os primeiros rebentos verdejantes, que a alma aquecida pelo sol celeste, como árvore mística, começa a lançar na primavera; antes preságios de frutos do que frutos.

S. Pacómio ⁽¹⁾, quando era ainda soldado muito jovem, e sem conhecimento de Deus, alistado sob a bandeira do exército que Constâncio levantara contra o tirano Maxêncio, veio com o regimento a que pertencia aquartelar-se perto duma pequena cidade, não muito distante de Thebas, onde, não somente ele, mas todo o exército se achou em extrema penúria de víveres.

Tendo isto chegado ao conhecimento dos habitantes da pequena cidade, que por um feliz acaso eram fiéis a Jesus Cristo, e por consequência amigos e caritativos para com o próximo, imediatamente forneceram aos soldados tudo o que precisavam, mas com tanta solicitude, urbanidade e desvelo, que Pacómio, transportado de admiração, perguntou que nação era aquela, tão benévola, afável e generosa. Disseram-lhe que eram Cristãos, e inquirindo novamente sobre a lei e maneira de viver deles, soube que acreditavam em Jesus Cristo, Filho único de Deus, e que faziam bem a toda a sorte de pessoas, com a firme esperança de receber uma ampla recompensa no Céu. Ah! Teotimo, o pobre Pacómio, apesar da sua boa índole, dormia ainda nesse tempo no leito da infidelidade; e eis que de repente, Deus bate à porta do seu coração, e pelo bom exemplo daqueles cristãos, como por uma doce voz, chama-o, acorda-o, e dá-lhe a primeira impressão do calor vital do seu amor. Apenas ouviu falar, como acabo de dizer, da amantíssima lei do Salvador, cheio duma

(1) Vitæ Patrum, 1, I, Vite S. Pachomii c. IV.

nova luz e consolação, retirou-se à parte, e reflectindo algum tempo em si mesmo, levantou as mãos ao céu, e com um profundo suspiro, exclamou: «Ó Senhor Deus, que fizestes o céu e a terra, se vos dignardes lançar os vossos olhos sobre a minha baixeza, e sobre a minha aflicção, para me dardes o conhecimento da vossa Divindade, prometo servir-vos, e obedecer toda a minha vida aos vossos mandamentos». Depois desta súplica e promessa, o amor do verdadeiro bem e da piedade tomou um tal aumento nele, que nunca mais cessou de praticar mil e mil exercícios de virtude.

Parece-me ver neste exemplo um rouxinol, que, acordando à primeira alvorada, começa a sacudir-se, a estender e a desdobrar as asas, a esvoaçar de ramo em ramo, e pouco a pouco a trinar os seus deliciosos gorjeios.

Pois não notastes, como o bom exemplo daqueles caritativos cristãos excitou e despertou em sobressalto o ditoso Pacómio? Por certo aquele transporte de admiração que ele teve, outra coisa não foi, senão o seu acordar, pelo qual Deus tocou, como o sol toca a terra, com um raio da sua luz, que o encheu dum grande sentimento de gozo espiritual.

Eis porque Pacómio se sacode dos divertimentos, para com mais atenção e facilidade recolher e saborear a graça recebida, retirando-se à parte para nela pensar; depois dilata o coração, e estende as mãos para o céu, para onde o atrai a inspiração, e começando a desdobrar as asas dos seus affectos, esvoaçando entre a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus, entoa dum modo humildemente amoroso, o cântico da sua conversão, pelo qual testemunha, em primeiro lugar, que já conhece um só Deus Criador do céu e da terra. E como sabe que o não conhece ainda bastante para o servir bem, supplica lhe seja concedido um maior conhecimento para chegar ao perfeito serviço de sua divina Majestade.

Vede, Teotimo, como Deus opera suavemente, reforçando pouco a pouco a graça da sua inspiração dentro dos corações que lhe correspondem, atraindo-os a si como de degrau em degrau, sobre aquela misteriosa escada de Jacob. Mas quais são os seus atractivos? O primeiro, pelo qual se nos antecipa e nos acorda, faz-se por ele «em nós», e «sem nós»; todos os outros se fazem também por ele, e «em nós», mas não «sem nós».

Levai-me, diz a Esposa sagrada ⁽¹⁾, isto é, começai vós primeiro, porque eu não poderia despertar por mim mesma, não poderia mover-me se vós me não impelísseis; porém, quando me houverdes impellido, oh! então, caro Esposo da minha alma, *nós correremos* ambos: correreis adiante de mim, atraindo-me sempre mais e mais, e *eu vos seguirei* na carreira, cativada pelos vossos atractivos; não me arrastais para vós como uma escrava violentada, ou como uma carroça inanimada; mas atraís-me *com o aroma dos vossos perfumes*. Se vos sigo não é porque me arrastais, mas porque me cativais; as vossas graças são poderosas, mas não violentas, pois que toda a sua força consiste na sua doçura.

Os perfumes não têm outro poder para atrair senão o da sua suavidade, e a suavidade como poderá atrair senão suave e agradavelmente?

CAPÍTULO XIV

Amor divino que se recebe pela fé

Quando Deus nos dá a fé, entra na alma e fala ao espírito, não por discursos, mas por inspiração, propondo com tanto agrado o que se deve crer, que excita o entendimento a consentir e a aquiescer à verdade, sem hesitação nem desconfiança. Deus apresenta os mistérios da fé à alma entre obscuridades e trevas, de forma que não vemos as verdades, mas só as entrevemos; como acontece quando a terra está coberta de nevoeiro.

Então não podemos descortinar o sol, mas só vemos um pouco mais de claridade do lado em que ele está, de maneira que, por assim dizer, vemo-lo sem o ver, pois dum lado não o vemos o suficiente para podermos dizer que o vemos, e por outro não o vemos tão pouco que possamos dizer que o não

(1) Cant., I, 3.

vemos; é isto que chamamos entrever. E todavia, esta obscura claridade da fé entrando no espírito, não pela força do discurso nem pela aparência dos argumentos, mas só pela suavidade da sua presença, subjuga e domina o entendimento com tanta autoridade, que a convicção que nos dá da verdade, sobrepuja todas as outras convicções do mundo, e submete a tal ponto o espírito e todos os seus raciocínios, que estes, em comparação, já nenhum crédito merecem.

A fé, se assim me posso exprimir, é a grande amiga do espírito, e pode bem dizer às ciências humanas que se jactam de ser mais evidentes e mais claras do que ela, estas palavras que a Sagrada Esposa dizia às outras pastoras: *eu sou morena, mas formosa* ⁽¹⁾. Ó discursos humanos, ó ciências adquiridas, *eu sou morena*, porque apareço entre as obscuridades das simples revelações, que não têm evidência alguma visível, e me fazem parecer *negra*, tornando-me quase incognoscível, mas sou *formosa* em mim mesma por causa da minha infinita certeza, e se os olhos dos mortais me pudessem ver tal qual sou, achar-me-iam *formosíssima* ⁽²⁾.

Mas não será realmente necessário que eu seja infinitamente amável, já que as sombrias trevas e as espessas névoas, através das quais sou apenas entrevista, não me impedem de ser tão agradável, que o espírito, prezando-me acima de tudo, e rompendo a multidão de todos os outros conhecimentos, me dê um lugar e me receba como sua rainha, sobre o mais elevado trono do seu palácio, de onde dou a lei a toda a ciência, e submeto toda a razão e todo o sentimento humano?

Sim, certamente, Teotimo, o mesmo que succedeu com os chefes do exército de Israel, que despojando-se de seus vestidos, os reuniram e fizeram com eles um trono real, sobre o qual assentaram Jéhu, clamando: *Jéhu é nosso rei* ⁽³⁾; assim à chegada da fé, o espírito despoja-se de todos os discursos e argumentos, e submetendo-os à fé, fá-la assentar sobre eles, reconhecendo-a como rainha, e clama com grande júbilo: Viva a fé!

Os discursos e os argumentos piedosos, os milagres e

(1) Cant., I, 4, 5. — (2) Ibid., IV, 7. — (3) IV Reg., IX, 13.

outras excelências da religião cristã, a tornam sem dúvida extremamente crível e compreensível; porém só a fé a torna crida e confessada, fazendo amar a beleza da sua verdade, e crer a verdade da sua beleza, pela suavidade que ela infunde na vontade, e a convicção que dá ao entendimento.

Os Judeus viram os milagres e ouviram as maravilhas de Nosso Senhor; mas, como não estavam dispostos a receber a fé, isto é, não estava a sua vontade susceptível da doçura e suavidade da fé, por causa da sua acrimónia e malícia, permaneceram na infidelidade ⁽¹⁾; viam a força do argumento, mas não saboreavam a suavidade da conclusão, e por isso não aquiesciam à verdade. Ora o acto de fé consiste nesta aquiescência do nosso espírito, quando favorecido pela agradável luz da verdade, adere a ela com uma suave, poderosa e sólida segurança e certeza que lhe inspira a autoridade da revelação que dela lhe é feita.

Tendes ouvido dizer, Teotimo, que nos Concílios gerais levantam-se grandes disputas, inquéritos da verdade, por discursos, razões e argumentos de teologia; mas, depois da questão ser debatida, os Santos Padres, isto é, os Bispos, e particularmente o Papa que é o chefe dos Bispos, concluem, resolvem e determinam, e pronunciada a determinação, cada um a aceita, aquiesce a ela plenamente, não em consideração das razões alegadas na disputa e inquérito precedente, mas em virtude da autoridade do Espírito Santo, que, presidindo invisivelmente aos Concílios, assim julgou, determinou e concluiu pela boca de seus servos, estabelecidos Pastores do Cristianismo.

A inquirição e a disputa faz-se no átrio dos sacerdotes, entre os doutores; mas a resolução e a aquiescência, faz-se no Santuário, onde o Espírito Santo, que anima o corpo da Igreja, fala pelas bocas dos chefes dela, como o prometeu Nosso Senhor ⁽²⁾.

Assim como a avestruz põe seus ovos sobre as areias da Líbia, mas só o sol faz sair da casca a avezinha implume, assim os doutores, por suas investigações e discursos, propõem a verdade, mas só os raios do Sol de justiça dão a certeza e a firme adesão a ela.

(1) Joann., IX, Ult. — (2) S. Lucas, X, 16.

Teotimo, a segurança com que o espírito humano aceita as coisas reveladas, e os mistérios da fé, começa por um sentimento affectuoso de complacência, que a vontade recebe da beleza e suavidade da verdade proposta; de forma que a fé compreende um princípio de amor, que o nosso coração sente para com as coisas divinas.

CAPÍTULO XV

A esperança aumenta o amor de Deus

Assim como expondo-nos, ao meio dia, aos raios do sol, logo que vemos a luz no mesmo instante sentimos o calor, também logo que a fé ilumina o entendimento, no mesmo instante a vontade sente o santo calor do amor celeste. A fé faz-nos conhecer com uma certeza infalível, que Deus existe, que é infinito em bondade, que pode e quer comunicar-se a nós, pois que por uma bondade inefável nos preparou todos os meios necessários para alcançarmos a felicidade da glória eterna.

Temos uma inclinação natural para o sumo bem, e por isso o coração sente um íntimo ardor e uma contínua inquietação, que lhe não permite ter sossego, nem deixar de mostrar que lhe falta a sua satisfação completa e o seu sólido contentamento. Mas quando a santíssima fé representa ao nosso espírito esse belo objecto da sua inclinação natural, ó Senhor Deus, que contentamento, que prazer, que deliciosa comoção da alma! a qual, como surpreendida e enlevada à vista dessa formosura, exclama cheia de amor: *Ó como sois belo, meu bem amado, ó como sois belo!* ⁽¹⁾.

Eliezer procurava uma esposa para o filho de seu amo Abraam. Acaso sabia ele se a acharia bela e graciosa como a desejava? Mas quando a encontrou na fonte, e a viu tão

⁽¹⁾ Cant., I, 15, IV, I.

perfeita em beleza e tão excelsa em bondade, e sobre tudo quando ela lhe foi concedida, adorou a Deus, e o louvou com acções de graça, cheio de incomparável alegria ⁽¹⁾.

O coração humano procura naturalmente a Deus, sem saber verdadeiramente o que Ele é; mas quando o encontra na fonte da fé, e O vê tão bom, tão belo, tão doce, tão bondoso para com todos, e tão disposto a dar-se como sumo bem a todos aqueles que O desejam, oh! como o espírito exulta, e se sente vivamente atraído a unir-se sempre a esta bondade tão soberanamente amável! *Encontrei* enfim, diz a alma assim movida ⁽²⁾, *encontrei* o que desejava, e agora estou contente.

E assim como Jacob depois de ter visto a bela Raquel, e a ter santamente osculado, se desfez em lágrimas de ternura pela felicidade que experimentava por um tão desejado encontro ⁽³⁾, assim também o nosso pobre coração tendo encontrado a Deus e recebendo dele o primeiro ósculo, isto é, o primeiro e precioso impulso da fé, logo se desfaz em ternuras de amor, pelo bem infinito que vê nessa soberana beleza.

Algumas vezes sentimos certas impressões de contentamento nascidas de repente, sem nenhuma causa aparente, que são muitas vezes preságios de alguma grande alegria.

Muitas pessoas são de opinião que estas impressões são sugeridas pelos nossos bons Anjos, os quais, prevendo os bens que nos devem acontecer, nos dão deles o pressentimento por este meio; como ao contrário, também nos dão receios e sobressaltos no meio dos perigos desconhecidos, para nos obrigarem a invocar a Deus e a acautelar-nos. Ora quando o bem presagiado nos acontece, os nossos corações o recebem de braços abertos, e recordando-se do contentamento que tinham sentido sem saberem porquê, só então conhecem que fora um prenúncio da felicidade sucedida.

Deste modo, meu caro Teotimo, tendo o nosso coração tido por tanto tempo inclinação para o sumo bem, ignorava para que fim tendia esse movimento, mas apenas a fé lho mostrou, viu logo que era por isso que sua alma, espírito e

(1) Gens., VXIV. — (2) Cant., III, 4. — (3) Gens., XXXIX, 9, 11.

coração anelavam. Ou queiramos ou não, o espírito aspira ao sumo bem.

E quem é esse sumo bem? Somos como aqueles bons Atenienses que sacrificaram ao verdadeiro *Deus*, embora lhes fosse *desconhecido*, até que o grande S. Paulo lhes anunciou o seu conhecimento ⁽¹⁾. Da mesma forma o coração, por um instinto profundo e secreto, tende em todas as acções para a felicidade, e a vai procurando aqui e ali, como às apalpadelas, sem saber nem onde ela está, nem em que consiste, até que a fé lha mostre e lhe descreva as suas infinitas maravilhas; e tendo achado o tesouro que procurava, ai! que contentamento, que alegria, que complacência de amor! *Encontrei-o, Aquele que a minha alma procurava* ⁽²⁾ sem o conhecer; ai de mim, não saber eu a que aspiravam as minhas pretensões, quando nada do que pretendia me contentava, porque não sabia realmente o que pretendia!

Pretendia amar, e não conhecia o que devia amar; e não encontrando o verdadeiro amor, sentia que me faltava alguma coisa, isto é, faltava-me conhecer a bondade que devia amar, para exercitar o amor.

CAPÍTULO XVI

Como o amor se pratica na esperança

O entendimento humano sendo chamado a considerar o que a fé lhe representa como sumo bem, apresenta-o à vontade, e esta concebe imediatamente uma extrema complacência nesse divino objecto, o qual, embora ausente, faz nascer um vivíssimo desejo da sua presença, levando a alma a exclamar santamente; *Que ele me beije com um ósculo da sua boca!* ⁽³⁾

Deus só, é a minha aspiração,

Só Ele é o desejo do meu coração ⁽⁴⁾.

E assim como a ave de rapina, a que o falcoeiro tira o caparão, se lança súbitamente a voar, porque tem a presa em vista, mas, se é retida pelas correias, debate-se e luta com ardor, do mesmo modo tendo-nos a fé tirado o véu da ignorância, e feito ver o sumo Bem, ainda que o não possamos possuir já neste mundo, ah! Teotimo, nós o desejamos então da mesma sorte que:

Os veados pelo caçador perseguidos,
Fugindo sequiosos, esfalfados,
Não suspiram pelas fontes puras,
Mais, que nossos corações magoados
Senhor, pelas vossas doçuras.
Nossas almas que desfalecem
Por anelos que sempre crescem,
Clamam! Ó Deus, de eterna grandeza,
Quando sem véu, sem nuvem,
Da vossa face veremos a beleza?! (1)

Este desejo é justo, Teotimo, pois quem não quereria um bem tão digno de ser desejado? Seria, porém, um desejo inútil, um contínuo martírio para o coração, se não tivéssemos a certeza de um dia o poderemos saciar.

Aquele que, pela demora desta felicidade, protestava que as *lágrimas* lhe eram o *pão ordinário noite e dia*, enquanto esteve ausente do seu Deus, e a quem os adversários perguntaram: *onde está o teu Deus?* (2) ah!, que teria ele feito, se de alguma forma não nutrisse a fagueira esperança de poder alguma vez gozar deste bem, objecto de todos os seus anseios? E não vai a divina Esposa toda lacrimosa e desfalecida de amor, por não encontrar de pronto o Bem amado que procura? (3)

O amor do Bem amado tinha produzido nela o desejo, o desejo levou-a a procurar com ardor, e este ardor causou a paixão, que lhe teria aniquilado e consumido o pobre coração, se não tivesse conservado alguma esperança de encontrar, enfim, o que procurava.

(1) Psal., XLI, I, 2. — (2) Ps., XLI, 4. — (3) Cant., V, 8.

Assim, pois, para que a inquietação e a dolorosa paixão que em nossos espíritos causaria o amor, não nos levassem ao desalento, ao desespero, o mesmo sumo bem, que nos incita a desejá-lo com tanto ardor, nos assegura que o poderemos alcançar facilmente, por mil e mil promessas que nos fez com a sua palavra, e pelas suas inspirações, contanto que queiramos empregar os meios que para este fim nos preparou e nos oferece.

Ora, essas promessas e certezas divinas, por particular maravilha, aumentam a causa da nossa inquietação, e à medida que aumentam a causa, arruinam e destroem os efeitos. Sim, Teotimo, a certeza que Deus nos dá de que o Paraíso é para nós, fortifica infinitamente o desejo que tínhamos de o gozar, e contudo enfraquece, e como que aniquila completamente a perturbação e a inquietação que esse desejo nos causava, de forma que os nossos corações, pelas promessas sagradas que a divina Bondade nos fez, permanecem inteiramente tranquilos, e esta tranquilidade é a raiz da santíssima virtude que nós chamamos esperança. A vontade, convencida pela fé de que poderá gozar de seu sumo Bem, mediante os meios para isso destinados, pratica dois grandes actos de virtude: um é esperar de Deus o gozo de sua soberana bondade, outro é aspirar a este santo gozo.

E na verdade, Teotimo, entre esperar e aspirar, há só esta diferença: que esperamos as coisas que contamos obter por intervenção de outrem, e aspiramos às coisas que pretendemos obter por nossos próprios esforços, por nós mesmos; e posto que consigamos chegar ao gozo do sumo bem, que é Deus, primeiro e principalmente por seu auxílio, graça e misericórdia, quer esta mesma misericórdia, que lhe ofereçamos a nossa cooperação, auxiliando a fraqueza do nosso consentimento com a força da sua graça.

A esperança tem sempre um lugar principal por se fundar na graça divina, sem a qual, assim como *não podemos pensar no nosso sumo Bem* ⁽¹⁾, como convém, para o alcançar, também não podemos nunca, sem ela, a ele aspirar como importa para o atingir. A aspiração, pois, é uma ver-

(1) II Cor., III, 5,

gôntea da esperança, como a nossa cooperação o é da graça; e assim como os que querem esperar sem aspirar, serão rejeitados como cobardes e negligentes, do mesmo modo os que querem aspirar sem esperar, são temerários, insolentes e presunçosos.

Esperar, pois, em Deus, o sumo Bem, e aspirar possuí-lo deve ser o maior desejo da nossa alma e quanto mais esperamos em Deus mais o amamos, aspirando unir-nos a ele.

Tudo isto, afinal, Teotimo, se resolve em amor. Logo que a fé me mostrou o meu sumo Bem, eu o amei; porque ele estava ausente, o desejei; apenas soube que ele se queria dar a mim, de novo e mais ardentemente o amei, pois a sua bondade é tanto mais amável quanto mais disposta está a comunicar-se.

Ora, por esse progresso, o amor converteu o desejo em esperança, pretensão e expectação, visto que a esperança é um amor que espera e que pretende. E já que o sumo Bem, que a esperança espera, é Deus, e o não espera também senão do próprio Deus, ao qual e pelo qual ela espera e aspira, esta santa virtude da esperança, indo, por todos os lados, ter a Deus, é, por isso mesmo uma virtude divina, ou teológica.

CAPÍTULO XVII

O amor da esperança é muito bom, embora imperfeito

O amor resultante da prática da virtude da esperança, Teotimo, busca por certo a Deus, mas reverte a nós; tem os olhos na divina bondade, mas considera a nossa utilidade; aspira a essa suprema perfeição, e ao mesmo tempo à nossa satisfação; isto é, não nos leva para Deus porque Deus é sumamente bom em si mesmo, mas porque é sumamente bom para connosco; portanto, este amor é na verdade amor, mas amor interesseiro. Não quero, contudo, dizer com isto, que ele volva de tal modo para nós, que nos faça amar a

Deus só por amor de nós. Oh! não; porque a alma que amasse a Deus só por amor de si mesma, estabelecendo o fim do amor que consagrasse a Deus em sua própria conveniência, cometeria um grande sacrilégio. Se uma mulher só amasse o marido por amor do criado, amaria o marido como criado, e o criado como marido; assim a alma que só ama a Deus por amor de si mesma, ama-se a si como deveria amar a Deus, e ama a Deus como se deveria amar a si mesma.

Há muita diferença entre esta palavra: amo a Deus pelo bem que dele espero, e esta outra: eu não amo a Deus senão pelo bem que dele espero; como também é coisa bem diversa dizer: amo a Deus por mim, e dizer: amo a Deus por amor de mim. Quando digo: amo a Deus por mim, é como se dissesse: amo possuir a Deus, amo que Deus seja meu, que ele seja o meu sumo bem; esta é a santa afeição da celeste Esposa, que cem vezes protesta por excesso de complacência: *o meu Amado é todo meu, e eu para ele, toda sua; ele é meu, e eu sou dele* ⁽¹⁾; mas dizer: amo a Deus por amor de mim mesmo, é como se dissesse: o amor com que me amo é o fim do meu amor a Deus, de forma que o amor de Deus fica dependente, subalterno e inferior ao amor próprio que temos para com nós mesmos, o que é uma impiedade sem igual.

Esse amor, pois, que nós chamamos esperança, é um amor de interesse, mas dum santo e bem ordenado interesse, pelo qual não arrastamos a Deus, para nós, para nossa utilidade, mas nós é que nos unimos a Ele como nossa última felicidade. Por este amor amamo-nos conjuntamente com Deus, mas não nos preferimos ou igualamos a Ele; o amor de nós mesmos é misturado com o de Deus, porém o de Deus é muito superior.

É verdade que o nosso amor próprio entra nele, mas como simples causa, e não como fim principal; o nosso interesse tem nele também alguma parte, mas Deus ocupa sempre o lugar principal.

Quando amamos a Deus como nosso sumo Bem, ama-

(1) Cant., II, 16, VI, 2, VII, 10.

mo-lo por uma qualidade ou excelência pela qual não o aproximamos de nós, mas nós dele; não somos o seu fim, o seu objectivo, nem a sua perfeição, ele é que é a nossa; ele não nos pertence, nós é que lhe pertencemos; ele não depende de nós, mas nós dele; numa palavra, pela qualidade de sumo Bem, pela qual o amamos, ele nada recebe de nós, nós é que recebemos dele; ele exerce connosco a sua bondade, e nós mostramos a nossa indigência e penúria; de sorte que amar a Deus com o título de sumo Bem, é amá-lo sob um título honroso e respeitoso, pelo qual confessamos que ele é a nossa perfeição, o nosso repouso e o nosso fim, e que neste gozo consiste a nossa felicidade.

Há bens de que nos servimos empregando-os no nosso uso, como são os nossos servos, os nossos cavalos, os nossos vestidos; o amor para com eles é um amor de puro interesse, pois amamo-los apenas para nosso proveito.

Há outros bens de que gozamos mas de um gozo recíproco e mutuamente igual, como fazemos com os nossos amigos, porque o amor que lhes dedicamos, como nos causa prazer, é na verdade amor de interesse, mas interesse justo e recíproco, pelo qual eles são nossos, como nós somos deles; pertencem-nos, do mesmo modo que nós lhes pertencemos.

Porém há bens de que nós gozamos sob a forma de dependência, de participação e de subordinação, como é a benevolência de nossos pastores, príncipes, pai e mãe, ou a sua presença e o seu valimento, porque o amor que lhes consagramos é também por certo amor de interesse, quando os amamos na qualidade de nossos pastores, nossos príncipes, nossos pais, nossas mães; pois que não é a condição de pastor, nem de príncipe, nem de pai, nem de mãe que no-os fazem amar, mas porque são tais para connosco e aos nossos olhos; este interesse porém é um amor de respeito, de reverência e de honra; pois amamos, por exemplo, nossos pais, não porque eles são nossos, mas porque nós somos deles.

E é deste modo que amamos e desejamos a Deus pela esperança: não para que seja o nosso bem, mas porque o é; não para que seja nosso, mas porque somos seus; não como se existisse para nós, mas porque existimos para Ele. E notai bem, Teotimo, que neste amor, a razão porque amamos, isto é, pela qual aplicamos o nosso coração

ao amor do bem que cobiçamos, é por ser o nosso bem; mas a razão da medida e quantidade deste amor, depende da excelência e dignidade do bem que amamos.

Amamos os nossos benfeitores, porque são nossos benfeitores; mas amamo-los mais ou menos, segundo a qualidade e valor dos seus benefícios. Porque razão, pois, Teotimo, amamos nós a Deus com este amor interesseiro? É por ser nosso bem. E porque razão o amamos sumamente? É por ser nosso sumo bem.

Quando afirmo que amamos sumamente a Deus, não digo que por isso o amemos com amor sumo, porque o sumo amor só está na caridade. Na esperança o amor é imperfeito, porque não aspira à sua bondade infinita enquanto tal, em si mesma, mas só enquanto tal, a nosso respeito.

Todavia, como nesta espécie de amor não há motivo mais excelente de que o que provém da consideração do sumo Bem, dizemos, que por ele amamos sumamente, ainda que em verdade ninguém possa por este único amor observar os mandamentos de Deus, nem alcançar a vida eterna, porque é um amor mais affectivo do que efectivo, quando não é acompanhado da caridade.

CAPÍTULO XVIII

**Na penitência pratica-se o amor.
Há várias espécies de penitência**

A penitência, geralmente falando, é um arrependimento pelo qual se rejeita e se detesta o pecado cometido, com a resolução de reparar, quanto possível, a ofensa e injúria feita àquele a quem se ofendeu. E incluo na penitência o propósito de reparar a ofensa, porque o arrependimento não detesta assaz o mal, quando deixa subsistir voluntariamente o seu principal efeito, que é a ofensa e a injúria; e deixa-a subsistir, quando, podendo de alguma forma repará-la, o não faz.

Não falo aqui da penitência de muitos gentios, os quais, segundo o testemunho de Tertuliano ⁽¹⁾, algumas aparências dela tiveram entre eles, mas era tão frívola e vã que até às vezes faziam penitência por haverem praticado o bem.

Refiro-me só à penitência virtuosa, que é de diferentes espécies conforme os diversos motivos de que procede. Há sem dúvida uma penitência que é puramente moral e humana, como foi a de Alexandre o Grande, que tendo assassinado o seu caro Clito, quis deixar-se morrer de fome, tamanho foi o seu arrependimento, diz Cícero ⁽²⁾. E também a de Alcibiades, quando, convencido por Sócrates de que não era sábio; se pôs a chorar amargamente, triste e aflito, por não ser o que devia ser, diz Santo Agostinho ⁽³⁾. Por isso Aristoteles, reconhecendo esta espécie de penitência, assevera ⁽⁴⁾ que o desregrado, que de caso pensado se entrega às sensua-lidades, «é completamente incorregível, porque não poderá arrepender-se, e o que não faz penitência é incurável».

Certamente, Séneca, Plutarco ⁽⁵⁾ e os Pitagóricos ⁽⁶⁾ que recomendam tanto os exames de consciência, e principalmente o primeiro que fala tão vivamente da perturbação que o remorso interior excita na alma ⁽⁷⁾, compreenderam sem dúvida que havia um arrependimento; e o sábio Epicteto, ⁽⁸⁾ descreve tão bem a censura que devemos praticar para com nós mesmos, que quase não se poderia dizer melhor.

Há ainda uma outra penitência que é certamente moral, conquanto seja também religiosa e de alguma maneira divina, visto que procede do conhecimento natural que se tem de haver ofendido a Deus, pecando; porque na verdade, muitos filósofos souberam que era coisa muito agradável à Divindade o viver virtuosamente, e que por conseguinte a ofendiam vivendo no vício.

O filósofo Epicteto forma o desejo de morrer como verdadeiro cristão (como é muito provável o haja realizado), e entre outras coisas diz ⁽⁹⁾ que se daria satisfeito se pudesse

(1) De Pœnit., c. I. — (2) Tusc., Disp., 1. IV, c. XXXVII. —
 — (3) Civit., Dei, 1. XIV, c. VIII. — (4) Ethic., ad nicom., 1. VII, c. VII.
 — (5) De Profectu in virtute sentiendo. — (6) Apud Epictetum. —
 (7) De Ira, 1. III, c. XXXVI, Epist., XCXII. — (8) Enchiridion, passim.
 (9) Discursos de Epicteto 1, IV, c. XI.

ao morrer, levantar as mãos para Deus e dizer-lhe: «Pela minha parte não vos causei desonra»; além disto, quer ⁽¹⁾ que o sábio faça a Deus um juramento solene de jamais desobedecer à sua divina Majestade, nem de censurar ou murmurar de coisa alguma que aconteça por sua ordem, nem de se queixar seja do que fôr; e noutro lugar ⁽²⁾ ensina que Deus e o «nosso bom Anjo» vêem as nossas acções.

Vede pois, Teotimo, como este filósofo, ainda então gentio, conhecia que o pecado ofendia a Deus, do mesmo modo que a virtude o honrava; e por conseguinte queria que se arrependessem do mal que houvessem feito, pois que até ordenava que se fizesse à noite o exame de consciência.

Ora, esta espécie de arrependimento ligado ao conhecimento e amor de Deus, que a natureza pode ministrar, era uma dependência da religião moral; mas, como a razão natural deu mais ciência do que amor aos filósofos, que não *glorificaram a Deus* na proporção do conhecimento que d'Ele tiveram ⁽³⁾, a natureza forneceu mais luz para fazer compreender quanto Ele era ofendido pelo pecado, do que ardor para excitar o arrependimento exigido para a reparação da ofensa.

Porém, ainda que a penitência religiosa tivesse, de alguma sorte, sido reconhecida por alguns dos filósofos, este conhecimento foi tão fraco e tão raro, que os que de entre eles gozaram reputação de mais virtuosos, isto é, os estóicos, asseguraram que o homem sábio nunca se entristecia; e desta opinião fizeram uma máxima tão contrária à razão, quanto a proposição em que a fundavam era contrária à experiência, a saber: que o homem sábio não pecava ⁽⁴⁾.

Podemos, pois, afirmar, meu caro Teotimo, que a penitência é uma virtude inteiramente cristã, visto que foi tão pouco conhecida entre os gentios, e por tal forma reconhecida entre os verdadeiros cristãos, que nela consiste uma grande parte da filosofia evangélica, segundo a qual todo aquele que diz que não peca, é *mentiroso* ⁽⁵⁾, e todo aquele que julga remediar o seu pecado sem fazer penitência, é louco; porque

(1) Discursos do Epicteto 1, I, c. XIV. — (2) Superius, in eod. capite. — (3) Rom., I, 21. — (4) Vide supra, 1, I, c. v. — (5) I Joan., I, 8, 10.

a exortação das exortações de Nosso Senhor era esta: «*Fazei penitência*» (1).

Eis uma breve descrição do progresso desta virtude.

Começamos por uma profunda apreensão de que, tanto quanto em nós cabe, ofendemos a Deus com os nossos pecados, desprezando-o e desonrando-o, desobedecendo-lhe e revoltando-nos contra Ele; o qual também por sua parte se considera ofendido, irritado e desprezado, reprovando, rejeitando e abominando a iniquidade. Desta verdadeira apreensão nascem muitos motivos, que, ou todos ou parte deles, ou cada um em particular, podem levar-nos ao arrependimento.

Umás vezes consideramos que Deus, por ser ofendido, estabeleceu um castigo rigoroso no inferno para os pecadores, e que os privará do Paraíso preparado para os que são bons. Ora como o desejo do Paraíso é extremamente apreciável, também o temor de o perder é bom e digno de louvor.

Ah! quem não temerá tão grande perda e tão grande sofrimento! E estes dois temores, um servil e outro mercenário, nos excitam a arrepender-nos dos pecados, que foram a causa de neles havermos incorrido, e por isso este temor nos é muitas vezes intimado nas sagradas letras.

Outras vezes consideramos a fealdade e malícia do pecado, segundo a fé no-lo ensina, como por exemplo: que pelo pecado a imagem e semelhança de Deus, que existe em nós, é manchada e desfigurada; a dignidade do nosso espírito desonrada; que nos tornamos semelhantes aos animais irracionais; que transgredimos os nossos deveres para com o Criador do mundo e perdemos a felicidade da sociedade dos anjos, para associar-nos e sujeitar-nos ao demónio, tornando-nos escravos das nossas paixões; que subvertemos a ordem da razão, e ofendemos os nossos bons anjos a quem somos tão obrigados.

Outras vezes ainda, somos provocados à penitência pela beleza da virtude que nos dá tantos bens, quantos os males que nos causa o pecado, e depois, a ela somos excitados pelo exemplo dos santos; pois quem poderá jamais con-

(1) Matt., III, 2, IV, 17.

templar os exercícios da incomparável penitência da Madalena, de Maria Egípcíaca ou dos penitentes do mosteiro denominado *Prisão*, descrito por João Clímaco ⁽¹⁾, sem mover-se ao arrependimento dos seus pecados, quando a leitura só da sua história a ela induz os que não enlouqueceram de todo?

CAPÍTULO XIX

A penitência sem amor é imperfeita

Todos os motivos apresentados são-nos ensinados pela fé e religião cristã; e portanto a penitência, que neles se baseia, ainda que imperfeita, é muito louvável. É, na verdade, louvável, pois nem a Sagrada Escritura, nem a Igreja nos excitariam com semelhantes motivos, se a penitência deles derivada não fosse boa; e claramente se vê que é muito conforme à razão o arrepender-nos do pecado por estas considerações, assim como é impossível não arrepender-se aquele que as examina atentamente. Contudo é uma penitência imperfeita, visto que o amor divino não tem parte nela.

Pois não vedes, Teotimo, que todos estes arrependimentos são causados pelo interesse da nossa alma, da sua felicidade, da sua beleza interior, da sua honra, da sua dignidade, e, numa palavra, pelo amor de nós mesmos, embora legítimo, justo e bem orientado?

E notai bem, que não digo que estes arrependimentos excluam o amor de Deus; digo apenas que não o abrangem; não o repelem, mas não o contêm; não são contra ele, mas existem ainda sem ele; o divino amor não é dele excluído, mas também não é nele incluído.

A vontade que abraça simplesmente o bem, é muito boa, mas se ela o abraça rejeitando o melhor, é certamente

(1) Scala Paradisi, gradus v.

desordenada, não porque aceita um, mas porque repele o outro. Por exemplo: a promessa de dar esmola hoje é boa; a promessa de não a dar senão hoje seria má, porque excluiria o melhor, que é dá-la hoje e amanhã e sempre que se possa. É sem dúvida muito bom, e ninguém o pode negar, arrepender-se cada um dos seus pecados a fim de evitar as penas do inferno e alcançar o Paraíso; entretanto quem tomasse a resolução de não querer jamais arrepender-se por nenhum outro motivo, excluiria voluntariamente o melhor, que é arrepender-se pelo amor de Deus, e cometeria um grande pecado. Qual é o pai que não acharia mau que seu filho quisesse servi-lo, mas nunca com amor e por amor?

O princípio das coisas boas é bom, o progresso é melhor e o fim é muito bom. Todavia, o princípio é bom como princípio, e o progresso como progresso; mas querer terminar a obra pelo princípio ou pelo progresso, é inverter a ordem. A infância é boa, mas se não se quisesse nunca sair da infância, isso seria mau, porque «*o menino de cem anos*»⁽¹⁾ é desprezado». Começar a aprender, é muito louvável; porém quem começasse com intenção de nunca se aperfeiçoar, cometeria um contrasenso.

O temor e os outros motivos de arrependimento, de que já falámos, são bons nos princípios da sabedoria cristã, que consiste na penitência; mas quem, de caso pensado, não quisesse alcançar o amor, que é a perfeição da penitência, ofenderia altamente Aquele que tudo destinou ao seu amor, como ao fim de todas as coisas.

Em conclusão: o arrependimento que exclui o amor de Deus é infernal, e semelhante ao dos réprobos; o arrependimento que não rejeita o amor de Deus, ainda mesmo que não o possua, é um bom arrependimento e pode ser desejado, mas é imperfeito e não pode dar-nos a salvação, sem que atinja o amor e fique confundido com ele. Se é certo, segundo disse o grande Apóstolo⁽²⁾, que se *entregasse o corpo às chamas e desse todos os bens aos pobres, de nada lhe serviria* sem ter a caridade, certamente podemos também

(1) Is., LXV, 20.—(2) Cor. XIII, 3.

dizer, que embora a nossa penitência fôsse tão grande, que nos desfizesse em lágrimas os olhos e dilacerasse de dor os corações, tudo isto seria inútil para a eternidade, não possuindo nós o santo amor de Deus.

CAPÍTULO XX

Na contrição efectua-se a junção do amor e da dor

A natureza, que eu saiba, não converteu nunca o fogo em água, se bem que muitas águas se tenham convertido em fogo, porém Deus fê-lo uma vez por milagre, porque conforme está escrito no livro dos Macabeus ⁽¹⁾ quando os filhos de Israel foram conduzidos a Babilónia no reinado de Sedecias, os sacerdotes, por conselho de Jeremias, esconderam o fogo sagrado num vale, dentro de um poço seco, e quando voltaram os filhos dos que assim haviam escondido o fogo, foram procurá-lo, segundo as indicações que seus Pais lhes haviam dado, e encontraram-no transformado numa água muito espessa, que eles tiraram, e derramaram sobre os sacrifícios, segundo a ordem de Neemias, e apenas esta água recebeu a impressão dos raios do sol, se converteu num grande fogo.

Teotimo, no meio das aflições e amarguras de um vivo arrependimento, Deus põe muitas vezes no fundo do nosso coração o fogo sagrado do seu amor, depois este amor converte-se na água de copiosas lágrimas, as quais, por uma segunda transformação, são convertidas num maior fogo de amor. Foi assim que a célebre amante arrependida amou primeiramente o seu Salvador, este amor converteu-se em lágrimas, e estas lágrimas em um perfeito amor, pelo que Nosso Senhor disse, que *muitos pecados lhe eram perdoados, porque tinha amado muito* ⁽²⁾.

E como nós vemos que o fogo converte o vinho numa

(1) Lib., II c. I, 19, 22. — (2) Lucas VII, 47.

água que *em quase toda a parte se chama água de vida* (álcool), a qual produz e alimenta tão facilmente o fogo que por esse motivo em muitos lugares tem o nome de *água ardente*, da mesma forma a amorosa consideração da amável e suma Bondade ultrajada pelo pecado, produz a água da santa penitência; e em seguida desta água provém reciprocamente o fogo do amor divino, motivo pelo qual poderemos dar-lhe propriamente o nome de *água de vida* e água-ardente. Ela é certamente uma água na sua substância, porque a penitência não é outra coisa senão uma íntima dor e um verdadeiro pesar e arrependimento; e, todavia, ardente, porque contém a virtude e propriedade do amor, como derivada duma causa amorosa, e por esta propriedade dá a vida da graça.

Por esta razão, a penitência perfeita tem dois efeitos diversos: em virtude da dor e detestação, separa-nos do pecado e da criatura a quem o prazer nos havia ligado, mas em virtude do motivo do amor donde procede, reconcilia-nos e reúne-nos ao nosso Deus do qual estávamos separados pelo desprezo, de sorte que, ao mesmo tempo que nos afasta do pecado na sua qualidade de arrependimento, nos liga a Deus na qualidade de amor.

Não quero dizer com tudo isto, que o perfeito amor de Deus, pelo qual o amamos sobre todas as coisas, preceda sempre este arrependimento, nem que este arrependimento preceda sempre este amor. Porque ainda que isto se dá frequentemente, sucede também outras vezes que, ao mesmo tempo que o amor divino nasce em nossos corações, a penitência nasce no amor, e muitas vezes, ao vir a ideia da penitência ao espírito, o amor vem na penitência.

E como, ao sair Esaú do seio da sua mãe ⁽¹⁾, Jacob, seu gêmeo, o agarrou pelo pé, a fim de que não só os seus nascimentos se seguissem, mas fossem ligados um ao outro, assim também o arrependimento, penoso e duro por causa da dor, é o primeiro a nascer, como um outro Esaú, mas o amor afável e gracioso como Jacob segura-o pelo pé e de tal modo se enlaça nele, que não têm senão

(1) Gen., XXV, 25.

uma só origem, pois que quando acaba de nascer o arrependimento, principia a nascer o amor perfeito.

Ora, assim como Esaú foi o primeiro a aparecer, também o arrependimento se mostra ordinariamente antes do amor; mas o amor, como um outro Jacob, apesar de ser o mais novo, submete mais tarde o arrependimento, convertendo-o em consolação.

Vêde, caro Teotimo, como a bem-aventurada Madalena chora de amor. *Levaram-me o meu Senhor*, exclama ⁽¹⁾, desfeita em lágrimas, *e não sei onde o puseram*; mas, tendo-o encontrado pelos seus suspiros e pelas suas lágrimas, o conserva e o possui por amor. O amor imperfeito deseja e solicita; a penitência procura e encontra: o amor perfeito possui e segura, como se diz dos rubis de Etiópia ⁽²⁾, que de sua natureza são bastante baços, mas, metidos em vinagre, sintilam e o seu brilho é muito claro. Também o amor, que precede o arrependimento, é de ordinário imperfeito, mas, diluído com a amargura da penitência, fortifica-se e torna-se um amor excelente.

Acontece mesmo algumas vezes, que o arrependimento, ainda que perfeito, não contém em si a própria acção do amor, mas unicamente a sua virtude e propriedade. Mas, dir-me-eis, que virtude ou propriedade de amor pode ter o arrependimento, se não tem a sua acção?

Teotimo, o motivo do perfeito arrependimento é a bondade de Deus, a qual nos pesa de haver ofendido; ora, este motivo não é motivo senão porque comove e dá o movimento: mas o movimento, que a bondade divina dá ao coração que a considera, não pode ser senão o movimento de amor, isto é, de união.

É por isso que o verdadeiro arrependimento, ainda que tal não pareça e não vejamos a própria acção do amor, recebe contudo sempre o movimento do amor e a sua qualidade unitiva, pela qual nos junta e une à divina bondade.

É propriedade do íman atrair a si o ferro e unir-se-lhe: porém não vemos nós que o ferro tocado pelo íman, sem

(1) Joan., XX, 13. — (2) Plin., Hist. nat., 1. XXXVII, c. VII (al. XXV).

possuir nem o íman nem a sua natureza, mas sòmente a sua virtude e qualidade atraente, não deixa de atrair e unir-se a um outro ferro?

Assim o perfeito arrependimento, movido pelo motivo do amor, sem ter a própria acção do amor, não deixa de possuir a sua virtude e propriedade, isto é, o movimento de união, para juntar e unir os nossos corações à vontade divina.

Mas qual é a diferença, replicareis vós, entre este movimento unitivo da penitência e a acção própria do amor?

Teotimo, a acção do amor é certamente um movimento de união, mas faz-se pela complacência; ora, o movimento de união por meio da penitência, faz-se não por via da complacência, mas do pesar, do arrependimento, da reparação e da reconciliação: considerado, pois, como movimento unitivo, possui a qualidade do amor, mas considerado como movimento acerbo e doloroso tem a qualidade da penitência; numa palavra: de sua natural condição, é um verdadeiro movimento de penitência, mas possui a virtude e qualidade unitiva do amor.

Assim o vinho teriacal não é chamado teriacal por conter a própria substância da teriaga, pois não contém nenhuma; mas é assim chamado porque tendo sido a videira mergulhada na teriaga, as uvas e o vinho que dela provieram trouxeram a virtude e a acção da teriaga contra toda a espécie de venenos ⁽¹⁾. Se pois a penitência, segundo a Escritura, apaga o pecado, salva a alma, torna-a agradável a Deus e a justifica, o que são efeitos pertencentes ao amor e parece não deverem ser atribuídos senão a ele, não devemos estranhá-lo, porque embora nem sempre o amor se encontre na penitência perfeita, todavia a sua eficácia e a sua propriedade nela existem sempre, derivadas do princípio amoroso que lhe deu origem.

Também não é para admirar que a força do amor nasça do arrependimento antes que o amor nele se tenha formado; porquanto, pelo reflexo dos raios do sol, quando dardeja sobre

(1) *Teriaga* ou triaga era uma espécie de medicamento que se supunha ser um óptimo específico contra a mordedura das serpentes e outros animais venenosos.

(Nota do tradutor).

o cristal dum espelho, o calor, que é o efeito e própria qualidade do fogo, aumenta pouco a pouco com tanta força, que começa a queimar antes de ter produzido realmente o fogo, ou pelo menos antes que o tenhamos notado.

Do mesmo modo, quando o Espírito Santo derrama em nosso entendimento a consideração da grandeza dos nossos pecados, e da ofensa que por eles fazemos a uma tão soberana bondade, a vontade recebe o reflexo deste conhecimento, e o arrependimento cresce pouco a pouco com tanta força, e com um certo calor affectivo e desejo de reconciliar-nos com Deus, que por fim este movimento chega a abrasar-nos e unir-nos a este sumo Bem, antes mesmo que o amor se tenha formado em nós.

O amor, porém, como fogo sagrado, inflama-se immediatamente, de sorte que o arrependimento nunca chega a abrasar e unir o coração a Deus, que é a sua suma perfeição, sem que se ache inteiramente convertido em fogo e chama de amor, pois que o termo de um, dá princípio ao outro, ou antes o fim da penitência está no princípio do amor, como estava o pé de Esaú na mão de Jacob ⁽¹⁾; de modo que, quando Esaú acabava de nascer, começava Jacob, sendo o termo do nascimento de um unido e ligado, e o que é mais, envolvido no princípio do nascimento do outro.

Assim também, o princípio do amor imperfeito não segue unicamente o fim da penitência, mas prende-se, liga-se; numa palavra: este princípio de amor junta-se com o fim do arrependimento, e neste momento de junção, a penitência e contrição merecem a vida eterna.

Este arrependimento amoroso pratica-se ordinariamente por impulsos ou elevações do coração para Deus, semelhantes aos dos antigos penitentes: «*Eu sou vosso, ó meu Deus, salvai-me* ⁽²⁾: *Tende piedade de mim, ó meu Deus, tende piedade de mim, porque em vós confia a minha alma* ⁽³⁾. *Salvai-me, Senhor, porque as águas submergem a minha alma* ⁽⁴⁾. *Tratai-me como a um dos vossos servos* ⁽⁵⁾; *Senhor, sede-me propício, a mim, pobre pecador* ⁽⁶⁾.

Por isso não é sem razão terem dito alguns que a

(1) Supra. — (2) Ps. CXVIII, 94. — (3) Ps. LVI, 1. — (4) Ps. LXVIII, 1. — (5) Lucas, XV, 19. — (6) Ibid., XVIII, 13.

oração justificava, porque a oração contrita, ou a contrição suplicante, elevando a alma a Deus e unindo-a à sua bondade, obtém sem dúvida o perdão, em virtude do santo amor que lhe dá o movimento sagrado. Portanto devemos fazer muito uso destas orações jaculatórias, por modo de amoroso arrependimento e de humildes desejos da nossa reconciliação com Deus, para que, por meio delas, *expondo diante do Salvador a nossa tribulação* ⁽¹⁾, desafoguemos as nossas almas diante e dentro do seu compassivo Coração que por mercê as receberá.

CAPÍTULO XXI

Os amorosos atractivos de Nosso Senhor nos auxiliam e acompanham até à fé e à caridade

Entre o primeiro despertar do pecado ou da incredulidade, e a resolução final que se toma de crer perfeitamente, medeia, algumas vezes, muito tempo, durante o qual se pode orar, como fizeram S. Pacómio ⁽²⁾, e o pai do pobre lunático, que, segundo refere S. Marcos ⁽³⁾, assegurando que cria, isto é, que começava a crer, conheceu muitíssimo bem que não cria bastante, pelo que exclamou: «*Ah Senhor, eu creio; mas ajuda a minha incredulidade.*» É como se tivesse querido dizer: Já não estou na escuridão da noite da infidelidade; os raios da vossa fé iluminaram o horizonte da minha alma, mas não creio ainda convenientemente; é um conhecimento ainda muito fraco e cercado de trevas; ai de mim, Senhor! socorrei-me. Por isso o grande Santo Agostinho pronuncia solenemente esta notável palavra ⁽⁴⁾: «*Ouve, ó homem, e entende! Não és tu atraído? Pede para que Deus te atraia.*». A sua intenção não é referir-se ao pri-

⁽¹⁾ Ps. CCLI, 3. — ⁽²⁾ Cap. XIII. — ⁽³⁾ Cap. IX, 23. — ⁽⁴⁾ In Joan, tract. XXVI, § 2.

meio movimento que Deus opera «em nós, sem nós», quando nos excita e desperta do sono do pecado; pois, como poderíamos pedir o acordar, se ninguém pode orar antes de ter despertado? Mas refere-se à resolução que se toma de ser fiel, porque entende ele que crer é ser atraído, e portanto admoesta aqueles que foram excitados a acreditar em Deus, a que peçam o dom da fé. E certamente, ninguém melhor do que Santo Agostinho podia saber as dificuldades que se apresentam ordinariamente entre o primeiro movimento que Deus opera em nós, e a perfeita resolução de crer firmemente, pois tendo recebido tão grande variedade de atractivos, já pelas palavras do glorioso Santo Ambrósio, já pela conferência feita com *Pociano* e por mil outros meios ⁽¹⁾ não deixou de empregar muitas delongas, e teve grande dificuldade em resolver-se: pelo que a ele verdadeiramente, mais que a ninguém, se podia ter dito o que ele mais tarde disse aos outros: Pobre Agostinho, se não és atraído, se não crês, «pede para que Deus te atraia» e para que creias.

Nosso Senhor atrai os corações pelas doçuras que lhes comunica, e lhes faz achar doce e agradável a doutrina celeste; mas antes que esta suavidade tenha apanhado e prendido a vontade com os seus amáveis laços, para a levar à aquiescência e consentimento perfeito da fé, assim como Deus não deixa de exercer sobre nós a sua bondade por santas inspirações, assim o inimigo não cessa de pôr em obra a astúcia pelas tentações. E durante este tempo conservamos a plena liberdade de consentir nos atractivos celestes, ou de os rejeitar; pois conforme o que o sagrado Concílio de Trento resolveu claramente ⁽²⁾, «se alguém disser que o livre arbítrio do homem, movido e incitado por Deus, não coopera em nada, consentindo no movimento de Deus que o chama, a fim de se dispor e preparar para alcançar a graça da justificação, e que não pode deixar de consentir, mesmo que não queira, certamente esse homem será excomungado» e condenado pela Igreja. Mas se não repelimos a graça do santo amor, ela se vai desenvolvendo e aumentando mais e mais em nossas almas, até

(1) Confess., 1, VIII. — (2) Sess., VI, can. IV.

ficarem inteiramente convertidas, como os grandes rios que, encontrando planícies abertas, se espalham e tomam sempre mais lugar.

E se a inspiração que nos atraíu à fé não encontra resistência alguma em nós, leva-nos mesmo até à penitência e caridade. São Pedro, como um ápode, levantado pela inspiração que recebeu do olhar do seu divino Mestre ⁽¹⁾, deixou-se livremente mover e conduzir pelo suave sopro do Espírito Santo, e considerando os dulcíssimos olhos que o haviam excitado, lê neles, como no livro da vida, a benigna admoestação do perdão que lhe oferece a clemência divina, e isso lhe infunde um justo motivo de esperança; sai do pátio, considera o horror do seu pecado, detesta-o, chora, geme, prostra o seu miserável coração ante o da misericórdia divina do seu Senhor, implora o perdão da sua culpa, resolve-se a uma inviolável fidelidade, e por este progresso de movimentos, praticados com o poder da graça que o dirige, assiste e auxilia continuamente, alcança enfim a santa remissão dos pecados; passando deste modo de graça em graça, segundo o que afirma S. Próspero ⁽²⁾, que «sem a graça não se corre para a graça».

Assim, pois, para terminar este ponto, a alma movida pela graça, sentindo os primeiros atractivos, e consentindo na sua doçura, como se recuperasse os sentidos após um grande delíquio, começa a balbuciar estas palavras ⁽³⁾: ai de mim, ó meu querido Esposo, meu amigo, *levai-me*, eu vos suplico e segurai-me por baixo dos braços, porque não posso andar doutra forma; mas se me *levardes*, *correremos*: vós, ajudando-me com o *aroma* dos vossos perfumes, e eu, correspondendo com o meu fraco consentimento, e aurindo as vossas suavidades que tanto me fortalecem e me revigoram até que o *bálsamo* ⁽⁴⁾ do *vosso nome* sagrado, isto é, a unção salutar da minha justificação, seja derramada em mim. Notai bem, Teotimo, a alma não teria orado se não fosse excitada, mas apenas o é, e sente os atractivos da graça, pede que a levem; e sendo levada, corre; mas não correria, se os

(1) S. Lucas, XXII, 61, 62. — (2) De Ingratis, Pars. II, lín., 562. — (3) Vide Cant., I, 2, 3. — (4) Juxta Hebr. et Septuag.

perfumes que a atraem e pelos quais é excitada, não lhe animassem o coração pela força do seu precioso aroma; e como corre mais depressa, e se aproxima mais do seu celeste Esposo, sente também mais deliciosamente as suavidades que ele derrama, até que enfim ele próprio se introduz no seu coração por forma de *bálsamo derramado*, o que a faz exclamar, como que surpreendida por esta súbita alegria, que tão cedo não esperava: Ó meu Esposo, vós sois um *bálsamo derramado* no meu peito! não é para admirar se as *almas jovens vos querem bem*.

Deste modo, caríssimo Teotimo, a inspiração celeste vem a nós e nos move, excitando a vontade ao amor sagrado. Se a não repelimos, vem connosco e nos acompanha a fim de nos animar e estimular a prosseguir; e se não a abandonamos, ele também nos não abandona, sem que nos tenha feito chegar ao porto da santíssima caridade, exercendo para connosco os três ministérios que o arcanjo S. Rafael exerceu para com o seu querido Tobias ⁽¹⁾: guia-nos durante a viagem da santa penitência, livra-nos dos perigos e assaltos do demónio, e consola-nos, anima-nos e fortifica-nos em nossas dificuldades.

CAPÍTULO XXII

Breve descrição da caridade

Eis finalmente, meu caro Teotimo, como Deus, por um progresso cheio de inefável suavidade, conduz a alma que tirou do Egipto do pecado, de amor em amor, como de alojamento em alojamento, até fazê-la entrar na Terra da Promissão, quero dizer, na santíssima caridade; a qual é, numa palavra, uma amizade e não um amor interesseiro, porque pela caridade amamos a Deus por amor dele mesmo, em consideração da sua bondade sumamente amável. Sim;

(1) Tobias, XII, 3.

esta amizade é uma verdadeira amizade, porque é recíproca, pois Deus amou eternamente todo aquele que O amou, O ama ou amarão temporalmente ⁽¹⁾; é declarada e reconhecida mutuamente, porque Deus não pode ignorar o amor que lhe temos, visto ser Ele mesmo que no-lo dá; nem também podemos ignorar o que Ele tem por nós, pois que Ele bem o publicou, e reconhecemos tudo o que temos de bom como verdadeiros efeitos da sua benevolência; e enfim, estamos em perpétua comunicação com Ele, pois não cessa de falar aos nossos corações pelas inspirações, atractivos e movimentos sagrados. Deus não cessa igualmente de fazer-nos bem e dar-nos toda a sorte de provas da sua santíssima afeição, tendo-nos claramente revelado todos os seus segredos, como a *amigos* confidentes ⁽²⁾; e, para coroar o seu santo e amoroso convívio, fez-se nossa própria carne no Santíssimo Sacramento da Eucaristia. E quanto a nós, sempre que nos apraz, podemos a todas as horas procurar a sua amável companhia pela oração, pois *temos* toda a *nossa vida*, o *nosso movimento* e o *nosso ser*, não sòmente com Ele mas *nEle* e por Ele ⁽³⁾.

Ora, esta amizade não é uma simples amizade, mas amizade de dilecção, pela qual fazemos eleição de Deus para amá-lo com um amor particular. Ele é *escolhido*, diz a Esposa sagrada ⁽⁴⁾, *entre mil*; e ela diz *entre mil*, mas quer dizer entre todos. Por isso, esta dilecção não é dilecção de simples excelência, mas uma dilecção incomparável, porque a caridade ama a Deus por uma estima e preferência da sua bondade, tão alta e alevantada acima de qualquer outra estima, que os outros amores, ou não são verdadeiros amores em comparação deste, ou, se são verdadeiros amores, então este é infinitamente mais que amor.

Logo, Teotimo, não é um amor que as forças da natureza humana ou angélica possam produzir, mas o *Espírito Santo* o dá e o *derrama em nossos corações* ⁽⁵⁾; e como as nossas almas, que dão a vida aos nossos corpos, não têm a origem em nossos corpos, mas são postas em nossos

(1) I João, IV, 10. — (2) S. João, XV, 15. — (3) Ant., XVII, 28.
— (4) Cant., V, 10. — (5) Rom., V, 5.

corpos pela providência natural de Deus, assim a caridade que dá a vida aos nossos corações, não é extraída dos nossos corações, mas é neles derramada como um licor celeste pela providência sobrenatural da sua divina Majestade.

Damos-lhe, pois, o nome de amizade sobrenatural, por este motivo, e ainda porque se refere a Deus e tende a Ele, não segundo a ciência natural que temos da sua bondade, mas segundo o conhecimento sobrenatural da fé. É por isso que, com a fé e a esperança, ela faz a sua mansão no alto cimo do espírito, e, como rainha cheia de majestade, está sentada na vontade como em seu trono, de onde esparge sobre toda a alma as suas suavidades e doçuras, tornando-a por este meio perfeitamente bela, agradável e amável à divina Bondade: de sorte que, se a alma é um reino de que o Espírito Santo é o rei, a caridade é a rainha, sentada à sua *dextra revestida de ouro matizado com belas cores* ⁽¹⁾; se a alma é uma rainha, Esposa do grande Rei celeste, a caridade é a coroa que adorna magnificamente a sua real fronte; se a alma com o seu corpo é um pequeno mundo, a caridade é o sol que tudo embeleza, tudo anima e tudo vivifica.

A caridade, pois, é um amor de amizade, uma amizade de dilecção, uma dilecção de preferência, mas de preferência incomparável, summa e sobrenatural, que está como um sol em toda a alma para a aformosear com seus raios, em todas as faculdades espirituais para as aperfeiçoar, em todas as potências para as moderar, e na vontade como em seu centro, para nela residir e fazer-lhe amar e prezar o seu Deus sobre todas as coisas.

Oh! como é bem-aventurado o espírito em que esta santa dilecção está difundida, pois *todos os bens lhe chegam juntamente com ela* ⁽²⁾.

FIM DO LIVRO SEGUNDO

(1) Ps. XLIV, 10. — (2) Sap., VII, 11.

LIVRO TERCEIRO

PROGRESSO E PERFEIÇÃO DO AMOR DE DEUS

CAPÍTULO I

O amor divino pode ser aumentado cada vez mais em cada um de nós

O sagrado Concílio de Trento afirma-nos ⁽¹⁾ que «os amigos de Deus, caminhando *de virtude em virtude* ⁽²⁾, são renovados de dia em dia ⁽³⁾, isto é, crescem por boas obras na justiça que receberam pela graça divina, e são cada vez mais justificados, segundo estas divinas palavras: *Quem é justo, seja novamente justificado*», e quem é santo, seja ainda mais santificado ⁽⁴⁾; Não duvides ser justificado até à morte ⁽⁵⁾; A vereda dos justos adianta-se e cresce, como uma luz resplandecente até ao dia perfeito ⁽⁶⁾; Praticando a verdade com caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, isto é, Jesus Cristo ⁽⁷⁾. E finalmente: *Eu vos peço que a vossa caridade cresça cada vez mais* ⁽⁸⁾. Todas estas palavras sagradas são tiradas dos livros de David, S. João, Eclesiástico e S. Paulo.

Todos os animais chegam a um ponto em que não crescem

(1) Sess. VI, cap. X. — (2) Ps. LXXXIII, 8. — (3) II Cor., IV, 16.
— (4) Apoc., XXII, 11. — (5) Eccli., XVIII, 22. — (6) Prov., IV, 18. —
(7) Ephes., IV, 15. — (8) Phillip., I, 9.

mais, à excepção do crocodilo ⁽¹⁾, que, sendo extremamente pequeno, quando nasce, nunca deixa de crescer enquanto vive. Representa os bons e igualmente os maus; porque a *temeridade dos que odeiam a Deus cresce sempre*, diz o grande rei David ⁽²⁾, e os bons crescem como a alva do dia, *de esplendor em esplendor* ⁽³⁾.

Permanecer sempre no mesmo estado é impossível; quem não ganha, perde neste negócio; quem não sobe, desce nesta escada; quem não é vencedor, é vencido neste combate. Vivemos entre as contingências das batalhas que nos dão os nossos inimigos; se não resistimos, perecemos, e não podemos resistir sem vencer, nem vencer sem vitória; porque, segundo diz o glorioso S. Bernardo ⁽⁴⁾, «*está escrito, muito especialmente com respeito ao homem, que nunca permanece no mesmo estado*» ⁽⁵⁾: Ou avança, ou recua. *Todos correm, mas só um ganha o prémio; correi para que possais obtê-lo* ⁽⁶⁾. Quem é o prémio, senão Jesus Cristo? e como podereis alcançá-lo se O não seguís? Mas, se o seguirdes, andareis e correreis sempre, porque Ele nunca parou, mas prosseguiu a carreira do seu amor e obediência, *até à morte e morte de cruz* ⁽⁷⁾.

Caminhai portanto, diz S. Bernardo, caminhai, digo eu com ele, caminhai, meu caro Teotimo, e não tenhais outros limites senão os da vossa própria vida; enquanto ela durar, correi após o Salvador, mas correi ardente e diligentemente, pois de que vos servirá segui-lo, se não tiverdes a ventura de o acompanhar? Ouçamos o Profeta ⁽⁸⁾: *Inclinei o meu coração a cumprir as vossas justificações eternamente*. David neste lugar não diz que as observará por certo tempo, mas para sempre; e como quer praticar o bem eternamente, receberá um eterno salário. *Bem-aventurados os que se conservam sem mancha no caminho, os que andam na lei do Senhor* ⁽⁹⁾; *desgraçados os pecadores que se apartam da lei do Senhor* ⁽¹⁰⁾. Só Satanás ousa dizer que *estará sentado nos flancos do aquilão* ⁽¹¹⁾. Miserável... estarás sentado! Acaso não conheces que estás no caminho e que

(1) Vincent. Bellov., *Speculum naturæ*, I. XVII, c. CVIII. — (2) Ps., LXXIII, ult.^o. — (3) II Cor., III, ult.^o. — (4) *Ep.* 254, *ad Guarinum*. — (5) Job, XIV, 2. — (6) I Cor., IX, 24. — (7) Filip., II, 8. — (8) Ps. CXVIII, 112. — (9) Ps. CXVIII, v. 1. — (10) Ps. CXVIII, v. 21. — (11) Is., XIV, 13.

o caminho não é feito para estar sentado mas para andar? É de tal forma feito para andar, que o andar chama-se caminhar; e Deus, falando a um dos seus maiores amigos, lhe diz ⁽¹⁾: Anda diante de mim, e sê perfeito.

A verdadeira virtude não tem limites, avança sempre; mas muito principalmente a santa caridade que é a virtude das virtudes. Tendo por alvo um objecto infinito, seria capaz de tornar-se infinita se encontrasse um coração capaz da infinidade, visto que não há nada que impeça este amor de ser infinito senão a condição da vontade que o recebe e que deve por ele operar; de sorte que, assim como nunca alguém verá a Deus tanto quanto é visível, também, pela mesma razão, ninguém poderá amá-lo tanto quanto é amável. O coração que pudesse amar a Deus com um amor igual à divina Bondade possuiria uma vontade infinitamente boa, o que não pode existir senão em Deus. Portanto a caridade, em nós, pode ser aperfeiçoada até ao infinito, mas excluindo-o; quer dizer, pode tornar-se cada vez mais e sempre mais excelente, sem que ela própria possa jamais ser infinita. O espírito de Deus pode elevar o nosso, e applicá-lo a todas as acções sobrenaturais que lhe aprouver, enquanto que estas não são infinitas; da mesma forma entre as coisas pequenas e as grandes, por excessivas que sejam, há sempre uma espécie de proporção, desde que o excesso das excessivas não seja infinito; mas entre o finito e o infinito não há proporção nenhuma; para a haver seria necessário ou elevar o finito tornando-o infinito, ou deprimir o infinito tornando-o finito, o que não é possível. De sorte que a mesma caridade que existe no nosso Redentor enquanto homem, ainda que grande e acima de tudo quanto os anjos e os homens podem compreender, não é infinita em seu ser e de si mesma, mas unicamente na estima da sua dignidade e do seu merecimento, porque é a caridade duma pessoa de infinita excelência, isto é, duma Pessoa divina que é o Filho eterno do Pai todo poderoso.

Todavia, é uma graça para as nossas almas poderem crescer e aumentar sempre no amor do seu Deus, enquanto estão nesta vida passageira.

(1) Gen., XVII, 1.

CAPÍTULO II

Nosso Senhor tornou fácil o aumento do amor

Um copo de água ou um bocadinho de pão que uma santa alma dá ao pobre, por amor de Deus, é de certo bem pequena obra, quase indigna de atenção, segundo os juízos humanos; Deus, porém, a recompensa no mesmo instante e dá por este motivo algum aumento de caridade ⁽¹⁾. As peles de cabra, apresentadas antigamente no Tabernáculo, eram bem recebidas e tinham cabimento entre as santas ofertas ⁽²⁾; da mesma forma as pequenas acções que procedem do amor são agradáveis a Deus e têm o seu lugar e merecimento. Assim como na Arábia não só as plantas de natureza aromática, mas todas as outras, são odoríferas, segundo Plínio ⁽³⁾, participando da especial natureza do solo, igualmente na alma caritativa, não só as obras excelentes por sua natureza, mas também os pequenos actos, ressentem-se da virtude do santo amor e se tornam agradáveis à Majestade de Deus, que, atendendo à intenção, que as produziu, nela aumenta a santa caridade.

Deus opera assim, porque a caridade não cresce como uma árvore que dá os ramos fazendo-os brotar pela sua própria virtude. Como a fé, a esperança e a caridade são virtudes que têm o seu princípio na Bondade divina, dela recebem o aumento e perfeição, como as abelhasinhas que, sendo extraídas do mel, dele se sustentam.

Por esta razão, do mesmo modo que as pérolas recebem não só o nascimento mas também o sustento do orvalho, e para esse fim as madreperlas abrem as suas conchas do lado do céu como para mendigar as gotas que a frescura do ar esparge ao romper do dia ⁽⁴⁾, assim nós também, tendo

⁽¹⁾ Marc., IX, 40. — ⁽²⁾ Exod., XXXV, 26. — ⁽³⁾ Plin., Hist. nat., I, XII, c. XVII (*at.* XL). — ⁽⁴⁾ S. Francisco de Sales aceitava, relativamente à origem das pérolas, as teorias dos naturalistas da sua época (veja-se Mattioli, in *Dioscor*; liv. II, cap. IV). Estes autores seguiam Plínio (*Hist. nat.*, liv. IX, cap. XXXV) e outros antigos.

recebido da Bondade celeste a fé, a esperança e a caridade, devemos sempre voltar os nossos corações e incliná-los para esse lado, para d'Ela impetrarmos a continuação e aumento destas virtudes. Ó Senhor! nos ensina a dizer a santa Igreja, nossa Mãe ⁽¹⁾, «dai-nos o aumento da fé, da esperança e da caridade»; à imitação dos que diziam ao Salvador ⁽²⁾: *Senhor, aumentai a fé em nós*; e segundo a opinião de S. Paulo ⁽³⁾, que certifica que *só Deus tem poder para fazer abundar em nós toda a graça*.

Portanto, é Deus que produz este aumento, em consideração do uso que fazemos da sua graça, segundo está escrito ⁽⁴⁾: *Aquele que tem, isto é, que emprega bem os favores recebidos, dar-se-lhe-á mais, e terá em abundância*. Deste modo se põe em prática a exortação do Salvador ⁽⁵⁾: *Juntai tesouros no Céu*, como se dissera: Juntai sempre novas boas obras às precedentes, porque são as moedas de que devem ser compostos os vossos *tesouros*: o jejum, a oração e a esmola. Ora, como no tesouro do Templo, as duas pequenas moedas da pobre viúva foram apreciadas ⁽⁶⁾, e como, acumulando pequenas quantias, crescem os tesouros e aumenta o seu valor; igualmente as mais insignificantes obras, feitas mesmo um pouco frouxamente e não segundo o fervor da caridade que sentimos, não deixam de ser agradáveis a Deus e por Ele apreciadas. Essas obras insignificantes, ainda que, de si mesmas, não possam causar aumento algum ao amor precedente, por menos enérgicas do que ele, não obstante, a Providência divina, por sua bondade, as estima, recompensa-as imediatamente com o aumento da caridade no presente e uma maior glória no Céu para o futuro.

As abelhas fabricam o mel delicioso que é a sua obra de maior valor, mas a cera, que também fabricam, nem por isso deixa de valer alguma coisa e tornar o seu trabalho recomendável; o coração amoroso deve diligenciar fazer as suas acções com grande fervor e alta estima, com o fim de aumentar consideravelmente a caridade; mas, se praticar algumas com menor zelo, não perderá a recompensa;

(1) Oratio Dom. XIII post. Pentec. — (2) Lucæ, XVII, 5; cf. Marc., IX, 23. — (3) II Cor., IX, 8. — (4) Matt., XIII, 12. — (5) Matt., VI, 20. — (6) Lucæ, XXI, 1-4.

porque Deus as levará em conta e por esse motivo sempre o amará um pouco mais. Deus, amando mais uma alma, dá-lhe mais amor, porque o nosso amor para com Ele é o efeito próprio e particular do seu amor para connosco.

Quanto mais olhamos para o nosso rosto que se reflete num espelho, tanto mais atentamente ele nos fixa; e também à medida que Deus lança com mais ternura os seus doces olhares sobre a nossa alma, que é feita à sua imagem e semelhança, a nossa alma, reciprocamente, considera a sua divina Bondade mais atenta e ardentemente, correspondendo, segundo a sua fraqueza, a todo o aumento do divino amor, que este soberano Bem lhe concede. O sagrado Concílio de Trento expressa-se deste modo ⁽¹⁾: «Se alguém disser que a justiça recebida não é conservada e mesino não é aumentada diante de Deus pelas boas obras, mas que as obras são unicamente frutos e sinais da justificação adquirida, e não motivo para aumentá-la, seja anátema.» Vede, Teotimo, como a justificação realizada pela caridade é aumentada pelas boas obras, e, convém notar, pelas boas obras *sem excepção*; porque, segundo diz muito bem S. Bernardo ⁽²⁾, «nada é exceptuado ou nada é diferenciado». O Concílio fala das boas obras indistintamente e sem reserva, dando-nos assim a conhecer que não só as grandes e fervorosas, mas também as pequenas e insignificantes fazem aumentar a santa caridade; as grandes aumentam a graça muito; as pequenas menos.

Tal é o amor que Deus tem às nossas almas, tal é o seu desejo de fazer-nos crescer naquele que lhe devemos consagrar, que a sua divina Bondade torna úteis para nós todas as coisas, serve-se de tudo para o nosso bem, e volve em nosso proveito os trabalhos, por vis e mesquinhos que sejam.

Na prática das virtudes morais, os pequenos actos não fazem crescer a virtude de que procedem, antes a enfraquecem, quando são de pouquíssimo valor, porque uma grande liberalidade morre, quando se ocupa em dar pequenas coisas, e de liberalidade torna-se em mesquinharía: mas quando se

(1) Sess., VI, cap. XXIV. — (2) De Consid., l. II, c. VIII.

trata das virtudes que procedem da misericórdia divina e principalmente da caridade, todas as obras lhes dão aumento. Logo, não é para estranhar se o amor sagrado, como rei das virtudes, não produz coisa alguma, pequena ou grande, que não seja amável, pois o bálsamo, príncipe das árvores aromáticas, não tem parte alguma, — casca ou folha — que não seja odorífera. E que poderia produzir o amor que não fosse digno de amor e não tendesse ao amor?

CAPÍTULO III

Como a alma que possui a caridade faz progressos nesta virtude

Empreguemos uma parábola, Teotimo, já que este método foi tanto do agrado de Jesus, soberano Mestre do amor que ensinamos. Um grande e valoroso rei desposou uma jovem e amável princesa e levando-a, um dia, a um aposento muito retirado, depois de breve colóquio, ela caiu desmaiada a seus pés com um acidente inesperado. O príncipe, que a amava mais do que a própria vida, tão comovido ficou que quase esteve a cair também sem sentidos.

Mas o mesmo amor que lhe fez sofrer este ataque de dor, deu-lhe ao mesmo tempo a força necessária para resistir, mover-se e, com admirável prontidão, acudir àquela querida companheira. Abriu um armário que ali havia, tirou um frasco de um cordial precioso, de que encheu a boca, e descerrando à força os dentes da sua amada princesa desfalecida, deu-lho a beber. Em seguida levantou-a com tal doçura, confortou-a e animou-a tanto, que, com o auxílio dele que a sustinha pelos braços, começou a dar alguns passos devagarinho.

Finalmente aquele bom rei colocou-lhe sobre o coração um remédio tão eficaz e precioso que ela, sentindo-se inteiramente restabelecida e restituída à sua antiga saúde, não precisou mais de socorro para andar, embora o esposo, con-

servando a mão direita dela entre as suas, e o braço direito apoiado ao seu braço e ao seu peito, continuasse a ampará-la. Deste modo a ia ajudando, prestando-lhe quatro serviços muito agradáveis: 1.º testemunhava-lhe os desvelos do seu terno coração; 2.º dava-lhe sempre algum alívio; 3.º se repetisse o ataque de fraqueza, a socorria; 4.º se encontrasse no caminho alguma desigualdade e escabrosidade, de pronto lhe acudia; nas subidas ou querendo ela ir mais depressa, segurava-a e sustinha-a. Conservou-se sempre ao pé dela com esta cordial solicitude até à noite, e quis ainda acompanhá-la na ocasião em que a deitaram no seu real leito.

A alma é esposa de Nosso Senhor, quando é justa, e porque não pode ser justa sem que possua a caridade, também não é esposa sem que seja introduzida no *aposenso* daqueles deliciosos *perfumes* de que se fala nos Cânticos ⁽¹⁾. Ora quando a alma, que recebe esta honra, comete o pecado, cai desmaiada e este acidente é na verdade bem inesperado; pois quem poderia jamais pensar que uma criatura quisesse abandonar o seu Criador e sumo bem, por coisas tão frívolas como são os atractivos do pecado? Por certo que isto espanta o Céu ⁽²⁾ e se Deus fosse sujeito a paixões cairia sucumbido por tão grande desgraça, como quando na sua vida mortal expirou sobre a cruz para por ela nos resgatar. Mas, já que não é necessário que empregue o seu amor em morrer por nós, quando vê a alma assim precipitada na iniquidade, corre em seu auxílio e com uma misericórdia incomparável entreabre-lhe a porta do coração por movimentos e remorsos de consciência, procedentes de muitas luzes e temores que lançou em nossos espíritos, e com esforços salutaros por meio dos quais, como águas odoríferas e vitais, faz tornar a alma a si, e volver aos bons sentimentos.

E tudo isto, meu Teotimo, Deus opera-o «em nós, sem nós», pela sua bondade amabilíssima que nos previne com as suas doçuras ⁽³⁾. Pois assim como a esposa desmaiada teria morrido no seu desmaio sem o socorro do rei, também a alma pereceria no seu pecado, se Deus lhe não acudisse.

(1) Cap. I, 3. — (2) Jerem., II, 12. — (3) Ps. XX, 3.

Se a alma despertada desse modo une o seu consentimento ao sentimento da graça, auxiliando a inspiração que a preveniu, e recebendo os socorros e remédios necessários que Deus lhe preparou, Ele a fortificará e conduzirá por diversos movimentos de fé, de esperança e de penitência, até ao seu completo restabelecimento na verdadeira saúde espiritual, que não é outra coisa senão a caridade.

Enquanto Deus faz assim passar a alma pelas virtudes que dispõem ⁽¹⁾ a este santo amor, não só a conduz, mas sustenta-a de tal forma que, como ela, de seu lado, caminha tanto quanto pode, também Ele pela sua parte a leva e vai sustentando; de modo que, na verdade, não poderíamos dizer se ela anda ou é levada, porque não é levada de tal maneira que não ande, mas sim de maneira que, se não fosse levada, não poderia andar. Deve, pois, dizer: *Caminho não eu só, mas a graça de Deus comigo* ⁽²⁾.

Orá, quando a alma está inteiramente restabelecida pelo excelente remédio da caridade, que o Espírito Santo lhe infunde no coração, poderia caminhar e sustentar-se de pé por si mesma. Mas, embora possa caminhar por si só, ela deve volver toda a glória ao seu Deus, que lhe deu uma saúde tão vigorosa e tão forte, porquanto, ou o Espírito Santo nos fortaleça pelos movimentos que imprime em nossos corações, ou nos sustenha por meio da caridade que neles derrama, ou nos socorra pela sua assistência levantando-nos e guiando-nos, ou retempere os nossos corações lançando neles o amor forte e generoso, é sempre *nele* e por ele que *vivemos*, caminhamos e operamos ⁽³⁾.

Todavia, posto que, mediante a *caridade infundida em nossos corações* ⁽⁴⁾, possamos caminhar na presença de Deus e fazer progressos no caminho da salvação, é certo que a Bondade divina assiste à alma a quem deu o seu amor, amparando-a continuamente com a sua santa mão. Porque assim: 1.º dá melhor a conhecer a suavidade do amor que lhe tem; 2.º vai sempre animando-a mais e mais; 3.º conforta-a contra as inclinações perversas e os maus hábitos con-

(1) Ps. LXXX, 6, 7. — (2) I Cor., XV, 10. — (3) Act., XV, 28. — (4) Rom., V, 5.

traídos pelos pecados passados; 4.º e finalmente, guarda-a e defende-a contra as tentações.

Não vemos nós, Teotimo, que muitas vezes os homens são e robustos carecem de estímulo para bem empregar a sua força e o seu poder, e de serem, para assim dizer, conduzidos pela mão ao trabalho? De igual modo, havendo-nos, embora, dado Deus a sua caridade e por ela a força e meio de adiantar no caminho da perfeição, o seu amor não lhe permite deixar-nos sòzinhos, antes o faz caminhar conosco, e solicita e estimula o nosso coração a bem empregarmos a santa caridade que nos deu, apresentando-nos muitas vezes por suas inspirações as exortações que S. Paulo nos faz: *Tomai sentido em não receber a graça celeste em vão* (1); *Enquanto tendes tempo praticai todo o bem que puderdes* (2); *Correi de sorte que ganheis o prêmio* (3). De maneira que devemos imaginar muitas vezes que Ele repete aos ouvidos de nossos corações as palavras que dizia ao bom pai Abraão (4): *Caminha na minha presença e sê perfeito*.

A assistência especial de Deus é mormente indispensável para a alma, que tem o santo amor, nas empresas assinaladas e extraordinárias; porque embora a caridade, ainda que fraca, nos dê bastante inclinação e, segundo julgo, uma força suficiente para fazer as obras necessárias para a salvação, é todavia certo que, para desejar e empreender acções consideráveis e extraordinárias, os nossos corações precisam de ser estimulados e levantados pela mão e pelo impulso do grande Amante celeste, como aconteceu à princesa da parábola, a qual não obstante o seu restabelecimento não podia andar nas subidas, nem depressa, sem que o seu querido esposo a amparasse e sustentasse. Santo Antão e S. Simeão Stilita estavam em graça e caridade com Deus, quando se resolveram a uma vida tão singular; como também a bem-aventurada madre Teresa, quando fez voto de obediência especial; S. Francisco e S. Luís, quando empreenderam a viagem de além-mar pela glória de Deus; o bem-aventurado

(1) II Cor., VI, 1. — (2) Galat., VI, 10. — (3) I Cor., IX, 24. — (4) Gen., XVII, 1.

Francisco Xaxier, quando consagrou a sua vida à conversão dos Índios; S. Carlos, quando se dedicou ao serviço dos pestíferos; S. Paulino, quando se vendeu a fim de resgatar o filho da pobre viúva; todavia, nunca teriam tido rasgos tão arrojados e generosos, se à caridade que possuíam em seus corações, Deus não houvesse ajuntado inspirações, solicitações, luzes e forças especiais com que os animava e estimulava a estes feitos extraordinários da vida espiritual.

Lembraí-vos do jovem do Evangelho ⁽¹⁾, que Nosso Senhor sem dúvida amava, e por conseguinte estava em caridade; mas com certeza não pensava em vender tudo quanto possuía para o dar aos pobres e seguir a Nosso Senhor; e quando Nosso Senhor lhe deu a inspiração, ainda lhe faltou a coragem de a executar.

Para tais grandes obras carecemos não somente de sermos inspirados, mas também fortalecidos para realizarmos o que a inspiração exige de nós; como também nos grandes assaltos de tentações extraordinárias nos é inteiramente necessária uma especial e particular presença do socorro celeste.

Por este motivo a 'Santa Igreja exclama tantas vezes: «Excitai os nossos corações, Senhor ⁽²⁾», «Ó Deus, inspirai as nossas acções e acompanhai-nos com o vosso auxílio» ⁽³⁾; *Ó Senhor! sede pronto em socorrer-nos* ⁽⁴⁾, e outras semelhantes aspirações; para que por estas súplicas alcancemos a graça de realizar obras excelentes e extraordinárias e de fazer mais frequente e fervorosamente as ordinárias; de resistir também com mais ardor às pequenas tentações e de combater enèrgicamente as grandes.

Santo Antão, sendo assaltado por uma horrível legião de demónios, depois de haver, por muito tempo, resistido aos seus ataques com violentos esforços e incríveis tormentos, viu de repente abrir-se o tecto da sua cela e entrar pela abertura um raio celeste, que dissipou num instante a negra e infernal turba dos seus inimigos e lhe tirou toda a dor dos golpes que

(1) Marc., X, 17-22. — (2) Oratio Dom. II Adventus. — (3) Orat. quinta Sabati Quat. Temp. Quadrag. — (4) Ps., LXIX, 1.

recebera nesta batalha, o que lhe fez conhecer a presença de Deus; e dando um profundo suspiro, virou-se para o lado da visão e disse: «Aonde estáveis, ó bom Jesus, aonde estáveis? Por que não vos achastes aqui desde o princípio para me socorrer na minha aflicção?» «Antão», foi-lhe respondido do alto, «eu estava aqui, mas aguardava o resultado do combate: agora, porque foste intrépido e valente, ajudar-te-ei sempre» ⁽¹⁾.

Em que consistia a valentia e a coragem deste grande soldado espiritual? Ele mesmo o declarou numa outra ocasião ⁽²⁾, em que, sendo atacado por um demónio que confessou ser o espírito da luxúria, este glorioso Santo, depois de muitas palavras dignas da sua grande coragem, começou a cantar o verso 7 do Salmo CXVII:

O Eterno está de meu lado,
Por Ele estou defendido;
Dos inimigos de minha alma
Nenhum me mete cuidado.

Uma vez que Santa Catarina de Sena foi assaltada por uma terrível tentação, Nosso Senhor lhe revelou que estivera dentro do seu peito, como um capitão no meio duma fortaleza, para a defender e que, sem o seu auxílio, a ela teria succumbido no combate ⁽³⁾. O mesmo acontece em todos os assaltos que nos dão os nossos inimigos, e bem podemos dizer como Jacob ⁽⁴⁾, que é o *Anjo que nos defende de todo o mal*, e cantar, com o grande rei David:

O Pastor que me guia
é Deus, que o mundo governa;
assim guiado, verei sempre
satisfeitos meus anseios;

(1) S. Atanas., Vita S. Ant., § 10. — (2) S. Atanas., Vita S. Ant., § 6. — (3) B. Raym. de Capua, Vit. S. Cat. Sen., Pars 1.^a, c. VII. — (4) Gen., XLVIII, 16.

se minha alma vê aflita,
e o infortúnio a esmagá-la,
restitui a ela o vigor,
e a mim dá-me coragem ⁽¹⁾.

Assim devemos muitas vezes repetir esta suplicante exclamação:

Tua bondade me segue por toda a parte,
Teu amparo me sustenta a cada instante,
Para, enfim, no teu céu, ó meu Deus
ir eternamente habitar ⁽²⁾.

CAPÍTULO IV

Da santa perseverança no amor de Deus

Como uma terna mãe, levando consigo o filhinho, o ajuda a andar, deixando-lhe dar alguns passos sozinho nos lugares menos perigosos e muito planos, ora segurando-o pela mão, ou tomando-o nos braços, assim Nosso Senhor tem um cuidado contínuo com a conduta dos seus filhos que o amam, fazendo-os caminhar adiante de si, estendendo-lhes a mão nas dificuldades, levando-os e ajudando-os nos sofrimentos que doutra forma seriam insuportáveis. O que declarou por Isaias ⁽³⁾, dizendo: *Eu sou o teu Deus, tomando a tua mão e dizendo-te: Não temas, tenho-te ajudado.*

Devemos ter uma firmíssima confiança em Deus e no seu auxílio; pois se não faltarmos à sua graça, ele concluirá em nós a boa obra da nossa salvação como a principiou ⁽⁴⁾, operando em nós o *querer* e o *aperfeiçoamento* ⁽⁵⁾, como nos adverte o sagrado concílio de Trento ⁽⁶⁾.

⁽¹⁾ Ps. XXII, 1, 2. — ⁽²⁾ Ps. XXII, ult. v. — ⁽³⁾ Cap. XLI, 13. — ⁽⁴⁾ Philip., I, 6. — ⁽⁵⁾ Philip., II, 13. — ⁽⁶⁾ Sess. VI, cap. XIII.

Nesta maneira de proceder da bondade de Deus para com nossas almas desde a sua introdução na caridade até à sua completa perfeição, que não se realiza senão à hora da morte, consiste o grande dom da perseverança ao qual Nosso Senhor concede o grandíssimo dom da glória eterna, segundo Ele mesmo disse ⁽¹⁾: *Quem perseverar até ao fim, será salvo.*

Porque este dom não é outra coisa senão o conjunto e a sequência de diversos benefícios, lenitivos e socorros, por meio dos quais continuamos no amor de Deus até ao fim; como a educação, ensino ou criação de uma criança não é outra coisa senão um grande número de cuidados, solitudes, desvelos e outros semelhantes serviços necessários a uma criança, exercidos e continuados para com ela até à idade em que já lhe não são necessários.

A série dos socorros e auxílios não é igual em todos os que perseveram: nuns é muito curta, como nos que se convertem a Deus pouco antes da morte, conforme aconteceu ao bom ladrão, ao algoz que, vendo a constância de S. Tiago, fez imediatamente profissão de fé e foi companheiro do martírio deste grande Apóstolo; ao bem-aventurado porteiro que guardava os quarenta mártires em Sebaste, que, vendo um deles desfalecer abandonando a palma do martírio, se pôs em seu lugar e num instante tornou-se cristão, mártir e glorioso ao mesmo tempo; ao tabelião de quem se conta na vida de Santo António de Pádua, que, tendo sido toda a sua vida um hipócrita vilão, morreu mártir, e a mil outros que tendo vivido maus foram tão felizes que morreram bons.

Mas estes não precisam de grande variedade de socorros, porque, se não lhes sobrevém alguma grande tentação, podem efectuar uma tão curta perseverança só com a caridade que lhes é dada e os socorros com que se converteram; chegam ao porto sem navegação e fazem a sua peregrinação num só salto que a poderosa misericórdia lhes faz dar tanto a tempo, que os seus inimigos os vêem triunfar antes de os sentirem combater.

A conversão e perseverança destes são quase uma só e

(1) Mat., X, 22.

mesma coisa, e, falando com rigor, a graça que recebem não deveria ser chamada de *perseverança*, pois logo a seguir à conversão, morreram; embora quanto ao efeito faça as vezes de perseverança, pois o agraciado alcança a sua salvação.

Em muitos, porém, a perseverança, é mais demorada, como em Sant'Ana a profetisa, em S. João Evangelista, em S. Paulo, primeiro eremita, em Santo Hilário, em S. Romualdo, em S. Francisco de Paula, que careceram de continuados auxílios da graça divina enquanto durou a sua peregrinação na terra.

A perseverança é o dom mais digno dos nossos desejos e das nossas esperanças nesta vida, dom que, aliás, como diz o sagrado Concílio de Trento ⁽¹⁾, « não podemos receber senão de Deus, porque só Ele *pode firmar o que está de pé* ⁽²⁾, e levantar o que cai. » Eis porque devemos continuamente pedi-la, empregando os meios que Deus nos ensinou para a alcançar; que são a oração, o jejum, a esmola, o uso dos Sacramentos, o trato com os bons, a pregação e a leitura da palavra santa.

Como a graça da oração e da devoção é liberalmente concedida a todos os que de boa vontade querem cooperar com as inspirações celestes, claro é que está em nossa mão o perseverar.

Não quero dizer que a perseverança tenha a sua origem no nosso poder, pois, pelo contrário, sei que procede da misericórdia divina da qual é um dom preciosíssimo. Quero, porém, dizer que, embora a graça da perseverança nos seja dada por Deus como dom da sua bondade e misericórdia, está na nossa parte aceitá-la e depois colaborar com ela para produzir um resultado que é a nossa salvação. Se bem que a graça divina nos é necessária para querermos perseverar, o acto de querer é livre, depende de nós; pois a graça nunca falta a amparar a vontade, quando esta, podendo, quer igualmente.

Portanto, segundo S. Bernardo ⁽³⁾, podemos todos dizer

(1) Sess. VI, cap. XIII. — (2) Rom., XIV, 4. — (3) Sermo XI, de Diversis, De duplici Bapt., § I.

com o Apóstolo, que *«nem a morte, nem a vida, nem as forças, nem os anjos, nem o abismo, nem a altura poderá jamais separar-nos da caridade de Deus que está em Jesus Cristo* (1). Sim, porque criatura alguma pode subtrair-nos a este santo amor; só nós podemos deixá-lo e abandoná-lo por nossa própria vontade, fora da qual nada temos que temer a este respeito.»

Assim, pois, devemos, como aconselha o sagrado Concílio de Trento (2), pôr toda a nossa esperança em Deus, que *consumará* a nossa salvação começada em nós (3), contanto que não faltemos à sua graça».

Aquele que disse ao paralítico: *Vai e não queiras mais pecar* (4), deu-lhe também o poder de evitar, querendo, o pecado proibido, e como estava pronto a dar esse poder, exortou muitas vezes os fiéis a perseverar. *Sê fiel até à morte*, disse Ele ao Bispo de Smirna (5), *e dar-te-ei a coroa da vida*. *Vigiai, permaneci na fé, trabalhai corajosamente e confortai-vos, praticai todas as vossas acções em caridade* (6). *Correi de sorte que alcanceis o prémio* (7).

Devemos, por conseguinte, com o grande Rei (8), pedir muitas vezes a Deus o sagrado dom da perseverança e esperar que no-lo concederá:

Senhor Deus, sois minha esperança;
Não a deixeis fracassar
nos dias últimos da vida.
Quando, cansado dos anos,
meu vigor me faltar,
não me abandone a tua mão.

(1) Rom., VIII, 38, 39. — (2) Ubi supra. — (3) Filip., I, 6.
— (4) Joan., V, 14. — (5) Apoc., II, 10. — (6) I Cor., XVI, 13, 14.
— (7) I Cor., IX, 24. — (8) Ps., LXX, 9.

CAPÍTULO V

**A felicidade de morrer no amor de Deus
é uma graça especial**

O Rei celeste depois de conduzir e auxiliar a alma que ama, até ao fim desta vida, assiste-a ainda na santa morte por meio da qual a conduz ao leito nupcial da glória eterna — delicioso fruto da perseverança.

E então, querido Teotimo, esta alma toda arrebatada de amor pelo seu bem amado, relembrando-se das inumeráveis graças e socorros com que Deus a ajudou e assistiu durante a peregrinação na terra, beija sem cessar a doce e caritativa mão do Senhor, que a conduziu, atraíu e sustentou no caminho, e confessa que é deste divino Salvador que lhe vem toda a felicidade.

Deus deu-lhe tudo o que o grande patriarca Jacob desejava para a viagem, depois de ter visto a escada do céu ⁽¹⁾. Oh! Senhor, pode dizer ela então, estivestes *comigo*, guardastes-me *no caminho por onde vim*, destes-me *o pão* dos vossos Sacramentos para meu sustento, revestistes-me com *o vestido* nupcial da caridade, conduzistes-me *felizmente* para esta morada de glória que é vossa *casa*, ó meu *Paí* eterno! Que me resta, pois, Senhor, senão protestar que vós sois *o meu Deus* por todos os séculos dos séculos! Amen.

Meu Deus, e Senhor eternamente amável,
tu me tomaste a mão, e com firmeza
pelos ásperos caminhos me guiaste
da celestial mansão — honra sublime! ⁽²⁾

(1) Gen, XXVIII, 20, 21. — (2) Ps. LXXII, 24.

Tal é a ordem do nosso caminho para a vida eterna. Para lá chegar, a divina Providência estabeleceu desde toda a eternidade muitas e variadas graças dependentes umas das outras.

Em primeiro lugar quis Deus que, mesmo depois do pecado de Adão, *todos os homens se salvassem* ⁽¹⁾, por modos e meios convenientes à condição da sua natureza dotada de liberdade; isto é, quis a salvação de todos os que quisessem corresponder às graças e favores que para este fim Ele lhes prepara, oferece e distribui.

De entre esses favores celestes quis que a vocação fosse o primeiro, e de tal forma apropriada à nossa liberdade, que podemos aceitá-la ou rejeitá-la conforme quisermos. E àqueles que Ele previu a aceitariam, quis dar-lhes a penitência; aos que aceitariam a penitência quis dar a caridade; aos que praticariam a caridade, quis dar a perseverança; e aos que se utilizariam destes divinos auxílios, resolveu dar a perseverança final e a gloriosa felicidade do seu amor eterno no céu.

Podemos, portanto, enunciar a ordem dos efeitos da providência relativa à nossa salvação, descendo desde o primeiro até ao último destes efeitos, isto é, desde o fruto que é a glória eterna até à raiz desta formosa árvore que é a redenção do Salvador.

Com efeito, a divina Bondade dá a glória depois dos méritos, os méritos depois da caridade, a caridade depois da penitência, a penitência depois da obediência à vocação, a obediência à vocação depois da vocação, e a vocação depois da redenção do Salvador, sobre a qual está, para assim dizer, firmada esta escada mística do grande Jacob, tanto do lado do céu, pois que termina no seio amante do Padre Eterno onde recebe os escolhidos glorificando-os, como do lado da terra, pois está cravada no seio e lado aberto do Salvador, morto por esta causa sobre o monte Calvário.

E que esta série de efeitos da Providência tenha sido assim ordenada com a mesma dependência que têm uns dos outros na eterna vontade de Deus, demonstra-o claramente a

(1) I Tim., II, 4.

Igreja numa oração solene ⁽¹⁾ quando diz: « Ó Deus eterno e onipotente, que sois Senhor dos vivos e dos mortos e misericordioso para com todos aqueles que sabeis virão a pertencer-vos pela fé e pelas obras »; como se confessasse que a glória, que é o remate e o fruto da misericórdia divina para com os homens, não está destinada senão àqueles que a sabedoria divina previu que no futuro, obedecendo à vocação, alcançariam *a fé viva que opera pela caridade* ⁽²⁾.

Numa palavra, todos estes efeitos dependem absolutamente da redenção do Salvador que os mereceu para nós, com todo o rigor da justiça, pela amorosa obediência que praticou *até à morte e à morte da cruz* ⁽³⁾, que é a raiz de todas as graças que recebemos, nós que somos enxertos espirituais insertos no seu tronco. Se depois de insertos permanecemos a Ele unidos, daremos pela vida da graça que Ele nos comunicar o fruto da glória que nos está preparado. Mas se formos como vergôntes e enxertos rasgados desta árvore, isto é, se por nossa resistência interrompermos o progresso e a série dos efeitos da sua clemência, seremos lançados ao fogo eterno como ramos inúteis ⁽⁴⁾.

É fora de dúvida, que Deus não preparou o Paraíso senão para aqueles que previu haviam de ser seus; sejamos, pois, seus pela fé e pelas obras, Teotimo, e Ele será nosso na glória. Ora depende só de nós o sermos seus: porque ainda que seja um dom de Deus pertencer a Deus, é, todavia, um dom que Deus nunca recusa a ninguém mas oferece-o a todos, para o dar àqueles que de bom grado consentiram em recebê-lo.

Notai, porém, Teotimo, com que ardor Deus deseja que sejamos seus, pois que por este motivo se tornou todo nosso, dando-nos a sua morte e a sua vida; a sua vida para que fôssemos isentos da morte eterna; e a sua morte para que possamos gozar da eterna vida. Vivamos, pois, tranquilos, e sirvamos fielmente a Deus, a fim de sermos seus nesta vida e ainda mais na eterna.

(1) Oratio tertia in Dominicis Quadragesimæ. — (2) Galat., V, 6.
— (3) Filip., II, 8. — (4) Joan., XV, 5, 6; Rom., XI, 17 seq.

CAPÍTULO VI

**Nesta vida mortal nunca poderemos conseguir
a perfeita união de amor com Deus**

Os rios correm incessantemente e, como diz o Sábio ⁽¹⁾, *volvem ao lugar de onde vieram*: o mar, que é o lugar do seu nascimento, é também o lugar do seu último descanso; todo o seu movimento não tende senão a uni-los com a sua origem. Ó Deus, diz Santo Agostinho ⁽²⁾, «vós criastes o meu coração para vós e jamais ele encontrará descanso senão em vós!» *Mas que tenho eu no céu senão vós, ó meu Deus! e que outra coisa quero sobre a terra?* Sim, meu Senhor, porque vós sois *o Deus do meu coração, o meu quinhão e a minha partilha eternamente* ⁽³⁾. Contudo esta união a que o nosso coração aspira, não pode chegar à sua perfeição nesta vida mortal; podemos começar o nosso amor a Deus neste mundo, mas só o amaremos perfeitamente no outro.

Assim o afirma a celeste amante em termos bem delicados: «*Achei-o, enfim, diz ela* ⁽⁴⁾, *Aquele a quem o meu coração ama; eu o possuo e não o deixarei até que o introduza na casa da minha mãe e no aposento daquela que me deu o ser.* Ela acha, pois, o seu amado, porque ele lhe faz sentir a sua presença por mil consolações; ela o possui porque este sentimento produz vivos affectos, por meio dos quais o estreita e abraça; protesta nunca deixá-lo. Oh não, porque estes affectos produzem resoluções eternas. Todavia não pensa em dar-lhe o ósculo nupcial enquanto não esteja com ele *na casa da sua mãe* ⁽⁵⁾, que é a *Jerusalém* celeste, segundo diz S. Paulo ⁽⁶⁾.

Ora, Teotimo, esta Esposa pensa em nada menos do que conservar o seu amado à sua disposição, como um

(1) Eccl., I, 7. — (2) Confess., 1. I, c. I. — (3) Ps. LXXII, 25, 26. — (4) Cant., III, 4. — (5) Cant., VIII, 1, 2. — (6) Galat., IV, 26.

escravo de amor, imaginando que a ela pertence governá-lo à sua vontade e introduzi-lo na bem-aventurada habitação da sua mãe, onde sem embargo ela mesma será introduzida por ele, como o foi Rebeca no quarto de Sara pelo seu querido Isaac (1). O espírito cativado pelo amor julga-se sempre um pouco superior àquele que ama, e o Esposo mesmo confessa (2) que a sua Amada lhe *arrebatou o coração, por um só cabelo* da sua cabeça, reconhecendo-se seu prisioneiro de amor.

Esta perfeita união da alma com Deus não se efectuará, portanto, senão no Céu, onde, como diz o Apocalipse (3), haverá o *festim das núpcias do Cordeiro*. Aqui, nesta vida caduca, a alma é na verdade esposa e desposada do *Cordeiro immaculado* (4), mas não ainda unida e ligada a ele. Jura-se a fé, trocam-se as promessas da união, mas a execução é diferida: eis porque estamos sempre a tempo de nos desdizermos, ainda que nunca tenhamos razão para fazê-lo, pois o nosso fiel Esposo nunca nos abandona sem que a isso o obriguemos pela nossa infidelidade e perfídia. Mas quando chegarmos ao Céu e ali celebrarmos as núpcias desta divina união, os nossos corações ficarão eternamente ligados a Deus.

E' verdade, Teotimo, que enquanto esperamos este precioso *ósculo* de indissolúvel união que receberemos do Esposo na glória, Ele nos dá já alguns nesta vida por mil sinais da sua agradável presença; pois se a alma não fosse acariciada, não seria atraída, nem correria *ao odor dos perfumes* do seu Amado (1). Por isso, segundo o texto hebreu da Sagrada Escritura, e a tradução dos setenta intérpretes, a alma amada do Senhor deseja muitos ósculos: *Que Ele me oscule, diz, com os ósculos da sua boca!* e a nossa edição *Vulgata* exprime o desejo da amante celeste desta forma: *Que Ele me dê um ósculo da sua boca!* como se dissesse: Entre todos os ósculos, entre todos os favores que o Amigo do meu coração, ou o coração da minha alma me tem preparado, ah! eu não suspiro senão por este grande e solene ósculo nupcial que deve durar eternamente, a ele só aspiro pois que, com-

(1) Gen., XXIV, ult. — (2) Cant., IV, 9 (juxta Septuaginta. — (3) Cap., XIX, 7, 9. — (4) I, Petri, I, 19. — (1) Cant., I, 1, 3.

parado aos outros ósculos, não merecem estes o nome de ósculos, porquanto não são a verdadeira união, mas apenas sinais da união futura entre o meu Amado e eu.

CAPÍTULO VII

A caridade dos Santos nesta vida mortal iguala, e até excede algumas vezes, a dos bem-aventurados

Quando após os trabalhos e as contingências desta vida mortal, as almas santas abordam ao porto da eterna, atingem o mais alto e último grau de amor a que possam chegar; e esse aumento final, sendo-lhes conferido em recompensa de seus merecimentos, é-lhes repartido, não só *com boa medida, mas ainda bem cheia, bem calcada, e cogulada*, no dizer de Nosso Senhor ⁽¹⁾; de forma que o amor, dado como salário, é sempre maior em cada um, que o que lhe havia sido dado para merecer. Ora, não só cada um em particular terá mais amor no Céu, do que jamais teve sobre a terra, mas o menor amor que possa haver na vida celeste, será muito mais excelente e superior, geralmente falando, ao da maior caridade que haja, tenha havido, ou venha a haver nesta vida caduca; porque no Céu todos os Santos praticam o amor incessantemente, sem dilação alguma; enquanto que cá na terra os maiores servos de Deus, importunados e tiranizados pelas necessidades desta vida miserável, são constrangidos a sofrer mil e mil distrações que os separam muitas vezes do exercício do santo amor de Deus.

No Céu, Teotimo, a atenção apaixonada dos Bem-aventurados é firme, constante, inviolável, e não pode nem perecer nem diminuir; a sua intenção é sempre pura; numa palavra, essa felicidade de ver a Deus claramente, e de o amar invariavelmente é incomparável. E quem poderia

(1) Lucæ, VI, 38.

jamais igualar a felicidade (se alguma há), de viver entre os perigos, as contínuas tormentas, as agitações e as vicissitudes perpétuas que se sofrem no mar, à satisfação que se experimenta de viver num palácio real, onde todas as coisas são à medida dos nossos desejos, e as delícias excedem incomparavelmente a todo e qualquer desejo?

Há portanto mais regozijo, mais suavidade e mais perfeição no exercício do amor sagrado entre os habitantes do céu, que entre os peregrinos desta miserável terra. Todavia houve pessoas por tal modo felizes neste mundo, que a sua caridade foi maior que a de muitos Santos no gozo da eterna bem-aventurança; pois é bem de presumir que a caridade do glorioso S. João, a dos Apóstolos e a dos homens apostólicos, tivesse sido maior, mesmo na terra, do que a das criancinhas que, por morrerem com a graça do baptismo, gozam da glória imortal.

De ordinário os pastores não costumam ser mais valentes do que os soldados; e David, ainda pastorzinho, vindo ao encontro do exército de Israel, reconheceu que todos eram mais hábeis que ele no exercício das armas ⁽¹⁾; e contudo provou que era mais valente que todos eles. Também não é costume que os homens mortais tenham mais caridade que os imortais; mas houve mortais que, sendo inferiores aos imortais no exercício do amor, excederam-nos na caridade e no hábito do amor divino.

Se compararmos um ferro em brasa com uma lâmpada acesa, dizemos que o ferro tem mais fogo e calor, e a lâmpada mais chama e luz; do mesmo modo se pusermos em paralelo uma criança gloriosa com S. João ainda encarcerado, ou S. Paulo ainda cativo, diremos que a criança no Céu tem mais claridade e luz no entendimento, mais chama e exercício de amor na vontade; mas S. João ou S. Paulo tiveram sobre a terra mais fogo de caridade e mais calor de amor.

(1) I Reg., XVII, 38, 39.

CAPÍTULO VIII

Do incomparável amor da Mãe de Deus
Senhora Nossa

Devo aqui advertir que, nas comparações dos capítulos anteriores, não me refiro nunca por forma alguma à Santíssima Virgem Mãe, Senhora Nossa, porque Ela é a Filha do amor incomparável, a *sublime pomba*, a perfeitíssima Esposa ⁽¹⁾. Esta Rainha celeste, segundo o meu pensar, pelo menos nos últimos dias mortais, excedeu em amor aos Serafins; porque, *se muitas donzelas acumularam riquezas, esta sobrelevou todas* ⁽²⁾.

Os Santos e os Anjos só são comparados às estrelas, e o primeiro de entre eles à mais bela de entre elas ⁽³⁾; mas a Mãe de Deus é *formosa como a lua* incontestavelmente *escolhida* e distinguida entre todos os Santos, *como o sol* entre os astros ⁽⁴⁾. E digo mais: assim como a caridade desta Mãe de amor excede a de todos os Santos do Céu em perfeição, também penso que Ela sobrelevou a todos na sua prática, mesmo nesta vida mortal. Nunca pecou venialmente, como diz a santa Igreja ⁽⁵⁾; não se deteve nem parou, mas progrediu sempre no seu amor para Deus.

Nunca sentiu oposição alguma da sensualidade; por isso o seu amor, como um verdadeiro Salomão, reinou pacificamente em sua alma e ali operou em harmonia com os seus desejos e segundo o seu agrado.

A virgindade do seu coração e do seu corpo foi mais digna e mais gloriosa que a dos Anjos; e é esta a razão porque o seu espírito, não *dividido* nem repartido, como diz S. Paulo ⁽⁶⁾, *só se ocupava em pensar nas coisas divinas, na maneira de agradar ao seu Deus*. Finalmente foi Mãe

(1) Cant., VI, 8. — (2) Prov., XXXI, 29. — (3) I Cor., XV, 41; Is., XIV, 12. — (4) Cant., XI, 9. — (5) Concil. Trident., Sess. VI, can. XXIII. — (6) I Cor., VII, 32-34.

de Jesus e sabendo-se que o amor materno é o mais solícito, o mais activo e o mais ardente de todos, amor desvelado e insaciável, quanto não amaria Ela o seu divino Filho?

Ah! não queirais alegar que a Santíssima Virgem foi sujeita ao repouso; não, não digais isso, Teotimo, pois não vedes que o seu sono é um sono de amor? de forma que o Esposo divino quer que a deixem dormir quanto lhe aprouver. *Ah! tomai bem sentido, vo-lo peço*, diz ele ⁽¹⁾, *não acordeis a minha Bem-amada sem que ela queira*.

Sim, Teotimo, esta Rainha Celeste só adormecia de amor, visto que ela só dava algum repouso ao seu precioso corpo com o fim de obter nova força para melhor servir o seu Deus; acto certamente de perfeita caridade, porque, como diz Santo Agostinho ⁽²⁾, ela «obriga-nos a amar ordenadamente os nossos corpos» como necessários às boas obras, parcela da nossa pessoa, e participantes da felicidade eterna.

Por certo, um cristão deve amar o seu corpo como uma imagem viva do Salvador incarnado, como procedente do mesmo tronco, e por consequência tocando-lhe por parentesco e consanguinidade, sobretudo depois que renovamos a aliança pela recepção verdadeira deste divino Corpo de Redentor, no augustíssimo Sacramento da Eucaristia, e pelo Baptismo, Confirmação e os outros Sacramentos, nos dedicámos e consagramos à suma Bondade.

Mas a Santíssima Virgem, com que devoção devia amar o seu corpo virginal, não só porque era um corpo dócil, humilde, puro, obediente ao santo amor, e todo embalsamado de mil suavidades sagradas, mas também porque era a origem viva do corpo do Salvador, e lhe tocava intimamente por uma incomparável dependência?! Por isso, quando entregava o seu corpo angélico ao repouso do sono, dizia: Descansaí um pouco da vossa fadiga, ó tabernáculo da aliança, arca da santidade, trono da divindade, e reparaí as vossas forças com este doce repouso!

E depois, meu caro Teotimo, não sabeis que os maus sonhos, voluntariamente provocados pelos perversos pensamentos do dia, são pecado, porque em certo modo dependem

(1) Cant., VIII, 4. — (2) De Doctr. Crist., I. I, c. XXV.

e são efeitos da malícia precedente? Pela mesma razão também os sonhos procedentes das santas afeições da véspera são julgados virtuosos e sagrados.

Que consolação não é ouvir S. João Crisóstomo ⁽¹⁾, narrando um dia ao seu povo a veemência do amor que lhe dedicava, dizer: «É certo que muitas vezes o sono quer fechar-me as pálpebras, mas a tirania do amor que vos consagro excita os olhos do espírito, e muitas vezes no meio do sono me pareceu falar-vos, porque a alma tem o hábito de ver em sonho pela imaginação aquilo em que pensa durante o dia, e deste modo não vos vendo com os olhos do corpo, via-vos com os olhos do amor».

O meu doce Jesus, quais seriam os sonhos da vossa santíssima Mãe, quando dormia e o seu *coração* velava ⁽²⁾. Não pensava Ela ver-Vos ainda encerrado em suas castas entranhas, como o foste durante nove meses? ou docemente reclinado em seus amorosos braços, recebendo o sagrado leite do seu seio virginal? Que doçura nesta alma! Talvez pensasse muitas vezes que, como Nosso Senhor tinha outrora dormido ao seu colo, como um cordeirinho junto e acalentado por sua mãe, assim também ela dormia no seu lado aberto, como cândida *pomba no côncavo de rochedo firme* ⁽³⁾. E se Ela alguma vez pensou, como o antigo José ⁽⁴⁾, na sua grandeza futura, quando no Céu fosse *revestida do sol, coroada de estrelas, e a lua a seus pés* ⁽⁵⁾, isto é, toda cercada do esplendor de seu Filho, coroada da glória dos Santos e tendo o Universo a seus pés; ou se, como Jacob ⁽⁶⁾, viu o progresso e os frutos da Redenção operada por seu Filho em favor dos Anjos e dos homens, quem poderá jamais fazer uma ideia da imensidade de tão grandes delícias? Que belos colóquios com o seu querido Filho! que santas conversações!

Mas, notai bem, que não digo, nem quero dizer que a alma tão privilegiada da Mãe de Deus fosse privada do uso da razão durante o sono. Muitos autores pensaram que Salomão, nesse belo sonho, verdadeiro sonho, em que pediu e

(1) *Hom.* 10 (hodie 1) de Pœnitentia. — (2) *Cant.*, V, 2. — (3) *Cant.*, II, 14. — (4) *Gen.*, XXXVII, 5, 10. — (5) *Apoc.*, XII, 1. — (6) *Gen.*, XXVIII, 12, 13.

recebeu o dom de uma incomparável sabedoria ⁽¹⁾, estava em pleno gozo da liberdade, como se deduz da judiciosa eloquência do seu discurso, da sensata escolha que fez, da excelente súplica que formulou, tudo sem mostra alguma de desarranjo mental.

Quanto mais verosímil não é que a Mãe do verdadeiro Salomão, isto é, Maria Santíssima, tenha alcançado o uso da razão durante o seu sono, como o próprio Salomão lho faz dizer ⁽²⁾, «o seu *coração velava enquanto dormia?* Se S. João teve o uso da inteligência no próprio seio de sua mãe, porque recusaremos nós um menor prodígio a favor daquela para a qual e à qual Deus concedeu mais graças do que nunca concedeu nem concederá a qualquer outra criatura?

Numa palavra, como a pedra preciosa chamada asbesto ⁽³⁾, conserva sempre o fogo que concebeu por uma propriedade sem igual ⁽⁴⁾, assim o Coração da Virgem Mãe permaneceu perpétuamente inflamado no santo amor que recebeu de seu Filho; com esta diferença: o fogo do asbesto, se não pode ser extinto, também não pode ser aumentado, enquanto que os sagrados ardores da Virgem, não podendo fenecer, nem diminuir, nem tão-pouco permanecer no mesmo estado, nunca cessaram de tomar incompreensíveis aumentos até ao Céu, que é o lugar de sua origem, tanto é verdade ser esta Mãe a Mãe do Amor Formoso ⁽⁵⁾, isto é, de Jesus, nosso Redentor.

CAPÍTULO IX

União dos Bem-aventurados com Deus

O amor triunfante, que os Bem-aventurados gozam no Céu, consiste na união completa, invariável e eterna da alma com Deus. O que é essa união?

(1) III Reg., III, 5, 15; II Paral., I, 7, 12. — (2) Supra. — (3) O *asbesto* é em grande parte composto de silicato de cal e de magnésia, com alguma alumina e óxido de ferro. Quando é branco, flexível e modoro dá-se-lhe o nome de amianto. (*Nota do tradutor*). — (4) S. Ang., De Civit. Dei, I, XXI, c. v. — (5) Ecll., XXIV, 24.

Quanto mais perfeitos e agradáveis aos sentidos são os objectos, tanto mais aqueles são arrastados a gozá-los. Quanto mais belas, agradáveis à vista e devidamente iluminadas são as coisas, ávida e vivamente contempladas pelos nossos olhos, tanto mais ávidamente nossos olhos as contemplam; quanto mais suave e melodiosa é a voz ou a música, mais atrai a atenção do ouvido. De modo que cada objecto exerce poderosa e suave atracção sobre o sentido que lhe é destinado, atracção que pode ser mais ou menos forte, conforme a sua excelência, contanto que seja proporcionada à capacidade do sentido que dela quer gozar.

A vista, que tanto se compraz na luz, não a pode suportar quando é excessiva, como por exemplo fixando o sol, e por bela que seja uma música, se é forte e está muito próxima de nós, incomoda-nos e impressiona desagradavelmente os ouvidos. A verdade é o objecto da nossa inteligência e portanto toda a satisfação desta é descobrir e conhecer a verdade; quanto mais excelente é a verdade, mais o nosso espírito se recreia e delicia em considerá-la.

Que prazer não experimentaram os antigos filósofos que conheceram tão bem tantas e tão excelentes verdades? Por certo, todos os prazeres eram tidos em nenhuma conta comparativamente com a ciência pela qual alguns deixaram as honras, outros grandes riquezas, outros a pátria; e um houve—Demócrito, segundo se diz—que voluntariamente arrancou os olhos, privando-se para sempre do gozo da luz corporal, para ocupar-se mais livremente na consideração da verdade pela inteligência espiritual ⁽¹⁾. Como é agradável o conhecimento da verdade! Aristoteles ⁽²⁾ afirma muitas vezes que a felicidade humana consiste na sabedoria, que é o conhecimento das verdades sublimes.

E que alegria não sente o nosso espírito quando, guiado pela revelação divina, começa a ver as sagradas verdades da fé?! A alma entenece-se, exulta de júbilo, ao ouvir a palavra do celeste Esposo que lhe parece *mais doce* e suave *que o mel* ⁽³⁾ de todas as ciências humanas.

(1) Aulus Gell., Noctes Att., 1, X, c. XVII.—(2) Ethica ad Nicom., 1, I, c. XIII, 1, X, c. VI et seq.—(3) Ps. CXVIII, 103.

Deus deixou impressa a sua passagem e os seus vestígios em todas as coisas criadas; de sorte que o conhecimento que temos da Majestade divina pelas criaturas nos representa os pés de Deus, e em comparação deste conhecimento, a fé é uma contemplação da face mesma da sua grandeza divina que não vemos em todo o brilho da glória, mas divisamos como o sol ao primeiro alvorecer do dia. Jacob, perto do vau de Jaboc ⁽¹⁾, ainda que não tivesse visto o Anjo com quem lutou, senão à luz do despontar do dia, ainda assim não deixou de exclamar, arrebatado de júbilo: *Vi o Senhor face a face, e a minha alma foi salva.*

Ó quão deliciosa é a santa luz da fé, pela qual sabemos com incomparável certeza, não só a história da origem das criaturas e de seu verdadeiro uso, mas também a do nascimento eterno do grande e soberano *Verbo* divino, ao qual e pelo qual *tudo foi feito* ⁽²⁾, e que com o Pai e o Espírito Santo é um só Deus, único, adorado e louvado pelos séculos dos séculos! Amen.

Ah! disse S. Jerónimo ao seu Paulino ⁽³⁾: «O douto Platão não conheceu nunca isto, e o eloquente Demóstenes ignorou-o». *Oh! como são doces ao meu paladar as vossas palavras*, diz o rei profeta, *são mais doces que o mel na minha boca!* ⁽⁴⁾ *Não é verdade que sentíamos o nosso coração abrasar-se enquanto ele nos falava pelo caminho?* dizem os felizes peregrinos de Emaus ⁽⁵⁾.

Se as verdades divinas são de tamanha suavidade, propostas à luz obscura da fé, o que será quando as contemplarmos nos resplendores da glória? A rainha de Sabá ⁽⁶⁾, ouvindo a fama de Salomão, deixou tudo para o vir ver, e chegando à sua presença, e escutando as maravilhas da sabedoria em sua conversação, louca e transportada declarou que o que ouvira dizer do seu saber, não era metade do que ela mesma via e observava.

Ah! quão belas e agradáveis são as verdades que a fé nos revela! Mas quando chegarmos à celeste Jerusalém, e virmos o grande Salomão, Rei de glória, assentado sobre o

(1) Gen., XXXII, 24, 30. — (2) Joan., I, 3; Coloss., I, 16. —

(3) Epist., LIII, § 4. — (4) Ps., CXVIII, 103. — (5) Lucas, XXIV, 32. —

(6) III Reg., X, 1-7.

trono da sua sabedoria, manifestando com luminoso resplendor as maravilhas e os segredos eternos da sua soberana verdade, com tanta clareza que o nosso entendimento verá o que havia acreditado na terra: oh! então caríssimo Teotimo, que arrebatamentos! que êxtasis! que enlevos! que arroubos! Oh! então, diremos no cúmulo da alegria: não, nunca teríamos podido julgar ver verdades tão belas. Acreditámos certamente tudo o que nos foi anunciado da tua glória, ó grande *Cidade de Deus* ⁽¹⁾, mas não podíamos conceber a grandeza infinita dos abismos das tuas delícias.

CAPÍTULO X

O desejo precedente aumentará muito a união dos bem-aventurados com Deus

O desejo que precede o gozo estimula-o e excita-o e quanto mais profundo for o desejo, mais agradável e deliciosa se torna a posse da coisa desejada.

Ó Jesus! meu caro Teotimo, que alegria para o coração humano ver a face da divindade, vista tão desejada, ou, antes, único desejo das nossas almas! Os nossos corações têm uma sede que não pode ser apagada pelos gozos da vida mortal, gozos que, mesmo os mais apreciados, quando procurados com moderação, não nos refrigeram a sede, e se os buscamos com ânsia, sufocam-nos. E, porém, certo que são sempre desejados com ânsia e por isso se tornam excessivos, insuportáveis e perigosos, porque morre-se de alegria como se morre de tristeza, com a diferença que a alegria é mais eficaz em arruinar-nos do que a tristeza.

Alexandre, depois de haver submetido todo o mundo, ouviu dizer a um pobre homem que havia ainda muitos outros mundos, e à semelhança de uma criança que chora

(1) Ps., LXXXVI, 2.

por uma maçã que lhe é recusada, este Alexandre que cognominam o Grande, mais insensato do que uma criança, pôs-se a chorar amargamente porque, segundo todas as probabilidades, não poderia conquistar os outros mundos, visto que não tinha ainda inteira posse deste ⁽¹⁾.

Ora se Alexandre, gozando mais deste mundo do que a nenhum outro foi dado gozar, se sente tão infeliz, e chora de tristeza por não poder possuir outros mundos cuja existência um desprezível bajulador lhe faz imaginar, não mostra que a sede do seu coração não pode ser apagada nesta vida, e que este mundo não basta para lha mitigar? Ó admirável mas amável inquietação do coração humano! Estai sempre e para sempre sem repouso e sem tranquilidade sobre esta terra, ó alma minha, até que tenhais encontrado as frescas águas da vida imortal, e a santíssima Divindade, únicas que podem acalmar a vossa agitação e satisfazer as vossas aspirações.

Teotimo, imaginaí com o Salmista ⁽²⁾, aquele *veado* que, perseguido por uma matilha de cães, não tendo já fôlego para correr, se lança àvidamente à água que busca, e, para assim dizer, se segura e se agarra com ardor a este elemento, como se quisesse dissolver-se e converter-se em água para gozar mais plenamente daquela frescura.

Ah! quão feliz será a união do nosso coração com Deus que se realizará no Céu, onde, após tantos desejos do verdadeiro bem que coisa alguma pode neste mundo satisfazer, nele achamos a sua viva e poderosa origem! Então, da mesma forma que se vê uma criancinha esfomeada aconchegar-se ao peito da mãe e sugar àvidamente o leite, parecendo querer esconder-se toda no seio materno, ou introduzi-lo todo no seu pequenino peito, assim também a nossa alma ansiosa e sôfrega da sede do Sumo Bem, quando ela encontrar a sua inexaurível origem na Divindade, oh Deus meu! com que santo e suave ardor se unirá a este sublime manancial de todo o Bem, ou para ser inteiramente abismada nele, ou para que ele venha todo a nós?!

(1) Plut. De Tranquil. Animi, c. IV. — (2) Ps., XLI, 1.

CAPÍTULO XI

**Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus
na visão da divindade**

Quando olhamos para um objecto, apesar de presente, não se une ele próprio aos nossos olhos, só lhes envia uma certa representação ou imagem dele mesmo, que se chama *espécie sensível*, por cujo meio nós vemos; e quando contemplamos ou ouvimos alguma coisa, o que ouvimos não se liga também ao nosso entendimento, senão por meio duma outra representação muito delicada e espiritual, que se chama *espécie inteligível*.

Mas por quantas voltas e mudanças chegam estas espécies ao nosso entendimento? Primeiro aproximam-se do sentido exterior, e daí passam ao interior, depois à imaginação, em seguida ao entendimento activo, e chegam enfim ao passivo, para que passando por tantos filtros e sob a acção de tantas limas, sejam por esse meio purificadas, aperfeiçoadas e acrisoladas, e de sensíveis se tornem inteligíveis.

Vemos e ouvimos deste modo, Teotimo, tudo o que vemos e ouvimos nesta vida mortal, até mesmo as coisas da fé. Pois, assim como o espelho não contém a coisa que se vê nele, mas apenas a sua imagem e sua espécie, e que esta representação produz ainda outra aos olhos de quem contempla o espelho, assim a palavra da fé não contém as coisas que ela anuncia, mas só as representa, e essa representação das coisas divinas que está na palavra da fé, produz uma outra, que o nosso entendimento, mediante a graça de Deus, aceita e recebe como representação da verdade; a nossa vontade compraz-se nela e abraça-a como uma verdade honrosa, útil, amável e excelente, de modo que as verdades significadas na palavra de Deus são por ela representadas ao entendimento, como as coisas retratadas no espelho são pelo espelho representadas à vista. Crer, é ver,

como *por um espelho*, segundo a palavra do grande Apóstolo ⁽¹⁾.

Porém, — ah! meu Deus! que singular graça! — a divindade unir-se-á ao nosso entendimento, sem intermédio de espécie alguma; nem de nenhuma representação; mas aplicar-se-á e ligar-se-á ao nosso entendimento, tornando-se por tal forma presente à nossa percepção, que essa íntima presença fará as vezes de representação e de espécie. Ó Deus! que suavidade para o entendimento humano estar para sempre unido ao Sumo Bem, recebendo não a sua representação, mas a sua presença, não uma imagem ou uma espécie, mas a própria essência da sua divina verdade e Majestade! Nós ali estaremos como venturosos filhos da divindade, tendo a honra de ser alimentados com a própria substância divina, recebida em nossa alma pelo nosso entendimento.

E, o que sobreexcede toda a doçura e suavidade, é que, assim como as mães se não contentam de alimentar os filhinhos com o seu leite, que é a sua própria substância, mas aconchegam-nos a si, oferecem-lhes o peito para que recebam o sustento, não por uma colher ou por meio de outro qualquer instrumento, mas de forma que o leite seja tomado pelo menino directamente, e para assim dizer, na sua própria nascente, assim Deus, nosso Pai, não se contenta de fazer receber a sua própria substância no nosso entendimento, isto é, de nos fazer ver a sua Divindade, mas por um abismo da sua bondade aplicará a sua substância ao nosso espírito, para que a percebamos, não tanto em espécie ou em representação, mas em si mesma e por si mesma; de maneira que a sua substância paterna e eterna sirva igualmente de espécie e de objecto ao nosso entendimento. E então serão realizadas, dum modo superior, estas divinas promessas: *Eu a atralrei docemente a mim, a levarei à solidão e lhe falarei ao coração* ⁽²⁾. *Alegrai-vos com Jerusalém e exultai nela, para que vos amamentels ao peito da sua consolação, e vos inebrieis e delicleis na torrente da sua glória; Sereis levados aos peitos, e sobre os joelhos vos acariciarão* ⁽³⁾.

Felicidade infinita e inefável, Teotimo, que nos não foi

(1) I Cor., XIII, 12. — (2) Osee, II, 14. — (3) Is., LXVI, 10-12.

sòmente prometida, mas da qual possuímos as arras no Santíssimo Sacramento da Eucaristia, festim perpétuo da graça divina, pois nele recebemos o sangue do Salvador na sua carne, e a sua carne no seu sangue, visto que o seu sangue nos é aplicado pela sua carne, e a sua substância pela sua substância à nossa própria boca corpórea, para que saibamos que ele nos aplicará da mesma forma a sua divina essência no eterno festim da glória. É verdade que aqui esta graça nos é realmente concedida, mas sob as espécies sacramentais; no Céu porém, a Divindade se manifestará claramente, e *nós a veremos face a face como ela é* (1).

CAPÍTULO XII

Da união dos espíritos Bem-aventurados com Deus na visão da geração eterna do Filho de Deus

Ó divino Espírito Santo, Amor eterno do Pai e do Filho, sede propício à minha humilde inteligência! O nosso entendimento verá a Deus, Teotimo; mas acrescento que verá a Deus, *face a face*, contemplando por um conhecimento de verdadeira e real presença a própria essência divina, e nela suas infinitas belezas: a onnipotência, a inefável bondade, a perfeita sabedoria, a inteira justiça, e o resto desse abismo de perfeições.

O nosso entendimento verá, pois, claramente o conhecimento infinito que, desde toda a eternidade, o Pai teve da sua própria beleza. Foi para a exprimir que em si mesmo pronunciou e disse eternamente o Verbo ou a palavra única e infinita; Palavra que, compreendendo e representando toda a perfeição do Pai, só pode ser um mesmo Deus, único com ele, sem divisão nem separação. Assim, pois, veremos essa eterna e admirável geração do Verbo e Filho divino, pela

(1) I Cor., XIII, 12; I Joãn., III, 2.

qual Ele nasceu eternamente à imagem e semelhança do Pai, imagem e semelhança viva e natural tão essencial e substancialmente, que não pode ser senão o mesmo Deus com ele, sem qualquer distinção nem diferença de essência ou de substância, só com a única distinção das Pessoas. Pois como será possível que este divino Filho fosse a verdadeira imagem, semelhança e *figura* da infinita beleza e *substância* do Pai ⁽¹⁾, se ela não representasse infinitamente ao vivo e ao natural as infinitas perfeições do Pai? E como poderia ela representar infinitamente infinitas perfeições, se não fosse infinitamente perfeita? e como poderia ela ser infinitamente perfeita, se não fosse Deus? e como poderia ela ser Deus, se não fosse um mesmo Deus como o Pai?

Por conseguinte este Filho, imagem e figura infinita de seu Pai infinito, é um só Deus único e infinito com seu Pai, sem que haja nenhuma diferença de substância entre eles, mas somente a distinção de Pessoas; e como esta distinção de Pessoas, assim como é absolutamente necessária, é também suficiente para que o Pai pronuncie e o Filho seja a Palavra pronunciada; para que o Pai diga, e o Filho seja o Verbo, ou a dicção; para que o Pai exprima, e o Filho seja a imagem, a semelhança e a figura exprimida; em suma, para que o Pai seja Pai, e o Filho seja Filho, duas Pessoas distintas, mas uma só essência e Divindade.

Assim, Deus que é único não é, todavia, solitário; porque é único em sua única e simplicíssima Divindade, mas também é Pai e Filho em duas Pessoas. Que júbilo, que regozijo celebrar esta eterna geração que se produz *no esplendor dos Santos* ⁽²⁾, celebrá-la, digo, vendo-a e vê-la, celebrando-a!

O suavíssimo S. Bernardo, sendo ainda jovem, em Châtillon-sur-Seine, esperava na noite de Natal, que começasse na igreja o officio sagrado; e nesta expectativa, o pobre menino caíu num ligeiro sono, durante o qual, viu em espírito, mas numa visão distintíssima e muito clara, como o Filho de Deus, tendo assumido a natureza humana, tornando-se pequenino nas puríssimas entranhas de sua Mãe, nascia virginal-

(1) Heb., I, 3. — (2) Ps., CLX, 4.

mente de seu seio sagrado, com uma humilde suavidade unida a uma celeste majestade.

Qual sai do leito
Nupcial o esposo
Ledo e mimoso
De um puro amor ⁽¹⁾.

Esta visão, Teotimo, a tal ponto encheu de alegria, de júbilo e de delícias espirituais o terno coração do juvenil Bernardo, que dela conservou toda a sua vida a mais grata e extremosa recordação. Desde esse feliz dia, como abelha sagrada, recolheu sem cessar de todos os divinos mistérios o mel de muitas consolações divinas; mas a solenidade do Natal inspirava-lhe sempre as mais tocantes e amorosas palavras para celebrar o incompreensível mistério da natividade de seu divino Mestre.

Ah! Teotimo, se uma visão mística e imaginária do nascimento temporal e humano do Filho de Deus, que o representava nascendo homem de uma mulher, virgem de uma Virgem, arrebatava e cativa tão vivamente o coração de uma criança, que será quando os nossos espíritos, gloriosamente iluminados pela luz da bem-aventurança, virem este eterno nascimento pelo qual o Filho procede «Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus de um verdadeiro Deus», divina e eternamente?! Oh! então o nosso espírito se unirá por uma inefável complacência a este objecto tão delicioso, e a ele permanecerá eternamente unido.

(1) Ps. XVIII, 6. Traduc. do P.^o Caldas.

CAPÍTULO XIII

**Da união dos espíritos Bem-aventurados com Deus
na visão da processão do Espírito Santo**

O Pai Eterno vendo a infinita bondade e beleza da sua essência tão viva, tão absoluta e substancialmente expressa em seu Filho, e o Filho vendo reciprocamente que a sua mesma essência, bondade e beleza estão originariamente em seu Pai, como em seu princípio e em sua origem, amam-se mutuamente com um amor infinito e imenso.

O amor, quando nos não encontra iguais, iguala-nos; e quando nos não encontra unidos, une-nos. Ora, o Pai e o Filho encontrando-se não só iguais e unidos, senão um mesmo Deus, uma mesma essência e uma mesma unidade, amam-se infinitamente! Porém este amor não é como o amor que as criaturas têm entre si, ou para com o seu Criador (porque o amor criado produz-se por muitos e diversos impulsos e aspirações, por muitos e diversos enlaces e vínculos que se sucedem e correspondem); mas o amor divino do Pai Eterno para com seu Filho, é exercido num só suspiro exalado reciprocamente pelo Pai e pelo Filho, que os faz permanecer simultaneamente unidos e ligados.

Sim, meu Teotimo, porque, sendo a bondade do Pai e a do Filho uma única bondade comum a um e a outro, o amor dessa bondade não pode ser senão um só amor, pois ainda que sejam dois os que amam, a saber o Pai e o Filho, todavia, é só a sua única bondade que lhes é comum, que é amada, como é só a sua única vontade que ama. Logo, há também um só amor exercido por um só suspiro amoroso.

Ora este suspiro do Pai e do Filho há-de ser infinito como eles. E como não pode ser infinito senão sendo Deus, este espírito resultante do amor do Pai e do Filho é verdadeiro Deus, e, não podendo haver senão um só Deus, ele é um só e verdadeiro Deus com o Pai e o Filho. Ainda mais: Como este amor é um acto que procede reciprocamente do

Pai e do Filho, não pode ser nem o Pai nem o Filho, dos quais procede, conquanto tenha a mesma bondade e a mesma substância do Pai e do Filho; logo, é mister que haja uma terceira Pessoa Divina, que com o Pai e o Filho não seja senão um só Deus; e porque este amor é produzido por forma de inspirações, é chamado Espírito Santo.

Eis porque o rei David descrevendo a suavidade da amizade dos servos de Deus, exclama:

Com que fraternal candura
Devemos, irmãos, juntar-nos!
E em suave sociedade
Unidos sempre alegrar-nos!

Qual oleoso perfume
Sobre a cabeça de Arão
Com a sacerdotal veste,
Urge a franja até ao chão:

Tal como do Hermonte desce,
Como desce do Sião
Matutino orvalho, e espalha
Nas ervas a fresquidão:

Assim nos ânimos puros,
De unísono sentimento,
Docemente se difunde
Cordial contentamento.

Ah meu Deus! Em doce laço
Unânicos nos juntai;
Em coro vos cantaremos,
Este coro abençoai! (1)

Mas ó meu Deus! se a amizade humana é tão agradável e exala um perfume tão delicioso, o que será, meu muito amado Teotimo, contemplar o amor recíproco do Pai para com o Eterno Filho?

(1) Ps. CXXXII. Tradução da Marquesa de Alorna.

S. Gregório de Nazianzo refere ⁽¹⁾ que a incomparável amizade que existia entre ele e o seu grande S. Basílio, era celebrada em toda a Grécia; e Tertuliano afirma ⁽²⁾ que os pagãos admiravam o amor mais que fraternal que reinava entre os primeiros cristãos.

Com que regozijo, com que solenidade, com que louvores e bênçãos deve ser celebrada, com que admiração, reverenciada e amada a amizade eterna e soberana do Pai e do Filho! Não há nada tão amável e suave, como a amizade. E se a amizade, mesmo nas criaturas, é doce e amável, como não será bela a infinita amizade entre o Pai e o Filho, sendo um mesmo Deus único com eles? No Céu o nosso coração, Teotimo, abismar-se-á na contemplação da beleza e suavidade do amor que este Pai Eterno e este Filho incompreensível, praticam durante toda a eternidade.

CAPÍTULO XIV

A glória do Céu servirá para a união dos espíritos bem-aventurados com Deus

O entendimento criado verá, pois, a essência divina sem nenhuma mediação de espécie nem de representação. Precisar-se-á, todavia, de alguma luz extraordinária que a prepare, a auxilie e a fortaleça, para levantar os olhos tão alto e sobre um objecto tão sublime e resplandecente. Assim como a coruja tem a vista assaz forte para ver a sombria luz da noite escura, mas não pode ver a claridade do meio dia que é demasiado brilhante para ser recebida por olhos tão turvos e fracos, assim também o nosso entendimento, que tem força bastante para considerar as verdades naturais por meio da razão e até mesmo as coisas sobrenaturais da graça, pela luz da fé, não poderia nem pela luz da natureza nem pela luz da

(1) Orat. XLIII, § 22. — (2) Apolog., c. XXXIX.

fé, compreender a substância divina em si mesma. Eis porque a *Sabedoria* eterna *dispôs* ⁽¹⁾ não patentear a sua essência e divindade ao nosso entendimento, sem previamente o haver preparado, vigorizado e habilitado.

É como o sol, que se não apresenta à nossa vista senão por intermédio dos raios luminosos. Todavia, há muita diferença entre os raios que o sol projecta aos nossos olhos e a luz que Deus no Céu criará em nossas faculdades; porque o raio do sol não fortifica os nossos olhos quando são fracos e impotentes para ver, antes os cega, deslumbrando e consumindo a sua pouca vista; enquanto que, pelo contrário, a sagrada luz da glória, encontrando as nossas faculdades inábeis e incapazes de ver a Divindade, as eleva, fortalece e aperfeiçoa tão extraordinariamente, que, por uma incompreensível maravilha, consideram e contemplam o abismo do esplendor divino fixa e firmemente, sem se deslumbrarem nem cegarem com a grandeza infinita do seu brilho.

Como Deus nos deu a luz da razão, pela qual podemos conhecê-lo como Autor da natureza, e a luz da fé, pela qual o consideramos como origem da graça, assim também nos dará a luz da glória pela qual o contemplaremos como fonte da felicidade e da vida eterna; fonte, que não contemplaremos de longe, como agora fazemos pela fé, mas pela luz da glória, mergulhados e abismados nela.

Os mergulhadores, diz Plínio ⁽²⁾, com o fim de pescarem as pedras preciosas, metem-se no mar e levam azeite na boca, para que, derramando-o, tenham mais claridade para ver dentro das águas. Ah! Teotimo, quando a alma bem-aventurada estiver mergulhada no Oceano da divina Essência, Deus derramará no seu entendimento a sagrada luz da glória, que lhe dará claridade neste abismo de *luz inacessível* ⁽³⁾, para que pelo esplendor da glória vejamos o esplendor da Divindade.

É Deus a fonte perene
Da vida e do gozo supremo;
Nos raios da sua viva luz

Contemplaremos seu esplendor,
Nossa alegria plena
Será ver seu eterno brilho.

Ps. XXXV, 10 e seg..

CAPÍTULO XV

A união dos Bem-aventurados com Deus terá diferentes graus

Por conseguinte deve ser esta luz da glória, Teotimo, que há-de dar a medida à vista e à contemplação dos Bem-aventurados; pois conforme o que mais ou menos alcançarmos deste santo esplendor, assim veremos mais ou menos claramente, e por consequência mais ou menos excelentemente a santíssima Divindade, que, contemplada diversamente nos tornará também diferentemente gloriosos. Certamente, que no Paraíso celeste todos os espíritos vêem toda a essência divina, mas nenhum de entre eles, nem todos eles juntos a vêem, nem a podem ver totalmente. Não, Teotimo, porque Deus, sendo uno e indivisível, ninguém o pode ver sem que o veja todo; e visto que é infinito, sem limite nem termo, nem medida qualquer em sua perfeição, não há, nem mesmo pode haver capacidade alguma fora dele, que possa compreender ou penetrar a infinidade da sua bondade.

A luz criada do sol visível, que é limitada e finita, é de tal maneira vista por todos os que a vêem, que nunca é totalmente vista nem de um só, nem mesmo de todos juntos. E assim acontece quase com todos os nossos sentidos: entre muitos que ouvem uma excelente música, conquanto todos a ouçam toda, não a ouvem uns tão bem nem com tanto prazer como os outros, conforme têm o ouvido

mais ou menos apurado. O maná ⁽¹⁾, era saboreado por quem quer que o comesse, mas diferentemente, conforme a diversidade dos gostos daqueles que o comiam, e não foi nunca saboreado inteiramente, pois havia nele mais variedade de sabores, do que nos Israelitas variedade de gostos.

Também veremos e gozaremos no Céu toda a Divindade, mas nunca nenhum dos Bem-aventurados, nem todos juntos a verão e apreciarão completamente. Essa infinidade divina terá sempre infinitamente mais perfeição do que em nós há capacidade e suficiência para a contemplarmos. Depois de termos saciado todos os desejos do coração, e satisfeito plenamente a sua capacidade pelo gozo do bem infinito que é Deus, ficará ainda que ver, que gozar e que possuir nessa imensidade das infinitas perfeições que a sua divina Majestade conhece e vê, porque só ela se compreende a si mesma.

Os peixes gozam da extraordinária grandeza do Oceano; e nunca peixe algum, nem mesmo a multidão dos peixes viu todas as praias, nem molhou suas escamas em todas as águas do mar. As aves recreiam-se à sua vontade na vastidão da atmosfera, sem que ave nenhuma, nem mesmo toda a família das aves reunida tenha nunca batido as asas em toda a extensão do ar, nem tenha chegado à sua parte mais alta.

Ah! Teotimo, os nossos espíritos, à sua vontade e segundo toda a força de seus desejos, nadarão no Oceano e voarão na atmosfera da Divindade, e regozijar-se-ão eternamente por ver que esta atmosfera é tão infinita, e este Oceano tão vasto, que não pode ser medido pelas suas asas; porquanto, gozando eles sem reserva nem excepção alguma de todo o abismo infinito da Divindade, não podem igualar o seu gozo a essa infinidade, que ficará sempre infinitamente superior à sua capacidade.

E sobre este ponto os espíritos Bem-aventurados são tomados de dois sentimentos de admiração: um pela infinita beleza que contemplam; outro pelo abismo da imensidade que fica por ver nessa mesma beleza. Ó Deus! como é

(1) Sap., XVI, 20, 21.

admirável o que eles vêem, mas, quanto mais admirável é ainda o que não vêem!

E não obstante a santíssima beleza que vêem ser infinita, torna-os perfeitamente satisfeitos e saciados, contentando-se em gozar dela segundo o lugar que têm no Céu, por causa da amabilíssima Providência divina, que assim o ordenou.

As almas no Céu sentem suma alegria em considerar que a beleza que amam é por tal modo infinita, que não pode ser totalmente conhecida senão por ela mesma.

FIM DO LIVRO TERCEIRO

LIVRO QUARTO

DECADÊNCIA E RUÍNA DO AMOR DE DEUS

CAPÍTULO I

**Podemos perder o amor de Deus, enquanto estamos
nesta vida mortal**

Não escrevemos este tratado para as grandes almas de eleição que Deus, por mercê particularíssima, mantém e confirma de tal modo no seu amor, que quase estão livres do perigo de perdê-lo; falamos para o resto dos mortais a quem o Espírito Santo dirige os seguintes avisos:

Aquele que está em pé, acautele-se, não caia ⁽¹⁾. *Guarda o que tens* ⁽²⁾. *Tende cuidado em assegurar a vossa vocação por meio de boas obras* ⁽³⁾. Por isso lhes inspira esta prece: *Não me lanceis da vossa face, não tireis de mim o vosso Espírito Santo* ⁽⁴⁾. *E não nos deixeis cair em tentação* ⁽⁵⁾; para que trabalhemos na salvação com um santo *tremor* e sagrado temor ⁽⁶⁾.

O primeiro Anjo com os seus sequazes, e Judas, tendo recebido o amor de Deus, o perderam eternamente, assim como Salomão de cuja salvação se duvida. Os mesmos Adão,

(1) I, Cor., X, 12. — (2) Apoc., 111, II. — (3) Petri, I, 10. — (4) Ps. I, 13. — (5) Mat., VI, 13. — (6) Filip., II, 12.

Eva, David, S. Pedro, hoje gozando o Céu, afastaram-se por algum tempo do amor divino fora do qual não há salvação.

Ah! Teotimo, quem estará seguro de conservar o amor sagrado nesta navegação da vida mortal, quando sobre a terra e no Céu tantos personagens de incomparável dignidade naufragaram!

Mas, ó Deus eterno! como é possível, direis vós, que uma alma que possui o amor de Deus possa perdê-lo? O amor onde existe resiste ao pecado; e como é que o pecado nele se introduz, sendo o amor forte como a morte e violento no combate como o inferno? ⁽¹⁾ Como podem as forças da morte ou do inferno, isto é, os pecados, vencer o amor que, pelo menos, tem igual força, maior eficácia e superiores direitos? Como é, possível que uma alma racional, depois de haver uma vez saboreado tão grande doçura, como a do amor divino, possa voluntariamente tragar as *águas amargas* da ofensa? ⁽²⁾

As criancinhas, com serem crianças, quando alimentadas de leite, manteiga e mel, detestam o amargor do azebre, e, quando obrigadas a tomá-lo, choram tanto que chegam a perder os sentidos. Como é, pois, ó Deus verdadeiro! que uma alma, uma vez unida à bondade do seu Criador, possa abandoná-lo para correr após a *vaidade da criatura*? ⁽³⁾

Caro Teotimo, os mesmos Céus pasmam, *as suas portas* se quebram de terror ⁽⁴⁾, e os Anjos da paz ⁽⁵⁾ emudecem aturdidos, assombrados ante esta prodigiosa miséria do coração humano, que despreza um bem digno de ser amado para se afeiçoar a coisas tão deploráveis. Já vistes alguma vez esta pequena maravilha que todos vêm sem lhe conhecer a causa? Quando se fura um tonel bem cheio, não sai o vinho sem que lhe dêem ar pela parte de cima, o que não acontece aos tonéis que estão meio vãos, que apenas os abrem, o vinho sai logo.

Certamente, que nesta vida mortal ainda que as nossas almas abundem em amor celeste nunca estão de tal modo cheias dele que pela tentação não possa este amor sair delas.

⁽¹⁾ Cant., VIII, 6. — ⁽²⁾ Exod., XV, 23. — ⁽³⁾ Rom., VIII, 20. — ⁽⁴⁾ Jerem., II, 12. — ⁽⁵⁾ Is., XXXIII, 7.

Mas no Céu, quando as suavidades da beleza de Deus ocuparem totalmente o nosso entendimento e as delícias da sua bondade saciarem inteiramente a nossa vontade, não haverá parte alguma que a plenitude do seu amor não encha, nem objecto que, mesmo penetrando nos nossos corações, possa jamais fazer sair deles uma só gota do precioso licor do celeste amor, nem se poderá pensar em dar-lhes ar pela parte de cima, isto é, iludir ou surpreender o entendimento, porque isso será impossível, visto que ele permanecerá firme na compreensão da verdade soberana.

O vinho que está bem purificado e separado da borra pode-se facilmente garantir que não se toldará ou azedará, porém o que conserva todo o sedimento está sempre sujeito a isso. Nós também, enquanto vivemos neste mundo, temos os nossos espíritos sobre a borra e o tártaro de mil misérias e por consequência expostos a mudarem e a toldarem-se no seu amor.

Porém no Céu, onde, como nesse grande festim descrito por Isaías ⁽¹⁾, nós teremos o *vinho purificado de toda a lla*, já não estaremos sujeitos a mudanças, antes nos conservaremos inseparavelmente unidos pelo amor ao Sumo Bem. Aqui, entre os crepúsculos do alvorecer, receíamos encontrar em lugar do Esposo algum outro objecto que nos detenha e nos iluda; mas quando o encontrarmos lá nas Alturas, onde Ele permanece e repousa *no meio dia* ⁽²⁾ da sua glória, não mais poderemos ser enganados, porque a sua luz será mui resplandecente, e a sua doçura nos prenderá com tal força à sua bondade que não será possível separar-nos dele.

Somos como o coral, que no Oceano é um arbusto verde-claro, mole, flácido, e flexível ⁽³⁾, mas tirado do fundo do mar como do seio de sua mãe, muda-se quase em pedra dura, e inflexível, ao mesmo passo que transforma o seu verde-baço num encarnado vivíssimo.

Também enquanto nos conservamos no meio do mar deste mundo, lugar do nosso nascimento, estamos sujeitos a extremas vicissitudes e inclinamo-nos facilmente para todos

⁽¹⁾ Cap., XXV, 6. — ⁽²⁾ Cant., I, 6. — ⁽³⁾ Plin., Hist. nat. I. XXXII, c. XI (al. II).

os lados; para a direita do amor celeste pela inspiração, para a esquerda do amor terrestre pela tentação; mas quando sairmos desta vida mortal mudamos o verde-baço das nossas tímidas esperanças no vermelho vivo do gozo seguro; nunca mais mudaremos, antes nos conservaremos presos para todo o sempre ao eterno amor.

É impossível ver a Divindade e não a amar; mas neste mundo, onde a não vemos e apenas divisamos imperfeitamente através das sombras da fé, como *num espelho* ⁽¹⁾, o nosso conhecimento não é tão grande que não deixe entrar de surpresa outros objectos e bens aparentes, os quais, entre as obscuridades que se misturam com a certeza e a verdade da fé, se introduzem insensivelmente, no dizer da Sagrada Escritura, como *pequenas raposas, e destroem a nossa vinha em flor* ⁽²⁾.

Finalmente, Teotimo, quando possuímos a caridade, o nosso livre arbítrio está ornado da veste nupcial de que pode sempre conservar-se revestido, querendo praticar o bem, mas da qual pode também despojar-se, pecando.

CAPÍTULO II

Da tibieza da alma no amor de Deus

A doença, atacando alguns dos membros do corpo, priva-os da sensibilidade, mas a força da alma concentra-se no coração e ali se conserva até ao último sopro de vida. Assim o amor de Deus está algumas vezes de tal modo abatido e enfraquecido no coração debaixo das cinzas dos pecados veniais que parece extinguir-se de todo, entorpecendo tanto a actividade da alma que esta fica sem acção, estéril e infecunda.

Sem dúvida o pecado venial, e mesmo o affecto a ele, não

(1) I Cor., XIII, 12. — (2) Cant., II, 15.

é contrário ao fim da caridade, que é preferir Deus a todas as coisas. Pelo pecado venial amamos alguma coisa fora da razão, mas não contra a razão; damos à criatura um pouco mais do que convém, mas não a preferimos ao Criador; distraímos-nos mais com as coisas da terra do que seria mister, mas não desprezamos por isso as celestes; numa palavra, esta espécie de pecado atrasa-nos no caminho da caridade, mas não nos priva dela, e portanto o pecado venial, não sendo contrário à caridade, não a destrói nem no todo nem em parte.

Deus fez saber ao bispo de Éfeso que tinha *abandonado* a sua *primeira caridade* ⁽¹⁾. Não disse que ele não tinha caridade, mas somente, que nele a caridade não era como no princípio, isto é, que já não era pronta, fervorosa, florescente e fecunda, como costumamos dizer de um homem que de valente, jovial e intrépido se tornou melancólico, negligente e importuno.

«Já não é o mesmo homem de outro tempo», dizemos; porém com isto não queremos afirmar que já não é o mesmo segundo a substância, mas somente segundo suas acções e práticas; e assim Nosso Senhor disse ⁽²⁾ que nos últimos dias *a caridade de muitos afrouxará*, isto é, não será tão activa e corajosa por causa do temor e desalento que oprimirá os corações. Certamente a *concupiscência, tendo concebido, gera o pecado, mas este pecado*, ainda que pecado, não produz sempre a *morte* da alma, mas somente quando é filho duma inteira malícia e é *consumado* e completado, segundo diz S. Tiago ⁽³⁾; e com estas palavras, estabelece ele tão claramente a diferença entre o pecado venial e o pecado mortal, que não posso compreender como houvesse alguém que ousasse negá-lo.

Todavia, o pecado venial não deixa de ser pecado e por isso desagrada à caridade, não como coisa que lhe seja contrária, mas como coisa nociva à sua acção, ao seu progresso e até mesmo ao seu fim, que exige, que dirijamos todas as acções para Deus. Ora o pecado venial quebranta esta intenção porque nos leva a cometer actos não directamente contra Deus, mas, fora de Deus e da sua vontade.

(1) Apoc., II, 4. — (2) Mat., XXIV, 12. — (3) Cap., I, 15.

Assim como, falando duma árvore violentamente sacudida e despida pela tempestade, dizemos que nada lhe ficou, pois embora exista, está privada do fruto, igualmente quando a nossa caridade é vencida pelo affecto aos pecados veniaes, dizemos que está enfraquecida e frouxa, sem as obras que são os seus frutos.

O affecto aos grandes pecados *tornava* de tal modo a verdade *captiva da injustiça* entre os filósofos pagãos, que, segundo diz o grande Apóstolo ⁽¹⁾, *conhecendo* a Deus, *não o glorificavam* segundo este conhecimento o exigia, de forma que este affecto tornava a intelligência infrutuosa e incapaz, embora a não extinguisse.

O amor ao pecado venial não destrói a caridade, mas prende-a como uma escrava ligada de pés e mãos, impedindo a sua liberdade de acção, porquanto ligando-nos este affecto demasiadamente ao gozo das criaturas, priva-nos da intimidade espiritual a que a caridade nos incita, estabelece-se entre Deus e nós, e por consequência faz-nos perder muitas graças internas, produzindo uma paralisia espiritual que, continuada, leva ao pecado mortal.

O amor é naturalmente activo e, sem exercício, não poderá durar muito. É da índole de Raquel que dizia a seu marido: *Dai-me filhos, senão morrerá* ⁽²⁾; o amor obriga o coração, com que se desposou, a fecundá-lo de boas obras, aliás morrerá.

Como durante a vida na terra estamos sujeitos a tentações, segue-se que os espíritos indolentes e inclinados aos prazeres exteriores, não sendo dextros nos combates nem ágeis no manejo das armas espirituais, não conservam nunca a caridade e deixam-se ordinariamente surpreender pela culpa mortal. Isto acontece tanto mais facilmente, quanto pelo pecado venial a alma se dispõe ao mortal, como o que se habitua a jogar tostões jogará depois escudos, pistolas, cavalos e, finalmente, toda a sua fortuna.

Quem não reprime as iras pequenas, acabará por se tornar furioso e insuportável; quem se habitua a mentir por gracejo, está muito arriscado a ser um caluniador.

(1) Rom., I, 18, 21. — (2) Gen., XXX, I.

Em suma, quando falamos de pessoas de compleição fraca dizemos que quase não têm vida, que estão enfraquecidas, definhadas e meio mortas, porque o que está prestes a acabar, parece na realidade já não existir; e as almas indolentes, propensas aos prazeres e afeiçoadas aos bens caducos, bem podem dizer que já não têm amor de Deus, porquanto, se o têm, estão em vias de perdê-lo em pouco tempo.

CAPÍTULO III

Como deixamos o divino amor pelo amor das criaturas

Esta desgraça de deixar a Deus pela criatura dá-se do seguinte modo: Nós amamos a Deus com intermitências, porque nesta vida mortal a caridade existe em nós só à maneira de hábito, de que usamos quando nos apraz, mas nunca contra vontade.

Quando, pois, não empregamos o nosso espírito nos exercícios do amor de Deus, antes o distraímos em outras ocupações, ou por presunção vivemos ociosos e negligentes, então podemos facilmente inclinar-nos para qualquer objecto mau e ser surpreendidos por alguma tentação.

Se bem que o hábito da caridade está no fundo da nossa alma e faz o seu ofício inclinando-nos a rejeitar as sugestões do mal, a verdade é que não nos leva a resistir, senão na medida em que o secundamos. Portanto, deixando-nos livres, acontece muitas vezes que o objecto mau lança na alma atractivos, que nos prendem por uma complacência excessiva da nossa parte, e, como os *espinhos* de que fala Nosso Senhor ⁽¹⁾, *sufocam a semente* da graça e do amor celeste. Foi esta a sorte da nossa primeira mãe Eva, cuja queda começou por um certo prazer que teve em conversar com a serpente,

(1) Matt., XIII, 22; Lucæ, VIII, II.

comprazendo-se em ouvir falar do aumento da sua ciência e em contemplar a beleza do fruto proibido, de maneira que, aumentando a complacência pelo prazer, e alimentando-se o prazer na complacência, achou-se de tal modo impelida pelo atractivo, que se deixou vencer e cometeu o desgraçado pecado a que arrastou depois seu marido,

Quando os pombos vaidosos se pavoneiam no ar fazendo gala da sua formosa plumagem, os açores e os falcões, que os espreitam, lançam-se de improviso sobre eles e os agarram.

Não lhes aconteceria assim se voassem direito e sem desvio, pois têm asas mais firmes do que as aves de rapina.

Ah! Teotimo, se não nos deixássemos atrair pela vaidade das coisas caducas e sobretudo pelo amor próprio, e, uma vez de posse do amor de Deus, fôssemos cuidadosos em voar directamente para onde Ele nos conduz, jamais as sugestões e tentações nos surpreenderiam. Mas infelizmente não fazemos assim. Semelhantes aos pombos, seduzidos e iludidos pela nossa própria estima, preocupamo-nos demasiadamente com as criaturas, encontrando-nos muitas vezes surpreendidos nas garras de inimigos, que nos assaltam e nos devoram. Deus não quer impedir que sejamos importunados pelas tentações, para que a caridade seja mais provada pela resistência e possa pelo combate alcançar a vitória, e pela vitória o triunfo; porém a inclinação que sentimos para nos deleitarmos na tentação, provém da condição da nossa natureza que ama tanto o bem, que está sujeita a ser *aliciada* ⁽¹⁾ por tudo o que tem aparência do bem.

E o que a tentação nos apresenta como engodo é sempre deste género, porque, conforme ensinam as sagradas *Letras* ⁽²⁾, ou é um bem honroso, segundo o mundo, para nos provocar ao *orgulho da vida* mundana, ou é um bem delectável aos sentidos para nos lançar na *concupiscência da carne*, ou finalmente é um bem que sirva para nos enriquecer e incitar-nos assim à *cobiça* e avareza dos olhos. Se conservássemos a fé, que sabe distinguir entre os verda-

(1) Jacobi., I, 14. — (2) I, Joan., II, 16.

deiros bens que devemos procurar e os falsos bens que devemos regeitar, se conservássemos, repito, a nossa fé vivamente atenta ao dever, com certeza ela serviria de sentinela vigilante à caridade, e a avisaria do mal que se aproxima do coração sob aparências de bem, e a caridade o repeliria imediatamente.

Mas como de ordinário temos a nossa fé adormecida ou menos atenta do que seria necessário para a conservação da nossa caridade, somos muitas vezes surpreendidos pela tentação, e seduzindo esta os nossos sentidos, e excitando os nossos sentidos à rebelião a parte inferior da nossa alma, sucede muitas vezes que a parte superior da razão cede ao esforço desta revolta, e, caindo no pecado, perde a caridade. Tal foi o progresso da sedição que o pérfido Absalão promoveu contra seu bom pai David ⁽¹⁾. Apresentou primeiro propostas boas na aparência, e uma vez aceites estas pelos incautos Israelitas, de tal modo os incitou à revolta que David, banhado em pranto, viu-se obrigado a sair de Jerusalém com todos os amigos mais fiéis, deixando na cidade apenas dois homens notáveis, Sadoc, o vidente, isto é, profeta, e Abiathar, sacerdote do Eterno, com seus filhos.

Assim também, quando o amor próprio acha a fé distraída e indolente, apresenta-nos falsos bens que pela sua aparência seduzem os sentidos, a imaginação e as faculdades da nossa alma, e excita por tal forma o livre arbítrio que o induz à completa revolta do santo amor de Deus. Então, o amor, como outro David, sai do coração com todo o seu séquito, isto é, com os dons do Espírito Santo e as outras virtudes celestes, que são as companheiras inseparáveis da caridade (se não são suas propriedades e aptidões), não ficando na Jerusalém da nossa alma nenhuma outra virtude de importância senão Sadoc, o *vidente*, isto é, o dom da fé, que posto em exercício nos pode fazer ver as coisas eternas; e Abiathar, isto é, o dom da esperança com a sua acção, e ambos estes dons, não obstante a sua angústia e tristeza, conservam em nós a Arca de aliança, isto é, a qualidade e o título de cristão, que adquirimos pelo baptismo,

(1) II, Reg., XV.

Ah! que desolador espectáculo para os *Anjos de paz* ver sair deste modo o Espírito Santo e o seu amor de nossas almas pecadoras! Eu creio seguramente que, se eles pudessem chorar, derramariam lágrimas infinitas ⁽¹⁾ e com voz lúgubre, deplorando nossa desgraça, cantariam o triste cântico que Jeremias entoou, quando, assentado no limiar do Templo devastado, contemplava, desolado, a ruína de Jerusalém no tempo de Sedecias ⁽²⁾.

*Ah! quão triste e desolado vejo
Montão de escombros e de horrores
Esta nobre cidade outrora
Cheia de povo, de honra, e favores!*

CAPÍTULO IV

O amor de Deus perde-se num momento

O amor de Deus que nos leva até ao desprezo de nós mesmos, torna-nos cidadãos da Jerusalém celeste; o amor de nós mesmos, que nos impele até ao desprezo de Deus, torna-nos escravos da Babilónia infernal. Caminhamos pouco a pouco para este desprezo de Deus, mas logo que aí chegamos, o amor de Deus separa-se de nós, ou antes desaparece por completo.

Sim, Teotimo, o pecado mortal consiste neste desprezo de Deus, e um só pecado mortal exclui a caridade da alma, visto que destrói a sua união com Deus, que é a obediência e a submissão à sua vontade. Assim como o coração humano não pode viver quando dividido, assim também a caridade, que é o coração da alma e a alma do coração, não pode ser ferida sem cessar de viver ⁽³⁾.

(1) Is., XXXIII, 7. — (2) Tren., I, L. — (3) Vide sup., p. nota.

A nossa alma não sai do corpo pouco a pouco, mas num momento, quando a enfermidade do corpo é de tal ordem que ela não pode mais operar nele actos de vida; assim também quando o coração está por tal forma corrompido pelas paixões, que a caridade não pode mais reinar nele, esta desampara-o e abandona-o, porque é tão generosa que não pode deixar de reinar sem deixar de existir. Os hábitos que adquirimos pelas nossas acções não se perdem por um único acto contrário, pois, assim como ninguém diz que um homem é intemperante porque cometeu um só acto de intemperança, ou que um pintor não é um bom artista porque uma vez errou nas suas obras, assim também, para perdermos os hábitos contraídos pela repetição de muitos actos semelhantes, necessitamos duma longa cessação dos mesmos, ou da prática frequente de actos contrários.

Porém, Teotimo, a *caridade* que o *Espírito Santo derrama* num momento nos *nossos corações* ⁽¹⁾ quando se encontram em nós as condições requeridas para esta infusão, também nos é subtraída no mesmo instante em que, desviando a nossa vontade da obediência que devemos a Deus, consentimos na rebelião e na infidelidade a que somos incitados pela tentação.

É verdade que o amor de Deus aumenta progressivamente, de grau em grau e de perfeição em perfeição, segundo o desenvolvimento que lhe damos pelas nossas obras, ou pela recepção dos Sacramentos; todavia, não diminui também progressivamente pelo enfraquecimento da sua perfeição, pois nunca dele se perde um fio sem que se perca todo.

Assemelha-se nisto a uma obra prima de Fídias, que foi tão elogiada pelos antigos. Diz-se que este grande escultor fez em Atenas uma estátua de Minerva toda de marfim, com vinte e seis côvados de altura. Sobre o seu escudo, que adornara com as batalhas das amazonas e dos gigantes, gravara com tanta arte o seu próprio rosto, que não se podia tirar a mais pequena parte desse retrato, diz Aristóteles ⁽²⁾, sem que «toda a estátua não caísse desfeita».

(1) Rom., v. 5. — (2) De Mundo sub finem.

Esta obra tão perfeita, assim formada por um conjunto de peças, seria destruída logo que lhe tirassem a mais pequena parte da imagem do artista.

Do mesmo modo, Teotimo, se bem que o Espírito Santo, infundindo o seu amor numa alma, o faz crescer nela progressivamente, de grau em grau e de perfeição em perfeição, é todavia certo que, sendo a preferência de Deus a todas as criaturas o ponto essencial do amor de Deus, não podemos tirar-lhe a mínima parcela sem que imediatamente desapareça todo esse amor. Esta preferência de Deus a todas as coisas é filha predilecta da caridade.

Se Agar, que não era mais do que uma egípcia, vendo seu filho em perigo de vida, não teve coragem de ficar ao pé dele, mas se afastou dizendo: Ah! *não poderei ver morrer o meu filho!*... (1) será para admirar que o amor, filho da doçura e suavidade celeste, não possa ver morrer também o seu filho, que é o propósito de jamais ofender a Deus? De forma que, à medida que a nossa liberdade se resolve a consentir no pecado, dando assim a morte a este sagrado propósito, o amor de Deus morre com ele, dizendo no seu derradeiro suspiro: Ah! não; jamais *verei morrer o meu filho!*...

Finalmente, Teotimo, assim como a pedra preciosa chamada *prasio* perde o brilho em presença de um veneno, qualquer (2) que ele seja, assim a alma que dá guarida e acolhimento a qualquer pecado mortal perde num momento o seu esplendor, graça e beleza, que consistem no santo amor, e por isso está escrito (3) *que a alma que pecar morrerá.*

(1) Gen., XXI, 16. — (2) Mattioli, in Diosc., 1, VI, præfat. (a) — (3) Ezech., XVIII, 4.

(a) Pedra de cor verde, uma variedade de quartzo hialino.

(Nota do tradutor).

CAPÍTULO V

A única causa da falta e do esfriamento do amor
de Deus está na vontade das criaturas

Assim como seria ímpia audácia querermos atribuir às forças da nossa vontade as operações do amor divino, que o Espírito Santo produz em nós e connosco, seria também temerária impiedade querermos assacar à falta de assistência e graça celeste o pouco amor que existe no homem ingrato, quando, ao contrário, o Espírito Santo clama por toda a parte que a nossa *perda* vem de nós ⁽¹⁾, que o Salvador trouxe o *fogo* do santo amor, e que deseja ele *senão que abra-se* nossos corações? ⁽²⁾ Que a salvação está aparelhada à *face de todas as nações, como lume para ser revelado aos Gentios e para glória de Israel* ⁽³⁾; que a divina Bondade não quer *que ninguém pereça* ⁽⁴⁾, mas *que todos cheguem ao conhecimento da verdade; quer que todos os homens se salvem* ⁽⁵⁾, porque o seu Salvador veio ao mundo a fim de que todos recebessem *a adopção de filhos* ⁽⁶⁾; e o Sábio adverte-nos claramente: *Não digas: é por causa de Deus* ⁽⁷⁾.

Assim, também o sagrado Concílio de Trento ⁽⁸⁾ diz a todos os filhos da santa Igreja que a graça divina nunca falta àqueles que da sua parte fazem o que podem para a alcançar, invocando o auxílio celeste; que «Deus nunca abandona aqueles que uma vez justificou, a não ser que primeiramente eles o abandonem»; de sorte que, se forem fiéis à graça, alcançarão a glória.

Em suma, Teotimo, o Salvador é uma *luz que alumia a todo o homem que vem a este mundo* ⁽⁹⁾.

⁽¹⁾ Oseas, XIII, 9. — ⁽²⁾ S. Lucas, XII, 49. — ⁽³⁾ S. Lucas, II, 31, 32. — ⁽⁴⁾ II S. Pedro, III, 9. — ⁽⁵⁾ I Tim., II, 4. — ⁽⁶⁾ Galat., IV, 5. — ⁽⁷⁾ Ecl., XV, II. — ⁽⁸⁾ Sess. VI, cap. XI. — ⁽⁹⁾ S. João, I, 9.

Num dia de verão, cerca do meio-dia, muitos viajantes adormeceram à sombra duma árvore. Enquanto a fadiga e a frescura agradável da sombra lhes prolonga o sono, o sol segue seu curso, dardejando sobre eles directamente os raios. A intensidade do seu brilho causou em volta das pupilas dos dormientes umas certas transparências semelhantes a pequenos relâmpagos, ao mesmo tempo que o calor da luz lhes pene-trava as pálpebras.

Esta suave violência obrigou-os a despertar. Uns, depois de acordados, levantaram-se e, continuando seu caminho, chegaram felizmente a casa; porém, outros, além de se não levantarem, voltaram as costas ao sol, enterraram os chapéus até aos olhos, e passaram o resto do dia a dormir. Mais tarde, surpreendidos pela noite, querendo ainda assim chegar a suas casas, puseram-se a caminho, mas perderam-se numa floresta, onde ficaram à mercê dos lobos, javalis e outros animais ferozes.

Dizei-me agora, Teotimo, os que chegaram ao seu destino não deviam agradecer a sua boa fortuna ao sol, ou, para mais cristãmente falar, ao Criador do sol? Sem dúvida, porque estavam muito longe de pensar em despertar a tempo, e o sol prestou-lhes este valioso serviço pelo agradável convite do seu brilho que veio docemente acordá-los. Verdade é que não resistiram às suas solicitações mas também o sol contribuiu muito para que não resistissem, porque veio suavemente derramar os seus raios sobre eles e, já fazendo-lhes luz através das pálpebras, já pelo seu calor, como pelo seu amor, lhes abriu os olhos e instou a que vissem a sua claridade.

Pelo contrário, teriam aqueles pobres vagabundos razão para clamar no meio daquele bosque: que fizemos nós ao sol para não nos patentear a sua luz, como fez aos nossos companheiros, a fim de chegarmos a nossas casas sem nos transviarmos por estas pavorosas trevas? Meu caro Teotimo, quem não tomaria o partido do sol, ou antes de Deus, para responder a estes desgraçados: Miseráveis! o sol não fez em vosso favor o que podia fazer? Todos os que dormíeis fostes igualmente objecto dos seus benefícios, a todos vos tocou com igual luz, sobre vós todos espargiu seus raios e a todos despertou com seu calor; ai de vós que, tendo visto

os vossos companheiros levantarem-se e pegarem do bordão a fim de continuarem o caminho, voltastes as costas ao sol, não querendo aproveitar-vos de sua luz nem deixar-vos vencer pelo seu calor.

Ora pois, Teotimo, eis ao que eu quero chegar. Todos os homens são viajantes nesta vida mortal. Quase todos nos deixamos adormecer voluntariamente na iniquidade, e Deus, Sol de Justiça, dardeja sobre todos nós sufficientíssimos, senão abundantes, raios de suas inspirações, abrasa os nossos corações com suas bênçãos e move-nos pelos encantos do seu amor. Por que é que são tão poucos os que se deixam atrair por estes encantos e ainda menos os que se deixam cativar? Em verdade, aqueles que, tendo sido atraídos, se deixam cativar e seguem a inspiração, têm grande motivo de se regozijarem, mas não de se glorificarem. Que se regozijem, pois que gozam dum grande bem, mas que não se glorifiquem, porque o devem à pura bondade de Deus, que lhes concedeu a fruição dum benefício, reservando-se porém toda a glória dele.

Quanto aos que permanecem no sono do pecado, ó meu Deus! têm bem razão de se lamentar e afligir porque se encontram na mais funesta desgraça, mas não podem queixar-se senão de si mesmos, por terem sido rebeldes à luz e esquivos aos atractivos da graça, obstinando-se contra a inspiração. Só à sua malícia, pois, se deve imputar, para todo o sempre, a sua maldição e confusão, porquanto só eles são os únicos autores da sua perda, os únicos fautores da sua eterna condenação.

Quando os japoneses se queixaram ao bem-aventurado Francisco Xavier, seu Apóstolo ⁽¹⁾, de que Deus tinha sido tão solícito para com as outras nações e parecia ter esquecido os seus predecessores, deixando-os numa ignorância religiosa que poderia ter sido causa de se perderem, o servo de Deus respondeu-lhes: que a lei natural estava gravada no espírito do todos os mortais; que, se os seus antepassados a observaram, por certo a luz celeste os esclareceu, como ao contrário, se a transgrediram, mereceram a condenação.

(1) L. 4 vit. c. 8 (apud Turselinum, S. J.).

Resposta digna dum homem apostólico, inteiramente semelhante à razão que o grande Apóstolo dá da perda dos antigos Gentios que ele diz serem *inexcusáveis*, porquanto, *tendo conhecido o bem*, seguiram o mal, porque é isto enfim o que ele quer dizer no primeiro capítulo da Epístola aos Romanos.

Desgraçados, mil vezes desgraçados os que não reconhecem que a sua desgraça lhes provém da sua maldade.

CAPÍTULO VI

Devemos reconhecer como vindo de Deus todo o amor que lhe consagramos

O amor dos homens para com Deus tem a sua origem, o seu progresso e a sua perfeição no amor eterno de Deus para com os homens; é este o sentimento universal da Santa Igreja nossa mãe, que, com ardente zelo, quer que refiramos a nossa salvação e os meios de a alcançar unicamente à misericórdia do Salvador, para que assim na terra como no Céu a Ele *só seja dada honra e glória* ⁽¹⁾.

Que tens tu que não recebesses ⁽²⁾? diz o grande Apóstolo falando dos dons da ciência, da eloquência e de outras semelhantes qualidades dos pastores eclesiásticos; e *se o recebeste porque te glorias como se o não tiveras recebido?* É certo que tudo recebemos de Deus, mormente os bens sobrenaturais do santo amor; porque, pois, nos gloriamos deles, se os recebemos?

Se alguém quisesse jactar-se de ter feito algum progresso no amor de Deus, dir-lhe-ia-mos: Homem vil e desprezível! vivias imerso em tua iniquidade, sem vida, nem força para te levatares (como succedeu à princesa da nossa parábola, livro III, capítulo III), e Deus, por sua infinita

(1) I Tim., I, 17. — (2) I Cor., IV, 7.

bondade, correu em teu socorro clamando em alta voz: *Abre a boca da tua atenção e eu a encherei* (1).

Depois, com os seus próprios dedos separou os teus lábios, descerrou os teus dentes e lançou no teu coração a santa inspiração que tu *recebeste*. Em seguida, apenas recuperaste os sentidos, continuou, por diversos affectos e diferentes meios, a fortalecer o teu espírito até que nele derramou a sua caridade como tua essencial e perfeita saúde.

Dize-me, pois, miserável, que fizeste em tudo isto de que possas gloriar-te? Deste o teu consentimento, é verdade, o impulso da tua vontade seguiu livremente o da graça celeste, mas que é tudo isto senão receber a inspiração divina, e não lhe resistir? *Que há em tudo isto que não tenhas recebido?* Sim, pobre ignorante, recebeste até a própria recepção de que *te glorificas* e o consentimento de que te jactas.

Óra dize-me: não reconheces que, se Deus não tivesse sido o primeiro a procurar-te, jamais terias sentido a sua bondade, e portanto nunca terias consentido no seu amor? Não, nunca de ti mesmo terias tido sequer um bom pensamento (2) para Ele. O seu movimento deu o ser e a vida ao teu, e se a sua liberalidade não houvesse animado, excitado e provocado a tua liberdade pelos poderosos atractivos da sua doçura, a tua liberdade teria ficado inútil para te salvars.

Convenho em que correspondeste à inspiração, consentindo nela; mas, se o ignoras, sabe que a tua cooperação nasceu da operação da graça, aliada à da tua livre vontade, por isso mesmo que nunca o teu coração teria tido o poder, nem o querer da cooperação, se a graça não o tivesse disposto e preparado pela sua acção.

Mas dize-me ainda homem infeliz, não é ridículo pensares que tens parte na glória da tua conversão, porque não repelestes a inspiração? Não é esta a ilusão dos bandidos e dos tiranos que julgam dar a vida àqueles a quem a não tiram? E não será mesmo impiedade julgares que deste à inspiração divina a santa eficácia e a pronta actividade, porque não lha subtraíste pela tua resistência? Podemos impedir

(1) Ps. LXXX, II. — (2) II Cor., III, 5.

os efeitos da inspiração, mas não lhos podemos dar, porque a sua força e a sua virtude derivam da bondade divina, lugar da sua origem, e não da vontade humana, lugar do seu termo,

Não seria motivo de indignação contra a princesa da nossa parábola, se ela se jactasse de ter dado a virtude e a propriedade às águas cordeais e aos outros medicamentos, ou de se ter curado a si própria, visto que, se não tivesse recebido os remédios que o rei lhe deitou na boca, quando estava sem sentidos e inanimada, certamente não teriam produzido os seus efeitos? Sim, dir-lhe-iam, sois uma ingrata; podíeis obstinar-vos em não receber os remédios, ou mesmo, recebendo-os, podíeis lançá-los depois da vossa boca, mas não é verdade que lhes tenhais comunicado o vigor e a virtude, que eram sua propriedade natural.

Apenas houve consentimento da vossa parte em recebê-los para poderem produzir o seu efeito; e até nunca teríeis dado este consentimento, se o rei primeiramente vos não tivesse reanimado, instando em seguida convosco para tomá-los, nem jamais os teríeis tomado se para isso ele não vos tivesse prestado o seu auxílio, abrindo-vos a boca com os dedos e derramando dentro dela o benéfico líquido.

Não sois, portanto, um monstro de ingratidão, querendo arrogar-vos um bem que por tantos modos deveis ao vosso querido Esposo?

Um admirável peixinho chamado *rémora*, diz Plínio, tem o poder de deter a embarcação que singra no alto mar de velas desfraldadas ⁽¹⁾, mas não tem poder para obrigá-la a navegar, isto é, pode impedir-lhe o movimento, mas não pode dar-lho. O nosso livre arbítrio pode deter e impedir também a corrente da inspiração, e assim, quando o sopro benigno da graça celeste enche as velas do nosso espírito, podemos livremente recusar-lhe o consentimento, e por este meio obstar aos benéficos efeitos desse sopro. Quando, porém, o nosso espírito singra com feliz navegação, não somos nós que provocamos o vento da inspiração, nem que enchemos dela as nossas velas, nem tão-pouco damos movimento

(1) Plín., Hist. nat., 1. IX, c. XXV (al. XLI).

ao navio do nosso coração; unicamente recebemos o sopro que vem do Céu, consentindo no seu movimento, deixando a embarcação velejar à mercê da corrente e não a estorvando pela *rémora* da nossa resistência.

É, pois, a inspiração que imprime no nosso livre arbítrio a feliz e doce influência pela qual não somente lhe mostra a excelência do bem, mas incita-o, auxilia-o, avigora-o e comove-o tão suavemente, que por este meio se submete e passa voluntariamente para o partido do bem.

O céu prepara na primavera as gotas do fresco orvalho e esparge-as sobre a superfície do mar; as madre-pérolas que abrem as suas conchas recebem estas gotas ⁽¹⁾ que se convertem em pérolas, ao passo que as que resistem, conservando suas conchas fechadas, não impedem que as gotas caiam sobre elas, mas obstam a que se introduzam no seu interior. Pois o céu não enviou o seu orvalho e a sua influência sobre uma e outra madre-pérola? Qual o motivo porque uma produziu a pérola e outra não? Para aquela que ficou improdutiva, teve o céu a liberalidade necessária para ela produzir, mas como se conservou fechada e resguardada impediu o efeito desse benefício.

Enquanto à que criou a pérola, fecundada pelo orvalho, nada tem que não recebesse do céu, até mesmo a abertura pela qual recebeu o orvalho, porque sem a atracção dos raios da aurora, que suavemente a excitaram, não teria vindo à superfície do mar e não abriria a sua concha.

Teotimo, se temos algum amor para com Deus a Ele seja toda a honra e glória, Ele que tudo fez em nós e sem o *qual nada foi feito* ⁽²⁾; nossa é toda a utilidade e obrigação, porque é esta a partilha que nos lega a sua divina bondade: deixa-nos o fruto de seus benefícios, mas deles reserva para si a honra e o louvor; e na verdade, pois que nada somos senão *pela sua graça* ⁽³⁾ nada devemos ser senão para sua glória.

(1) Vide sup., p. 278 nota. — (2) Joan., I, 3. — (3) I Cor., XV, 10.

CAPÍTULO VII

Convém evitar toda a curiosidade e aquiescer humildemente à sapientíssima Providência de Deus

O espírito humano é tão fraco que, quando quer investigar com demasiada curiosidade as causas e razões da vontade divina, embaraça-se e enreda-se nas malhas de mil dificuldades, de onde não pode mais desprender-se. Assemelha-se ao fumo que, subindo, se subtiliza e, subtilizando-se, desaparece. A força de querermos, por curiosidade, sublimar os nossos discursos nas coisas divinas presumimos dos nossos *pensamentos* ⁽¹⁾ e em lugar de alcançar a *ciência da verdade* ⁽²⁾, caímos na loucura da nossa vaidade.

Mas somos sobretudo injustos para com a Providência, com respeito à diversidade dos meios que nos distribui, a fim de atrair-nos ao seu santo amor e pelo seu santo amor à glória. A nossa temeridade leva-nos a investigar sempre a razão porque Deus concede meios mais abundantes a uns do que a outros, porque não operou entre os Tírios e os Sidónios os prodígios que fez em Corozaim e Betesda, pois que aqueles ter-se-iam bem aproveitado deles ⁽³⁾, e em suma, por que é que atrai ao seu amor uns de preferência a outros.

Caro Teotimo, nunca em tempo algum devemos consentir que o nosso espírito seja dominado por esse turbilhão de devaneios e desatinos, nem imaginar que encontramos melhor razão da vontade de Deus que não seja a sua mesma vontade. É esta soberanamente racional, ou antes é a razão de todas as razões, a regra de toda a bondade e a lei de toda a equidade.

E ainda que, em muitos lugares da Sagrada Escritura, o Espírito Santo nos dê a razão de quase tudo que poderíamos desejar saber, no tocante ao que a sua Providência dis-

(1) Rom., I, 21. — (2) I Tim., II, 4. — (3) Mat., XI, 21.

põe e realiza para conduzir os homens ao santo amor e à salvação eterna, é também certo que, em muitas ocasiões, declara que não devemos, de modo nenhum, separar-nos do grande respeito que é devido à sua vontade, cujos juízos e decretos devemos acatar, porque, como supremo juiz e sumamente justo, não é conveniente que manifeste os seus motivos, basta que diga simplesmente: *é minha vontade*. Pois se acatamos com humildade os juízos dos tribunais terrenos compostos de juizes corruptíveis, se não devemos pensar até que não foram pronunciados sem motivos, embora os ignoremos, oh Senhor, com que amorosa reverência não devemos adorar a equidade da vossa suprema Providência, que é infinita em justiça e bondade!

Em muitos lugares da Sagrada Escritura, encontramos a razão porque Deus reprovou o povo Judeu. S. Paulo e S. Barnabé dizem ⁽¹⁾: *Pois que vós rejeitais a palavra de Deus e vos julgais indignos da vida eterna, desde já nos vamos daqui para os Gentios*. E quem ler reflectidamente os capítulos IX, X e XI da Epístola aos Romanos, compreenderá claramente que a vontade de Deus não rejeitou o povo Judeu sem razão; todavia esta razão não deve ser investigada pelo espírito humano, o qual, pelo contrário, é obrigado a limitar-se pura e simplesmente a reverenciar o decreto divino, admirando-o com amor como infinitamente justo e recto, e amando-o com admiração como impenetrável e incompreensível.

Por isso o grande Apóstolo conclui do seguinte modo o longo discurso que fez a este respeito ⁽²⁾: *Oh profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Porque, quem conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro?* Exclamação pela qual o Apóstolo atesta que Deus dispõe todas as coisas com grande sabedoria, ciência e razão, mas de tal forma que o homem, não tendo entrado no divino conselho, cujos juízos e projectos estão infinitamente acima da nossa compreensão, deve devotadamente adorar os seus decretos como rectíssi-

(1) Act., XIII, 46. — (2) Cap. XI, 33, 34.

mos, sem procurar investigar a razão deles, a qual Deus reserva só para si, a fim de que conservemos o nosso entendimento em respeito e humildade.

Em muitos lugares nos ensina S. Agostinho esta prática: «Ninguém, diz ele, vem ao Salvador sem que seja atraído: quem é que Ele atrai e quem é que não atrai? Por que é que Ele atrai este e não atrai aquele? Não queiras julgar se não queres errar. Escuta e ouve o que digo: Não és atraído? Ora, para que sejas ⁽¹⁾».

«Certamente que o cristão vivendo ainda da fé e não vendo o que é perfeito, mas conhecendo-o só em parte, lhe basta saber e crer que Deus não livra ninguém da condenação, senão por gratuita misericórdia e méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, assim como não condena ninguém, senão pela sua rectíssima verdade pelo mesmo Jesus Cristo Senhor Nosso: porém querer saber porque é que ele livra este de preferência àquele, investigue quem puder a profundidade dos seus juízos, mas que se acautele do precipício ⁽²⁾; pois que os seus decretos, porque são ocultos, não são por isso injustos ⁽³⁾».

«Mas por que é que Ele livra de preferência estes e não aqueles? De novo o repetimos: *Quem és tu, ó homem, para replicares a Deus?* ⁽⁴⁾ *Os seus juízos são incompreensíveis e os seus caminhos inescrutáveis* ⁽⁵⁾; e nós acrescentamos: ⁽⁶⁾ *Não procures saber coisas mais difíceis do que as que cabem na tua capacidade, e não procures as que estão acima das tuas forças intelectuais* ⁽⁷⁾».

«Ora Ele não usa de misericórdia para com aqueles que, em virtude duma verdade mui secreta e inteiramente alheia aos pensamentos humanos, entende não dever favorecer com a sua graça ou misericórdia ⁽⁸⁾».

Entre crianças gémeas vemos algumas vezes que uma nasce cheia de vida e recebe o baptismo, e a outra perde à nascença a vida temporal antes mesmo de ter renascido para

(1) *Tract.* 26. *Joan.* — (2) *Ep.* 105 (hodie CXCV, c. VI). — (3) *Ibid.*, c. III. — (4) *Rom.*, IX, 20. — (5) *Ibid.*, IX, 33 — (6) *Ecli.*, III, 22. — (7) *De doro pers. cap.* 12 — (8) *Quæst.* 2 (*lib. D, ad Simplic.* (§ 16)).

a vida eterna, pelo que, uma fica herdeira do Céu e a outra privada desta herança.

Por que será que a Providência dá sucessos diferentes a nascimentos iguais? Pode dizer-se, sem dúvida, que ordinariamente a Providência não transgride as leis da natureza, de modo que, sendo um desses gémeos robusto e o outro muito fraco para suportar o esforço do nascimento, este morreu antes de poder ser baptizado e o outro sobreviveu, porque a Providência não quis obstar a que as causas naturais seguissem o seu curso, e nesta ocorrência foram elas a razão única que privou esta criança do baptismo.

E certamente é esta uma resposta muito sólida, mas segundo o conselho de S. Paulo e de Santo Agostinho, não deve satisfazer-nos esta consideração, que, sendo aliás boa, não é todavia comparável com muitas outras que Deus reservou para si, e que só no Paraíso nos fará conhecer.

«Então, diz Santo Agostinho ⁽¹⁾, não será segredo para nós o motivo porque este foi exaltado de preferência a outro que estava em circunstâncias idênticas, nem porque se não fizeram milagres na presença de pessoas que, se os tivessem visto, teriam feito penitência, e se fizeram diante daqueles que não estavam dispostos a crer.»

E noutro lugar o mesmo Santo falando dos pecadores, dos quais Deus deixa um mergulhado na sua iniquidade e levanta outro, diz ⁽²⁾: «Por que é que Ele retém um e não retém o outro, não é possível compreendê-lo nem é lícito investigá-lo, pois basta saber-se que dEle depende a perseverança e nunca vem dEle a prevaricação». E acrescenta ⁽³⁾: «Isto está oculto e inteiramente alheio ao espírito humano, pelo menos ao meu».

Eis, Teotimo, a maneira mais santa de filosofar sobre este assunto; por isso é que sempre achei admirável e amável a douta modéstia e a sapientíssima humildade do Seráfico Doutor S. Boaventura, no seu discurso sobre a razão pela qual a Providência divina destina os eleitos à vida eterna: «Pode ser, diz ele ⁽⁴⁾, que seja pela previsão do bem que

(1) *In enchir. ad Laur. c. 94 et 95.* — (2) *Resp. ad art. sibi falso impositos, res. ad. art. 14.* — (3) *Lib. 10. de Gen. ad lit. (cap. XV).* — (4) *Sentent., 1. I, dist. XLI, art. I, quæst. 2, ordine inverso.*

se fará por intermédio daquele que é atraído, e que de modo algum provém da vontade; mas dizer qual é esse bem cuja previsão serve de motivo à divina vontade, não sei distinguilo, nem quero investigá-lo, porque não há outra razão senão a de alguma conveniência, de maneira que poderíamos supor uma e ser outra».

Eis porque nos é impossível, neste caso, indicar com segurança a verdadeira causa ou o verdadeiro motivo da vontade de Deus, porque, como diz Santo Agostinho ⁽¹⁾, embora aqui a verdade seja muito certa, todavia, está muito longe dos nossos pensamentos, de sorte que não poderíamos dizer coisa alguma com segurança, neste ponto, senão pela revelação d'Aquele a quem todas as coisas são conhecidas. E como não era conveniente para a nossa salvação que tivéssemos conhecimento destes segredos, antes nos é mais útil ignorá-los, para nos conservarmos em humildade, por isso Deus os não quis revelar, nem o Santo Apóstolo ousou investigá-los; ao contrário, testemunhou a insuficiência do nosso entendimento neste ponto quando exclamou ⁽²⁾: «*Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus!*»

São também as palavras dum muito santo e judicioso Doutor da Igreja.

CAPÍTULO VIII

Submissão devida aos decretos da Providência divina

Amemos e adoremos humildemente *os profundos juízos de Deus*, Teotimo, «os quais, como diz Santo Agostinho ⁽³⁾, S. Paulo não descobre, mas admira, quando exclama: *Ó profundidade dos juízos de Deus!*»

«Quem poderá contar a areia do mar, as gotas da chuva e medir a largura do abismo?, diz o grande S. Gregório de

(1) Vide sup., p. 239. — (2) Rom., XI, 33. — (3) *Epa* 105. (*hodie CXCV, c. II*).

Nazianzo ⁽¹⁾ e quem poderá sondar a profundidade da divina sabedoria que criou todas as coisas e as harmoniza como quer e entende?

A exemplo do Apóstolo, admiremos a infinita sabedoria de Deus. *Ó profundidade das riquezas da sabedoria e ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos, quão inescrutáveis os seus caminhos! Porque, quem conhece a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro?* ⁽²⁾»

As razões da vontade divina, Teotimo, não podem ser penetradas pelo nosso espírito, até que vejamos a face de *Aquele que vai dum extremo ao outro com fortaleza e dispõe todas as coisas com suavidade* ⁽³⁾ fazendo tudo *com conta, peso e medida* ⁽⁴⁾; e ao qual o Salmista diz: *Senhor, todas as coisas fizestes com sabedoria* ⁽⁵⁾.

Quantas vezes nos acontece ignorarmos como e porque são feitas as obras dos homens, e, contudo, diz o mesmo bispo de Nazianzo ⁽⁶⁾, «o artista não é ignorante ainda que nós ignoremos a sua arte, e assim as coisas deste mundo não são feitas temerária e imprudentemente, posto que não saibamos por que são feitas». Se entrarmos numa relojoaria, alguma vez ali encontraremos um relógio que não é maior do que uma laranja, não obstante conter cem ou duzentas peças, das quais umas formam o mostrador, outras servem ao maquinismo das horas e do despertador; veremos ali rodinhas que giram umas para a direita outras para a esquerda, umas para cima outras para baixo, e o pêndulo que com oscilações ordenadas vai equilibrando o movimento de todas as peças, e admiramo-nos como a arte soube unir umas às outras tantas e tão pequeninas peças com uma correspondência tão exacta. Não conhecemos a aplicação de cada uma daquelas peças, nem a razão porque foram assim feitas, a não ser que o mestre no-lo diga; só sabemos, em geral, que todas servem para o maquinismo do relógio e das horas.

Diz-se que os Índios gostam de estar dias inteiros ao pé dum relógio para ouvir dar as horas no tempo marcado, e ainda que não podem adivinhar como isto se faz, não dizem

⁽¹⁾ *Orat. de paup. am.* (§ 30). — ⁽²⁾ Rom., XI, 33. — ⁽³⁾ Sap., VIII, 1. — ⁽⁴⁾ *Ibid.*, XI, 21. — ⁽⁵⁾ Ps. CIII, 24. — ⁽⁶⁾ *Eadem orat.*, § 31.

que é feito sem arte e sem razão, pelo contrário, transportados de estima e de consideração para com os que regulam os relógios, admiram-nos como indivíduos mais que humanos.

Teotimo! nós vemos também este universo e sobretudo a natureza humana, composta, como um relógio, duma tão grande variedade de acções e de movimentos que não poderíamos deixar de os admirar. Sabemos, em geral, que essas peças, de muitos modos variados, todas servem ou para nos apresentar como num mostrador de relógio a santíssima justiça de Deus ou para nos manifestar a misericórdia triunfante da sua bondade. Conhecer em particular o uso de cada peça, ou saber como ela é disposta para o fim geral, ou porque é assim feita, não o podemos compreender, a não ser que o divino Artífice no-lo ensine. Ora, Ele não nos manifesta a sua arte para que o admiremos com mais respeito, até que, um dia no Céu, nos encante com a suavidade da sua sabedoria, quando, na abundância do seu amor, nos descobrir as razões, os meios e os motivos de tudo o que neste mundo se tiver passado em proveito da nossa salvação eterna.

«Nós assemelhamo-nos», diz ainda o grande Nazianzeno (1) «àqueles que sofrem de vertigens ou de tonturas; parece-lhes que tudo anda à roda deles, e não são os objectos mas sim o seu cérebro e a imaginação que estão em movimento. Da mesma forma, quando vemos alguns acontecimentos cujas causas nos são desconhecidas, parece-nos que as coisas deste mundo são governadas sem razão, porque não as podemos compreender. Creiamos, pois, que Deus é o Criador e Pai de todas as coisas e delas cuida pela sua Providência, que envolve e abraça todas as criaturas; creiamos mormente que preside aos nossos negócios, embora a vida nos seja agitada por muitas contrariedades e aflições. A razão destas contrariedades e aflições é-nos desconhecida, a fim de que, não podendo alcançar este reconhecimento, admiremos a soberana razão de Deus, que excede todas as coisas; pois, de ordinário, facilmente desprezamos o que facilmente conhecemos, mas aquilo que excede a perspicácia do nosso espírito excita tanto mais a nossa admiração quanto mais difícil nos é compreendê-lo».

(1) Ead. orat., §§ 32-34.

De facto, as razões da Providência celeste seriam somenos se o nosso limitado espírito pudesse atingi-las; seriam menos amáveis na sua doçura e menos admiráveis na sua majestade, se não estivessem tão distantes da nossa capacidade.

Exclamemos, pois, Teotimo, em todas as circunstâncias, mas exclamemos com um coração cheio de amor para com a Providência infinitamente sábia, onnipotente e dulcíssima do nosso Eterno Pai: *Oh profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus!* Oh Senhor Jesus! Como são excessivas as riquezas da bondade divina! O seu amor para connosco é um abismo incompreensível; por isso Ele nos preparou uma rica abastança ou antes uma rica abundância de meios próprios para a nossa salvação, e para no-las aplicar suavemente serve-se de uma sabedoria suma, tendo pela sua infinita ciência previsto e conhecido tudo o que para este efeito era necessário.

Que podemos, pois, temer?! ou antes, que não devemos nós esperar, sendo filhos dum Pai tão rico em bondade para nos amar e querer salvar, tão sábio para nos preparar os meios convenientes para este fim, tão prudente em applicá-los, tão bom para querer, tão hábil em ordenar e tão judicioso em executar?!

Não permitamos nunca ao nosso espírito agitar-se curiosamente acerca dos juízos divinos, porque, como pequenas borboletas, ali queimaremos nossas asas e pereceremos naquele fogo sagrado.

Estes juízos são *Incompreensíveis*, ou, como diz S. Gregório Nazianzeno ⁽¹⁾, são *Inescrutáveis*, isto é, não podemos reconhecer nem penetrar os seus motivos; os caminhos e os meios pelos quais os executa e os conduz ao seu fim não podem ser discernidos nem reconhecidos; por mais penetrantes que sejamos, nos enganaremos a cada momento e acabaremos por lhe perder o rasto. Pois quem poderá penetrar o *sentido*, a inteligência e a intenção de Deus? *Quem foi o seu conselheiro* para conhecer os seus projectos e desígnios? *ou quem jamais se lhe antecipou em alguma obra?* Não é ele, pelo contrário, que nos precede com as

(1) Supra, p. 408.

bênçãos ⁽¹⁾ da sua graça, para nos coroar na felicidade da sua glória? Ah! Teotimo, *todas as coisas são dEle*, porque é o seu Criador, todas as coisas são *por Ele* porque é o seu governador; todas as coisas *estão nEle* porque é o seu Protector; *a Ele seja dada honra e glória pelos séculos dos séculos Amen* ⁽²⁾.

Teotimo! caminhemos em paz na via do santíssimo amor, porque aquele que na hora da morte possuir o amor divino, depois da morte gozará do eterno amor.

CAPÍTULO IX

Dum resto de amor que permanece muitas vezes na alma que perdeu a santa caridade

A vida de um homem que, debilitado de forças num leito, se vai extinguindo pouco a pouco, quase não merece que se lhe chame vida, pois que, embora seja vida, está de tal modo misturada com a morte, que não se poderia dizer se é uma morte ainda viva, ou uma vida agonizante! Que lastimoso espectáculo! Porém bem mais lamentável ainda é o estado duma alma que, ingrata para com seu Salvador, retrocede de momento a momento, afastando-se do amor divino por certos graus de deslealdade e de tibieza, até que, abandonando-o completamente, permanece na horrível obscuridade da perdição.

Este amor, que está já no seu declinar e vai perecendo e acabando, chama-se amor imperfeito, porque, embora ainda exista todo na alma, não existe inteiramente, isto é, quase já não ocupa a alma e está prestes a abandoná-la.

Ora quando a caridade é separada da alma pelo pecado, deixa nela, muitas vezes, uma certa aparência de amor que pode iludir-nos e envaidecer-nos. Dir-vos-ei em que con-

(1) Ps. XX, 3. — (2) Rom., XI, 33-36.

siste. Enquanto a caridade existe em nós produz muitos actos de amor para com Deus. Pela frequente repetição destes a nossa alma adquire um certo hábito e costume de amar a Deus, que não é caridade, mas somente uma disposição e inclinação que a frequência dos actos deu ao coração.

Depois de termos feito um dilatado uso de pregar ou de dizer Missa, acontece muitas vezes que, sonhando, falamos e repetimos as mesmas coisas que diríamos pregando ou celebrando; de modo que o costume e o hábito adquirido por virtude são, por assim dizer, praticados sem virtude, porque, geralmente falando, os actos que praticamos dormindo não têm da virtude senão uma aparente imagem, são apenas seus simulacros e representações. Assim também a caridade, pelos inúmeros actos que realiza, imprime em nós uma certa facilidade de amar, que conservamos mesmo depois que somos privados da sua presença.

Quando eu era ainda jovem estudante, vi numa povoação perto de Paris um certo poço onde havia um eco que repetia muitas vezes as palavras que junto dele dizíamos. É fora de dúvida que, se algum néscio inexperiente ouvisse a repetição destas palavras, julgaria que no fundo do poço existia algum homem que as proferia; porém nós já sabíamos que não devíamos atribuir este fenómeno à existência dum homem no poço, mas sim às concavidades do poço onde se introduziam as nossas vozes, reproduzindo-se o som delas à medida que penetravam da primeira à segunda concavidade, desta à terceira e quarta, repetindo-se consecutivamente até onze vezes, de modo que estas vozes repercutidas no poço já não eram as nossas vozes, mas apenas semelhanças e imagens delas. Com efeito, havia uma grande diferença entre estas vozes e as nossas, pois que quando dizíamos uma série não interrompida de palavras, elas apenas repetiam algumas, abreviando a pronúncia das sílabas que proferiam rapidamente, e com tons e acentos inteiramente diferentes dos nossos, dizendo-as depois que as tínhamos completamente pronunciado. Finalmente, não eram palavras dum homem vivo, mas eram dum rochedo ôco e vazio, palavras que representavam tão perfeitamente a voz humana donde tinham tomado sua origem, que um ignorante ter-se-ia iludido.

Ora eis o que quero dizer: Quando o santo amor da

caridade encontra uma alma dócil e ali permanece muito tempo, produz nela um segundo amor que não é amor de caridade, embora provenha da caridade, mas sim um amor humano o qual se assemelha por tal forma ao amor divino, que, mesmo depois que este deixa de existir na alma, parece que está ainda nela, visto que, retirando-se, ali deixou a própria imagem. De sorte que um ignorante enganar-se-ia, como succedeu aos pássaros que julgaram verdadeiras as uvas pintadas por Zeuxis ⁽¹⁾, tanto a arte do pintor havia imitado a natureza. E todavia, há uma grande diferença entre o amor divino e o amor humano. O amor divino influi na prática de todos os preceitos e circunstâncias, anima todos os actos da alma, ao passo que o amor humano satisfaz-se com a prática de algum preceito que mais lhe agrada, e desvia do seu fim legítimo as acções humanas.

Quando o amor divino desaparece, os actos do amor humano perdem o seu valor. Assim como o bordão de Eliseu ⁽²⁾ não operava nenhum milagre na ausência deste, ainda que estivesse nas mãos de seu servo Giesi, que o recebera do próprio Eliseu, assim os actos praticados na ausência da caridade e somente pelo hábito do amor humano, não têm merecimento nem valor algum para a vida eterna, ainda que este amor humano seja servo da caridade e dela tenha aprendido a praticá-los.

E assim é, porque este amor humano sem a caridade, não tem força alguma sobrenatural para levar a alma ao amor de Deus sobre todas as coisas.

CAPÍTULO X

Quanto este amor imperfeito é perigoso

Ah! Teotimo, vede como o desgraçado Judas ⁽³⁾, depois de trair o seu divino Mestre, foi entregar o dinheiro aos

⁽¹⁾ Plin., Hist. nat., 1. XXXV; c. X (al. XXXV). — ⁽²⁾ IV Reg., IV, 29. — ⁽³⁾ Matt., XXVII, 3, 4.

Judeus, como reconheceu o seu pecado e falou com louvor do sangue do Cordeiro imaculado! Eram os efeitos do amor imperfeito que a caridade anterior, que já nele não existia, deixara em seu coração.

Desce-se até à impiedade por graus; mui raros são os que chegam repentinamente ao extremo da malícia. Os perfumistas, mesmo quando não estão em suas lojas, conservam por muito tempo o cheiro dos perfumes que preparam, e assim também aqueles que provaram dos perfumes celestes, isto é, da santa caridade, conservam ainda depois por algum tempo as suas odoríferas emanações.

Quando o veado passa a noite em algum lugar, facilmente se conhece de manhã a sua passagem pelo rasto e pelo faro que deixa; mas à noite ou depois de algum tempo seria já mais difícil os cães pressenti-lo. Do mesmo modo, quando a caridade reinou numa alma, encontram-se ainda nela, mesmo depois de a ter abandonado, as suas pegadas, os seus vestígios, o seu faro e o seu rasto, mas pouco a pouco tudo isto se desvanece e se perde completamente, como se nunca lá tivesse estado.

Temos visto pessoas ainda jovens bem desenvolvidas no amor de Deus, que, depois de se terem transviado, conservam ainda por algum tempo, no meio da sua infeliz decadência, grandes sinais da passada virtude; porque, sendo o hábito adquirido no tempo da caridade contrário ao vício presente, tornou-se difícil, durante alguns meses, discernir se estavam fora da caridade, isto é, se eram virtuosos ou viciosos, até que o aumento progressivo no vício deu a conhecer claramente que tais exercícios de virtude não provinham da caridade presente, mas da caridade passada; não do amor perfeito, mas do imperfeito que a caridade deixara após de si, como sinal da morada que fizera naquelas almas.

Ora este amor imperfeito é bom em si mesmo, porque, sendo criatura da santa caridade e do seu sequito, não pode deixar de ser bom; serviu fielmente a caridade enquanto esta residiu na alma, e está sempre pronto a servi-la, se ela de novo ali quiser voltar. Não pode fazer acções de amor perfeito, mas nem por isso se deve desprezar, porque tal é a condição da sua natureza. As estrelas comparadas ao sol

são imperfeitíssimas; são todavia formosíssimas consideradas em particular, e ainda que não tenham lugar na presença do sol, tem-no em sua ausência.

Contudo, ainda que este amor imperfeito seja bom em si, é para nós perigoso, porque, semelhando-se à caridade, contentamo-nos com possuí-lo a ele só, julgando possuir a própria caridade, e assim nos envaidecemos, tendo-nos na conta de santos. A verdade, porém, é que, com essa persuasão, os pecados crescem, aumentam, multiplicam-se de tal maneira que escravizam totalmente o nosso coração. O amor próprio ilude-nos como Laban enganou Jacob dando-lhe Lia e não Raquel como ele desejava ⁽¹⁾.

Por pouco que abandonemos a caridade, o amor próprio atrai a nossa estima para este hábido imperfeito, e comprazêmo-nos nele como se fosse a verdadeira caridade, até que uma luz clara nos convença da nossa ilusão.

Oh meu Deus! não fará dó ver uma alma lisonjear-se com a ideia de que é santa, e viver descansada como se possuísse a caridade, quando a sua santidade é fingida, um engano, o seu descanso um adormecimento e a sua alegria uma loucura?

CAPÍTULO XI

Meio de conhecer este amor imperfeito

Mas qual é o meio, me direis vós, de discernir se é Raquel ou Lia, se é a caridade ou o amor imperfeito que nos dá os sentimentos de devoção de que nos sentimos animados?

Se, examinando em particular o objecto dos desejos, dos affectos e dos desígnios que tendes presentemente, achais algum pelo qual quisésseis transgredir a vontade e o bene-

(1) Gen., XXIX, 21-25.

plácito de Deus, pecando mortalmente, é fora de dúvida que todo o sentimento, toda a facilidade e prontidão que tendes em servir a Deus não tem outro princípio senão o amor humano e imperfeito, porque, se o amor perfeito reinasse em vós, oh meu Deus! ele destruiria todo o affecto, todo o desejo e todo o desígnio, que tendesse a fim tão pernicioso, e não consentiria que o vosso coração o aceitasse.

Mas notai bem que eu disse: que este exame deve fazer-se sobre as actuais inclinações; não é necessário occupar-vos das que podem apparecer pelo tempo adiante, pois basta que sejamos fiéis nas occasiões que se apresentam, segundo a variedade dos tempos, visto que bastam a cada momento os próprios trabalhos e as próprias aflições.

Porém, se quisésseis exercitar o coração na valentia espiritual, imaginando diversos acontecimentos e tentações, poderíeis fazê-lo útilmente, contanto que depois dos actos desta fantasiosa valentia do vosso coração não vos julgásseis por isso mais valentes, pois os *filhos de Efraim* que operavam maravilhas nos exercícios da guerra que entre si faziam, atirando hábilmente os arcos, quando chegou a occasião oportuna, no dia da batalha, *voltaram as costas* ⁽¹⁾, e nem mesmo se afoitaram a apontar as flexas, nem olhar para as pontas das dos seus inimigos.

Quando, pois, se faz a applicação dessa coragem às ocorrências futuras ou somente possíveis, e se guarda dela um bom e fiel sentimento, deve-se agradecer a Deus, porque este sentimento é sempre útil; mas convém conservar-se com humildade entre a confiança e a desconfiança, esperando que, mediante o auxilio divino, se fará na occasião o que se imagina poder fazer, e temendo ao mesmo tempo que, segundo a nossa miséria ordinária, talvez não façamos coisa alguma e percamos a coragem.

Todavia, se esta desconfiança fosse tão excessiva que nos tirasse a força e o ânimo e nos fizesse, portanto, cair em desespero acerca das tentações imaginadas, como se estivessemos privados da graça e do amor de Deus, devemos então tomar a resolução de nos conservarmos fiéis em todas

(1) Ps. LXXVII, 9.

as ocorrências, até mesmo na tentação que nos aflige, não obstante o nosso pesar e desânimo, com a esperança de que, quando esta tentação chegar, Deus multiplicará a sua graça, aumentará seu socorro e nos dispensará todo o auxílio de que carecemos, e que, não tendo concedido força para um combate imaginário e desnecessário, no-la dará quando dela precisarmos.

Porquanto, assim como muitos têm perdido a coragem no meio das tentações, assim muitos têm perdido o temor, revelando na presença do perigo e da luta uma coragem e uma decisão de que não teriam sido capazes na sua ausência.

Muitos servos de Deus, representando-se as tentações ausentes, se aterravam ao ponto de perderem o ânimo e portaram-se com grande coragem quando assaltados por elas.

Finalmente, logo que nestas imaginárias tentações futuras parecer que nos falta o ânimo, bastará desejarmos ter coragem, e confiarmos em Deus que Ele no-la dará a seu tempo. Certamente que Sansão nem sempre sentia a sua grande força, antes pelo contrário está dito na Sagrada Escritura ⁽¹⁾ que, vindo o leão das vinhas de Tamatha acometê-lo com fúria, o espírito de Deus se apoderou dele, isto é, Deus deu-lhe o impulso duma nova força e duma nova coragem e *ele fez o leão em pedaços como se fosse um cabrito*; o mesmo sucedeu ⁽²⁾ quando desbaratou os mil Filisteus que o queriam derrotar na planície de Lechi.

Assim, pois, meu caro Teotimo, não é preciso que tenhamos sempre o sentimento e o impulso da coragem necessária para vencer *o leão que ruge em redor de nós, buscando-nos para nos devorar* ⁽³⁾; isto poderia induzir-nos à vaidade e presunção; basta que tenhamos bons desejos de combater generosamente e uma inteira confiança de que o Espírito divino nos assistirá com o seu socorro e a coragem não nos faltará, quando chegar a ocasião de a pôr em prática.

FIM DO LIVRO QUARTO

(1) Judic., XIV, 6. — (2) Ibid., XV, 14, 15. — (3) I Petri, v, 8.

LIVRO QUINTO

DOS DOIS PRINCIPAIS EXERCÍCIOS DO AMOR SAGRADO, QUE SE FAZEM POR COMPLACÊNCIA E POR BENEVOLÊNCIA

CAPÍTULO I

Da sagrada complacência do amor, e primeiramente em que ela consiste

O amor, como já dissemos ⁽¹⁾, não é outra coisa senão o movimento e inclinação do coração para o bem por meio da complacência que se tem nele; de sorte que a complacência é o grande móbil do amor, como o amor é o grande movimento da complacência.

Eis como se faz este movimento para Deus: A fé ensina-nos que a Divindade é um abismo incompreensível de toda a perfeição, sumamente infinito em excelência, infinitamente sumo em bondade.

Esta verdade que a fé nos ensina, consideramo-la atentamente pela meditação, contemplando a imensidade de bens que há em Deus, ou todos simultâneamente num agregado de todas as perfeições, ou em separado, considerando as

(1) Livro I, cap. VIII.

suas excelências uma após outra, como, por exemplo, a sua onnipotência, a sua sabedoria, a sua bondade, a sua eternidade, a sua infinidade. Ora quando conservamos o nosso entendimento muito atento à grandeza dos bens existentes neste divino objecto, é impossível que a nossa vontade não sinta complacência nesse bem; e então usamos da liberdade e da autoridade que temos sobre nós mesmos, levando o nosso próprio coração a robustecer e a aumentar a sua primeira complacência com actos de aprovação e de regozijo. Oh! diz então a alma devota, *como sois belo, meu Amado*, como sois belo! vós sois *desejável*, sois o mesmo desejo; *tal é o meu Amado, ele é verdadeiramente meu amigo, filhas de Jerusalém* ⁽¹⁾. Oh! seja para sempre bendito o meu Deus por ser tão bom! Ah! quer morra quer viva, sou imensamente feliz por saber que o meu Deus é tão rico de todos os bens; que a sua bondade é infinita, e a sua infinidade tão boa.

Assim, aprovando o bem que vemos em Deus, comprazendo-nos nele, fazemos um acto de amor a que se dá o nome de complacência, porque nos comprazemos no gozo divino infinitamente mais do que no nosso próprio. É este o amor que dava tanta satisfação aos Santos, quando narravam as perfeições do seu Amado e lhes fazia dizer com tanta suavidade que Deus era Deus. Ora *sabei*, diziam, *que o Senhor é Deus* ⁽²⁾. *Ó Deus! meu Deus, vós sois o meu Deus* ⁽³⁾; *Eu disse ao Senhor, sois o meu Deus* ⁽⁴⁾; *o Deus do meu coração, e o meu Deus é eternamente o quinhão da minha herança* ⁽⁵⁾. Ele é Deus do nosso coração por esta complacência porque, por ela, o nosso coração o abraça e se apodera dele; ele é nossa herança porque, por este acto, gozamos dos bens que estão em Deus, e, como duma herança, deles tiramos todo o gozo e contentamento. Por esta complacência, como que assimilamos espiritualmente as perfeições da Divindade, porque as tornamos nossas e as infundimos no próprio coração.

Assim como as ovelhas de Jacob tiravam das cores da fonte onde bebiam as cores dos seus cordeirinhos ⁽⁶⁾, assim

(1) Cant., I, 15, v, 16. — (2) Ps. XCIX, 3. — (3) Ps. XXI, I, II. — (4) Ps. XV, 2. — (5) Ps. LXXII, 26. — (6) Gen., XXX, 37-39.

também uma alma cativa da amorosa complacência que experimenta ao considerar a Divindade, e nela uma infinidade de excelências, atrai ao seu coração as maravilhas e perfeições, que contempla, e as torna suas pela satisfação que nelas encontra.

Oh meu Deus! que alegria teremos no Céu, Teotimo, quando virmos o Amado de nossos corações como um mar infinito, cujas águas são unicamente perfeição e bondade! Então, como o veado que, perseguido, pára junto duma clara *fonte* e haure a frescura das suas *águas* ⁽¹⁾, assim os nossos corações, depois de tantas ansiedades e desejos, chegando à fonte viva e salutar da Divindade ⁽²⁾, haurirão, pela sua complacência, todas as perfeições deste Bem-amado, e terão nelas perfeito gozo, pelo prazer que sentirão, ao saciarem-se de suas imortais delícias.

Desta forma o querido Esposo entrará em nós como em seu leito nupcial, para comunicar à nossa alma a sua eterna alegria, segundo Ele mesmo diz ⁽³⁾: que, se guardarmos a santa lei do seu amor, virá e fará em nós a sua *morada*. Eis o doce e nobre fruto do amor que, sem desbotar o colorido do Bem-amado, apropria-se das suas cores; sem o despojar, reveste-se do seu vestido; sem nada lhe tirar, toma tudo o que Ele possui; e, sem o empobrecer, enriquece-se com seus bens; do mesmo modo que o ar toma a luz sem enfraquecer o esplendor natural do sol, e o espelho a graça do rosto sem diminuir a do homem que nele se mira.

Tornaram-se abomináveis como as coisas que amaram, diz o profeta ⁽⁴⁾, falando dos maus; o mesmo se pode dizer dos bons, que se tornaram amáveis como as coisas que amaram. Vêde o coração de Santa Clara de Montefalco; achou tanto prazer na meditação da Paixão do Salvador e na meditação da Santíssima Trindade, que desse modo atraíu a si todos os estigmas da Paixão, e uma admirável representação da Trindade, tornando-se desta forma semelhante àquilo que amava. O amor que o grande apóstolo S. Paulo tinha pela vida, morte e paixão de Nosso Senhor foi tão grande que atraíu ao coração dele a própria vida, morte e paixão do

⁽¹⁾ Ps. XII, I. — ⁽²⁾ Ibid., v. 2. — ⁽³⁾ Joan., XIV, 23. — ⁽⁴⁾ Osee, IX, 10.

divino Salvador, de modo que estas lhe ocupavam totalmente a vontade pelo amor, a memória pela meditação e o entendimento pela contemplação.

Mas qual foi o canal, o instrumento que trouxe o doce Jesus ao coração de S. Paulo? O canal da complacência, como ele mesmo declara, dizendo ⁽¹⁾: *Nunca Deus permita que me glorie senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*; porque se bem considerardes, entre glorificar-se e comprazer-se em alguém, entre ter glória ou prazer em alguma coisa, há apenas esta diferença, que aquele que tem glória numa coisa, junta a honra ao prazer, porque não há honra sem prazer, embora possa haver prazer sem honra. Esta alma, pois, tinha uma tal complacência e sentia-se tão honrada com a bondade divina que resplandece na vida, morte e paixão do Salvador, que não sentia prazer algum senão nesta honra; isso o levou a exclamar: *Nunca Deus permita que me glorie, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*, como também disse que não vivia ele mas *Jesus Cristo* nele ⁽²⁾.

CAPÍTULO II

Pela santa complacência tornamo-nos como criancinhas alimentadas por Nosso Senhor

Oh meu Deus! como é feliz a alma que encontra as suas delícias em saber e conhecer que Deus é Deus, que a sua bondade é infinita; porque este celeste Esposo, por esta porta da complacência entra nela e come connosco, como nós com Ele ⁽³⁾. Alimentamo-nos com Ele da sua doçura, pelo prazer que nela encontramos, e satisfazemos o nosso coração nas perfeições divinas pelo bem-estar que em nós produzem, e esta refeição é uma ceia por causa do descanso

(1) Galat., VI, 14. — (2) Galat., II, 20. — (3) Apoc., III, 20.

que se lhe segue; porquanto a complacência faz-nos descansar docemente na suavidade do bem que nos deleita e com o qual alimentamos o nosso coração; pois como sabeis, Teotimo, o coração alimenta-se com aquilo de que gosta. É por isso que se diz, que uns se alimentam de honra, outros de riquezas.

Assim diz o Sábio ⁽¹⁾; *que a boca dos insensatos se apascenta de ignorância*; e a soberana Sabedoria afirma ⁽²⁾ que a sua *comida*, quer dizer o seu prazer, não é outra coisa senão *fazer a vontade de seu Pai*. Em suma, é verdadeiro o aforismo dos médicos, que o que nos sabe bem, alimenta, e o dos filósofos, que o que agrada, sustenta.

Que o meu Amado venha ao seu jardim, diz a Esposa sagrada ⁽³⁾, *e nele coma' o fruto das suas macieiras*. Ora o divino Esposo vem *ao seu jardim* quando entra na alma devota, pois que Ele se compraz em *habitar com os filhos dos homens* ⁽⁴⁾. E onde pode melhor habitar do que na região do espírito que criou à sua imagem e semelhança? Ele mesmo planta neste jardim a complacência amorosa que sentimos na sua bondade, e da qual nos alimentamos.

Assim como a sua bondade se compraz, se alimenta na nossa complacência, do mesmo modo a nossa complacência aumenta por sabermos que Deus se compraz em nos ver complacentes nEle. Estes recíprocos prazeres constituem o amor duma incomparável complacência pela qual a nossa alma, feita jardim do seu Esposo e recebendo da sua bondade os pomos de delícias, lhe restitui o fruto, pois que se deleita na complacência que ela lhe consagra.

É assim que atraímos ao nosso o coração de Deus que nele derrama o seu bálsamo precioso ⁽⁵⁾; é assim que praticamos o que a santa Esposa diz, cheia de júbilo ⁽⁶⁾: *O Rei de meu coração me introduziu nos seus aposentos: nós nos regozijaremos e nos alegraremos em ti, lembradas de que o leite de teus seios é melhor do que o vinho; os bons amam-te*.

Ora dize-me, Teotimo, quais são os aposentos deste

(1) Prov., XV, 14. — (2) Joan., IV, 34. — (3) Cant., V, 1. — (4) Prov., VIII, 31. — (5) Cant., I, 2. — (6) Ibid., x, 3.

Rei de amor, senão o seu Coração que abunda em mil doçuras e suavidades?

A alma, pois, que contempla no seu muito Amado os tesouros infinitos das perfeições divinas, dá-se por imensamente feliz e rica, tanto mais que o amor torna seus, por complacência, todos os bens e gozos deste querido Esposo.

Assim como a criancinha se volta buliçosa para a mãe e se agita de alegria quando se vê no seu colo, e a mãe, da sua parte, a recebe com amor sempre ardente, assim também a alma sente estremecimentos e ímpetos de incomparável júbilo pelo gozo que tem em contemplar o tesouro das perfeições do Rei do seu santo amor.

Este júbilo cresce ainda quando vê que Ele mesmo lhas mostra por amor, e que entre estas perfeições a do seu amor infinito resplandece em subido grau. Não terá razão esta santa alma de exclamar: Ó meu Rei, quão amáveis são as vossas riquezas, quão rico é o vosso amor! Ah! quem sêntirá maior alegria, vós que o gozais, ou eu que nele me regozijo? *Rejubilamos de alegria com a lembrança do vosso amor* tão infinitamente fecundo em suavidades; eu porque o meu bem Amado as goza, vós porque a vossa amada se regozija nelas, ambos delas gozamos porque a vossa bondade vos faz gozar com o meu regozijo e o meu amor me faz regozijar com o vosso gozo.

Ah! *os justos e bons* vos amam! Quem poderia ser bom sem amar tão grande bondade? Os príncipes terrestres guardam os tesouros nos aposentos particulares de seus palácios, e as armas em arsenais. O príncipe celeste tem o seu tesouro no próprio seio e as armas no próprio peito, e como o seu tesouro é a sua bondade e as suas armas são o seu amor, o seu seio e seu peito nos atraem, como o seio da mãe ao filhinho estremecido.

Certamente a natureza colocou o sustento da criancinha no seio da mãe para que o calor do coração, aquecendo o leite, concorresse com ela para alimentá-la e assim o leite fosse um alimento cem vezes *melhor do que o vinho*.

Mas notai, Teotimo, que a comparação do leite e do vinho parece tão natural à Esposa sagrada que não se contenta com dizer uma vez que o seio de seu Esposo *excede o*

vinho, mas o repete três vezes ⁽¹⁾. O vinho, Teotimo, é o leite das uvas e o leite é o vinho do peito; por esta razão a Esposa Sagrada diz ⁽²⁾ que o seu Amado é para ela como um *cacho de Chipre*, isto é, de aroma delicioso. Moisés diz ⁽³⁾ que os Israelitas podiam beber o *sangue* puríssimo e delicioso *da uva*; e Jacob ⁽⁴⁾, descrevendo a seu filho Judá a fertilidade dos bens que viria a ter na terra prometida, profetizou sob esta figura a verdadeira felicidade dos cristãos, dizendo que o Salvador lavaria a *sua túnica*, quer dizer a Santa Igreja, *no sangue da uva*, isto é, em seu próprio sangue.

Além disso não há diferença entre o sangue e o leite como a não há entre o agraço e o vinho, visto que o agraço, amadurecendo com o calor do sol, muda de cor e se transforma num vinho agradável que serve de alimento, o o sangue temperado pelo calor do coração toma a bela cor branca e se torna um alimento muito conveniente para as crianças.

O leite, que é um alimento fortificante, todo de amor, representa a ciência e a teologia mística, isto é, o doce sabor que procede da complacência amorosa que recebe o espírito quando medita as perfeições da divina Bondade, enquanto que o vinho significa a ciência usual adquirida, que se obtém a poder da especulação sob a força de muitos argumentos e disputas.

Ora o leite, que as nossas almas haurem na caridade de Nosso Senhor, vale muito mais sem comparação do que o vinho que vamos buscar aos discursos humanos, porque este leite tem a sua origem no amor celeste, que o prepara para seus filhos ainda antes que nisso pensassem. Tem um gosto suave e agradável, o seu aroma excede todos os perfumes, torna o hálito puro e suave como o duma criança de peito, produz alegria sem insolência, inebria sem estontear e não excita os sentidos, mas eleva-os.

Quando o santo Isaac abraçou e beijou seu querido filho Jacob, *sentiu-lhe a fragrância dos vestidos*, e foi repentinamente invadido por um extraordinário prazer que o fez exclam-

(1) Cant., I, I, 3., cf. IV, 10, VII, 8. — (2) Ibid., I, 13. — (3) Deut., XXXII, 14. — (4) Gen., XLIX, II.

mar: Oh! *Eis o cheiro do meu filho, semelhante ao cheiro dum campo florido, que o Senhor abençoou* ⁽¹⁾. Os vestidos e o perfume eram de Jacob, mas foi Isaac quem sentiu a complacência e o regozijo.

Ah! com que delícias recebe os perfumes das infinitas perfeições do seu Salvador a alma que pelo amor o tem entre os braços de seus affectos! Com que complacência diz consigo mesma: *Fragrantes como os mais preciosos bálsamos. Aplique ele os lábios, dando-me o ósculo da sua boca; porque o leite de teus seios é melhor do que o vinho* ⁽²⁾.

Assim exclamava extasiado o espírito de Santo Agostinho, indeciso entre os santos contentamentos que experimentava em considerar, por uma parte, o mistério do nascimento do seu Senhor e por outra, o mistério da Paixão:

Entre estes dois mistérios,
Qual minha alma há-de abraçar?
O seio querido duma mãe,
Pronto para me alimentar,
Ou o sangue santíssimo
Da chaga para me salvar?

CAPÍTULO III

A santa complacência entrega o nosso coração a Deus e faz-nos sentir um perpétuo desejo de o gozar

O amor que dedicamos a Deus tem a sua origem na primeira complacência que o nosso coração sente quando, ao aperceber-se da divina Bondade, começa a tender para ela. Quando aumentamos e reforçamos esta primeira complacência pelo exercício do amor, como já dissemos nos capítulos precedentes, atraímos ao nosso coração as perfeições

(1) Gen., XXVII, 27. — (2) Cant., I, I.

divinas e gozamos da divina bondade pela satisfação que nela encontramos. Sentimos então o contentamento amoroso que a Esposa sagrada exprime assim ⁽¹⁾: *O meu amado é meu.*

Esta complacência, estando em nós, que a sentimos, não deixa de estar em Deus de quem a recebemos, por isso nos entrega reciprocamente à divina Bondade, de sorte que, por este santo amor de complacência, gozamos dos bens que há em Deus como se fossem nossos. É porque as perfeições divinas são mais fortes que o nosso espírito, entrando n'Ele o possuem reciprocamente, não dizemos somente que Deus é nosso por complacência, mas também que somos d'Ele ⁽²⁾.

A erva *aproxis* (como já dissemos noutro lugar) ⁽³⁾ tem tão grande correspondência com o fogo, que mesmo de longe, logo que recebe a sua luz, atrai-lhe as chamas e começa a arder, pondo-se em fogo, não tanto por causa do seu calor como pela sua claridade ⁽⁴⁾. Achando-se, pois, unida ao fogo por esta atracção, poderia dizer: O meu amado fogo pertence-me porque o atrai-o a mim e gozo das suas chamas, mas eu sou também dele porque, se eu o atraí a mim, ele, como mais forte e mais nobre, transformou-me em si; ele é o meu fogo, eu a sua erva; eu atraio-o, ele consome-me.

Igualmente o nosso coração, posto em presença da divina Bondade e atraindo-lhe as perfeições pela complacência que nela tem, pode dizer com verdade: A Bondade de Deus pertence-me inteiramente, porque gozo das suas excelências, e eu pertenço-lhe inteiramente porque os seus contentamentos me possuem.

Pela complacência, a nossa alma, como velo de Gedeão ⁽⁵⁾, penetra-se inteiramente do orvalho celeste e este orvalho é do velo porque entrou nele, mas reciprocamente o velo é do orvalho porque nele se embebeu e dele recebe o valor. Qual é mais uma da outra; a pérola da ostra ou a ostra da pérola? A pérola é da ostra que a si a atraíu, mas a ostra é da pérola que lhe dá o valor e a estimação.

(1) Cant., II, 16. — (2) Ibid. — (3) Introd. à Vida dev., Parte III, c. XVIII. — (4) Plin., Hist. nat., I, XXIV, c. XVII (al. CI). — (5) Judic., VI, 37, 38.

A complacência faz-nos possuidores de Deus, porque atrai a nós as suas perfeições, e faz-nos possuídos de Deus, porque nos prende e afeiçoa às suas perfeições.

Com esta complacência satisfazemos tanto a nossa alma que desejamos mais e mais satisfazê-la; deleitando-nos na divina Bondade quereríamos deleitar-nos ainda mais; saciando-nos, quereríamos sempre recebê-la, e recebendo-a sentimo-nos saciados. O príncipe dos Apóstolos, na sua 1.^a Epístola ⁽¹⁾, dizendo que os antigos Profetas haviam manifestado as graças que viriam a abundar entre os Cristãos, e entre elas a Paixão de Nosso Senhor e a glória que devia segui-la, quer pela ressurreição do seu corpo quer pela exaltação do seu nome, conclui, afirmando que os próprios anjos desejam contemplar os mistérios da Redenção neste divino Salvador; *o qual*, diz ele, os *Anjos desejam contemplar*.

Mas como é possível compreender-se que os anjos, que vêem o Redentor e n'Ele todos os mistérios da nossa salvação, desejem ainda vê-lo? É certo, Teotimo, que O vêem sempre, mas duma maneira tão agradável, tão deliciosa, que a complacência que experimentam sacia-os sem lhes tirar o desejo de contemplá-lo, e faz-lhes ter este desejo sem lhes tirar a saciedade: o gozo não diminui com o desejo, mas aperfeiçoa-se, como igualmente o desejo não é reprimido mas apurado pelo gozo.

O gozo dum bem que sempre satisfaz nunca fenece, mas renova-se e floresce sem cessar: é sempre agradável, sempre desejável. A contínua satisfação dos celestes amantes produz um desejo perpetuamente satisfeito e seu contínuo desejo faz nascer mais uma satisfação perpetuamente desejada. O bem que é finito põe termo ao desejo quando dá o gozo, e tira o gozo quando produz o desejo, porque não pode ser possuído e desejado juntamente. Mas o bem infinito faz reinar o desejo na posse e a posse no desejo; é apto a saciar o desejo, pela sua santa presença, e a fazê-lo viver sempre pela grandeza das suas perfeições, as quais alimentam, em quantos as possuem, um desejo sempre satisfeito e uma satisfação sempre desejosa.

Imaginaí, Teotimo, aqueles que conservam na boca a

(1) Cap. I, 10-12.

erva cítrica; pois se diz que nunca têm fome nem sede, tanto ela os sacia; sustenta-os; porém, tão delicadamente que nunca perdem o apetite ⁽¹⁾. Quando a nossa vontade encontra a Deus, descansa n'Ele com uma singular complacência que não a impede todavia de sentir a comoção do desejo, porque assim como ela deseja amar, gosta também de desejar; tem o desejo do amor e o amor do desejo.

O repouso do coração não está em se conservar imóvel, mas em não carecer de coisa alguma; não consiste em não ter movimento, mas em não ter necessidade de mover-se. Os espíritos perdidos vivem numa agitação eterna sem alternativa de tranquilidade; nós, mortais e peregrinos, temos ora descanso, ora agitação em nossas afeições; os espíritos bem-aventurados têm sempre repouso em seus movimentos e movimento em seu repouso; só Deus possui o repouso sem movimento, por ser soberanamente um acto puro e substancial.

Ainda que, segundo a condição ordinária desta vida mortal, não tenhamos repouso em nosso movimento, acontece todavia que, quando ensaiamos os exercícios da vida imortal, isto é, quando praticamos os actos do santo amor, encontramos repouso no movimento das nossas afeições e movimento no repouso da complacência que experimentamos em o nosso Bem Amado, e assim recebemos o antegoço da futura felicidade a que aspiramos.

Se é certo que o camaleão vive do ar ⁽²⁾, para qualquer parte que vá encontra o seu sustento; por isso, se anda de um para outro lado, não é para procurar com que alimentar-se, mas para recrear-se no seu alimento, como os peixes no meio do mar.

Quem deseja a Deus, mesmo possuindo-o, não tem por fim procurá-lo, mas exercitar o seu affecto no próprio bem de que goza, porque o coração não faz este movimento de desejo no intuito de possuir o gozo, pois já o possui, mas somente para se satisfazer, gozando-o; para recrear-se nele, não para o alcançar; da mesma forma que andamos e nos movemos para ir ver um belo jardim, e tendo entrado nele conti-

(1) Plin., *Hist. nat.*, 1, XXV, c. VIII (al. XLIII). — (2) Plin., *H.*, 1. VIII, c. XXXIII (al. LII).

nuamos a andar e a mover-nos, não já para o ver, mas para nele passearmos e nos entretermos; andamos para irmos gozar da beleza do jardim, e depois de estarmos nele andamos para nos regozijarmos nele.

Buscai a Deus, sereis fortalecidos
E ao clarão do seu rosto esclarecidos (1).

Procura-se sempre aquele que se ama, diz o grande Santo Agostinho (2); o amor procura o que encontrou, não com o fim de o ter, mas para o ter sempre.

Em suma, Teotimo, a alma que vive no exercício do amor de complacência, exclama perpetuamente em seu sagrado silêncio: Basta-me que Deus seja Deus, que a sua bondade seja infinita e a sua perfeição imensa; que eu morra ou viva pouco me importa, pois o meu amado vive eternamente duma vida triunfante: A mesma morte não pode afligir o coração que sabe estar vivo o seu soberano amor.

A alma que ama, basta-lhe que aquele a quem ama mais que a si mesma, seja cumulado de bens eternos, pois vive mais naquele que ama do que naquele a que anima; não é ela já que vive, mas é o seu bem amado que vive nela (3).

CAPÍTULO IV

Da amorosa condolência pela qual melhor se explica a complacência do amor

A compaixão, condolência, comiseração ou misericórdia não é outra coisa senão uma afeição que nos torna participantes da paixão e dor daquele a quem amamos, atraindo ao nosso coração a miséria que ele sofre; por isso lhe chamamos

(1) Ps. CIV, 4.—(2) Enarratio in Ps. CIV, § 3.—(3) Galat., II, 20.

misericórdia, como se disséssemos uma miséria de coração, do mesmo modo que a complacência atrai ao coração de quem ama o gozo e o contentamento da coisa amada. É o amor que produz um e outro efeito, pela virtude que possui de unir o coração que ama ao que é amado, tornando por este meio comuns os bens e os males dos amigos; e o que acontece com a compaixão torna muito claro o que se refere à complacência.

A grandeza da compaixão deriva da grandeza do amor que a produz; é assim que são grandes as condolências das mães pelas aflições de seus filhos únicos, como testemunha em vários passos a Sagrada Escritura. Quanto não sentiu o coração de Agar a dor do seu Ismael, que via prestes a morrer à sede, no deserto ⁽¹⁾! Que comiseração na alma de David pela morte do seu Absalão ⁽²⁾!

E não vedes o maternal coração do grande Apóstolo, doente com os doentes, ardendo em zelo pelos scandalizados ⁽³⁾, com uma contínua dor pela perda dos Judeus ⁽⁴⁾, e consumindo-se todos os dias por seus filhos espirituais ⁽⁵⁾? Mas considerai sobretudo como o amor atrai todas as penas, todos os tormentos, trabalhos, sofrimentos, dores, feridas, a Paixão, a cruz e até a morte do nosso Redentor ao coração de sua santíssima Mãe!

Ah! os mesmos cravos que crucificaram o corpo deste divino Filho crucificaram também o coração da Mãe; os mesmos espinhos que lhe trespassaram a sacrossanta cabeça, trespassaram completamente a alma desta doce Mãe; sofreu as mesmas misérias de seu Filho por comiseração, as mesmas dores por condolência, as mesmas paixões por compaixão; numa palavra, a *espada* da morte que atravessou o corpo deste amantíssimo Filho igualmente trespassou de lado a lado o coração desta amantíssima Mãe ⁽⁶⁾, pelo que podia afirmar que Ele era como *um ramalhete de mirra no seu selo* ⁽⁷⁾, isto é, no seu coração.

Quando Jacob recebeu a triste, ainda que falsa notícia da morte do seu querido José, vede qual foi a sua aflição:

(1) Gen., XXI, 16. — (2) II Reg., XVIII, ult. — (3) II Cor., XI, 29. — (4) Rom., IX, 2-4. — (5) I Cor., XV, 31. — (6) Lucæ, II, 35. — (7) Cant., I, 12.

Ah! diz ele ⁽¹⁾, *descerel cheio de saudade ao inferno*, isto é, ao limbo, no seio de Abraão *até junto deste filho*.

A condolência procede também das dores que vemos sofrer aos que amamos, por pequena que seja a amizade; quando os males que vemos sofrer são extremos, causam-nos grande compaixão. Vemos César chorar por Pompeu ⁽²⁾ e as mulheres de Jerusalém não puderam deixar de chorar por Nosso Senhor ⁽³⁾, ainda que a maior parte delas não lhe fosse muito afeiçoada; como também os amigos de Job, apesar de maus amigos, soltaram grandes lamentos vendo o horrível espectáculo da sua incomparável miséria ⁽⁴⁾; e qual não foi a dor que Jacob sentiu em seu coração, pensando que o seu querido filho tinha tido a cruel morte de ser devorado por um animal feroz ⁽⁵⁾?

Além de tudo isto, a comiserção aumenta consideravelmente com a presença do objecto que a provoca: e assim vemos a pobre Agar afastar-se do filho desfalecido para de alguma maneira mitigar a dolorosa compaixão que sentia, dizendo ⁽⁶⁾: *Não verei morrer meu filho*. Mas ao contrário, vemos Nosso Senhor chorar diante do sepulcro de seu amigo Lázaro ⁽⁷⁾ e ao contemplar a sua querida Jerusalém ⁽⁸⁾, e o nosso pobre Jacob arrebatarse de dor ao ver os vestidos ensanguentados do seu infeliz filho José ⁽⁹⁾.

Ora, muitas são as causas que aumentam a complacência: À medida que o amigo nos é mais querido, maior gosto temos na sua satisfação e mais profundamente entra o seu bem em nossa alma; se o bem é excelente, muito maior é a nossa alegria; porém se vemos o amigo no gozo deste bem, o nosso regozijo é extremo. Quando o bom Jacob ⁽¹⁰⁾ soube que seu filho era vivo, meu Deus! qual não foi a sua alegria! O seu espírito se reanimou, quer dizer, reviveu e, para assim dizer, ressuscitou. Mas o que quer dizer reviveu, ressuscitou?

Teotimo, os espíritos não morrem da sua morte própria senão pelo pecado que os separa de Deus, que é a sua verdadeira vida sobrenatural, mas morrem algumas vezes da

(1) Gen., XXXVII, 35. — (2) Flutarch., De Vita Cæs., § XLVIII. —

(3) Lucæ, XXIII, 27. — (4) Job., II, 12, 13. — (5) Gen., XXXVII, 33-35.

(6) Gen., XXI, 16. — (7) Joan., XI, 35. — (8) Lucæ, XIX, 4. — (9) Supra.

(10) Gen., XLV, 27, 28.

morte de outrem; é o que aconteceu ao bom Jacob, de quem falámos, porque o amor que atrai ao coração de quem ama o bem e o mal da coisa amada, um por complacência, outro por comiserção, atraíu a morte do amado José ao coração do amante Jacob, e por um milagre impossível a qualquer outra potência que não fosse a do amor, a alma deste bom pai ficou esmagada pela morte daquele que ainda vivia e reinava, pois a afeição, tendo sido iludida, antecipara o efeito.

Quando, pelo contrário, soube que seu filho estava realmente vivo, o amor, que há muito conservava o suposto passamento no espírito deste pai estremoso, rejeitou prontamente a fingida morte, para dar lugar à vida verdadeira desse mesmo filho.

Assim, pois, reviveu duma nova vida porque a vida de seu filho entrou por complacência em seu espírito, animando-o de tal forma que, para ele, nenhum outro prazer podia ser comparado a este: *Basta-me saber*, dizia, *que o meu filho José vive*. Mas quando ⁽¹⁾ com os seus próprios olhos viu a realidade, as grandezas deste querido filho em Gessen, inclinando-se para ele, chorando por muito tempo encostado ao seu peito: *Ah! exclama, agora morrerei contente*, meu querido filho, *porque vi a tua face e soube que ainda vives*.

Oh meu Deus! Teotimo, que alegria, e como este ancião a exprime admiravelmente! Pois que quer ele dizer por estas palavras: *Agora morrerei contente, pois vi a tua face*, senão que o júbilo é tão grande que é capaz de tornar doce e aprazível a mesma morte, sendo esta o que há no mundo de mais triste e horroroso?

Dizei-me agora, Teotimo, quem sente mais o bem de José, ele que o goza, ou Jacob que dele se rogozija? Sem dúvida, se o bem não é bem senão por causa da satisfação que nos dá, o pai sente-o tanto e mais que o filho; porquanto o filho, na sua qualidade de vice-rei, não pode deixar de ter muitos cuidados e preocupações, ao passo que o pai goza por complacência e possui simplesmente o que há de bom na grandeza e dignidade do filho, sem responsabilidade, sem cuidados e sem trabalho. *Morrerei alegre*, diz. Quem

(1) Gen., XLVI, 29-30.

não vê a sua satisfação? Se nem a própria morte pode perturbar-lhe a alegria, quem a poderá alterar? Se o seu gozo permanece entre as angústias da morte, quem o poderá destruir?

O amor é forte como a morte ⁽¹⁾ e as alegrias do amor excedem as tristezas da morte, porque a morte não as pode extinguir, antes pelo contrário as aviva, de modo que, assim como há um fogo cujas chamas são prodigiosamente alimentadas por uma fonte que existe próximo de Grenoble, como muito bem o sabemos, e o próprio Santo Agostinho afirma ⁽²⁾, a santa caridade também é tão forte que alimenta as suas chamas e consolações entre as mais aflitivas angústias da morte, e as *águas* da tribulação não *podem extinguir-lhe* o ardor ⁽³⁾.

CAPÍTULO V

Do amor de condolência e de complacência para com a Paixão de Nosso Senhor

Quando vejo o meu Salvador no monte das Oliveiras com a sua *alma triste até à morte* ⁽⁴⁾, ah! meu Jesus, exclamo: quem pode suportar estas tristezas da morte na fonte da vida, senão o amor que, excitando a comiseração, atraíu por esse meio as nossas misérias ao vosso Coração soberano?

Ora como pode a alma devota deixar de sentir uma dor santamente apaixonada ao ver neste divino amante um tal abismo de amargura e de aflicção?

Considerando, além disto, que todas as angústias do seu amado não procedem de imperfeição alguma ou de fraqueza, mas somente da grandeza da sua dilecção, não pode deixar de se abismar num amor santamente doloroso, pelo que

⁽¹⁾ Cant., VIII, 6. — ⁽²⁾ De Civitate Dei, 1. XXI, c. VII. —
⁽³⁾ Cant., VIII, 7. — ⁽⁴⁾ Mat., XXVI, 38.

exclama: *sou trigueira* de dor por compaixão, *mas sou formosa* de amor por complacência.

As angústias do meu amado *me mudaram a cor* ⁽¹⁾; pois como poderia uma fiel amante considerar tantos tormentos naquele a quem ama, mais que a própria vida, sem ficar trespassada, lívida e consumida de dor? As tendas dos nómadas, perpétuamente expostas às injúrias do tempo e da guerra, estão quase sempre rotas e cobertas de pó; e eu totalmente exposta à dor, que por condolência sinto pelos incomparáveis trabalhos do meu divino Salvador, estou cheia de tristeza e trespassada de amargura; mas porque as dores d'Aquele que amo provêm do seu amor, à medida que elas me afligem por compaixão, regozijam-me por complacência. E seria possível a uma fiel amante deixar de sentir extrema satisfação ao ver-se tão amada por seu celeste Esposo?

Eis como a beleza do amor se encontra na fealdade da dor. Se a profunda mágoa que me causa a Paixão e morte do meu Rei me definha e me consome, não posso deixar de sentir também uma inefável suavidade ao ver o excesso do seu amor no cúmulo das suas dores; e as *tendas de Salomão* ⁽²⁾ ricamente bordadas e recamadas de uma admirável variedade de labores, nunca foram tão formosas quanto eu me sinto satisfeita e por conseguinte terna, affectuosa e complacente na diversidade dos sentimentos de amor que experimento no meio de tais amarguras.

O amor nivela os que se amam. Oh! eu vejo este querido Amante, como chama de amor ardendo numa sarça espinhosa de dor ⁽³⁾, exactamente como eu que estou abrasada de amor no meio das silvas das minhas dores, *sou como uma açucena entre os espinhos* ⁽⁴⁾. Ah! não queirais considerar unicamente o horror das minhas pungentes dores, contemplai também a beleza de meus suaves amores.

Este divino e caríssimo Amante sofre dores insuportáveis que me entristecem e me fazem desmaiar de aflicção, mas compraz-se em sofrer, ama os seus tormentos e morre de gozo por morrer de dor por mim: por isso, afligindo-me

II, 2. ⁽¹⁾ Cant., I, 4, 5. — ⁽²⁾ Cant., I, 4. — ⁽³⁾ Exod., III, 2. — ⁽⁴⁾ Cant.,

com as suas dores, rejubilo no gozo do seu amor; não só me entristeço com ele, mas glorifico-me nele ⁽¹⁾.

Foi este amor, Teotimo, que atraíu sobre o seráfico S. Francisco os estigmas, e sobre a angélica Santa Catarina de Sena as ardentes chagas do Salvador, porque a amorosa complacência, como acontece com o mel que torna mais penetrante e sensível a amargura do absinto, ao contrário do suave aroma das rosas que refina com a proximidade dos alhos plantados junto das roseiras.

Assim também a terna complacência que temos no amor de Nosso Senhor torna infinitamente mais forte a compaixão que sentimos pelas suas dores, e reciprocamente, passando da compaixão das dores para a complacência do amor, o gozo que ele nos causa é bem mais ardente e sublime.

Põe-se então em prática a dor do amor e o amor da dor; a amorosa condolência e a dolorosa complacência, semelhantes a Esau e Jacob ⁽²⁾ lutando entre si, causam à alma incríveis convulsões e agonias, que produzem um êxtase amorosamente doloroso e dolorosamente amoroso.

As grandes almas de S. Francisco e Santa Catarina sentiram amor inigualável em suas dores, e dores incomparáveis em seu amor, quando foram estigmatizados, haurindo o delicioso amor de sofrer pelo objecto amado, que o seu Salvador gozara em sublime grau, na árvore da cruz ⁽³⁾. Desta forma nasce a preciosa união do nosso coração com o seu Deus, que, como Benjamim místico, é *filho da dor* e da alegria ao mesmo tempo ⁽⁴⁾.

É impossível dizer-se, Teotimo, como o Salvador deseja entrar em nossas almas por este amor de complacência dolorosa: Ah! diz ele ⁽⁵⁾, *abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, imaculada minha; porque a minha cabeça está cheia de orvalho, e pelos meus cabelos escorrem as gotas das noites*. Que é este orvalho, que são estas gotas senão as aflições e os sofrimentos da sua Paixão? As pérolas certamente (como repetidas vezes temos dito), não são outra coisa senão gotas de orvalho que a frescura da noite

(1) Rom., VIII, 17. — (2) Gen., XXV, 22. — (3) Joan., XV, 13. — (4) Gen., XXXV, 18. — (5) Cant., V, 2.

espalha sobre a superfície do mar, recebidas pelas ostras ou madre-pérolas.

Ah! quer dizer o divino Amante da alma: estou carregado com as fadigas e os suores da minha Paixão que se passou quase toda ou nas trevas da noite ou na noite de trevas, causada pelo obscurecer do sol em pleno meio dia; *abre-me*, pois, o teu coração, como as madre-pérolas voltam para o céu as suas conchas abertas e sobre ti derramarei o *orvalho* dos meus sofrimentos, que se transformará em pérolas de consolação.

CAPÍTULO VI

Do amor de benevolência que praticamos para com Nosso Senhor por forma de desejo

Deus, no seu amor para connosco, começa sempre pela benevolência, querendo e operando todo o bem que há em nós para nele em seguida se comprazer. Criou David *segundo o seu Coração* ⁽¹⁾, por benevolência; depois por complacência achou que ele era *segundo o seu Coração*; primeiramente, por pura benevolência criou o universo, para o homem, e o homem no universo, dando a cada coisa o grau de bondade que lhe convinhá; depois aprovou *tudo quanto tinha feito*, achando *que tudo era muito bom* e por complacência *des-cansou na sua obra* ⁽²⁾.

O nosso amor para com Deus começa ao contrário pela complacência que temos na suma bondade e infinita perfeição que sabemos existirem na Divindade; em seguida passamos ao exercício da benevolência; e assim como a complacência que Deus tem em suas criaturas não é outra coisa senão uma extensão da sua benevolência para com elas, também a benevolência que dedicamos a Deus não é

(1) I Reg., XIII, 14. — (2) Gen., I, ult., II, 2.

mais do que uma aprovação e perseverança da complacência que n'Ele temos.

Ora este amor de benevolência para com Deus pratica-se da seguinte forma: Verdadeiramente nenhum bem podemos desejar a Deus, porque a sua bondade é infinitamente mais perfeita que tudo quanto pudéssemos desejar ou imaginar. Não pode haver desejo senão dum bem futuro e para Deus nenhum bem é futuro, visto que todo o bem lhe é tão perfeitamente presente que a presença do bem na sua divina Majestade não é outra coisa senão a mesma Divindade.

Não podendo, pois, em absoluto, desejar coisa alguma para Deus, formamos desejos imaginários e condicionais, por este modo:

Eu disse ao Senhor: Vós sois o meu Deus, porque possuindo a plenitude da vossa infinita bondade não tendes necessidade dos meus bens (1) nem de coisa alguma, mas se, por impossível, eu pudesse pensar que precisáveis de algum bem, nunca cessaria de vo-lo desejar à custa da minha vida, do meu ser e de tudo quanto existe no mundo. Sendo o que sois e nunca podendo deixar de o ser, se fosse possível receberdes algum aumento de bem, oh! Deus de bondade, quanto desejaria que o tivésseis! Então, eterno Senhor, eu queria ver o meu coração convertido em desejo, e a vida minha em suspiros para vos desejar esse bem. Mas, oh muito amado da minha alma, não quero poder desejar algum bem para vossa divina Majestade, antes comprazo-me de todo o coração no supremo grau de bondade que possuí, ao qual nada se pode acrescentar nem por desejo nem por pensamento. Se, porém, este desejo fosse possível, oh Divindade infinita, oh Infinidade divina, a minha alma queria ser esse desejo e não ser nada mais, tão veemente é o seu desejo de desejar para Vós o que se compraz infinitamente de não poder desejar, porque a impotência deste desejo provém da infinidade da vossa perfeição, que excede todos os anelos e todas as aspirações!

Ah! quanto amo a impossibilidade de poder desejar-Vos algum bem, oh meu Deus, visto que ela procede da incom-

(1) Ps. XV, 1.

preensível imensidade da vossa abundância, a qual é tão sumamente infinita que, se houvesse um desejo infinito, seria infinitamente saciado pela infinidade da vossa bondade, que a transformaria em uma infinita complacência.

Assim, este desejo, por imaginação, de coisas impossíveis, pode às vezes ser útilmente praticado em ocasiões de grandes sentimentos, de piedosos fervores. Diz-se que Santo Agostinho o praticava muitas vezes, soltando, no ímpeto do seu amor, estas palavras: Ah! Senhor, eu sou Agostinho e «Vós sois Deus; todavia, se aquilo que não pode ser pudesse ser, e que eu fosse Deus e Vós fosseis Agostinho, eu quereria, mudando a minha qualidade e a vossa, tornar-me Agostinho para que Vós fosseis Deus» (¹).

Há ainda uma espécie de benevolência para com Deus quando, ao considerar que não podemos engrandecê-lo n'Ele mesmo, desejamos engrandecê-lo em nós, fazendo crescer mais e mais e sempre a complacência que temos em sua divina bondade. Então, oh meu Teotimo, não desejamos a complacência pelo gozo que nos dá, mas unicamente porque esse gozo existe em Deus, porquanto, assim como não desejamos a compaixão pela dor que produz em nossos corações, mas porque esta dor nos une e nos associa às dores do nosso Amado, também não amamos a complacência porque nos dá prazer, mas porque este prazer se goza em união com o prazer que está em Deus, e para aumentar esta união quereríamos comprazer-nos n'Ele, por uma complacência infinitamente maior, imitando a Santíssima Rainha e Mãe de amor (²) cuja alma santa perpétuamente magnificava e engrandecia a Deus. E para que se soubesse que este engrandecimento se efectuava pela complacência que tinha na divina Bondade, declara que seu espírito havia exultado de alegria em Deus seu Salvador (³).

(¹) Ribadeneira, Vita S. August. — (²) Ecli., XXIV, 24. — (³) Lucæ, I, 46, 47.

CAPÍTULO VII

**O desejo de exaltar e engrandecer a Deus separa-nos
dos prazeres inferiores, tornando-nos atentos
às divinas perfeições**

O amor de benevolência faz-nos desejar aumentar em nós cada vez mais a complacência que temos na bondade divina, e para efectuar este aumento, a alma priva-se cuidadosamente de qualquer outro prazer a fim de exercitar-se mais no agradar a Deus. Perguntando um religioso ao devoto Fr. Gil, um dos primeiros e mais santos companheiros de S. Francisco, o que deveria fazer para agradar mais a Deus, respondeu-lhe aquele cantando: «Uma para um, uma para um». E explicando-se, em seguida disse ⁽¹⁾: «Dai sempre vossa alma que é uma, a Deus só que é um». A alma desvia-se de Deus pelos prazeres e a diversidade deles dissipam-na e impedem-na de aplicar-se atentamente ao gozo que deve buscar em Deus.

Aquele que verdadeiramente ama não pode encontrar gosto senão naquella a quem ama; por isso o glorioso S. Paulo dizia que *tudo* lhe parecia *lixo e lama* em comparação do seu Salvador ⁽²⁾; e a Esposa sagrada toda se ocupa do seu amado: *O meu amado é meu, e eu sou dele* ⁽³⁾.

Se a alma que se emprega nesta santa afeição encontra as criaturas, por melhores que sejam, e ainda mesmo que fossem anjos, não se detém com elas senão quanto é necessário para ser auxiliada, e socorrida em seu desejo. *Dizei-me, diz ela* ⁽⁴⁾, *dizei-me, eu vo-lo rogo, vistes porventura aquella a quem minha alma ama?*

A gloriosa amante Madalena ⁽⁵⁾ encontrou no sepulcro os anjos, os quais, querendo suavizar a sua tristeza, com

⁽¹⁾ Crónica Fratr. Min., 1, VII, c. XX. — ⁽²⁾ Philip., III, 8. — ⁽³⁾ Cant., II, 16. — ⁽⁴⁾ Cant., III, 3. — ⁽⁵⁾ Joan., XX, 11-16.

certeza lhe falaram angêlicamente, isto é, muito suavemente; mas ao contrário, ela, desolada, não pôde de forma alguma comprazer-se nem na doçura das suas palavras, nem no esplendor de seus vestidos, nem na graça celeste das suas maneiras, nem na amável beleza de seus rostos, mas toda lacrimosa lhes diz: *Roubaram o meu Senhor e não sei para onde o levaram.*

E voltando-se vê o doce Salvador em figura de jardineiro, o que não lhe satisfaz o coração, porque, pesarosa como estava pela morte do seu Senhor, não quer flores e por conseguinte não quer também o jardineiro; tem dentro do coração a Cruz, os cravos, os espinhos; procura o seu Crucificado: Ah! *mestre* jardineiro — lhe diz — se o meu amado Senhor, que perdi, foi plantado por vós como um lírio murcho e desfolhado, entre as vossas flores; *dizei-me aonde o tendes e levá-lo-ei.*

Mas apenas ele a chama pelo seu nome, logo transportada de júbilo exclama: Mestre! Nada decerto pode saciá-la; não podia alegrar-se com os Anjos, nem ainda com o seu Salvador se não lhe apparecesse sob a mesma forma em que lhe arrebatara o coração. Os magos não podem deliciar-se nem com a beleza da cidade de Jerusalém, nem com a magnificência da corte de Herodes, nem com o cintilante brilho da estrela; os seus corações só buscam a lapinha, o Infante de Belém.

A Mãe do amor formoso ⁽¹⁾ e o Esposo do santo amor não se detêm entre parentes e amigos, caminham sempre cheios de dor procurando o único objecto da sua complacência ⁽²⁾. O desejo de aumentar a santa complacência suprime qualquer outro prazer, para mais enêrgicamente se encher daquele a que a divina benevolência o excita.

Para mais perfeitamente exaltar este sumo e amado Bem, a alma *vai sempre procurando a sua face* ⁽³⁾, isto é, com uma atenção cada vez mais solícita e ardente, vai notando todas as particularidades das belezas e perfeições que nele existem, progredindo continuamente nesta deliciosa contemplação dos motivos que possam excitá-la perpétua-

⁽¹⁾ Eccli., XXIV, 24. — ⁽²⁾ Lucæ, II, 44-48, — ⁽³⁾ Ps. XXVI, 8, CIV, 4.

mente a comprazer-se mais e mais na incompreensível bondade que ama.

Por isso David, em muitos dos celestes salmos que compôs, narra por miúdo as obras e maravilhas de Deus, e a sagrada Esposa descreve em seus Cânticos divinos ⁽¹⁾, como um exército ⁽²⁾, todas as perfeições do seu Esposo, uma após outra, a fim de mover a sua alma à santíssima complacência, para mais altamente magnificar a sua excelência e atrair também outras almas ao amor do seu amabilíssimo Bem.

CAPÍTULO VIII

A santa benevolência produz o louvor do divino Amado

A honra, meu caro Teotimo, não existe na pessoa que é honrada, mas em quem honra; quantas vezes acontece que aquele a quem honramos não o sabe nem mesmo o imagina? Quantas vezes louvamos os que não nos conhecem ou os que dormem? Todavia, segundo a apreciação comum dos homens e a sua maneira ordinária de julgar, parece que favorecemos a alguém quando lhe damos honra e que lhe damos muita dispensando-lhe títulos e louvores; não duvidando dizer que uma pessoa goza de muita honra, glória, reputação e louvores, apesar de sabermos com certeza que tudo isto é independente da pessoa honrada e que a maior parte das vezes não lhe aproveita, segundo um dito atribuído a Santo Agostinho ⁽³⁾: «Pobre Aristóteles, louvam-te na ausência e queimam-te na presença». Dizei-me o que lucrou César e Alexandre o Grande com tantas palavras vãs que muitas almas vãs empregaram em seu louvor?

Deus, cuja bondade sobreleva todas as honras e todos os louvores, não recebe a menor vantagem ou aumento de feli-

(1) Cap., v. 10-16. — (2) Ibid., VI, 9. — (3) Cf. Enarrat. in Ps. CXL, § 19.

cidade com as nossas bênçãos; nem fica sendo mais rico, maior, mais contente ou mais feliz, porque a sua felicidade, o seu contentamento, a sua grandeza e outras riquezas não existem nem podem existir senão na infinidade divina da sua bondade. Todavia, como, segundo a nossa apreciação ordinária, a honra é tida por uma das maiores provas da nossa benevolência para com os outros e, dispensando-a, além de supormos que nada falta àqueles que honramos, antes entendemos que possuem quanto há de melhor, empregamos esta mesma benevolência para com Deus, que não somente a aceita, mas a exige como conveniente à nossa condição e muitíssimo própria para Lhe testemunhar o amor respeitoso que Lhe devemos e que de nós reclama, quando nos ordenou ⁽¹⁾ que a Ele prestássemos e volvéssemos toda a *honra e glória*.

Deste modo a alma que muito se compraz na infinita perfeição de Deus, vendo que não pode desejar-Lhe aumento algum de bondade porque a possui em grau muito maior do que ela poderia desejar ou imaginar, empenha-se ao menos em que o seu nome seja bendito, exaltado, louvado, honrado e adorado cada vez mais. E começando pelo seu próprio coração não cessa de incitá-lo a este santo exercício, e como abelha sagrada esvoaça aqui e ali sobre as flores das obras e perfeições divinas, para colher delas uma agradável variedade de complacências com que faz nascer e compõe o celeste mel de bênçãos, louvores e glorificações com que exalta e engrandece, tanto quanto lhe é possível, o nome do seu Bem-amado, à imitação do grande Salmista que tendo *rodeado* e como que *percorrido* em espírito as maravilhas da divina bondade, imolava sobre o altar do seu coração a *hóstia* mística dos *transportes da sua voz*, com cânticos e salmos de admiração e bênção.

Ver-me-ão cantando sonoros salmos,
Ouve, ó meu Deus, a minha voz que brada,
A mim te volta, meu aflito peito
Te está chamando;

(1) I Cor., X, 31; I Tim., I, 17; Apoc. IV, II.

O meu semblante sem cessar inquieto
Te está buscando; mil ardentes rogos
A cada instante renovar intento
Té que me escutes (1)

Este desejo de louvar a Deus, que a divina (2) benevolência excita em nossos corações, caro Teotimo, é insaciável, porque a alma que o sentiu quereria possuir louvores infinitos para os dar ao seu amado, cujas perfeições reconhece serem mais que infinitas; de sorte que, vendo-se longe de poder satisfazer o seu anelo, faz supremos esforços de affecto para de algum modo louvar esta bondade digna de todo o louvor. Estes esforços de benevolência crescem admiravelmente pela complacência, porquanto, à medida que a alma se compraz na bondade de Deus, provando cada vez mais a sua doçura e deleitando-se com a sua infinita beleza, maiores e mais altos louvores e bênçãos quereria tributar-Lhe.

Ora, à medida que a alma se inflama em bem-dizer a incompreensível suavidade do seu Deus, aumenta e dilata a complacência que experimenta e com este aumento anima-se a dar-Lhe maiores louvores, de forma que, por estes recíprocos estímulos e mútuos incitamentos que se dão um ao outro, os affectos de complacência e de louvor aumentam continua e consideravelmente.

Eis o motivo porque, segundo Plínio (3), os rouxinóis se deleitam tanto em seu canto. A sua complacência fá-los continuamente gorgear durante dias e noites, porfiando em cantar sempre melhor, ao desafio uns com os outros; de sorte que, quanto melhor gorgeariam mais se deleitam e quanto mais se deleitam mais esforços fazem para melhor chilrear, aumentando com o canto a complacência, e com a complacência o canto de tal maneira, que não raras vezes se têm visto morrer com a garganta rebentada à força de cantar. Estas aves são dignas do belo nome de filomela, pois morrem no amor e por amor da melodia.

Oh meu Deus! que dor imensamente deliciosa e que suavidade imensamente dolorosa não experimenta o coração

(1) Ps. XXVI, 6, 8. (Trad. do P.^e Caldas, obra cit.). — (2) Ps., XXVI, 6, 8. — (3) Hist. nat., I, X, c. XXI (al. XLIII).

ardentemente atraído pelo affecto de exaltar a Deus quando, após mil esforços para o engrandecer, se encontra tão mesquinho! Ah! este pobre rouxinol quereria sempre, com mais força, fazer vibrar a sua voz e aperfeiçoar a sua melodia para melhor cantar os louvores do seu bem-amado! À medida que louva deleita-se em louvar, e à medida que se deleita em louvar desgosta-se por não poder louvar melhor.

Para satisfazer quanto possível esta paixão emprega todo o género de esforços no meio dos quais desfalece. Assim acontecia ao gloriosíssimo S. Francisco, o qual, no meio do gozo que sentia em louvar a Deus e em cantar os seus cânticos de amor, derramava abundantes lágrimas e insensivelmente deixava cair o que tinha nas mãos, ficando, como uma sagrada filomela, desmaiado, perdendo muitas vezes a respiração, à força de aspirar aos louvores d'Aquele que não podia jamais louvar condignamente.

Ouvi uma comparação graciosa e bem a propósito, derivada do nome que este Santo apaixonado dava aos seus religiosos, a quem chamava cigarras, por causa dos louvores que rendiam a Deus alta noite.

As cigarras, Teotimo, têm o peito cheio de pequeninos tubos, como se fossem órgãos, e para cantarem melhor sustentam-se unicamente do orvalho que não sorvem pela boca porque a não têm, mas sugam-no com uma pequena língua que têm no meio do estômago, por onde lançam os sons com tanta força que parece não serem elas outra coisa senão voz ⁽¹⁾.

Assim é também o sagrado amante; todas as faculdades da sua alma são outros tantos tubos que possui em seu peito para entoar os cânticos e louvores do seu bem-amado. A sua devoção, segundo diz S. Bernardo ⁽²⁾, está no meio de todas, como língua do seu coração, pela qual recebe o orvalho das perfeições divinas, aurindo-as e atraindo-as a si como alimento pela santíssima complacência que nelas encontra. É por esta mesma língua da devoção que solta as diversas vozes de oração, louvores, cânticos, salmos e bênçãos,

(1) Plin., Hist. nat., I, XI, c. XXVI (al. XXXII). — (2) Serm. XLV in Cant., § 7.

segundo o atesta uma das mais insignes cigarras espirituais que jamais se fez ouvir, que cantava deste modo:

Alma, potências minhas, quanto alma
Este meu ser, que sente, entende, aspira,
Bem-dizei o Senhor; seu nome santo
Invocai com ternura:
Celebre-o toda a humana criatura (1).

Pois não é como se dissesse: Sou uma cigarra mística. A minha alma, o meu espírito, os meus pensamentos, todas as minhas faculdades reunidas no meu íntimo são como órgãos. Oh! que tudo isto bem-diga o nome e anuncie os louvores do meu Deus por todos os séculos dos séculos!

Alegre, aflito, em paz, ou perseguido,
Hei-de sempre, Senhor, abençoar-Te;
Grato o meu coração enternecido
Meus lábios abrirá para louvar-Te;
O meu Deus cantarei,
Seu nome em todo o tempo exaltarei (2).

CAPÍTULO IX

A benevolência faz-nos convidar todas as criaturas a que louvem a Deus

O coração ferido e atormentado pelo desejo de louvar a divina Bondade o mais que lhe é possível, depois de vários esforços, sai muitas vezes de si mesmo para convidar todas as criaturas a que o auxiliem em seu desígnio. Dão-nos disto um belo exemplo os três meninos da fornalha (3), nesse

(1) Ps. CII, I., — (2) Ps. XXXIII, 1, 2. Traduc. da marquezia de Alorna. — (3) Dan., III, 51, seqq.

admirável cântico de bênçãos por meio do qual excitam tudo quanto há no Céu, na terra e debaixo da terra a dar graças ao Deus eterno, louvando-O e bem-dizendo-O soberanamente.

Do mesmo modo o glorioso Salmista ⁽¹⁾, inteiramente movido pela paixão santamente desordenada que o levava a louvar a Deus, caminha sem regra, saltando do Céu para a terra e da terra para o Céu, chamando à mistura os anjos, os peixes, os montes, as águas, os dragões, as aves, as serpentes, o fogo, o granizo e os nevoeiros.

Reúne, com os seus anelos, todas as criaturas para que todas simultaneamente exaltem o seu Criador, umas celebrando elas mesmas os divinos louvores, e outras dando assunto para bem-dizê-lo pelas maravilhas das suas diversas propriedades, que revelam a magnificência do seu Criador, de tal forma que o rei salmista depois de haver composto um grande número de salmos com a inscrição *Louvai a Deus*, depois de ter discursado em presença de todas as criaturas dando-lhes santos conselhos de bem-dizer a Majestade celeste, depois de ter investigado grande variedade de meios e de instrumentos próprios para a exaltação dos louvores desta eterna Bondade, sentindo-se finalmente como que exausto, conclui a sagrada salmodia com esta exclamação: *Todo o espírito louve o Senhor* ⁽²⁾, isto é, que tudo o que tem vida, não viva nem respire senão para bem-dizer o Criador, segundo a exortação que já havia feito em outro lugar ⁽³⁾.

Cantemos com alegria
Celebremos à porfia
Em cântico harmonioso
As glórias do Eterno Deus,
Subam nossas vozes aos céus
Exaltando seu nome glorioso.

Assim o grande S. Francisco cantou o *Cântico do sol* e cem outros excelentes louvores ⁽⁴⁾, convidando as criaturas

(1) Ps. CXLVIII. — (2) Ps. CL, ult. — (3) Ps. XXXIII, 3. — (4) Inter. Opuscula S. Franc.

a auxiliar a fraqueza do seu coração, que o impedia de bem-dizer à sua vontade o querido Salvador da sua alma.

Também a celeste Esposa ⁽¹⁾ sentindo-se quase desfalecer pelas tentativas que fazia para louvar e exaltar o bem amado Rei do seu coração, chamava pelas suas companheiras: Ah! este divino Esposo *conduziu-me aos seus aposentos*, pela contemplação, fazendo-me saborear as incomparáveis delícias das suas perfeições, de sorte que fiquei tão santamente inebriada pela complacência que achei neste abismo de formosura, que a minha alma desfalecia, ferida por um desejo amorosamente mortal, que me constrange a louvar para sempre uma tão grande bondade. Vinde, eu vos suplico, *acudi-me com confortativos de flores, trazei-me frutos que me alentem, porque desfaleço de amor*.

A complacência atrai as suavidades divinas ao coração, satisfazendo-o tão ardentemente que o deixam como atônito, ao passo que o amor de benevolência obriga o nosso coração a sair de si mesmo, exalando os eflúvios de perfumes deliciosos, isto é, todo o género de santos louvores. Não podendo porém louvar tanto quanto desejaria, exclama na sua impotência: Venham todas as criaturas contribuir com as *flores* das suas bênçãos, com os *frutos* de suas acções de graças, dos seus louvores e das suas adorações, a fim de que por toda a parte se respirem os perfumes espargidos em honra d'Aquele cuja infinita suavidade excede todo o preto, e. que jamais podemos dignamente exaltar.

É esta divina paixão que produz tantas pregações; por ela correm tantos riscos os Xavieres, os Bersées, os Antónios, tantos religiosos e tantos missionários que nas Índias, no Japão, tornam conhecido, reconhecido e adorado por estes grandes povos o sagrado nome de Jesus.

É esta paixão santa que faz escrever tantos livros de devoção, levantar tantas igrejas e altares, e fundar tantos e tantos estabelecimentos pios; numa palavra, é esta sagrada paixão que leva tantos servos de Deus às vigílias, aos trabalhos e a morrer nas chamas do zelo que os consome e devora.

(1) Cant., II, 4, 5.

CAPÍTULO X

O desejo de louvar a Deus faz-nos aspirar ao Céu

A alma apaixonada, vendo que não pode saciar o desejo de louvar o seu bem amado enquanto vive nas misérias deste mundo, e sabendo que os louvores que se rendem no Céu à divina Bondade se celebram dum modo incomparavelmente mais suave, exclama: Oh Deus, como os louvores rendidos por esses bem-aventurados espíritos ante o trono do meu Rei celeste são dignos de louvor! quão dignas de bênção as suas bênçãos!

Oh que ventura não será ouvir essa melodia em que, por um suavíssimo acordo de vozes dissemelhantes e de tons diversos, se formam admiráveis consonâncias, entoando e fazendo ressoar de todos os lados, contínua e incomparavelmente unidos, os perpétuos *aleluias*!

Vozes pelo seu estrépito comparadas aos *trovões*, às *trombetas* ⁽¹⁾, ao ruído *das vagas* do mar encapelado; mas vozes que também por sua inefável doçura e suavidade são comparadas à melodia das *harpas*, delicada e deliciosamente tangidas por mão *dos* mais excelentes *tocadores*, e vozes que todas se harmonizam para entoar o jubiloso *cântico* pascal: *Aleluia, louvai a Deus, amen; louvai a Deus* ⁽²⁾.

Sabei, porém, Teotimo, que *uma voz sai do trono* divino que não cessa de bradar aos felizes habitantes da gloriosa Jerusalém celeste: *Dai louvores a Deus, vós que sois seus servos e que O temeis, grandes e pequenos*; a esta voz responde toda a inumerável multidão dos santos, os coros dos homens reunidos, cantando com toda a força: *Alelula, louvai a Deus*.

Mas que admirável voz é esta que, saindo do trono divino, anuncia os *alelulas* aos escolhidos, senão a santa complacência que, entrando-lhes na alma, lhes faz sentir a suavidade

(1) Apoc., XIX, 6; juxta Gloss. ordin. — (2) Ibid., XIV, 2, XIX, 1-6.

das perfeições divinas, comunicando-lhes assim a terna benevolência, origem viva dos sagrados louvores? Deste modo, a complacência, procedendo do trono, vem intimar as grandezas de Deus aos bem-aventurados, e a benevolência excita-os a espargir reciprocamente ante o trono os perfumes de louvor; por isso, como resposta, cantam eternamente *aleluia*, isto é, *louva a Deus*.

A complacência desce do trono ao coração e a benevolência sobe do coração ao trono. Oh! como é belo este templo onde só ressoam louvores! Que suavíssimo gozo o dos que habitam esta sagrada mansão, onde tantos rouxinóis e filomelas celestes gorjeiam com santos enlevos de amor os cânticos de eterna suavidade!

É por isso que o coração, que neste mundo não pode a seu gosto cantar nem ouvir os louvores divinos, sente incomparáveis desejos de sair da prisão desta vida para entrar na outra, onde é tão perfeitamente louvado o Bem-amado celeste. Quando estes desejos se apoderam assim do coração, tornam-se algumas vezes tão fortes e intensos, no peito dos sagrados amantes, que, banindo todos os outros desejos, convertem em tédio as coisas da terra.

Algumas vezes até esta santa paixão é tão violenta e profunda, que, permitindo-o Deus, causa a morte.

Assim aconteceu ao glorioso e seráfico S. Francisco ⁽¹⁾, que tendo sido longamente atormentado por este grande sentimento de louvar a Deus e tendo finalmente em seus últimos anos recebido, por especial revelação, a certeza da salvação eterna, não podia conter o júbilo, ia-se consumindo dia a dia, como se a vida e a alma se fossem evaporando, à maneira de incenso, sobre o fogo dos ardentes desejos que tinha de ver o Divino Mestre para o louvar incessantemente.

Tomando estes ardores, todos os dias, novo incremento, saíu-lhe a alma do corpo num impulso para o Céu; porque quis a divina Providência que o Santo morresse pronunciando estas sagradas palavras ⁽²⁾: *Ah! Tira do cárcere a minha alma, para dar glória ao Teu nome; a mim me estão esperando os justos, até que me dês a retribuição.*

(1) Crónica Fratr. min., 1. II, c. LXIII; cf. 1. I, c. IX. — (2) Ps. CXLI, 8.

Vede, Teotimo, este espírito que, semelhante a um rouxinol celeste, encerrado na gaiola do seu corpo onde não pode cantar à medida dos seus desejos os louvores do seu eterno amor, sabe que gorgearia e executaria melhor a sua bela melodia se conseguisse chegar às alturas, para gozar a liberdade e a companhia dos outros rouxinóis, nas ridentes e floridas colinas da região bem-aventurada; por isso exclama:

Ah! Senhor da minha vida, por vossa dulcíssima bondade libertai-me, a mim pobre miserável, do cárcere do meu corpo, tirai-me desta acanhada prisão para que livre desta escravidão possa elevar-me ao Céu, onde me esperam os meus queridos companheiros, a fim de juntar-me a seus coros e participar dos seus júbilos! Ali, Senhor, unindo a minha às suas vozes, farei com eles uma doce harmonia de hinos e de sons deliciosos, cantando, louvando e bem-dizendo as vossas misericórdias.

Como um orador que quer resumir quanto disse numa curta sentença, assim este admirável Santo terminou gloriamente os seus anseios e anelos por essas palavras que os resumem, palavras saídas do íntimo da sua alma com tanto ardor que expirou pronunciando-as.

Meu Deus, Teotimo, que doce e preciosa foi esta morte! Morte santamente amorosa, e amor santamente mortal!

CAPÍTULO XI

Como praticamos o amor de benevolência nos louvores que o nosso Redentor e sua Mãe dão a Deus

Vamos, pois, neste exercício subindo de grau em grau, pelas criaturas que convidamos para louvar a Deus, passando das insensíveis às racionais e intelectuais, e da Igreja militante à triunfante, na qual subimos até aos anjos e santos, e acima de todos encontramos a Santíssima Virgem, que dum modo incomparável louva e exalta a Divindade mais

vivamente, mais santamente e mais suavemente do que o resto das criaturas jamais lograriam fazê-lo.

Estando em Milão há dois anos, onde a celebração das recentes comemorações do grande Arcebispo S. Carlos me havia atraído, juntamente com outros eclesiásticos, ouvimos muitos géneros de música em diversas igrejas; mas em um mosteiro de religiosas ouvimos uma destas cuja voz era tão admiravelmente modulada que, ela só, difundia incomparavelmente mais doçura em nossos espíritos do que todas as outras, as quais, sem embargo de serem excelentes, parecia não existirem senão para dar lustre e realçar a perfeição e os primores desta voz única.

Assim, Teotimo, entre todos os coros dos homens e todos os coros dos anjos, ouve-se a magnânima voz da Santíssima Virgem que, exalçada acima de tudo, dá mais glória a Deus que o resto das criaturas; por isso o Rei celeste convida-a muito particularmente a cantar: *Mostra-me a tua face*, diz Ele ⁽¹⁾, ó minha amada. *soe a tua voz dentro dos meus ouvidos; porque a tua voz é doce e graciosa a tua face.*

Porém os louvores que esta *Mãe chela de honra e do amor formoso* ⁽²⁾, com todas as criaturas tributa à Divindade, não obstante serem excelentes e admiráveis, são todavia infinitamente inferiores ao infinito merecimento da bondade de Deus, e não têm com Ele proporção alguma; embora satisfaçam muitíssimo a sagrada benevolência que o coração amante dedica ao seu Bem-amado, não podem saciá-lo. Por isso vai mais além e convida o Salvador a louvar e a glorificar o seu eterno Pai com todos os louvores que o seu amor filial pode sugerir-lhe.

E então, Teotimo, o espírito chega a um estado de silêncio, porque não sabemos já fazer outra coisa senão admirar. Oh! que belo cântico o do Filho ao Pai! Oh! como este dilecto Bem-amado é *belo entre todos os filhos dos homens!* como é doce a sua voz dimanando dos lábios que receberam a *plenitude da graça* ⁽³⁾!

Todos os outros são perfumados, mas Ele é o mesmo

(1) Cant. II, 14. — (2) Eccli., XV, 2, XXIV, 24. — (3) Ps. XLIV, 2.

perfume; os outros são embalsamados, mas Ele é o mesmo *óleo derramado* (1). O Eterno Pai recebe os louvores dos outros como aromas de flores especiais, mas ao reconhecer os louvores que o Salvador lhe dedica exclama sem dúvida: *Eis o cheiro dos louvores do meu Filho, qual perfume dum campo florido que o Senhor abençoou* (2).

Sim, meu caro Teotimo, todas as honras que a Igreja triunfante e militante rendem a Deus, são honras angélicas e humanas, pois que, ainda que dirigidas ao Criador, procedem da criatura; porém as do Filho, essas são divinas porque não se dirigem somente a Deus, como as outras, mas emanam de Deus, porque o Redentor é verdadeiro Deus. São divinas, não somente quanto a seu fim, mas ainda quanto à sua origem; são divinas, porque têm por fim a Deus, são divinas porque procedem de Deus. Deus excita a alma e concede-lhe a graça necessária para produzir os outros louvores; mas os do Redentor, Ele que é Deus é o próprio que os produz, pelo que são infinitos.

Aquele que, por uma manhã, ouvisse por muito tempo nas matas vizinhas o chilrear agradável de muitos canários, pintaroxos, pintassilgos e outros passarinhos semelhantes, e finalmente escutasse um hábil rouxinol enchendo o ar e os ouvidos com os admiráveis trinados da sua melodiosa voz, certamente preferiria este único cantor silvestre a todo o bando dos outros. Do mesmo modo, depois de se ouvirem todos os louvores que tantas e tão diversas criaturas à porfia oferecem unânimemente ao seu Criador, se se ouve por fim o do Salvador, encontra-se neste louvor uma certa infinidade de mérito, valor e suavidade que sobreexcede toda a esperança e expectativa do coração.

Então a alma, como que despertada dum profundo sono e súbitamente enlevada pela extrema doçura de semelhante melodia, exclama: Ah! eu a ouço, esta voz é a voz do meu Bem-amado! voz rainha de todas as vozes, voz em comparação da qual todas as outras vozes não são mais do que um mudo e sombrio silêncio. Vêde como este caro amigo se arrebatava; *ei-lo que vem saltando as mais altas montanhas,*

(1) Cant., 1, 2. — (2) Gen., XXVII, 27.

transpondo as colinas, a sua voz ressoa acima da dos serafins e de toda a criatura.

Ele tem a vista do *veado* para profundar mais que nenhum outro a beleza do objecto sagrado que quer louvar; e mais que todos ama a melodia da honra e glória de seu Pai, por isso acima de todos, exulta com as honras e louvores que lhe dá. Ei-lo, vêde como este divino Bem-amado se conserva *por detrás da parede* da sua humanidade, fazendo-se entrever pelas chagas do seu corpo e pela abertura do seu lado como por *janelas* e como que olhando-nos através de gelosias ⁽¹⁾.

Sim, Teotimo, o amor divino assenta no coração do Salvador como sobre seu trono real; observa pela abertura do seu lado trespassado todos os corações dos filhos dos homens, porque, sendo este Coração o Rei dos corações, tem os olhos constantemente fixos sobre os corações. Mas como os que observam através de grades vêem, e apenas são entrevistados, o divino amor deste Coração, ou antes este Coração do divino amor, vê sempre os nossos claramente e considera-os com os olhos da sua dilecção, ao passo que nós não o vemos, apenas o entrevemos.

Pois, oh meu Deus, se o víssemos tal qual é, morreríamos de amor por Ele, visto que somos mortais, como Ele mesmo morreu por nós quando era mortal e como ainda morreria se agora não fosse imortal. Ah! se ouvíssemos como este divino Coração canta com uma voz infinitamente suave o cântico de louvor à Divindade, que alegria não seria a nossa, Teotimo, que esforços dos nossos corações para nos arremessarmos ao Céu a fim de sempre o ouvir!

E a isso nos convida este querido amigo das nossas almas: *Eia, levanta-te*, diz ele ⁽²⁾, *sal de ti mesma*, ergue o voo para mim, *pomba minha, formosa minha* e vem, para esta celeste morada onde tudo é alegria, onde não se respira senão louvores e bênçãos. Ali tudo é florido, tudo esparge perfume e suavidade: as rolas, que são de todas as aves as mais melancólicas, nem por isso deixam de ali soltar o seu canto.

(1) Cant., II, 8, 9. — (2) Cant., II, 10, 14.

Vem, amiga minha muito querida, e para me veres mais claramente vem às mesmas janelas por onde te vejo, vem considerar o meu Coração no *côncavo* da abertura do meu lado, feita quando o meu corpo, como casa em ruínas, foi tão impiedosamente demolido na árvore da cruz. *Vem e mostra-me a tua face*: Ah! agora vejo-a sem que ma mostres, mas então vê-la-ei mostrando-ma tu, porque verás que te vejo. *Sõe a tua voz dentro dos meus ouvidos*, pois quero uni-la à minha; *porque a tua voz é doce e graciosa a tua face*.

Que suavidade para os nossos corações quando as nossas vozes, unidas e confundidas com a do Salvador, participarem da infinita doçura dos louvores dados ao Eterno Pai por seu Filho Bem-amado.

CAPÍTULO XII

Do sumo louvor que Deus dá a si mesmo e do exercício de benevolência que n'Ele praticamos

Todas as acções humanas do nosso Salvador são infinitas em valor e mérito, em razão da Pessoa que as produz, que é um mesmo Deus com o Pai e o Espírito Santo; mas não são de natureza e essência infinitas. Do mesmo modo que, estando nós em um quarto, não recebemos a luz segundo a extensão da claridade do sol que a esparge, mas conforme o tamanho da janela por onde ele no-la comunica, assim também as acções humanas do Salvador não são infinitas, ainda que sejam dum valor infinito, porquanto, embora feitas por Pessoa divina, não o são segundo a extensão da sua infinidade, mas segundo a grandeza finita da sua Humanidade, por meio da qual as pratica, de sorte que, assim como as acções humanas do nosso Salvador são infinitas, comparadas com as nossas, assim também são finitas em comparação da infinidade essencial da Divindade.

São elas de infinito valor, estima e dignidade porque

procedem duma pessoa que é Deus, mas são de essência e natureza finitas, porque Deus as faz segundo a sua natureza e substância humana, que é finita.

Logo, o louvor que procede do Salvador enquanto homem, não sendo inteiramente infinito, não pode, plenamente, corresponder à grandeza infinita da Divindade a quem é destinado. Por isso é que, passando o primeiro transporte de admiração que nos enleva quando encontramos um louvor tão glorioso como o que o Salvador dá a seu Pai, não deixamos de reconhecer que a Divindade é ainda infinitamente mais digna de louvores, do que pode ser louvada por todas as criaturas ou pela própria humanidade do eterno Filho.

Se alguém elogiasse o sol por causa da sua luz, quanto mais se elevasse para ele para o elogiar mais digno de elogio o acharia, porque melhor veria o seu esplendor. Se é verdade que esta beleza da luz excita o canto das cotovias como é provável, não é grande admiração que cantem mais facilmente à medida que mais alto voam, alando-se igualmente em canto e em voo, até que, não podendo quase já cantar, começam a descer, baixando pouco a pouco o voo e a voz.

Assim também, Teotimo, à medida que, por benevolência, nos elevamos para a Divindade a fim de entoar e ouvir os seus louvores, vemos que está sempre acima de todo o louvor, e finalmente conhecemos que não pode ser louvada conforme merece senão por si mesma, pois só Ela pode dignamente igualar a sua soberana bondade por um soberano louvor.

Então exclamamos: «Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo»; e para que se saiba que não é a glória dos louvores criados que desejamos a Deus por esta aspiração, mas sim a glória essencial que Ele possui em si mesmo, por si mesmo, de si mesmo, e que é Ele mesmo, acrescentamos: «Assim como era no princípio e agora e sempre e por todos os séculos dos séculos. Amen»; como se por esta aspiração disséssemos: Que para sempre Deus seja glorificado pela glória que possuía *antes de todas as criaturas* ⁽¹⁾, na sua infinita eternidade e eterna infinidade.

É esta a razão porque acrescentamos este versículo de

(1) Joan., XVII, 5; Coloss., I, 15.

glória a cada salmo e a cada cântico segundo o antigo costume da Igreja oriental e que o grande S. Jerónimo (1) suplicou ao Papa S. Dâmaso houvesse por bem estabelecer no Ocidente para protestar que todos os louvores humanos e angélicos são excessivamente fracos para dignamente louvar a Bondade divina, e que, para que esta divina Bondade possa ser dignamente louvada, é necessário que seja Ela mesma a sua glória, a sua honra e o seu louvor.

Meu Deus, que complacência, que regozijo para a alma que ama ver o seu desejo satisfeito, visto que o seu Bem-amado se louva, se honra e se glorifica infinitamente a si mesmo! Porém desta complacência deriva logo um novo desejo de louvar, porque bem quereria o coração exaltar este digno louvor dado por Deus a si mesmo, agradecendo-Lho profundamente e chamando de novo em seu auxílio todas as criaturas para com elas glorificar a glória de Deus, honrar a sua honra infinita e louvar os seus louvores eternos. E assim por este retorno e repetição de louvor sobre louvor embrenha-se entre a complacência e a benevolência num ditosíssimo labirinto de amor, totalmente abismado nesta imensa doçura, bem-dizendo soberanamente a Divindade por não poder ser assaz louvada senão por Ela mesma.

E ainda que no princípio a alma amante tivesse tido, de algum modo, o desejo de poder louvar a Deus suficientemente, sucede que, reflectindo, protesta que não quereria poder fazê-lo e prefere conservar-se numa humilde complacência ao ver que a divina Bondade é tão infinitamente louvável, que não pode ser suficientemente louvada senão pela sua própria infinidade.

Então o coração, arrebatado de admiração, entoa o cântico do silêncio sagrado:

A Ti se devem hinos, Deus Supremo!
Sacro silêncio cerque
De Sião as alturas (2)

(1) Concilia; ad an. 367, ep. S. Hieron, atributa. — (2) Ps. LXIV, L., juxta Hebr.,

Os *Serafins* de Isaías (¹), adorando e louvando a Deus, velam a *face* e os *pés*, para confessar que não têm nenhuma capacidade para bem O contemplarem e servirem, pois os *pés* com que se anda representam o serviço: não obstante voam *com as duas asas*, pelo contínuo movimento da complacência e da benevolência, e o seu amor encontra o seu descanso nesta doce inquietação.

Nunca o coração do homem está tão agitado como quando lhe impedem o movimento pelo qual se dilata, e se contrai continuamente; e nunca está tão tranquilo como quando possui a liberdade dos seus movimentos, de modo que a sua tranquilidade existe no movimento. O mesmo sucede com o amor dos Serafins e de todos os homens seráficos, porque este amor descansa em seu contínuo movimento de complacência, pelo qual atrai Deus a si como que apertando-o, e de benevolência, pelo qual se estende e se lança todo em Deus.

Bem quereria este amor contemplar as maravilhas da infinita bondade de Deus, mas dobra as asas deste desejo sobre o *rosto* confessando que não pode consegui-lo.

Queria também prestar algum digno serviço, mas geralmente dobra este desejo sobre os *pés*, declarando ser-lhe isso impossível, só lhe restando as *duas asas* da complacência e da benevolência com as quais voa e se eleva para Deus.

FIM DO LIVRO QUINTO

(¹) Cap., VI, 2.

LIVRO SEXTO

DOS EXERCÍCIOS DO SANTO AMOR NA ORAÇÃO

CAPÍTULO I

A Teologia mística, ou oração

Do nosso amor para com Deus temos dois exercícios principais: um afectivo, e outro efectivo, ou activo, no dizer de S. Bernardo ⁽¹⁾. Por meio daquele amamos a Deus e o que ele ama; por meio deste servimos a Deus, e fazemos o que ele ordena; o affectivo liga-nos à bondade de Deus, o efectivo ou activo faz-nos executar a sua vontade; um enche-nos de complacência, de benevolência, de transportes, de anelos, de suspiros e de ardores espirituais, fazendo unir o nosso espírito com o de Deus; o outro difunde em nós a sólida resolução, a firmeza de ânimo e a inviolável obediência requerida para cumprir, sofrer, aceitar, aprovar e abraçar tudo o que provém da sua santíssima vontade. Um deleitamos em Deus; o outro faz-nos agradar a Deus. Com um concebemos, com o outro produzimos; com um colocamos Deus sobre o nosso *coração*, como estandarte de amor ao qual todas as nossas afeições se submetem; com o outro colocamo-lo sobre o nosso *braço* ⁽²⁾ como espada de amor pela qual praticamos todas as virtudes heróicas.

(1)~ Serm. L in Cant., § 2. — (2) Cant., VIII, 6.

Ora o primeiro exercício consiste principalmente na oração, na qual se passam movimentos interiores tão diversos, que é impossível exprimi-los todos, não só por causa da sua quantidade, mas também pela sua natureza e qualidade; sendo espiritual não pode ser senão muito desprendida e quase imperceptível aos nossos entendimentos.

Os melhores e mais amestrados cães muitas vezes perdem a pista e o faro por causa das manhas de que os veados usam, servindo-se de ardis, enganando e praticando mil astúcias para escaparem à matilha, e nós perdemos muitas vezes de vista e do conhecimento o nosso próprio coração na infinita diversidade dos movimentos pelos quais vira para tantos lados e com uma tal rapidez, que não se podem distinguir seus devaneios.

Só Deus é que, pela sua infinita ciência, vê, sonda e penetra todas as voltas e recantos dos nossos espíritos, ouve os nossos *pensamentos de longe*, descobre todos os nossos atalhos e rodeios; a sua ciência é admirável, prevalece acima da nossa capacidade, sem nunca a podermos atingir ⁽¹⁾.

Não tomamos aqui a palavra «oração» no sentido da simples prece ou «súplica de qualquer bem, que os fiéis soltam em presença de Deus», como a denomina S. Basílio ⁽²⁾; mas como S. Boaventura, quando diz ⁽³⁾ que a oração, geralmente falando, compreende todos os actos de contemplação, ou como S. Gregório de Nissa ⁽⁴⁾, quando ensinava que «a oração é um colóquio e comunicação da alma com Deus»; ou ainda como S. Crisóstomo ⁽⁵⁾, quando assegura que «a oração é uma prática familiar com a divina Majestade», ou, enfim, como Santo Agostinho ⁽⁶⁾ e S. João Damasceno ⁽⁷⁾, quando observam que «a oração é um vôo ou elevação do espírito para Deus».

Se, pois, a oração é um colóquio, uma «prática familiar» ou uma «comunicação da alma com Deus», por meio dela falamos a Deus, e Deus reciprocamente nos fala; aspiramos

(1) Ps. CXXXVIII, 3-5. — (2) Homil. in Mart. Julitam, § 3. — (3) Centiloqu., Pars III, sectio XLVI. — (4) Oratio I de Orat. Domin., circa init. — (5) Orationes I et II De Precatione. — (6) Liber de Spiritu et anima (hodie in Appendice), C. L. — (7) De Fide Orthodox., I. III, C. XXIV.

a Ele e respiramos n'Ele; e mutuamente ele nos inspira e em nós vive.

Mas de que é que tratamos na oração? Qual é o assunto da nossa conversação?

Na mística não se fala senão de Deus; na verdade, de quem poderia falar e entreter-se o amor senão do bem-amado? É, por isso, a oração e a teologia mística não são mais do que uma mesma coisa. Chama-se teologia, porque, como a teologia especulativa tem a Deus por objecto, esta também não fala senão de Deus, mas com três diferenças: 1.º — Aquella trata de Deus enquanto Deus, e esta fala de Deus enquanto sumamente amável, isto é, aquella considera a Divindade da suma Bondade, e esta a suma bondade da Divindade, 2.º — A especulativa trata de Deus com os homens e entre os homens; a mística fala de Deus com Deus e em Deus mesmo. 3.º — A especulativa aspira ao conhecimento de Deus, e a mística ao amor de Deus; de forma que aquella torna os seus discípulos sábios, doutos e teólogos, ao passo que esta faz dos seus, ardentes, afeiçoados, amantes de Deus.

Chama-se mística, porque ali a conversação é toda secreta, e nela nada se diz entre Deus e a alma senão de coração a coração por uma comunicação incomunicável a qualquer outro. A linguagem dos amantes é tão particular que só eles próprios a ouvem. *Eu durmo*, dizia a amante sagrada ⁽¹⁾, *e o meu coração vela*; ah! eis que me fala o *meu Bem-amado*! Quem poderia adivinhar que, sem embargo de estar dormindo, esta Esposa tivesse conversado com seu Esposo? É que onde reina o amor não há necessidade do ruído das palavras exteriores, nem do uso dos sentidos para se compreenderem e se ouvirem um ao outro.

Em resumo; a oração ou teologia mística não é senão uma conversação pela qual a alma se entretém amorosamente com Deus da sua amabilíssima bondade para se unir e aderir a ela.

A oração é um *maná* ⁽²⁾ pela infinidade dos sabores deliciosos e das preciosas suavidades que oferece aos que dela usam; mas é um *maná secreto*, porque se oculta à luz

(1) Cant., V, 2. — (2) Apoc., II, 17.

de qualquer ciência na solidão mental, em que, tratando a alma a sós com o seu Deus, dela se pode dizer: *Quem é esta que sobe pelo deserto, como nuvem de perfumes, composta de aromas de mirra e incenso, e de toda a casta de odoríferos?* (1) Também o desejo do segredo a tinha incitado a dirigir esta súplica ao seu Esposo: *Vem, amado meu, saíamos ao campo, moremos nas quintas* (2).

Eis porque a celeste amante é chamada *rola* (3), ave que prefere os lugares sombrios e solitários, onde os seus arrulhos só servem para deliciar o rolo enquanto vivo, ou lamentá-lo depois de morto. Por isso no Cântico dos Cânticos o Esposo divino e a Esposa celeste exprimem os seus amores num contínuo colóquio, e, se os seus amigos e amigas falam alguma vez no meio da sua conversação, é só furtivamente e de maneira que não perturbem o colóquio.

Por isso Santa Teresa de Jesus a princípio preferia meditar nos mistérios em que o nosso Salvador esteve mais só, como no Jardim das Oliveiras, ou à espera da Samaritana, pois lhe parecia que, estando só, devia mais depressa admiti-la junto de si (4).

O amor deseja o segredo, e ainda que os amantes não tenham segredo algum a dizer, comprazem-se todavia em dizê-lo secretamente, e em parte, se não me engano, é porque não querem falar senão para si mesmos e dizendo alguma coisa em voz alta, parece-lhes que não falam só para si; em parte, porque não dizem as coisas comuns como comumente se dizem, mas com expressões particulares, que são indício do especial affecto com que se falam.

A linguagem do amor é comum quanto às palavras, mas quanto à maneira de as dizer e pronunciar é tão particular, que só os amantes a compreendem. A palavra amigo dita em público, não é grande coisa, mas dita à parte, em segredo, ao ouvido, significa muito affecto, e quanto mais secretamente for dita, mais amável é a sua significação.

Ó Deus! que diferença entre a linguagem daqueles antigos amadores da Divindade, Inácio, Cipriano, Crisóstomo,

(1) Cant., III, 6. — (2) Ibid., VII, II. — (3) Ps. LXXXIII, 3; cf. Cantic., II, 12, 14, VI, 8. — (4) Vita a seipsa conscripta, c. IX.

Agostinho, Hilário, Efrém, Gregório, Bernardo, e a dos teólogos menos apaixonados! Usamos das suas mesmas palavras; mas neles, eram palavras cheias de ardor e da suavidade dos perfumes amorosos; em nós, são frias e sem fragrância alguma!...

O amor não fala somente com a língua, mas com os olhos, com os suspiros e com os gestos. Sim; até o próprio silêncio e a taciturnidade lhe servem de palavra. *Disse-te o meu coração: a minha face te procurou: teu rosto hei-de buscar, Senhor* ⁽¹⁾. *Meus olhos cansaram de ouvir-te e disseram: Quando me consolarás?* ⁽²⁾ *Ouve, Senhor, a minha oração e a minha súplica; recebe em teus ouvidos as minhas lágrimas* ⁽³⁾. *Que as meninas dos teus olhos não se caleem*, dizia o desolado coração dos habitantes de Jerusalém à sua própria cidade ⁽⁴⁾. Vêde, Teotimo, como o silêncio dos amantes aflitos fala com a *menina dos olhos* e com as *lágrimas*!

Na teologia mística o principal exercício é falar a Deus e ouvir a Deus no íntimo do coração, e porque esta conversação se faz por aspirações interiores, a chamamos colóquio de silêncio; os olhos falam aos olhos, o coração ao coração, e ninguém ouve o que se diz senão os sagrados amantes que falam.

CAPÍTULO II

A meditação, primeiro grau da oração ou teologia mística

A palavra «meditação» é muito usada nas Sagradas Escrituras, e não quer dizer outra coisa mais que um pensamento fixo e atento, capaz de produzir affectos bons ou maus.

No primeiro Salmo ⁽⁵⁾, o *homem* chama-se *bem-aventu-*

(1) Ps. XXVL, 8. — (2) Ps. CXVIII, 82. — (3) Ps. XXXVIII, 13. — (4) Thren., II, 18. — (5) Vers. I, 2.

rado, porque a sua vontade está posta na lei do Senhor, e na sua lei meditará de dia e de noite; mas no segundo Salmo diz-se (1): Por que razão se embraveceram as nações, e os povos meditaram coisas vãs? A meditação, pois, pode tender para o bem ou para o mal; mas, como na Sagrada Escritura é ordinariamente empregada para exprimir a atenção que prestamos às coisas divinas, para nos excitarmos a amá-las, quando falamos em meditação, entendemos a que é santa, e início da teologia mística.

Toda a meditação é pensamento, mas nem todo o pensamento é meditação. Muitas vezes temos pensamentos a que o espírito se prende por simples passatempo, sem qualquer intenção ou pretensão, à semelhança das moscas que voam por aqui e por ali, sobre as flores, sem delas tirarem coisa alguma; esta espécie de pensamento, por atento que seja, não pode ter o nome de meditação, mas deve chamar-se simplesmente pensamento. Algumas vezes pensamos atentamente numa coisa para saber as suas causas, os seus efeitos, as suas qualidades; este pensamento chama-se estudo, e nele o espírito faz como os besouros que esvoaçam indistintamente sobre as flores e as folhas, para as comerem e delas se nutrirem.

Quando, porém, pensamos nas coisas divinas, não para as apreender, mas para lhes dar o nosso affecto, chama-se a isto meditar, e a este exercício «meditação»; o nosso espírito applica-se aqui, não como mosca que se diverte, ou besouro que só procura comer e encher-se, mas como abelha, que pousa aqui e ali sobre as flores dos santos mistérios, para deles extrair o mel do divino amor.

Assim muitos devaneiam em pensamentos inúteis, sem às vezes saberem em que pensam, entregando-se a cogitações que martirizam a sua alma e que quereriam não ter, como testemunha o Santo Patriarca Job; *Passaram os meus dias, desvaneceram-se os meus pensamentos que flagelaram o meu coração (2).*

Muitos entregam-se ao estudo, e nesta ocupação laboriosa enchem-se de vaidade, não podendo resistir ao veemente

(1) Vers. I. — (2) Job., XVII, 11.

desejo de saber, mas poucos são os que meditam para aquecer o coração no santo amor de Deus.

Numa palavra, o pensamento e o estudo incidem sobre qualquer espécie de assunto, mas a meditação só se refere aos objectos cuja consideração nos pode tornar bons e devotos: de sorte que a meditação não é outra coisa mais que um pensamento atento, reiterado ou conservado voluntariamente no espírito, a fim de excitar a vontade a affectos e resoluções santas e salutareas.

A sagrada Bíblia explica admiravelmente em que consiste a meditação com uma excelente comparação. Ezequias descreve num cântico a atenção que presta às suas dores, dizendo: *Clamarei como o filhinho da andorinha, gemerei como a pomba* (1). De facto, os filhinhos das andorinhas abrem desmedidamente o bico, quando chilreiam, e as pombas, ao contrário, conservam o bico fechado, cadenciando a voz na garganta e peito, tanto para exprimir a alegria como a tristeza. Ezequias, pois, para mostrar que no meio das suas mágoas fazia muitas orações vocais, diz: *Clamarei como o filhinho da andorinha*, isto é: abrindo a boca para soltar diante de Deus muitas vozes plangentes. Por outro lado, querendo atestar que empregava a santa oração mental, continua: *Gemerei como a pomba*, volvendo e revolvendo os meus pensamentos dentro do coração para bem-dizer e louvar a soberana misericórdia do meu Deus, que me tirou das *portas da morte* (2), tendo compaixão das minhas misérias.

Assim diz Isaías (3): *Rugiremos como ursos, e meditando gemeremos como pombas*. O rugido dos ursos refere-se às exclamações e aos brados que se empregam na oração vocal, e os gemidos das pombas à santa meditação.

E para que se saiba que as pombas não fazem o seu arrulho só nas ocasiões tristes, mas também nas alegres, o Esposo sagrado, descrevendo a primavera natural para exprimir as graças da primavera espiritual, diz (4): *Ouviu-se na nossa terra a voz da rola*; porque na primavera é que a

(1) Is., XXXVIII, 14. — (2) Ibid., x, 10. — (3) Cap., LIX, 11. — (4) Cant., II, 12.

rola começa a apaixonar-se do amor, como manifesta nos seus frequentes arrulhos. E logo depois ⁽¹⁾; *Pomba minha, mostra-me a tua face; soe a tua voz dentro dos meus ouvidos; porque a tua voz é doce e graciosa a tua face.*

Quer dizer que a alma devota lhe é muito grata, quando se apresenta diante dele e medita para se animar ao santo amor espiritual, como fazem as pombas para se excitarem aos seus amores naturais.

Do mesmo modo aquele que tinha dito: *Gemerei como a pomba*, exprimindo-se doutra forma, afirma: *Relembrarei diante de ti todos os meus anos com amargura da minha alma* ⁽²⁾, porque meditar e lembrar para excitar os affectos é uma e mesma coisa.

Moisés advertindo o povo que *relembrasse* os favores recebidos de Deus, acrescenta: *Para que guardes os mandamentos do Senhor teu Deus, e andes nos seus caminhos, e O temas* ⁽³⁾; e Jeová dá também este mesmo preceito a Josué ⁽⁴⁾: *Não se aparte da tua boca o livro desta lei; mas meditarás nele dia e noite, para observares e cumprires tudo o que nele está escrito.*

O que numa das passagens é expresso pela palavra meditar é na outra enunciado pela de lembrar. E para mostrar que o pensamento reflectido e a meditação tendem a mover-nos aos affectos, resoluções e acções, diz-se numa e noutra passagem, que é necessário lembrar e meditar a lei para a observar e praticar. Neste sentido o Apóstolo exorta-nos desta forma ⁽⁵⁾: *Meditai atentamente n'Aquele que sofreu tal contradição da parte dos pecadores contra a sua pessoa, para que não desfaleçais, faltando-vos a coragem.*

E porque quer ele que meditemos na sagrada Paixão, não para nos tornarmos sábios, mas para sermos pacientes e corajosos no caminho do Céu? *Oh! Senhor, como tenho amado a vossa lei!?*, diz David ⁽⁶⁾, *ela é a minha meditação todo o dia.* Medita na lei porque a ama, e ama-a porque a medita.

A meditação não é mais que o ruminar místico, neces-

(1) Vers. 14. — (2) Is., XXXVIII, 15. — (3) Deut., VIII, 6. — (4) Josué, I, 8. — (5) Heb., XII, 3. — (6) Ps. CXVIII, 97.

sário para tirar as impurezas ⁽¹⁾, ao qual nos convida uma das devotas pastoras, que seguiam a sagrada Sulamita; afirmava ela que a santa doutrina é como um *vinho precioso*, digno não só de ser bebido por pastores e doutores, mas de ser cuidadosamente saboreado, e, por assim dizer, mastigado e ruminado. *A tua garganta*, diz ela ⁽²⁾, *é como o melhor vinho, digno de ser bebido pelo meu amado, e saboreado entre os seus lábios e os seus dentes*. Do mesmo modo o bem-aventurado Isaac ⁽³⁾, como um cordeiro limpo e puro, *safa à tarde para os campos* para exercitar o seu espírito com Deus, isto é, para orar e meditar.

A abelha na primavera vai voejando de flor em flor não ao acaso, mas de propósito; não somente para se recrear com o aprazível matiz da paisagem, mas para procurar o mel, e, tendo-o achado, suga-o e dele se carrega. Em seguida leva-o à colmeia, dispõe-no artisticamente, separando dele a cera e fazendo com esta o favo no qual conserva o mel para o inverno seguinte.

Tal é a alma devota na meditação: vai de mistério em mistério, não de passagem, nem mesmo só para se consolar com a admirável beleza dessas divinas verdades, mas com o intuito de encontrar motivos de amor e affectos, e, tendo-os encontrado, os atrai a si, os saboreia, e deles se carrega e, resumindo-os e dispondo-os dentro do coração, põe de parte o que vê ser mais apropriado ao seu adiantamento, fazendo resoluções convenientes para o tempo da tentação.

Desta forma a celeste amante, como abelha mística, vai pousando no Cântico dos cânticos, ora sobre os olhos, ora sobre os lábios, sobre as faces, ou sobre os cabelos do seu Bem-amado, isto é, de Jesus, para haurir d'Ele a suavidade de mil affectos apaixonados; de sorte que, toda abrasada no amor divino, fala com Ele, interroga-O, escuta-O, suspira, aspira, e O admira, ao passo que Ele a enche de alegria inspirando-a, movendo-lhe o coração, abrindo-o para nele difundir luzes, claridades, doçuras sem fim, dum modo tão secreto que bem se pode dizer desta santa conversação da alma com

(1) Levit., XI, 3, 8, Deut., XIV, 3, 6. — (2) Cant., VII, 9. — (3) Gen., XXIV, 63.

Deus, o que a Sagrada Escritura ⁽¹⁾ diz de Deus com Moisés: Que Moisés estando no alto da montanha *falava com Deus e lhe respondia*.

CAPÍTULO III

A contemplação e a principal diferença que há entre esta e a meditação

A contemplação não é outra coisa mais que uma amorosa, simples e permanente atenção do espírito às coisas divinas. Para melhor a compreendermos vamos compará-la com a meditação.

As larvas das abelhas conservam este nome até que produzam o mel; desde então têm o nome de abelhas.

Da mesma forma a oração chama-se meditação enquanto produz o mel da devoção; depois transforma-se em contemplação. Porquanto, assim como as abelhas percorrem os campos sugando aqui e além o mel, e, tendo-o recolhido, trabalham-no pelo prazer que sentem na sua doçura: do mesmo modo meditamos para recolher o amor de Deus, e, tendo-o alcançado, contemplamos a Deus e atentamos na sua bondade pela suavidade que o amor nos faz encontrar nela.

O desejo de obter o amor divino faz-nos meditar, e o amor obtido faz-nos contemplar; porque o amor faz-nos achar uma suavidade tão agradável no objecto amado, que os nossos espíritos não se saciam de o ver e de o considerar.

Vêde a *rainha de Sabá* ⁽²⁾, Teotimo, como, *considerando* por miúdo a *sabedoria de Salomão* em suas respostas, vendo a beleza de sua *casa*, a magnificência de sua *mesa*, os *apostos de seus oficiais* e as diversas funções dos que o serviam, seus *vestidos e apresentações* e os *holocaustos que ofereciam na casa do Senhor*, inflamou-se num ardente amor que converteu a sua meditação em contemplação, pelo que

(1) Exod., XIX, 19, 20, XXXIII, II. — (2) III Reg., X, 4-8.

arrebatada e como fora de si disse palavras de extrema satisfação.

A vista de tantas maravilhas gerou em seu coração um extremo amor, e este amor produziu um novo desejo de ver sempre mais, e gozar da presença daquele que as possuía, exclamando: *Bem-aventurados os teus servos que gozam sempre da tua presença e ouvem a tua sabedoria!*

Assim como começamos algumas vezes a comer para excitar o apetite, e, despertado este, continuamos a comer para o satisfazer, assim também consideramos a princípio a bondade de Deus para excitar a nossa vontade a amá-la; concebido o amor em nossos corações, consideramos esta mesma bondade para contentar o amor, que nunca se satisfaz de ver o objecto amado.

Numa palavra, a meditação é mãe do amor, mas a contemplação é sua filha; eis porque disse que a contemplação era uma atenção amorosa, pois dá-se aos filhos o nome dos pais, e não aos pais o nome dos filhos.

É verdade, Teotimo, que assim como o antigo José foi a coroa e a glória de seu pai, dando-lhe um grande aumento de honras e alegrias que o rejuvenesceram na velhice, assim a contemplação coroa o amor, que é como seu pai, aperfeiçoa-o e dá-lhe o cúmulo da excelência.

Tendo o amor excitado em nós a atenção contemplativa, esta atenção produz um amor mais intenso e ardente, que é finalmente cumulado de perfeições, ao gozar da coisa amada.

O amor deleita-nos com a visão do Bem-Amado e a visão do Bem-Amado deleita-nos com o divino amor; de sorte que por este mútuo movimento do amor para a visão, e da visão para o amor, como o amor torna mais bela a beleza do objecto amado, também a vista daquele torna o amor mais apaixonado.

O amor, por uma imperceptível faculdade, faz realçar a beleza que se ama; e a vista igualmente acrisola o amor, fazendo que se ache mais amável a sua beleza; o amor instiga os olhos a considerar sempre mais atentamente a beleza amada, e a vista força o coração a amá-la sempre mais ardentemente.

CAPÍTULO IV

O conhecimento intelectual de Deus origina o amor neste mundo, mas não a sua excelência

Dizei-me, Teotimo, quem tem mais força:—o amor para fazer contemplar o Bem-Amado, ou a vista para o fazer amar?

O conhecimento é essencial para se produzir o amor, visto nunca podermos amar o que não conhecemos; à medida que aumenta o conhecimento reflectido do bem, mais cresce o amor, desde que nada obste ao seu desenvolvimento. Sucede porém muitas vezes que, tendo o conhecimento produzido o amor divino, o amor não se limita ao conhecimento que está na inteligência, passa adiante e avança muito para além dele, de sorte que nesta vida mortal podemos ter mais amor do que conhecimento de Deus.

É o que assegura o grande S. Tomás, dizendo ⁽¹⁾: que muitas vezes «os mais simples e as mulheres abundam em devoção»; ordinariamente são mais capazes do amor divino, do que as pessoas mais hábeis e eruditas.

O célebre abade de Santo André de Vercell, mestre de Santo António de Pádua, nos seus *Comentários sobre S. Dionísio* ⁽²⁾, repetê muitas vezes que o «amor penetra onde não poderia chegar a ciência profana», e diz que antigamente «muitos bispos haviam atingido o mistério da Trindade, conquanto não fossem doutos», admirando a este propósito o seu discípulo Santo António de Pádua, «o qual, sem possuir ciência profana, tinha uma tão profunda teologia mística, que, qual outro S. João Baptista, podiam chamá-lo «uma lâmpada resplandecente e ardente» ⁽³⁾.

(1) II^a II^a, qu. LXXXII, art. III, ad. 3. — (2) In caput III De Divin. Nominibus. (Citatur história ex Chron. Fratr. Min., 1. V, c. V). — (3) Joan., V, 35.

«O bem-aventurado Fr. Gil, um dos primeiros companheiros de S. Francisco, disse um dia a S. Boaventura: Oh! como sois felizes, vós que sois doutos, pois sabeis muitas coisas pelas quais podeis louvar a Deus; mas nós outros, ignorantes, que podemos nós fazer?»

E S. Boaventura respondeu: basta a graça de poder amar a Deus.

Mas, meu Padre, replicou Fr. Gil, acaso poderá um ignorante amar a Deus tanto como um douto?

Pode, diz S. Boaventura; até vos digo que uma pobre mulher ignorante pode amar tanto a Deus como um doutor em teologia.

Então Fr. Gil, tomando-se de fervor, exclamou: Ó pobre e ignorante mulher, ama o teu Salvador, e poderás ser tanto como Fr. Boaventura; e depois disto caiu num êxtase que durou três horas» (1).

A vontade, por certo, não distingue o bem se não por intermédio do entendimento; mas, tendo-o uma vez conhecido, não mais carece do entendimento para praticar o amor, porquanto a força do prazer que sente ou pretende sentir na união com o seu objecto, atrai-o fortemente ao amor e ao desejo de gozá-lo.

De sorte que o conhecimento do bem faz nascer o amor, mas não lhe marca a medida; assim o conhecimento duma injúria excita a cólera, que, se não for prontamente reprimida, torna-se quase sempre maior do que o caso requeria, pois que as paixões não seguem o conhecimento que as excita, mas avançam sem medida nem limite para além do seu objecto.

Ora, dá-se isto ainda com mais violência no amor de Deus, porque a vontade não o concebe por um conhecimento natural, mas pela luz da fé, a qual, assegurando-nos da infinidade do bem que está em Deus, oferece-nos motivo suficiente para o amarmos com todas as nossas faculdades. Revolvemos a terra para achar o ouro e a prata, empregamos um esforço presente para adquirir um bem futuro que esperamos, de forma que o conhecimento incerto obriga-nos a uma fadiga presente e real; depois, à medida que descobrimos o

(1) Crónica Fratr. Min., 1. VII, c. XIV.

veio da mina, vamo-lo procurando sempre mais, e mais ardentemente.

Da mesma forma, um conhecimento obscuro cercado de muitas nuvens como é o da fé, leva-nos a amar a bondade que nos deixa entrever. Oh! como é verdadeiro o dito de Santo Agostinho ⁽¹⁾ « *os ignorantes arrebatam os Céus* » enquanto muitos sábios se precipitam nos infernos!

O cego de nascença que conhecesse todos os trabalhos dos filósofos em louvor da luz, de certo apreciá-la-ia menos do que o lavrador que, com uma vista bem clara, contempla e admira o esplendor do belo nascer do sol!... Aquele tem da luz mais conhecimento científico, este goza-a mais, e este gozo produz um amor bem mais vivo e animado, que o que causa o simples conhecimento pelo estudo.

A experiência dum bem torna-o infinitamente mais amável que toda a soma de conhecimentos que dele se possam ter. Começamos a amar pelo conhecimento que a fé nos dá da bondade de Deus, e depois, pelo amor, saboreamos e gostamos desta bondade, de sorte que o amor aguça o gosto e o gosto requinta o amor.

Assim como, ao desencadearem-se os ventos, as ondas se encapelam e se levantam, como que à porfia, embatendo umas nas outras, assim o gosto do bem realça o amor e o amor realça o gosto, conforme diz a divina Sabedoria ⁽²⁾. *Os que me comem terão ainda fome, e os que me bebem terão ainda sede.*

Quem amou mais a Deus, o teólogo Ocham que alguns chamaram o mais douto dos mortais, ou Santa Catarina de Génova, mulher ignorante? Aquele conheceu-o melhor pela ciência, esta pela experiência, e a experiência desta levou-a muito mais longe no amor seráfico, enquanto aquele, com a sua ciência, se ficou muito longe dessa tão excelente perfeição.

Amamos muito as ciências antes de as aprender, diz S. Tomás ⁽³⁾, « só pelo conhecimento confuso e sumário que delas temos: » e convém dizer também que o conheci-

⁽¹⁾ Confess., 1. VIII, c. VIII; et ubi supra, p. 281. — ⁽²⁾ Ecl., XXIV, 29. — ⁽³⁾ 1.^a II.^a, qu. XXVII, art. II, ad 2.

mento da bondade divina inclina a nossa vontade para o amor, mas depois o amor vai por si mesmo aumentando em virtude do prazer que sentimos na união a tão grande bem. Antes de as crianças provarem o mel e o açúcar, há dificuldade em lhes fazer tomar; mas logo que lhes saboreiam a doçura, gostam deles muito mais do que seria para desejar e doidamente procuram sempre mais.

Deve contudo dizer-se que, ilustrada pelo conhecimento, a vontade é atraída e impelida ao mesmo tempo; impelida pelo conhecimento, e atraída pela complacência, pois que a ciência não é em si mesma contrária, mas muito útil à devoção: e se existem ambas ajudam-se admiravelmente. Devemos contudo acautelar-nos do orgulho da ciência ⁽¹⁾ porque o orgulho, sendo contrário a toda a virtude, é a ruína total da devoção.

Por certo que a eminente ciência de Cipriano, Agostinho, Hilário, Crisóstomo, Basílio, Gregório, Boaventura e Tomás, não só lhes ilustrou muito, mas sobremaneira lhes acrisolou a devoção, como reciprocamente a devoção, não só lhes aumentou mas aperfeiçoou a ciência.

CAPÍTULO V

Segunda diferença entre a meditação e a contemplação

A meditação considera minuciosamente, um a um, os objectos mais próprios a comover-nos, mas a contemplação lança uma vista simples e concentrada no objecto que ama; a consideração, assim concentrada, produz um movimento mais vivo e forte. Pode-se apreciar a beleza duma rica coroa por duas formas: ou analisando, um por um, todos os florões e pedras preciosas de que é composta, ou então, depois de examinar deste modo cada uma das peças, observando com um simples olhar o efeito brilhante do conjunto.

(1) I Cor., VIII, I.

A primeira forma assemelha-se à meditação, pela qual consideramos, por exemplo, os efeitos da misericórdia divina para nos excitarmos ao seu amor; a segunda é semelhante à contemplação, pela qual, numa única operação atenta do espírito, vemos toda a variedade dos mesmos efeitos, formando uma única beleza, como se inúmeras parcelas de luz irradiassem de um único foco luminoso.

Na meditação parece que examinamos em separado as perfeições divinas que resultam dum mistério; na contemplação juntamo-las numa soma total.

As companheiras da Esposa sagrada ⁽¹⁾, perguntaram-lhe: *qual é o teu amado?* Ela respondeu, descrevendo todas as particularidades da sua admirável beleza: *O meu amado é de cor branca e encarnada, tem a cabeça de ouro, seus cabelos são como rebentos novos das palmeiras, seus olhos como os das pombas, suas faces semelham canteiros de plantas aromáticas, seus lábios são lírios perfumados, suas mãos ornadas de jacintos, suas pernas colunas de mármore; e assim vai enumerando tão excelsa beleza com todos os pormenores, até que, finalmente, conclui por forma de contemplação, unificando todas as belezas numa só. A sua garganta é suavíssima, e todo ele desperta desejo. Tal o meu amado, verdadeiramente meu amigo.*

A meditação é semelhante ao que cheira o cravo, a rosa, o alecrim, o tomilho, o jasmim, a flor de laranjeira, umas após outras distintamente; enquanto que a contemplação se assemelha ao que cheira a água aromática composta de todas estas flores, porque este recebe numa só impressão todos os aromas juntos; e não há dúvida de que o perfume composto da mistura de diversos aromas é mais suave e precioso do que o de cada um em separado.

Eis a razão porque o divino Esposo aprecia tanto que a sua amada o olhe com *um só olho*, e que a sua cabeleira seja tão bem entrançada que pareça *um só cabelo* ⁽²⁾. Pois que será olhar o Esposo com *um só olho* senão fitá-lo atentamente sem multiplicar os olhares? E que é ter os cabelos apanhados senão segurar o pensamento para que se não disperse na variedade de considerações?

(1) Cant., V, 9-16. — (2) Cant., IV, 9.

Oh! ditosos aqueles que, depois de terem discorrido sobre os inumeráveis motivos de amar a Deus, reduzem todos os seus olhares a um só olhar e todos os seus pensamentos a uma só conclusão, fixando o espírito na unidade da contemplação, a exemplo de Santo Agostinho ⁽¹⁾ ou de S. Bruno, dizendo continuamente, a dentro da sua alma, estas amorosas palavras: *Ó bondade! bondade! ó bondade sempre antiga e sempre nova!* e a exemplo do grande S. Francisco ⁽²⁾ que passou uma noite inteira de joelhos em oração sobre estas palavras: *Oh Deus! vós sois o meu Deus e meu tudo!*

S. Bernardo ⁽³⁾, depois de haver meditado toda a Paixão, passo por passo, reuniu os pontos principais, fez deles um ramalhete de amorosa dor, e colocando-o no peito para converter a meditação em contemplação, exclamou: *O meu bem-amado é para mim como um ramalhete de mirra!* ⁽⁴⁾

Vêde ainda mais devotamente como na criação Deus, meditando na bondade de suas obras, considerou primeiramente as suas diferentes partes em separado, e à medida que as ia criando, viu, diz a Sagrada Escritura ⁽⁵⁾, *que a luz era boa*, que o céu e a terra eram bons: depois as ervas e as plantas, o sol, a lua e as estrelas, os animais e, numa palavra, todas as criaturas, conforme as ia criando umas após outras, até que enfim, estando concluído o universo, a divina meditação transformou-se, para assim dizer, em contemplação; porquanto, vendo toda a bondade que estava na sua obra, num relance contemplou *tudo o que havia feito, e tudo era muito bom* ⁽⁶⁾.

As diferentes partes consideradas separadamente, por forma de meditação, eram *boas*; mas vistas num só relance, todas juntas, por forma de contemplação, foram julgadas *muito boas*, à semelhança de muitos regatos que, juntando-se fazem um rio muito mais navegável do que o seriam os diferentes regatos, em separado.

Depois de havermos provocado muitos e diversos affectos piedosos pela variedade de considerações de que se compõe

(1) Confess., 1. X, c. XXVII. — (2) Crónica Fratr. Min., 1. I, c. VIII.
— (3) Ser. XLIII in Cant. — (4) Cant., I, 12. — (5) Gen., I. — (6) Ibid., v. ult.

a meditação, reunimo-los todos, e da mistura e conjunto das suas forças nasce uma certa quintessência de affecto, que é mais activo e poderoso que todos os affectos, que lhe davam origem, e se chama affecto contemplativo. Este, embora seja um só, comprehende a virtude e propriedade de todos os outros.

Afirmam os teólogos que os Anjos mais elevados em glória têm um conhecimento de Deus e das criaturas muito mais simples que os seus inferiores.

E o grande Santo Agostinho ⁽¹⁾, seguido por S. Tomás ⁽²⁾, diz que não teremos no Céu estas grandes vicissitudes, variedade, mudanças e alternativas de pensamentos e cogitações «que vão e voltam de objecto a objecto, e de coisa para coisa, mas antes com um só pensamento poderemos considerar e adquirir o conhecimento de muitas e diversas coisas».

A medida que a água se afasta da origem, reparte-se e espalha-se pelos regos, se não houver cuidado em a conter junta; as perfeições separam-se e repartem-se à medida que se afastam de Deus que é sua origem; mas quando d'Ele se aproximam, unem-se até se abismarem naquella única e summa perfeição, que *é a única coisa necessária, e a melhor parte que Maria escolheu e não lhe será tirada* ⁽³⁾.

CAPÍTULO VI

A contemplação não causa fadiga; terceira diferença entre esta e a meditação

A contemplação produz-se por uma das seguintes maneiras. Algumas vezes atentamos somente numa das perfeições de Deus, como por exemplo na sua infinita bondade, sem pensar nos outros attributos ou virtudes, como um esposo que

⁽¹⁾ De Trinit., l. XV, c. XVI. — ⁽²⁾ Pars 1.^a. qu. XII, art. X. — ⁽³⁾ Lucas, X, ult.

olha simplesmente a tez formosa de sua esposa, sem atender nem a feições, nem à graça, ou outras quaisquer formas da sua beleza.

Considerando o espírito a suma bondade de Deus, embora veja nesta a justiça, a sabedoria, e o poder, aplica contudo especialmente a sua atenção à divina bondade.

Outras vezes com um simples olhar, e sem as distinguir, vemos em Deus muitas de suas infinitas perfeições. É como aquele que, de relance, olhasse desde a cabeça aos pés para sua esposa ricamente adornada e visse atentamente tudo em geral e nada em particular, não podendo dizer o colar ou o vestido que trazia, mas que tudo nela era belo e agradável.

Pela contemplação faz-se muitas vezes um simples exame sobre muitas grandezas e perfeições divinas simultaneamente, sem se poder dizer coisa alguma delas em particular, a não ser que em Deus tudo é perfeitamente bom e belo.

E finalmente, outras vezes, vemos não muitas nem uma só das perfeições divinas, mas unicamente alguma acção ou alguma obra divina à qual prestamos toda a atenção, como por exemplo ao acto da misericórdia, pelo qual Deus perdoa os pecados, ou ao acto da criação, ou da ressurreição de Lázaro, ou da conversão de S. Paulo. É como o esposo que atende só à doçura do olhar da esposa e não à beleza dos olhos, à suavidade das palavras ou ao encanto dos lábios.

E então, Teotimo, a alma enleva-se num verdadeiro ímpeto de amor, não só pela acção que considera mas por Aquele de quem ela procede: *Tu és bom, e segundo a tua bondade ensina-me as tuas justificações* ⁽¹⁾; *a sua garganta, isto é, a palavra que dela procede, é suavíssima, e todo ele é para se desejar* ⁽²⁾. *Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! mais que o mel à minha boca!* ⁽³⁾ Ou então, como diz S. Tomé, *meu Senhor e meu Deus!* ⁽⁴⁾ e como Santa Madalena: *Rabboni! mestre!* ⁽⁵⁾

De qualquer das três maneiras que se faça a contemplação exerce-se sempre com prazer, porque pressupõe ter-se encontrado a Deus e o seu santo amor. *Achei aquele a quem ama a minha alma; encontrei-o, não mais o deixarei* ⁽⁶⁾.

(1) Ps. CXVIII, 68. — (2) Cant., V, 16. — (3) Ps. CXVIII, 103. — (4) Joan., XX, 28. — (5) Ibid., x, 16. — (6) Cant., III, 4.

Ao contrário, a meditação faz-se quase sempre com dificuldade, trabalho e raciocínios, porque nela o espírito, de consideração em consideração, vai buscando em diversos lugares ou o Amado do seu amor ou o amor do seu Amado.

Jacob medita, quando se esforça por possuir Raquel; mas compraz-se nela, ao possuí-la, e esquece todas as suas canseiras, contemplando-a ⁽¹⁾. O Esposo divino, como pastor que é, preparou para a sua Esposa sagrada um festim suntuoso, segundo o uso campestre, e descreve-o de maneira que misticamente representava todos os mistérios da Redenção humana: *Eu vim ao meu jardim*, diz ele ⁽²⁾, *colhi a minha mirra com os meus aromas; comi o favo com o meu mel; bebi o meu vinho com o meu leite; comi, amigos, e bebei, e embriagai-vos, caríssimos*.

Ah! Teotimo, quando foi que Nosso Senhor veio ao *seu jardim* senão quando desceu às puríssimas, humílimas e dulcíssimas entranhas da sua Mãe, cheio das plantas florescentes das santas virtudes? E que quererá Nosso Senhor dizer com colher a sua *mirra*, com os seus *perfumes* senão acumular sofrimentos sobre sofrimentos *até à morte, e morte da cruz*? ⁽³⁾ colhendo, por meio deles, merecimentos sobre merecimentos, tesouros sobre tesouros, para enriquecer os seus filhos espirituais! E como comeu ele o seu *favo com o seu mel*, senão quando viveu duma vida nova, unindo a sua alma, mais doce que o mel, ao seu Corpo traspassado e dilacerado com mais aberturas que um favo?! E quando, ao subir ao Céu, tomou posse de todas as circunstâncias e dependências de sua divina glória, que outra coisa fez senão misturar o *vinho* suavíssimo da glória essencial da sua alma com o *leite* aprazível da felicidade perfeita de seu Corpo, duma forma mais excelente do que a não havia feito até então?!

Ora, em todos estes divinos mistérios que compreendem todos os outros, há bem que comer e beber para todos os *queridos amigos*, e há com que se embriagarem os *caríssimos* amigos: uns comem e bebem; mas comem mais do que bebem e não se embriagam; outros comem e bebem, mas bebem muito mais do que comem, e embriagam-se. Ora comer, é meditar; porque, meditando, mastiga-se e revolve-se

(1) Gen., XXXIX, 18. — (2) Cant., V, 1. — (3) Filip., II, 8.

o alimento espiritual entre os dentes da consideração para o trilhar, triturar e digerir, o que se faz com algum trabalho, mas com prazer, e com facilidade; porém embriagar-se, é contemplar com tal frequência e ardor que se sai inteiramente de si mesmo para estar todo em Deus,

Santa e ditosa embriaguez, que, ao contrário da corporal, nos priva não das faculdades espirituais mas dos sentidos corporais, que não nos perturba nem embrutece mas nos torna semelhantes aos anjos e como que nos diviniza, fazendo-nos sair de nós mesmos, não para nos aviltar e reduzir à condição de animais, como faz a embriaguez pecaminosa, mas para nos elevar acima de nós mesmos e colocar-nos com os anjos, de sorte que vivemos mais em Deus do que em nós mesmos, sempre atentos e aplicados por amor a ver a sua beleza, e a unir-nos à sua bondade!

Para chegarmos à contemplação temos de ordinário necessidade de ouvir a santa palavra, de entreter conversação e colóquios espirituais com outras pessoas, à maneira dos antigos anacoretas, de ler livros devotos, de orar, meditar, cantar cânticos, formar bons pensamentos, porque a santa contemplação é o fim e o termo a que tendem todos esses exercícios,

Aqueles que os praticam são chamados contemplativos, e este género de ocupação é chamada vida contemplativa em virtude do acto do nosso entendimento pelo qual consideramos a beleza e bondade divina com uma amorosa atenção; quer dizer, com um amor que nos prende a atenção, ou com uma atenção que deriva do amor, e aumenta o amor que sentimos para com a infinita suavidade de Nosso Senhor,

CAPÍTULO VII

O amoroso recolhimento da alma na contemplação

Não falo aqui, Teotimo, do recolhimento daqueles que, querendo orar se põem na presença de Deus, entram em si mesmos, e recolhem, para assim dizer, a sua alma dentro do

coração para falarem a Deus; porque esse recolhimento produz-se por imperativo do amor, que, chamando-nos à oração, leva-nos a empregar este meio de a fazer bem, de modo que somos nós mesmos que fazemos esse isolamento do espírito.

O recolhimento de que quero falar, não se produz por imperativo do amor, mas pelo próprio amor, isto é, nós não o produzimos por nosso arbítrio, visto não estar em nossa mão tê-lo quando queremos, nem depende do nosso cuidado, mas Deus o produz em nós quando lhe apraz fazê-lo pela sua santíssima graça. Escreveu Santa Teresa de Jesus ⁽¹⁾ que a oração de recolhimento se faz à maneira de um ouriço ou de uma tartaruga que se enrosca em si, e disse muito bem, apenas com a diferença de que esses animais recolhem-se em si mesmos quando querem, e o recolhimento vem quando Deus nos faz essa graça e não quando o desejamos.

Produz-se deste modo:

A nossa alma é naturalmente atraída a cada instante, para o bem, que ama como seu tesouro.

Ora succede algumas vezes que Nosso Senhor infunde imperceptivelmente no íntimo do coração uma inexplicável e doce suavidade que atesta a sua presença, e então as faculdades, e até mesmo os sentidos exteriores da alma, por um certo consenso secreto voltam-se para aquella recôndita parte onde está o amabilíssimo e caríssimo Esposo.

Assim como um novo enxame de abelhas, ao querer fugir e mudar de lugar, é atraído pelo som que se faz em qualquer objecto de metal, ou pelo aroma do vinho misturado com mel, ou ainda pelas emanções de algumas ervas odoríferas, de forma que se deixa prender pelo engodo dessas doçuras e entra no cortiço que lhe foi preparado, assim Nosso Senhor, pronunciando alguma secreta palavra do seu amor, ou difundindo o aroma do vinho da sua dilecção mais deliciosa que o mel, ou exalando os *perfumes de seus vestidos* ⁽²⁾, isto é, imprimindo em nossos corações os affectos das suas celestiais suavidades, e fazendo-lhe sentir a sua amabilíssima

(1) Castel. *Animæ*, mansio IV, c. III. — (2) Cant., IV, II.

presença, chama a si todas as faculdades da nossa alma, e estas juntam-se em torno dele e nele se fixam como no objecto por que ansiavam.

Tal como quem pusesse um pedaço de imã entre muitas agulhas veria todos os seus bicos voltarem-se subitamente para o lado do imã, e virem-se unir a ele, assim também, quando Nosso Senhor faz sentir no meio da nossa alma a sua deliciosíssima presença, todas as nossas faculdades se voltam para esse lado, para virem unir-se a esta incomparável doçura.

Oh Deus! exclama então a alma, à imitação de Santo Agostinho (1), onde vos procurava eu, Formosura infinita? «Procurava-vos fora, e vós estáveis dentro do meu coração». Santa Madalena desafogava os seus affectos e os seus pensamentos junto ao sepulcro do seu Salvador, que por toda a parte buscava e, se bem que o tinha encontrado e ele lhe falava, não deixa de os expandir, porque não advertia na sua presença; mas apenas o Mestre a chamou por seu nome, ei-la que se inclina e se prostra a seus pés (2). Uma só palavra a fez entrar em recolhimento.

Imaginaí, Teotimo, quando a Santíssima Virgem e Senhora nossa concebeu o Filho de Deus, seu único amor. A alma desta amantíssima Mãe recolheu-se toda junto daquele amantíssimo Menino e porque tão divino Amigo estava dentro das suas sagradas entranhas, todas as faculdades da alma se concentraram nela mesma, como santas abelhas dentro da colmeia onde está o mel, e à medida que a divina Majestade, para assim dizer, diminuía, e se reduzia no ventre virginal, a sua *alma* engrandecia e glorificava os louvores desta infinita e extrema bondade e o seu *espírito* exultava (3) de alegria dentro do seu corpo (como S. João dentro do de sua mãe) (4), por se sentir junto de seu Deus. Não expandia pensamentos nem affectos fora de si mesma, porque o seu tesouro, os seus amores e as suas delícias estavam dentro de suas sagradas entranhas.

Esta mesma alegria pode ser recebida, por imitação, por

(1) Conf., 1. X, CXXVII. — (2) Joan., XX, 11-16. — (3) Lucæ, I, 46, 47. — (4) Ibid., x, 44.

aqueles que tendo comungado, sentem pela certeza da fé o que *não foi a carne nem o sangue que o revelou, mas sim o Pai celeste* ⁽¹⁾; que o seu Salvador está em corpo e alma realmente presente em seus corpos e em suas almas, nesse adorabilíssimo Sacramento.

Como a madre-pérola, recebendo as gotas do fresco orvalho da manhã, se fecha, não só para conservá-las puras de toda a mistura com as águas do mar, mas também pela satisfação que experimenta sentindo a agradável frescura desse germe que o céu lhe envia, do mesmo modo sucede a muitos santos e devotos fiéis, pois tendo recebido o divino Sacramento, que contém o orvalho de todas as bênçãos celestes, sua alma se concentra, e todas as suas faculdades se recolhem, não só para adorar este Rei soberano, presente duma presença admirável em seu peito, mas pela indizível consolação e refrigério espiritual que recebem, sentindo pela fé aquele germe divino da imortalidade em seu interior.

E todo este recolhimento procede do amor, o qual, sentindo a presença do seu Amado nas doçuras que lhe derrama dentro do coração, concentra e impele para ele toda a alma por uma amabilíssima inclinação e por uma deliciosa disposição de todas as faculdades para o Bem-amado, que as atrai pela força da sua suavidade, e com esta prende e cativa os corações, como se cativam os corpos pelas cordas e laços materiais.

É de notar que este doce recolhimento da alma em si mesma não se produz somente pelo sentimento da presença divina dentro do nosso coração, mas por qualquer outra forma por que nos punhamos na presença de Deus. Sucede algumas vezes que todas as nossas potências interiores se retraem e se concentram em si mesmas pela reverência e delicado temor que se apodera de nós, quando consideramos a soberana Majestade d'Aquele que nos está presente e nos observa; como também, por muito distraídos que estejamos, se acontece aparecer o Papa ou qualquer ilustre príncipe, caímos em nós mesmos, e voltamos para nós os nossos pensamentos, para nos contermos em deferência e respeito.

(1) Matt., XVI, 17.

Diz-se que a acção do sol faz recolher as flores da iris que também se chamam espadana, porque se fecham e retraem à claridade deste astro e na sua ausência desabrocham e se conservam abertas toda a noite.

O mesmo succede no género de recolhimento de que falamos, porque a simples presença de Deus e o sentimento, que temos, de que Ele nos vê, ou do Céu ou de qualquer outro lugar fora de nós (mesmo sem pensar em qualquer outra forma de presença em nós), bastam para as nossas faculdades e potências se recolherem e concentrarem em nós mesmos, pela reverência que devemos à sua divina Majestade que o amor nos faz temer com um temor reverente e respeitoso.

Conheço uma alma que, ao falarem-lhe de algum mistério ou sentença que lhe recordasse um pouco mais expressamente a presença de Deus, quer em confissão quer em conversa particular, logo se concentrava em si mesma, que lhe custava sair daquele recolhimento para falar e responder; de forma que, exteriormente, ficava como destituída de vida com todos os sentidos suspensos, até que Deus, o Esposo da sua alma, lhe permitisse voltar a si, o que às vezes acontecia daí a pouco, outras vezes muito tarde.

CAPÍTULO VIII

Como a alma repousa no seu Bem-Amado

Tão recolhida está, às vezes, a alma em Deus, e tão docemente a atrai a bondade do seu Bem-Amado, que a atenção que presta à presença do Senhor é tão simples e delicada que quase se não pode chamar atenção; à semelhança de certos rios, cujas águas correm tão serenas que os que as contemplam ou sobre elas navegam não sentem movimento algum, nem notam as suas ondulações.

A este amorável repouso da alma, Santa Teresa de

Jesus chama «oração de quietação», ou; como diz noutra lugar, e se bem compreendo, «sono das potências» (1).

Com efeito, os que amam humanamente, contentam-se algumas vezes em estar ao pé ou à vista da pessoa que amam, sem lhe falar nem, na sua ausência, falar dela ou das suas perfeições; satisfeitos, segundo parece, e contentes por gozarem de tal presença, não por qualquer consideração a seu respeito, mas por uma certa tranquilidade e repouso que nela o seu espírito encontra. *O meu amado é para mim como um ramalhete de mirra; ele morará no meu seio* (2). O meu amado é meu, e eu sou dele; *apascenta entre açucenas, enquanto o dia sobe, e as sombras declinam* (3). *Amado da minha alma, diz-me onde apascentas, onde descansas ao meio dia* (4).

Daqui se vê que a Santa Sulamita se contenta com saber que o seu Bem-Amado está com ela, quer seja no seu seio, quer no seu parque, ou algures, contanto que saiba onde ele está: e assim está totalmente plácida, tranquila e em repouso.

Ora, este repouso algumas vezes é tão profundo que a alma e todas as suas potências permanecem como que adormecidas, sem fazer nenhum movimento nem acto algum, salvo só a vontade, e esta mesmo não faz mais do que receber o gozo e a satisfação que lhe dá a presença do Bem-Amado. É o que é ainda mais admirável, é que a vontade não reconhece este gozo e contentamento, que recebe, porque o goza insensivelmente, visto não pensar em si, mas naquele cuja presença lhe dá esse prazer; como sucede muitas vezes quando, surpreendidos por um ligeiro sono, ouvimos mal o que os nossos amigos dizem em volta de nós, ou sentimos as carícias que nos fazem, quase imperceptivelmente, e sem perceber que sentimos.

A alma que neste doce repouso goza da presença divina, embora não tenha consciência deste gozo, manifesta claramente quanto o estima, logo que querem tirar-lho. Então a alma, coitada! queixa-se, lamenta-se e até algumas vezes chora como uma criança a quem acordam antes de ter dormido

(1) Vita, cc. XIV-XVI; Castelum Animæ, mansio IV, c. III. —

(2) Cant., I, 12. — (3) Cant., II, 16, 17. — (4) Ibid., I, 6.

bastante, e que pela mágoa que manifesta em seu acordar, mostra bem a satisfação que sentia em seu sono. Eis porque o divino Pastor conjura *as filhas de Jerusalém: não perturbeis o descanso da minha amada, nem a façais despertar antes que ela se queira erguer, e acorde por si mesma* ⁽¹⁾.

Oh! Teotimo, a alma assim tranquila em Deus não trocaria este repouso pelos maiores bens do mundo!

Tal foi a quietação da Santa Madalena quando, *assentada aos pés de Jesus, ouvia a sua santa palavra* ⁽²⁾.

Ela está *sentada* e em profunda tranquilidade, não diz uma só palavra, não derrama lágrimas, não soluça, não suspira, não se move, não ora. Marta, toda afadigada, passa e torna a passar pela salazinha; Maria não dá por isso. Que faz ela então? Não faz nada: *escuta*. E que quer dizer: *escuta*?

Quer dizer que está ali como um vaso precioso para receber gota a gota a *mirra* de suavidade que os *lábios* do seu Bem-amado destilavam ⁽³⁾ em seu coração. E Jesus cheio de zelos pelo amoroso sono e repouso da sua amada, repreendeu Marta por querer acordá-la: *Marta, Marta, andas muito inquieta, e embaraçada, cuidando de muitas coisas, entretanto só uma é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada* ⁽⁴⁾. Qual foi a parte ou o quinhão de Maria? Conservar-se em paz, em descanso, em quietação aos pés do seu doce Jesus!

Os pintores, de ordinário, pintam o apóstolo S. João na última ceia não só descansando mas dormindo sobre o peito de Jesus, pois que, sentando-se à moda oriental, tinha a cabeça próxima, junto ao seio do divino Mestre, e, não sendo verosímil que este sono fosse corporal, não duvido nada que, achando-se tão próximo do *seio* ⁽⁵⁾ das doçuras eternas, nele fizesse um profundo, místico e doce sono, como um filho de amor, que, unido ao seio da mãe, se alimenta dormindo, e dorme alimentando-se.

Ó Deus! Que delicias para este Benjamim, para este filho da alegria do Salvador, dormindo assim nos braços de

(1) Cant., II, 7. — (2) S. Lucas, X, 39. — (3) Cant., V, 13. — (4) S. Lucas, X, 40-42. — (5) Cant., I, 1-3.

seu Pai, o qual no dia seguinte, como *Benoni*, que quer dizer *filho da minha dor* ⁽¹⁾, o entrega ao suavíssimo seio de sua Mãe. Nada há que mais deseje a criancinha, quer acordada, quer dormindo, do que o peito de seu pai e o seio de sua mãe.

Quando, pois, estiverdes nesta simples e pura confiança filial aos pés de Nosso Senhor, ficai aí, meu caro Teotimo, sem vos moverdes para fazer actos sensíveis, ou do entendimento ou da vontade; porquanto este amor simples de confiança e esse adormecimento amoroso do vosso espírito nos braços do Salvador, abrange e excede tudo quanto andais buscando, por um lado e por outro, para satisfazer o vosso gosto. É melhor dormir sobre esse Sagrado Peito do que velar noutra parte, seja onde for.

CAPÍTULO IX

Como se pratica este repouso sagrado

Não tendes observado, Teotimo, o ardor com que as criancinhas se achegam ao seio de suas mães, quando têm fome? Sôfregas, agarram e apertam o peito, sugando o leite com tanta avidez, que até magoam as próprias mães. Mas depois que a frescura do leite lhes refrigera a veemência do apetite e as suas agradáveis emanações, actuando no cérebro, começam a adormecê-las, fecham muito bem os olhinhos, e cedem pouco a pouco ao sono, sem todavia largarem o peito, que continuam sugando com um movimento dos lábios lento e quase instintivo, engolindo o leite, sem darem por isso, mas não sem lhe sentirem o gosto.

E digo *não sem lhe sentirem o gosto*, porque se lhes tiram o peito, antes de caírem em profundo sono, acordam, e choram amargamente, manifestando na dor que lhes causa

(1) Gen., XXXV, 18.

esta privação o prazer que sentiam em se amamentarem no seio da sua mãe. Isto mesmo se dá com a alma que está em repouso e quietação diante de Deus; pois goza quase insensivelmente da doçura desta divina presença, sem exercer acto algum, nem mesmo mover os lábios em santa oração.

Mas se por acaso tentam desviar da presença de Deus a esta alma, como do peito materno a criancinha que parece adormecida, ela mostra logo que, embora esteja dormindo para todas as outras coisas deste mundo, não dorme para aquela, pois compreende o mal dessa separação e lamenta-se, mostrando assim o gosto que sentia na posse de Jesus, embora o sentisse sem nele pensar. Esta comparação julgou-a Santa Teresa de Jesus muito apropriada. Por isso aqui a exponho ⁽¹⁾.

De facto, que mais poderá ambicionar a alma recolhida em Deus? Achou Aquele que procurava. Que lhe resta, pois, senão dizer: *Encontrei aquele que minha alma ama, segurei-o, não o largarei* ⁽²⁾. Nem precisa sequer de descobrir pelo entendimento; porquanto goza tanto da presença do Esposo que as considerações seriam inúteis e supérfluas. Supondo mesmo que o não veja pelo entendimento, não se inquieta, mas contenta-se com senti-lo junto de si, porque esta presença enche a vontade de júbilo e de satisfação.

A Mãe de Deus e Senhora nossa, não via seu divino Filho durante a gestação, mas que contentamento não experimentava sentindo-o em suas sagradas entranhas! E Santa Isabel não gozou admiravelmente dos frutos da divina presença do Salvador, sem o ver, no dia da santíssima Visitação? Neste repouso a alma também não carece da memória, porque tem presente o seu Bem-amado. Não carece igualmente da imaginação; pois que necessidade há de se representar a imagem, quer exterior, quer interior d'Aquele cuja presença se goza? De forma que é unicamente a vontade que atrai com doçura, e como que aurindo ternamente, o leite dessa amável presença, conservando-se a alma em quietação com todas as suas faculdades, pela suavidade do prazer que experimenta.

(1) *Iter Perfectionis*, c. XXXII. — (2) *Cant.*, III, 4.

O vinho misturado com mel não serve só para chamar as abelhas aos cortiços, mas também para as pacificar. Quando levantam sedições e tumultos entre si, matando-se e destruindo-se umas às outras, não há melhor remédio do que lançar vinho com mel sobre aquele povosinho exasperado, porque, atraídas pelo seu aroma e doçura, conservam-se calmas e tranquilas. Ó Deus eterno! quando por vossa doce presença lançaís os *odoríferos perfumes* dentro de nossos corações, perfumes mais deliciosos *que o vinho* ⁽¹⁾ e o mel mais excelente, todas as faculdades das nossas almas entram num repouso tão inefável, e em tão perfeita tranquilidade que, só o sentimento da vontade permanece, à maneira de olfato espiritual, docemente compelido a sentir o incomparável bem da presença do seu Deus, mesmo sem dar por isso.

CAPÍTULO X

Os diversos graus desta quietação e como convém conservá-la

Há espíritos activos, férteis e criadores que não se contentam com gozar a presença de Deus, mas procuram conhecer o seu adiantamento e a forma como o Senhor neles actua, à semelhança dos que andam bem resguardados do frio, e não dariam por isso se não soubessem a roupa que trazem, ou dos que, tendo o cofre cheio de ouro, não se julgariam ricos se não contassem o dinheiro que possuem.

Todos esses espíritos estão, de ordinário, sujeitos a serem perturbados na oração, porque, se Deus lhes dá o sagrado repouso de sua presença, eles voluntariamente o perdem para ver como procederam neste exercício, e examinar se estiveram contentes, de sorte que, em lugar de empregarem a vontade em sentir as suavidades da presença divina, absor-

(1) Cant., IV, 10.

vem o entendimento em pensar nos sentimentos que tiveram; como a esposa que se recriasse a olhar para o anel, com que se desposou, sem ver o esposo, que lho deu.

A alma a quem o Senhor dá o santo repouso deve abster-se, tanto quanto possível, de pensar em si mesma, ou no seu repouso, pois para conservar este é preciso não o olhar com curiosidade; quem se lhe afeiçoa em excesso, perde-o. A regra para bem o amar é não se apegar a ele. Como a criancinha que, para ver os próprios pés, levanta a cabecinha do peito de sua mãe, e logo torna a encostá-la, porque é muito amimada, do mesmo modo é necessário, que ao reconhecer que estamos distraídos pela curiosidade de saber o que fazemos na oração, voltemos imediatamente o coração para a presença de Deus, da qual nos havíamos desviado.

Não se julgue, porém, que haja algum perigo de se perder esta sagrada quietação pelas acções do corpo ou do espírito, que se não praticam por leviandade ou por indiscrição, pois, como diz Santa Teresa de Jesus ⁽¹⁾, é superstição ser tão cioso deste repouso, que se não queira tossir, expectorar, nem respirar com receio de o perder, visto que Aquele que dá esta paz, não a tira por tais movimentos necessários, nem por distracções e divagações do espírito, quando são involuntárias, e quando a vontade sente a sedução da presença divina, não deixa de apreciar-lhe as doçuras, ainda que o entendimento ou a memória se tenham desviado e afastado para pensamentos estranhos e inúteis.

E' verdade que nesse caso a quietação da alma não é tão intensa como se o entendimento e a memória se unissem à vontade; todavia não deixa de ter uma verdadeira tranquilidade espiritual, visto que ela reina na vontade, que é superior a todas as outras faculdades.

Tivemos já ocasião de ver uma alma extremamente atraída e unida a Deus, mas com o entendimento e a memória a tal ponto livres de todo o exercício interior, que ouvia distintamente o que se dizia à roda dela e disso se recordava perfeitamente, embora lhe fosse impossível responder e desprender de Deus a quem estava ligada pela aplicação de sua

(1) *Iter Perfectionis*, c. XXX (al. XXXII).

vontade. Mas, repito, estava de tal forma ligada que não podia ser arrancada a essa doce ocupação sem sentir uma grande dor que a fazia gemer mesmo no máximo grau da sua consolação e quietação, como vemos as criancinhas darem pequenos gemidos, quando, tendo desejado muito o leite, se agarram ao peito que lho dá, ou como fez Jacob que, ao oscular a formosa e casta Raquel, *levantando a voz, chorou* (1) pela veemência da consolação e ternura que sentiu. Assim esta alma, de que falo, tendo somente a vontade presa, e o entendimento, a memória, o ouvido e a imaginação livres, assemelha-se, me parece, à criancinha que, amamentando-se, pode ver, ouvir, e mesmo mexer o braço, sem ter que largar o peito.

Todavia a paz da alma seria bem maior e mais doce se não se fizesse ruído em torno dela e nada houvesse que lhe causasse agitação, já no coração já no corpo, pois bem preferiria ela estar toda entregue à suavidade desta presença divina.

Mas não podendo impedir, algumas vezes, que as outras faculdades se distraiam, conserva, ao menos, a quietação na vontade, que é a faculdade pela qual recebe o gozo do bem. E notai que a vontade, então contida em quietação pelo prazer que sente na presença divina, não se esforça por impor atenção às outras potências que se distraíram, porque se o tentasse, perderia o próprio repouso, afastando-se do seu Bem-amado, e perderia o trabalho de correr, por um lado e por outro, para lançar mão dessas potências volúveis, que, afinal, nunca podem ser tão eficazmente chamadas ao seu dever, senão pela perseverança da vontade na santa quietação.

Pouco a pouco, todas as faculdades são atraídas pelo prazer que a vontade recebe e de que as faz participantes, comunicando-lhe impressões como perfumes que as excitam a aproximarem-se dela para partilharem do bem de que ela goza.

(1) Gen., XXIX, 11.

CAPÍTULO XI

**Continuação dos diversos graus da santa quietação
e da abnegação de si mesmo que nela
algumas vezes se pratica**

A santa quietação tem diversos graus. Ora está em todas as potências da alma, juntas e unidas à vontade; ora só na vontade, na qual se manifesta umas vezes de um modo sensível e outras de um modo imperceptível, fazendo sentir por certas doçuras interiores que Deus está presente, como aconteceu a Santa Isabel, quando Nossa Senhora a visitou. Outras vezes a alma experimenta a presença de Deus, embora sem dela dar conta, como succedeu aos discípulos de Emaús que não perceberam a causa do dulcíssimo prazer de que estavam possuídos, quando iam com Nosso Senhor, senão quando chegaram, e o *reconheceram* pela divina *fracção do pão* (1).

As vezes a alma não só percebe a presença de Deus, mas ouve-O falar por certas luzes e persuasões interiores, que tomam o lugar de palavras. Sucede que também o sente às vezes falar e lhe fala reciprocamente, mas tão secreta, tão doce, tão suavemente que não perde por isso a santa paz e quietação, de sorte que, sem se despertar, *vela* com Ele (2), isto é, vela e fala ao seu Bem-amado, com tão suave quietação e gracioso repouso, como se docemente dormitasse. E outras vezes sente falar o Esposo, mas não pode falar-lhe, ou porque a satisfação de o ouvir, e a reverência que lhe consagra a mantém em silêncio, ou porque está em secura e de tal modo enfraquecida de espírito, que só tem força para ouvir, e não para falar; como succede corporalmente aos que começam a adormecer, ou estão muito debilitados por qualquer doença.

(1) Lucas, XXIV, 31, 35. — (2) Cant., V, 2.

Finalmente, algumas vezes nem ela ouve o seu Bem amado, nem lhe fala, nem sente sinal algum da sua presença, mas sabe simplesmente que está na presença do seu Deus a quem apraz que ela esteja ali. Imagina, Teotimo, que o glorioso S. João dormiu um sono corporal sobre o peito do seu bom Senhor na santa ceia, e adormeceu por mando dele; por certo, nesse caso, estava na presença de seu Mestre sem de qualquer forma o sentir. E notai, que é necessário mais cuidado para nos pormos na presença de Deus, do que para permanecer nela, depois de lá estarmos; porque para nos pormos nesta divina presença, é preciso aplicar o pensamento, e torná-lo actualmente atento como digo na *Introdução à vida devota* ⁽¹⁾; ao passo que, para nela nos conservarmos, temos muitos outros meios, quer pelo entendimento, quer pela vontade, enquanto fazemos alguma coisa em Deus ou por Deus; como, por exemplo, considerando-o ou pensando em qualquer coisa por seu amor; ouvindo-o, ou aos que falam em seu nome; falando-lhe, ou a alguém por seu amor, e fazendo alguma obra, seja ela qual for, em sua honra e serviço.

Assim nos mantemos na presença de Deus, não só ouvindo-o, considerando-o, ou falando-lhe, mas também esperando que se digne olhar-nos, falar-nos ou consentir que lhe falemos; ou então não fazendo nada disto, mas conservando-nos simplesmente onde lhe apraz que estejamos, e porque lhe apraz que ali estejamos. E se a esta simples forma de presença de Deus aprouver à sua divina bondade juntar qualquer pequeno sentimento de que somos todos seus e Ele todo nosso, oh! que graça esta para nós tão desejável e preciosa!

Para esclarecer o assunto, imaginemos o seguinte: Se fosse permitido a uma estátua, colocada por seu escultor na galeria de algum príncipe, percorrer e falar, e lhe perguntassem:

— Ó formosa estátua, dize-me, por que razão estás aí metida?

— Porque — responderia ela — o meu senhor aqui me colocou.

(1) Parte II, c. 11.

E se lhe replicassem: — Mas por que estás aí não fazendo nada?

— Porque — diria ela — o meu senhor não me pôs aqui para trabalhar, mas para estar parada.

Caso a interrogassem de novo, dizendo: — Mas, pobre estátua, de que te serve estar aí dessa maneira?

— Não sei — responderia ela — não estou aqui para meu interesse e serviço, mas para obedecer e servir à vontade do meu senhor e escultor, e isso me basta.

E se continuassem desta forma: — Ora dize, estátua, se não vês o teu senhor como tens alegria em contentá-lo?

— Por certo que o não vejo, — responderia: — porque tenho olhos para não ver, como tenho pés para não andar; porém estou muito contente em saber que o meu querido senhor me vê aqui, e tem prazer em aqui me ver.

E se lhe replicassem, dizendo: — E não quererias ter movimento para te aproximares do artista que te fez, a fim de lhe prestares algum outro serviço mais digno?

Recusaria, sem dúvida alguma, e protestaria que não quereria fazer outra coisa senão o que seu senhor lhe determinasse.

— E por que, concluiríamos nós, não desejas ser nada mais que uma estátua imóvel dentro desse nicho? — Certamente, — diria enfim essa boa estátua, — não quero ser senão uma estátua, e sempre neste nicho, enquanto o seu escultor quizer, contentando-me em estar aqui, e deste modo, pois assim dou gosto àquele a quem pertenço e por quem sou o que sou.

Oh! Deus meu! que excelente forma de nos conservarmos na presença de Deus, a de estarmos e querermos sempre e para sempre estar segundo a sua divina vontade, pois deste modo, embora dormindo profundamente, estamos mais profundamente ainda na santíssima presença de Deus. Sim, Teotimo, porque se nós o amamos, adormecemos não só à sua vista, mas à sua vontade, e não somente por sua vontade, mas segundo a sua vontade.

Afigura-se-nos que é Ele mesmo, o nosso Criador e Escultor celeste, que nos deita nas nossas camas como estátuas em seus nichos, para que nos aninhemos em nossos leitos, como as aves em seus ninhos. Depois, ao acordar,

se bem pensamos, vemos que Deus esteve presente, e que não nos afastámos nem separámos dele. Teremos, pois, estado na sua divina presença, embora sem o ver e sem o advertirmos; e poderemos dizer, à imitação de Jacob (1): *Na verdade dormi junto de meu Deus e nos braços da sua divina presença e providência, e não o sabia!*

Ora, esta quietação em que a vontade humana só opera por uma simples aquiescência à vontade divina, querendo estar na oração só com o fim de estar diante de Deus como lhe aprouver, é uma quietação sumamente excelente, isenta de todo o interesse, pois só nos regozijamos em cumprir a vontade do Senhor, sem atender à própria felicidade.

CAPÍTULO XII

A íntima união da alma com Deus

Os líquidos recebem facilmente as formas e limites que lhes queiramos dar, visto não terem solidez. Deitai licor num vaso e vereis que ficará contido nos limites do vaso, sem ter limite algum ou forma, senão a do vaso que o contém.

Não acontece o mesmo com a alma, que por natureza tem a sua forma e seus limites próprios. Tem a sua forma pelos hábitos e inclinações e os seus limites pela própria vontade. E quando se prende às inclinações e vontades próprias, dizemos que é dura, isto é, pertinaz, obstinada: *Eu tirarei, diz Deus (2), da vossa carne o coração de pedra,* quer dizer, tirar-vos-ei a vossa obstinação.

Para fazer mudar de forma à pedra, ao ferro, à madeira, são necessários o machado, o martelo, o fogo. Chama-se coração de ferro, de pau ou de pedra, o coração que difficilmente recebe as impressões divinas, e se obstina em fazer

(1) Gen., XXVIII, 16. — (2) Ezech., XXXVI, 26.

a própria vontade, seguindo as inclinações da nossa natureza depravada.

Pelo contrário, ao coração manso, dócil e acomodado, chama-se um coração terno: *O meu coração*, diz David ⁽¹⁾ na pessoa de Nosso Senhor na cruz, *o meu coração é como cera derretida, dentro de minhas entranhas*.

Cleópatra, essa infame rainha do Egipto, querendo exceder a todos os excessos e a todas as dissoluções que Marco António havia ostentado nos seus banquetes, mandou trazer no fim de um festim, um frasco de vinagre fino e lançou nele a pérola de um dos seus brincos, avaliada em duzentos e cinquenta mil escudos, e depois de derretida e liquefeita engoliu-a. Outro tanto teria feito à pérola do outro brinco, bebendo-a, se Lúcio Plauto a não tivesse impedido ⁽²⁾.

O Coração do Salvador, verdadeira pérola oriental, de valor inestimável, lançado no meio dum mar de amarguras incomparáveis no dia da sua Paixão, derreteu-se, dissolveu-se, desfez-se, escoou-se de dor sob o peso de tantas angústias mortais; mas *o amor, mais forte do que a morte* ⁽³⁾, abranda, enternece, e faz derreter os corações mais depressa do que todas as outras paixões.

A minha alma, diz a sagrada amante ⁽⁴⁾, *derreteu-se assim que o meu amado falou*. E que quer dizer *derreteu-se*, senão o não estar já contida em si mesma, mas ter-se unido ao seu divino amante?

Deus ordenou a Moisés que falasse à *pedra*, e ela daria *águas* ⁽⁵⁾. Não admira, pois, que ele mesmo enternecesse a alma da sua Esposa, falando-lhe ternamente.

O bálsamo ⁽⁶⁾ é naturalmente tão espesso, que difficilmente escorre, e quanto mais guardado, mais espesso fica, endurecendo enfim, e tornando-se vermelho e transparente. Aquecendo-o depois, o calor dissolve-o, torna-o fluido. Por isso a Esposa dos Cantares chama ao Esposo: *um óleo derramado* ⁽⁷⁾; assegurando que está toda *derretida* de amor: *Minha alma derreteu-se, assim que o meu amado falou* ⁽⁸⁾.

O amor do Esposo existia em seu coração e no seu selo,

(1) Ps. XXI, 15. — (2) Plin., Hist. nat., 1. IX, c. XXXV (al. LVIII). — (3) Cant., VIII, 6. — (4) Ibid., V, 6. — (5) Num., XX, 8. — (6) Plin., Hist. nat., 1. XII, c. XXV (al. LIV). — (7) Cant., 1, 2. — (8) Cant., 1, 2.

como um *vinho* novo bem forte que não pode estar retido no tonel e se derrama por todos os lados.

Os teus peitos são melhores que o vinho, fragrantados como os mais preciosos bálsamos. O teu nome é como o óleo derramado ⁽¹⁾. E assim como o Esposo tinha derramado o seu amor e a sua alma no coração da Esposa, assim a Esposa, reciprocamente, derrama a sua alma no coração do Esposo.

Assim como um favo de mel, ao calor do sol, se derrete, deixa a sua forma, e corre para o lugar donde lhe batem os raios do sol; do mesmo modo a alma da amante se escoa para o lado donde lhe vinha a voz do seu Bem-Amado, saindo de si mesma e dos limites de seu ser natural para seguir Aquele que lhe falava.

E como se produz esta sagrada fusão da alma em seu Bem-Amado? Do seguinte modo:

Um extremo amor ao objecto amado, produz uma como impotência espiritual que faz com que a alma já não seja capaz de permanecer em si mesma; como um bálsamo derretido, que não tem já firmeza nem solidez, deixa-se ir fundindo no objecto amado, instilando-se docemente, como uma coisa fluida e líquida dentro da divindade que ama. Do mesmo modo que as nuvens carregadas, batidas pelo vento, se resolvem em chuva, confundindo-se tão intimamente com a terra em que se diluem, que fazem uma só e mesma coisa com ela, assim também a alma que, apesar de amorosa, permanece ainda em si, sai de si mesma, não só para se unir ao Bem-Amado, mas para toda se confundir e dissolver n'Ele.

Vede, pois, Teotimo, que a íntima união de uma alma com Deus não é mais que um verdadeiro êxtase, em que a alma fica toda fora dos limites do seu estado natural, toda confundida, absorta e abismada em seu Deus. E assim sucede que os que chegam a este santo excesso do amor divino, voltando depois a si, nada vêem na terra que os alegre; vivem num extremo aniquilamento de si mesmos, ficam com os sentidos enfraquecidos e têm perpétuamente no coração a máxima da bem-aventurada virgem Teresa de Jesus:

(1) Cant., I, 1, 2.

«*O que não é Deus nada é para mim*». Tal era também a paixão amorosa de S. Paulo, o grande apóstolo e amigo de Jesus, que dizia: *Eu vivo, ou para melhor dizer, não sou eu já quem vive; mas Cristo é que vive em mim* ⁽¹⁾; e: *A nossa vida está escondida com Jesus Cristo em Deus* ⁽²⁾.

Se uma gota de água natural, lançada num oceano de água aromática, pudesse falar, não clamaria com grande alegria: Ó mortais, eu vivo, na verdade, mas não sou eu mesma que vivo, é este oceano que vive em mim, e a minha vida está oculta neste abismo!

A alma, fundida em Deus, não morre. Como poderia ela morrer, estando abismada na vida? Vive sem viver em si mesma, como as estrelas que, sem perderem a luz, não brilham na presença do sol, antes é o sol que brilha nelas, e estão ocultas na luz do sol; assim também a alma, sem perder a sua vida, não vive já confundida com Deus, mas Deus é que vive nela. Tais foram, penso eu, os sentimentos dos grandes bem-aventurados Filipe de Neri e Francisco Xavier, quando cumulados pelas consolações celestes, pediam a Deus se retirasse deles por um pouco, visto querer que, pelos seus actos, a sua vida parecesse ainda um pouco presa ao mundo, o que não podia ser se estivesse toda oculta e absorpta em Deus.

CAPÍTULO XIII

A ferida do amor

Todas estas expressões amorosas são tiradas da semelhança que há entre os affectos do coração e as paixões do corpo. A tristeza, o temor, a esperança, o ódio e os outros affectos da alma não entram no coração, se o amor os não arrasta consigo. Nós não aborrecemos o mal senão porque é contra o bem que amamos; e só tememos o mal futuro

(1) Galat., II, 20. — (2) Coloss., III, 3.

porque nos privará do bem que amamos. Por muito grande que seja um mal, só o detestamos na medida do amor que temos ao bem que se lhe opõe. Quem não estima muito a pátria não lhe dá grande cuidado que ela se arruíne; quem não ama muito a Deus, também não aborrece muito o pecado.

O amor é a primeira, ou para melhor dizer, é o princípio e origem de todas as paixões; por isso é o primeiro a entrar no coração; e, porque penetra, traspassa até ao fundo da vontade, onde tem a sua sede, diz-se que fere o coração. É «agudo», diz o Apóstolo da França ⁽¹⁾, e entra intimamente no espírito. Os outros affectos também entram, é certo, mas por intermédio do amor; pois é ele que, atravessando o coração, lhes dá passagem; o amor fere apenas com a ponta do dardo e os outros affectos aumentam a ferida e a dor.

Ora se o amor fere, necessariamente causa dor. As romãs, por sua cor vermelha, pela multidão de seus grãos tão numerosos e tão bem dispostos, e por suas belas coroas, representam singelamente, como diz S. Gregório ⁽²⁾, a santíssima caridade, toda vermelha, por causa do seu ardor para com Deus, cumulada de toda a sorte de virtudes, e a única a alcançar e a ostentar a coroa das recompensas eternas; mas o suco das romãs, que, como sabemos, é tão agradável aos são como aos doentes, tem uma tal mistura de acidez e doçura, que não se pode distinguir se agrada ao paladar pela acidez adocicada, se pela doçura acidulada.

O amor é assim também agridoce, porque, enquanto andamos neste mundo nunca tem uma doçura perfeitamente doce, nem satisfação plena, pois nunca é perfeito. Todavia, não deixa de ser muito agradável, porque a sua acidez tempera a suavidade da sua doçura, como a sua doçura encobre o agro da sua acidez. O amor causa alegria, mas, ferindo-nos, prende-nos ao objecto amado, e daí vem não raro também para nós melancolia, inquietação e tristeza.

E como é que o amor pode ferir e produzir dor? Algumas vezes o objecto amado está ausente, e então, meu caro Teotimo, o amor fere o coração pelo desejo que excita, e

(1) De Cœl. Hierar. VII, circa initium. (Vide Magist. Sent. et alios, in locum).—(2) In I Reg., XVI, 12; Homil. in Ezech., 1, II, hom. IV.

este, não podendo satisfazer-se, atormenta extremamente o espírito.

Se uma abelha tivesse mordido uma criança, certamente lhe dirieis: Ah! meu filho, a abelha que te mordeu, é essa mesma que faz o mel que achas tão bom. Verdade é, diria ela, que o mel é muito doce ao meu paladar, mas a sua mordedura é muito dolorosa, e enquanto o ferrão estiver cravado na minha face, não posso ter alívio; pois não vedes como está inchada?

Certamente, Teotimo, o amor é muito agradável, desde que não deixe dentro dos nossos corações o agulhão do desejo, porque, quando o deixa, fica com ele uma grande dor. É verdade que essa dor provém do amor, e, portanto, é uma agradável e amável dor.

Ouvi os transportes dolorosos, mas amorosos, de David, o real amante ⁽¹⁾. *A minha alma tem sede do Deus forte e vivo; quando virei e apparecerei diante da face de Deus? As minhas lágrimas foram o meu pão de dia e de noite, enquanto se me diz cada dia: Onde está o teu Deus?* Do mesmo modo a sagrada Sulamita, toda repassada das suas amorosas dores, falando às filhas de Jerusalém: Ah! diz ela, *eu vos conjuro, que se encontrardes o meu amado, lhe deis a saber que estou pensando de amor* ⁽²⁾. *A esperança que se retarda aflige a alma* ⁽³⁾.

As dolorosas feridas do amor são de muitas espécies:

1.^o—As primeiras setas que recebemos do amor chamam-se feridas, porque o coração que, enquanto não amava, parecia são, inteiro, apenas tocado do amor começa a dividir-se, a separar-se de si mesmo para se dar ao objecto amado.

E esta separação não se pode operar sem dor, porque a dor não é mais que a separação de duas coisas que vivem unidas uma à outra.

2.^o—O desejo estimula e fere incessantemente o coração em que está, como já dissemos.

3.^o—Além disso, no amor de Deus, há uma espécie de ferida, que o Senhor produz algumas vezes na alma que

(1) Ps. XLI, 3, 4. — (2) Cant., V, 8. — (3) Prov., XIII, 12.

deseja aperfeiçoar. Dando-lhe sentimentos admiráveis e graças inefáveis que a incitam a amá-lo, ela lança-se com tal ímpeto que parece querer voar para o seu divino objecto; mas como não o consegue, porque nunca chega a amar a Deus tanto quanto deseja, por essa razão sente uma dor violenta e indizível. Por um lado é fortemente impelida a voar para Deus, seu bem amado; por outro lado não pode realizar o desejo por estar ligada às vis misérias desta vida mortal e da sua própria impotência. Quer ter *asas de pomba para voar ao seu repouso* ⁽¹⁾, e não as tem; ei-la, pois, duramente atormentada entre a violência de seus impulsos e a da sua impotência. *Quão miserável eu sou!* dizia um dos que sofreram esta pena, *quem me livrará do corpo desta morte?* ⁽²⁾

Se bem repararmos, Teotimo, não é o desejo duma coisa ausente que fere o coração, porque a alma sente que o seu Deus está presente, e *arvorou nele o estandarte da caridade* ⁽³⁾; mas, ainda que Deus já a veja toda sua, continua a excitá-la e, de tempos a tempos, arremessa mil e mil setas de amor, mostrando-lhe por novos meios quanto é mais amável do que é amado. Então a alma, que não tem para o amar a capacidade que o seu amor desejaria, vendo tão fracos os seus esforços, comparados ao desejo que tem de amar dignamente Aquele que criatura alguma pode amar bastante, sente-se penetrada de um incomparável tormento; porque, quanto mais tenta elevar-se até ao seu amor, mais violenta é a dor que lhe causa a sua insuficiência.

Este coração amante do seu Deus, desejando infinitamente amar, vê que não pode nem assaz amar nem assaz desejar. Ora este desejo que não pode realizar, é como uma seta cravada no peito dum espírito generoso. Entretanto a dor que dela deriva, não deixa de ser amável, visto que, quem deseja amar muito, também ama muito o desejo de amar, e julgar-se-ia a mais miserável das criaturas se não desejasse continuamente amar o que é tão sumamente amável. O desejo do amor causa-lhe dor, mas o amor do desejo penetra-a de doçura.

(1) Ps. LIV, 7. — (2) Rom., VII, 24. — (3) Cant., II, 4.

Meu Deus, ó Teotimo, que vou eu dizer? Os bem-aventurados que estão no Paraíso, vendo que Deus é mais amável, do que eles o amam, desfaleceriam e pereceriam eternamente com desejo de mais o amar, se a santíssima vontade de Deus não impusesse à deles o repouso admirável de que goza, porque amam tão sumamente esta soberana vontade, que o querer desta prevarece ao deles, e a satisfação divina os satisfaz, aceitando serem limitados no seu amor pela mesma vontade d'Aquele cuja bondade é o objecto deste amor.

Se assim não fosse, o seu amor seria igualmente delicioso e doloroso: delicioso pela posse de tão grande bem; doloroso pelo excessivo desejo de um amor maior. Portanto Deus, lançando continuamente setas das aljavas de sua infinita beleza, fere a alma de seus amantes, fazendo-lhes claramente conhecer que bem longe estão de o amar quanto é amável. O mortal que não deseja amar mais a divina Bondade, não a ama bastante.

CAPÍTULO XIV

Alguns outros meios pelos quais o amor de Deus fere os corações

Nada custa tanto a um coração amoroso como ver sofrer de amor por ele um outro coração. Ao pelicano ⁽¹⁾ que faz o ninho na terra, as serpentes vêm muitas vezes morder os filhos. Quando isto sucede, o pelicano, como um excelente médico natural, fere com o bico os seus filhinhos para lançar fora o veneno que a mordedura das serpentes lhes derramou em todo o corpo; e, para que todo o veneno possa sair, deixa correr o sangue parecendo que causa a morte aos pequeninos pelicanos. Vendo-os, porém, exânicos fere-se a si, derrama o próprio sangue sobre eles, vivifica-os, dando-lhes uma vida

(1) S. Aug., Serm. I in Ps. CL.

nova e pura. O seu amor os havia ferido; de seguida fere-se a si por este mesmo amor. Nunca ferimos um coração com a ferida do amor, que não sejamos súbitamente também feridos por ele. .

Quando a alma vê o seu Deus ferido de amor por ela, súbitamente recebe d'Ele uma ferida recíproca. *Tu feriste o meu coração*, diz o celeste Amante à sua Sulamita ⁽¹⁾, e a Sulamita exclama ⁽²⁾: *Eu vos conjuro, se encontrardes ao meu amado, lhe fazeis saber que estou ferida de amor*. As abelhas nunca ferem sem que fiquem feridas de morte. Como poderíamos ver o Salvador de nossas almas, ferido de amor por nós *até à morte e morte de cruz* ⁽³⁾, sem ficarmos também feridos de amor por ele e feridos duma chaga tão dolorosamente amorosa, visto que o não podemos amar tanto quanto o seu amor e a sua morte o requereriam?

Ainda há uma outra ferida de amor: é quando a alma sente que ama o seu Deus, e Deus a trata como se não soubesse que é por ela amado; ou como se desconfiasse do seu amor. Então, meu caro Teotimo, a alma sofre extremas angústias por lhe ser insuportável ver e sentir que Deus parece desconfiar dela. O pobre S. Pedro tinha e sentia o coração cheio de amor pelo seu Mestre, e Nosso Senhor, dissimulando sabê-lo, diz-lhe: — Pedro ⁽⁴⁾, *tu amas-me mais do que estes?* Ele respondeu: *Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo*. Mas, Pedro, *tu amas-me?* replicou o Salvador. *Meu caro Mestre*, diz o Apóstolo, *tu sabes que te amo*. E este dulcíssimo Mestre para o experimentar, e como que desconfiando de ser amado, insiste: *Pedro, tu amas-me?* Ah! Senhor! vós feris este pobre coração, que aflito, amorosa mas também dolorosamente exclama: *Senhor, tu conheces tudo: tu sabes que eu te amo..*

Faziam-se um dia os exorcismos a um possesso; intimado o demónio a dizer qual o nome que tinha: — «Eu sou», respondeu, «aquele infeliz que não tem amor»; e de repente Santa Catarina de Génova, que estava presente, sentiu-se tão aflita que desmaiou, só por ter ouvido pronunciar a pala-

(1) Cant., IV, 9. — (2) Ibid., V, 8. — (3) Filip., II, 8. — (4) Joan., ult., 15-17.

vra que não tem amor ⁽¹⁾: Assim como os demónios aborrecem tanto o amor divino, que tremem, quando vêem a cruz e ouvem pronunciar o nome de Jesus, assim também aqueles que amam ardentemente a Nosso Senhor, estremecem de dor e de horror quando vêem algum sinal ou ouvem alguma palavra que represente a privação deste santo amor.

S. Pedro estava bem certo que Nosso Senhor, sabendo tudo, não podia ignorar quanto ele o amava; mas, como a repetição desta pergunta — *Tu amas-me?* mostrava certa desconfiança, o Apóstolo entristeceu-se muito. Ah! a pobre alma que se sente resolvida a morrer antes que a ofender o seu Deus, mas não sente sequer um lampejo de fervor, antes uma frieza extrema, que a entorpece e a faz cair a cada passo em notáveis imperfeições, tal alma, digo, Teotimo, está profundamente ferida; porque o seu amor é dolorosíssimo, por ver que Deus dá mostras de não ver quanto ela o ama, parecendo abandoná-la como criatura que lhe não pertence, e afigura-se-lhe, no meio dos seus defeitos, das suas distrações e friezas, que Nosso Senhor lança contra ela esta exprobração: Como podes tu dizer que me amas, se a tua alma não está comigo? E esta repreensão é para ela uma seta de dor que lhe atravessa o coração, mas uma seta de dor que procede do amor: porque se ela não amasse, não se afligiria com a dúvida que tem de não amar.

Algumas vezes esta ferida de amor produz-se apenas pela lembrança que temos de haver outrora vivido sem amar a Deus: « *Quão tarde vos amei, formosura sempre antiga e sempre nova!* » dizia Santo Agostinho, que trinta anos viveu na heresia ⁽²⁾. A recordação da vida passada é horrível para aquele que viveu sem amar a suma Bondade.

O amor fere-nos também algumas vezes pela simples consideração do grande número dos que desprezam o amor de Deus, como aquele que dizia ⁽³⁾: *O meu zelo levou-me às portas da morte, porque os meus inimigos esqueceram-se das tuas palavras.* E o grande S. Francisco ⁽⁴⁾ um dia que julgava não ser ouvido de ninguém, chorava, soluçava e

(1) Anon., in vita S. Cat. Gén. (Parisiis, MDC), C, XIV. —

(2) Confess. S. Aug., 1. X, c. XXVII. — (3) Ps. CXVIII. — (4) Crónica Fratr. Min., 1. I, c. LXXXVI.

lamentava-se tanto, que, ouvindo-o uma boa criatura, correu em seu socorro, supondo que o queriam matar, e, vendo-o só, perguntou-lhe: Por que gritas tu assim? Ah! respondeu ele, «choro porque o Salvador sofreu muito por amor de nós, e ninguém pensa nisso!» Apenas disse estas palavras, continuou o seu pranto, e o bom do homem pôs-se também a gemer e a chorar com ele.

É, pois, realmente admirável como as feridas recebidas pelo divino amor, tornam agradável a sua dor; todos os que a tem sentido, assim o dizem, e não quereriam trocar essa dor por todas as doçuras do universo. No amor não há dor; ou se há dor, é uma dor querida e amada ⁽¹⁾.

Um dia, tendo um Serafim uma frecha de ouro de cuja ponta saía uma pequena chama, arremessou-a ao coração da bem-aventurada Madre Teresa, e quando quis tirá-la pareceu a esta Virgem que lhe arrancavam o peito, sendo a dor tão violenta que só teve forças para soltar fracos e débeis gemidos, embora ao mesmo tempo fosse uma dor tão amável que desejaria nunca mais deixar de a sentir. Tal foi a frecha de amor que Deus lançou ao coração da grande Santa Catarina de Génova, logo no princípio de sua conversão, e a deixou mudada, e como morta para o mundo e para as coisas criadas, para só viver para o seu Criador.

O meu amado é para mim como um ramalhete de mirra; ele morará no meu seio ⁽²⁾, como o mais amado de todos os bens amados.

CAPÍTULO XV

Da amorosa languidez do coração ferido do amor divino

É coisa bem conhecida que o amor humano não só possui a força de ferir o coração, mas torna o corpo mortal-

⁽¹⁾ S. Aug., De bono Vidult., c. XXI. — ⁽²⁾ Cant., I, 12.

mente enfermo, visto que, assim como a paixão e o temperamento do corpo podem incitar e arrastar a alma, assim também os affectos da alma podem alterar e transformar as qualidades do corpo. Além disso, o amor, quando é veeemente, impele com tal ímpeto a alma para o objecto amado, e occupa-a de forma tão exclusiva, que esta omite todas as suas outras operações, tanto sensitivas como intellectuais, de modo que, para nutrir e secundar este amor a alma parece abandonar todos os outros cuidados e exercícios, e até a si própria.

Por isso, disse Platão ⁽¹⁾, que o amor era pobre, roto, nu, descalço, miserável, sem casa, dormindo na rua, no chão, nos portais, sempre indigente. «*É pobre*», porque faz deixar tudo pelo objecto amado; «*não tem casa*» porque obriga a alma a sair do seu domicílio para continuamente seguir o seu amado; «*é miserável*» macilento, magro e fraco, porque faz perder o sono, o beber e o comer; «*é nú e descalço*» porque deixa todos os outros affectos para adoptar os affectos do objecto amado; *deita-se «na rua, no chão»* porque deixa a descoberto o coração, obrigando-o a manifestar as suas paixões por suspiros, e queixumes, louvores, desconfianças e zelos; *está estendido*, como um biltre, *nos portais*, porque leva o amante a estar perpetuamente atento aos olhos e aos lábios da pessoa que ama, e sempre preso aos seus ouvidos para lhe falar e mendigar finezas que nunca satisfazem. Em suma, a sua vida é ser sempre indigente; porque, se alguma vez se sentisse saciado, deixaria de ser ardente, e por consequência deixaria de ser amor.

Eu bem sei, Teotimo, que Platão falava deste modo referindo-se ao amor abjecto, vil e desprezível dos mundanos; todavia estas propriedades não deixam de se encontrar também no amor celeste e divino. Observemos um pouco os primeiros mestres da doutrina cristã, isto é, os primeiros doutores do santo amor evangélico, e ouçamos o que dizia o que de entre eles foi mais atormentado: *Até esta hora* ⁽²⁾ *padecemos fome, sede e nudez; somos esbofeteados, e não temos morada segura; tornámo-nos como a imundície deste*

(1) *Iu sympos.*, post medium. — (2) *I Cor. IV, II, 13.*

mundo, como a escoria de todos. Como se dissesse: Somos por tal forma abjectos, que, se o mundo é um palácio, nós somos considerados o lixo dele; se o mundo é uma maçã, nós somos as suas cascas. Quem os reduziu a esse estado? Foi o amor, o amor que apresentou S. Francisco nu diante do seu bispo, e o fez morrer nu sobre a terra nua; foi o amor que mandou o grande Francisco Xavier percorrer a Índia, o Japão, pobre, indigente e esfarrapado; foi o amor que reduziu o grande cardeal S. Carlos, arcebispo de Milão, àquela extrema pobreza no meio das grandes riquezas que lhe davam o seu nascimento e a sua dignidade, a ponto de o eloquente orador de Itália, monsenhor Panigarole ⁽¹⁾, dizer que ele era como um cão em casa do seu dono, comendo só um naco de pão, bebendo uma pouca de água e deitando-se sobre uma pouca de palha!

Ouçamos agora a santa Sulamita ⁽²⁾ dizendo: em razão das mil consolações que o meu amor me dá, sou *mais bela* que as ricas *tendas* do meu *Salomão*, quer dizer, mais bela que o Céu que não é mais do que um pavilhão inanimado da sua real Majestade, enquanto que eu sou o seu pavilhão animado: todavia estou toda *negra*, dilacerada, coberta de pó e manchada pelas muitas feridas e golpes que este mesmo amor me causou. Ah! *não olheis* à minha cor; sou *escura em verdade*, mas é porque o meu bem amado, que é o meu *sol*, dardejou sobre mim os raios do seu amor; raios que alumiam pela sua luz, mas que, pelos seus ardores, me crestaram e denegriram, e, ferindo-me com o seu esplendor, *me tiraram a cor*. A paixão amorosa torna-me sobremaneira feliz por me dar um tal esposo, qual é o meu rei; mas essa mesma paixão, que me faz as vezes de *mãe*, pois que foi só ela que me consorciou, e não os meus merecimentos, tem outros *filhos* que me atormentam com inexprimíveis lutas, reduzindo-me a tal estado de languidez, que, se por um lado me pareço com uma rainha ao lado de seu rei, também por outro sou como humilde camponesa que em pobre cabana guarda uma vinha, mas vinha que não lhe pertence.

Assim, Teotimo, quando as feridas e chagas do amor

(1) Orat. in Card. Borromeo (I). — (2) Cant., 1, 4, 5.

são fortes e frequentes, tornam-nos débeis e provocam em nós a amabilíssima enfermidade do amor.

Quem poderá jamais descrever os amorosos desfalecimentos das santas Catarinas de Sena e de Génova, ou de Santa Angela de Foligno, ou de Santa Catarina, ou da bem-aventurada madre Teresa, ou de S. Bernardo, ou de S. Francisco? A vida deste último foi uma vida de lágrimas, de suspiros, de gemidos, de desfalecimentos, lânguidos e amorosos. Mas nada é tão admirável em tudo isto, como a admirável comunicação que o dulcíssimo Jesus lhe fez de suas amorosas e preciosas dores pela impressão de suas chagas e estigmas ⁽¹⁾.

Tenho meditado muitas vezes sobre esta maravilha e dela tirei a seguinte consideração: Quando este grande servo de Deus, homem totalmente seráfico, viu a viva imagem do seu Salvador crucificado representada em effigie num luminoso Serafim que lhe appareceu no monte Alverne, enterneceu-se de tal forma que ficou dominado por uma consolação e uma compaixão indizíveis, pois, olhando para aquele formoso espelho de amor, que os anjos nunca podem *saciar-se de ver* ⁽²⁾, desfalecia de suavidade e de contentamento, mas, por outro lado, a viva representação das chagas e feridas de seu Salvador crucificado fazia-lhe sentir na alma aquella *espada* ⁽³⁾ impiedosa que traspassou o sagrado seio da Virgem mãe, no dia da Paixão, com tanta dor interior como se tivesse sido crucificado com o seu caríssimo Salvador. Oh! meu Deus! se a imagem de Abraão, alçando o cutelo sobre o seu querido filho único, para o sacrificar, imagem feita por um pintor mortal, tinha o poder de enternecer e de excitar as lágrimas do grande S. Gregório, bispo de Niceia, todas as vezes que a contemplava ⁽⁴⁾, quão extrema foi a terna compaixão do grande S. Francisco ao ver a imagem de Nosso Senhor sacrificada sobre a cruz! imagem tirada e reproduzida do seu próprio original, não por um homem mas pela mão dum Serafim celeste, representando tão vivamente e ao natural o divino Rei dos anjos, pisado, ferido, traspasado, oprimido e crucificado?

(1) S. Bonavent., Vita. S. Franc., c. XIII. — (2) I Petri, I, 12. — (3) Lucas, II, 35. — (4) Orat. de Deit. Fil, et Spir. S.^{ti}, versus finem.

Esta alma assim abatida, enternecida e quase totalmente absorta nesta amorosa dor, estava disposta a receber as impressões e sinais do amor e da dor do seu soberano amante; a memória toda embebida na recordação deste divino amor, a imaginação impelida a representar as feridas e contusões que os olhos então viam perfeitamente esculpidas na imagem presente; o entendimento recebe as ideias vivas fornecidas pela imaginação, e o amor, enfim, identificara-se de tal forma com as dores da Paixão do Bem-Amado que a sua alma se achava como que transformada num segundo crucifixo.

E como a alma é que vivifica o corpo, conseguiu, no seráfico S. Francisco, imprimir as dores das chagas de que estava ferida, nas partes correspondentes àquelas em que o seu amante as havia sofrido. O amor é realmente admirável para excitar a imaginação até ao ponto de esta reagir no exterior; pois não se tem visto, por causa duma grande amargura, homens envelhecerem numa noite e arruinarem a sua saúde?

O amor, pois, fez passar ao exterior os tormentos interiores desse grande amante S. Francisco, traspassando-lhe o corpo com a mesma seta de dor com que lhe havia ferido o coração. Mas como não era possível ao amor trazer à superfície do corpo as feridas que tinha dentro, veio um ardente Serafim em seu socorro, o qual lhe dardejou raios de um ardor tão intenso e penetrante, que produziu realmente na carne as chagas exteriores do crucifixo que o amor havia imprimido interiormente na alma. Assim o Serafim, ao ver que Isaías não ousava começar a falar, porque sentia manchados os lábios, veio em nome de Deus purificar-lhos com um carvão que tirou do altar, favorecendo desta forma o desejo do Profeta ⁽¹⁾.

Assim como a mirra, que produz o seu primeiro licor por uma espécie de suor e de transpiração, é necessário fazer-lhe uma incisão para se lhe extrair todo o suco: assim também o amor divino de S. Francisco se manifestou toda a sua vida em forma de suor, porque todas as suas acções só

(1) Is., VI, 5-7.

respiravam esta sagrada dilecção; mas para tornar inteiramente manifesta a sua incomparável intensidade, veio o celeste Serafim rasgá-lo e feri-lo. Foi para que se soubesse que as suas chagas eram chagas de amor do Céu, que elas foram produzidas não pelo ferro, mas pelos raios de luz. Oh! Deus! Teotimo, que amorosas dores e que dolorosos amores! porque não sòmente naquela ocasião, mas em todo o decurso da sua vida, este pobre sofreu sempre e viveu fraco, desfalecido e arrastando-se como profundamente ferido de amor.

O bem-aventurado Filipe Neri, na idade de oitenta anos, teve uma tal inflamação de coração causada pelos ardores do amor divino, que o calor, concentrando-se nas costelas, dilatou-as tão fortemente que quebrou a quarta e a quinta para lhe facilitar a entrada do ar e poder melhor respirar. O bem-aventurado Estanislau Kostka, jovem de catorze anos, tinha tão grandes acessos do amor de seu Salvador, que muitas vezes caiu em delíquios, e era obrigado a aplicar sobre o peito panos molhados em água fria para moderar a violência do ardor que sentia. E, numa palavra, julgaís vós possível, Teotimo, que uma alma que teve uma vez a dita de provar as consolações divinas, possa viver neste mundo rodeado de tantas misérias, sem dor e tristeza quase perpétua?

Ouviu-se muitas vezes o grande homem de Deus, Francisco Xavier, elevar desta forma a voz ao Céu, julgando-se só: «Ah! meu Senhor, por compaixão não me cumuleis com tão grande abundância de consolações; ou, se por vossa infinita bondade, vos apraz deste modo fazer-me trasbordar em delícias, levai-me para o Paraíso; pois quem uma vez experimentou intimamente a vossa doçura não pode mais deixar de viver em amargura, enquanto não goza de vós ⁽¹⁾».

Quando, pois, Deus dispensa largamente a uma alma as suas divinas doçuras e depois lhas tira, fere-a com essa privação, e ela, na sua dor e tristeza, exclama com David:

(1) Tursellin., Vita S. Franc. Xav., 1. VI, c. V.

De saudade consumido,
Só me consola a lembrança
A doce e terna esperança
De que um dia te verei:
Qual será minha alegria
Nesse dia afortunado!
Com que gozo transportado
Teus louvores cantarei! ⁽¹⁾

E com o grande Apóstolo ⁽²⁾ :
Infeliz homem que eu sou ! quem me livrará deste corpo mortal ? !
Bendito seja Deus !

FIM DO LIVRO SEXTO

⁽¹⁾ Ps. XLI, 3 — trad. do P.^o Pereira de Sousa Caldas. — ⁽²⁾ Rom., VII, 24.

LIVRO SÉTIMO

UNIÃO DA ALMA COM DEUS APERFEIÇOADA PELA ORAÇÃO

CAPÍTULO I

Como o amor produz a união da alma com Deus por meio da oração

Não falarei aqui da união geral do coração com Deus, mas de certos actos e moções particulares que a alma devotada a Deus efectua por meio da oração, para se unir e ligar cada vez mais à sua divina bondade.

Efectivamente, existe diferença entre unir e ligar uma coisa à outra, e apertar e comprimir uma coisa contra outra ou sobre outra. Na verdade, para ligar e unir basta a simples aplicação de um objecto a outro, de modo que se toquem e permaneçam juntos, como as vides aos olmos e os jasmims às latadas dos caramanchéis, que se fazem nos jardins. Para apertar e comprimir é preciso fazer uma aplicação forte que acrescente e reforce a união: de modo que apertar é juntar-se íntima e fortemente, como observamos na hera que se aperta contra as árvores, pois não se contenta com unir-se, mas agarra-se e comprime-se com tal força contra elas que lhes penetra dentro da própria casca.

A comparação do amor das criancinhas para com suas mães não se deve pôr de parte, em virtude da sua inocência e pureza. Contemplai o inocente a quem a mãe, sentada, dá

o peito: lança-se com força nos braços dela, erguendo e dobrando o corpo débil nesse colo e contra esse peito amável; e vede agora a mãe como o aperta ao recebê-lo, e para assim dizer, como o cola ao seio e une a sua boca à dele, beijando-a. Mas reparai como o pequenito, por seu turno, atraído pelas carícias maternas, coopera da sua parte para a união da mãe com ele! como se aperta também e comprime, quanto cabe em suas forças, contra o peito e o rosto da mãe, parecendo querer esconder-se e sepultar-se naquele agradável seio donde procedeu!

Ora, pois, Teotimo, só é perfeita a união mútua que procede tanto da mãe como do filho. No entretanto, não há dúvida de que ela depende quase totalmente da mãe, que foi a primeira a atrair a si o filho e antes o apertou nos braços e o comprimiu contra o peito. As forças do inocente não são tantas que bastassem para poder ele apertar-se e comprimir-se com igual força contra a mãe. Todavia o pequenino por sua parte faz quanto pode e junta-se com toda a força ao seio materno, não só consentindo na doce união que a mãe efectua, mas contribuindo de todo o coração para ela com os seus fracos esforços; e digo fracos esforços, pois que, por serem tão débeis, mais parecem tentativas de união, que propriamente uma união.

Assim, Teotimo, Nosso Senhor mostrando o amabilíssimo seio do seu divino amor à alma devota, atraí-a toda a si, prende-a, e, por assim dizer, enrosca todas as potências dela no regaço da sua doçura mais que materna: depois, abrasado de amor, estreita a alma, aperta-a e cola-a aos seus lábios de suavidade e contra aquele peito delicioso, beijando-a com o sagrado *beijo da sua boca* e fazendo-a saborear o leite do seu seio, *mais saboroso que o vinho* ⁽¹⁾.

Então a alma, acariciada pelas delícias destes favores, não só consente e se presta à união que Deus efectua, mas com todo o seu poder coopera e se esforça por juntar-se e apertar-se cada vez mais à divina bondade. E contudo ela reconhece de sobra que a sua união e ligação a esta soberana doçura depende toda da operação divina, sem a qual não

(1) Cant., 1, 1.

poderia sequer fazer a menor das tentativas para se lhe unir.

Quando se vê uma esquisita beleza contemplada ardentemente, uma melodia singular escutada com grande atenção, ou um primoroso discurso ouvido com extraordinário entusiasmo, diz-se que essa beleza tem presos a si os olhos dos espectadores, a música cativos os ouvidos e o discurso arrebatados os corações do auditório. Que quer dizer ter presos os olhos, cativos os ouvidos e arrebatados os corações, senão unir e ligar fortemente os sentidos e potências, de que se fala, aos seus objectos?

A alma, pois, une-se e liga-se tanto mais ao seu objecto quanto maior for o entusiasmo da sua afeição; porque a acção de apertar-se não é senão o progresso e adiantamento da união e junção. Usa-se mesmo desta palavra, em estilo familiar: fulano aperta-me para que faça isto ou aquilo, ou aperta-me para que fique; isto é, não emprega só a persuasão ou o rogo, mas emprega-o com veemência e esforço: como fizeram os peregrinos em Emaús, que não somente pediram a Nosso Senhor, mas o *apertaram* e forçaram, *obrigando-o* com amorosa violência a ficar em casa deles ⁽¹⁾.

Ora, por meio da oração, a união efectua-se a pequenos mas amiudados passos e avanços da alma para Deus. E se atentardes nas criancinhas unidas e coladas ao seio das mães, notareis que, de espaço a espaço, se apertam e estreitam por pequenos impulsos que o prazer de sugar o leite lhes provoca; igualmente na oração, o coração unido ao seu Deus frequentes vezes reforça a união por meio de movimentos com que mais se aperta e estreita à sua divina doçura.

Assim, por exemplo, tendo a alma permanecido demoradamente no sentimento de união pelo qual saboreia a felicidade de pertencer a Deus, aumentando por fim essa união num amplexo de cordial dedicação, dirá: Sim, Senhor, sou vossa, toda, toda, sem excepção; ou então: Ah! Senhor, pertenço-vos sem reserva, e quero pertencer-vos cada vez mais. Ou ainda, à maneira de súplica: Ó doce Jesus! atraí-me cada vez mais ao vosso coração, para que o vosso

(1) Luc., ult., 29.

amor me absorva e eu seja completamente abismada na sua doçura.

Mas outras vezes faz-se a união, não por impulsos repetidos, mas à maneira duma contínua e insensível pressão e avanço do coração para a divina bondade. Como sabemos, uma grande e pesada mole de chumbo, de bronze ou de pedra, ainda que não seja impelida, comprime-se e aperta-se de tal modo contra o solo sobre o qual assenta, que por fim, com o tempo, se encontra de todo enterrada. A causa disto é a inclinação do seu peso que, pela lei da gravidade, a faz tender sempre para o centro. Também o nosso coração, uma vez unido ao seu Deus, se permanecer nessa união e não tiver nada a distraí-lo, vai-se internando continuamente, por um insensível progresso de união, até que permanece sempre com Deus, em virtude da inclinação sagrada que o santo amor lhe dá de se unir cada vez mais à soberana bondade; porque, como diz o grande apóstolo de França ⁽¹⁾, «o amor é uma virtude unitiva», o que quer dizer que nos leva à perfeita união com o soberano bem.

E sendo uma verdade incontestável que o divino amor, enquanto estamos neste mundo é um movimento, ou pelo menos um hábito activo e tendente ao movimento, quando efectuada apenas a simples união, não deixa de actuar, ainda que imperceptivelmente, para aumentar e aperfeiçoar-se cada vez mais.

As árvores de transplantação, apenas são mudadas de terreno, estendem as raízes e penetram bem fundo no seio da terra, que é o seu elemento e alimento, sem que ninguém perceba essa operação enquanto ela se faz, mas apenas quando estiver efectuada.

E o coração humano, transplantado do mundo para Deus pelo celeste amor, se se excitar muito na oração, com certeza se prolongará continuamente e se ligará à Divindade, unindo-se à sua bondade cada vez mais, mas por impulsos tão imperceptíveis que não se lhe nota facilmente avanço enquanto se não realiza, mas só quando realizado. Se beberdes um licor esquisito, água imperial, por exemplo, a simples união

(1) De Divin. Nomin., c. IV, § XV.

dela convosco far-se-á ao mesmo tempo que a absorverdes, porque a recepção e união são uma e a mesma coisa neste caso; mas bebendo-a a pequenos tragos, essa união aumentará por um progresso imperceptivelmente sensível, porque a virtude da água, ao penetrar por todos os lados, conforta o cérebro, revigora o coração e estende a sua força a todas as vossas faculdades.

Assim um sentimento de dilecção — por exemplo: como Deus é bom! — ao entrar em nosso coração, une-se em primeiro lugar com essa bondade; mas demorando-se um pouco, penetra como perfume precioso em todos os âmbitos da nossa alma, exala-se e dilata-se-nos na vontade, e, deixai-me dizer assim, incarna-se no nosso espírito, ligando-se e comprimindo-se por todos os lados cada vez mais a nós, e unindo-nos portanto a ele.

E é o que nos ensina o grande David quanto compara as sagradas palavras ao *mel* ⁽¹⁾; porque quem é que não sabe que a doçura do mel se identifica ao nosso paladar por um progresso contínuo de sabor, quando o demoramos muito na boca, ou o absorvemos devagarinho?

O mesmo succede com o sentimento da bondade celeste, expresso nesta frase de S. Bruno: *Ó Bondade!* ou na de S. Tomé: *Meu Senhor e meu Deus!* ⁽²⁾ ou na de Madalena: *Ah! meu Mestre!* ⁽³⁾ ou na de S. Francisco: *Meu Deus e meu tudo!* ⁽⁴⁾ Este sentimento, dizia eu, permanecendo com demora num coração amoroso, dilata-se, estende-se, entranha-se com íntima penetração no espírito, e cada vez mais lhe dilui o sabor próprio, o que não é mais do que crescer em união; como faz o unguento precioso ou o bálsamo que, derramado no algodão, se mistura e une a ele de tal modo, pouco a pouco, mas cada vez mais, que por fim se não pode distinguir, se o algodão é perfumado ou se é perfume, nem se o perfume é algodão ou o algodão perfume.

Oh! como é feliz a alma que na tranquillidade do seu coração conserva amorosamente o sentimento sagrado da presença de Deus! A sua união com a bondade divina crescerá

(1) Ps. CXVIII, 103. — (2) Joan., XX, 28. — (3) Ibid., v. 16. —

(4) Ubi supra, l. VI, c. V.

perpetuamente, ainda que insensivelmente, e há-de diluir-se-lhe no espírito toda a infinita suavidade desse sentimento.

Ora, quando falo do sagrado sentimento da presença de Deus, neste lugar, não quero falar do sentimento sensível, mas do que reside na mais alta e suprema extremidade do espírito, onde o divino amor impera e principalmente se exerce.

CAPÍTULO II

Os diversos graus da união santa feita por meio da oração

A união faz-se algumas vezes sem nós cooperarmos nela, como simples consequência, deixando-nos unir sem resistência à divina bondade; como uma criancinha apaixonada pelo regaço da mãe, mas de tal modo desfalecida que não tem acção para se aproximar dele ou a ele se agarrar, e se contenta apenas com ser tomada e enleada nos braços da mãe e por ela bem cingida contra o peito.

As vezes cooperamos, porque, sentindo-nos atraídos, corremos ⁽¹⁾ voluntariamente a secundar a doce força da bondade que nos chama e, por seu amor, nos abraça.

Outras vezes parece-nos que começamos a unir-nos e a estreitar-nos a Deus sem que ele se una e estreite a nós, porque sentimos a acção da união do nosso lado, sem percebermos a que se faz pela parte de Deus. E todavia, sem dúvida alguma é Ele que nos ampara sempre, ainda que nem sempre sintamos esse amparo, porque, se Deus se não unisse a nós, jamais nos uniríamos a Ele. Descobre-nos e apossa-se de nós sempre, antes que nós o descobramos e nos apossomos d'Ele. Mas quando, seguindo os seus atractivos imperceptíveis, começamos a unir-nos a Deus, Ele aumenta às vezes o avanço dessa união, socorrendo a nossa fraqueza e

(1) Cant., I, 3.

estreitando-se sensivelmente a nós. Então compreendemos que Ele entra e penetra em nosso coração por uma suavidade incomparável.

Outras vezes ainda, como nos atraíu insensivelmente à união, continua insensivelmente a ajudar-nos e a socorrer-nos, e nós não sabemos como se opera tão grande união, mas sabemos perfeitamente que as nossas forças não eram suficientes para a operar: e por aí avaliamos bem que um secreto poder actua insensivelmente em nós. Os pilotos que conduzem ferro, quando, com fraco vento, sentem os navios singrar com energia, conhecem que estão perto das montanhas de imã que os atraem fortemente e vêem por esse modo um evidente e imperceptível avanço, proveniente de uma origem oculta e inexplicável.

De igual modo, quando verificamos que o nosso espírito se une cada vez mais a Deus, por pequenos esforços da nossa vontade, nós avaliamos bem que temos muito pouco vento para singrar tanto, e que é preciso que o Amante das nossas almas nos atraia pela influência secreta da sua graça, a qual Ele quer que nos seja imperceptível para ser mais admirável, e que, sem nos deleitar com a sensação dos seus encantos, nós nos ocupemos mais pura e simplesmente em unir-nos à sua bondade.

Faz-se ainda algumas vezes essa união tão insensivelmente que nem o nosso coração se apercebe da acção divina em nós, nem da própria cooperação, antes a encontra totalmente realizada, à imitação da de Jacob, que, sem pensar nisso, se achou casado com Lia; ou antes, qual outro Sansão, bem mais feliz, que se encontra ligado e apertado com as cordas da santa união, sem disso dar tento. E casos há em que sentimos os laços: a união faz-se por actos sensíveis, tanto da parte de Deus como da nossa.

Algumas vezes faz-se a união só pela vontade e só na vontade, sem que a inteligência tome parte, porque a vontade a arrasta e a aplica ao seu alvo, dando-lhe especial prazer em a contemplar, como vemos o amor incutir profunda e especial atenção nos olhos corporais, para os fixar na contemplação do que amamos.

Outras vezes essa união faz-se com todas as faculdades da alma, que se juntam à volta da vontade, não para se

unirem a Deus, que disse não são capazes, mas para dar à vontade mais facilidade em efectuar a união. Se as outras faculdades estivessem applicadas cada uma a seu objecto, a alma, operando por meio delas, não poderia tão perfeitamente efectuar o acto, que produz a união com Deus.

Há grande variedade de uniões.

Vede S. Marçal (foi este, como dizem, a bem-aventurada criança de que se fala em S. Marcos) ⁽¹⁾: Nosso Senhor pega nele, levanta-o e conserva-o muito tempo nos braços. Oh! Marçal, que felicidade a tua! Jesus ergueu-te até ao coração, uniu-te a ele, bem apertado, e beijou-te com seus divinos lábios! E contudo, nessa união, tu apenas cooperaste por lhe não opores resistência.

Com S. Simeão dá-se precisamente o contrário: é o Santo que abraça e estreita Nosso Senhor ao peito ⁽²⁾, sem que o Senhor desse mostras de cooperar nessa união.

Mas, apesar disso, a Santa Igreja canta ⁽³⁾ o seguinte: «O velho levava o Menino, mas era o Menino que dirigia o velho».

S. Boaventura, compenetrado da mais extrema humildade, não só se esquivava a unir-se ao seu Salvador, como até se sentia indigno de estar em sua presença real, no Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Porém, um dia, quando o Santo ouvia missa devotamente, Jesus foi, no pão eucarístico, unir-se ao seu eleito.

Perante este prodígio de amor, imagina, Teotimo, os extremos de ternura com que aquella alma santa apertou o seu Salvador ao coração!

Ao inverso, Santa Catarina de Sena, desejando ardentemente receber a Nosso Senhor na santa Comunhão, acendrava a sua alma em tão entranhados e íntimos affectos, que Jesus veio juntar-se-lhe, entrando em sua boca com mil bênçãos.

Podemos à vista destes factos, asseverar que foi Nosso Senhor que iniciou a união com S. Boaventura, ao passo que Santa Catarina foi quem começou a que teve com o seu Salvador.

A sagrada amante do Cântico fala de modo a provar

(1) Cap. IX, 35. (Vide supra, 1. I, c. IX). — (2) Luc., II, 28.
(3) Ad primas Vesp. et ad Matut. in festo Purif.

que praticou a união de ambos os modos: *Pertencço inteiramente ao meu Amado*, diz ela ⁽¹⁾, e *ele retribui-me, voltando-se para mim*.

É como se dissesse: Estou unida ao meu divino Amor, e ele, volvendo-se para a sua serva, completa essa união. *O meu querido Amigo é para mim como um ramo de mirra, que hei-de conservar no peito* ⁽²⁾, e hei-de apertá-lo ao seio, como penhor de suavidade.

A minha alma, diz David ⁽³⁾, *uniu-se a vós, meu Deus, e a vossa mão direita procurou-me e tomou posse de mim*.

Noutro lugar, confessa que está recompensada, dizendo: *O meu querido Amigo pertence-me inteiramente e eu também sou toda sua* ⁽⁴⁾: efectuamos uma santa união, pela qual ele se liga a mim e eu a ele.

É para mostrar que não há união que se não faça pela graça de Deus, que é quem nos chama a si, e que com seus atractivos move a nossa alma e anima os impulsos da nossa união para Ele, exclama ⁽⁵⁾, como se nada pudesse: *Atraí-me!*

Mas para provar que não quer ser levada inconsciente como uma pedra, ou submissa como um escravo, diz querer aliar a sua fraca iniciativa aos atractivos poderosos do divino Amante: *correremos após o aroma de vossos perfumes*. Para demonstrar que, quando a alma é arrastada imperiosamente pela vontade, as demais faculdades acodem a essa união, acrescenta: *Atraí-me e nós correremos*. O Esposo chama apenas a vontade: é a vontade que Deus quer, mas as outras faculdades vão após, para se identificarem na mesma união.

Era a uma tal união que o divino Pastor das almas convidava a sua querida Sulamita, quando lhe dizia ⁽⁶⁾: *Põe-me como um selo em teu coração, como um sinete no teu braço*.

Para bem se imprimir um sinete na cera, não basta applicá-lo; aperta-se com força. Deus, também quer que nos unamos a Ele em tão estreita, tão íntima união que em nós fiquem impressas as suas feições.

O santo amor de Jesus *obriga-nos* ⁽⁷⁾. Oh! meu Deus!

(1) Cap. VII, 10. — (2) Cant., I, 12. — (3) Ps. LXII, 9. — (4) Cant., II, 16. — (5) Ibid., I, 3. — (6) Cant., VIII, 6. — (7) II Cor., V, 14.

em Vós, encontramos todos os exemplos da mais perfeita união! Vós unistes-vos à nossa natureza humana por favor, como uma vide se agarra ao olmo, para a tornar, em certo modo, participante de seus frutos.

Destruída pelo pecado de Adão, Vós realizastes uma união ainda mais completa, incarnando no puríssimo ventre de Maria.

Assim ficava a natureza humana para sempre unida, em unidade de pessoa, à Divindade. Mas Vós querieis mais: querieis que todos os homens pudessem unir-se intimamente à vossa bondade, e instituístes o Sacramento da santíssima Eucaristia, da qual podem todos participar, para unir a si o seu Salvador, em forma de carne.

Ah! Teotimo, essa união sacramental, solicita-nos e é a mágica escada para a união espiritual de que vamos tratar.

CAPÍTULO III

O supremo grau de união, pela suspensão e arrebatamento

Quer a união da nossa alma com Deus se faça perceptível quer imperceptivelmente, Deus é sempre o seu autor.

Ninguém pode unir-se a Deus, sem Deus descer sobre ele, nem subir até Deus sem por Ele ser atraído, como testemunha o divino Esposo, quando diz ⁽¹⁾: *Ninguém pode vir a mim sem que meu Pai o chame.* A celeste Esposa também o afirma, dizendo ⁽²⁾: *Atraí-me, e nós correremos ao aroma dos vossos perfumes.*

Ora a perfeição desta união consiste em dois pontos: em ser grande e em ser pura. Eu posso aproximar-me duma pessoa para lhe falar, para a ver melhor, para obter qualquer coisa dela, para sentir os perfumes que traz, para amparar a minha fraqueza.

(1) Joan., VI, 44. — (2) Cant., I, 3.

Mas essa aproximação e união não era o meu fim principal: eu procurava um meio, servia-me duma coisa como disposição para obter outra. Se eu me aproximar dela e a ela me unir sem outro fim senão o de gozar da sua proximidade e união, então é uma união pura e simples.

Assim, muitos são os que se aproximam de Nosso Senhor: uns para o ouvir, como Madalena; outros para serem curados, como a hemorroíssa; outros para o adorar, como os Magos; outros para o servir, como Marta; outros para vencer a sua incredulidade, como S. Tomé; outros para o perfumar, como Madalena, José e Nicodemos. Porém, a sua divina Sulamita procura-o para o encontrar; tendo-o encontrado, não quer senão tê-lo bem seguro e, segurando-o, não mais o perder: *Possuo-o*, diz ela ⁽¹⁾, *e não mais o abandonarei*.

Jacob, diz S. Bernardo ⁽²⁾, tendo a Deus em sua posse, conforma-se com separar-se d'Ele, contanto que receba a sua bênção ⁽³⁾; mas a Sulamita não O deixará por bênção alguma que Ele lhe dê, porque não quer as bênçãos de Deus, mas sim o Deus das bênçãos, dizendo com David ⁽⁴⁾: *Que há no céu para mim, ou que quero eu na terra senão a vós? vós sois o Deus do meu coração e a minha herança para toda a eternidade*.

Assim foi a gloriosa Mãe aos pés da cruz ⁽⁵⁾ de seu Filho. Ah, que procurais vós, ó Mãe da vida, neste monte Calvário, neste lugar de morte? «Procuro, disse ela, o meu Filho, que é a vida da minha vida». E para que o procurais? «Para estar junto dele». Mas agora está Jesus entre *as tristezas da morte* ⁽⁶⁾. «Ah, não são alegrias o que eu procuro, é a ele só; e por toda a parte o meu coração amoroso me faz buscar a companhia desse Filho tão amado». Em resumo, a pretensão única da alma nesta união, resume-se em estar com o seu Amado.

Mas quando a união da alma com Deus é fortemente estreita, ou íntima, chamam-lhe os teólogos inesão ou adesão, porque em virtude dela fica a alma unida e inerente à divina Majestade, de modo que difficilmente se pode desprender e

(1) Cant., III, 4. — (2) Hom. LXXIX in Cant., § 4. — (3) Gen., XXXII, 26. — (4) Ps. LXXII, 25, 26. — (5) Joan., XIX, 25. — (6) Ps. XVII, 5, CXIV, 3.

apartar. Repara tu num homem suspenso da suavidade duma música harmoniosa, ou absorto nessa extravagante ninharia do jogo: queres retirá-lo e não podes; ainda que o chamassem graves negócios, ele ficaria, esquecendo-se inclusivamente de comer e de beber!

Pois bem; quanto mais não deve estar presa e absorta a alma, verdadeiramente amante do seu Deus, nesses períodos de perfeita união com a infinita Doçura, toda enlevada no gozo das incomparáveis perfeições da Divindade!

Foi num deles que o grande eleito, S. Paulo, exclamou: *Para viver para Deus, preguei-me à cruz com Jesus Cristo* ⁽¹⁾. E assim afirma ele que nem a morte tem o poder de o separar do seu divino Mestre ⁽²⁾.

David e Jónatas também se amaram com semelhante união; até se disse ⁽³⁾ que *a alma de Jónatas fora juntar-se à de David*. Houve um axioma muito celebrado pelos Padres da antiguidade que dizia não ser verdadeira a amizade que tem fim. Já noutro lugar me referi a este ponto.

Eu só quero que repares, caro Teotimo, numa criança agarrada ao pescoço da mãe; se houver quem pretenda tirá-la dali para a deitar no berço, ela esforça-se, luta para não deixar aquele seio amoroso; se lhe desprendem uma das mãos, agarra-se com a outra, e se por fim conseguem arrebatá-la à força, chorará de mágoa e fixará o coração e os olhos onde não pode conservar o corpo. Clamando sempre pela sua querida mãe, adormece finalmente a poder de muito a embalarem.

O mesmo sucede com a alma que, pelo exercício da união, atingiu a perfeição de se ligar e prender à divina Bondade. Só com muito custo, quase à força, lograrão arrancá-la à contemplação; por si mesma não se aparta. Se lhe desviarem a imagem, prender-se-á pela inteligência; se lhe provocarem a inteligência, prender-se-á pela vontade; e se lhe fizerem desviar a vontade por meio de qualquer distracção violenta, ela continuará a voltar-se a cada passo, para o lado do querido objecto, de que não pode apartar-se totalmente, esforçando-se por reforçar os doces laços da união com eles

(1) Galat., II, 19. — (2) Rom., VIII, 38, 39. — (3) I Reg., VIII, 1.

em surtos interiores e furtivos. Experimentará então a angústia de S. Paulo ⁽¹⁾, porque se vê apertada entre dois desejos: desviar-se de toda e qualquer ocupação exterior para *permanecer* no seu íntimo *com Jesus Cristo*, e entregar-se, por outro lado à obra de obediência que a própria união com Jesus Cristo lhe impõe como indispensável.

Ora, a bem-aventurada Madre Teresa diz com muito fundamento ⁽²⁾, que a união chegada até à perfeição de nos ter presos e unidos a Nosso Senhor, não faz diferença do arrebatamento, suspensão ou inclinação de espírito.

Chama-se simplesmente união, suspensão ou inclinação por durar pouco; e quando é longa, diz-se êxtase ou arrebatamento. Efectivamente a alma ligada ao seu Deus com tanta firmeza e tão cativa que se não pode facilmente desprender, já não está em si mesma, mas em Deus; é como um corpo crucificado, que não existe em si próprio mas na cruz, e como a hera agarrada à parede, que não está em si, mas na parede.

Porém, para evitar qualquer equívoco, fica sabendo, Teotimo, que a *caridade* é um laço e um *laço de perfeição* ⁽³⁾; e que, quanto mais caridade houver, mais unido e ligado se está a Deus. Ora não falamos daquela união que é permanente em nós à maneira de hábito, quer estejamos dormindo quer acordados; falamos da união que se efectua por um acto, e é um dos exercícios da caridade e da dilecção.

Imagina, pois, que S. Paulo, Santo Agostinho, S. Bernardo, S. Francisco, Santa Catarina de Génova ou a de Sena estão ainda neste mundo e que dormem, de cansados, depois de muitos trabalhos por amor de Deus; afigura-te, por outro lado, que uma boa alma, mas não tão santa como eles, estivesse em prece de união ao mesmo tempo; pergunto, meu caro Teotimo, quem é que está mais unido, mais ligado a Deus, algum desses grandes Santos que dormem, ou aquela alma que ora? Com certeza são estes admiráveis amantes, porque têm mais caridade, e os seus affectos, ainda que adormecidos em certo modo, estão dirigidos e ligados ao seu Senhor, por dele serem inseparáveis. Mas, dir-me-ás, como se pode conceber que uma alma em súplica de união, até

(1) Philip., I, 23. — (2) Vita, cc. XVIII, XX. — (3) Coloss., III, 14.

mesmo em êxtase, esteja menos unida a Deus do que os que dormem, ainda que sejam santos?

Pois eu te digo, Teotimo: aquela alma avança no exercício da união, e estes já se adiantaram há muito; estes já estão unidos, não se unem agora, porque dormem, e aquela procura unir-se, e para esse fim está em exercício e na prática actual da união.

Insistindo: este exercício de união com Deus pode praticar-se mesmo por meio de orações jaculatórias feitas com essa intenção: Ah, Jesus, quem me dera a graça de convosco formar um só espírito! Enfim, Senhor, desprezando todas as criaturas, não quero senão a vossa união! Ó Deus, só vós sois a união necessária à minha alma! (1) Ah! querido amor do meu coração, uni a minha pobre alma à vossa bondade! Oh! vós sois todo meu; quando vos pertencerei eu inteiramente? O imã atrai o ferro e prende-o: oh! Senhor Jesus, meu Amante, sede o imã do meu coração, chamai, predeí, uni para sempre o meu espírito ao vosso peito paterno! Ah! já que fui feito para vós, por que não estou já em vós? Abismai esta gota de espírito que me destes, dentro do mar da vossa bondade, que a gerou! Ah, Senhor, já que o vosso Coração me ama, por que me não arrebatava para si, visto eu o desejar tanto?! *Atraí-me* e eu correrei na esteira dos vossos encantos, para me lançar nos vossos braços paternos e deles me não separar jamais pelos séculos dos séculos. Amen.

CAPÍTULO IV

O arrebatamento e a sua primeira espécie

O êxtase chama-se arrebatamento, quando por meio dele Deus nos atrai e eleva até si; e o arrebatamento tem o nome de êxtase logo que ficamos fora e acima de nós mesmos, para nos unirmos a Deus.

(1) Luc. X, 42.

Os encantos que nos atraem da parte de Deus são admiravelmente doces, suaves e deliciosos. A beleza e bondade divina, para atrair a nossa atenção e aplicação do espírito, tem tal força que, não só nos eleva, mas nos arrebatava e transporta.

Por outro lado, em razão do consentimento da vontade e ardente movimento pelo qual a alma arrebatada corre após os atractivos divinos, parece que não sobe apenas e se eleva, mas se lança e projecta para fora de si e se absorve na própria Divindade.

E o mesmo succede no vil êxtase ou abominável arrebatamento que se apodera da alma seduzida pelas carícias dos prazeres sensuais; esta perdeu a própria dignidade espiritual e desceu da sua condição natural. Enquanto voluntariamente seguir essa torpe voluptuosidade e se precipitar para fora de si mesma, isto é, fora do estado espiritual, diz-se que está em êxtase sensual. Enquanto os afagos e deleites sensuais a atraem fortemente, e, por assim dizer, a arrastam a tão baixa e vil condição, diz-se transportada para fora de si, porque essas voluptuosidades bestiais privam-na do uso da razão e da inteligência com tão furiosa violência que, como diz um dos maiores filósofos ⁽¹⁾, o homem nessa conjuntura parece caído em epilepsia, de tal modo o espírito fica absorto e como que extraviado. *Ó homens, até quando* ⁽²⁾ sereis vós tão insensatos que queirais aviltar a vossa dignidade natural, descendo voluntariamente, e precipitando-vos na condição de animais irracionais?

Mas, meu querido Teotimo, enquanto aos êxtases sagrados, há-os de três espécies: um é do entendimento; outro, do affecto; o terceiro, da acção; um está no esplendor, o outro no fervor e o terceiro nas obras; o primeiro faz-se pela admiração, pela devoção o segundo, e o terceiro pela operação. A admiração dá-se em nós quando encontramos uma verdade nova, que não conhecíamos nem esperávamos conhecer; e se, à nova verdade que se nos depara, está junta a beleza e a bondade, a admiração que resulta do conjunto é altamente deliciosa. Foi assim que a rainha de Sabá, encon-

(1) Hipocrates, ubi de hac materia. — (2) Ps. IV, 3.

trando em Salomão mais verdadeira sabedoria do que tinha imaginado, ficou cheia de admiração ⁽¹⁾.

Os Judeus, ao verem em o Nosso Salvador uma ciência que nunca supuseram existir, sentiram-se possuídos de grande admiração ⁽²⁾. Quando, pois, apraz à divina Bondade dar ao nosso entendimento alguma luz especial, por meio da qual venha a contemplar os mistérios divinos por uma contemplação extraordinária e muito elevada, então, vendo neles mais beleza do que lhe fora dado imaginar, enche-se de admiração.

Ora a admiração das coisas agradáveis prende fortemente o espírito ao objecto admirado, tanto pela excelência da beleza que nele descobre, como pela novidade dessa excelência. O entendimento não se pode saciar de ver o que nunca tinha visto, e cuja visão é tão agradável. Além disso, Deus dá às vezes à alma uma luz clara e de intensidade crescente como a da aurora. Como aqueles que encontram uma mina de ouro a escavam cada vez mais fundo, na ânsia de possuir o desejado metal, assim o entendimento vai progressivamente crescendo na consideração e admiração do seu divino objecto.

A admiração deu origem à filosofia, à atenta pesquisa das coisas naturais e também à contemplação e à teologia mística. E desde que esta admiração, sendo verdadeira, nos eleva acima de nós, pela firme atenção e aplicação do entendimento às coisas celestes, tem como consequência levar-nos até ao êxtase.

CAPÍTULO V

A segunda espécie de arrebatamento

Deus atrai a si os espíritos com aquela soberana beleza e incompreensível bondade que, unidas, formam a sua suprema Divindade, incomparavelmente bela e boa ao mesmo tempo.

Tudo se faz pelo bem e pelo belo; a ele visam todas as

(1) III Reg., X, 5. — (2) Mat., XIII, 54-56.

coisas; por amor dele tudo se movimenta. O bem é desejado, amado e praticado por todos os homens de boa-vontade. Para o realizar, sofrem de boamente grandes contrariedades e empenham os melhores e mais árduos esforços.

O belo atrai a si todas as atenções e por isso os Gregos o denominaram com uma palavra cujo sentido é «chamar».

O bem pode comparar-se com verdade à luz, que recolhe, reduz e converte a si tudo o que existe. Para classificar o sol, empregam os gregos uma palavra que indica ser o rei dos astros quem congrega todas as coisas, reunindo as dispersas, tal-qualmente a bondade, que tudo atrai a si.

O bem é não só a soberana unidade, mas é soberanamente unitivo, porque todas as coisas o desejam para seu princípio, sua conservação e seu derradeiro fim. De modo que, para concluir, o bem e o belo, são uma e a mesma essência, e resumem a suprema aspiração do homem.

Esta proposição é tirada quase textualmente das palavras do divino S. Dionísio Areopagita ⁽¹⁾. Efectivamente o sol, origem de toda a luz do corpo, é a verdadeira imagem do bem e do belo; em nenhuma das criaturas materiais é possível encontrar-se beleza igual ou comparável à dele.

A beleza e a bondade do sol consiste, concentra-se naquela benéfica e deslumbrante luz, sem a qual não haveria nada belo nem bom, neste mundo material: como bela, esclarece e ilumina; como boa, tudo aquece e vivifica.

Como bela e clara, atrai todos os olhos que no mundo tem vista; como boa e vivificante, atrai todas as inclinações do mundo material, porque produz as exalações e vapores, chama e faz crescer as plantas e os animais, e não há geração para a qual não contribua o calor vital desse grande luminar. Do mesmo modo Deus, Pai de toda a luz, ⁽²⁾ soberanamente bom e belo, com a sua beleza atrai-nos a inteligência a contemplá-lo, e com a bondade atrai-nos a vontade para o amarmos.

Como belo, cumulando-nos a inteligência de delícias, derrama o seu amor na nossa vontade; como bom, enchendo-nos a vontade com o seu amor excita-nos a inteligência a

(1) De Divín. Nomin., c. IV, §§ IV, VII. — (2) Jacobi, 1, 17.

contemplá-lo, estimulando-nos o amor à contemplação e a contemplação ao amor.

Daqui se conclui que o êxtase e o arrebatamento dependem totalmente do amor; é o amor que leva a inteligência à contemplação e a vontade à união. De forma que, por fim, temos de concordar com o grande S. Dionísio ⁽¹⁾ que «o amor divino é extático, não permitindo que os amantes existam propriamente em si, mas no objecto amado». Por essa razão o admirável apóstolo S. Paulo, possuído desse divino amor e participando da sua força extática, diz, nesta frase divinamente inspirada: ⁽²⁾ *Não sou já eu que vivo, mas é Jesus Cristo que vive em mim.* Como verdadeiro amante que sai de si mesmo para se lançar em Deus, já não vivia da própria vida, mas da vida do seu bem adorado, por ser digno de todo o amor.

Ora, este arrebatamento de amor opera-se na vontade, da seguinte maneira; Pelos atractivos da sua suavidade, Deus impressiona-a e logo, como a agulha atraída pelo imã se move e volta para o polo, esquecendo a sua condição de insensível, assim a vontade, tocada pelo amor celeste, dirige-se e eleva-se para Deus, e, deixando todas as suas inclinações terrenas, entra num arrebatamento que não é de conhecimento mas de gozo, não de admiração mas de affecto, não de ciência mas de experiência, não de vista mas de sublimado gosto. É verdade que, como eu já expliquei, a inteligência muitas vezes entra em admiração, ao ver o sagrado deleite que a vontade experimenta no êxtase, como a vontade partilha muitas vezes do deleite, ao sentir-se a admiração da inteligência; de modo que estas duas faculdades comunicam entre si os próprios arrebatamentos. O olhar para a beleza, obriga-nos a amá-la, e o amá-la força-nos a olhar para ela. Não se pode ser aquecido pelos raios do sol, sem por eles se ser alumiado, nem ser-se alumiado, sem se ser aquecido. O amor facilmente conduz à admiração e a admiração ao amor.

Todavia, os dois êxtases, o da inteligência e o da vontade, não são de tal modo inseparáveis um do outro, que muitas vezes se não dêem isoladamente. Como os filósofos

(1) Ubi supra (§ XIII). — (2) Galat., II, 20.

tiveram mais compreensão do que amor do Criador, também os bons cristãos têm muitas vezes mais amor do que conhecimento; e, por consequência, o excesso de conhecimento nem sempre é seguido do de amor, nem o excesso de amor do de conhecimento, como já fiz notar noutro lugar ⁽¹⁾.

Ora o êxtase de admiração, isolado, não nos torna melhores, conforme diz aquele que foi *arrebataado* em êxtase *até ao terceiro Céu* ⁽²⁾: *Se eu conhecer todos os mistérios e toda a ciência, mas não tenho caridade, nada adianto.*

E portanto, o espírito maligno pode extasiar, se assim se pode dizer, e arrebatar o entendimento, representando-lhe maravilhosas concepções que ultrapassam as suas forças naturais, e por tais luzes pode dar ainda à vontade uma certa espécie de amor vão, fraco, brando e imperfeito, à maneira de complacência, satisfação e consolação sensível; mas produzir o verdadeiro êxtase da vontade, pelo qual esta se liga única e poderosamente à divina Bondade, isso pertence apenas àquele Espírito soberano por quem *a caridade de Deus é derramada em nossos corações* ⁽³⁾.

CAPÍTULO VI

Sinais do bom arrebatamento e sua terceira espécie

Com efeito, Teotimo, tem-se visto em nossos dias muitas pessoas que se julgam (e não falta quem as acredite) frequentemente arrebatadas em êxtases divinos. Todavia, descobre-se, por fim, que não passavam de ilusões e ludíbrios diabólicos.

Certo padre do tempo de Santo Agostinho extasiava-se sempre que queria, cantando ou fazendo cantar músicas lúgubres e piedosas, e fazia-o só para satisfazer a curiosidade dos que se divertiam com tal espectáculo.

(1) Livro VI, cap. IV. — (2) II Cor., XII, 2. — (3) Rom., V, 5.

Mas o que é de admirar é que o seu êxtase se desvanecia tão depressa que não dava por ele quando no apogeu, mas apenas quando voltava a si; e no entanto, se alguém falasse um pouco alto e com voz clara, ouvia confusamente, e parecia estar até com a respiração suspensa (1).

Os próprios filósofos têm experimentado algumas espécies de êxtases naturais, resultantes da veemente aplicação do espírito a coisas mais alevantadas. Não admira, por isso, que o espírito maligno, para arremedar, enganar as almas, escandalizar os fracos e transformar-se em espírito *de luz* (2), opere arrebatamentos em algumas almas pouco sólidamente instruídas na verdadeira piedade.

Para se distinguirem os êxtases divinos dos humanos ou diabólicos, deixaram os servos de Deus alguns documentos; mas, quanto a mim, basta ao meu intento propor-vos dois sinais do bom e santo êxtase: um é que o êxtase sagrado nunca se liga tanto ao entendimento como à vontade, movendo-a, inflamando-a e enchendo-a de poderosa afeição para com Deus.

Se o êxtase for mais belo do que bom, mais luminoso do que ardente, mais deslumbrante do que afectivo, é altamente duvidoso e digno de suspeita.

Não digo que se não possa ter arrebatamentos, visões, mesmo proféticas, sem que haja caridade (3); porque eu sei bem que, como se pode ter caridade sem ser arrebatado e sem profetizar, também se pode ser arrebatado e profetizar sem se ter caridade. Mas afirmo que aquele que no seu arrebatamento tiver mais claridade no entendimento para admirar a Deus do que ardor na vontade para o amar, deve acautelar-se, porque corre perigo de que o êxtase seja faiso e lhe envaideça mais o espírito do que lho edifique, pondo-o exactamente como Saúl (4), Balaam (5) e Caifás (6), *entre os profetas*, e deixando-o todavia entre os réprobos.

A segunda prova dos verdadeiros êxtases consiste na terceira espécie que acima designámos: o êxtase inteiramente santo e amável e que coroa os outros dois é o êxtase

(1) Sarigost. De Civit. Dei, LXIV, c. XXIV. — (2) II Cor., XI, 14.
— (3) I Cor., XIII, 2. — (4) I Reg., X, II, 12. — (5) Num., XXII. —
(6) Joan., XI, 51.

prático, o êxtase posto por obra. A inteira observação dos mandamentos de Deus não está dentro das forças humanas, mas encontra-se nos limites instintivos do espírito humano, como muito conforme à razão e luz natural.

Vivendo segundo os mandamentos de Deus, nem por isso estamos fora da nossa natural inclinação. Porém, além dos mandamentos divinos, há inspirações celestes, para cuja execução não só é preciso que Deus nos exalte além das nossas forças, mas que também nos atraia acima dos instintos e inclinações da nossa natureza.

Tanto mais que, ainda que essas inspirações não sejam contrárias à razão humana, excedem-na todavia, ultrapassam-na e estão superiores a ela; de modo que nesse caso, não vivemos só uma vida civil, honesta e cristã, mas uma vida sobre-humana, devota e extática, isto é, uma vida de todo o ponto superior à nossa condição natural.

Não roubar, não mentir, não ser luxurioso, orar a Deus, não jurar em vão, amar e honrar pai e mãe, não matar, é viver conforme à razão natural do homem. Porém deixar todos os nossos bens, amar a pobreza, procurá-la e considerá-la como directriz deliciosa, suportar opróbrios, desprezos, abjecções, perseguições, martírios, em vez de felicidades e contentamentos; conter-se nos termos da mais absoluta castidade, e em suma, viver em meio do mundo e desta vida mortal contra todas as opiniões e máximas mundanas e contra a maré do rio da vida, por meio de resignações contínuas, renúncias e abnegações de nós próprios, isto não é viver humanamente, é uma vida sobre-humana; não é viver em nós, mas além de nós, e em plano superior à nossa natureza. E como por este processo ninguém pode sair de si, sem que o *Pai* eterno o *atraia* ⁽¹⁾, esta espécie de vida deve ser um arrebatamento contínuo e um perpétuo êxtase de acção e de operação.

Vós morrestes, dizia o grande Apóstolo aos Ródios, *mas a vossa vida está oculta com Jesus Cristo em Deus* ⁽²⁾. A morte faz com que a alma já não exista no próprio corpo, nem no seu invólucro.

(1) Joan., VI, 44. — (2) Coloss., III, 3.

O que significa, Teotimo, aquela palavra do Apostolo: *Morrestes?*

É como se dissesse: Já não viveis em vós mesmos, nem no invólucro da vossa própria condição natural; a vossa alma já não vive segundo ela mesma, mas acima de si mesma. A fénix é fénix por aniquilar a própria vida expondo-a aos raios do sol ⁽¹⁾, para recuperá-la mais forte e vigorosa, escondendo, por assim dizer, a vida sob as cinzas.

Os bichos da seda mudam a sua natureza e, de vermes, fazem-se borboletas.

As abelhas nascem insectos, depois transformam-se em ninfas, andam por seu pé e por fim tornam-se moscas voláteis. Nós faremos o mesmo, Teotimo, se formos espirituais, porque abandonamos a nossa vida humana para viver outra vida mais eminente, acima de nós, escondendo toda essa vida nova em *Deus com Jesus Cristo*, que é o único a vê-la, a conhecê-la e a dá-la.

A nossa nova vida é o amor celeste que nos anima e vivifica a alma, e esse amor está escondido em *Deus* e nas coisas divinas com *Jesus Cristo*.

Como dizem as sagradas páginas do Evangelho ⁽²⁾, depois que Jesus Cristo se deixou ver por instantes aos discípulos, subindo ao Céu, logo *uma nuvem* o envolveu e o *arreatou e escondeu aos olhos deles*: Jesus Cristo está, pois, oculto no Céu em Deus.

Ora, Jesus Cristo é o nosso amor, e o nosso amor é a vida da nossa alma; por consequência a nossa vida está oculta em Deus com Jesus Cristo; e quando Jesus Cristo, que é o nosso amor e por conseguinte a nossa vida espiritual, vier aparecer no dia do Juízo, então estaremos com ele na glória, isto é, Jesus Cristo há-de glorificar-nos, comunicando-nos a sua felicidade e esplendor.

(1) Plin. Hist. nat., 1. X, c. II. — (2) Marc., ult., 19; Luc., ult., 51; Act., 1, 9.

CAPÍTULO VII

Como o amor é a vida da alma. Continuação
da vida extática

A alma é o primeiro acto e o princípio de todos os movimentos vitais do homem. É, como diz Aristóteles ⁽¹⁾, «o princípio pelo qual vivemos, sentimos e entendemos». Assim se conclui que distinguimos a diversidade das vidas pela diversidade dos movimentos, de modo que os próprios animais, que não tiverem movimento natural, são destituídos de vida. Igualmente, Teotimo, o amor é o primeiro acto e princípio da nossa vida devota ou espiritual. Por meio dele vivemos, sentimos e nos comovemos, e tal é a nossa vida espiritual quais forem os nossos movimentos efectivos.

Um coração sem movimento nem afeição, não tem amor; inversamente, um coração que tiver amor, não pode deixar de ter movimentos afectivos. Ora quando nós depositarmos o nosso amor em Jesus Cristo, consequentemente depositamos nele a nossa vida espiritual; mas, presentemente, está Jesus oculto *em Deus* no Ceu, como Deus se escondeu em Jesus enquanto ele residiu na terra. Por isso a nossa vida está oculta em Jesus, e quando Ele aparecer na glória ⁽²⁾, a nossa vida e o nosso amor hão-de aparecer igualmente com Ele em Deus.

Santo Inácio, seguindo o parecer de S. Dionísio ⁽³⁾, dizia que o seu amor estava crucificado; era como se quisesse significar: O meu amor natural e humano, com todas as paixões que lhe são inerentes, está pregado à cruz; matei-o porque era um amor mortal que impunha ao meu coração uma vida mortal; e como o meu Salvador foi crucificado e morreu segundo a vida mortal para ressuscitar para a imor-

(1) De Anima, 1. II, c. II. — (2) Coloss., ubi in cap. praeced. —
(3) Ubi supra, 1. I, c. XIV.

talidade, também eu morri com ele na cruz, segundo o amor natural, que era a vida mortal da minha alma, para ressuscitar para a vida sobrenatural de um amor que, podendo exercitar-se no Céu, é também por consequência imortal.

Quando, pois, se vir uma pessoa com arrebatamentos durante a oração, saindo de si mesma e ascendendo até Deus, mas sem êxtases na sua vida, isto é, sem vida alevantada e unida a Deus pela abnegação das ambições mundanas e mortificação dos desejos e inclinações naturais, sem uma profunda doçura, simplicidade e humildade, e sobretudo sem uma contínua caridade, crê, Teotimo, que todos esses arrebatamentos são altamente duvidosos e arriscados.

São arrebatamentos que servem para deslumbrar os homens, mas não para os santificar.

Que benefício pode advir para uma alma do facto de ser arrebatada para Deus pela oração, se nas palavras e no seu viver se deixa dominar pelas afeições terrenas, baixas e naturais? Subir além da própria natureza na oração e descer abaixo dela na vida prática, ser angélico na meditação e tolo nas falas, é servir a Deus e a Satanás. É, finalmente, uma prova autêntica de que tais êxtases não passam de divertimentos e embustes do espírito maligno.

Bem-aventurados os que vivem uma vida sobre-humana, extática, superior à própria natureza, ainda que não sejam nunca arrebatados na oração!

Estão muitos Santos no Céu, que nunca se sentiram extasiados nem arrebatados em contemplação.

E quantos mártires e grandes Santos vemos nós na História que não tiveram nunca em sua oração outro privilégio, além da devoção e do fervor? Mas o que nunca houve foi Santo que não tivesse o êxtase e o arrebatamento prático da vida, vencendo-se a si e às suas inclinações naturais.

E quem não vê, Teotimo, que é do êxtase da vida e das obras que fala principalmente o grande Apóstolo, quando diz ⁽¹⁾: *Eu vivo, mas não já em mim; porque em mim vive Jesus Cristo?* E é ainda ele mesmo que em outros termos o explica aos Romanos ⁽²⁾, dizendo que o *nosso homem pri-*

(1) Galat. 11, 20. — (2) Cap. VI, 4-11.

mitivo fora crucificado com Jesus Cristo, isto é, que morremos com Ele para o pecado, e com Ele igualmente ressuscitamos para seguirmos vida nova, e não mais servirmos o pecado.

Duas individualidades se encontram em cada um de nós, Teotimo, e por conseguinte duas vidas: a do homem primitivo ou velho, que é uma vida velha, como se diz da águia, que, depois de decrépita vai arrastando as asas sem poder desferir o voo, e a outra é a vida do *homem novo* ⁽¹⁾, que é também uma vida nova, como a da águia que, livre das penas velhas, sacudidas no mar, toma outras novas e, assim rejuvenescida, voa com novas forças ⁽²⁾.

Na primeira vida vivemos como o *homem velho*, isto é, segundo os defeitos, fraquezas e enfermidades que contraímos pelo pecado do nosso primeiro pai, Adão, e portanto vivemos do pecado de Adão. Tal vida é uma vida mortal, ou antes é a própria morte.

Na segunda vida, vivemos como o *homem novo*, isto é, segundo as graças, favores, ordens e desígnios do Nosso Salvador, e por consequência vivemos da salvação e da Redenção: tal vida é, uma vida-viva, vital e vivificante. Mas todo aquele que quiser chegar à *vida nova*, é necessário que passe pela morte da *velha*, crucificando a carne com todos os seus vícios e concupiscências ⁽³⁾, mergulhando-se nas águas santas do baptismo ou da penitência.

Naaman ⁽⁴⁾ mergulhou e afogou nas águas do Jordão a sua velha vida pútrida e infecta, para viver uma vida nova, limpa e sã. Poder-se-ia com razão dizer deste homem, que já não era o velho Naaman, lázaro, asqueroso, infecto, mas um Naaman novo, limpo, sã e honesto, porque tinha morrido para a lepra, e ressuscitado para a limpeza e para a santidade.

Ora, o que ressuscitar para a nova vida do Salvador, já não vive de si, nem em si, nem para si, mas do seu Salvador, no seu Salvador e para o seu Salvador. Imaginai, diz S. Paulo ⁽⁵⁾, que morrestes verdadeiramente para o pecado e que viveis para Deus, em Jesus Cristo Nosso Senhor.

(1) Vers. 6. — (2) Ps. CII, 5. — (3) Galat., V, 54. — (4) IV Reg., V, 14.
(5) Rom., ubi supra.

CAPÍTULO VIII

**Admirável exortação de S. Paulo à vida extática
e sobre-humana**

Finalmente apresentou S. Paulo o mais forte, o mais esmagador e o mais admirável argumento que jamais foi ouvido, creio eu, para nos levar a todos ao êxtase e ao arrebatamento da vida e das obras.

Peço-te que ouças, Teotimo, e ponderes toda a força e eficácia das ardentes e celestes palavras desse Apóstolo, tão arrebatado e transportado do amor do seu divino Mestre.

Falando, pois, de si (e igualmente de cada um de nós) diz ⁽¹⁾: *A caridade de Jesus Cristo obriga-nos*. E é assim, efectivamente. Nada obriga tanto o coração do homem como o amor. Se um indivíduo conhece que é amado por alguém, obriga-se a retribuir esse affecto; se é um homem vulgar que é amado por alta personagem, com certeza, mais obrigado se reconhece; e sendo-o por um grande monarca, quanto mais obrigado se não sentirá?

No entretanto, sabendo nós que Jesus Cristo, verdadeiro Deus, eterno, todo-poderoso, nos amou até ao ponto de querer sofrer por nós *a morte, e a morte da cruz* ⁽²⁾, ó meu querido Teotimo, não é isso ter os nossos corações sob a maior das obrigações? Não havemos de sentir-nos obrigados fortemente, perante um amor expresso com tal violência e intensidade?

Mas, como é que este divino Amante *nos obriga*? *A caridade de Jesus Cristo obriga-nos*, diz o santo Apóstolo, *se pensarmos nisso*. Que quer dizer, «se pensarmos nisso»? Quer dizer que a caridade do Salvador nos obriga principalmente quando consideramos, quando meditamos com ponderada reflexão nesta resolução da fé. Mas qual resolução?

(1) II Cor., V, 14. — (2) Philip., II, 8.

Sigamos a ideia do santo Apóstolo e vejamos como ele vai vagarosa e circunspectamente fixando e insinuando a sua concepção em nossos corações. *Se pensarmos nisso*, diz ele. Nisso, quê? *Se um só morreu por todos, é porque todos morreram; e Jesus Cristo morreu por todos* (1).

Efectivamente, assim é; se um Jesus Cristo morreu por todos, todos, pois, morremos na pessoa desse único Salvador que morreu por nós e a sua morte deve ser-nos imputada, porque por amor de nós foi sofrida.

Mas que se conclui daqui? Parece-me ouvir essa voz apostólica, gritando como um trovão ao ouvido dos nossos corações: Conclui-se daqui, cristãos, qual era o desejo de Cristo ao morrer por nós. O que Jesus desejou por nós, foi que nos conformássemos ou identificássemos com Ele, *para*, diz o Apóstolo, *que aqueles que vivem, não vivam mais em si, mas n' Aquele que morreu e ressuscitou por eles*.

Ah, Teotimo, como esta consequência é forte em matéria de amor! *Jesus Cristo morreu por nós*, deu-nos a vida com a sua morte, não vivemos senão porque Ele morreu. Morreu por nós: a nossa vida, por isso, não nos pertence, mas sim Aquele que no-la adquiriu com a sua morte. Não devemos, pois, viver para nós, mas para Ele; nem em nós, mas n'Ele; não por nós, mas por Ele.

Uma menina da ilha de Sestos (2) tinha criado uma águia com aquele cuidado que as crianças costumam empregar em tais occupaões. A águia cresceu, começou pouco a pouco a voar e a dar caça aos pássaros, como é seu natural instinto.

Depois de grande e robusta, arrojava-se sobre os animais bravios, sem deixar nunca de trazer fielmente a presa à sua querida amazinha, como um tributo, em reconhecimento do alimento que dela tinha recebido. Ora succede que um dia a menina faleceu repentinamente, enquanto a pobre águia andava caçando por fora.

O seu corpinho foi colocado numa fogueira para ser queimado, conforme o uso do país, nesse tempo. Porém, mal a labareda começava a envolver o cadáver, a águia, desferindo um voo largo, chegou ali, e, vendo tão triste e ines-

(1) In loco, xv, 14 15. — (2) Plin. Hist. nat., 1. X, c. v. (al. VI).

perado espectáculo, transportada de dor, afrouxa as garras e abandona a presa. Precipita-se sobre o corpo da sua querida e infeliz amazinha, e forceja por cobri-la com as asas, como que para a proteger das chamas, ou para a abraçar piedosamente. E assim ficou, firme e impassível, ardendo corajosamente com ela e parecendo revigorar-se o affecto que tinha à morta com as cruciantes dores daquele horroroso sacrificio. Quis tornar-se vítima e holocausto do seu intrépido e prodigioso amor, como a sua menina o estava sendo da morte e das chamas.

Ah! Teotimo, que lição nos dá esta arrojada águia! O Salvador alimentou-nos desde a mais tenra infância, além de nos ter formado e recebido, como mãe amantíssima, nos braços da sua divina Providência, desde o primeiro instante da nossa concepção.

Teu poder me criou;
em tuas mãos me recebeste do ventre de minha mãe (1).

Ele fez-nos seus pelo baptismo, alimentou-nos ternamente o coração e o espírito com um amor incompreensível; para nos comprar a vida, suportou a morte e alimentou-nos com a própria carne e com o próprio sangue.

Ah! meu querido Teotimo, qual é a conclusão evidente que devemos tirar daqui, a não ser que *os que vivem já não vivem em si, mas n'Aquele que morreu por nós*, isto é, que consagramos ao divino amor da morte do nosso Salvador todos os instantes da nossa vida, consagrando à sua glória todas as nossas presas, todas as nossas conquistas e boas obras, todas as nossas acções, todos os nossos pensamentos e affectos?

Contemplemos o divino Redentor, estendido na cruz, como em fogueira gloriosa em que morre de amor por nós: amor mais doloroso do que a própria morte, ou morte mais amorosa do que o mesmíssimo amor.

Ai, por que não nos lançamos em espírito sobre essa cruz bendita, para nela morrermos com Jesus, que, por

(1) Ps. CXXXVIII, 13, 14; juxta Hebr.

nosso amor, se dignou morrer?! *Hei-de abraçá-lo*, deveríamos nós dizer, se nos animasse a generosidade da águia, *e não o deixarei jamais* ⁽¹⁾; *hei-de morrer com ele e abraçar-me nas chamas do seu amor; o mesmo fogo há-de consumir o Criador e a sua mesquinha criatura; o meu Jesus é todo meu e eu toda sua* ⁽²⁾, hei-de viver e morrer sobre o seu peito; nem a vida nem a morte poderão jamais separar-me dele ⁽³⁾.

É assim que se efectua o santo êxtase do verdadeiro amor, quando deixamos de viver segundo as razões e inclinações humanas, mas acima delas, segundo as inspirações e instintos do divino Salvador das nossas almas.

CAPÍTULO IX

O supremo efeito do amor afectivo, que é a morte dos que amam e principalmente dos que morrem amando

O amor é forte como a morte ⁽⁴⁾. A morte separa a alma da matéria e de todas as coisas do mundo; o amor sagrado separa a alma do amante do próprio corpo e das coisas mundanas, com a única diferença de que a morte traz sempre por efeito o que o amor não faz ordinariamente senão por afeição.

Eu digo ordinariamente, Teotimo, porque em casos extraordinários esse amor sagrado é tão violento que causa realmente a separação do corpo e da alma, vitimando os amantes com morte tão feliz que é preferível a cem vidas.

Assim como é próprio dos condenados morrer em pecado, também é próprio dos eleitos morrer no amor e na graça de Deus. E no entanto sucede às vezes diferentemente. O justo

(1) Cant., III, 4. — (2) Ibid., II, 16. — (3) Rom., VIII, 38, 39.
— (4) Cant., ult., 6.

nunca morre desprevenido porque bem se previne para a morte aquele que perseverou na justiça cristã, até ao fim. Mas pode perecer de morte súbita ou repentina.

Por isso a Igreja, sempre tão sábia, nos ensina a suplicar nas Ladainhas que sejamos livres da morte súbita; mais, da «morte súbita e imprevista», pois por ser súbita não seria ela pior, se não fosse imprevista. Se alguns espíritos fracos e vulgares vissem o fogo do céu cair sobre o grande Santo Simeão Stilita e matá-lo, que pensariam senão pensamentos de escândalo?

E todavia devemos pensar doutro modo. Tendo-se esse grande Santo imolado inteiramente a Deus no seu coração, e sentindo-se devorado de amor, o fogo não fez mais do que completar o holocausto ⁽¹⁾ e acabar de o consumir. O abade Juliano, que estava em lugar distante, viu a alma do Santo subir ao Céu, e por isso incensou ao Senhor, dando-lhe infinitas graças.

O bem-aventurado Homebon, Cremonóis, ouvia certo dia a santa Missa, ajoelhado e com extrema devoção. Como não se levantasse ao Evangelho, segundo o costume, os que estavam perto dele atentaram no grande Santo e verificaram que a sua alma já voara para Deus.

E já do nosso tempo conta-se de pessoas, grandes em virtude e doutrina, que foram encontradas mortas. Uns no confessionário, outros, quando dispostos a escutar a palavra do Senhor.

E também já aconteceu a alguns falecerem ao abandonar a cadeira da verdade, donde tinham pregado com grande fervor: todas mortes súbitas, mas não imprevistas. De quantas pessoas sabemos nós que morreram apopléticas, letárgicas e de outras variadas maneiras igualmente súbitas, enquanto outras perecem imersas nas trevas e nos delírios da loucura? Pois todos estes, como as crianças baptizadas, morrem em graça e portanto no amor de Deus.

Mas, como conseguem morrer no amor de Deus essas almas que, na hora do passamento, não pensavam em Deus?

Os grandes sábios, Teotimo, não perdem a ciência

(1) III Reg., XVIII, 38.

enquanto dormem, aliás, acordariam ignorantes, e seria necessário tornar a aprender o que sabiam.

Ora é o que acontece com os bons hábitos de prudência, temperança, fé, esperança e caridade, que permanecem sempre no espírito dos justos, ainda que esse espírito esteja em repouso. Num homem que dorme, parece que todos os hábitos dormem e acordam com ele. Assim, pois, o justo que morre de repente, esmagado por uma casa que lhe cai em cima, fulminado por uma bala, sufocado por um catarro ou alucinado por uma violenta febre, que lhe tira a noção e o conhecimento das coisas, não morre evidentemente no exercício do amor divino, mas no entanto morre no hábito dele. Destes disse o Sábio: *O justo, que prevê a hora da morte, vive consolado* ⁽¹⁾; pois lhe basta o estado e o hábito do amor e da caridade.

Muitos santos têm morrido não só exercitando a caridade e no hábito do amor celeste, mas alguns até no momento de o praticar. Santo Agostinho faleceu em exercício da mais santa contrição, que não pode existir sem amor. S. Jerónimo, exortando os seus filhos dilectos ao amor de Deus, do próximo e da virtude; Santo Ambrósio, completamente arrebatado, em doce colóquio com o Salvador, e depois de ter recebido o diviníssimo Sacramento do altar; Santo António de Pádua, depois de ter recitado um hino à gloriosa Virgem Mãe e falando com grande alegria ao Salvador; S. Tomás de Aquino, com as mãos erguidas, os olhos postos no Céu, erguendo a voz e pronunciando entusiasticamente e com grande fervor estas palavras do Cântico, as últimas que havia explicado: *Vinde, ó meu amado Salvador, e saiamos juntos para os campos* ⁽²⁾.

Todos os Apóstolos e quase todos os Mártires morreram em oração. O bem-aventurado e venerável Beda, prevenido por uma revelação da hora do seu falecimento, foi a Vésperas em dia da Ascensão. Estando de pé, apoiado apenas aos braços da sua cadeira, sem a menor doença, ao terminar o canto das Vésperas, terminou também a existência, como que para seguir o divino Mestre na ascensão ao Céu e com Ele

(1) Sap., IV, 7. — (2) Cap. VII, 11.

gozar dessa bela manhã da eternidade, que não tem Vésperas.

João Gerson, Chanceler da Universidade de Paris, homem tão douto e tão piedoso, que, como disse Sixto Senense, «não se pode distinguir se nele a piedade ultrapassou o saber, ou o saber a piedade» ⁽¹⁾, tendo explicado as cinquenta propriedades do amor divino notadas no Cântico dos Cânticos, três dias depois, com a aparência de pleno vigor, expirou pronunciando, já por muitas vezes repetidas, em forma de oração jaculatória, as santas palavras extraídas do mesmo Cântico: *Ó Deus, o vosso amor é poderoso como a morte* ⁽²⁾.

S. Martinho, como todos sabem, morreu tão atento ao seu exercício de devoção, que nem uma só palavra estranha pôde pronunciar. São Luís, esse grande rei entre os Santos e grande Santo entre os reis, atacado de peste, nunca mais deixou de orar; depois de receber o Sagrado Viático, estendendo os braços em cruz, fixou os olhos no Céu e expirou, murmurando fervorosamente estas palavras da mais perfeita confiança e amor: *Ah! Senhor, entrarei na vossa casa, adorar-vos-ei no vosso santo templo e bendirei o vosso nome* ⁽³⁾. S. Pedro Celestino, esfacelado por aflições tão cruéis que não podem descrever-se facilmente, ao terminar a existência, pôs-se a cantar, como um cisne sagrado, o último dos Salmos, findando o canto e a vida com estas affectuosas palavras: *Que todo o espírito louve ao Senhor* ⁽⁴⁾. O admirável Santo Eusébio, cognominado o Estrangeiro, morreu de joelhos e em fervorosa súplica; S. Pedro Martir, escreveu com o seu punho e com o seu próprio sangue a profissão da fé pela qual morreu, e dizendo: Senhor, nas vossas mãos encomendo o meu espírito ⁽⁵⁾; e o grande apóstolo dos Japoneses, S. Francisco Xavier, segurando e beijando a imagem do Crucificado, repetia com todo o vigor este grito de alma: Ó Jesus, ó Deus do meu coração! ⁽⁶⁾

(1) Ubi supra, in Praefat., p. 5. — (2) Cap. ult., 6. — (3) Ps. V, 8, CXXXVII, 2. — (4) Vers. ult. — (5) Ps. XXX, 6; Luc., XXIII, 46. — (6) Ps. LXXII, 26.

CAPÍTULO X

Os que morreram por amor e para o amor divino

Todos os Mártires, Teotimo, morreram pelo amor divino; mas, quando se diz que alguns morreram pela fé, não deve entender-se que foi por uma fé apagada, *morta* ⁽¹⁾, mas por uma fé viva, isto é, animada *de caridade* ⁽²⁾.

Assim a confissão da fé não é tanto um acto da inteligência e da crença como é um acto da vontade e do amor de Deus. E essa é a razão por que o grande S. Pedro, conquanto alimentasse no peito a fé, no dia da Paixão esqueceu a caridade, não querendo confessar de boca o Mestre, a quem reconhecia sinceramente no seu coração. Houve por conseguinte, Mártires que morreram exclusivamente pela caridade, como o santo Precursor do Salvador, que foi martirizado por motivo de correcção fraterna ⁽³⁾, e os gloriosos Príncipes dos Apóstolos, S. Pedro e S. Paulo, mas principalmente S. Paulo, que morreu por ter convertido à virtude e à castidade as mulheres que o infame Nero tinha pervertido ⁽⁴⁾.

Os santos bispos Estanislau e Tomás de Cantorbery também foram assassinados por um motivo que não dizia respeito à castidade, mas sim à caridade; e finalmente uma grande parte de Santas Virgens e Mártires foram supliciadas em virtude do zelo com que forcejaram por conservar e defender a castidade que o amor de Deus as obrigava a conservar ao seu divino E esposo.

Sucede, porém, com os sagrados amantes, que se entregam absolutamente ao amor divino, que um fogo santo os devora e lhes consome a vida. A dor muitas vezes impede que uma alma aflita se lembre de comer, de beber e de dormir, até que por fim, fraca e desfalecida, vai cavando a própria sepultura. Então diz o vulgo que tal criatura morreu

⁽¹⁾ Jacobi, II, 17, 26. — ⁽²⁾ Galat., V, 6. — ⁽³⁾ Mat., XIV, 4; Marci, VI, 18. — ⁽⁴⁾ Baronius, Annal., ad ann. 69.

de dor, o que em rigor não é exacto. Morreu porque se deixou desfalecer e extinguirem-se-lhe as forças.

É certo que não se deixariam perecer se não fosse essa grande dor, e é necessário confessar por isso que, se não morreram de dor, foi contudo em virtude dessa dor. Igualmente, meu caro Teotimo, quando é grande a intensidade do amor santo, assalta tantas vezes o nosso coração, fere-o tão amiúde, causa-lhe tantas ansiedades, trespassa-o com tanta frequência, enleva-o em êxtases e arrebatamentos tão seguidos, que, à força de tantos apelos se encontra a alma já toda voltada para Deus, sem fornecer à natureza o alimento nem a assistência devida. Assim, fraquejam pouco a pouco as forças animais e vitais, começa a vida a bruxulear, e chega por fim a morte.

Ah! Teotimo, como essa morte é feliz! Como é doce essa amorosa frecha que causando-nos a chaga incurável da dilecção sagrada, nos fere para sempre, enfraquecendo-nos com o pulsar descompassado dum amor que nos conduz à morte! Não calculas a quantos tem abreviado os dias esses santos êxtases e os trabalhos padecidos pela caridade! Esses sagrados amantes são: Santa Catarina de Sena, S. Francisco, o menino Estanislau Koska, S. Carlos e tantos outros que morreram em plena mocidade.

Sabe-se de S. Francisco que, desde que recebeu os estigmas das chagas do divino Mestre, padeceu tão acerbos e fundas dores, tais convulsões e sofrimentos, que, a breve trecho, lhe não ficou mais do que pele e osso, parecendo antes um esqueleto ou a própria imagem da morte, do que um homem vivo, ainda a respirar.

CAPÍTULO XI

Como morreram de amor alguns eleitos de Deus

Morrem, pois, em hábito de amor sagrado todos os eleitos do Senhor. Mas alguns morrem, além disso, no exercício desse santo amor, outros para esse amor, e ainda outros, finalmente, por esse mesmo amor.

Porém, o que atinge o supremo grau de perfeição, é que alguns morrem de amor. É quando o amor não só feriu a alma a ponto de a enfraquecer, mas a trespassou, a alvejou em cheio no coração e com tal violência que a separou do corpo. Dá-se isto, assim:

A alma, fortemente atraída pelas suavidades divinas do seu Amado, para corresponder da sua parte a tão doces atractivos, voa com toda a força para o Bem que a chama e por quem suspira. Não podendo levar consigo o corpo, longe de permanecer com ele em meio das misérias desta vida, deixa-o e separa-se dele, para voar, qual pomba branca, para o seio delicioso do celeste Esposo. Voa para o Bem supremo, que a chama e arrebatava para si; e como o esposo *deixa pai e mãe para seguir a sua amada* ⁽¹⁾, também essa casta esposa deixa a carne para se unir ao seu Amado.

Ora este é o mais violento efeito que o amor pode realizar numa alma, e requer antecipadamente um total desprendimento de todas as afeições que possam ligar o coração ao mundo ou ao corpo. De forma que, como o fogo que separa pouco e pouco a essência do seu conjunto, chega a purificá-la e realiza por fim a quinta essência, igualmente o santo amor, tendo expurgado o coração humano de todos os humores, inclinações e paixões, tanto quanto pode, consegue por fim que a alma se retire, para, por meio dessa *morte, preciosa aos divinos olhos* ⁽²⁾, voar para a glória imortal.

O grande S. Francisco, que em assuntos de amor celeste me não sai de diante dos olhos, não podia deixar de morrer pelo amor, tantos e tão extensos eram os êxtases e desfalecimentos que a sua dilecção para com Deus lhe ocasionava. E, além disso, Deus que o tinha exposto à vista de todo o mundo como um milagre de amor, quis que ele morresse não só pelo amor, mas morresse também de amor. Peço-te, Teotimo, que repares na morte de S. Francisco. Sentindo-se à beira da eternidade, pede que o dispam e o coloquem no chão; depois, recebendo um hábito por esmola, pede que lho vistam.

Falou então aos seus irmãos, exortando-os ao amor e

(1) Gen., II, 24. — (2) Ps. CXV, 5.

temor de Deus e da Igreja, fez ler a Paixão do Salvador e por fim começou a entoar com extremo ardor o Salmo CXLI: *Bradei com a minha voz ao Senhor, orei com a minha voz ao Senhor*; e pronunciando estas últimas palavras: *Ó Senhor, livra a minha alma desta prisão, para que eu bendiga o vosso santo nome; os justos esperam a minha chegada para me recompensardes* ⁽¹⁾ — expirou, com quarenta e cinco anos de idade.

Quem não compreende, Teotimo, que este homem seráfico, desejando tão ardentemente ser martirizado e morrer pelo amor, por fim morreu de amor, como já em outro lugar expliquei? ⁽²⁾

Santa Madalena, vivendo por espaço de trinta anos na gruta que ainda existe na Provença, arrebatada sete vezes por dia e elevada aos ares pelos Anjos, como que para ir cantar as sete Horas canônicas no seu coro, por fim foi um domingo à igreja em que celebrava missa o seu querido Bispo, S. Máximo. Este, achando-a em contemplação, com os olhos cheios de lágrimas e os braços erguidos, deu-lhe a Sagrada Comunhão, e para logo ela entregou a Deus o seu bem-aventurado espírito, que voou sem demora *aos pés* do seu Salvador, a gozar da *melhor parte*, que já neste mundo havia escolhido ⁽³⁾.

S. Basílio alimentava estreita amizade com um grande médico, judeu de nação e de crença, com o intento de o chamar à fé de Nosso Senhor. Não o conseguia, todavia e, por fim, exausto por aturados jejuns, vigílias e trabalhos imensos, sentiu-se em artigo de morte. Nessa ocasião chamou o médico e rogou-lhe com instância que lhe dissesse a sua franca opinião sobre a vida que lhe restava. Este, tomou-lhe o pulso e disse apenas: «Estás por pouco: antes que o sol se esconda, estarás morto». «Mas, replicou o doente, que dirias tu se eu amanhã ainda vivesse?» «Far-me-ia cristão, juro-o».

Então o Santo orou; orou a Deus e pediu-lhe a prolongação da vida do corpo, em favor da vida espiritual do seu médico. O milagre operou-se e o judeu, maravilhado, con-

(1) Vers. ult. — (2) Livro V, c. X. — (3) Luc., X, 39, 42.

verteu-se. S. Basílio, animado de extraordinária coragem, toma forças da própria fraqueza, ergue-se do leito e vai à igreja baptizar o seu amigo e toda a sua família. Depois volta para o seu quarto, deita-se de novo, e tendo orado longamente ao Senhor, exortou santamente os seus assistentes a servirem a Deus de todo o coração.

Vendo, então, aproximarem-se os anjos, expirou, tendo pronunciado com extrema suavidade estas palavras: *Meu Deus, recomendo-vos a minha alma e entrego-a nas vossas mãos* ⁽¹⁾.

O pobre médico, ao vê-lo morto, sentia-se mais convertido à graça, abraçava-o e desfazia-se em lágrimas e exclamações: «Ó grande Basílio, servo de Deus, se tu quisesse, não morrerias hoje, como não morreste ontem ⁽²⁾».

Quem não vê nesta morte, uma morte de amor por Deus, e pelo seu próximo?

A bem-aventurada Madre Teresa de Jesus ⁽³⁾ revelou depois da sua morte que pereceu de um ímpeto, de um assalto de amor tão violento que não fora possível à sua natureza suportá-lo, e a alma se lhe evolara para o escolhido objecto das suas afeições.

CAPÍTULO XII

História maravilhosa do falecimento de um gentil homem, no monte Olivete

Além do que deixo dito, encontrei uma história que, por extremamente admirável, não será crível senão para os sagrados amantes. Como diz o santo Apóstolo ⁽⁴⁾, a caridade acredita de boamente todas as coisas, isto é, não acredita facilmente que lhe mintam; e se não forem bem evidentes as provas de falsidade no que lhe apresentam, não põe difi-

⁽¹⁾ Ps. XXX, 6; Luc., XXIII, 46. — ⁽²⁾ Pseudo Amphiloch., Vita S. Basilii. — ⁽³⁾ Yepes, in vita ejus, l. II, c. XXXIX. — ⁽⁴⁾ I, Cor., XIII, 7.

culdade em crer, sobretudo tratando-se de coisas que exaltam e magnificam o amor de Deus para com os homens, ou o amor dos homens para com Deus.

Além de que, a caridade, que é a soberana rainha das virtudes, como os grandes príncipes, compraz-se em tudo o que sirva à glória do seu império e soberania.

E posto que a narrativa que pretendo fazer não seja tão pública, nem tão bem testemunhada como o requeria a grandeza da maravilha que encerra, nem por isso deixa de ser verdadeira. Como muito bem diz S.^{to} Agostinho ⁽¹⁾, quando se sabe de algum milagre, de qualquer caso sobrenatural, posto que se aponte o lugar em que se verificou, e ainda que o presenciasse aquele que o conta, o espírito do homem, se não é crente, opõe-lhe sempre as objecções da sua soberba, as dúvidas da sua incredulidade. E contudo, nem por esse facto deixam os milagres de ser verdadeiros.

Em matéria de religião, as almas bem formadas crêem de boamente esses factos sobrenaturais, por estupendos que pareçam.

Mas vamos ao caso que quero referir :

Um ilustre e virtuoso varão determinou um dia ir à Palestina, com o fim de visitar os Santos Lugares, em que Nosso Senhor operou a obra da nossa Redenção. Para iniciar dignamente tão santa romagem, confessou-se e comungou devotamente. Foi em primeiro lugar a Nazaré, onde o Anjo anunciou à Santíssima Virgem a encarnação do Verbo Eterno e onde se realizou a sua conceição adorável. Uma vez aí, aquele peregrino cogitou profundamente o abismo da bondade celeste, ao revestir-se da carne humana, para arrancar o homem da perdição,

Passou depois a Belém, ao lugar do nascimento de Jesus e lá chorou acerbos lágrimas, recordando o pranto com que o Filho de Deus, ao tornar-se Filho também de Maria, regou o solo do tosco curral, em que sofreu as inclemências da estação e os desconfortos da pobreza. O piedoso romeiro osculava com veneração a terra sagrada que vira decorrer a primeira infância de Jesus. De Belém seguiu para Betabara, e dali para o lugarejo da Betânia.

(1) De Civit. Dei, I, XXII, c. VIII, § I.

No seu espírito reconstituiu então por completo o quadro do baptismo de Nosso Senhor. Para melhor gozar essa cena grandiosa, despiu-se como Jesus fizera, bebeu daquela água que há tantos anos beijara o sagrado corpo do Messias e ali esteve extático, contemplando o Precursor a baptizar Jesus e o Espírito Santo, presidindo ao acto. Até lhe pareceu que ainda a voz do Pai Eterno repetia: *Este é o meu Filho bem amado, em quem pus as minhas complacências* (1).

Passa de Betânia para o deserto e vê, com os olhos da sua alma crente, o Salvador jejuando, combatendo e vencendo o inimigo; e logo os Anjos apresentando-lhe o maná do Céu.

Segue para a montanha do Tabor, em que o Salvador se apresenta transfigurado; depois para o monte Sião, onde lhe parece ainda ver Jesus ajoelhado no Cenáculo, lavando os pés aos Discípulos e distribuindo-lhes em seguida o seu divino Corpo na sagrada Eucaristia. Atravessa a torrente do Cedron e chega ao jardim de Getsemani. Sente diluir-se-lhe o coração em pranto, da dor que lhe causa a visão do Salvador Divino, suando sangue na extrema agonia que experimentou, ao considerar os martírios da sua Paixão.

Segue-o sempre no seu espírito, preso, amarrado, conduzido a Jerusalém; vai, passo a passo, nas pisadas de Jesus e a sua fiel imaginação pinta-lho da casa de Anás para casa de Caifás, da casa de Herodes para casa de Pilatos, esbofeteado, açoitado, cuspidos, coroado de espinhos, e, por escárneo, apresentado ao povo que pede a sua morte.

É condenado; põem-lhe a cruz às costas, e lá vai Jesus, pela via da amargura, onde encontra Maria Santíssima com o coração trespassado pela mais acerba dor, e aquelas piedosas mulheres que depois o seguem, chorando.

Sobe ao monte Calvário. O espírito do devoto peregrino vê ainda a cruz no solo e o nosso Redentor, despojado de seus vestidos, nela pregado de pés e mãos, desapiedadamente; levantam em seguida o madeiro com o divino Crucificado, e eis que o sangue brota abundantemente de todas as chagas desse sacrossanto corpo, erguido entre o Céu e a terra.

Contempla a alanceada Virgem, trespassada com a *espada*

(1) Math., III, 16, 17.

da dor ⁽¹⁾; ergue os olhos para o Salvador crucificado e ouve-lhe as sete palavras de infinito amor. Vê-o agonizar, morrer, receber a ferida da lança e mostrar, pela abertura da chaga, o seu divino Coração.

Assiste depois ao descimento da cruz, acompanha Jesus ao sepulcro e todos esses lugares, outrora regados pelo sangue do Verbo incarnado, são arrasados pelo pranto deste peregrino, que parece querer enterrar o coração no mesmo sepulcro que recebeu o corpo sacrossanto do seu divino Mestre.

Mas, sopra-lhe alento a fé e assim ressuscita com Ele, indo para Emaús onde vê tudo o que se passa entre o Senhor e os dois Discípulos. Por fim, voltando para o monte Olivete, assiste ao mistério da Ascensão, vê os últimos vestígios, as derradeiras pisadas do divino Salvador, e sobre elas se prostra e as beija mil vezes, com suspiros de infinito amor.

Concentra nesse instante em seu coração toda a intensidade dos santos affectos que lho animavam, tal como o bêteiro que retesa a corda do seu arco, quando pretende disparar a frecha.

Ergue-se de súbito com os olhos postos no Céu e as mãos em atitude suplicante: « Oh Jesus, exclama, meu doce Jesus, já não sei de lugar onde possa procurar-vos e seguir-vos na terra! Oh! Jesus, Jesus, meu amor, concedei ao meu coração que vos siga para o Céu! »

E com estas palavras ardentes, a sua alma voou ligeira, tão ligeira para o Céu como uma frecha sagrada, despedida por um divino bêteiro, ao alvo do seu bem-aventurado amor.

Vendo-o cair tão súbitamente, os servos que o acompanhavam, correm pressurosos a chamar um médico, admirados de tão inesperado acidente.

Este, nada mais pôde fazer do que verificar o falecimento; mas, para mais seguro juízo de tão imprevista morte, informou-se da índole, dos hábitos e sentimentos do defunto, vindo à conclusão da bondade da sua condição amorável, dos seus piedosos sentimentos e ardente amor por Jesus.

« Não há dúvida, disse o médico, de que este coração se finou por excesso do mais fervoroso amor. »

(1) Luc., II, 35.

Porém, para se certificar deste juízo, abriu o cadáver e encontrou-lhe o coração aberto, com a seguinte inscrição: «Jesus, meu amor!»

Foi portanto o amor que neste caso substituiu a morte, sem concurso de mais causa alguma. E é S. Bernardino de Sena, autor tão douto como virtuoso, que conta este successo no primeiro dos seus sermões da Ascensão ⁽¹⁾.

Por esse tempo, também um autor que oculta modestamente o nome, aliás digno de ser conhecido, conta numa obra sua, intitulada «Espelho dos Espirituais» uma história mais admirável ainda ⁽²⁾.

Num dos cantões da Provença existia um homem altamente dedicado ao amor de Deus e à devoção do Santíssimo Sacramento do altar. Acometido duma doença grave, que lhe provocava continuados vômitos, quis confessar-se e, sendo-lhe apresentada a divina partícula, não ousou recebê-la, com receio de a lançar.

No entanto suplicou fervorosamente ao pároco que lha pousasse um instante apenas sobre o peito e com ela lhe fizesse o sinal da Cruz.

O sacerdote acedeu e, no mesmo instante, aquele peito abriu-se e absorveu o celeste alimento, que encerrava o seu Jesus, enquanto o enfermo expirava.

Compreendo que esta história é tão extraordinária que requer, para ser acreditada, testemunho de grande crédito.

Ainda assim, depois da verídica história do coração fendido de Santa Clara de Montefalco, que ainda hoje pode ser visto por toda a gente, e da das chagas de S. Francisco, plenamente confirmada, a minha alma não encontra dificuldade em acreditar nestes admiráveis efeitos do amor divino.

(1) In exordio. — (2) Título De Amore Dei.

CAPÍTULO XIII

**Como a Santíssima Virgem, Mãe de Deus,
morreu de amor por seu Filho**

Não se pode justificar facilmente que a morte de S. José fosse posterior à de Jesus. Antes, todas as probabilidades, e mormente a recomendação do Salvador a S. João, mostrando-lhe a sua divina Mãe, reforçam a opinião de que ele já não existia. E como poderia admitir-se que o dilecto Filho do seu coração, o seu querido Menino, lhe não assistisse à hora da morte? *Bem-aventurados os que usam de misericórdia, porque também eles obterão misericórdia* (1).

Ah! quantos cuidados, quanto amor e misericórdia não dispensou este Pai adoptivo ao Salvador, desde que este veio ao mundo, débil criancinha! E poder-se-á conceber que ao deixar este mundo o seu divino Filho lhe não retribuísse, em centuplicado, tais affectos, prodigalizando-lhe todas as suavidades celestes?

As cegonhas são a mais fiel imagem do mútuo amor entre pais e filhos; porque, sendo aves de arribação, transportam nas asas os pais e mães decrepitas, assim como por eles eram transportadas, em pequeninas nas suas viagens periódicas.

Durante a infância do Salvador, o grande S. José, seu pai adoptivo, e a gloriosa Virgem Maria, sua Mãe, conduziram-no muitas vezes, e especialmente naquela viagem que fizeram da Judeia para o Egipto e do Egipto para a Judeia. Quem duvidará, pois, de que este pai tão desvelado, chegando ao termo da existência, seria igualmente conduzido, ao passar deste mundo para o outro, pelo seu divino Filho, para o seio de Abraão, para dali o transportar ao seu, na glória, no dia da sua maravilhosa Ascensão?

(1) Mat., V, 7.

Um Santo que tanto amou em vida não podia morrer senão de amor; porque, não podendo sua alma amar o seu querido Jesus, até à saciedade entre as distrações desta vida, e tendo terminado a tarefa de que fora incumbido na infância do Homem-Deus, que lhe restava senão dizer ao Pai Eterno: *Ó Pai, concluída é a missão de que me encarregastes* ⁽¹⁾, e depois ao Filho: *Ó meu Filho, assim como o Pai celeste entregou o vosso corpo nas minhas mãos, no dia em que viestes ao mundo, assim hoje, que me separo desta vida, entrego o meu espírito nas vossas mãos* ⁽²⁾.

É assim que eu imagino ter sido a morte do eminente Patriarca, escolhido para desempenhar a mais terna, a mais afectuosa e nobre missão, que jamais foi nem será desempenhada junto do Filho de Deus, depois da que exerceu sua celeste Esposa, verdadeira Mãe natural deste divino Filho. Assim também não se pode conceber que Maria tenha morrido, a não ser de amor: a mais nobre das mortes, devida portanto à mais nobre de todas as criaturas, morte que os próprios Anjos desejariam, se fossem susceptíveis de morrer.

Se dos primeiros Cristãos se diz que tinham um só coração e uma só alma ⁽³⁾, tão perfeito era neles o amor divino; se S. Paulo já não vivia em si, *mas era Jesus que vivia nele* ⁽⁴⁾, tão estreita era a união do seu coração com o do divino Mestre, estando a alma como que morta no coração que animava, para viver no coração do Salvador que tanto amava: oh! meu Deus, quanto mais certo não é que a sacratíssima Virgem e seu Filho não tinham senão uma alma, uma só vida! Esta santa Mãe não vivia em si, mas era o seu Filho que vivia nela.

A mais amante e a mais amada das mães que jamais existiu, é Maria. Foi amante e amada com um amor incomparavelmente superior ao de todas as ordens dos Anjos e dos homens, exactamente como os nomes de Mãe única e Filho único são nomes superiores a todos os outros, em matéria de amor. E digo de Mãe única e Filho único, porque todos os filhos dos homens repartem o reconhecimento

⁽¹⁾ Joan., XVII, 4. — ⁽²⁾ Ps. XXX, 6; Luc. XXIII, 46. — ⁽³⁾ Act., IV, 32. — ⁽⁴⁾ Galat., II, 20.

da sua geração entre o pai e a mãe; mas neste, como o seu nascimento humano só da Mãe dependeu, porque apenas ela, com a virtude do divino Espírito Santo, contribuiu para a concepção do divino Infante, é natural que só a ela fosse devido e tributado todo o amor que origina a geração, de modo que este Filho e esta Mãe formaram uma tão completa união ⁽¹⁾ que, em matéria de amor, tem um nome superior a todos os outros. Entre os Serafins, qual poderia dizer ao Salvador: Sois o meu verdadeiro Filho, e eu como tal vos amo? E a que criatura diria nunca o Salvador: Sois a minha verdadeira Mãe e só a mim pertenceis, como eu vosso verdadeiro Filho, só a vós pertencço?

Ah! se é certo que um amante servo ousa dizer, e com fundamento, que não tem outra vida além da do seu senhor, com quanto mais confiança e ardor não deveria exclamar esta Mãe: Não tenho outra vida senão a vida do meu Filho; a minha vida está toda fundida na sua, como a dele o está na minha. Não há aqui união mas unidade de coração, de alma, de vida entre Mãe e Filho.

Ora, se esta Mãe viveu da vida de seu Filho, também morreu da sua morte: tal vida, tal morte. Diz-se que a fénix ⁽²⁾ achando-se muito velha, apanhara no cume duma montanha um feixe de lenha aromática, para acabar nele os seus dias, como num leito de honra.

A hora em que o sol a pino dardejava os mais ardentes raios, essa ave única, para com sua colaboração dar um acréscimo às ardências do astro-rei, não pára de bater as asas sobre a fogueira, até se inflamar e arder também, consumindo-se e expirando no meio das chamas odoríferas.

É assim, Teotimo, que a Santa Virgem, reunindo em seu espírito, com viva e constante recordação, todos os amabilísimos mistérios da vida e morte de seu Filho, e recebendo sempre directamente as mais ardentes inspirações que ele, que é o *Sol da Justiça* ⁽³⁾, lançou sobre os homens no auge da sua caridade, contribuiu também com um perpétuo movimento de contemplação, e por fim o fogo deste divino amor consumiu-a totalmente, como um holocausto de suavidade;

(1) Cf. Heb., I, 4, 5. — (2) Vide Plin., ubi supra, c. VI. — (3) Malach., IV, 2.

de modo que, ao abandonar a Virgem a existência, já a sua alma fora arrebatada e transportada para os braços amorosos do seu Filho.

Ó morte, que em ti trazes amor e vida! Ó amor, cuja existência mata!

Alguns sagrados amantes presenciaram a morte do Salvador; entre eles, os que mais o amavam maior dor sentiram, porque o amor se desentranha em dor e a dor em amor; por consequência aqueles que pelo seu Salvador tinham mais ardente amor, mais sentiram as dores da sua Paixão. Mas a doce Maria, que o amava acima de todos, mais do que nenhum foi atravessada pela dor, que, qual aguda espada, lhe trespassou o coração de Mãe ⁽¹⁾. Tanto mais que esse coração pulsava junto e identificado com o de seu Filho, numa união tão perfeita que não era possível ferir um sem atingir o outro em cheio.

Ora este peito materno, assim ferido de amor, quis conservar a ferida, não lhe buscou alívio; preferiu a dor a todo o conforto, conservando carinhosamente todos os vestígios dela, por amor de quem lhos imprimira no coração, desejando continuamente morrer, já que seu Filho morrera. E, como diz a Sagrada Escritura, e com ela todos os doutores, finou-se entre as chamas da caridade, holocausto perfeito por todos os pecados do mundo.

CAPÍTULO XIV

Como a gloriosa Virgem morreu de amor infinitamente doce e tranqüilo

Há quem afirme que Nossa Senhora revelou a Santa Matilde ⁽²⁾ que a doença de que morrera, não foi senão um impetuoso assalto do amor divino: mas Santa Brígida ⁽³⁾ e

⁽¹⁾ Luc., II, 35. — ⁽²⁾ Liber de Gratia speciali, c. XXVI. —
⁽³⁾ Revel., I, VI, c. XXVI.

S. João Damasceno (1) asseveram que a sua morte foi extremamente plácida: ambas as coisas são verdade, Teotimo.

As estrelas, maravilhosamente belas e de brilho tão suave, se repararmos, apresentam na sua luz diversos acidentes: ora despedem fulgores vivos e rutilantes, ora cintilações fracas, como que produzidas a custo, e com grande esforço, ou porque a sua luz, sendo fraca, não pode manter-se permanentemente igual, ou porque nossos olhos as não podem atingir com firmeza e constância, em virtude da grande distância a que estão de nós.

O mesmo sucedeu com quase todos os Santos, que morreram de amor. Antes do momento final, passaram por uma grande variedade de alternativas: transportes, assaltos, êxtases, desfalecimentos, agonias, parecendo que o seu amor é que gerou, em trabalhos e esforços, a morte ditosa que tiveram.

Isto explica-se pela fraqueza do amor, que, não tendo atingido a perfeição, não podia manter-se numa firmeza igual e contínua.

Mas com a Santíssima Virgem o caso é diverso. Como a luz da aurora cresce em intensidade e resplendor, sem desfalecimentos nem ímpetos, e vai progressivamente aumentando, sem nos apercebermos de intermitências, nem distinguirmos falhas, ou interrupção alguma, assim a cada momento no coração virginal da gloriosa Mãe de Deus crescia e se inflamava o amor, mas gradualmente, com suavidade, sem agitação, nem violência.

Ah! Teotimo, nem se pode conceber que houvesse agitação no coração maternal da Virgem. O amor é essencialmente doce, ameno e pacífico. Se causa, por vezes, abalos e estremecimentos é porque a nossa alma lhe opõe resistência. Quando lhe abre passagem franca, sem oposição nem obstáculos, o amor aumenta progressivamente, com uma suavidade incomparável.

E era assim que a mais santa caridade exercia a sua acção no coração virginal da Mãe Santíssima, sem esforço, nem violenta impetuosidade, porque nele não encontrava resistência, nem impedimento algum. Os grandes rios fazem

(1) Homiliæ duæ de dorm. Virg. Marie.

ressaltos e cachões, ruidosamente, nos lugares escabrosos, em que os rochedos levantam bancos e escolhos que impedem o sereno escoar das águas; ao contrário, chegando à planície, deslizam serenamente, sem esforço.

Assim o amor divino, quando nas almas humanas encontra algum impedimento e resistências, como na realidade todas lhe opõem, ainda que de maneira diferente, faz diligências, violências até, combatendo as más inclinações, tocando-nos o coração, impelindo a vontade por meio de inquietações e diversos esforços, para abrir caminho e vencer esses obstáculos.

Porém na Virgem Santíssima tudo favorecia e secundava o curso do amor celeste, operando-se nela aumentos e progressos na perfeição, incomparavelmente maiores que em todo o resto das criaturas; e todavia esses progressos eram infinitamente doces, amenos e pacíficos.

Não, ela não desfaleceu de amor nem de compaixão junto à Cruz de seu Filho, posto que sentisse nesse momento o mais intenso e doloroso acesso de amor que pode conceber-se; por extremo que fosse esse acesso, era igualmente intenso e doce, simultaneamente poderoso e tranquilo, activo e pacífico, mixto de pungente e de suave.

Eu não afirmo, Teotímo, que na alma da Virgem Santíssima não houvesse duas correntes e, por consequência, dois desejos: um, conforme ao espírito e à razão superior, outro, segundo os sentidos e a razão inferior, de modo que podia sentir repugnâncias e oposições entre os dois; o mesmo se deu até em Nosso Senhor, seu divino Filho.

Mas o que eu digo é que nesta Mãe celeste, todos os affectos estavam tão bem dispostos e ordenados que o divino amor exercia nela o seu império e domínio com toda a suavidade, sem que a perturbassem desencontrados desejos e appetites, nem opposição de sentimentos.

Nem as revoltas do appetite natural, nem os movimentos dos sentidos atingiram jamais em Maria o carácter de pecado, venial que fosse; pelo contrário, tudo redundava santa e fielmente em serviço do amor divino, pelo exercício de outras virtudes, cuja prática, ordinariamente, é para nós cheia de dificuldades, repugnâncias e contradições.

Os espinhos, segundo a opinião vulgar, não só diferem

da natureza das flores como lhe são contrários, e parece que melhor fora que eles não existissem. Esta reflexão fez pensar a Santo Agostinho que, se não houvesse o pecado, eles não existiriam ⁽¹⁾.

Todavia, desde que há espinhos, o lavrador solícito utiliza-os e faz com eles sebes e vedações que defendem nos campos os arbustos tenros, servindo-lhes de muralha contra os animais.

Igualmente a Virgem gloriosa, partilhando todas as misérias do género humano, excepto as que respeitam imediatamente ao pecado, empregou-as o mais útilmente possível na prática e aumento das santas virtudes da fortaleza, temperança, justiça, prudência, pobreza, humildade, sofrimento e compaixão. De modo que, em vez de impedimento eram outras tantas ocasiões de se afervorar no amor celeste, que desta sorte se exercitava e continuamente crescia.

Em sua casa, Madalena não desviou a atenção das amorosas impressões que recebia do Salvador, posto que fosse grande o ardor e solicitude de Marta. Maria *escolheu* o amor de seu Filho, e nada houve que lho pudesse tirar ⁽²⁾.

O imã, como toda a gente sabe, Teotimo, atrai a si o ferro, em virtude duma propriedade que tem, digna de admiração; no entanto, há cinco coisas que impedem essa operação: 1.º a grande distância; 2.º se se interpuser um diamante; 3.º se o ferro estiver engordurado; 4.º se o esfregarem com alho; 5.º se o ferro for muito pesado.

Ora o nosso coração foi feito para Deus, que o acarinha de continuo e não deixa de derramar nele os atractivos do seu celeste amor; mas cinco coisas impedem também que se efectue esta atracção; 1.º o pecado, que nos afasta de Deus; 2.º o amor às riquezas; 3.º os prazeres sensuais; 4.º o orgulho e a vaidade; 5.º o amor próprio, com todo o seu cortejo de paixões desenfreadas e que em nós atingem um peso esmagador.

Ora nenhum destes impedimentos pôde jamais ter lugar no coração da Santíssima Virgem; 1.º sempre preservada de todo o pecado; 2.º sempre pobre no seu coração; 3.º sempre

(1) Hexaem., 1. III, c. XI. — (2) Luc., X, ult.

puríssima; 4.º sempre humilde; 5.º sempre dominadora de todas as paixões e isenta da rebelião que o amor próprio opõe ao amor de Deus.

É por isso que, assim como o ferro, desembaraçado de todos os obstáculos e aliviado do próprio peso, seria atraído forte mas docemente para o imã, de modo que a atracção seria tanto mais forte quanto mais perto se encontrassem um do outro, assim também a Mãe Santíssima, não tendo em si nada que obstasse à operação do divino amor do seu Filho, unia-se a Ele numa união incomparável, em doces, suaves e naturais êxtases. Nestas a parte sensível não deixava de ter o seu quinhão, sem contudo prejudicar a união do espírito; nem a aplicação do seu espírito provocava grande desvio dos sentidos.

Foi, pois, a morte da Virgem a mais doce que pode imaginar-se; atraída por Jesus *com o suave aroma de seus perfumes* (1), lançou-se amorosamente, enlevada na fragrância suavíssima desses aromas, no seio da bondade de seu Filho.

E posto que esta santa alma amasse com extremos de ternura o seu santíssimo, puríssimo e amabilíssimo corpo, deixou-o todavia sem custo nem resistência alguma, como Judit que, apesar de estimar sobre todas as coisas os seus hábitos de penitência e viuvez, os resignou entretanto com prazer para se revestir com novos hábitos nupciais, quando aceitou a missão de vencer Holofernes (2), ou ainda como Jónatas quando, por amor de David, se despojou de seus vestidos (3).

O amor dera aos pés da Cruz a esta divina Esposa as supremas dores da morte; justo era que no fim da sua existência lhe concedesse as soberanas delícias do amor.

FIM DO SÉTIMO LIVRO

(1) Cant., I, 3. — (2) Judit, X, 2, 3. — (3) Reg., XVIII, 4.

LIVRO OITAVO

DO AMOR DE CONFORMIDADE PELO QUAL
UNIMOS A NOSSA VONTADE À DE DEUS,
EXPRESSA NOS MANDAMENTOS,
CONSELHOS E INSPIRAÇÕES

CAPÍTULO I

O amor de conformidade, nascido da sagrada complacência

Como a *boa terra* que recebeu o grão o retribui *em centuplicado* ⁽¹⁾, na estação própria, também o coração que recebeu a complacência do Senhor, não deixa de dar reciprocamente ao Senhor uma outra complacência. Ninguém nos agrada, sem que desejemos agradar-lhe.

O vinho fresco refrigera por momentos a quem o bebe; mas logo que recebe o calor do estomago em que penetra, aquece-o por seu turno, e quanto mais calor lhe dá o estomago, tanto mais lhe retribui. O verdadeiro amor não é ingrato, antes se esforça por comprazer a quem lhe compraz.

De aqui nasce a conformidade dos que se amam, que nos torna tais, quais os objectos que amamos. O muito devoto e sábio rei Salomão degenerou em idólatra e louco desde que

(1) Luc., VIII, 8.

se entregou aos amores de mulheres idólatras e loucas, e teve tantos ídolos quantos elas tiveram (1).

Por isso é que a Escritura chama *efeminados* (2) aos homens que se deixam dominar pelo amor das mulheres; esses geralmente perdem a inteireza de carácter tornam-se fracos, transformam-se por completo, tanto na índole como nos costumes.

Esta transformação opera-se insensivelmente. É que a complacência, desde que entra no coração, gera outra com que retribuamos à pessoa a quem a recebemos. Dizem que há nas Índias um animalzinho terrestre, cuja especial predilecção consiste em observar os peixes que nadam no mar; começa por se associar com eles, vai-se ensaiando até nadar também, perdendo os seus instintos naturais e tornando-se por fim em animal marinho (3).

Do mesmo modo, quando nos deliciamos na contemplação do Senhor, conformamo-nos com Ele, e a nossa vontade identifica-se com a da divina Majestade, por meio da complacência que recebemos.

O amor, diz S. Crisóstomo (4), reflecte sempre a feição moral de quem o inspira; os exemplos da pessoa que amamos tem um suave e incompreensível império, uma autoridade sobre nós; é forçoso desprezá-los ou imitá-los.

O indivíduo que, atraído pela suavidade de delicados perfumes, entra no estabelecimento dum perfumista, deliciando-se com a aspiração dos aromas, perfuma-se a si mesmo e, quando sair, faz participar do prazer que experimentou as pessoas que dele se aproximarem.

O prazer que o coração encontra na coisa amada leva-o a copiar-lhe as qualidades, porque a alegria abre o coração como a tristeza o fecha. A Sagrada Escritura usa muitas vezes até da palavra *dilatar*, em vez de *alegrar*.

Ora, quando o coração se patenteia franco em razão do prazer, as impressões de que deriva esse prazer entram à vontade no nosso espírito; entram as que nos avassalaram, entram outras em que mal reparamos e até algumas que

(1) III Reg., XI, 4-8. — (2) Is., III, 4. — (3) Almeida, S. J. Epist. ex. Japônia, ano 1566. — (4) Pro S. hieron. (in Mich., VII, 5).

nos desagradam entram também, arrastadas pelo prazer. Exactamente como aquele que, sem ter a veste nupcial, entrou no festim de mistura com os convidados ⁽¹⁾.

Também os discípulos de Aristóteles, para o imitarem em tudo, gaguejavam, e os de Platão costumavam deixar descair os ombros ⁽²⁾. Plutarco conta que uma mulher, cuja imaginação e força de apreensão eram muito intensas em matéria de voluptuosidade, concebeu um filho negro de um pai extremamente branco, só pelo facto de ter contemplado com atenção a estátua de um Moiro ⁽³⁾.

Além destes, temos também o caso das ovelhas de Jacob, para justificar e reforçar esta ideia.

Enfim, o prazer que sentimos num objecto é, em certo modo, um déspota que domina o coração, incutindo nele as qualidades desse objecto.

Por esta mesma regra, a santa complacência transforma-nos no Senhor, a quem amamos, e quanto maior ela for, mais perfeita será essa transformação. Os Santos foram transformados com muita rapidez e perfeição porque, amando muito a Jesus, reflectiam no seu coração as virtudes e o amor que o Senhor lhes transmitia.

Facto estranho, mas verdadeiro: Se estiverem a pequena distância dois alaúdes uníssonos, isto é, afinados pelo mesmo tom, tocando-se num, o outro repete a mesma nota produzida pelo primeiro: existe entre ambos um perfeito concerto, uma conformidade real, uma correspondência imediata, como se houvesse um amor natural entre os dois instrumentos.

Temos repugnância em imitar àqueles que odiamos, até nos actos que julgamos bons; os Lacedemónios não seguiam o conselho dum mau homem, sem que um homem de bem o houvesse pronunciado ⁽⁴⁾; ao contrário, não podemos eximir-nos à imitação do que amamos verdadeiramente.

O grande Apóstolo concorda comigo neste ponto, quando diz que *a lei se não fez para os justos* ⁽⁵⁾. Efectivamente

(1) Mat., XXII, 11. — (2) Plutarc. De audiend. poem. — (3) Et vide Plín., Hist. nat. l. VII, c. XII (al. X). — (4) Plutarc. Apophthegm, Lacónica, circa finem. — (5) I Tim., 1, 9.

o justo não é justo senão porque possui o santo amor, e o amor não carece dos rigores da lei.

O amor é o mestre que mais insta e mais persuade o coração, de que tomou posse, a obedecer à vontade e às intenções do seu amado. O amor é um magistrado que exerce o seu poder sem violências, nem jurados, nem polícias, só pela mútua complacência pela qual desejamos agradar a Deus como Ele nos agrada a nós.

O amor é o resumo de toda a teologia; foi ele que tornou santamente douda a ignorância dos Paulos, dos Antónios, dos Hilários, dos Simeões, dos Franciscos, sem livros, sem preceptores, sem arte. Em virtude desse amor é que a bem-aventurada, ou escolhida, disse com confiança: «O meu Amado pertence-me inteiramente, pela complacência que em mim causa, e da qual me alimenta, e eu sou toda d'Ele pela benevolência, com que lhe agrado e o alimento. O meu coração satisfaz-se com comprazer ao Senhor e o seu sustenta-se com o meu amor por Ele. Ele é o pastor sagrado que me apascenta, qual ovelha querida, entre os lírios das perfeições que me deleitam. Eu, como ovelha querida, pago-lhe com o leite dos mais ternos afectos, com que quero comprazer-lhe».

Todo aquele que se compraz verdadeiramente no Senhor, deseja agradar-lhe fielmente, e para lhe agradar, conforma-se e identifica-se inteiramente com Ele.

CAPÍTULO II

A conformidade da submissão que procede do amor de benevolência

A complacência reflecte em nós os traços das divinas perfeições, acomodando-as à nossa capacidade de as receber. Como um espelho reproduz a imagem do sol, reduzindo os esplendores e a grandeza do astro-rei às proporções do seu diâmetro, assim nós, na nossa pequenez, podemos reproduzir a Divindade.

Além disso o amor de benevolência ainda nos dá essa santa conformidade por outra via. O amor de complacência atrai Deus para o íntimo do nosso coração, enquanto que o amor de benevolência, lança para Deus o nosso coração, e com ela todos os nossos actos e affectos, consagrando-lhos com profundo amor. A benevolência quer para o Senhor toda a honra, toda a glória e todo o reconhecimento que seja possível prestar-lhe, como um bem exterior devido à sua infinita bondade.

Ora este desejo, conforme a complacência que houvermos posto no Senhor, realiza-se do seguinte modo: Sentindo imensa complacência em contemplar a soberana bondade do Senhor, desejamos, por amor e em consequência dessa benevolência, que todas as atenções e affectos de que somos capazes, se empreguem em bendizer essa bondade. Se contemplarmos a soberana excelência da perfeição do Senhor, tudo faremos para que Ele seja soberanamente louvado, honrado e adorado.

Se nos deliciamos em considerar que Deus é, não só princípio fundamental da nossa existência, mas também o seu fim supremo, Autor, Conservador e Senhor de todas as coisas, o nosso único desejo é que tudo se lhe submeta pela mais passiva e voluntária obediência.

Verificamos que a vontade de Deus é soberanamente perfeita, exacta, justa e equitativa; por esse motivo não aspiramos a outro fim que não seja impô-la como regra geral e lei soberana de todas as coisas, procurando que a sigam e lhe obedeçam todas as outras vontades.

É preciso, contudo notar, Teotimo, que me não refiro aqui à obediência devida a Deus, como nosso Senhor e Mestre, nosso Pai e Benfeitor; essa espécie de obediência pertence à virtude da justiça e não ao amor. Não trato agora dela.

Ainda que não houvesse inferno para castigar os rebeldes, nem Paraíso para recompensar os bons; ainda que não tivéssemos obrigações nem deveres a cumprir para com Deus, (hipótese que deve supor-se como inteiramente impossível, não podendo admitir-se por nenhum princípio); ainda que assim fosse, o amor de benevolência obrigava-nos a tributar inteira obediência e submissão a Deus, por eleição

e devoção, até mesmo por uma suave violência do amor, ao considerarmos a bondade soberana, a justiça e rectidão da sua divina vontade.

Isto pela mesmíssima razão pela qual uma donzela, que escolheu por seu livre arbítrio e affecto um esposo, se lhe dedica com submissão inteira, quando, antes desse amor, não havia entre eles a mínima obrigação. Ou pelo motivo por que um mancebo se põe ao serviço dum príncipe, ou entrega o seu destino nas mãos do superior de uma Ordem, em que se internou voluntariamente.

A conformidade do nosso coração com o de Deus, realiza-se quando pela santa benevolência depomos todas as nossas afeições nas mãos da sua divina vontade, para que Ele as incline e dirija a seu modo, moldando-as e conformando-as como lhe aprouver. E é nisto que consiste a profundíssima obediência do amor, que não carece de estímulo por meio de recompensas ou de ameaças, nem necessita de leis, nem de ordem alguma. A obediência vai na vanguarda; submete-se à vontade do Senhor, só pela perfectíssima bondade que n'Ele existe, e é motivo suficiente para que toda a vontade se lhe renda, obediente e submissa, conformando-se e unindo-se para sempre, em tudo e por tudo às suas divinas intenções.

CAPÍTULO III

Como devemos conformar-nos com a vontade divina, que se chama significada

Considerando a vontade do Senhor em si mesma e vendo-a tão justa e tão boa, não podemos deixar de a louvar, bendizer e adorar, e é fácil sacrificar a nossa vontade e a das outras criaturas à sua obediência, repetindo esta divina exclamação: *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu!* ⁽¹⁾ Outras vezes consideramos a vontade de

(1) Mat., VI, 10.

Deus nos seus efeitos particulares, nos acontecimentos que se referem a nós ou que nos atingem; outras ainda na declaração e manifestação dos seus intentos,

E ainda que realmente a divina Majestade não tenha senão uma única e simplicíssima vontade, nós designamo-la com nomes diversos, segundo a variedade dos meios pelos quais a tivermos conhecido. Essa variedade também nos obriga a conformar-nos com ela, por modos diversos,

A doutrina cristã propõe-nos claramente as verdades que Deus quer que acreditemos, os bens que devemos esperar, as penas que havemos de temer, as coisas que é preciso amar, os mandamentos que temos de observar e os conselhos que deseja que sigamos. Chama-se a tudo isso a vontade de Deus significada, porque Ele manifestou e deixou expresso que quer e determina que tudo isso seja acreditado, esperado, temido, amado e praticado.

Ora, enquanto esta vontade significada de Deus se apresentar em forma de desejo e não de ordem absoluta, estamos no direito de a seguir por obediência ou de lhe resistir por desobediência. Neste ponto, Deus efectua três actos da sua divina vontade: quer que possamos resistir; quer que não resistamos; e permite todavia que resistamos, se quisermos,

O podermos resistir depende da nossa natural condição e liberdade; resistir, de facto, procede da nossa malícia; não resistir é o desejo da divina Bondade. Se, portanto, resistimos, Deus em nada contribui para a nossa desobediência, mas deixa a nossa vontade entregue ao seu livre arbítrio ⁽¹⁾, permitindo que escolha mal; se obedecemos, Deus concede o seu socorro, a sua inspiração, a sua graça: porque a permissão é uma acção da vontade que de si é improdutiva, estéril, infecunda, e, por assim dizer, é uma acção passiva que nada faz, mas deixa fazer; ao inverso, o desejo é uma acção viva, fecunda, fértil, que excita, impele e obriga.

Eis a razão porque Deus, desejando que sigamos a sua vontade significada, nos chama e exorta, nos convida e inspira, nos ajuda e socorre. Quando, porém, permite que resis-

(1) Eccli., XV, 14.

tamos, é porque nos abandona simplesmente à nossa vontade, para que deliberemos a nosso gosto, contra o seu desejo e determinação.

E todavia este desejo é um verdadeiro desejo. Pode estabelecer-se uma comparação perfeita desse desejo com o que um indivíduo pode fazer para obsequiar um amigo. Que há-de fazer senão preparar-lhe um jantar succulento, como fez o rei da parábola evangélica ⁽¹⁾, convidá-lo, instar, obrigá-lo quase com súplicas, com exortações e esforços a vir, a sentar-se à mesa e comer?

Com certeza que quem lhe abrisse a boca à força, lhe introduzisse as iguarias pela garganta e lhas fizesse engulir, não poderia jactar-se de oferecer-lhe um banquete de cortezia, mas antes se diria que tratou o seu convidado como a um animal, como a um cevado, que quisesse engordar.

Esta espécie de benefício quer-se oferecida por admoestações, avisos e instâncias, e não com violências: por isso se faz à maneira de um desejo, e não por imposição da vontade. O mesmo sucede com a vontade significada do Senhor. É por ela que Deus deseja verdadeiramente que façamos o que Ele determina, e para esse efeito nos fornece tudo o que é necessário, exortando-nos e chamando-nos à prática do bem.

E àcerca desta graça, não se pode desejar mais. Assim como os raios do sol não deixam de ser verdadeiros raios por serem repelidos, e interceptados por qualquer obstáculo, assim a vontade significada de Deus não deixa de ser verdadeira vontade de Deus, pelo facto de lhe resistirmos, e por isso não produzir em nós os mesmos efeitos que se nós a secundássemos.

Por consequência a conformidade do nosso coração com a vontade expressa do Senhor consiste em só querermos aquilo que a divina Bondade nos indica ser de sua intenção; que acreditemos na sua doutrina, esperemos nas suas promessas e temamos as suas penas; que amemos e vivamos em conformidade com as suas determinações e conselhos. A este fim visam todos os protestos, a cada passo repetidos nas santas cerimónias eclesiásticas.

(1) Mat., XXII, 2-10; Luc., XIV, 16-23.

É por isso que nos conservamos de pé, enquanto o sacerdote lê as lições do Evangelho, mostrando-nos prontos a obedecer à sagrada interpretação da vontade do Senhor, contida no Evangelho; por isso beijamos o livro no sítio do Evangelho, para adorar a palavra santa que declara a vontade celeste.

Esse foi o motivo porque muitos Santos e Santas, antigamente, traziam escrito no peito o Evangelho, qual epítima de amor, como se lê de Santa Cecília. Não há dúvida de que se encontrou o Evangelho de S. Mateus sobre o coração de S. Barnabé, depois de morto, escrito pelo próprio punho do Santo.

Nos antigos Concílios, também era costume erguer no meio das assembleias dos Bispos um grande trono, e nele se collocavam os santos Evangelhos, que representavam a pessoa do Salvador como sendo o supremo Rei, Doutor, Director, Espírito e verdadeiro Coração dos Concílios e de toda a Igreja. Tal era a honra que se tributava à significação da vontade de Deus, expressa neste divino Livro.

O grande oráculo da ordem pastoral, S. Carlos, Arcebispo de Milão, nunca estudava a Sagrada Escritura que não descobrisse a fronte reverentemente e se não ajoelhasse, para testemunhar o respeito que deve inspirar a leitura da vontade de Deus significada.

CAPÍTULO IV

A conformidade da nossa vontade com a que Deus tem de nos salvar

Ninguém pode ignorar que a vontade de Deus é que nos salvemos, tantas e tão diferentes são as maneiras pelas quais no-lo manifestou. Nesse intuito nos fez *a sua imagem e semelhança*, no acto da criação ⁽¹⁾; quando incarnou,

(1) Gén., I, 26, 17.

revestiui-se da nossa mesma natureza; padeceu a morte afrontosa da cruz, para resgatar o género humano e salvá-lo.

E fê-lo com tanto amor que, como conta o grande S. Dionísio, apóstolo de França ⁽¹⁾, Jesus disse um dia a esse justo varão que se chamou Carpus, que de bom grado padeceria outra vez para salvar a Humanidade se fosse possível realizar essa ideia, sem nenhum homem pecar.

Ora, ainda que nem todos se salvem, o que é indubitável é que Deus tem uma decidida vontade de nos salvar, e para isso actua em nós conforme a condição da sua natureza e da nossa. A sua bondade leva-O a comunicar-nos com liberalidade os socorros da sua graça, para podermos alcançar a felicidade da sua glória.

Porém a nossa natureza exige que a divina liberalidade nos deixe livres para aproveitar esses socorros, e salvarmos-nos, ou desprezá-los e perdermo-nos.

Eu pedi *uma graça*, dizia o Profeta ⁽²⁾ e *jamais deixarei de a rogar, a saber: que eu veja a ventura do Senhor, e possa visitar o seu templo.*

Pois qual será a ventura da soberana Bondade, senão difundir e comunicar as suas perfeições? Com certeza que *a sua delícia consiste em estar com os filhos dos homens* ⁽³⁾ e repartir com eles as suas graças. Não há nada que nos seja tão agradável como realizar a nossa vontade.

A nossa *santificação é a suprema vontade de Deus* ⁽⁴⁾ e a salvação dos homens o seu melhor desejo. Não há diferença entre o melhor desejo e a melhor delícia, nem consequentemente, entre a melhor delícia e a suprema vontade divina.

A vontade que Deus tem de salvar os homens é a melhor, porque é amável, propícia, favorável, cheia de agrados e delícias, e como disseram os gregos, pela voz de S. Paulo ⁽⁵⁾, é uma verdadeira *filantropia*, quer dizer, uma benevolência ou vontade extremamente amorosa para com os homens.

Todo o celeste templo da Igreja triunfante e militante espalha por todos os lados os cânticos do sublime amor de Deus para connosco. O corpo sacratíssimo do Salvador,

(1) Ep. VIII, ad Demofilum, § 6. — (2) Ps. XXVI, 4. — (3) Prov., VIII, 31. — (4) I Thess., IV, 3. — (5) Tit., III, 4; cf. Act., XXVIII, 1.

qual santíssimo templo da Divindade, está marcado com provas e sinais dessa benevolência. Ao penetrarmos no templo divino, nós verificamos as amáveis delícias que o Senhor experimenta em nos favorecer.

Contemplemos mil vezes por dia a amorável vontade de Deus, e unindo a nossa à d'Ele, exclamemos com devoção: Ó Bondade de infinita doçura, como é terna a vossa vontade! como são apreciáveis os vossos favores! Criastes-nos para a vida eterna, com o peito abrasado de amor por nós, cheio de misericórdia, tanto para perdoar aos pecadores como para aperfeiçoar os justos; por que não havemos de unir a nossa vontade à vossa, com a mesma ânsia com que a criancinha se suspende do seio da mãe, e haurirmos assim o doce leite das vossas bênçãos!

Teotimo, nós devemos querer a nossa salvação como Deus a quer: Ele quer a nossa salvação à maneira de desejo, e nós devemos associar-nos sinceramente a esse desejo do nosso Salvador. Ele não só quer, como nos faculta todos os meios de nos salvarmos; nós, para lhe correspondermos, não devemos só querer, mas aceitar com empenho todas as graças que Deus nos destina e concede.

Basta dizer: desejo salvar-me; mas não basta dizer: desejo abraçar os meios convenientes para a minha salvação. É necessário que a nossa vontade corresponda à de Deus, e se ela nos depara meios de nos salvarmos, devemos lançar mão deles e aceitá-los com o mesmo empenho que Deus tem em no-os proporcionar.

Sucede, porém, às vezes que os meios de alcançarmos a salvação, considerados em geral, agradam ao nosso coração, mas, considerados em particular, causam-nos receio. Ponhamos os olhos na fraqueza de S. Pedro: *disposto* a sofrer todas as penas, até a *morte*, se fosse mister, para seguir o divino Mestre; todavia, chegada a ocasião, empalidece, treme e renega esse mesmo Mestre, à voz duma simples criada! ⁽¹⁾

Tomamos a resolução de *beber o cálice* ⁽²⁾ de Nosso Senhor com Ele, mas se na realidade no-lo apresentam, esquivamo-nos, fugimos, esquecemos tudo. As coisas repre-

(1) Luc., XXII, 39, 56, 57. — (2) Mat., XX, 22.

sentadas em particular produzem no nosso espírito uma impressão forte e ferem-nos mais sensivelmente a imaginação.

Eis o motivo por que, na *Introdução* (1), demos de conselho que, depois dos affectos gerais, se devem tomar resoluções particulares na santa oração. David aceitava em particular as aflições, como um caminho que o levava à perfeição e, nesta ideia, cantava: *Oh! como vos agradeço, Senhor, que me humilhásseis, para eu receber a vossa justificação!* (2)

Igualmente se *alegravam* os Apóstolos com as tribulações e queriam a graça de *suportar todas as ignomínias em nome do seu Salvador* (3).

CAPÍTULO V

Conformidade da nossa vontade com a de Deus expressa nos mandamentos

É extraordinário o desejo que o Senhor tem de nos fazer observar os mandamentos, como se vê pela Sagrada Escritura. E que melhor prova queremos nós do que as grandes recompensas oferecidas aos que os observam, e os rigorosos castigos com que ameaça os que os violam? Já David exclamava (4): *Ó Senhor, vós ordenastes que os vossos mandamentos fossem observados rigorosamente.*

Atendendo ao desejo de Deus, o amor de complacência quer observá-los para lhe agradar; o amor de benevolência que tudo quer sujeitar à vontade divina, submete todos os desejos e aspirações à vontade que Deus deixou expressa. Daí resulta a observância e até o amor aos mandamentos, exaltado por David, num extraordinário estilo, no Salmo cento e dezóito, indubitavelmente inspirado por esta ideia.

(1) *Partie II*, c. VI. — (2) Ps. CVXIII, 71. — (3) Act., V, 41. — (4) Ps. CXVIII, 4.

Quanto me agrada a tua lei sublime!
Nasce o dia, meu Deus, e desce a noite,
Nenhum outro recreio necessito (1).
Para mim tua lei é meu tesouro,
Preferível a jóias, pratas, ou ouro (2).
Os teus ditos são doces, amorosos,
Mais que o mel a meus lábios saborosos (3).

Ora para excitar o santo e salutar amor dos mandamentos, devemos meditar-lhes a beleza, que é admirável. Assim como há obras más, por serem proibidas, e outras proibidas, por serem más, também as há boas, por nos serem recomendadas, e outras que nos são recomendadas por serem boas e muito úteis. Assim resulta que são todas proveitosas e muito apreciáveis, porque a recomendação imprime valor às que doutro modo o não teriam, e acrescenta a bondade das que, mesmo sem serem recomendadas, já de si são boas.

Nós não podemos receber de bom grado o favor dispensado por mão inimiga.

Os Lacedemónios nunca observavam o conselho de um mau homem, por muito salutar que fosse, sem que um homem de bem o repetisse (4). Ao contrário, não há mais agradável oferta do que a que recebemos de um amigo. As ordens mais brandas tornam-se ásperas, quando as dita um coração tirano e cruel; e são-nos gratíssimas se é o amor que no-las dá. Jacob considerava uma realeza a servidão a que se obrigou por amor (5).

Oh! como é suave e apetecido o jugo da lei divina, por ser estabelecido por um Rei tão amável.

Muitos cristãos observam os mandamentos como quem ingere um medicamento, mais pelo receio de morrer em pecado do que pelo desejo de viver na graça do Salvador. E, como há pessoas que sentem repugnância pelos remédios, por agradáveis que sejam, só porque são remédios, também

(1) Vers. 97. — (2) Vers. 127. — (3) Vers. 103. — (4) Plutarchus, ubi su pra, c. I. — (5) Gen., XXIX, 20.

há almas que têm grande relutância, até horror às obras que lhes são impostas, unicamente por serem impostas.

Conta-se que viveu em Paris tranquilamente uma existência de oitenta anos, um homem que nunca tivera curiosidade de ver outros horizontes que não fossem os da grande cidade. Pois bem; logo que o Rei lhe impôs que terminasse ali os seus dias, já se não resignou com o mandado e lembrou-se pela vez primeira de ir viver para a aldeia, gozar de encantos para ele absolutamente desconhecidos.

Porém, um coração amoroso estima os mandamentos e quanto mais difíceis eles forem, maior é o empenho com que os executa, achando-os gratos e suaves, só pelo facto de saber que assim agrada mais e presta maior homenagem ao Bem Supremo. Canta e desfere hinos de alegria, quando Deus lhe ensina os seus mandamentos e as suas recompensas ⁽¹⁾.

Como o peregrino que alegremente vai cantando na sua jornada, acrescenta à fadiga do caminho a do canto, sem que, todavia, esse excesso pareça enfadá-lo, antes lhe torna menos penosa a viagem, assim o amante sagrado encontra tanta suavidade e consolações no cumprimento dos mandamentos, que nada lhe dá alento tão profundo nem mais certo alívio, nesta vida mortal, do que a grata obrigação de cumprir os preceitos divinos. Lá exclama o Salmista: Ó Senhor, os vossos mandamentos são para mim as mais doces canções, neste lugar da minha peregrinação ⁽²⁾.

Há quem diga que os cavalos e as mulas carregados de figos sucumbem imediatamente ao peso perdendo a força toda. Mais doce que os figos é a lei do Senhor e o homem brutal, bestializado como o cavalo e a mula, que não têm entendimento ⁽³⁾, também perde a coragem e não se encontra com forças para lhe suportar o peso.

Um ramo de *agnus castus* nunca deixa sentir cansaço ao viajante que o levar ⁽⁴⁾. Também a cruz, a mortificação, o jugo, a lei do Salvador, que é o verdadeiro Cordeiro Casto ⁽⁵⁾, é um peso que alivia, que consola, que deleita os corações dedicados à sua divina Majestade. «Não sentimos

(1) Ps. CXVIII, 171. — (2) Ibid., v. 54. — (3) Ps. XXXI, 9. — (4) Plin., Hist. nat. 1. XXIV, c. IX (al. XXXVIII). — (5) I Petri, I, 19.

o trabalho que ambicionamos, ou se o sentimos é trabalho querido e apreciado (1)». O trabalho imposto pelo amor encerra um agri-doce mais grato ao paladar que a mesmíssima doçura.

O amor divino conforma-nos, por consequência, à vontade de Deus e inspira-nos extremo cuidado na observância dos seus mandamentos, por constituírem um absoluto desejo da sua divina Majestade, à qual queremos obedecer. Logo que alcançamos essa complacência vai-se transformando com doce e amorável violência a necessidade de obedecer, imposta pela lei, em virtude da dilecção, e todas as dificuldades se convertem em delícias.

CAPÍTULO VI

Conformidade da nossa vontade com a de Deus expressa em seus conselhos

O mandamento supõe uma vontade absoluta e formal daquele que ordena, enquanto que o conselho apenas representa uma forma de desejo. O mandamento obriga, o conselho só indica. O mandamento torna culpados os transgressores; o conselho apenas faz menos dignos de louvor os que o não seguem. Quem viola os mandamentos incorre na culpa; o que despreza os conselhos merece menos glória.

Há sensível diferença entre mandar e recomendar; quem manda, usa de autoridade para obrigar; quem recomenda, usa de amizade para convencer e incitar; o mandamento impõe necessidade; o conselho, a recomendação, indica-nos e que para nós é de maior utilidade. Ao mandamento corresponde a obediência, ao conselho a confiança; seguimos o conselho para agradar, o mandamento para não desagradar.

(1) S. Agost., ubi supra, 1, VI, c. XIV.

Esta é a razão do amor de complacência, que nos obriga a agradar a Jesus, seguindo por consequência os seus conselhos; e o amor de benevolência, exigindo que lhe submetamos toda a nossa vontade e todos os nossos affectos, faz que não tenhamos outra vontade que não seja a sua, e que siga os seus conselhos aquele para quem o Senhor os destinou. Exactamente como o amor e respeito, que um bom filho dedica a seu pai, o obriga a viver em conformidade com as ordens que ele lhe impõe, e até em harmonia com os desejos e inclinações que ele manifestar.

O conselho dá-se particularmente a quem dele precisa, para ser mais perfeito: *Se queres ser perfeito*, disse o Salvador ⁽¹⁾, *vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e segue-me*. Um coração amante não recebe o conselho apenas para sua utilidade, mas para se conformar com o desejo d'Aquele que lho dá e render a homenagem devida à sua vontade, recebendo, portanto, esses conselhos e seguindo-os, porque Deus o quer.

E Deus não quer que sigamos todos os conselhos, indiferentemente, mas só aqueles que convém a cada qual, segundo a diversidade das pessoas, dos tempos, das ocasiões e das forças, como exige a caridade. Só esta, que é a rainha de todas as virtudes, de todos os mandamentos e conselhos e, em resumo, de todas as leis e de todas as acções cristãs, confere a todos e a cada um o número, a ordem, o tempo e o valor.

Se teu pai ou tua mãe carecem verdadeiramente da tua assistência para viver, não deves seguir o conselho que te chama ao retiro dum claustro: a caridade ordena-te que vás cumprir o seu mandamento, honrando, servindo, ajudando e socorrendo *teu pai ou tua mãe* ⁽²⁾.

Se fores um príncipe, de cuja posteridade os subditos da coroa que te pertence tenham de ser conservados em paz e protegidos contra a tirania, a sedição ou a guerra civil, para realizar essa grande missão, assiste-te o dever indeclinável de criar filhos legítimos, na união dum santo matrimónio. Isto não é sacrificar a castidade, ou pelo menos é perdê-la

(1) Mat., XIX, 21; Luc., XVIII, 22. — (2) Exod., XX, 12.

castamente, sacrificando-a em benefício do bem público e em pró da caridade.

Tens uma saúde fraca, inconstante, susceptível de grandes cuidados? Pois a caridade veda-te o direito de te dedicares voluntariamente à pobreza. A caridade proíbe aos chefes de família que vendam *tudo para o dar aos pobres* (¹): mas manda-lhes que acumulem honestamente, para proverem ao alimento e educação da mulher, dos filhos e dos servos.

Também aconselha aos reis e aos príncipes que adquiram tesouros, provenientes de tributos justos e não de tirânicas especulações, para se prevenirem contra inimigos visíveis. E não aconselha S. Paulo os casados, a que, depois da oração, se entregarem aos prazeres legítimos do matrimónio?

Todos os conselhos são dados para perfeição do povo cristão, mas não se podem aplicar indistintamente a cada cristão em particular. Há circunstâncias que os tornam impossíveis, inúteis, às vezes perigosos e até condenáveis para alguns; razão pela qual Nosso Senhor diz de um cristão o que devemos aplicar a todos (²). *Que a tome, quem a puder tomar*; que é como diz S. Jerónimo (³). Quem puder alcançar e conservar a honra da castidade, «como um prémio» de valor, que o tome, pois ele está patente a quem o procurar com mais intenso ardor.

Por isso não é possível a todos seguir os conselhos dados em favor da caridade, mas a mesma caridade indica a regra de proporção, para os observar.

Quando a caridade o ordenar, arranquem-se os monges e os religiosos aos seus claustros e façam-se deles cardiais, bispos, párocos e, se mister for para a paz das nações, casem-se, como eu acima já indiquei.

E assim como a caridade tira dos claustros aqueles que se tinham consagrado ao Senhor por votos solenes, por motivo de força maior, também se pode, pela autoridade dessa mesma caridade, aconselhar a muitos que conservem os mesmos votos, ou administrem os seus bens, constituam

(¹) Supra. — (²) Mat., XIX, 12. — (³) In locum.

família, e até que peguem em armas e vão à guerra, que é a mais perigosa das missões.

Ora, quando a caridade exorta uns à pobreza e tira outros das suas garras, quando impele uns ao matrimónio e outros à castidade; quando encerra um nas solidões do claustro e de lá afasta outro, ela não dá contas a ninguém dos seus fins.

Só ela tem na lei cristã plenos poderes, pois lá está escrito ⁽¹⁾: *A caridade pode tudo*. Mais: ela é revestida de toda a prudência, segundo o que está escrito: *A caridade não faz nada em vão* ⁽²⁾. E, se alguém ousasse perguntar-lhe o porquê das suas acções, ela responderia afoitamente: *Porque o Senhor assim o necessita* ⁽³⁾. Tudo se faz pela caridade, e a caridade por Deus; tudo e todos devem servir a caridade e ela a ninguém, nem mesmo ao seu Amado, de quem não é serva, mas esposa, a quem não presta serviços, mas tributa amor. Por esse motivo, é a ela que havemos de pedir que nos indique e inspire o verdadeiro conselho.

A uns ordena a castidade e não a pobreza; a outros a obediência e não a castidade; a uns o jejum e não a esmola; a outros a esmola e não o jejum; a uns a solidão e não os encargos pastorais; a outros a convivência e não a solidão.

Em resumo: a caridade é essa água santa, que fecunda o jardim da Igreja, e que, apesar de incolor, não deixa de fazer crescer flores que ostentam as cores mais variadas; faz Mártires mais vermelhos que a rosa, Virgens mais alvas que o lírio; a uns dá a fina violeta da mortificação, a outros o amarelo dos cuidados do matrimónio, empregando conselhos diversos para um fim único, qual é o da perfeição das almas, que não podem alcançar a felicidade suprema senão sob a sua direcção.

(1) I Cor., XIII. — (2) Ibid., v. 4. — (3) Mat., XXI, 3.

CAPÍTULO VII

**Como o amor à vontade de Deus, expressa
nos mandamentos, nos inspira o amor
dos conselhos**

Como é amável a vontade de Deus, ó Teotimo! Como é repassada de amor por nós e digna de que a desejemos, lei toda de amor e para o amor! Pela palavra paz entendem os hebreus a reunião e o resumo de todos os bens, isto é, da felicidade. E o Salmista exclama (¹): *Que uma paz, copiosa de bens, abunde a todos os que amam a lei de Deus, e que nenhum contratempo lhes aconteça!* Como se quisesse dizer: Ó Senhor, quanta suavidade não há no amor dos vossos santos mandamentos! Não existe doçura comparável à que se apodera do coração dominado pela vossa lei!

Com certeza o coração deste grande Rei tinha-se conformado inteiramente com o coração de Deus (²); apreciava de tal modo a excelência da lei divina, que parecia ser a beleza espiritual dessa lei como que a casta esposa e rainha do seu coração, como consta dos louvores contínuos que lhe tributa,

Quando a celeste Esposa quer definir a suavidade infinita dos perfumes de seu divino Êsposo, exclama (³): *O vosso nome, assemelha-se ao unguento derramado.* Como se dissesse: Estais tão intimamente perfumado, que sois todo perfume, e melhor seria chamar-vos *unguento e perfume* do que unguento e perfumado. Pois também a alma que ama a Deus está tão entranhada na vontade divina e nela transubstanciada, que mais próprio seria chamar-lhe vontade de Deus, do que obediente ou sujeita a ela. Por isso diz o Senhor, pela boca de Isaías (⁴): a Igreja cristã há-de ter um nome novo que o Senhor determinará, pronunciará e há-de gravar no coração

(¹) Ps. CXVIII, 165. — (²) I Reg., XIII, 14. — (³) Cant., I, 2. — (⁴) Is., 62.

dos seus fiéis. Depois, explicando, diz que esse nome será: *esta é a minha vontade*, — exprimindo que, entre os que não forem cristãos, cada um terá vontade própria em seu coração, mas os que forem verdadeiros filhos do Salvador, hão-de abandonar a sua, e só admitir uma vontade única, soberana e universal que há-de governar e dirigir todas as almas, todos os corações e todas as vontades.

A divisa dos cristãos será apenas: *em nós está a vontade de Deus*. É ela que há-de reinar sobre todas as vontades e consubstanciá-las em si, de modo que as vontades de todos os cristãos e a de Nosso Senhor não sejam mais do que uma única e suprema vontade. Verificou-se plenamente na primitiva Igreja que, *em toda a enorme multidão dos crentes, existia um só coração e uma só alma*, como diz o glorioso S. Lucas ⁽¹⁾; porque nunca ouviu falar do coração que palpita nos corpos, nem da alma que anima os corações com uma vida humana, mas refere-se ao coração que incute vida celeste às nossas almas, e da alma que anima os nossos corações com a vida sobrenatural. Coração e alma exclusivos dos verdadeiros cristãos, e que não são senão a vontade de Deus.

A vida, diz o Salmista, *resume-se na vontade de Deus* ⁽²⁾; não só porque a nossa vida temporal depende da vontade divina, mas também porque a nossa vida espiritual se cifra na execução dela; e é por ela que Deus vive e reina em nós, e nos faz viver e subsistir n'Ele.

Ao inverso, o mau, desde sempre, isto é, em todos os tempos, despedaçou o jugo da lei de Deus, e disse: *Não quero servir-te* ⁽³⁾. Por isso o Senhor determinou ⁽⁴⁾ que fosse, desde o ventre da mãe, chamado *transgressor* e rebelde. Falando ao rei de Tiro, censura-lhe que quisesse *igualar o seu coração ao de Deus* ⁽⁵⁾; um espírito revoltado quer que o seu coração seja o senhor de si mesmo, e que a própria vontade seja soberana como a vontade de Deus; não quer que a vontade divina reine sobre a sua; quer ser absoluto e sem dependência alguma.

(1) Act., IV, 32. — (2) Ps. XXIX, 6. — (3) Jerem., II, 20. — (4) Is. XLVIII, 8. — (5) Ezeq., XXVIII, 2.

Ah! Senhor meu, tal não permitais! Não se faça a minha vontade, mas a vossa (¹)! Estamos neste mundo, não para satisfazer a nossa vontade, mas sim a da bondade que aqui nos colocou (²). Está escrito, a vosso respeito, ó Salvador da minha alma, que sempre fizestes a vontade de vosso Eterno Pai; e pelo primeiro querer humano da vossa alma, no instante da vossa conceição, abraçastes amorosamente a lei da vontade divina e implantaste-la no *centro do vosso coração* (³), para que lá reinasse e dominasse eternamente. Ah! o que não concederia a graça à minha alma, se ela não tivesse outra vontade senão a do seu Deus!

Ora quando o nosso amor pela vontade divina é ardente, não nos contentamos com satisfazer apenas à vontade de Deus, expressa nos mandamentos, mas alistamo-nos ainda sob a obediência dos seus conselhos, que nos são dados para com mais perfeição observarmos os mandamentos, aos quais se referem também, como muito acertadamente diz S. Tomás (⁴).

Oh! como é excelente observar a renúncia às voluptuosidades ilegítimas daquele que se privou até das mais justas e legítimas delícias!

Como estará longe de invejar os bens alheios, quem despreza todas as riquezas mesmo as que poderia sem escrúpulo e santamente conservar!

Como estará longe de opor a sua vontade à de Deus, aquele que para obedecer a Deus se submete à vontade dum homem!

Estava um dia David no seu presídio, achando-se a guarnição dos Filisteus em Belém. E manifestou um desejo: Quem me dera beber daquela água da cisterna de Belém! Palavras não eram ditas, e já três valentes cavaleiros abalam, ocultando-se o mais possível, e lá conseguem com mil cautelas atravessar as fileiras inimigas.

Chegam à cisterna de Belém, tiram água e levam-na a David. Este, vendo o perigo a que se haviam exposto aqueles gentis-homens para satisfazerem um apetite seu, *não*

(¹) Luc., XXII, 42. — (²) Joan., VI, 38. — (³) Ps. XXXIX, 8, 9.
— (⁴) II^a II^{ae}, quaestio CLXXXIX, art. I, ad. 5.

quis beber aquela água, que podia ter custado a vida aos seus leais servos e dela fez ablação ao Eterno Pai, derramando-a, com renúncia do seu apetite ⁽¹⁾. Atenta bem, Teotimo, no zelo destes servos em servir e agradar a seu senhor! Correm, iludem a vigilância do inimigo, com mil perigos de se perderem, unicamente para satisfazer um simples desejo, manifestado pelo seu Rei.

Pois o nosso Salvador, na sua passagem pelo mundo, também declarou a sua vontade em muitos pontos, por meio dos mandamentos, e em muitos outros casos, em forma de desejo. Assim, louvou muito a castidade, a pobreza, a obediência, a perfeita resignação, a abnegação da própria vontade, a viuvez, o jejum, a oração perseverante.

E o que disse da castidade — quem puder conseguir o prémio que o ganhe ⁽²⁾ — também o disse de todos os outros conselhos.

Nesse empenho, os mais valorosos cristãos dedicaram-se à empresa de vencer todas as repugnâncias, cubiças e dificuldades e atingiram a santa perfeição, cingindo-se à estrita observância dos desejos do seu Rei, e por esse meio obtiveram a coroa da glória.

Como declara o divino Salmista ⁽³⁾, Deus não escuta só a oração dos seus fiéis, mas escuta mesmo os seus mais íntimos *desejos* e até a simples *preparação* que no íntimo de *seus corações* fazem para orar. Vê como o Senhor acode, propício, a fazer *a vontade dos que o amam!* ⁽⁴⁾ Por que não havemos nós de, reciprocamente, procurar corresponder à santíssima vontade de Nosso Senhor, fazendo não só o que ele manda, mas ainda o que manifesta ser do seu agrado e desejo?

As almas nobres, para acolher e observar uma determinação, não precisam de mais imperioso motivo do que o de saberem que o seu Amado assim o quer: *A minha alma, diz uma delas, correu pressurosa ainda antes que o meu Amor falasse* ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ I Reg., XXIII, 14, 17. — ⁽²⁾ Mat., XIX, 12. — ⁽³⁾ Ps. IX, 38. — ⁽⁴⁾ Ps. CXLIV, 19. — ⁽⁵⁾ Caut., V, 6.

CAPÍTULO VIII

**Como o desprezo dos conselhos evangélicos
é um grande pecado**

As palavras com que Nosso Senhor nos exorta a seguir e prosseguir na perfeição são tão eloquentes e persuasivas que não é fácil dissimular a obrigação que temos de nos esforçar nesse intento: Sede santos, disse ele, porque eu sou santo ⁽¹⁾. *O que for santo, procure santificar-se mais; e o que for justo, seja ainda mais justificado* ⁽²⁾. *Sede perfeitos como meu Pai celeste é perfeito* ⁽³⁾.

Por isso o grande S. Bernardo, escrevendo ao glorioso S. Guarin, abade d'Aux, cuja vida e milagres tanto se divulgaram na sua diocese, disse: «O homem ⁽⁴⁾ nunca se dá por satisfeito, tem sempre fome e sede de justiça» ⁽⁵⁾.

Tratando dos bens temporais, Teotimo, nada satisfaz aquele a quem o suficiente não chega: que é que pode satisfazer ao homem que se não contenta com a própria abundância? Enquanto aos bens espirituais, também ninguém alcança o que deseja; nada nos satisfaz, porque a própria abundância, em assuntos divinos, consiste no desejo de mais.

Deus, no princípio do mundo, disse à terra *que germínasse a relva verdejante e lhe desse semente, e que cada árvore frutífera, ao desabotoar em frutos, cada uma segundo a sua espécie, tivesse em si novas sementes*, para, por sua vez, produzirem novos frutos ⁽⁶⁾.

E verificamos pela experiência de todos os dias que as plantas e os frutos, só quando estão maduros e atingem o seu perfeito desenvolvimento, ostentam as sementes e pevides que lhes servem de gérmen para a produção de plantas e árvores de igual natureza. Também as virtudes não chegam à devida altura e perfeição senão quando produzem

(1) Leviticus, XI, 44; I Petri, I, 16. — (2) Apoc., XXII, II. —
(3) Mat., V, ult. — (4) Ubi supra, cap. I, 1. III. — (5) Mat., V, 6. —
(6) Gen., I, II

em nós desejos de progredir, que, quais sementes espirituais, servem à produção de novos graus de virtude.

E quer-me parecer que o terreno do nosso coração tem ordem de germinar as plantas das virtudes que produzem os frutos das obras santas, *cada uma no seu género*, e que encerram as sementes dos desejos e intenções de multiplicar e crescer em perfeição. A virtude que não tiver a semente ou a pevide de novos desejos, essa não chegou ao estado de suficiente maturação.

«Pois quê! — dizia S. Bernardo ao ocioso ⁽¹⁾; tu não queres adiantar-te na perfeição? — Não. — Nem queres também reinar? — De-certo que não. — Então não queres ser pior nem melhor? Ah! desgraçado, pretendes o impossível. *Não há nada no mundo que seja permanente* ⁽²⁾. E então do homem mais especialmente ⁽³⁾ se diz que nunca se detém no mesmo estado: ou bem caminha, ou bem volta para trás.

Ora eu não afirmo, Teotimo, nem também S. Bernardo, que seja pecado o não seguir os conselhos. Não, com certeza: e até a diferença que vai do mandamento ao conselho é que o mandamento impõe-nos a obediência, sob pena de pecado, e o conselho apenas nos convida, sem correremos esse risco.

No entanto, eu concluo que é um grande pecado desprezar o caminho da perfeição cristã e mais ainda as solicitações com que Jesus nos chama. É uma impiedade imperdoável desdenhar dos conselhos e vias que Nosso Senhor nos aponta para lá chegarmos. É uma heresia dizer que Nosso Senhor não nos aconselha bem, é uma blasfêmia dizer a Deus: *Retira-te de mim, eu não quero a ciência dos teus caminhos* ⁽⁴⁾.

Ah! que horrível irreverência contra Aquele, que com tanto amor e suavidade nos convida à perfeição, não é dizer-lhe: Não quero ser santo, nem perfeito; não quero partilhar da vossa bem-aventurança, nem seguir os conselhos que me dais para a alcançar!

Pode muito bem não se pecar, deixando de seguir os conselhos, por affecto que provenha doutra causa. Por exemplo, podemos deixar de vender tudo o que temos para dar aos

(1) Epíst. qua supra. — (2) Eccles., II, II, III, I. — (3) Job., XIV, 2. — (4) Idid., XXI, 14.

pobres, se essa renúncia for superior às nossas forças. Também podemos casar, se amarmos uma mulher e não tivermos na nossa alma coragem para fazer guerra à carne.

Porém, deliberarmos não seguir nenhum dos conselhos, nem um sequer, isso não pode fazer-se sem menosprezo d'Aquele que os dá. Não seguir o conselho da virgindade e casar-se, não repugna; mas casar-se só para preferir o casamento à castidade, como fazem os herejes, é um grande desprezo pelo Conselheiro ou pelo conselho. Beber vinho contra a prescrição do médico, quando se está devorado pela sede ou pela lembrança ou apetite de o beber, não é precisamente desprezar o médico ou o seu conselho. Porém dizer: não quero submeter-me às ordens do médico — isso só pode admitir-se como proveniente de pouca estima por ele.

Ora, às vezes desprezam-se os conselhos dos homens e não se lhes quer mal, por supormos erro em suas ordens. Mas, com Deus, o rejeitar-lhe os conselhos e desprezá-los, não se pode atribuir a pouca confiança que tenhamos no bem aconselhado. Seria uma blasfêmia desconfiar que Deus não fosse suficientemente sábio e pudesse errar, ou não fosse suficientemente bom, para nos aconselhar mal.

E dá-se o mesino com os conselhos da Igreja, que, em virtude da contínua assistência do Espírito Santo, que a ensina e encaminha pela senda da verdade, não pode por isso dar maus conselhos.

CAPÍTULO IX

Continuação do antecedente.

Como se devem amar, ainda que sem os pôr por obra, todos os conselhos evangélicos, devendo esforçar-nos por praticar algum deles

Posto que nem todos os conselhos possam, nem devam ser praticados por qualquer cristão indistintamente, temos contudo estrita obrigação de os respeitar e amar a todos, porque todos são muito bons,

Pelo facto de nos doer a cabeça, e por isso nos incomodar o cheiro do almíscar, poderemos negar que esse aroma seja bom e agradável? Um vestido rico, por não estar ao alcance da nossa bolsa, não tem valor? O anel que te não serve no dedo, lança-lo-ás, por isso, à lama?

Ah! Teotimo, louva muito ao Senhor e preza de todo o coração todos os conselhos que Ele deu aos homens. Seja bendito para sempre o *Anjo do grande conselho* ⁽¹⁾, com todas as advertências e exortações feitas aos homens! *O coração regozija-se com os unguentos e bons perfumes*, diz Salomão ⁽²⁾; *e a nossa alma sente alívio com os conselhos do nosso amigo*. Mas a que amigo e a que conselhos se refere? É ao Amigo dos amigos, cujos conselhos encerram mais doçura que o mel; o Amigo é o Salvador, cujos conselhos conduzem à salvação.

Regozijemo-nos, pois, Teotimo, quando virmos alguém seguir pela vereda dos divinos conselhos, que nós não podemos ou não devemos observar; havemos de rogar por ele, abençoá-lo, ajudá-lo, porque a verdadeira caridade ensina-nos a não amar só o que for bom para nós, mas ainda o que utilizar ao nosso próximo.

Provaremos suficientemente o nosso amor e apreço pelos conselhos, com a devoção com que observarmos aqueles que nos convenham. Assim como quem acredita num dos artigos de fé, por ser revelado pela palavra de Deus, anunciada e declarada pela Igreja, não pode negar os outros; e quem observa um mandamento, pelo verdadeiro amor de Deus, está pronto a observar todos os outros, desde que se lhe proporcione ocasião, igualmente o que respeita e estima um conselho evangélico, por Deus o dar, tem, por consequência, de estimar todos os outros, por serem também de Deus.

Podemos muito bem praticar alguns dos conselhos, ainda que não todos ao mesmo tempo. Deus deixou bastantes, para nos proporcionar a faculdade de observar alguns. Raro será o dia que se nos não depare ensejo de praticarmos qualquer deles.

Se a caridade exigir que, para socorrer teu pai ou tua mãe, fiques com eles, não deixes por isso de conservar amor

(1) Is., IX. 6; juxta Septuag. — (2) Prov., XXVII, 9.

e afeição ao teu retiro, nem prendas o coração ao lar paterno senão enquanto a caridade to aconselhar. O teu estado não permite que guardes castidade perfeita? guarda ao menos a que puderes, sem faltares à caridade. Quem não puder atingir o todo, faça por alcançar uma parte. Não és obrigado a ir procurar aquele que te ofendeu; antes lhe compete a ele cair em si e vir dar-te satisfações, pois que se antecipou com a injúria ou o ultrage.

Todavia, Teotimo, faz o que te aconselha o Salvador ⁽¹⁾; guia-o para o Bem, presta-lhe favores em vez de injúrias, derrama-lhe na frente e no coração um *braseiro ardente* ⁽²⁾ de provas de caridade que o incendeiem e o obriguem a amar-te.

O rigor da lei não te obriga a dar a todos os pobres, mas àqueles que estiverem em maior necessidade. No entanto, dá de boa vontade, como aconselha o Salvador ⁽³⁾, a todos os indigentes que encontrares, conforme os teus meios e as necessidades da tua posição to permitam.

Não és obrigado a fazer votos; faze, porém, aquele que o teu pai espiritual julgar adequado para te fazer adiantar no amor divino. Podes livremente beber vinho, dentro dos termos da temperança. Todavia, segundo o conselho de S. Paulo a Timóteo ⁽⁴⁾ não bebas mais do que o necessário para refrigerar o estômago.

Nos conselhos há diferentes graus de perfeição. Emprestar aos pobres fora das suas grandes necessidades, é o primeiro grau no conselho da esmola; mais elevado é dar; superior é dar tudo, e por fim o mais eminente é darmos a nossa pessoa, consagrando-a ao serviço dos pobres. A hospitalidade, que não seja de extrema necessidade, é um conselho; abrigar um estrangeiro é o primeiro grau dele; mas ir pelos caminhos em busca dos viandantes para os recolher, como fazia Abraão ⁽⁵⁾, já é mais elevado grau; e mais alto é ir habitar em lugares perigosos para avisar, guiar e servir os peregrinos.

Neste grau de perfeição excedeu-se o grande S. Bernardo de Menthon, oriundo desta Diocese, que, descendendo

(1) Mat., V; Luc., VI, — (2) Rom., XII, 20. — (3) Mat., V, 42; Luc., VI, 30. — (4) I Ep., V, 23. — (5) Gen., XVIII, 2.

duma casa muito ilustre, habitava os píncaros dos Alpes, reunindo lá alguns companheiros, para esperar, abrigar, socorrer e prevenir dos perigos da tormenta os viandantes e peregrinos, que tantas vezes sucedia perecerem entre as neves, sob aqueles frios rigorosos ou debaixo de tempestades medonhas.

Para esse fim, o grande amigo de Deus fundou hospitais nos dois montes, que por tal motivo tem o nome de Grande S. Bernardo, na diocese de Sião e Pequeno S. Bernardo na de Tarentaise.

Visitar os enfermos que não estão em extrema necessidade é uma caridade louvável; servi-los é melhor ainda; mas dedicar-se ao serviço deles é a culminância desse conselho, que os Clérigos da Visitação exercem pela sua própria Instituição.

Também em diversos lugares algumas senhoras seguem esse conselho. Assim imitam ao virtuoso Sansão, gentil-homem e médico romano que, na cidade de Constantinopla, onde o fizeram padre, se dedicou imediatamente, com uma caridade admirável, ao serviço dos doentes num hospital que fundou e que o imperador Justiniano aumentou e concluiu. Imitai também Santa Catarina de Sena e Santa Catarina de Génova; Santa Isabel de Hungria e aos gloriosos amigos de Deus, S. Francisco e Santo Inácio de Loiola, que, na fundação das respectivas Ordens, fizeram esse exercício com um ardor e utilidade espiritual incomparáveis.

As virtudes tem, portanto, uma certa extensão de perfeição e, ordinariamente não estamos obrigados a praticá-las na sua máxima excelência; basta que nos adiantemos no exercício delas, tanto quanto possível. Ir além, avançar na perfeição é um conselho; os actos heróicos não se impõem ordinariamente, simplesmente se aconselham. Se num dado momento formos obrigados a exercê-los, isso sucede por motivos raros e extraordinários que os tornam indispensáveis à conservação da graça de Deus.

O bem-aventurado porteiro da prisão de Sebaste, vendo um dos quarenta condenados, que iam ao suplício, perder a coragem e a coroa do martírio, pôs-se em seu lugar sem que ninguém o perseguisse e foi o quadragésimo desses gloriosos e triunfantes soldados de Nosso Senhor. S. Adautos, ao ver

levar S. Félix ao martírio: «E eu» dizia sem que ninguém o indigitasse, «eu sou tão cristão como esse, adoro o mesmo Salvador». Depois, beijando S. Félix, encaminhou-se serenamente com ele para o cepo, onde o degolaram ⁽¹⁾.

Muitos dos antigos Mártires assim fizeram, podendo igualmente evitar o martírio, sem pecar. Preferiam contudo sofrê-lo corajosamente a fugir com covardia; nesses, pois, o martírio foi um acto heróico de força e constância, que um santo excesso de amor lhes inspirou. Quando é forçoso ou sofrer o martírio ou renunciar à fé, o martírio é sempre martírio e um acto excelente de amor e coragem; todavia nem eu sei se pode chamar-se-lhe acto heróico, quando o não inspira nenhum excesso de amor, mas sim a observância da lei que o ordena.

Na prática dos actos heróicos é que consiste a perfeita imitação do Salvador, que, como diz o grande S. Tomás ⁽²⁾ desde o primeiro instante da sua concepção, teve todas as virtudes em grau heróico. Não vacilo em dizer que era mais que heróico, por que também Ele não era um simples homem, mas infinitamente mais do que homem; era verdadeiro Deus.

CAPÍTULO X

**Necessidade de nos conformarmos com a vontade divina,
indicada por inspirações, e variedade dos meios
de que Deus se serve para nos inspirar**

Os raios do sol alumiam quando aquecem, e aquecem quando alumiam. A inspiração é um raio celeste cuja luz acalentadora nos penetra no coração, deixando-nos conhecer o bem e animando-nos a procurá-lo. Tudo o que no universo tem vida, entorpece-se com o frio do inverno. Volta, porém, a primavera com o seu calor vivificante e tudo recupera

(1) Martirol. Adonis, III Kal. Sept.—(2) Pars. III.^a qu. VII, art. II.

movimento: correm os animais com mais velocidade, as aves desferem mais altos voos e cantam com mais alegria, e as plantas desabotoam em flores e folhas, ostentando mais deslumbrantes matizes.

Sem a inspiração, a nossa alma viveria preguiçosa, enfezada e inútil. Iluminados, porém, com os divinos raios da inspiração, uma luz nos abrasa com ardor vivificante que nos ilumina a inteligência, desperta e anima a vontade, incutindo-lhe força para querer e fazer o bem relativo à salvação eterna.

Deus, ao fazer o homem de *barro*, como disse Moisés ⁽¹⁾ *insuflou-lhe a respiração vital criando uma alma viva*, isto é, uma alma que dava vida, movimento e acção ao corpo. Esse mesmo Deus com o seu sopro divino incute inspirações de vida sobrenatural em nossas almas, para elas poderem, como diz o grande Apóstolo ⁽²⁾, na qualidade de espírito vivificante, fazer-nos viver, mover, sentir e realizar obras de graça. Aquele que nos deu a existência, concedeu-nos também a acção.

O hálito do homem aquece as coisas em que penetra: o filho da Sunamita, sobre cuja boca o profeta Eliseu tinha aplicado a sua, ao receber esse hálito sentiu a carne reanimar-se-lhe ⁽³⁾. Esta experiência é manifesta.

O sopro de Deus não só aquece, não reanima apenas, mas alumia perfeitamente, porque o Espírito divino é uma luz infinita, cujo sopro vital se chama inspiração: é por intermédio desta que a Bondade suprema incute e inspira em nós os desejos e intenções do seu Coração.

Ora os meios de que Deus se serve para nos inspirar são infinitos. Santo António, S. Francisco, Santo Anselmo e muitos outros, recebiam inspirações por intermédio das criaturas. O meio ordinário é a pregação; porém, às vezes, aqueles a quem a palavra não aproveita, instruem-se na tribulação; no dizer do Profeta ⁽⁴⁾ *a aflição dá inteligência ao ouvido*.

Isto é o mesmo que dizer: Aqueles que se não emendam,

(1) Gen., II, 7. — (2) I Cor., XV, 45. — (3) IV Reg., IV, 34. — (4) Is., XXVIII, 19.

ouvindo as ameaças do Céu contra os maus, convencer-se-ão da verdade pelos factos e pelos efeitos, quando a aflicção lhes bater à porta.

Santa Maria Egipciaca foi inspirada pela vista duma imagem de Nossa Senhora; Santo António, escutando o Evangelho que se lia na Missa; Santo Agostinho, ao ouvir contar a vida de Santo António; o duque de Gandia, quando viu a Imperatriz morta; S. Pascoal, presenciando um exemplo de caridade; o bem-aventurado Inácio de Loiola, ao ler a vida dos Santos. S. Cipriano (não me refiro ao Bispo de Cartago, mas a um que foi leigo, porém glorioso mártir) converteu-se quando viu o diabo confessar a sua impotência diante dos que esperam em Deus.

Na minha mocidade, deu-se em Paris um caso célebre. Dois estudantes passavam uma noite de desordenada orgia, num restaurante, quando se ouviu tocar a Matinas em Chartres. Um deles, que era herege, perguntou ao outro a significação daquele toque. Este, explicando-lho, falou-lhe da devoção com que os officios divinos se celebravam naquele santo mosteiro. Ah! meu caro, disse ele, como a vida daqueles religiosos é diferente da nossa: eles vivem como Anjos, nós como animais!

O herege quis, no outro dia, verificar com a sua presença a verdade do que lhe contara o companheiro. Lá deparou com esses Padres, em forma, alinhados como estátuas de mármore, numa série de nichos, nada mais fazendo do que entoar a salmodia, com uma atenção e devoção verdadeiramente angélicas, conforme ao uso daquela santa Ordem.

Então o mancebo, arrebatado, sentiu-se cativar por uma consolação extrema ao ver os católicos adorarem a Deus com tal elevação, e determinou ali mesmo, como depois cumpriu, converter-se ao grémio da Igreja, verdadeira e única Esposa d'Aquele que o tinha visitado com a sua inspiração, no abominável antro em que se encontrara.

Ah! bem-aventurados os corações que assim se patenteiam e cedem às inspirações divinas! Jamais lhes faltarão as necessárias para viver bem e com devoção nas suas respectivas condições e para poderem desempenhar santamente as obrigações do seu estado.

Assim como Deus concede, por intermédio da natureza,

a cada animal os instintos indispensáveis para a sua conservação e para o exercício das suas faculdades naturais, também, se não resistirmos à graça de Deus, dá a cada um de nós as inspirações precisas para vivermos, operarmos e perseverarmos na vida espiritual.

Ah! Senhor, dizia o fiel Eliezer (1), eis-me à beira desta fonte; as filhas dos habitantes da cidade sairão de suas casas para virem à água; a donzela a quem eu disser: «enche a tua bilha, para eu beber», me responderá: «bebe, que eu darei também de beber aos teus camelos» —. Essa, sim, Senhor, será quem vós destinastes para o vosso servo Isaac.

Eliezer não manifestou desejo da água senão para si, mas a bela Rebeca, obedecendo à inspiração que Deus e a sua bondade lhe davam, oferece-se para mitigar a sede dos camelos (2). Por isso foi concedida como esposa ao santo Isaac, nora de Abraão e avó do Salvador.

É fora de dúvida que as almas que se não contentam com observar os mandamentos e os conselhos do divino Esposo, mas que seguem com prontidão as sagradas inspirações, ah! são essas que o Pai Eterno preparou para serem as dilectas esposas do seu amado Filho.

O bom Eliezer não podia de outro modo escolher entre as filhas de Haran, cidade de Nachor, qual seria a destinada para o filho de seu amo; Deus deu-lha a conhecer por aquela inspiração. Quando vacilarmos, por o conselho dos homens nos faltar em nossas perplexidades, Deus há-de inspirar-nos; e, se formos obedientes, não consentirá que erremos. Não direi mais nada sobre estas inspirações, porque bastante falei delas nesta obra, e também na «Introdução à Vida Devota» (3).

(1) Gen., XXIV, 12-14. — (2) Ibid., xv. 17-19. — (3) Partie II, c. XVIII.

CAPÍTULO XI

Da união da nossa vontade à de Deus, pelas inspirações que recebemos e pela prática extraordinária das virtudes. Da perseverança na vocação — primeiro sinal da inspiração

Há inspirações que apenas tendem a uma extraordinária perfeição nos exercícios ordinários da vida cristã. A caridade para com os enfermos é um exercício ordinário dos verdadeiros cristãos mas foi elevado a uma extraordinária perfeição por S. Francisco e Santa Catarina de Sena, quando lambiam e chupavam as úlceras dos lázaros e dos cancerosos, e pelo glorioso rei S. Luís, quando servia de joelhos e cabeça descoberta os enfermos.

O abade de Cisteau viu-o nesta humilde postura a tratar e cuidar dum miserável, coberto das mais asquerosas úlceras e horríveis e cancerosas chagas, e ficou estupefacto de admiração. Além desta, praticava ainda outra virtude igualmente extraordinária, qual era a de dar de comer aos pobres mais vis e abjectos, servi-los e comer os restos que deixavam.

S. Jerónimo, quando recebia no seu hospital de Belém os peregrinos da Europa, que fugiam à perseguição dos Godos, não lhes lavava só os pés, mas baixava-se a ponto de lavar também e limpar as pernas de seus camelos. Imitava Rebeca, de quem acima falámos, que não tirou água só para Eliezer, mas também para os seu camelos.

S. Francisco não levou ao extremo apenas a prática da pobreza, como todos sabemos, mas fez o mesmo com a simplicidade ⁽¹⁾. Comprou um dia um cordeiro, com receio de que o matassem, só porque representava a Nosso Senhor. Respeitava quase todas as criaturas, em contemplação do seu Criador, com uma desusada mas prudentíssima simplicidade.

(1) Thom. de Celano, Legenda antiqua S. Franc., 1. cc. IX, X.

Mil vezes o encontraram atarefado em retirar do caminho os pequeninos vermes, para que os não calcassem ao passar, recordando-se de que Jesus se havia equiparado ao vermezinho ⁽¹⁾; chamava seus «irmãos e irmãs» a todas as criaturas, pela admirável consideração que o amor de Deus lhe sugeria.

Santo Aleixo, senhor de nobilíssima estirpe, também praticou na máxima extensão a abjecção de si mesmo, vivendo dezassete anos desconhecido em casa do próprio pai, em Roma, na qualidade de pobre peregrino.

Todas estas inspirações foram para exercícios ordinários, mas praticados com extraordinária perfeição. Contudo, nestas inspirações é necessário observar as regras que indicamos para os desejos, em a nossa «Introdução». É preciso que não queiramos seguir muitos exercícios simultaneamente, ou sem pensar, porque muitas vezes o inimigo procura fazer-nos empreender e dar começo a diversos desígnios, com o fim de, à força de nos sentirmos atarefados com muitas obras, não terminarmos nenhuma, deixando-as incompletas e imperfeitas a todas.

As vezes, chega mesmo a sugerir-nos vontade de iniciar tarefas de todo o ponto elevadas, mas que ele sabe não realizaremos, para nos impedir de prosseguir noutras que, por mais simples, facilmente podíamos levar a cabo. O inimigo não se importa que façamos muitos projectos e principiemos muita coisa, desde que nada levemos a efeito.

Não quer impedir, como Faraó ⁽²⁾, que as místicas mulheres de Israel, isto é, as almas cristãs, criem filhos varões, contanto que os matem, antes de serem grandes. Ao inverso, diz o grande S. Jerónimo ⁽³⁾, «os cristãos põem mais empenho no fim do que no princípio de suas obras». Não se deve comer tanta carne que não seja possível ao estômago digeri-la.

O espírito tentador detém-nos nos inícios e contenta-nos com o florir da primavera. Mas o Espírito divino não nos fala dos princípios senão para nos conduzir aos fins, e não nos encanta com as flores da primavera senão pela promessa dos frutos, que havemos de colher no estio ou no outono.

(1) Ps. XXI, 7. — (2) Exod, I, 16. — (3) Ep. LIV, ad Turiam, § 6.

O grande S. Tomás ⁽¹⁾ diz que se não deve consultar muito e deliberar longamente sobre a inclinação que temos para entrar numa boa e bem conhecida Religião. E tem razão, porque sendo a Religião aconselhada por Nosso Senhor no Evangelho, que necessidade tem de consultas? Basta que nos associemos com algumas pessoas, poucas mas prudentes e capazes de tal missão, que possam e queiram ajudar-nos a tomar resoluções de pequeno alcance, mas sólidas.

E depois de havermos deliberado e resolvido neste assunto e em todo aquele que diga respeito ao serviço de Deus, é preciso sermos firmes e inabaláveis, sem nos deixarmos iludir por aparências de melhor bem. Muitas vezes, como diz o glorioso S. Bernardo ⁽²⁾, o demónio, para nos desviar de findarmos um bom propósito, apresenta-nos outro melhor, e logo depois de começado, e para nos impedir de o realizarmos, propõe-nos um terceiro, conseguindo entreter-nos por este processo e obstando assim que cheguemos ao fim de nenhum dos nossos bons projectos. Nem mesmo se deve passar de uma Religião para outra, sem motivos muito poderosos, diz S. Tomás ⁽³⁾, de acordo com o abade Nestório, como conta Cassiano ⁽⁴⁾.

Vou servir-me de uma bela comparação de Santo Anselmo, numa carta a Lauzon ⁽⁵⁾: «Como um arbusto que se transplantasse muitas vezes, não poderia ganhar raízes, nem por consequência chegar à perfeição e dar o fruto desejado», também a alma, que transplanta o coração de desígnio em desígnio, nada aproveita nem pode atingir o devido crescimento da sua perfeição, porque a perfeição não está nos começos, mas na plena realização.

Os animais sagrados de Ezequiel ⁽⁶⁾ *tam onde a impetuosidade do espírito os levava, e nunca recuavam, antes cada qual avançava sempre em seu caminho, seguindo para a frente.* Devemos ir onde a inspiração nos levar, sem nos voltarmos nem recuar, mas caminhando para o lado para onde Deus nos voltou a face, sem variarmos de alvo. Quem estiver no bom caminho que se salve.

(1) II^a II^{ae}, quaestio CLXXXIX, art. X. — (2) Sermo XXXIII in Cant., § 9. — (3) Ubi supra (art. VII). — (4) Collat. Patram, I, XIV, c. v. — (5) Epist. XXIX. — (6) Cap., I, 12.

Acontece às vezes deixar-se o bem para procurar o melhor, e deixando um, não encontrarmos o outro: mais vale a posse dum tesouro menos valioso alcançado do que a pretensão dum maior que ainda é preciso procurar. É muito suspeita a inspiração que nos impele a deixar o verdadeiro bem que já possuímos para alcançar outro melhor, ainda duvidoso.

Um mancebo português, chamado Francisco Bassus, cativava todas as atenções, não só pela eloquência de que era dotado, como pela prática das mais belas virtudes, sob a disciplina do bem-aventurado Filipe de Neri, na Congregação do Oratório, de Roma. Porém imaginou um dia que era inspirado no sentido de deixar aquela santa Associação para se entregar a uma Religião formal, e por fim resolveu-se a isso. O bem-aventurado Filipe, quando assistiu à recepção dele na Ordem de S. Domingos, chorava amargamente. Interrogado por Francisco Maria Tauruse, que depois foi Arcebispo de Sena e Cardeal, sobre o motivo daquelas lágrimas, respondeu: «Lamento a perda de tantas virtudes».

E, de facto, aquele mancebo tão extraordinariamente devoto e sábio na Congregação, despenhou-se numa inconsciência e volatilidade tais, que, impellido por desejos desconhecidos de experimentar novas mudanças, acabou por dar graves e acerbos escândalos (1).

Quando o passarinho surpreende a perdiz no ninho, esta lança mão do artifício para lhe escapar: finge-se derreada e coxa e, simulando querer desferir um grande voo, deixa-se cair de repente, como se não pudesse elevar-se nos ares. O caçador, imaginando-se então senhor da presa, descuida-se dela e procura-lhe os filhos perto do ninho. É nesse instante de descuido que ela levanta voo e deixa logrado o seu perseguidor.

Assim também o inimigo, vendo um homem inspirado por Deus professar uma boa ideia, enveredar por caminho que o adiante no amor celeste, tenta persuadi-lo a que tome por outra via, aparentemente mais perfeita. Depois de desviado do primeiro caminho, vai-o pouco e pouco enredando,

(1) Galonius, Vita B. Fil. Nery, c. VI.

para lhe impossibilitar o prosseguimento do segundo. Propõe-lhe ainda um terceiro, e assim distrai-lhe a atenção na pesquisa de diversos e novos modos de se aperfeiçoar, sem o deixar realizar nenhum, nem atingir o fim desejado, que é a perfeição.

Os cães novos a cada passo abandonam a matilha e trocam o caminho; porem, os cães velhos e experimentados, nunca se desviam, antes, seguem sempre o rasto que já encontraram.

Devemos, pois, quando encontrarmos a santíssima vontade de Deus, na nossa vocação, estimá-la santamente, conservarmo-nos nela com amor, praticar fielmente os exercícios que lhe são próprios, conforme a discreção o ordena e com o zelo da perfeição.

CAPÍTULO XII

**União da vontade humana à de Deus nas inspirações
opostas às leis ordinárias.**

Paz e sossego do coração—segunda prova da inspiração

É preciso concordar, Teotimo, que as inspirações não são extraordinárias senão quando nos induzem a praticar com extraordinário fervor e perfeição os exercícios comuns do cristão. Há, porém, outras inspirações, chamadas extraordinárias, não só porque impelem a alma para além do seu curso ordinário, mas também porque lhe inspiram actos contrários às leis, às regras e costumes habituais da santa Igreja, pelo que são mais para admirar do que para imitar.

A virtuosa donzela, que os historiadores chamaram Eusébia, a Estrangeira ⁽¹⁾, deixa a sua pátria, que era Roma, veste-se de rapaz e embarca com mais duas meninas. Atravessa o mar, chega a Alexandria e daí passa à ilha de Có.

(1) Anon., in vita ejus; et Surius, ex Metaphraste die 25 Januarii.

Achando-se em segurança, toma novamente o traje próprio do seu sexo e, embarcando outra vez, lá segue para o país do Caria, para a cidade de Milassa, onde o grande Paulo, que a encontrara em Có e a tomara sob a sua direcção espiritual, a levou. Mais tarde, Paulo, assumindo a dignidade de Bispo, instruiu-a tão santamente que ela fundou um mosteiro e se dedicou ao serviço da Igreja. Aí exerceu o cargo, que nesse tempo se chamava de *diaconisa*, com tanta caridade que morreu em perfeito estado de santidade e por santa foi reconhecida à vista dos inúmeros milagres que Deus fez por meio das suas relíquias e intercessão.

Vestir-se uma jovem com trajes impróprios do seu sexo, expor-se, assim disfarçada, a viajar no meio de homens, não só excede, como é até contrário às regras ordinárias da modéstia cristã.

Um mancebo, deu um pontapé em sua mãe. Profundamente arrependido, corre aos pés de Santo António de Pádua a confessar-lhe o seu pecado. O Santo, para mais ao vivo lhe imprimir na alma o horror do seu feio crime, diz-lhe, entre outras coisas: «Meu filho, o pé que serviu de instrumento à tua malícia para atentado tamanho, merecia ser cortado». E o rapaz, levando a rigor estas palavras, chegou a casa e movido pela mais sincera contrição, cortou o pé ⁽¹⁾.

Não teriam as palavras do Santo tal força, no seu alcance natural, se Deus lhes não juntasse a sua inspiração.

E foi inspiração tão extraordinária, que melhor se diria ser uma tentação, se o milagre de novamente o pé se unir à perna do mancebo, por meio da bênção do Santo, lhe não imprimisse toda a autoridade.

S. Paulo, primeiro eremita, Santo Antão, Santa Maria Egipcíaca não se mergulhariam naquelas vastas solidões, privadas de ouvir Missa, de confessar-se e comungar, abstenendo-se, em plena juventude, de quem os dirigisse e de toda a sociabilidade, sem uma poderosa inspiração.

O grande Simeão Stilita passou uma vida que homem algum do mundo pode conceber, nem a ela se aventurar sem o instinto e a assistência do Céu. S. João, Bispo, cognomi-

(1): Liber Miraculorum S. Ant., c. IV.

nado o Silenciário, deixando o bispado sem participar ao seu clero, foi passar o resto dos dias no mosteiro de Laura, sem que ninguém lograsse obter notícias dele. E não vai isto contra as regras da santa residência?

E o heróico S. Paulino, que se vendeu para resgatar o filho duma pobre viúva, podê-lo-ia fazer à sombra das leis ordinárias, não pertencendo a si mas à sua Igreja e aos seus diocesanos, pela consagração episcopal? Essas donzelas que, perseguidas pela sua beleza, desfiguram o rosto com voluntárias feridas para assim guardarem a castidade à custa duma fealdade santa, não cometem um acto, ao que parece, proibido?

Ora, um dos melhores sinais de que são boas as inspirações, e particularmente as extraordinárias, é a paz e tranquillidade do coração que as recebe; o Espírito divino é deveras imperioso, mas o império que exerce é doce, é suave e pacífico. *Vem como um vento impetuoso* e como um raio celeste, mas não derruba os Apóstolos, nem sequer os perturba; o temor que a sua vinda lhes causa é momentâneo e para logo se transforma na mais doce confiança; por isso *em cada um deles* (1) esse fogo procurou e achou um santo repouso.

Assim como o Salvador foi chamado o manso ou pacífico Salomão (2), assim sua Esposa se denomina Sulamita, tranqüila e filha da paz. E a voz, isto é, a inspiração do Esposo também a não agita nem perturba de modo algum, antes a atrai tão suavemente que a sua alma se funde e derrama docemente na dele: *A minha alma*, diz ela (3) *dissipou-se quando falou a meu Amado*.

Posto que seja belicosa e guerreira, sendo simultaneamente pacífica, em meio dos exércitos e no aceso das batalhas, ela continua as harmonias duma melodia incomparável: *Que observas tu na Sulamita*, diz ela (4), *senão cânticos guerreiros?* Os seus exércitos são coros, isto é, vozes harmoniosas de cantores; os seus *coros* são *exércitos*, porque as armas da Igreja e da alma devota não passam de orações, de hinos, cânticos e salmos.

(1) Act., II, 2, 3. — (2) In Canticis. — (3) Ibid., v. 6. — (4) Ibid. VII, 1.

Eis por que os servos de Deus, tendo as mais altas e sublimes inspirações, foram as criaturas mais mansas e pacíficas do mundo, como Abraão, Isaac, Jacob. Moisés é considerado o *mais bondoso* de todos os homens ⁽¹⁾; David aponta-se como modelo de *mansidão* ⁽²⁾.

Ao inverso, o espírito maligno é irrequieto, áspero, turbulento. E aqueles que seguem as suas sugestões infernais, imaginando que são inspirações celestes, conhecem-se facilmente pela volubildade, altivez e contumácia com que empreendem e desprezam todas as ideias. Sob o pretexto de zelo, voltam tudo de cima para baixo, censuram toda a gente, exprobram o próximo e blasfemam de tudo: criaturas sem governo, sem condescendência, que não desculpam nada e praticam o mais apaixonado egoísmo, sob a máscara de zelo da glória de Deus.

CAPÍTULO XIII

Terceira prova da inspiração, que é a obediência perfeita à Igreja e aos superiores

A paz e sossego do coração alia-se inseparavelmente a santa humildade. Mas eu não classifico de humildade esse cerimonioso conjunto de palavras, gestos, inclinações e reverências, esse hipócrita beijar o chão, quando tudo isso se faz, como muitas vezes sucede, sem o sentimento interior da própria abjecção, e da justa estima do próximo: isso muitas vezes não passa de rotina de espíritos fracos, e melhor se dirá fantasma da humildade do que humildade. Eu refiro-me àquela humildade nobre, real, delicada, sólida, que nos torna brandos na correção, submissos e prontos na obediência.

No tempo em que o incomparável Simeão Stilita era ainda noviço em Toledo, tornou-se inflexível aos conselhos

(1) Num., XII, 3. — (2) Ps. CXXXI, 1.

dos seus superiores, que tentaram proibir-lhe os extraordinários rigores com que se penitenciava desordenadamente. Por fim tiveram de o expulsar do mosteiro, por não aceitar a mortificação do coração e exagerar a do corpo ⁽¹⁾. Porém, chamado mais tarde, e já muito aperfeiçoado em devoção e na vida espiritual, o seu procedimento era outro, como o provou na seguinte passagem ⁽²⁾.

Quando os eremitas espalhados pelas solidões dos vizinhos desertos souberam da vida extraordinária que ele passava no alto da sua coluna, sobre a qual semelhava um Anjo terrestre ou um homem celeste, para logo lhe enviaram um emissário escolhido de entre eles, a quem incumbiram de falar deste modo: «Simeão, por que deixastes o grande caminho da vida devota, pisado por tão grandes santos, vossos predecessores, e seguís outro, desconhecido para os homens, e tão afastado de tudo o que se tem visto e ouvido até aqui? Abandonai, Simeão, essa coluna, e disponde-vos para futuro a viver com os outros e a servir a Deus conforme o faziam os bons Padres, nossos antepassados.»

E se Simeão atendesse ao conselho e, para condescender a este pedido, se mostrasse pronto em querer descer, encarregaram o mesmo deputado de lhe deixar plena liberdade de perseverar nessa vida encetada.

Os bons Padres diziam que pela obediência se poderia conhecer que aquele modo de vida fora seguido por inspiração divina. Porém, se ao contrário, ele resistisse e, desprezando a petição, pretendesse obedecer apenas à própria vontade, resolveram que era necessário fazê-lo descer à força, e abandonar a coluna.

O emissário chega à presença de Simeão, dá-lhe conta da sua embaixada, e logo o grande penitente, sem objecções, sem reservas, sem a menor réplica, começou a descer, com uma obediência e humildade dignas da sua rara santidade. À vista do que, o emissário o deteve com estas palavras: «Suspendei, Simeão, ficai. Perseverai sem interrupção e tende coragem; prosegui com ardor na vossa empresa: a vossa permanência nessa coluna é inspirada por Deus».

(1) Teodoretos, Hist. relig., c. XXVI. — (2) Niceph. Callist., Hist. Eccl., I, XIV, c. II.

Peço-te que repares, Teotimo, como esses antigos e santos anacoretas, nesse seu concílio, não exigiram por mais segura prova de inspiração celeste, num assunto de tão alevantado alcance como foi a vida desse santo Stilita, senão o vê-lo simples, manso, inteiramente dócil às leis da santa obediência. E Deus abençoou a submissão do santo varão, dando-lhe a graça de perseverar trinta anos completos sobre uma coluna de trinta e seis côvados de altura, depois de ter vivido sete anos sobre outras colunas de seis, de dez e de vinte pés de alto. E, antes disso, já tinha passado dez anos numa aguda rocha, no lugar chamado a Mandre.

Foi assim que essa ave do paraíso, vivendo no ar, sem tocar na terra, foi espelho de amor para os Anjos e de admiração para os homens. Firme, só o que assentar sobre a obediência; suspeito, tudo o que dela se desviar.

Quando Deus ilumina um coração com inspirações, a primeira que lhe dispensa é a da obediência. Pois pode haver mais notável e evidente inspiração do que a recebida pelo glorioso S. Paulo? Ora, nela, o dado principal foi este: «Vai à cidade e ouve da boca de Ananias o que hás-de fazer (1)». Este Ananias, homem altamente célebre, era, no dizer de Santa Doroteia (2), Bispo de Damasco.

O que disser que não segue os conselhos de seus superiores e lhes desobedece, por haver sido inspirado, esse falta à verdade. Todos os profetas e pregadores que foram inspirados por Deus, amaram sempre a Igreja, aderiram incondicionalmente à sua doutrina, e nunca deixaram de apregoar com convicção esta grande afirmação: *os lábios do sacerdote encerram a verdade e é deles que devemos aprender a lei* (3).

De forma que devemos tomar à conta de ilusões diabólicas, e não inspirações celestes, essas missões extraordinárias, que não forem reconhecidas e aprovadas pelos pastores pertencentes à missão ordinária: nisto estão concordes Moisés e os Profetas: S. Francisco, S. Domingos e os outros Padres das Ordens religiosas puseram-se ao serviço das almas, por inspiração extraordinária; mas submeteram-se ainda com mais humildade e com maior affecto à sagrada hierarquia da Igreja.

(1) Act., IX, 7. — (2) Sinopsis, § 5. (Patrol. Graeca, tom. XCII, col. 1062). — (3) Malaq. II, 7.

Resumindo: as três melhores e mais incontestáveis provas das inspirações legítimas, são: a perseverança, em opposição à inconstância e volubilidade; a paz e doçura do coração, contra as inquietações e falta de sossego; a humilde obediência, contra a obstinação e o capricho.

E para concluir ou rematar tudo o que fica dito da união da nossa vontade à de Deus, chamada «vontade significada», quase todas as plantas que derem flores amarelas, e até a chicória brava, que as dá azuis, as voltam sempre para o lado do sol e assim lhe seguem o curso. O heliotrópio, porém, não volta apenas as flores mas também as folhas na direcção do astro-rei. Igualmente os eleitos volve a flor do seu coração, que é a obediência aos mandamentos, para a direcção da vontade divina.

As almas mais vivamente possuídas do santo amor não contemplam apenas a divina Bondade com a obediência aos mandamentos, mas também lhe unem todos os seus affectos, seguindo na esteira do divino Sol, em tudo o que ele ordena, aconselha e inspira, sem reserva nem exclusão alguma.

E assim podem dizer com o sagrado Salmista: *Senhor, vós tomastes-me pela mão, conduzistes-me como foi de vossa vontade e recebestes-me com grande glória* ⁽¹⁾. *Eu sou para vós como o cavalo, porque vos sigo sempre* ⁽²⁾. Assim como o cavalo bem amestrado se deixa governar facilmente, com brandura e docilidade, em todos os sentidos, pelo estribeiro que o monta, do mesmo modo a alma devota é submissa à vontade de Deus e faz tudo o que esta quer e determina.

CAPÍTULO XIV

Processo simples de conhecer a vontade de Deus

S. Basílio ⁽³⁾ diz que a vontade de Deus ficou expressa nos seus Mandamentos e, portanto, nada temos a deliberar;

(1) Ps. LXXII, 24. — (2) Ibid., 23. — (3) Collige ex Moral, reg. IX, XII, XXXIII, et Regulis fusius tract, c. CCXXVII.

basta realizar o que nos ficou imposto. Para tudo o mais, temos a liberdade de escolher o que melhor nos pareça, se bem que não convém fazer tudo o que é permitido, mas apenas o que é conveniente; e na verdade, para distinguirmos melhor o que nos convém, devemos ouvir o prudente conselho do nosso pai espiritual.

Vou, porém, avisar-te, Teotimo, duma tentação vulgar a que as almas estão muitas vezes expostas, quando sentem o desejo de seguir em tudo o que for mais do agrado de Deus. O inimigo não perde ocasião de lançar a dúvida no nosso espírito. Deste modo muitos divagam sobre qual será melhor: ir jantar com um amigo, ou não ir; vestir-se de claro ou de escuro; jejuar à sexta ou ao sábado; distrair ou meditar; assim malbaratam muito tempo e, enquanto se preocupam em discernir o que é melhor, perdem a oportunidade de praticar algumas boas obras, cuja execução servia mais para a glória de Deus do que essa escolha com que vão distraíndo o espírito.

Não está em uso pesar o dinheiro miúdo, mas apenas moedas de grande valor; o negócio tornar-se-ia exageradamente fastidioso e dispenderia muito tempo se fosse mister pesar todo o dinheiro em giro. Também não devemos enleiar-nos com o peso das mínimas acções, procurando saber se valem mais do que outras. Neste exame chega a entrar a superstição. Que importa saber se será melhor ouvir missa nesta igreja ou naquela? se fiar ou coser? se dar esmola a homens ou a mulheres? Não serve melhor o amo aquele que gasta a maior parte do tempo a pensar no que há-de fazer, do que aquele que faz o que ele manda.

É preciso que a nossa razão distinga a importância das coisas: para uma jornada de um dia, não se fazem os mesmos preparativos que para uma viagem de 300 ou 400 léguas.

A escolha de vocação, o projecto dum negócio de grande alcance, de alguma obra de fôlego, duma despesa grande, a mudança de casa, a escolha daqueles com quem havemos de conviver e assuntos desta natureza merecem que pensemos sèriamente o que é mais conforme à vontade do Senhor. Porém, nos mínimos actos quotidianos, cuja falta de cumprimento não envolve pecado, nem é irreparável, que necessidade temos de andar preocupados, distraídos e com cousultas

importunas? Para que hei-de eu pôr-me a imaginar se será mais do agrado de Deus que recite o Rosário ou o Ofício de Nossa Senhora, se posso lucrar tanto com uma coisa como com a outra, se devo visitar os enfermos no hospital ou assistir às Vésperas, ouvir uma prática religiosa ou ir a outra igreja lucrar indulgências? Ordinariamente, não há nessas escolhas diferença tão extraordinária que mereça profundas deliberações. Tudo o que se faça de boa fé, e sem subtilezas, tem mérito.

Como diz S. Basílio (1), façamos o que nos parecer bom e não deixemos que o espírito se perca em divagações; aproveitemos o tempo e não demos margem a inquietações, escrúpulos ou superstições. Está claro que me refiro a actos entre os quais a desproporção não seja flagrante.

Mesmo em assuntos de importância, devemos ser muito humildes e não cuidar que encontramos a vontade de Deus com muitas pesquisas e discursos subtis. Peçamos antes a luz do Espírito Santo, procuremos encontrar o melhor caminho, ouçamos o conselho do nosso director, ou de duas ou três pessoas espirituais e, feito isto, resolvamos tudo em nome de Deus, não revogando depois, nem pondo dúvidas na escolha que fizemos, mas perseverando nela e sustentando-a com devoção, com paz, com constância.

Embora depois sobrevenham dificuldades, tentações, acontecimentos inesperados, que vão de encontro às nossas intenções e podem levar-nos a desconfiar da escolha feita, devemos ainda assim permanecer firmes e considerar que seria mil vezes pior se houvéssemos resolvido de outro modo. Nem nós podemos saber se Deus quer que encontremos no nosso caminho consolo ou tribulações, que nos exercitemos no sacrifício ou na paz.

Uma vez tomada qualquer resolução, não devemos hesitar nem duvidar da santidade do seu fim: mesmo esse fim não pode falhar, se lhe dermos o sincero concurso da nossa alma. Proceder de modo diverso é sinal de amor próprio, ciancice, fraqueza e pobreza de espírito.

(1) Supra.

LIVRO NONO

DO AMOR DE SUBMISSÃO, QUE IDENTIFICA A NOSSA VONTADE COM O AGRADO DE DEUS

CAPÍTULO I

União da nossa vontade à vontade divina, ou agrado de Deus

Nada se faz, à exceção do pecado, sem a vontade de Deus o permitir, essa vontade absoluta, esse agrado do Senhor, que ninguém pode impedir e só se conhece pelos efeitos. Esses efeitos, quando se dão, manifestam incontestavelmente que Deus assim quis e determinou.

1. Consideremos em conjunto, Teotimo, tudo o que foi, é, e será. Arrebatados pela admiração, seremos obrigados a exclamar com o Salmista: *Ó Senhor, eu quero louvar-vos porque toda a natureza vos magnifica; as vossas obras são maravilhosas e a minha alma bem o reconhece. A vossa ciência é admirável, excede a minha inteligência, nem eu posso de forma alguma atingi-la* (1).

E daqui passaremos à santa complacência, regozijando-nos com ser Deus tão infinito em sabedoria como em poder e bondade, que são as três potências divinas de que o universo não passa de um ensaio imperfeito e como uma amostra.

(1) Ps. CXXXVIII, 1, 4, 6.

2. Vejamos os homens e os anjos e toda a variedade da natureza; essa infinidade de espécies, de condições, faculdades, afectos, paixões, graças e privilégios, que a suprema Providência estabeleceu na multidão inumerável das inteligências celestes e das criaturas humanas, nas quais tão admiravelmente se acham impressas a justiça e a misericórdia divinas. Quem terá mão em si que não entoe com acentos de sentida alegria, respeito, e amoroso temor:

Misericórdia e justiça é o nobre assunto
Do meu canto, Senhor! Em doce metro
O teu nome recordando,
Qualquer diverso motivo
Não irei jamais cantando,
Enquanto respiro e vivo! (1)

Teotimo, nós devemos sentir uma consolação extrema ao ver como Deus exerce a sua misericórdia com tão diversos favores dispensados aos anjos e aos homens, no Céu e na terra; louvá-lo pela distribuição da justiça com tão vários castigos e penas! A justiça e a misericórdia de Deus são igualmente amáveis e admiráveis em si mesmas, pois ambas não constituem mais do que uma única Bondade e Divindade.

Mas, conquanto os efeitos da sua justiça nos sejam dolorosos e cheios de amargura, lá vem todavia a intervenção da sua misericórdia, permitindo que, no meio das águas do dilúvio da sua justa indignação, se conserve a oliveira verdejante onde a alma devota, qual casta pomba (2), vá repousar, quando quiser sinceramente meditar com amor (3).

A morte, as aflições, os suores, os trabalhos de que a nossa vida está semeada, e são pela justa determinação do Senhor o castigo de nossos pecados, são também pela sua infinita misericórdia, degrau para subir ao Céu, meios para aumentar em graça e méritos para obter a glória eterna. Bem-aventurada a fome, a sede, a pobreza, a tristeza, a doença, a perseguição, a morte (4), porque são, na realidade,

(1) Ps. c, I. — (2) Gen., VIII, 11, — (3) Is., XXXVIII, 14, LIX, 11.
— (4) Mat., V, 3-10.

o justo castigo das nossas faltas, mas castigos tão mitigados e, como dizem os médicos, tão aromatizados pela brandura, bondade e clemência divinas, que a amargura deles se torna apetecível.

Facto estranho, mas verídico, Teotimo: se os condenados não estivessem cegos em sua obstinação e ódio contra Deus, encontrariam bálsamos em suas penas e veriam a misericórdia divina admiravelmente confundida com as chamas que os envolvem eternamente. Por isso os Santos, considerando por um lado os tormentos tão temíveis e horrorosos dos condenados, louvam a justiça divina e exclamam:

Justo és, Senhor! são rectos, os teus juízos,
Mandaste que a justiça se observasse;
Que a verdade nas obras transluzisse! (1)

Mas meditando, por outro lado, que essas penas, ainda que eternas e incompreensíveis, são todavia menores que as culpas e os crimes que as originaram, dirão, arrebatados pela infinita misericórdia do Senhor: Ó meu Deus! como sois bom, que até no mais aceso da vossa ira não opondes dique à torrente das vossas *misericórdias*, permitindo que as suas águas se derramem sobre as inclementes chamas do inferno!

Negarás misericórdia aos que escolheste?
E o teu furor por séculos durando,
Fará nula a esperança que nos deste?
— Não... agora começo a converter-me:
Perfeita contrição é obra prima
Da excelsa mão que vem fortalecer-me (2).

3. Entremos, finalmente, em nós mesmos; desçamos ao âmago da nossa alma e vejamos que imensos bens interiores e exteriores, como também que grande número de castigos internos e externos nos destinou a Providência, em sua alta justiça e misericórdia! Aceitemo-los nos braços do nosso

(1) Ps. CXVIII, 137. — (2) Ps. LXXVI, 8-10.

assentimento, abraçando com amor o que Deus quer, concordando com a sua santíssima vontade e cantando-lhe, com um hino de eterna conformidade: « *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu* ».

Sim, Senhor, *seja feita a vossa vontade na terra*, onde não há prazer sem mistura de dor, rosas sem espinhos, dia sem ocaso, primavera que não suceda a um inverno; *na terra*, Senhor, onde as consolações são raras e os trabalhos inúmeros. Todavia, *seja feita a vossa vontade*, Senhor! tanto na execução dos vossos mandamentos, conselhos e inspirações, que devemos pôr em prática, como nas aflições e nas penas que devemos aceitar, para que a *vossa vontade* se faça por nós, em nós e de nós, em tudo o que for do vosso agrado.

CAPÍTULO II

Como a união da nossa vontade com o agrado de Deus se realiza principalmente nas tribulações

As penas, consideradas em si mesmas, com certeza não podem estimar-se; porém, consideradas na sua origem, isto é, na providência e na vontade divina que as ordenam são infinitamente estimáveis. A vara, de que se serviu Moisés, caída é serpente, que amedronta; na mão do Profeta é varinha mágica que faz prodígios ⁽¹⁾.

As tribulações em si mesmas assustam; consideradas na vontade do Senhor, transformam-se em amores e delícias. Quantas vezes sucede termos repugnância invencível pelos remédios e medicamentos, quando nos são ministrados pelo médico ou pelo enfermeiro; pois essa repugnância transforma-se em doce confiança, se é mão amiga que no-los apresenta! Ah! decerto, o amor ou disfarça a aspereza dos trabalhos, ou faz amar a dor que eles causam ⁽²⁾.

(1) Exo. I., VII. — (2) S. Aug., ubi supra, I, VI, c. XIV.

Conta-se que há na Beócia um rio em cujas águas os peixes parecem de ouro; mas, apenas retirados delas, tomam a cor natural dos outros peixes ⁽¹⁾. As aflições são também assim; se as considerarmos fora da vontade de Deus, encontramos-lhes a amargura natural; porém, quem as encarar como sendo do agrado divino, vê-as todas de ouro, amáveis e preciosas, a mais não poder ser.

Se o grande Abraão tivesse visto a necessidade de matar seu filho, fora da vontade de Deus, imagina, Teotimo, que amarguras e sofrimentos não teria ele padecido; porém, sabendo que o seu sacrifício era do agrado do Senhor, vê-o por um prisma dourado e abraça-o com ternura. Se os Mártires vissem os seus tormentos fora desse agrado, que alma teriam para cantar entre os ferros e as chamas? O coração verdadeiramente amante deseja o que é do agrado divino não só nas alegrias como nas tribulações; e até prefere a cruz, as penas e os trabalhos, porque a principal característica do amor consiste em sofrer aquele que ama, por aquele que é amado. Os Estóicos, e nomeadamente o bom Epicteto, cifravam toda a sua filosofia em abster-se e suportar, desterrar-se e sofrer ⁽²⁾; abster-se e desterrar-se dos prazeres, voluptuosidades e honras terrenas; suportar e sofrer as injúrias, trabalhos e privações. Todavia a doutrina cristã, que é a única verdadeira filosofia, assentou suas bases sobre três princípios ⁽³⁾: a abnegação de nós mesmos, o que é mais do que abster-se dos prazeres; levar cada um a sua cruz, que é também mais do que suportá-las; e seguir a Nosso Senhor, não só com a renúncia própria e com levarmos a nossa cruz, mas praticando toda a qualidade de boas obras. E contudo, nem com a abnegação, nem com os nossos actos, testemunhamos tanto amor como com o sofrimento, com a paixão. Evidentemente o Espírito Santo, na Escritura Sagrada ⁽⁴⁾, indica o mais elevado grau do amor de Nosso Senhor à humanidade na Paixão e Morte, que por nós sofreu.

1. Amar a vontade de Deus nas consolações é um bom amor, quando sinceramente se estima a vontade de Deus e

(1) Cf. Plin., 1. II, c. CIII (al CVI). — (2) Joan., XV, 13; Rom., V, 8, 9; I Joan., III, 16. — (3) Aulus Cell., Notes Att., 1. XVII, c. XIX, 2 — (4) Mat., X, 38, XVI, 24.

não a consolação em si mesma. No entanto, é um amor sem obstáculos, sem contradições nem esforço e, por conseguinte, é fácil e grato seguirmos essa vontade.

2. Amar a vontade divina nos seus mandamentos, nos conselhos e inspirações, é um segundo grau de amor, já mais perfeito, porque importa a renúncia da vontade própria e levá-nos à abstenção e à renúncia, senão de todos, pelo menos de alguns prazeres.

3. Amar os sofrimentos e tribulações por amor de Deus, é o mais elevado grau da caridade. Não há aqui senão o amor da vontade divina, e por isso a nossa natureza há-de opor-lhe sempre grande resistência, não só porque suprime todos os prazeres, mas porque abraça os tormentos e os trabalhos.

Bem sabia o espírito maligno que era esta a quinta essência do amor, quando, depois de ouvir da boca do Salvador ⁽¹⁾ que Job era *justo, recto, temente a Deus, inimigo do pecado* e firme na inocência, tudo lhe pareceu pouco, em comparação da paciência com que ele curtia aflições indiscutíveis, que foram o mais alto exercício de amor daquele grande servo de Deus. Para essas aflições serem extremas, abrangeram a perda de todos os bens, e de todos os filhos, o abandono dos amigos e o mais completo desprezo com que o renegaram os que lhe eram dedicados e até a própria mulher; uma oposição cheia de desprezo, de escárnios e de censuras. Para cúmulo, juntaram-se nele quase todas as doenças humanas, a ponto de se tornar todo uma chaga, cruel, pútrida, asquerosa, horrível.

Pois, apesar de tudo, o grande Job, como rei dos míseros na terra, assentado num monturo, seu trono de miséria, roído de chagas, úlceras, e podridão, como se fossem púrpuras reais a atestar a grandeza da sua desgraça, em tamanha abjecção e aniquilamento tal que, se não falasse, custaria a distinguir se era um homem reduzido ao esterco do monturo, ou um monturo com forma humana, pois, apesar de tudo, dizia eu, Job exclama: *Já que recebemos os bens da mão de Deus, por que não havemos de receber também os males?* ⁽¹⁾

Ó meu Deus! quanto amor não encerram estas palavras!

⁽¹⁾ Job., I, 8. — ⁽²⁾ Job., II, 10.

Ele pondera, Teotimo, que foi da mão de Deus que recebeu os bens, provando assim que não os prezava tanto por serem seus, como por procederem da mão do Senhor: e disto concluiu que tinha de aceitar com o mesmo agrado as adversidades, porque lhe vinham igualmente da mão do Senhor, tão amável quando nos envia as tribulações como quando nos liberaliza alegrias e confortos. Os *bens*, todos os recebem de boa vontade; porém, os males, esses só um perfeito amor os aceita com alegria, porque os aprecia e ama não porque são amáveis, mas em atenção à mão que lhes envia.

O viajante que receia não seguir pelo verdadeiro caminho, e vai em dúvida, olha para todos os lados a ver se reconhece o terreno que calca e a cada passo se julga extraviado, perdido. Porém, o que está certo da sua rota, caminha seguro, alegre, ousado e pressuroso.

Assim no amor: o que quiser seguir a vontade de Deus, entre as consolações, há-de vacilar com medo de se enganar, não seja caso que em vez de amar a vontade do Senhor ame o prazer que encontra na consolação. Só o amor que busca a vontade de Deus nas aflições é que vai seguro, porque a aflição não pode ser desejada por si, mas por consideração de quem a envia.

Na primavera os cães enganam-se frequentemente e quase sempre o seu olfacto é iludido: é tão forte o aroma que as flores exalam, que lhes faz perder o rasto da lebre ou do veado. Em plena primavera de consolações o amor mal consegue discernir o bom agrado do Senhor, pois o prazer sensível da consolação derrama no coração tais atractivos, que afasta dele a atenção com que devia procurar a vontade de Deus. Dando Nosso Senhor a escolher a Santa Catarina de Sena uma coroa de ouro ou uma de espinhos, optou por esta a Santa, por ser mais adequada ao amor. «É uma prova inequívoca de amor, diz a bem-aventurada Ângela de Foligno ⁽¹⁾ o querer sofrer»; e o grande Apóstolo exclama ⁽²⁾: «Ninguém alcança a glória senão por meio da cruz, da enfermidade, ou da perseguição».

(1) Arnaldus, Vita B. Angelae de Fulgínio, c. LXVI. — (2) Galat., VI, 14; II Cor., XII, 5, 10.

CAPÍTULO III

**A união da nossa vontade ao agrado de Deus,
nas aflições espirituais, pela resignação**

O amor da cruz leva-nos às aflições voluntárias, como sejam os jejuns, vigílias, cilícios e outras macerações da carne, e à renúncia dos prazeres, das honras e riquezas. É nestes exercícios que o amor é altamente agradável a Jesus.

Todavia, ainda o é mais quando recebemos com paciência, tranquilamente, e até com gosto, as penas, os tormentos e as tribulações, em consideração à vontade divina que as envia. O amor atinge toda a sua magnitude, quando não só recebemos com sossego e paciência as aflições, mas as estimamos, as recebemos e amamos como procedentes da divina vontade do Senhor.

Entre todas as práticas do perfeito amor, a que se faz pelo consentimento do espírito nas tribulações espirituais é indubitavelmente a mais alta e delicada. A bem-aventurada Ângela de Foligno faz uma descrição admirável das penas interiores que algumas vezes suportou ⁽¹⁾. E dizia ela que a sua alma estava atormentada «como aquele que, preso de pés e mãos, fosse suspenso pelo pescoço, sem o estrangularem, mas a quem deixassem nessa situação, entre a morte e a vida, sem esperança nem socorro; não podendo firmar-se nos pés, nem ajudar-se com as mãos, sem poder gritar, nem queixar-se ou gemer, sequer».

E é assim, Teotimo; a alma está por vezes tão oprimida por íntimos pesares, que todas as suas faculdades e potências se ressentem desse abatimento, por nada haver que a alivie, e tudo se juntar para a magoar. Então, à imitação do Salvador, começa a inquietar-se, a receiar, a deixar-se desfalecer

(1) Arnaldus, ubi in fine cap. praeed. (c. XIX).

e dominar por uma tristeza semelhante à dos moribundos, podendo exclamar: *A minha alma está triste até à morte* ⁽¹⁾; e com todas as veras da sua alma deseja, pede e implora que, *se for possível, passe dela esse cálls*, não lhe restando mais do que a última e suprema extremidade do espírito para se unir ao coração e à vontade de Deus e dizer com franca aquiescência: *Ó Pai Eterno, todavia não se faça minha vontade, mas a vossa* ⁽²⁾.

E o que é mais importante é que a alma faz este acto de resignação em meio de tanta perturbação, de tantas contradições e repugnâncias, que mal se apercebe de o praticar, ou pelo menos, quando dá conta dele, parece-lhe tão débil e contrafeito, que nem é de boa vontade, nem de modo conveniente: porque o que então se faz para agradar a Deus faz-se não só sem alegria nem prazer, mas contra todo o prazer e alegria do resto da nossa alma. E nesse ponto o amor permite que possamos repetir todas as lamentações de Job e Jeremias, desde que esse santo consentimento permaneça imutável no fundo do coração e na suprema e mais delicada fibra da alma. Esse consentimento não é terno, nem grato; quase insensível mesmo, quando verdadeiro, forte, indomável e altamente amoroso; dir-se-ia refugiado no último extremo do espírito como no mais elevado reduto duma fortaleza, ali permanece seguro e cheio de coragem, ainda que todo o resto se deixe assoberbar e dominar pela tristeza. Nesta circunstância, quanto mais desamparado de socorro estiver o amor e abandonado da assistência das virtudes e faculdades da alma, tanto mais valor tem a sua constância em se conservar fiel.

Essa união e conformidade com a vontade divina opera-se pela santa resignação ou ainda pela mais santa indiferença. Ora a resignação efectua-se por esforço ou submissão. Por exemplo: preferia viver em vez de morrer; todavia, já que é do agrado de Deus que morra, condescendo. Queria viver, se isso prouvesse a Deus, isto é, quereria que Deus quisesse que ele vivesse: no entanto morre resignado, ainda que de melhor vontade viveria; morre de bom grado, mas com mais affecto ficaria. Job, nos seus trabalhos, faz este acto de resi-

(1) Marci, XIV, 33, 34; Mat., XXVI, 37-39. — (2) Luc., XXII, 42.

gnação ⁽¹⁾: *Se recebemos os bens, diz ele, das mãos de Deus, por que não havemos de suportar também os castigos e os trabalhos que nos envia? Vês, Teotimo, como fala em aguentar, sofrer e suportar? Como for do agrado do Senhor assim se faça; bendito seja o nome do Senhor* ⁽²⁾: palavras estas de resignação e aceitação, por meio da dor e da paciência.

CAPÍTULO IV

A união da nossa vontade à vontade de Deus pela indiferença

A resignação prefere a vontade de Deus a tudo, mas nem por isso deixa de amar muitas outras coisas, além da vontade do Senhor. Ora a indiferença é superior à resignação, porque não ama nada senão por amor da vontade de Deus. É certo que o mais indiferente coração do mundo pode possuir-se de qualquer afeição, enquanto a vontade divina não se lhe manifestar. Eliezer, ao chegar à fonte de Haran, viu bem a donzela Rebeca e achou-a, com certeza, *muito mais bela e agradável*; no entanto, conservou-se indiferente até que, pelo sinal inspirado por Deus, conheceu que a vontade divina a havia destinado ao filho de seu senhor. Então ofereceu-lhe *os brincos para as orelhas e os braceletes de ouro* ⁽³⁾. Se, ao contrário, Jacob não pretendesse com o amor de Raquel senão a aliança de Laban, a que seu pai o havia obrigado, escolheria entre Lia e Raquel, na certeza de que, sendo ambas filhas de Laban, a vontade de seu pai estaria tão bem cumprida com uma como com outra. Porém, como, a par da vontade de seu pai, queria satisfazer o seu gosto particular, cativo da formosura e gentileza de Raquel,

(1) Cap., II, 10; juxta Septuag. — (2) Job., I, 21. — (3) Gen., XXIV, 16-22.

desgostou-se por ter de esposar Lia e resignou-se a recebê-la mas contrariado.

O coração indiferente não é assim. Sabendo que a tribulação, embora feia, qual outra Lia, não deixa de ser filha, e filha estremecida do agrado divino, ama-a tanto como a consolação, embora esta seja em si muito mais agradável; e até prefere a tribulação, por divisar nela só a vontade de Deus que a torna querida e desejada.

Se eu só quero água pura, que me importa que ma ofereçam num vaso de ouro ou de vidro, se é só a água que eu tomo? Antes, preferia o de vidro, porque tem a cor da mesma água, e ma deixa ver muito melhor. Que importa que a vontade de Deus me seja patente na amargura ou no conforto, se em qualquer dos casos não procuro senão a vontade divina, e esta transparece tanto melhor, quanto não há a ofuscá-la beleza alguma, a não ser a do santíssimo agrado do Senhor?

Heróica, altamente heróica, foi a indiferença do incomparável S. Paulo; *Sinto-me entre dois fogos*, diz ele aos *Fillpenses* ⁽¹⁾, *quisera livrar-me deste corpo e voar para Jesus Cristo, que é a minha suprema aspiração; mas também quisera ficar no mundo, por amor de vós.*

Nisto foi também imitado pelo bispo S. Martinho ⁽²⁾ que, ao terminar a existência, sentia um intenso desejo de ver a face do seu Deus, sem contudo deixar de afirmar que igualmente queria os trabalhos do seu cargo de pastor, para bem do seu rebanho. E assim depois de entoar este cântico:

Meu Deus! por que me não deixas
Ir no teu templo viver?
Feliz fora se pudesse
Tornar a vê-lo e morrer,
Por esse asilo agradável
Suspiro continuamente:
Quando chegarão as horas
De eu nele habitar contente?! ⁽³⁾

(1) Cap., 23, 24.—(2) Epist. III, ad Bassulam.—(3) Ps. LXXXIII, 1-2°

terminou por esta exclamação: « Ó Senhor! se ainda sou necessário ao serviço da salvação do vosso povo, não me recuso ao trabalho: *seja feita a vossa vontade* (1) ». Admirável é a indiferença do Apóstolo, como admirável é também a deste bispo apostólico!

Vêem o Paraíso abrir-se-lhes e vêem os mil trabalhos do mundo; pois a escolha é-lhes indiferente e só a vontade de Deus é que pesa em seus corações. O Paraíso não se lhes apresenta mais atraente do que as misérias terrenas, se o bom agrado de Deus se patentear igualmente no primeiro ou nas últimas. Os trabalhos são para eles um Paraíso, se padecê-los for a vontade de Deus, e o Paraíso transforma-se em amargura, se a vontade de Deus não está nele, porque, no dizer de David (2), não procuram no Céu ou na terra senão ver feita a vontade de Deus: *Ó Senhor, que há no Céu para mim, ou que quero eu na terra, senão a Vós?*

O coração indiferente é como uma bola de cera nas mãos de Deus, para receber igualmente todas as impressões da vontade ou do agrado do Eterno. É um coração sem escolha, disposto indistintamente a tudo, sem outro alvo para a sua vontade que não seja a vontade do seu Deus; não põe o seu amor nas coisas que Deus quer, mas na vontade de Deus que as quer. Por esse motivo, quando a vontade de Deus se manifesta em muitas coisas, escolhe, a todo o transe, aquilo que mais agradável seja ao Senhor.

É do agrado de Deus o matrimónio e a virgindade; mas, porque se inclina mais para a virgindade, o coração indiferente prefere-a, ainda que essa escolha lhe custe a vida, como succedeu à querida filha espiritual de S. Paulo, S.^{ta} Tecla e a S.^{ta} Cecília, a S.^{ta} Ágata e muitas outras. A vontade de Deus está no serviço do pobre e no do rico, mas mais no do pobre: o coração indiferente segue esse partido. A vontade de Deus está na modéstia com que aceitamos as consolações, e na paciência com que sofremos a tribulação; o indiferente prefere o sofrimento, por ser mais da vontade de Deus.

Resumindo: o agrado do Senhor, é o supremo alvo da alma indiferente; onde quer que o entreveja, lá corre a alma

(1) Mat., VI, 10. — (2) Ps., LXXII, 25.

ao *aroma de seus perfumes* ⁽¹⁾, seguindo sempre a via que conduza lá mais directamente, sem mais consideração alguma. Deixa-se levar pela divina *vontade* ⁽²⁾ como por uma cadeia de amor, à qual seguirá por onde quer que ela a leve.

Preferiria o inferno, com a vontade de Deus, ao Paraíso, sem ela; sim, preferiria o inferno ao Paraíso, desde que soubesse que o agrado de Deus pendia mais para aquele do que para este. De modo que, — suposição impossível — se soubesse que a sua condenação era mais agradável a Deus do que a sua salvação, rejeitaria a salvação e precipitar-se-ia na condenação.

CAPÍTULO V

Como a santa indiferença se estende a todas as coisas

A indiferença deve praticar-se em tudo o que é relativo à vida natural, como seja a saúde e a doença, a beleza e a fealdade, a fraqueza e a força; nas coisas da vida civil, como são as distinções, honras e riquezas; e na extensa escala da vida espiritual, como é a tibieza e as consolações, a desolação e a alegria. Devemos ser indiferentes nos actos, nos sofrimentos e, enfim, em toda a sorte de eventualidades.

Job, quanto à vida natural, foi ulcerado com uma chaga, a mais horrível que jamais se vira. A sociedade, escarneceu-o, injuriou-o e cobriu-o de vilipêndios. E não foram só os estranhos como até os mais próximos parentes. Na vida espiritual, oprimiram-no desfalecimentos, convulsões, angústias, trevas, e as mais insuportáveis dores íntimas, como o provam as suas sentidas queixas e lamentações.

O grande Apóstolo ⁽³⁾ pregava uma indiferença geral para nos tornarmos verdadeiros servos de Deus: *muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nas enfermidades, na prisão, nas sedições, nos trabalhos,*

(1) Cant., I, 3. — (2) Ps. LXXII, 24. — (3) II Cor., VI, 4-10.

nas vigílias e nos jejuns. Com castidade, com longaninidade e doçura no Espírito Santo: com caridade sincera, não simulada, com palavras de verdade, em relação a Deus. Com as armas da justiça em todos os sentidos: tanto na glória como na abjecção, na infâmia como na prosperidade; passando por dissimulados, embora verdadeiros; como desconhecidos, embora célebres; como moribundos, embora vivos; como castigados, embora inocentes; como tristes e todavia alegres; como pobres, embora ricos em merecimentos; como desprezíveis e sem nada possuir, apesar de possuírmos a suprema riqueza.

Considera, Teotimo, como era atribulada a vida dos Apóstolos: para o corpo tiveram feridas, para o coração angústias, e o mundo deu-lhes em retribuição a desonra e encerrou-os em prisões. E em meio de tantas amarguras, ó Senhor, que indiferença a deles! A sua tristeza era alegre, a pobreza rica, a morte desentranhava-se em vida, e a desonra enobrecia-os. Quer dizer: os Apóstolos achavam prazer na tristeza, alegria na indigência, alento nos perigos e até na morte, e glória no desprezo do mundo, porque todos esses tormentos eram da vontade de Deus. E como esta lhes era mais evidente no sofrimento do que na prática de qualquer virtude, o Apóstolo põe em primeiro lugar a paciência, dizendo: *É preciso que pareçamos servos de Deus em tudo; em termos muita paciência nas tribulações, nas necessidades e nas angústias.* E por fim, aconselha a castidade, a prudência, a longanimidade.

Também Nosso Senhor foi incomparavelmente atribulado na sua vida pública, condenado como um criminoso de lesa-majestade divina e humana, esbofeteado, cuspidado, açoitado e atormentado com inexprimível ignomínia. Na vida natural, morreu em meio das mais sensíveis e cruéis torturas que é possível imaginar-se. Na vida espiritual, padeceu tristezas, temores, angústias, desfalecimentos e opressões íntimas, que nunca tiveram nem hão-de ter outras semelhantes.

Ainda que a suprema parte da sua alma fruisse soberanamente a eterna glória, o certo é que o amor não permitia que essa glória derramasse delícias nos sentimentos, nem na imaginação, nem na razão inferior, mas deixava o coração à mercê da tristeza e das angústias. Ezequiel viu a imagem

duma mão que o tinha suspenso apenas por uma madeixa de cabelos, entre o céu e a terra ⁽¹⁾.

Também Nosso Senhor, suspenso na cruz entre o céu e a terra, não estava seguro pela mão de seu Pai senão pela suprema extremidade do espírito, e por assim dizer, por um só cabelo da sua cabeça, pelo qual recebia da doce mão do Pai Eterno uma soberana afluência da felicidade, enquanto todo o resto ficava imerso na tristeza e no desalento. E é nesse estado de profundo abatimento que Jesus exclama: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? ⁽²⁾

O peixe chamado lanterna do mar, em plena tempestade, ergue acima das ondas a língua que é tão luminosa, radiante e clara, que serve de archote ou farol aos pilotos ⁽³⁾.

Em meio do oceano de paixões com que Nosso Senhor foi atormentado, todas as faculdades da sua alma ficaram como que imersas na tormenta inconcebível de tantas amarguras; exceptuando a extremidade do espírito, que, isenta de todo o sofrimento, resplandecia clara e deslumbrante de glória e felicidade.

Bem-aventurado o amor que reina no cume do espírito dos fiéis, enquanto estes estão expostos à fúria das tribulações interiores!

CAPÍTULO VI

Prática da indiferença amorosa nas coisas do serviço de Deus

Não é fácil conhecer-se a vontade de Deus, senão pelos acontecimentos e portanto, enquanto nos for desconhecida, temos de cingir-nos o mais possível à sua vontade manifestada ou expressa. Logo, porém, que o bom grado

⁽¹⁾ Ezeq., VIII, 3. — ⁽²⁾ Mat., XXVII, 46. — ⁽³⁾ Plin., Hist. nat., I. IX, c. XXVII (al. XLIII).

da sua divina Majestade se manifeste, devemos obedecer-lhe amorosamente,

Um dia minha mãe ou eu próprio (o que vale o mesmo) adoecemos: quem sabe se Deus quer chamar-nos a si? Evidentemente ninguém o pode saber. Todavia o que sabemos é que, enquanto aguardamos o desenlace que a sua vontade determinar, devemos empregar todos os recursos para a cura. E fá-lo-emos escrupulosamente, sem descurar nenhum dos meios tendentes a esse fim.

Porém, se for da vontade de Deus que a doença triunfe dos remédios e leve o enfermo à morte, tão depressa me certifique disso pelo triste desfecho, conformar-me-ei amorosamente no mais íntimo do meu espírito, apesar da repugnância das potências inferiores da minha alma, e direi: *Sim, Senhor, aceito a provação, pois que ela é do vosso agrado* ⁽¹⁾, vós assim o quisestes, eu também o quero, porque sou o mais humilde servo da vossa vontade.

Mas, se o agrado de Deus nos for anunciado antes do facto que o manifesta, como foi a S. Pedro a morte ⁽²⁾, a S. Paulo os ferros e as prisões ⁽³⁾, a Jeremias a destruição da sua querida Jerusalém, a David a morte de seu filho ⁽⁴⁾, então devemos imediatamente unir a nossa vontade à de Deus, como o grande Abraão, e como ele, se isso nos for ordenado, executar o decreto eterno com a morte dos próprios filhos. Admirável união a desse Patriarca com a vontade de Deus, porque, julgando ser do seu bom grado que sacrificasse o filho, não trepida e vai para o sacrifício com coragem! Admirável também a vontade da criança, que se submete docemente ao cutelo paterno, para que a vontade de Deus prevaleça, mesmo à custa da própria existência!

Mas há um traço característico da perfeita união dum coração indiferente com a vontade divina. Vejamos Abraão, de espada em punho, o braço erguido, prestes a dar a morte ao seu único e estremecido filho; faz isto para comprazer com a vontade de Deus. Vejamo-lo depois que chega o Anjo, da parte dessa mesma vontade, e o suspende ⁽⁵⁾.

(1) Mat., XI, 26.—(2) Joan., XXI, 18, 19.—(3) Act., XX, 23, XXI, 11.
—(4) II Reg., XII, 14.—(5) Gen., XXII, 10-12.

Fica-lhe de repente inerte o braço, tão pronto a sacrificar o filho como a não o sacrificar, sendo-lhe tão indiferente a vida como a morte da criança, em presença da vontade de Deus. Quando Deus lhe ordenou que sacrificasse o filho, não mostrou tristeza; quando lhe dispensou o sacrifício, também se não alegrou; tudo é igual para aquele coração, desde que a vontade de Deus se faça.

Efectivamente, Deus muitas vezes, para nos exercitar na santa indiferença, inspira-nos desígnios muito alevantados, que não permite que vão a cabo. Nestes casos é necessário ter muita ousadia, muita coragem e constância, para começar e continuar a obra, enquanto for possível; assim como é preciso conformarmo-nos tranquilamente e com sossego ao êxito da empresa, consoante Deus o permitir.

S. Luís, por inspiração, atravessa o mar, para conquistar a Terra Santa. Foi-lhe adversa a sorte e ele conformou-se sàbiamente. Considero mais meritória esta conformidade do que a magnitude da empresa.

S. Francisco vai para o Egipto converter infieis ou morrer mártir no meio deles, como era da vontade de Deus. O Santo volta sem haver realizado nem uma coisa nem outra, e isso também foi da vontade de Deus. Igualmente foi da vontade de Deus que Santo António de Pádua desejasse o martírio, sem nunca o obter. O bem-aventurado Inácio de Loiola que, à custa de tantos trabalhos fundou a Companhia de Jesus, cujos belos frutos contemplava com desvanecimento e esperava ver aumentados cada vez mais, teve todavia a coragem de prometer que, se a visse declinar e até dissolver-se (o que seria para ele o mais cruciante desgosto), meia hora depois o ânimo se lhe acalmaria e estaria completamente conforme com a vontade de Deus.

O santo e douto pregador de Andaluzia, João d'Ávila, intentou fundar uma companhia de padres reformados, para o serviço da glória de Deus, e nesse intento já muito havia trabalhado. Logo, porém, que viu a dos Jesuítas em campo, e lhe pareceu que supria inteiramente a que ele projectara, pôs logo de parte a sua ideia, com mansidão e humildade incomparáveis.

Bem-aventuradas as almas que, ousadas e fortes nas empresas que Deus lhes inspira, se mostram dóceis e submis-

sas em as abandonar quando Deus assim o determina! Uma das feições características da indiferença levada à máxima perfeição, é deixar de praticar o bem, quando apraz ao Senhor, e voltar a meio caminho quando a vontade de Deus, que é o nosso guia, assim o reclama.

Jonas errou grandemente quando se desgostou por Deus não cumprir, a seu pedido, a profecia referente a Nínive ⁽¹⁾. Jonas cumpriu a vontade de Deus, anunciando a destruição de Nínive, mas nessa profecia juntou o seu interesse e a própria vontade à vontade de Deus. Por isso, quando viu que Deus não executou o que ele predissera com o rigor das palavras empregadas para o anunciar, desgostou-se e murmurou indignamente. Se atendesse apenas ao bom agrado da vontade divina, ficaria tão satisfeito com a remissão do castigo que Nínive merecera, como com a realização do castigo que a culpa de Nínive havia reclamado. Nós gostamos de ver realizado o que queremos ou o que intentamos pôr por obra; todavia, que razão há para que Deus faça o que desejamos? Se o Senhor quis que Nínive fosse ameaçada e não fosse efectivamente destruída, porque a ameaça era bastante para que se emendasse, qual o motivo das queixas de Jonas?

Mas, sendo assim, não temos o direito de querer nada, e teremos de entregar-nos à mercê dos acontecimentos? É necessário, Teotímo, não esquecer nada do que estiver ao nosso alcance, para levar a bom termo a empresa que Deus nos confiou; todavia, se um inesperado acontecimento no-la vem frustrar, acatá-lo-emos com paciência e resignação. Deus ordena que tenhamos grande cuidado das coisas que se referem à sua glória, e estão a nosso encargo mas não nos obriga, nem toma contas pelo que acontece fora da nossa alçada. *Dispensa-lhe todos os cuidados*, recomenda ao dono da hospedaria, na parábola do pobre moribundo encontrado entre Jerusalém e Jericó ⁽²⁾; «não lhe disseram», nota S. Bernardo ⁽³⁾ «que o curasse, mas sim que lhe dispensasse todos os cuidados». Também os Apóstolos, com affecto incomparável, pregaram primeiro aos Judeus, posto que esti-

(1) Jona., ult., I. — (2) Luc., X, 30-35. — (3) De Consid., I. IV, c. II.

vessem convencidos de que teriam de os abandonar, como a terreno estéril, e voltar-se para os Gentios ⁽¹⁾.

Cumpre-nos semear muito e regar cuidadosamente, porém o *frutificar* só a Deus pertence ⁽²⁾. O grande Salmista dirige esta súplica ao Salvador, como uma exclamação de alegria e um presságio de vitória: Ó Senhor, com vossa amável rectidão e justiça espalhais prodigiosamente os bens, e disparais setas que acertam no peito dos inimigos ⁽³⁾, fazendo cair aos vossos pés as nações; como se quisesse exprimir que Deus com as setas do seu santo amor, dardejadas aos corações humanos, se torna senhor deles para os dirigir à sua vontade.

Ó Senhor, vós domais imperiosamente os corações dos vossos fiéis amantes como um destro cavaleiro domina o seu amestrado ginete: impeli-os às vezes a toda a rédea, e eles voam velozmente às empresas que lhes inspirais: ou então, quando o entendeis conveniente, fazei-os parar a meio caminho, no mais vertiginoso da sua carreira.

Se a meio duma empresa encetada por inspiração, esta se malogra por culpa daqueles a quem fora confiada, como poderemos então satisfazer a vontade de Deus? Como alguém disse, nesse caso não foi a vontade que frustrou o acontecimento, mas sim o nosso erro, a nossa falta, e esta não foi determinada pela vontade divina. Sim, meu filho, a tua falta não aconteceu por vontade de Deus, porque Deus não é o autor do pecado; no entanto, a vontade divina ordena que a tua falta dê origem ao fracasso da tua empresa, em castigo desse teu erro; se a sua bondade não pode querer a tua falta, a sua justiça quer o castigo que sofres. Deus não inspirou o pecado de David, mas infligiu a este a pena correspondente ao seu pecado; não foi causa do pecado de Saul, mas permitiu que, em castigo, se malograsse a vitória nas suas mãos.

Quando, por isso, sucede não se cumprirem os sagrados desígnios, em castigo das nossas culpas, é mister detestá-las com um arrependimento sincero e aceitar a pena merecida. O pecado é contra a vontade de Deus, mas o castigo é conforme à mesma vontade divina.

(1) Act., XIII, 46, 47. — (2) I Cor., III, 6. — (3) Ps. XLIV, 6; juxta Hebr. et Septuag.

CAPÍTULO VII

**A indiferença que devemos pôr no que se refere
ao nosso progresso nas virtudes**

Ordena-nos o Senhor que ponhamos todo o empenho em adquirir virtudes, não desprezando meio algum para realizar esse intento. Mas, desde que tenhamos *semeado e regado*, temos de convencer-nos de que só a Deus pertence o *frutificar* ⁽¹⁾ das plantas das nossas boas inclinações e hábitos; devemos portanto esperar da sua divina providência o fruto dos nossos anseios e trabalhos.

Se não verificarmos em nós o adiantamento e progresso que quiséramos ter na vida devota, não devemos perturbar-nos, mas conservar-nos em paz, perseverar no bom propósito, de modo que a tranquilidade reine sempre em nossos corações.

Cumpre-nos cultivar cuidadosamente a nossa alma e com esse intuito ocuparmo-nos fielmente dela; mas enquanto à abundância da colheita, deixemo-la ao cuidado de Nosso Senhor. O lavrador não pode ser increpado se o ano for de fome, mas merece ser repreendido se lavrou mal ou não soube semear as suas terras.

Não nos inquietemos por nos encontrarmos sempre noviços no exercício das virtudes; no mosteiro da vida devota, cada um deve considerar-se sempre noviço e toda a vida destinada à provação. E até o sinal mais evidente de não sermos sequer noviços mas até dignos de reprovação e de expulsão é o termo-nos em conta de professos. Segundo a regra desta ordem, não é pela solenidade mas pelo cumprimento dos votos que se passa de noviço a professo; ora os votos nunca estão cumpridos enquanto tivermos alguma coisa a fazer na observância deles. E a obrigação de servir a Deus e de crescer no seu amor, dura até à morte.

(1) I Cor., III, 6.

Mas na verdade, dir-me-á alguém; se eu conheço que é por minha culpa que me atraso em virtudes, como deixarei de me entristecer e inquietar? Eu já o disse na Introdução à Vida Devota (1), mas de boa vontade o repito, porque não é demais insistir neste ponto: devemos entristecer-nos pelas faltas cometidas, ter um arrependimento verdadeiro, firme, constante, mas tranquilo; nunca perturbado, nem inquieto, nem desanimado.

Conheces que esse atraso no caminho das virtudes é proveniente de culpa tua? Pois humilha-te diante de Deus, implora a sua misericórdia, prostra-te diante da face da sua bondade e pede-lhe perdão; confessa-lhe o teu erro e roga-lhe mercê por meio do teu confessor, para receberes a absolvição. Feito isto, tranquiliza-te e, aborrecendo a ofensa, abraça amorosamente a abjecção que há em ti, por tão lentamente caminhares no bem.

Ah! Teotimo, as almas que estão no Purgatório foram para lá pelos seus pecados, pecados que detestaram e detestam sinceramente; mas a abjecção e pena que as detém naquele lugar, privadas temporariamente do gozo do bem-aventurado amor do Paraíso, essas sofrem-nas amorosamente e é com devoção que entoam o cântico da divina justiça: *Vós sois justo, Senhor, e o vosso juízo é recto* (2).

Esperemos, pois, com paciência o nosso progresso e, em vez de nos inquietarmos com o pouco que fizemos no passado, procuremos com empenho adiantar mais para o futuro.

Imagina tu uma boa alma; desejou ardentemente e procurou eximir-se à ira, no que Deus a favoreceu, porque a libertou de todos os pecados procedentes dela; preferiria morrer a dizer uma palavra injuriosa ou a esboçar um só gesto de ódio. No entanto, essa alma continua a ser assaltada pelos primeiros ímpetos da paixão, que são certos impulsos, certa agitação e arrebatamentos dum coração irritado, que na paráfrase Caldaica, se chamam estremecimentos, quando diz: *Estremece, mas não queiras pecar*, e a nossa versão sagrada traduz: *Ira-te, mas não queiras pecar*; o que vem a ser a mesma coisa, porque o Profeta não quer signifi-

(1) Partie III, c. IX. — (2) Ps. CXVIII, 137.

car senão que, se nos surpreender a ira, excitando-nos no coração a cólera, devemos ter mão em nós e não nos deixar dominar pela paixão até ao ponto de pecarmos.

Ora, ainda que os primeiros estremecimentos e assaltos não constituam de forma alguma pecado, todavia a pobre alma que se vê assaltada amiúde, aflige-se, inquieta-se e imagina que faz bem com essa tristeza, como se o amor de Deus lha provocasse. Todavia não é o amor celeste, Teotimo, que origina essa perturbação, porque ele não reprova senão o pecado; é o nosso amor próprio que queria que fôssemos isentos das penas e trabalhos, que os assaltos da ira nos ocasionam: não é a culpa que nos desagrada, nesses assaltos da cólera, porque o pecado não chegou a existir, é a dificuldade de lhe resistirmos que nos inquieta.

As rebeliões do apetite sensual, tanto na ira como na cubiça, ficaram para que nos exercitemos, e pratiquemos a fortaleza espiritual, resistindo-lhes. Os verdadeiros Israelitas devem sempre combater os Filisteus, embora jamais consigam vencê-los ⁽¹⁾: poderão enfraquecê-los, mas nunca aniquilá-los. O espírito sensual também vive perpétuamente em nós.

É odioso, altamente detestável, porque deriva do pecado e tende perpétuamente para o pecado: nós também somos *terra*, porque fomos extraídos da *terra* e voltamos a transformar-nos em terra ⁽²⁾; o grande Apóstolo ⁽³⁾ chamou *pecado* a essa grande rebelião, por ser proveniente do pecado e tender para ele, embora nos não torne culpados senão quando a secundamos e lhe obedecemos; e o mesmo Apóstolo nos aconselha ⁽⁴⁾ que façamos de modo que esse mal *não reine no nosso corpo mortal, escravizando-nos às suas cubiças*.

Não nos é defeso sentir o pecado, mas sim o consentir nele; o Apóstolo não ordena que impeçamos o pecado de vir a nós e aí ficar, mas sim que o não deixemos reinar em nós. Ele está em nós, quando sentimos a rebelião do apetite sensual, mas só reina, quando consentimos nele.

O médico não pode impedir que o febricitante tenha sede, porque isso seria um contra-senso; todavia pode aconselhar

(1) Josué, XXIII, 73. — (2) Gen., III, 19. — (3) Rom., VI-VIII; Coloss., III, 9. — (4) Rom., VI, 12.

selhar-lhe que não beba, apesar de sequioso. Não deve dizer-se à mulher grávida que não tenha apetites extravagantes, porque tanto não está na sua mão; todavia deve aconselhar-se-lhe que distraia o espírito, quando o seu apetite for de coisa nociva à saúde, para que essa fantasia não lhe perturbe o cérebro.

O aguilhão da carne, mensageiro de Satanás, espicava rudemente ao grande S. Paulo para o despenhar no pecado; o pobre Apóstolo sofria a tentação como a mais vergonhosa e degradante injúria, e por isso lhe chamava bofetada e escárnio e pedia a Deus que se dignasse livrá-lo dela. Mas Deus respondia-lhe: Paulo, *a minha graça te basta, porque a minha força aperfeiçoa-se na fraqueza*. Com o que concordava o Santo, dizendo: *Pois bem, de boa vontade me glorificarei nas próprias fraquezas, para que a virtude de Jesus Cristo habite em mim* ⁽¹⁾.

Mas nota que a rebelião sensual existiu também neste admirável *vaso de eleição* ⁽²⁾, e que este, recorrendo ao remédio da oração, ensina-nos que é preciso combater por este meio as tentações que sentimos. Repara ainda que, se Nosso Senhor permite essas cruéis revoltas no homem, nem sempre é para o castigar de algum pecado, mas para manifestar a força e virtude da assistência e graça divinas.

E nota, enfim, que não só não devemos inquietar-nos com as tentações e *fraquezas*, como até nos devemos gloriar de ser fracos para que se manifeste em nós a *virtude* de Deus, a amparar a nossa fraqueza contra os esforços da sugestão e das tentações: o glorioso Apóstolo chamava as suas enfermidades àqueles impulsos, àqueles assaltos de impureza que sentia e diz que se glorificava nelas, porque, se por sua miséria as sentia, pela misericórdia de Deus não consentia nelas.

Como já disse em outro lugar ⁽³⁾, a Igreja condenou o erro de alguns solitários que diziam podermos viver neste mundo perfeitamente isentos das paixões da ira, da cubição, do temor e de outras semelhantes. Deus quer que tenhamos inimigos, e quer que os repilamos: vivamos, pois, com cora-

(1) II Cor., XII, 7-9. — (2) Act., IX, 15. — (3) Livro I, c. III.

gem entre estas duas manifestações da vontade divina, sofrendo com serenidade os assaltos e procurando com energia fazer face e resistir aos assaltantes.

CAPÍTULO VIII

Como devemos unir a nossa vontade à de Deus, quando permite os pecados

Deus aborrece soberanamente o pecado, e todavia, em sua sabedoria infinita, permite-o, para deixar operar a criatura racional, conforme à sua natureza e tornar melhores os bons, quando, tendo ocasião de violar a lei, a não violam. Adoremos e bendigamos essa santa permissão. Mas, visto que a Providência, permitindo o pecado, o aborrece infinitamente, detestemo-lo com ela, votemos-lhe a nossa execração, desejando com todas as veras que o pecado permitido, não seja jamais cometido.

Para esse fim, empreguemos todos os recursos que estiverem ao nosso alcance para impedir que ele nasça, cresça e reine em nós, à imitação do Nosso Senhor que não se cansa de exortar, de prometer, de ameaçar, proibir, mandar e inspirar as suas criaturas, para lhes desviar a vontade do pecado, tanto quanto isso é possível, sem lhes tirar a liberdade.

Mas, cometido o pecado, façamos todo o possível para o apagar. Asseverou Carpus, como já expus nesta mesma obra ⁽¹⁾, que Nosso Senhor de bom grado padeceria novamente a morte, para livrar do pecado uma só alma. Se o pecador se obstina, choremos, Teotimo, suspiremos, oremos por ele, como o Salvador das nossas almas, que, tendo derramado tantas lágrimas durante a sua vida pelos pecadores e por aqueles que os representavam, morreu por fim desfeito em pranto e seu divino corpo coberto de sangue, lastimando a perda dos pecadores,

(1) Livro VIII, c. IV.

Este sublime affecto comoveu tão vivamente a David, que exclama com o coração dilacerado: *Sinto-me desfalecer, ao considerar os pecadores que abandonam a vossa lei* ⁽¹⁾: e o grande Apóstolo afirma ⁽²⁾ que tem no *coração uma dor contínua, com a obstinação dos Judeus*.

Contudo, por muito obstinados que estejam os pecadores, não devemos perder o ânimo de os ajudar e servir; quem sabe se, soará para alguns deles a hora da penitência e da redenção? Bem-aventurado aquele que pode dizer ao seu próximo como S. Paulo: *Nem de dia nem de noite deixei de vos admoestar, a todos vós, com as minhas lágrimas* ⁽³⁾; e por isso estou limpo do sangue de todos, porque me não poupei a trabalhos, para vos fazer conhecer a vontade de Deus ⁽⁴⁾.

Enquanto estivermos dentro dos limites da esperança de que um pecador se emende (e tais limites são tão extensos como os da sua vida) não devemos desanimar, mas sim rogar por ele e ajudá-lo tanto quanto a sua desgraça o permitir.

Porém, depois de termos chorado pelos obstinados e cumprido o dever de caridade, tentando arrancá-los à perdição, imitemos Nosso Senhor e os Apóstolos: desviemos deles a atenção e apliquemo-la em assuntos e occupaões mais úteis à glória de Deus.

Era nosso dever, diziam os Apóstolos aos Judeus ⁽⁵⁾, *anunciar-vos em primeiro lugar a palavra de Deus, mas porque a repelis e vos julgais indignos do reino de Jesus Cristo, voltar-nos-emos para os Gentios*. E o Salvador disse ⁽⁶⁾: *Ser-vos-á negado o reino de Deus e concedido àqueles que dele tirarem mais fruto*.

Não devemos prender-nos demasiadamente a chorar uns, perdendo assim o tempo e ensejo de salvar outros. Na verdade o Apóstolo diz ⁽⁷⁾ que sente uma dor contínua pela perdição dos Judeus; mas é como quando dizemos que bendizemos a Deus *por todo o sempre* ⁽⁸⁾; o que quer significar que não perderemos ocasião de o bendizer: era assim que S. Paulo tinha uma *dor contínua no seu coração* pela conde-

(1) Ps., CXVIII, 53. — (2) Rom., IX, 2. — (3) Act., XX, 31.
 (4) Ibid., §§. 26, 27. — (5) Ibid., XIII. — (6) Mat., XXI, 43. — (7) Loco quo supra. — (8) Ps. XXXIII, I.

nação dos Judeus, porque lamentava a sua desgraça em todas as ocasiões que lha recordavam.

Para concluir; é necessário adorar, amar e louvar para sempre a justiça vingadora e rigorosa do nosso Deus, como amamos a sua misericórdia, porque uma e outra são filhas da sua bondade. Se, pela sua graça, ele nos quer fazer bons, por ser bom, soberanamente bom como é, pela sua justiça quer castigar o pecado, porque o aborrece. Aborrece-o, porque, sendo soberanamente bom, detesta o supremo mal, que é a iniquidade.

É nota, em resumo, que Deus não desvia de nós a sua misericórdia senão para satisfazer à recta vingança da sua rigorosa justiça, à qual nunca escapamos senão pela sua misericórdia justificadora. Em ambos os casos, punindo ou premiando, a vontade de Deus é adorável, digna de ser amada e eternamente bendita.

O *justo* tanto canta os louvores da divina misericórdia pelos que se salvarem, como se regozija quando vê realizada a vingança ⁽¹⁾; os Bem-aventurados hão-de aprovar com alegria o juízo da condenação dos precitos, como o da salvação dos eleitos, e os Anjos que exerceram a sua caridade com os homens que guardaram, ficam tranquilos, se os virem obstinados ou até perdidos.

É preciso, pois, aderir à vontade divina, beijar com igual reverência e affecto a mão direita da misericórdia de Deus e a esquerda da sua justiça.

CAPÍTULO IX

Como a pureza da indiferença se deve exercer nos actos do amor de Deus

Um dos mais distintos músicos do mundo, mestre exímio no alaúde, ensurdeceu de repente de tal modo, que não ouvia

(1) Ps. LVII, II.

absolutamente nada. Não deixou todavia de cantar e tocar o seu instrumento favorito com perícia e delicadeza inigualáveis, que nem a surdez lograva prejudicar.

Todavia já não gozava com o canto nem com as melodias do alaúde, cuja doçura e belezas estava privado de ouvir: tocava só para dar prazer a um príncipe a quem estava muito grato, e a quem tinha imenso empenho de agradar, em reconhecimento de o haver criado de pequeno em sua casa. Por esse motivo sentia um prazer sem igual em lhe ser agradável, e quando o príncipe se entusiasmava com o seu canto, o músico enchia-se de contentamento.

Mas às vezes sucedia que o príncipe, para experimentar o amor do reconhecido músico, pedia-lhe que cantasse e, em seguida, saía da sala e ia para a caça.

Pois o desejo que o cantor tinha de fazer a vontade ao seu amo, levava-o a continuar o canto com tanto mimo como se o príncipe estivesse presente, apesar do pobre não ter prazer algum em cantar; nem o prazer da melodia, de que a surdez o privava, nem o de agradar ao príncipe, porque este, estando ausente, não apreciava a maviosidade das árias que ele cantava.

O meu coração está pronto, Senhor, o meu coração está pronto a cantar o cântico do teu louvor.

Eia, pois, glória minha; meu saltério e minha cítara cantai, desde os alvares da madrugada (1).

O coração humano é sem dúvida o verdadeiro cântico do amor sagrado; ele próprio é a *harpa e o saltério*. Ora este cantor ouve-se a si mesmo e experimenta uma grande satisfação com a melodia do seu cântico; isto é, o nosso coração quando ama a Deus, saboreia as delícias desse amor e sente-se possuído de incomparável alegria por amar um objecto tão amável.

(1) Ps. LVI, 10-11.

Reflecte, Teotimo, no que quero dizer: os rouxinóis, em pequenos, principiam a cantar, simplesmente para imitar os grandes; vão-se exercitando e, quando mestres, cantam já pelo prazer que encontram nas suas harmonias e afeiçoam-se com tal paixão a esse deleite, que, como já disse noutro lugar ⁽¹⁾ a poder de tanto cantar, a garganta lhes estala e morrem.

Assim os nossos corações, no princípio da sua devoção, amam a Deus para se unirem a ele, serem-lhe agradáveis e imitá-lo no seu amor eterno; mas, pouco a pouco, instruídos e exercitados no santo amor, fazem inadvertidamente a troca e, em vez de amar a Deus, para agradar a Deus, principiam a amá-lo pelo prazer que experimentam nos exercícios do santo amor, e em lugar de amarem a Deus, começam a amar esse mesmo amor que lhe tributam.

Tornam-se afeiçoados aos próprios affectos e já se não comprazem em Deus, mas no prazer que tem em amá-lo, comprazendo-se neste amor, enquanto coisa sua, que está no seu espírito e dele procede. Ainda que esse amor sagrado se chame amor de Deus, porque por ele se ama a Deus, não deixa de ser nosso, por sermos nós quem ama por meio dele.

A troca está nisto: em vez de amar o santo amor, porque se eleva para Deus que é o amado, nós amamo-lo porque procede de nós, que somos os amantes.

Ora, quem não vê que, procedendo assim, não é a Deus que procuramos, mas sim nos voltamos para nós mesmos, amando o amor em vez de amar o Amado? amando esse amor — digo — não por dar prazer e satisfação a Deus, mas pelo prazer e satisfação que causa a nós próprios?

Esse cantor, pois, que a princípio cantava por Deus e para Deus, agora canta mais para si e por si do que para Deus e, se se regozija em cantar, não é tanto para agradar ao ouvido do seu Deus como para lisonjear o próprio.

Sendo o cântico do amor divino o mais alevantado de

(1) Livro V, c. VIII.

todos, ama-o também acima de tudo, não pela excelência divina que nele se exalta, mas porque a harmonia do canto lhe é sobre todas deliciosa e agradável.

CAPÍTULO X

Como se conhece a troca no amor divino

Teotimo, repara bem nisto: se o místico rouxinol canta para satisfazer e agradar ao Senhor, cantará o cântico que julgar mais agradável à divina Providência; mas, se canta pelo prazer que lhe dá a melodia do seu canto, não cantará o cântico mais agradável à Bondade celeste, mas sim aquele que lhe soa melhor e em que encontra mais deleite. Dos dois cânticos, ambos igualmente divinos, pode acontecer que se cante, um porque é divino, e outro porque nos é agradável.

Raquel e Lia são igualmente esposas de Jacob; mas ele estima uma na qualidade de esposa, e a outra só por ser formosa. O cântico é divino, mas o motivo que nos leva a a cantá-lo é o deleite espiritual que pretendemos gozar.

Se dissermos a um Bispo: Pois tu não vês que Deus quer que cantes o cântico pastoral do seu amor no meio do teu rebanho, ao qual te ordena, por seu santo amor, que alimentes, como ordenou a S. Pedro ⁽¹⁾, que foi o primeiro dos Pastores? Que dirá ele? Talvez diga que em Roma, ou em Paris, há mais delícias espirituais, e que ali se pode praticar o amor de Deus com muito mais suavidade.

Ah! meu Deus, então esse homem não canta para vos agradar, mas só pelo prazer que nisso encontra; não é a vós que ele busca no amor, mas à satisfação que para ele encerram os exercícios do amor divino. É como se os religiosos

(1) Joan., XXI, 15-17.

quisessem entoar o cântico dos pastores e os casados o dos religiosos, para melhor poderem amar e servir a Deus, Ai, não vos enganeis, meus amigos, não digais que é para melhor amar e servir a Deus; não, por certo! é para lisonjear melhor o vosso gosto, por isso o preferis ao agrado de Deus.

A vontade de Deus está tanto, e ordinariamente mais, na doença do que na saúde; nós é que preferimos a saúde, e dizemos então que é para melhor servir a Deus: claro está que apenas procuramos a saúde na vontade de Deus, e não a vontade de Deus na saúde.

É insensato, confesso, demorar-se alguém com prazer a contemplar a beleza dum espelho, não se retratando nele, como não se deleitar, vendo-se a si próprio nele; há diferença entre o prazer de contemplar um espelho por ser belo, e o de contemplá-lo porque nos miramos nele. Igualmente deve ser insensato amar a Deus só na medida do prazer que encontramos nesse amor. Existe uma diferença muito sensível entre o contentamento que temos em amar a Deus porque é belo, e o que experimentamos por nos ser agradável esse amor.

Ora o que devemos ter em vista e pretender com empenho é procurar em Deus o amor da sua beleza e não o prazer que se encontra na beleza do seu amor.

Aquele que, orando a Deus, dá conta de que ora, não está inteiramente atento à oração; distrai a atenção de Deus, a quem ora, para pensar na prece com que ora. O próprio cuidado com que pretendemos não nos distrair, serve-nos muitas vezes de grande distracção. A simplicidade nas acções espirituais é altamente recomendável.

Queres contemplar a Deus? Contempla-o com profunda atenção. Se te pões a reflectir e a voltar os olhos para ti mesmo, a observar a compostura com que o contemplos, já não é a Ele que tu contemplos, mas ao teu porte, à tua pessoa, enfim. Aquele que está em fervorosa oração, não se apercebe disso, nem pensa na oração que faz; eleva-se até ao Senhor, a quem se dirige. Quem estiver no ardor do amor sagrado, não distrai o coração para si, nem vê o que faz, porque tem o coração suspenso e inteiramente occupado em Deus, a quem aplica todo o seu amor. O cantor celeste

possui-se de tal prazer em agradar ao seu Senhor, que não se deleita com a melodia do canto, senão por este ser agradável ao seu Deus.

Porque julgas tu, Teotimo, que Amon, filho de David, amou loucamente Tamar a ponto de imaginar que morria de amor por ela? ⁽¹⁾ Calculas que fosse pelo amor que lhe consagrava? Já vais ver que não. Logo que logrou satisfazer o abominável desejo que o devorava, repeliu-a cruelmente de si e abandonou-a ignominiosamente. Se amasse a Tamar, não procederia assim, porque Tamar era sempre Tamar.

Mas como não era Tamar que ele amava mas sim o torpe desejo que nela queria satisfazer, logo que o conseguiu, injuriou-a cruelmente e tratou-a com brutalidade. O seu prazer estava em Tamar mas o amor estava no prazer e não nela: assim, desvanecido o prazer, logo deu de mão a Tamar.

Repara no homem, Teotimo, que parece orar a Deus com suma devoção e se mostra fervoroso nos exercícios do amor celeste; dentro em pouco hás-de verificar que não é a Deus que ele ama. Ah! logo que a suavidade e a satisfação, que encontrava no santo amor, cessarem e vier a aridez, abandonará tudo e só de passagem fará oração. Pois se fosse a Deus que ele amava, porque deixaria de o amar, sendo Deus sempre o mesmo? Ah! era a consolação de Deus que ele amava e não o *Deus da consolação* ⁽²⁾.

Muitas pessoas só se comprazem no amor divino quando este vem temperado com o açúcar de qualquer doçura sensível, fazendo como as crianças que, recebendo o mel posto no pão, chupam o mel e deixam o pão. Se a suavidade pudesse separar-se do amor, deixariam o amor e libariam a suavidade; assim procuram o amor pelo gozo que lhes proporciona, e se o não encontram, já se não importam com o amor. Os que assim fazem, expõem-se a grave perigo, qual é o de voltarem para trás, quando lhes faltarem os gostos e as consolações, ou distraírem-se com suavidades vãs, bem alheias ao verdadeiro amor, ou trocarem o mel de Narbona pelo de Heraclea.

⁽¹⁾ I Reg., XIII. — ⁽²⁾ II Cor., 1, 3.

CAPÍTULO XI

**Perplexidade do coração que ama, sem saber
o que é do agrado do Senhor**

O cantor, a que me referi, ensurdeceu. Não tinha alegria em cantar, senão por ver que o seu príncipe escutava, e mostrava deleitar-se com as suas harmonias.

Ah! ditoso o coração que ama a Deus, sem buscar outro prazer senão o de agradar ao Senhor! E pode haver porventura prazer mais puro, nem mais perfeito do que o de agradar à Divindade? Todavia este prazer de agradar a Deus não constitui propriamente o amor divino, antes é um fruto dele, fruto tão natural como um limão dum limoeiro.

Como já disse, o nosso músico cantava sempre sem auferir prazer algum do seu canto, porque a surdez lho impedia; e às vezes cantava também sem ter sequer o prazer de agradar ao seu príncipe, porque este, ordenando-lhe que cantasse, o deixava só e ia para a caça, sem se dar ao trabalho nem ao prazer de o ouvir.

Ah! meu Deus! enquanto contemplo a vossa face adorável a fazer-me sentir que vos agrada o canto do meu amor, ai, como me sinto consolado! Pois pode haver prazer que iguale o de agradar a Deus? Porém quando apartais de mim vossos divinos olhos e não noto já o doce favor da complacência com que escutais o meu cântico, ó meu Deus, como se afoga em dor a minha alma!

Não obstante, e sem deixar de vos amar fielmente, a minha alma cantará sem cessar o hino da sua dilecção, não pelo prazer que encontra nele, porque nenhum é, mas só por amor da vossa vontade.

Um filho doente come às vezes o que a mãe lhe dá, apesar da repugnância que tem pelos alimentos, só pelo desejo de a contentar; come sem sentir o gosto do alimento, mas o gosto, mais digno e alevantado, de agradar a sua mãe, e vê-la contente,

Outro filho, mesmo sem ter a mãe presente, mas pelo conhecimento que tem da sua vontade, come o que ela lhe envia, com a mesma repugnância e sem prazer algum, porque nem tem o prazer de comer, nem o prazer de ver a satisfação da mãe; mas come única e exclusivamente para lhe fazer a vontade.

Para agradar a uma alta personagem, a uma pessoa que amamos devéras, achamos delícias nas vigílias, nos trabalhos, nos suores e desejamos até expor-nos aos perigos. Porém não há nada mais desolador do que servir a um senhor que desconhece os nossos serviços ou parece desconheçê-los. Nesse caso é preciso que o amor seja muito poderoso, para se sustentar da própria força, sem auxílio de nenhuma consolação, nem esperança.

As vezes também sucede que, não recebendo nós consolação alguma nos exercícios do amor sagrado, somos como o cantor surdo; não ouvimos a própria voz nem podemos gozar a suavidade do nosso canto; antes, pelo contrário, sentimos a alma oprimida por mil temores, perturbada por mil tumultos, que o inimigo arma em volta do nosso coração, sugerindo-nos a ideia de que talvez não sejamos agradáveis ao nosso Mestre e que o nosso amor será inútil, ou falso e vão, por não nos causar consolações. Nesse caso, Teotimo, não só trabalhamos sem prazer mas até com extremo enfado por não vermos nem o bem que fazemos, nem o agrado d'Aquele por quem trabalhamos.

Em tais casos, o que aumenta o mal é o espírito e o último reflexo da razão não poderem de modo algum dar-nos alívio. Essa pequenina porção superior da razão, estando completamente cercada das sugestões do inimigo, encontra-se toda alarmada e ocupada em defender-se da surpresa de consentir no mal, de modo que nada pode fazer para desembaraçar a parte inferior do espírito.

E posto que não tenha perdido a coragem, sente-se tão terrivelmente atacada, que, se pode dizer-se sem culpa, não se poderá dizer isenta de pena; para cúmulo de desgosto, está também privada daquela consolação que podemos sentir em todos os outros males do mundo, e que é a esperança de eles não serem eternos, mas terem fim; é que o coração, nestes desgostos espirituais, torna-se, em certo modo,

incapaz de pensar que eles acabarão, e por consequência de sentir alívio com a esperança.

Com certeza, a fé, residindo na parte superior do espírito, assegura-nos que essa perturbação há-de acabar e que um dia descansaremos; mas a confusão, o alarido que o inimigo levanta no resto da alma, na razão inferior, impede que as advertências e iluminações da fé sejam escutadas, e só fica na nossa imaginação este triste presságio: «Ai de mim! jamais serei feliz ⁽¹⁾ ».

Oh! Senhor, mas é precisamente então que se deve testemunhar uma fé invencível no nosso Salvador, servindo-o exclusivamente por amor da sua vontade, não só sem prazer, mas em meio dessa aluvião de tristezas, de horrores, de consternações e ataques, como fizeram a gloriosa Virgem Maria e S. João.

No dia da Paixão do Redentor, entre tantas blasfêmias, tantas dores e agonias mortais, eles conservaram-se firmes no amor até mesmo no momento em que o Salvador, expirando-lhe aquela santa alegria na extremidade do espírito, já não derramava consolação nem alegria de seu divino semblante e os olhos desfalecidos e embaciados pelas trevas da morte já não despediam senão olhares de dor — exactamente como o sol, cujos raios luminosos as trevas da noite ofuscaram.

CAPÍTULO XII

Como em meio das aflições interiores a alma não percebe o amor que tem a Deus, e da morte amabilíssima da vontade

Na véspera do dia em que havia de ser martirizado S. Pedro ⁽²⁾, chegou-lhe um Anjo à prisão, enchendo-a de resplendente luz, despertou-o, fê-lo erguer, cingir, vestir e

⁽¹⁾ Ex vita S. Bernardi; vide Introd. ad Vitam devotam, Partem IV, c. XV. — ⁽²⁾ Act., XII, 6-11.

calçar; tirou-lhe os ferros e as algemas, conduziu-o para fora da prisão, levou-o através da *primeira e da segunda guarda, até à porta de ferro que fechava a cidade, porta que se abriu diante deles; e depois de transposta uma rua, o Anjo deixou ali o glorioso S. Pedro em plena liberdade.*

Vê que grande variedade de acções tão sensíveis! E todavia S. Pedro, que despertou antes delas se realizarem, *não supunha que fosse real o que se operava por intermédio do Anjo, mas considerava ser tudo uma visão imaginária.* Estava acordado e não o julgava, estava vestido e calçado sem consciência de o ter feito, caminhava sem dar por isso, estava livre e não o acreditava.

E conquanto a maravilha do seu livramento fosse tão extraordinária, que lhe ocupava literalmente o espírito, a ponto de não dar acordo dos próprios actos, vendo o Anjo sem distinguir que essa visão era verdadeira e real, não experimentou a natural consolação da liberdade até ao momento em que, voltando a si, disse: *Agora conheço em verdade que Deus enviou o seu Anjo, para me livrar das mãos de Herodes e da expectativa do povo judeu.*

Pois acontece o mesmo, Teotimo, com uma alma atribulada com desgostos ou aflições interiores; ainda que tenha o poder de crer, de esperar e de amar a Deus, e na realidade o faça, não tem, todavia, a capacidade de distinguir que crê, espera e ama ao seu Deus, enquanto a aflicção se apodera dela e a oprime de tal modo que lhe não dá aso a considerar nos seus actos.

Assim parece-lhe que está despida de fé, de esperança, de caridade, avistando apenas fantasmas e vãs impressões dessas virtudes, sentindo-as à maneira duma coisa estranha, não inerente à sua alma.

Se reflectires, acharás que o nosso espírito se encontra em semelhante estado, sempre que alguma violenta paixão o fustiga. Praticamos muitos actos como que em sonho, tendo deles tão indistinta noção, que nos seria difficilimo contar como esses factos se passaram. Por isso o sagrado Salmista exprime a grande consolação que os Israelitas tiveram, ao voltarem do cativeiro de Babilónia, com estas palavras:

Quando aprouve ao Senhor trocar em liberdade o cativo

de Slão, tal arrebatamento empolgou nossas almas, que julgámos estar sonhando (¹).

Como se diz na santa versão latina, segundo os Setenta; *Nós sentimo-nos como que consolados*; quer dizer: a admiração do bem que nos surpreendeu era tão intensa que não podíamos atingir bem o alcance da consolação que recebemos e nem sabíamos se efectivamente estávamos consolados, ou se o que se passava em nós era uma químera ou um sonho feliz.

Pois são idênticos os sentimentos de uma alma que se debate em angústias espirituais, que tornam o amor extremamente puro e límpido, porque, privado de todo o prazer que o ligue a Deus, prende-nos e une-nos a Deus imediatamente, vontade a vontade, coração a coração, sem meter de permeio a alegria ou a esperança.

Ah! Teotimo, como um pobre coração se sente angustiado quando, abandonado do amor, olha para todos os lados sem lhe parecer encontrá-lo! Não o encontra nos sentidos exteriores, que não são capazes dele; nem na imaginação, que está cruelmente atormentada por várias impressões; nem na razão, perturbada por obscuridades e estranhas apreensões. Posto que finalmente o encontre na suprema região do espírito, onde reside essa divina dilecção, ignora-o e julga que não é ele, porque a amargura e a aflicção não deixam perceber-lhe a doçura.

Vê-o e não o distingue; encontra-o, e não o conhece, como se fosse *em sonho* e em figura. Assim succedeu a Madalena, que, ao encontrar o divino Mestre desfigurado em jardineiro, não sentiu alívio algum enquanto não soube que era Ele (²).

Mas que há-de fazer a alma neste estado? Já não sabe como resistir a tantas amarguras e só tem forças para deixar sucumbir a sua vontade nas mãos da vontade de Deus, imitando o doce Jesus, que, no auge dos sofrimentos da cruz, destinados pelo Pai Eterno, não podendo resistir a tão acerbos dores, fez como o veado que, ofegante e perseguido pela matilha, se rende ao homem e despede os últimos latidos, com lágrimas nos olhos.

(¹) Ps. CXXV, 1; juxta Hebr. — (²) Joan., XX, 15.

Assim o divino Salvador, perto da morte e ao soltar o último suspiro, com um grande grito e abundantes lágrimas, exclama: *Meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito* ⁽¹⁾.

Foi esta a última palavra, Teotimo, com que o Filho amado deu o irrefutável testemunho de amor a seu Pai. Quando, pois, tudo nos faltar, quando as nossas amarguras atingirem o auge, essa palavra, esse sentimento, esse abandono da nossa alma nas mãos do nosso Salvador não pode faltar-nos.

O Filho entregou o seu espírito ao Pai, nesta última e incomparável agonia; e nós, quando as convulsões das penas espirituais nos tirarem todos os alívios e meios de resistência, entreguemos o nosso espírito nas mãos do Filho Eterno, que é o nosso verdadeiro Pai, e *abaixando a cabeça* ⁽²⁾ em sinal de aquiescência ao seu beneplácito, entreguemos-lhe toda a nossa vontade,

CAPÍTULO XIII

Como a vontade, morrendo para si, vive realmente na vontade de Deus

Falando com particular propriedade da morte dos homens, na língua francesa, chamamos-lhes *trespasse*, significando assim que a morte dos homens não é mais do que passagem desta vida para a outra, e morrer não é senão ultrapassar os confins desta vida mortal, para voar para a eternidade.

Certamente que a nossa vontade, como o nosso espírito, não pode morrer, mas ultrapassa muitas vezes os limites da vida ordinária para viver inteiramente na vontade divina. É quando ela não sabe querer nem quer querer coisa alguma, mas se abandona totalmente e sem reserva ao beneplácito da divina Providência, unindo-se e identificando-se a ele de tal

(1) Luc., XXIII, 46. — (2) Joan., XIX, 20.

modo, que já não aparece ela, mas toda se encobre com Jesus Cristo em Deus ⁽¹⁾, onde vive, não em si mesma, mas é a vontade de Deus que vive nela ⁽²⁾.

Que é a claridade das estrelas, quando o sol desponta no horizonte? Não morre, por certo; contudo a soberana luz do sol, fundindo-a e absorvendo-a, une-a a si num conjunto e união feliz, sem permitir que a distingamos. E em que se transforma a vontade do homem, quando se entrega incondicionalmente à vontade divina? Não morre absolutamente, mas de tal modo se abisma e une à vontade de Deus que não mais se manifesta nem tem outro querer senão o de Deus.

Considera, Teotimo, que o glorioso e nunca assaz louvado S. Luís embarca e se faz de vela para além-mar; e a Rainha, sua dedicada esposa, embarca com sua Majestade. Ora, se houvesse quem interrogasse esta princesa arrojada e lhe dissesse: Onde ides, Senhora? ela responderia sem trepidar: — Vou para onde for o Rei. E se lhe perguntassem ainda: Mas vós sabeis, Senhora, para onde vai o Rei? ela diria: Ele disse-mo vagamente, porém, não tenho interesse em saber onde ele vai, mas apenas em o acompanhar.

Imagina que lhe replicavam ainda: Mas na verdade, Senhora, não tendes empenho nesta viagem? — Não, diria ela, não tenho outro empenho senão o de acompanhar o meu querido senhor e marido.

Efectivamente, dir-lhe-iam, ele vai ao Egipto para de aí passar à Palestina; tenciona demorar-se em Damietta, em Acra e em outros lugares; e vós não formais tenção de visitá-los também? Ao que ela responderia: Rigorosamente não levo outra intenção senão a de acompanhar o meu Rei; os lugares que ele visitar são-me indiferentes; não me interessam senão enquanto ele os habitar; vou, sem desejar ir, porque só me interessa a presença do Rei; é o Rei que vai e que quer a viagem; eu não vou, sigo-o; a sua permanência aqui, a viagem, qualquer outra determinação sua, são-me absolutamente indiferentes; só a sua presença me importa.

Se perguntarmos também a um bom servo para onde

(1) Coloss., III, 3. — (2) Galat., II, 20.

vai, não pode em rigor responder que vai para aqui ou para acolá; deverá dizer simplesmente que segue ao seu senhor, porque não vai a parte alguma por determinação da própria vontade, mas apenas pela do seu senhor.

Igualmente, Teotimo, uma vontade resignada à do seu Deus, não deve ter querer algum; mas seguir simplesmente o de Deus. E como quem vai num navio não se move por movimento próprio mas deixa-se conduzir pelo da embarcação que o leva, também o coração que embarca no beneplácito divino não deve ter outro querer senão o de se deixar conduzir pela vontade de Deus.

O coração então já lhe não diz: Seja feita a vossa vontade e não a minha ⁽¹⁾, porque já não tem vontade a renunciar; mas dirá estas palavras: Senhor, nas vossas mãos entrego a minha vontade ⁽²⁾ como se a vontade não estivesse já ao seu dispor, mas ao da divina Providência.

De modo que não é propriamente fazer como os servos que seguem seus amos, pois ainda que a viagem seja da vontade do senhor, o empreendê-la pode ser também da particular vontade do servo, se bem que essa vontade seja servil, subordinada e dependente da do senhor: assim como o amo e o servo são duas entidades, as respectivas vontades são igualmente duas.

Porém a vontade que morreu para si com o fim de viver na de Deus, não tem querer algum particular; torna-se passiva, submissa e dependente, aniquilada em si mesma, mas transmutada na de Deus.

Assemelha-se à criança que, não podendo fazer uso da vontade, não quer nem deseja coisa alguma a não ser o seio da mãe querida; não deseja ir para aqui ou para acolá; cifra as suas aspirações em estar nos braços maternos, julgando fazer com a mãe uma única coisa: não precisa de acomodar-se à vontade dela, porque nem sente a própria nem cuida que a tem; basta-lhe o que ela entender que lhe é conveniente.

A suprema perfeição da nossa vontade é estar assim unida à do nosso supremo Bem como esteve a daquele Santo

(1) Luc., XXII, 42. — (2) Ps., XXX, 6; Luc., XXIII, 46.

que disse ⁽¹⁾: *Senhor, vós me guiastes e me conduzistes segundo a vossa vontade*. Que queria ele significar senão que nunca empregara a sua vontade para se conduzir, mas se deixara simplesmente guiar e conduzir pela vontade do seu Deus?

CAPÍTULO XIV

Explicação do que se disse, relativo à morte da nossa vontade

É de crer que a Santíssima Virgem, Nossa Senhora, se sentia tão feliz quando trazia nos braços o seu querido Jesus, que essa alegria impedia o cansaço, ou lho tornava agradável. Se é certo que o viajante que leva um ramo de *agnus castus* se sente aliviado da fadiga da jornada ⁽²⁾, que alívio não receberia a gloriosa Mãe, conduzindo o *Cordeiro Imaculado de Deus*? ⁽³⁾

Se às vezes consentia que Jesus caminhasse a seu lado e o levava pela mão, não era porque não preferisse tê-lo suspenso do pescoço e encostado ao peito, mas sim para o ensinar a andar sozinho. E nós, Teotimo, como débeis filhos do Pai celeste, podemos acompanhá-lo de dois modos; a princípio, caminhando por nossa própria vontade, conformando-a à de Deus, com a mão da nossa obediência segurando a sua intenção divina, e seguindo-a por onde quer que nos conduza. Isto é o que Deus exige de nós pela significação da sua vontade: se quer que eu faça o que me ordena, quer também, que o queira fazer.

Deus significou-me que quer que eu santifique o dia do descanso; pois se quer que eu o faça, quer também que o queira fazer, e que para isso eu acompanhe com o meu querer o seu, conformando-me com ele e correspondendo-lhe,

(1) Ps., LXXII, 24. — (2) Vide sup., I, VIII, c. V. — (3) Joan, I, 36; I Petri, I, 19.

Mas nós podemos também ir com Nosso Senhor sem ter querer próprio, deixando-nos levar simplesmente pelo seu divino beneplácito, como uma criancinha conduzida ao colo da mãe, por um admirável assentimento que pode chamar-se união ou unidade da nossa vontade com a de Deus. E é esse o modo por que devemos procurar conformar-nos com a vontade divina enquanto os efeitos dessa vontade procedem unicamente da sua Providência, sem que da nossa parte façamos que eles aconteçam.

É certo que podemos desejar que eles aconteçam segundo a vontade de Deus, e esse desejo é muito bom; mas é melhor aceitar os acontecimentos conforme vêm da vontade divina com a mais simples paz de espírito, sem nada desejar, mas conformando-nos inteiramente com tudo o que Deus fizer em nós, por nós e de nós.

Se perguntassem ao doce Jesus, quando em pequenino era conduzido nos braços de Maria, para onde ia, teria motivo para responder: Não sou eu que vou, é minha Mãe que vai por mim. E se lhe dissessem: Mas onde ides, com vossa Mãe? ele retorquiria: Não, eu não vou de modo nenhum; ou se vou a qualquer lugar aonde minha Mãe me leva, não é por meus pés que vou com ela, mas sim pelos pés dela, por ela e nela.

E se lhe replicassem: Mas enfim, ó suavíssimo Infante, é por vossa vontade que vossa Mãe vos leva? É-me indifferente, poderia ainda dizer, eu não quero nada; minha querida Mãe, assim como anda por mim, assim também quer por mim; a ela deixo igualmente o cuidado de ir e de querer ir por mim, para onde melhor lhe pareça. E como não ando senão pelos seus pés, também não quero senão pelo seu querer; achando-me em seus braços, não me preocupo com querer ou não querer, deixo a minha santa Mãe todos os cuidados, excepto o de me unir ao seu seio, de haurir dele o leite suavíssimo, abraçar-me ternamente ao seu colo e cobri-lo com os beijos dos meus lábios ⁽¹⁾.

E para que o possais compreender, dir-vos-ei que, enquanto me entrego a estas santas carícias, que ultrapassam

(1) Cant., I, 1; juxta Hebr. et Septuag.

toda a suavidade que é possível conceber-se, figura-se-me que minha Mãe é uma árvore de vida e eu o seu fruto; que sou o coração no centro do seu peito; que sou a alma no íntimo do seu coração.

Assim ela anda por mim, sem carecer do auxílio dos meus passos, e quer por mim, sem necessidade de nenhum acto ou movimento da minha vontade. Por isso me não importa que o seu passo seja lento ou apressado, que vá para cima ou para baixo. Nunca lhe pergunto para onde quer ir, contento-me com tudo, desde que me conserve em seus braços, junto ao seu seio amantíssimo em que me alimento como *entre lírios* ⁽¹⁾.

Ó divino Filho de Maria, permiti à minha pobre alma este arrebatamento de amor! Ide, querido e amabilíssimo Infante, ou antes, não vades, mas ficai assim santamente unido ao peito de vossa dulcíssima Mãe; andai sempre nela e por ela, ou com ela, não vos apartando de sua companhia, enquanto fordes menino. *Oh! bem-aventurado o ventre que vos gerou e o seio que vos nutriu* ⁽²⁾.

O Salvador das nossas almas teve o pleno uso da razão desde o momento em que foi concebido no puríssimo ventre de Maria e podia, por isso, fazer estas considerações: igualmente o glorioso S. João, seu Precursor, depois do dia da santa visitação; e posto que ambos eles durante o período da infância gozassem da liberdade de poder escolher o que melhor lhes aprouvesse, todavia delegaram em suas mães o cuidado de fazer e de querer por eles como entendessem.

Assim devemos fazer, Teotimo, tornando-nos dóceis e submissos ao beneplácito divino, como se fôssemos de cera, não nos entretendo a desejar e querer coisas, mas deixando que Deus as queira e realize por nós como melhor lhe aprouver, *dispensando-lhe toda a nossa solitudine, como ele nos dispensa todo o seu cuidado*, no dizer do Santo Apóstolo ⁽³⁾.

E repara que ele diz *toda a nossa solitudine*, quer dizer, tanto em acatar os acontecimentos, como em querer ou não

(1) Cant., II, 16, VI, 2. — (2) Luc., XI, 27. — (3) I Petri, V, 7.

querer; porque o *Senhor terá o cuidado* do bom êxito de nossas empresas e de escolher o que for melhor,

No entanto, cuidemos diligentemente de bendizer ao Senhor por tudo o que ele fizer, dizendo como Job (1): *O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; bendito seja o nome do Senhor*. Não, Senhor, eu não quero nada, entrego à vossa divina vontade tudo o que eu pudesse querer; e em vez de querer os acontecimentos hei-de bendizer-vos por vós os terdes querido.

O Teotimo, como é salutar a ocupação da nossa vontade, quando ela declina o cuidado de querer e escolher os efeitos da vontade divina, para louvar e agradecer à vontade que os produziu,

CAPÍTULO XV

Do mais salutar exercício que podemos fazer no meio das penas interiores e exteriores da vida, depois da indiferença e morte da vontade

Bendizer a Deus e agradecer-lhe todos os desígnios da sua Providência é certamente uma santa ocupação. Todavia se, enquanto deixamos a Deus o cuidado de querer e fazer o que lhe aprouver, sem repararmos no que se realiza em nós, embora bem o sintamos, pudermos voltar o coração e aplicar todo o nosso sentido à Bondade e Doçura divina, bendizendo-a, não nos efeitos e acontecimentos que ordena, mas em si mesma e na própria excelência, faremos sem dúvida um exercício muito mais eminente.

Quando Demétrio sitiou Rodes, Protógenes, que vivia numa casinha dos arrabaldes, não parou de trabalhar com sossego, com a mais inalterável paz de espírito; apesar de ter quase a espada na garganta, fez a excelente obra prima dum admirável sátiro, que se entretinha a tocar flauta (1).

(1) Cap. I, 21. — (2) Plin., Hist. nat., 1. XXXV, c. X (al. XXXVI).

Ó meu Deus, ditosas as almas, que, em meio de todas as vicissitudes e adversidades, têm sempre fixa a atenção e o affecto na eterna Bondade, para a honrar e amar cada vez mais!

Uma donzela, filha dum illustre médico e distinto cirurgião, sentindo-se atacada duma febre que a devorava, e sabendo que seu pai a amava com extremos de ternura, dizia a uma das suas amigas: «Sinto-me muito mal, mas não penso nos remédios porque não sei quais me fariam bem; podia querer uma coisa e convir-me outra; não vale mais entregar todo esse cuidado a meu pai, que sabe, pode e quer tudo o que melhor convém à minha saúde? Mal faria em pensar nisso, quando meu pai pensa por mim; faria mal em pedir remédios, porque ninguém melhor que ele escolherá o mais eficaz. Esperarei que ele me aplique o remédio que julgar melhor e quando estiver junto de mim não empregarei meus olhos senão em contemplá-lo e as minhas palavras senão em asseverar-lhe a minha inteira confiança e terno amor de filha».

Depois destas palavras, adormeceu a menina; o pai, entretanto, julgando oportuno sangrá-la, dispôs tudo o que era mister.

Quando ela despertou, o pai aproximou-se-lhe, perguntou-lhe se estava melhor depois daquele sono, e se estava disposta a deixar-se sangrar.

Meu pai, respondeu ela, eu sou vossa e não sei o que convém fazer para a minha cura; a meu pai compete destinar e fazer o que julgar conveniente. A mim basta-me amá-lo e respeitá-lo profundamente, como sempre tenho feito.

Então o pai, ligando-lhe o braço, applicou a lanceta à veia. Pois no momento em que o golpe foi dado e enquanto o sangue jorrava, essa filha exemplar nunca olhou para o braço picado, não teve sequer um gemido de dor ou de desconfiança, antes, com os olhos postos no rosto do pai, balbuciava ternamente: Meu pai ama-me muito e eu pertenço-lhe inteiramente.

Terminada a operação, não lhe agradeceu, mas simplesmente repetiu aquelas palavras repassadas de ternura e confiança filial.

Dize-me, Teotimo: esta filha não afirmou um amor mais

intenso e mais profundo a seu pai, entregando-se confiadamente à sua ternura e ciência do que se lhe pedisse a todo o momento remédio para o seu mal? Não empregou melhor os seus olhos, fitando o pai e agradecendo-lhe os seus cuidados do que olhando como o sangue lhe corria da veia?

Neste ponto não se pode sequer estabelecer a dúvida: pensando em si, apenas lograria sobressaltar-se, quando o cuidado do pai supria perfeitamente o dela.

Se visse o golpe, que lucrava, além do susto? Agradecendo ao pai, praticava a virtude do reconhecimento. E foi mais além, desentranhando-se em demonstrações de amor filial, mais gratas ao pai do que outra qualquer virtude.

Os meus olhos estão postos no Senhor, que há-de livrar-me dos laços e traições do inimigo (1). Caíste na rede da adversidade? ah! não olhes para a desgraça nem para a armadilha que te colheu: põe os olhos no Senhor e deixa-o operar, que ele cuidará de ti: *põe o teu sentido em Deus e ele te há-de amparar* (2).

Para que te preocupas com querer ou não querer os sucessos e acídates do mundo, não sabendo em verdade o que hás-de querer? Deus quererá sempre para ti o que tu não és capaz de querer, sem te afligires. Espera tranquilamente os efeitos do beneplácito divino e basta-te o que ele determinar, que é sempre o melhor. Era assim que o Senhor ordenava à sua eleita Santa Catarina de Sena, quando lhe dizia: «Pensa em mim, que eu pensarei por ti» (3).

Não me parece expressão muito exacta chamar indifferença da vontade humana quando esta se reduz e transforma na vontade de Deus, porque, segundo me parece, não se deve dizer que a vontade humana concorda com a de Deus, visto a concordância ser um acto da alma pelo qual esta manifesta o seu consentimento,

Também se não deve dizer que aceita ou recebe, porquanto aceitar e receber são acções, que em certo modo podem denominar-se passivas, pelas quais a vontade abraça e acata os factos como eles ocorrem,

(1) Ps., XXIV, 15. — (2) Ps., LIV, 23; I Petri, V, 7. — (3) B. Raym. de Cap. Vita S. Cat. Sen., Pars. 1ª, c. X.

Igualmente não se pode dizer que se permite, pois que o permitir é um acto da vontade e em certo modo um querer passivo que na realidade nada quer fazer, mas quer deixar fazer.

Parece-me, pois, que a alma que atingiu esta indiferença e que nada quer, mas deixa ao Senhor o que for do seu divino agrado, tem a sua vontade, rigorosamente falando, em simples e geral expectativa: esperar não significa realizar acto algum, mas estar exposto a aceitar todo e qualquer acontecimento.

E, se repararmos, veremos que a expectativa da alma é efectivamente voluntária, embora não seja uma acção mas uma simples disposição para receber o que vier; e quando os sucessos chegam e são aceitos, a expectativa converte-se em consentimento, sendo certo que, antes deles, a alma esperava realmente, indiferente a tudo o que o divino beneplácito houvesse por bem ordenar.

Nosso Senhor exprime deste modo a inteira submissão da sua vontade humana à de seu Eterno Pai: *O Senhor Deus* ⁽¹⁾ *abriu os meus ouvidos*, isto é, anunciou-me a sua vontade, quanto à imensidade dos trabalhos que hei-de sofrer; *e eu*, continua o Salvador, *nem me oponho, nem recuo*.

Que quer dizer, nem me oponho, nem recuo? Significa: a minha vontade está em simples expectativa, disposta a tudo o que Deus ordenar, e por consequência hei-de *entregar e abandonar o meu corpo para que o açoitem e as minhas faces para que as esbofeteiem*, preparado para tudo o que de mim queiram fazer.

Mas hás ainda de reparar, Teotimo, que assim como o nosso Salvador, depois da oração de resignação, feita no Jardim das Oliveiras se deixou prender e conduzir à mercê dos que o crucificaram, com um abandono admirável do seu corpo e da sua vida, nas mãos deles, também entregou a sua alma e a sua vontade, com inteira indiferença, nas mãos do Eterno Pai.

Posto que Jesus dissesse: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?* ⁽²⁾ isto foi apenas para dar a per-

(1) Is., L, 5, 6. — (2) Mat., XXVII, 46.

ceber as intensas amarguras e indizíveis penas da sua alma, e não para contrariar a santíssima indiferença em que estava, como provou logo em seguida, encerrando toda a sua vida e Paixão sacrossanta com estas palavras incomparáveis: *Meu Pai, nas vossas mãos entrego o meu espírito* (1).

CAPÍTULO XVI

Como a alma unida à vontade de Deus se despoja de tudo

Consideremos, Teotimo, o doce Jesus em casa de Pilatos, onde por nosso amor os soldados, quais ministros da morte, lhe arrancaram as vestes uma por uma e, não contentes com isso, lhe arrancaram ainda a pele, rasgando-lha com vergastadas e açoites. Vejamos depois como a sua alma santíssima foi despojada do corpo e o corpo despojado da vida, com a morte da cruz.

Porém, passados que foram três dias, por meio da santa Ressurreição, a alma revestiu-se do seu corpo glorioso e o corpo da sua pele imortal, tomando vestes de peregrino, de jardineiro e de muitos outros modos, conforme o exigiam a salvação dos homens e a glória de seu Pai.

O amor realizou tudo isso, Teotimo; e é também o amor que, entrando numa alma para a fazer morrer ditosamente para si e reviver para Deus, a despoja de todos os desejos humanos e da estima própria, que não é menos inerente ao nosso espírito do que a pele o é à carne, e a desnuda enfim das afeições mais queridas, como são as que tinha às consolações espirituais, aos exercícios de piedade, à perfeição das virtudes, que pareciam constituir a mesmíssima vida da alma devota.

Então a alma poderá com razão exclamar: *Tirel as*

(1) Luc., XXIII, 46.

minhas vestes; como as vestirei de novo? Lavei os meus pés de todas as afeições, como os tornarei a macular? (1) Sai nua das mãos de Deus e despida de tudo quero voltar ao seu selo; o Senhor deu-me muitos desejos e o Senhor me tirou: bendito seja o seu nome.

Sim, Teotimo, o mesmo Senhor que nos fez desejar as virtudes em nosso começo, e no-las fez praticar em tantas ocorrências, Ele mesmo nos tira a afeição às virtudes e a todos os exercícios espirituais, para com mais placidez, pureza e simplicidade nos afeiçoarmos apenas ao beneplácito da sua divina Majestade.

Como a linda e casta Judit tinha em seus aposentos custosos vestidos de gala, e todavia os não estimava, nem se enfeitou com eles na sua viuvez, senão quando, inspirada por Deus, foi derrubar Holofernes (2), assim nós, apesar de termos encetado a prática das virtudes e dos exercícios de devoção, devemos desprender-nos deles e não os retomar sem que a vontade e beneplácito do Senhor no-lo determinem.

E, como Judit não deixou o luto senão quando Deus quis que ela se vestisse pomposamente, assim nós devemos permanecer plácidamente revestidos da miséria e da abjecção, em meio de nossas imperfeições e fraquezas, até que Deus nos exalte à prática de mais alevantadas acções.

Não podemos ficar muito tempo nesta nudez, despidos de todas as afeições. Por isso, segundo o conselho do santo Apóstolo (3), depois de despirmos o velho Adão, temos de nos vestir do novo homem, que é Jesus Cristo. Tendo renunciado a tudo, até à afeição das virtudes, para não lançar mão delas senão na medida que o beneplácito divino determinar, temos novamente de tomar outras afeições, talvez as mesmas a que tínhamos renunciado.

Mas é preciso, então, que nos revistamos delas não por nos serem agradáveis, úteis, honrosas e aptas a satisfazerem o nosso amor próprio, mas por serem agradáveis a Deus, úteis à sua honra e destinadas à sua glória.

Eliezer levava arrecadas, pulseiras e vestidos novos para a donzela que Deus destinara para o filho de seu amo; e

(1) Cant., V, 3. — (2) Judit, X, 3. — (3) Coloss., III, 9, 10.

efectivamente deu-os a Rebeca logo que reconheceu ser ela ⁽¹⁾.

A esposa do Salvador também requer novos vestidos; se por amor d'Ele se despiu da antiga afeição que tinha aos pais, à pátria, ao lar, aos amigos, é preciso que vista nova afeição, estimando tudo ordenadamente, não segundo considerações humanas, mas porque o Esposo celeste assim o quer, o ordena e o entende *segundo a ordem que estabeleceu na caridade* ⁽²⁾.

Se nos despimos da velha afeição às consolações espirituais, aos exercícios da devoção, à prática das virtudes, e inclusivamente ao próprio adeantamento na perfeição, é necessário que nos revistamos doutra afeição nova, estimando essas graças e favores celestes, não já como perfeição e ornamento do nosso espírito, mas porque, dessa maneira, *o nome* de Nosso Senhor é *santificado*, o seu *reino* aumenta e o seu beneplácito é por nós glorificado ⁽³⁾.

Foi assim que S. Pedro, vestindo-se na prisão, não o fez por iniciativa própria. À medida que o Anjo lho ordena, põe o cinto, calça as sandálias, envergá todo o vestuário ⁽⁴⁾. E o glorioso S. Paulo, despojado repentinamente de todas as afeições, exclama ⁽⁵⁾: *Senhor, que quereis que eu faça?* como se dissesse: Dirigi, Senhor, os meus affectos, já que, prostrado em vossa presença, fizestes morrer a minha vontade! Ah! ponde em vez dela o vosso divino beneplácito e *ensinai-me a seguir a vossa vontade, porque sois vós o meu Deus* ⁽⁶⁾.

Teotimo, aquele que deixou tudo por Deus não deve empreender senão o que Deus quiser: alimentará o corpo como Deus lho ordenar, para bem servir ao espírito; não estudará senão para servir o próximo e a sua alma, conforme a intenção divina; não praticará as virtudes que lhe forem mais agradáveis, mas as que Deus determinar.

Mandou o Senhor ao profeta Isaías que se despojasse completamente ⁽⁷⁾ de todos os vestidos e ele assim o fez, caminhando e pregando, segundo uns, três dias completos, e,

(1) Gen., XXIV, 22. — (2) Cant., II, 4. — (3) Mat., VI, 9, 10. — (4) Act., XII, 8. — (5) Ibid., IX, 6. — (6) Ps. CXLII, 10. — (7) Cap. XX, 2, 3.

segundo outros, durante três anos; depois, vestiu-se novamente, quando o prazo fixado pelo Senhor tinha terminado.

Nós também precisamos de nos despir de todos os afetos, pequenos e grandes, e sondar muitas vezes o nosso coração para ver se ele estará disposto a despojar-se, como Isaías, de todas as suas vestes, e quando soar a hora, a tomar de novo as afeições convenientes ao serviço da caridade, para podermos morrer na cruz, em inteira nudez, como o nosso divino Salvador e ressuscitar em seguida com Ele num novo homem ⁽¹⁾.

O amor é poderoso como a morte ⁽²⁾ para nos fazer abandonar tudo; é magnificante como a ressurreição, para nos aureolar de honra e glória.

FIM DO LIVRO NONO

(1) Rom., VI, 4-6. — (2) Cant., ult., 6.

LIVRO DÉCIMO

SOBRE O 1.º MANDAMENTO : AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS

CAPÍTULO I

Doçura do mandamento que Deus nos impõe de O amarmos sobre todas as coisas

O homem é a perfeição do universo, o espírito a perfeição do homem, o amor a do espírito e a caridade a do amor: por isso o amor de Deus é o fim, a perfeição, a excelência do universo.

Nisto consiste, Teotimo, a grandeza e a primazia do *primeiro e grande mandamento* ⁽¹⁾. Este mandamento é como o sol que dá lustre e dignidade às demais leis sagradas, a todas as ordens divinas e a todas as Santas Escrituras.

Tudo se faz por virtude deste celeste amor e tudo se relaciona com ele: da árvore sagrada deste mandamento brotam como suas flores todos os conselhos, exortações, inspirações e os outros mandamentos, que têm por fruto a vida eterna. E tudo o que não tende ao amor eterno, tende à morte eterna. Grande mandamento, cujo perfeito exercício atinge a vida eterna, ou antes, é a própria vida eterna!

Mas, Teotimo, repara como é suave esta lei de amor! Ah! Senhor, pois não era já de agradecer que nos permi-

(1) Mat., XXII, 38.

tísseis esse divino amor, como Laban permitiu o amor de Raquel a Jacob (1), sem que vos dignásseis convidar-nos com exortações e obrigar-nos com os mandamentos?!

Mas não, ó divina Bondade! para que nem a vossa grandeza, nem a nossa miséria, nem pretexto algum, nos impedissem de amar-Vos, fizestes do vosso amor um mandamento. O pobre Apeles, não podendo sufocar o amor do seu coração, não ousava, contudo, manifestar afeição à formosa Campaspé, pelo facto de ela pertencer ao grande Alexandre; porém, logo que o pôde fazer, como se mostrou reconhecido a quem lhe concedeu essa graça!

Ele nem sabia quem mais amar, se a linda Campaspé que um tão grande Imperador lhe tinha concedido, se o grande Imperador que lhe tinha concedido a linda Campaspé. O meu Deus! se bem soubéssemos compreender em que obrigação não nos sentiríamos para com o soberano Bem que não só permite mas ordena que o amemos!

Que eu nem sei, Senhor, se mais deva amar a vossa infinita beleza, que tão divina bondade me manda amar, se a vossa divina bondade que me ordena o amor de tão infinita beleza! Como é adorável a vossa beleza, outorgada por tão imensa bondade! como nos é extremosa a vossa bondade, comunicando-nos tão eminente beleza!

O Senhor, no dia do Juízo, há-de imprimir no espírito dos condenados a compreensão da perda irremediável que lhes é infligida, porque a divina Majestade há-de patentear-lhes a soberana beleza da sua face e os tesouros inexauríveis da sua bondade; e à vista desse abismo de delícias, a vontade, por um esforço extremo, há-de querer voar para Jesus, unir-se a Ele e gozar do seu amor. Porém, inútilmente.

Sucede-lhes como à mulher que, acometida das dores da maternidade, depois de padecer violentas cólicas, convulsões cruéis e as mais insuportáveis torturas, desfalece e morre por fim, sem chegar a dar à luz.

Assim, à medida que a clara e nítida visão da divina beleza se patentear ao entendimento desses desgraçados, a divina justiça de tal modo aniquilará neles a vontade, que esta

(1) Gen., XXIX, 19.

torna-se incapaz de amar o objecto que o entendimento lhe apresenta como digno de veneração e de amor; e essa visão que devia originar na vontade um tão grande amor, há-de, pelo contrário, fazer nascer nela uma tristeza infinita, que se tornará eterna pela lembrança inapagável que nas almas perdidas ficará para sempre da soberana beleza que chegaram a entrever. Lembrança estéril para o bem, mas fértil em trabalhos, em penas, em tormentos e desesperos sem fim, em virtude de a vontade ficar sem possibilidade, e pior ainda, com uma horrível e eterna aversão e repugnância a amar tão amável e apetecida excelência. Os míseros condenados ficarão para sempre nas vascas duma raiva desesperada, por conhecerem uma perfeição tão soberanamente amável, e não poderem jamais nem gozá-la, nem sequer amá-la, porque a não quizeram amar quando o podiam fazer.

Serão abrasados por uma sede tanto mais violenta, quanto a lembrança dessa *fonte das águas da vida eterna* ⁽¹⁾ lhes avivará os ardores; hão-de morrer eternamente, *como cães, com fome* ⁽²⁾ devoradora, estimulada pela recordação do festim a que não podem ter a dita de assistir:

O pecador verá, estremecerá, e rangerá os dentes em frémitos de ira; todos os apetites dos maus serão frustados ⁽³⁾.

Ora eu não quero asseverar que a visão da beleza de Deus, que os condenados apenas gozarão de relance e como num relâmpago, seja para eles de tão clara intensidade como para os Bem-aventurados. Todavia terá a luz suficiente para eles verem o *Filho do homem em toda a sua majestade* ⁽⁴⁾ e avistarem distintamente *Aquele que crucificaram* ⁽⁵⁾, podendo por isso atingir a enormidade da sua desgraça.

Oh! se Deus houvesse proibido ao homem que o amasse, que penas sentiriam as almas generosas! que meios não buscariam para obter essa permissão! David expôs-se aos perigos dum combate extremamente rude, para obter a posse

(1) Jerem., II, 13; Joan., IV, 14. — (2) Ps. LVIII, 7. — (3) Ps. CXI, ult. — (4) Mat., XXIV, 30. — (5) Joan., XIX, 37; Apoc., 1, 7.

da filha do Rei ⁽¹⁾. E que não fez Jacob para conseguir desposar Raquel? ⁽²⁾ E o príncipe Siquém para receber Dina em casamento? ⁽³⁾

Os condenados considerar-se-iam felizes se pudessem conceber a possibilidade de amar a Deus, e os Bem-aventurados julgar-se-iam condenados só com imaginar que podiam por instantes ser privados do amor sagrado.

Ah! Senhor Deus, quanta suavidade há no vosso mandamento, que, a ser possível conceder o vosso amor aos condenados, estes ficariam para logo livres da mais incomparável das desgraças! Os Bem-aventurados são só Bem-aventurados pelo vosso amor! Oh! amor celeste, como sois amável para as nossas almas! Bendita, mil vezes bendita, seja essa bondade que nos manda com tanto empenho que a amemos, apesar desse amor ser tão necessário e indispensável à nossa felicidade, que, sem ele, não passaríamos de pobres desgraçados!

CAPÍTULO II

O mandamento do amor tende para o Céu, mas é dado aos fiéis neste mundo

Se para o justo não há leis ⁽⁴⁾, porque o justo prevê a lei e não carece de ser obrigado por ela, fazendo a vontade de Deus pelo instinto de caridade que na sua alma reina, como não havemos de considerar os Bem-aventurados do Paraíso livres e isentos de todo e qualquer mandamento? É que do gozo em que estão da soberana beleza e bondade do Senhor, deriva e procede para os seus espíritos uma inevitável e dulcíssima necessidade de amar para sempre a Divindade santíssima.

Nós havemos, Teotimo, de amar a Deus no Céu, não

(1) I Reg., XVIII, 25. — (2) Gen., XXIX, 18. — (3) Ibid., XXXIV.
(4) I Tim., I, 9.

obrigados pela lei, mas atraídos e arrebatados pela alegria que um objecto tão soberanamente amável pode dar a nossos corações; lá, cessa a força do mandamento para dar lugar à força da satisfação que será o fruto e o remate da observância do mandamento.

Fomos destinados à felicidade que nos é prometida na vida imortal, por meio deste mandamento que nos é imposto na vida mortal, e durante esta somos, efectivamente, obrigados a observá-lo rigorosamente, por ser a lei fundamental que o Rei Jesus deu aos cidadãos da Jerusalém militante, para poderem merecer o direito, as prerrogativas e a alegria da Jerusalém triunfante.

Certamente, lá no Céu, teremos um coração sem paixões, uma alma depurada de distrações, um espírito liberto de contradições mundanas, e forças isentas de repugnâncias. Por isso, amaremos a Deus com uma perpétua e sempre crescente dilecção, como se disse ⁽¹⁾ dos quatro animais sagrados, que, representando os Evangelistas, louvavam continuamente a Divindade,

Oh! meu Deus, que felicidade a nossa, quando, estabelecidos nos eternos tabernáculos, os nossos espíritos repousarem naquele perpétuo movimento que será o descansar tão ambicionado na eterna dilecção!

Ditosos os que habitam na tua casa, Senhor;
por todos os séculos te louvarão! ⁽²⁾

Não podemos, todavia, aspirar a um amor tão extraordinariamente perfeito, neste mundo, porque não temos o coração, nem a alma, nem o espírito, nem as forças dos Bem-aventurados. Basta que amemos a Deus com todo o coração e com as forças de que podemos dispor. Enquanto somos crianças, discorremos como crianças, falamos como crianças e amamos como crianças. Mas quando no Céu formos perfeitos, libertar-nos-emos da nossa infância e amaremos a Deus com perfeição.

(1) Apoc., IV, 8. — (2) Ps., LXXXIII, 5.

Tão-pouco devemos, Teotimo, durante a infância da nossa vida mortal, deixar de fazer o que estiver ao nosso alcance, em conformidade com o que nos for mandado. Não só está nas nossas forças, mas é até muito fácil, pois se trata dum mandamento de amor, e de amor de Deus, que sendo soberanamente bom, é soberanamente amável.

CAPÍTULO III

Como um coração, inteiramente ocupado no amor de Deus, pode amar ao mesmo tempo outras coisas

Quem diz tudo não exclui nada; e todavia um homem pode pertencer todo a Deus, todo ao pai, todo à mãe, todo ao rei, todo à Nação, todo aos filhos, todo aos amigos, de modo que, pertencendo todo a cada um, não deixa de pertencer todo a todos. Isto é assim, quando a obrigação que nos dá todo a uns, não se opõe à que nos dá todo a outros.

O homem dá-se todo por amor, e dá-se na medida em que ama: dá-se, pois, inteiramente a Deus quando ama sobre todas as coisas a sua divina bondade; e depois de se dar assim não deve amar nada que possa roubar a Deus o seu coração. Ora não há nenhum amor que roube o nosso coração a Deus, senão o que lhe é contrário.

Sara não se aflige por ver Ismael com o seu querido Isaac, enquanto ele não se diverte a fazer-lhe negaças e a magoá-lo ⁽¹⁾. Também a divina Bondade se não ofende de ver em nós outros amores, juntos com o seu, enquanto estes guardarem a reverência e submissão que lhe são devidas.

É certo que no Paraíso, Deus se nos há-de dar todo, e não em parte, porque o Senhor não admite divisões; mas há-de dar-se-nos diversamente e com tantas diferenças quantos forem os Bem-aventurados; e há-de ser assim, porque,

(1) Gen., XXI, 9, 10.

dando-se todo a todos e todo a cada um, nunca se dará totalmente nem a um em particular, nem a todos em geral.

Ora nós dar-nos-emos a Ele na medida em que Ele se der a nós, porque o veremos realmente todos *face a face* ⁽¹⁾, como Ele é na sua beleza, e amá-lo-emos, coração a coração, como Ele é na sua bondade. Contudo não O veremos todos à luz de igual claridade, nem O amaremos com a mesma suavidade: cada um de nós há-de vê-lo e amá-lo conforme a particular medida de glória que a divina Providência lhe destinar.

Havemos de gozar igualmente a plenitude do divino amor, mas as plenitudes serão desiguais em perfeição. O mel de Narbone é muito doce e o mel de Paris também; ambos são cheios de doçura, mas um tem uma doçura mais fina e mais depurada do que o outro; e sendo ambos muito doces, não têm um nem outro a doçura total.

Eu, por exemplo, presto vassalagem ao rei e também a presto ao príncipe; tributo a qualquer deles toda a minha fidelidade, e contudo não posso afirmar que a um só rendo a minha vassalagem toda; na que presto ao rei não excludo a do príncipe e na do príncipe não incluo a do soberano. Se no Céu, onde as palavras *amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração* ⁽²⁾ serão rigorosamente postas em prática, e haverá tão grandes diferenças no amor, não admira que as haja nesta vida mortal!...

Teotimo: não só entre os que amam a Deus com todo o seu coração há uns que O amam mais, outros menos, mas a mesma pessoa, às vezes, excede-se a si própria no exercício do amor de Deus sobre todas as coisas. Apeles pintava melhor umas vezes do que outras, porque em certas ocasiões o génio ultrapassava os limites naturais.

Apesar de empregar habitualmente toda a atenção e arte em pintar Alexandre o Grande, a verdade é que nem sempre o fazia tão inteira e plenamente que não lhe ficassem ainda outros recursos. E assim a arte e o amor que punha no seu trabalho não eram os maiores, mas sim aplicados com mais vida e com mais perfeição: Para bem pintar Alexandre, punha o seu génio todo, porque o punha sem

(1) I Cor., XIII, 12. — (2) Deut., VI, 5; Mat., XXII, 37.

reserva, mas às vezes applicava-o com mais energia e mais felicidade.

Quem ignora que no amor sagrado se cresce e que o amor dos Santos é mais perfeito no fim do que em seus inícios?

Ora, no dizer da Sagrada Escritura, fazer qualquer coisa de todo o coração, é fazê-la da melhor vontade, e sem reserva. Oh! Senhor, dizia David, *procurei-vos de todo o meu coração* ⁽¹⁾. *Supliquel de todo o meu coração, Senhor, escutai-me* ⁽²⁾; e as sagradas Letras afirmam ⁽³⁾ que efectivamente David tinha seguido o Senhor com todo o seu coração. Apesar disso, notam as mesmas Escrituras que Ezéquias *não teve rival entre os reis de Judá, nem antes nem depois dele, e que se uniu a Deus* e dele se não desviou mais ⁽⁴⁾.

Mais adiante, referindo-se a Josias, dizem ⁽⁵⁾ que *não houve antes dele rei que se lhe assemelhasse, que se voltasse para o Senhor com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua força, conforme a lei de Moisés; e depois dele também não houve nenhum que tanto se elevasse para Deus*.

Vê, pois, Teotimo, que David, Ezéquias e Josias amaram ao Senhor com todo o seu coração e contudo não o amaram dum modo igual, porque qualquer deles não teve quem se lhe comparasse nesse amor, como diz o Texto Sagrado. Todos três o amaram *com todo o coração*, mas nenhum deles, nem todos juntos o amaram totalmente, mas cada um segundo a sua maneira particular: os três foram semelhantes porque cada um deu todo o coração, mas foram dissemelhantes porque o deram de modo diverso.

Não há dúvida que em David, considerado em separado, houve grande desigualdade nesse amor: com o segundo coração que Deus criou nele, limpo e puro, e com o espírito recto que o Senhor lhe renovou nas entranhas por meio da santa penitência ⁽⁶⁾, cantou o cântico do seu amor muito mais melodiosamente do que nunca o houvera feito com o seu primeiro coração e espírito,

(1) Ps. CXVIII, 10. — (2) Ibid., x, 145. — (3) I Reg., XIII, 14; Act., XIII, 22. — (4) IV Reg., XVIII, 5, 6. — (5) Ibid., XXIII, 25. — (6) Ps. L, 12.

Todos os verdadeiros amantes se parecem, por darem todo o coração a Deus, e com todas as forças, mas são diferentes por lho darem de modo diverso; todos dão todo o coração com todas as suas forças, mas uns mais perfeitamente do que outros. Uns dão todo o seu amor a Deus pelo martírio, outros pela virgindade, outros pela pobreza, outros pela acção, outros pela contemplação, outros pelo exercício pastoral; dão-lho todos pela observância dos mandamentos, não obstante fazem-no com maior perfeição uns que os outros.

Até Jacob, a quem Daniel chama o *santo* de Deus, e que Deus afirma ter amado ⁽¹⁾, é o próprio a confessar que serviu a Laban *com todas as suas forças* ⁽²⁾.

E porque serviu ele a Laban, senão para alcançar a posse de Raquel, a quem amava com todas as forças? Serve a Laban com todas as forças. Ama a Raquel com todas as forças: todavia nem por isso ama a Raquel como a Deus, nem a Deus como a Raquel. Ama a Deus, como a seu Deus sobre todas as coisas e mais do que a si mesmo; ama a Raquel como sua mulher, sobre todas as mulheres e tanto como a si próprio. Ama a Deus com um amor absoluto e soberanamente, e a Raquel, com o supremo amor nupcial: — um dos amores não é contrário ao outro, porque o de Raquel não prejudica os privilégios e as soberanas preferências do amor de Deus.

De forma que a estimativa do amor que dedicamos a Deus depende da eminência e excelência do motivo por que o amamos; amamo-lo em virtude da sua infinita bondade como Deus e por ser Deus.

Ora uma gota só desse amor vale mais, tem mais força e mérito do que todos os outros amores que jamais pudessem existir no coração dos homens e até nos coros dos Anjos, porque, enquanto vive, este amor reina e impunha o ceptro sobre todos os amores, fazendo que a vontade prefira Deus a todas as coisas, sem excepção, nem reserva de espécie alguma.

(1) Mal., 1, 2; Rom., IX, 13. — (2) Gen., XXXI, 6.

CAPÍTULO IV

**Dois graus de perfeição com que este mandamento
pode ser observado na terra**

Enquanto o grande rei Salomão, gozando ainda do Espírito divino, compunha o Sagrado Cântico dos Cânticos, possuía, segundo o uso do tempo, uma infinidade de mulheres e donzelas dedicadas ao seu amor, mas de diversas condições e de diferentes categorias ⁽¹⁾.

1.º Tinha *uma* que era exclusivamente a amante toda perfeita, rara, como uma *pomba* escolhida, com a qual nenhuma das outras podia entrar em paralelo, e por isso se chamou a Sulamita.

2.º Tinha *sessenta* que, depois daquela ocupavam o primeiro grau de honra e de estima e que se chamavam *rainhas*.

3.º Além dessas, tinha mais *oitenta* mulheres que não eram rainhas mas tinham direito ao leito real, como damas de honor e legítimas amantes.

4.º Finalmente, tinha *um sem número de donzelas*, em reserva, à guisa de viveiro, para substituírem as primeiras, à medida que estas fossem faltando.

Sob a impressão do que se passava no seu palácio, Salomão descreveu as diversas perfeições das almas que, no futuro, deviam adorar, amar e servir o grande Rei pacífico, Jesus Cristo Nosso Senhor, na sua Igreja. Entre elas, algumas há que, despidas de seus pecados e bem resolvidas a amar a Deus, são todavia noviças, aprendizas, túbias, fracas. Amam efectivamente a divina suavidade, mas com tal mistura de afeições diferentes, que, estando ainda na infância o seu amor sagrado, amam, juntamente com Nosso Senhor, uma quantidade imensa de coisas supérfluas, vãs e perigosas.

(1) Cant., VI. 7, 8.

E como a fénix renascida da própria cinza, mal coberta ainda com a macia penugem que mal lhe permite dar uns saltos que se não podem chamar voos, assim essas almas novas, renascidas da cinza da penitência, não podem ainda voar em plena altura do amor sagrado, porque as impede uma multidão de más inclinações e hábitos depravados, que os pecados da vida passada radicaram nelas.

Todavia vivem, são animadas e guarnecidas das penas do amor, e do amor verdadeiro, pois de outro modo não teriam deixado o pecado; no entanto, é um amor tão fraco e novo, que, envolvido em muitos outros amores, não pode produzir tanto fruto como se possuísse inteiramente esse coração. Assim foi o filho pródigo ao deixar a sórdida companhia dos cevados com quem vivera: voltou para os braços do pai, semi-nu, sujo, enlameado e mal cheiroso das imundícies dos animais com que estivera em contacto.

E que vem a ser deixar os porcos, senão fugir dos pecados? E que é vir roto, esfarrapado e asqueroso, senão ter ainda a afeição presa aos hábitos e inclinações do pecado? No entanto ele tinha a vida da alma, que é o amor, e como a fénix renascida da própria cinza, achou-se novamente ressuscitado. *Tinha morrido*, disse o pai, *e voltou à vida, ressuscitou* ⁽¹⁾.

Ora, essas almas chamam-se no Cântico ⁽²⁾ *donzelas*, porque, sentindo o *aroma do nome* do Esposo, que só respira bem-aventurança e perdão, amam-no com um amor verdadeiro, mas amor que, como elas, está na sua tenra juventude.

Exactamente como as donzelas que, amando verdadeiramente os maridos, se os têm, não deixam por isso de se prender com afeição a ninharias e bagatelas, e às companheiras com quem se divertem jogando, dançando e foliando, entretendo-se ainda com avezinhas, cãesinhos e quejandos passatempos, assim essas almas jovens e noviças, apesar de amarem o Esposo sagrado, distraem-se com uma infinidade de diversões voluntárias.

De modo que, amando-o sobre todas as coisas, não deixam de se entreter com coisas diversas que não amam

(1) Luc., XV, 24, 32. — (2) Ubi supra. et cap. 1, 2, 3.

segundo ele, mas sim além dele, fora dele e sem ele. Os pequenos desmandos no falar, nos gestos, nos hábitos, nos passatempos e brincadeiras, não são rigorosamente contra a vontade de Deus; também não são segundo ela, mas sim fora dela e sem ela.

Há, porém, almas que, depois de algum progresso no amor divino, cortam cerce todo o amor que tinham às coisas perigosas, e no entanto não deixam de ter amores perigosos e supérfluos, por se afeiçoarem com amor excessivamente terno e apaixonado àquilo que é da vontade de Deus amarem.

Deus queria que Adão tivesse a Eva um amor terno, mas não tão excessivo que, para lhe agradar, violasse a ordem que a sua divina Majestade lhe havia imposto. Adão não amou, pois, uma coisa supérflua, nem perigosa em si, mas amou-a com excesso e perigosamente.

O amor de nossos pais, amigos, ou benfeitores, é de si agradável a Deus, mas não os havemos de amar excessivamente: as nossas vocações, por espirituais que sejam, e os nossos exercícios de piedade (que no entanto devemos estimar) correm risco de serem amados desordenadamente, se os preferirmos à obediência e ao bem mais universal, ou nos afeiçoamos a eles como se fossem o nosso fim supremo, sendo na realidade meios ou caminhos para chegar ao fim pretendido que é o divino amor.

E aquelas almas que só amam o que Deus quer que elas amem, mas se excedem no modo de amar, amam efectivamente a divina Bondade sobre todas as coisas, mas não em todas as coisas; aquelas coisas que lhes é permitido, e até imposto que amem conforme a vontade de Deus, amam-nas não só segundo a vontade de Deus mas por causas e motivos que, não sendo contra Deus, lhe são estranhos; nisto se parecem com a fénix que, com as primeiras penas e ao começar a ganhar forças, se arrisca a voar, mas porque não é capaz de aguentar por muito tempo o voo, desce frequentemente a descansar em terra.

Assim foi aquele pobre mancebo que, tendo observado os mandamentos de Deus desde a *mals tenra infância*, não cubiçava os bens alheios, mas afeiçoava-se com excesso aos que tinha: por isso, quando Nosso Senhor lhe aconselhou que

os desse aos pobres, ficou muito triste ⁽¹⁾ e melancólico. Não amava senão o que era permitido, mas amava-o com amor supérfluo e muito entranhado.

Tais almas, pois, Teotimo, amam na verdade com excessivo ardor e com superfluidade, mas não amam os excessos: amam o que devem amar. Por isso gozam do leito nupcial do Salomão celeste, isto é, gozam da união do recolhimento e do amoroso repouso de que falei nos Livros V e VI; mas não os gozam na qualidade de esposas, porque a superfluidade com que se afeioam às coisas boas não as deixa participar muitas vezes dessa união com o Esposo, por estarem ocupadas e distraídas em amar fora dele e sem ele o que não deviam amar senão nele e por ele.

CAPÍTULO V

De mais dois graus de maior perfeição com que podemos amar a Deus sobre todas as coisas

Ora há outras almas que nem amam as superfluidades, nem amam com superfluidade. Amam apenas o que Deus quer e como Deus quer: almas felizes, porque amam a Deus, aos seus amigos e aos seus inimigos por amor de Deus; amam muitas coisas com Deus, mas nem uma só que não seja em Deus e por Deus. É a Deus que amam sobre todas as coisas e em todas as coisas, e amam todas as coisas no Senhor.

Semelhantes à fénix totalmente rejuvenescida e robusta, que já se não avista senão nas alturas, ou nos cumes dos montes que se recortam no horizonte, assim essas almas não amam nada senão em Deus, ainda que amem muitas coisas juntamente com Deus, e Deus juntamente com muitas coisas.

S. Lucas conta ⁽²⁾ que Nosso Senhor chamou para a sua companhia um mancebo, que na verdade o amava muito,

(1) Mat., XIX, 20-22; Luc., XVIII, 21-23. — (2) Cap. IX, 59, 60.

mas também amava extremosamente seu pai, e por isso queria voltar para ele.

Nosso Senhor suprime nele esta superfluidade de amor e excita-o a um amor mais puro, para que não só ame a Nosso Senhor mais do que a seu pai, mas também não ame a seu pai senão em Nosso Senhor: *Deixa aos mortos o cuidado de enterrar os mortos; quanto a ti, que encontraste a vida, vai, e anuncia o reino de Deus.*

E estas almas, Teotimo, que vivem em tão íntima união com o Esposo, merecem ser participantes da sua glória, e serem rainhas como ele é Rei, porque lhe são absolutamente consagradas, sem divisão nem exclusão alguma, sem nada amarem fora dele e sem ele, mas somente nele e por ele.

Porém, superior a todas essas almas, há uma exclusivamente única, que é a Rainha das rainhas, a mais amante, a mais amável e a mais amada de todas as eleitas do divino Esposo, a qual não só ama a Deus sobre todas as coisas e em todas as coisas, mas não ama senão a Deus em tudo o mais, de sorte que não ama diversas coisas, mas uma só, que é Deus.

E porque é só a Deus que ama em tudo o que ama, ama-O igualmente em tudo, conforme o exige o beneplácito divino, fora de tudo e excluindo tudo. Se não era só Ester que Assuero amava, porque a amaria mais, quando perfumada e com seus enfeites, do que quando no seu traje habitual? Se amo apenas o meu Salvador, por que não hei-de amá-lo tanto no monte Calvário como na montanha do Tabor, se ele está tão verdadeiramente num como noutra? Por que não direi em qualquer dos casos: *Ah! como é bom estar aqui?* ⁽¹⁾

Amo o Salvador no Egípto, sem amar o Egípto; porque não hei-de amá-lo no festim de Simão, o Leproso, sem amar o festim? e se o amo debaixo das blasfêmias que sobre ele chovem, sem amar as blasfêmias, porque o não amarei perfumado com as preciosas essências da Madalena ⁽²⁾, sem amar as essências nem o aroma delas?

A prova irrefutável de que não amamos senão a Deus

(1) Mat., XVII, 4. — (2) Ibid., XXVI, 7.

em todas as coisas, é amá-lo igualmente em todas as coisas, porque, sendo o Senhor sempre igual em si mesmo, a desigualdade do nosso amor por Ele não pode ter origem senão na consideração de alguma causa estranha. Ora a sagrada amante não ama mais o seu Rei, tendo ele todo o universo, do que estando só sem o universo, porque tudo o que é fora de Deus, não a interessa.

Alma toda pura, que nem ao Paraíso amaria se o Esposo lá não fosse amado; Esposo tão soberanamente amado no seu Paraíso que, se não houvesse Paraíso para prêmio, nem por isso seria menos amável nem menos amado por essa amante magnânima, que não sabe amar o Paraíso do seu Esposo, mas apenas o seu Esposo do Paraíso; e que não preza menos o Calvário, em que o seu Esposo está crucificado, do que o Céu em que está glorificado.

Quem pesar um dos pequenos glóbulos do coração de Santa Catarina de Sena acha-lhe tanto peso como se pesasse os três juntos; também o verdadeiro amor acha Deus tão amável sòzinho, como com todas as criaturas juntas dele, visto não amar todas as criaturas senão em Deus e por Deus.

Há tão poucas destas almas perfeitas que cada uma delas é chamada ⁽¹⁾ *única de sua mãe*, que é a Providência divina; diz-se a *pomba única*, porque não ama senão ao seu pombo; chama-se *perfeita* porque, pelo amor, identificou-se inteiramente com a soberana perfeição; em virtude do que pode dizer, muito humilde, mas com toda a verdade: *Não existo senão para o meu Amado, por isso ele se inclina todo para mim* ⁽²⁾.

Só a santíssima Virgem Nossa Senhora atingiu perfeitamente esse grau supremo no amor de seu querido Amado; ela é a *pomba* tão exclusivamente *única* em dilecção, que todas as outras, postas em paralelo com ela, mais merecem o nome de gralhas do que de pombas.

Mas, deixando esta incomparável Rainha na sua inexcusável eminência, têm-se visto almas que atingiram um tal grau, neste puro amor, que, em comparação das outras, podiam ocupar o lugar de rainhas, de pombas únicas e perfeitas escolhidas do Esposo.

(1) Ubi in initio cap. praeced. — (2) Cant., VII, 10.

Como classificar, Teotimo, aquele que de todo o coração cantava a Deus (1):

Que posso apetecer no Céu, senão a Vós; e na terra,
que coisa, fora de Vós, posso desejar?

E o que exclamava (2): *Desprezel todas as coisas como se foram lodo e vasa, para alcançar a Jesus Cristo*, não provava que não tinha amor a nada, senão ao seu divino Mestre e que amava o seu Mestre independente de todas as coisas? E que sentimento seria o daquele grande amante (3), que suspirava toda a noite: «O meu Deus é tudo para mim?»

Foram assim Santo Agostinho, S. Bernardo, Santa Catarina de Sena, Santa Catarina de Génova e muitos outros, à imitação dos quais cada um de nós pode aspirar a esse sublime grau de amor. Almas raras e singulares, que não podem comparar-se a nenhuma ave terrena, nem mesmo à fénix, apesar de eminentemente rara, mas apenas são simbolizadas nesta ave que, pela sua extrema formosura e nobreza, se diz não pertencer a este mundo mas ao Paraíso, do qual tomou o nome.

Esta ave tão bela, desprezando a terra, nunca pausa nela, vive sempre no ar; de modo que, até quando quer descansar, só pausa nos ramos mais altos das árvores, ficando assim suspensa no ar, sem o qual e fora do qual não pode voar nem ter repouso (4).

Do mesmo modo não se pode dizer que estas grandes almas amam as criaturas em si mesmas, mas no seu Criador, e o seu Criador nelas; se se dedicam pela lei da caridade a alguma criatura, só o fazem para repousar em Deus, única e suprema aspiração do seu amor. Encontrando a Deus nas criaturas e as criaturas em Deus, amam a Deus e não às criaturas, como os pescadores de pérolas que, achando-as nas ostras, não apreciam as ostras senão pelas pérolas, que nelas se encontram.

(1) Ps. LXXII, 24. — (2) Filip., III, 8. — (3) Vide Lib. VI hujus Tract., c. V, p. 320. — (4) Lopez, Hist. Indic. Occid., c. IX.

Eu creio que nunca existiu criatura mortal que amasse o Esposo celeste com um amor tão único e tão perfeitamente puro senão a Virgem que foi ao mesmo tempo sua Esposa e sua Mãe. Mas ao contrário, na prática dessas quatro diferenças de amor, difficilmente poderia viver-se sem passar duma para outra. As almas, que, como donzelas, estão ainda cativas de algumas afeições vãs e perigosas, não deixam por vezes de experimentar sentimentos de amor puro e supremo.

Mas, porque não passam de faíscas e relâmpagos passageiros, não se pode dizer que passem de noviças e aprendizas. E o mesmo succede às vezes às almas que estão na categoria das únicas e perfeitas amantes: descuidam-se e atrasam-se até cometerem às vezes grandes imperfeições e vergonhosos pecados veniais; como se vê nas diversas e ásperas dissensões entre grandes servos de Deus e até entre alguns dos santos Apóstolos, que não pode negar-se terem caído em imperfeições, que, se não violaram certamente a caridade, arrefeceram-lhe bastante o fervor.

Ora, porque essas grandes almas amaram a Deus ordinariamente com amor perfeitamente puro, não se pode deixar de dizer que estiveram em estado de dilecção perfeita. Como observamos nas boas árvores que nunca dão frutos venenosos, mas sim muitos frutos, uns verdes, outros bichosos e ainda outros com defeito, e alimentam plantas parasitas, como o agárico e o musgo, assim os grandes Santos não cometem pecados mortais, mas sim muitas acções inúteis, mal amadurecidas, ásperas, rudes, defeituosas.

Forçoso é confessar que tais árvores são frutíferas, aliás não seriam boas, mas também se não pode negar que alguns dos seus frutos resultam avariados ou pêcos e que nelas há frutos, como o musgo e outros parasitas, que não são frutos.

Quem negará que pequenos movimentos de cólera e excessos de alegria, de riso, de vaidade e quejandas paixões são movimentos inúteis e ilegítimos? Todavia o *justo cal neles sete vezes ao dia* (1), quer dizer, com frequência.

(1) Prov., XXIV, 16.

CAPÍTULO VI

**Como o amor de Deus sobre todas as coisas é comum
a todos os que amam**

Havendo tão diversos graus de amor entre os que verdadeiramente amam, a verdade é que há um só mandamento de amor que obriga em geral e igualmente a cada um com uma obrigação idêntica e totalmente igual, posto que seja observado diferentemente e com infinita variedade de perfeições, visto não haver na terra almas, nem no Céu Anjos, que sejam perfeitamente iguais no amor.

Assim como uma estrela difere de outra estrela em brilho ⁽¹⁾, assim sucederá com os Bem-aventurados; cada um dos quais canta o seu cântico de glória, e tem *um nome, apenas sabido daquele que o recebe* ⁽²⁾. Qual será, pois, o grau de amor a que o divino mandamento nos obriga a todos igualmente, em todo o lugar e sempre?

Foi um sinal da providência do Espírito Santo o facto de, na nossa versão ordinária aprovada e canonizada pelo Concílio de Trento, o celeste mandamento do amor se designar pela palavra *dilecção*, antes que pela palavra *amor*. Posto que a dilecção seja amor, a verdade é que não é simples amor, mas um amor extremado e de eleição, como a própria palavra o indica, e assim o observa o gloriosíssimo S. Tomás ⁽³⁾.

Esse mandamento impõe-nos um amor *escolhido entre mil*, como o Esposo deste amor é *eleito entre mil*, conforme a muito amada Sulamita o ponderou no Cântico ⁽⁴⁾.

É esse amor que deve prevalecer sobre todos os nossos amores e reinar sobre as nossas paixões; o que Deus exige de nós é que entre todos os nossos amores seja o seu o mais cordial, isto é, o que domina todo o coração; o mais affectuoso,

(1) I Cor., XV, 41. — (2) Apoc., II, 17. — (3) I^a II^{ae}, qu. XXVI, art. III. — (4) Cap., V, 10.

ocupando-nos toda a alma; o mais geral, pondo em jogo todas as nossas potências; o mais alevantado, dominando todo o nosso espírito; e o mais firme, applicando toda a nossa força e vigor. Visto que por ele escolhemos e elegemos a Deus por soberano objecto do nosso espírito, é um amor de soberana eleição, ou uma eleição de soberano amor.

Sabes, Teotimo, que há diversas espécies de amor; há, por exemplo, amor paterno, amor filial, fraterno, nupcial, de sociedade, de gratidão, de dependência, e muitos outros, todos diferentes em perfeição, mas de tal modo adequados aos seus objectos que não poderíamos facilmente dirigi-los ou appropriá-los a outros.

Quem dedicasse a seu pai um amor simplesmente fraterno, com certeza não o amava bastante; o que amasse a esposa como a seu pai, não a amaria convenientemente; quem amasse os servos com amor filial, cometeria um despropósito.

O amor é como as dignidades: assim como as dignidades são proporcionais aos méritos, que se querem distinguir, também os amores são diferentes, conforme a diversidade dos objectos que amamos. A suprema honra cabe ao supremo mérito; o soberano amor à soberana bondade.

O amor de Deus é o amor sem par, porque a bondade de Deus é a bondade incomparável. *Escuta Israel: o teu Deus é o único Senhor, e por isso hás-de amá-lo de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com as tuas forças todas* ⁽¹⁾: Por ser Deus o único Senhor e por a sua bondade ser infinitamente superior a todas as bondades, é mister amá-lo com um amor alevantado, supremo, e poderoso, que não admite comparação.

Esta suprema dilecção, que coloca Deus em tão alta estima nas nossas almas, e faz que desejemos tão sinceramente ser-lhe agradáveis, é que nos leva a preferi-lo e a amá-lo sobre todas as coisas.

Ora, não vês, Teotimo, que quem amar a Deus deste modo, tem a *sua alma toda e toda a sua força* dedicada ao Senhor? Sempre, e em todas as circunstâncias, preferirá a vontade de Deus a todas as coisas, e estará pronto a abando-

(1) Deut., VI, 4, 5.

nar todo o universo, para conservar o amor que deve à divina Bondade.

Em suma: é o amor de excelência ou a excelência do amor que é imposto a todos os mortais em geral, e a cada um em particular, desde que atinjam o pleno uso da razão; amor suficiente para cada um e necessário a todos, para se salvarem.

CAPÍTULO VII

Explicação do capítulo precedente

Nem sempre se conhece claramente, nem se pode atingir com inteira certeza ou pelo menos com uma «certeza de fé», se estamos possuídos daquele verdadeiro amor de Deus, indispensável para nos salvarmos. Contudo não deixa de haver provas ou sinais desse amor, e dentre elas a mais segura, e quase infalível, manifesta-se quando um intenso amor das criaturas se opõe aos desígnios do amor de Deus.

Nesta contingência, se o amor divino existir na alma, fará aparecer o grande ascendente e a autoridade que exerce sobre a vontade, mostrando assim que não só não admite outro superior mas nem sequer igual, reprimindo e derrotando tudo o que lhe for contrário, e fazendo-se obedecer em seus intentos.

Quando a malfadada milícia dos espíritos diabólicos se revoltou contra o seu Criador e quis chamar à sua facção a santa companhia dos espíritos bem-aventurados, o glorioso S. Miguel, animando os companheiros à fidelidade devida a Deus, gritava em altos brados, com um gesto imperioso, em meio da celeste Jerusalém: Quem como Deus?

E com esta simples frase derrotou o traidor Lúcifer e o seu séquito, que queriam igualar-se à divina Majestade. E foi de aí que se chamou Miguel ao anjo fidelíssimo ⁽¹⁾; porque Miguel significa: — Quem como Deus?

(1) Hugo, in Apoc., XII, 7. Cf. S. Greg. Mag., Hom. XXXIV in Evang., § 9.

Quando o amor das coisas terrenas quer atrair ao seu partido o nosso espírito para nos obrigar a desobedecer à divina Majestade, se o grande amor divino estiver arreigado em nossa alma, resistirá, qual outro S. Miguel, e confirmará as potências e forças da alma no serviço de Deus com estas palavras de firmeza: Quem como Deus? Que bondade haverá nas criaturas que possa obrigar o coração humano a revoltar-se contra a soberana bondade do seu Deus?

Quando o santo e destemido cavaleiro José percebeu que o amor à sua dama prejudicava ou antes era a morte do que devia a seu amo, disse: Ah! Deus me defenda de violar o respeito que devo ao meu senhor, que tão cegamente confia em mim! *Como havia eu, pois, de cometer tal crime e pecar contra o meu Deus?* (1)

No coração deste digno cavaleiro, Teotímo, distinguem-se três amores: ama a sua dama, ama o seu senhor e ama a Deus; quando, porém, o amor da sua dama se opõe ao do seu senhor, abandona-o imediatamente e foge, como repudiaria o do amo, se este fosse contrário ao do seu Deus. Entre todos os amores, o de Deus deve ser de tal modo preferido e extremado que não havemos de pôr dúvida em abandoná-los a todos por este, apenas.

Sára, em vista da sua esterilidade, ofereceu a seu marido Abraão a serva Agar, para continuar a descendência, como era de legítimo uso naquele tempo. Agar, apenas concebeu de seu amo, deixou-se dominar do orgulho e não disfarçava o desprezo com que olhava para a senhora.

Até essa ocasião seria difícil distinguir qual era o amor de maior intensidade em Abraão: se o amor que consagrava a Sára, como legítima esposa, se o que tinha a Agar, que, além de participar do seu leito como Sára, tinha sobre ela a supremacia da fecundidade. Postos, porém, estes dois amores em paralelo, o bom Abraão depressa extremou o mais forte. Logo que Sára o advertiu do desprezo de Agar, para logo lhe respondeu: *Agar é tua escrava, pertence-te; faz dela o que quiseres* (2). E assim foi que Sára desde então maltratou de tal modo a Agar, que a pobre se viu obrigada a retirar-se.

(1) Gen., XXXIX, 8, 9. — (2) Gen., XVI, 6.

A divina dilecção consente que tenhamos outros amores, e muitas vezes nem nós saberíamos distinguir o principal amor do nosso coração; o coração humano chama muitas vezes com tanto affecto para o leito da sua complacência o amor das criaturas, que lhe succede multiplicar muito mais as provas de afeição à criatura do que as da sua dilecção pelo seu Criador. E a sagrada dilecção todavia não deixa de exceder a todos os outros amores, como os acontecimentos se encarregam de provar, quando a criatura se opõe ao Criador; nessa conjectura tomamos o partido da dilecção sagrada e submetemos-lhe todas as outras afeições.

Existe considerável diferença, nas coisas criadas, entre o tamanho e a qualidade. Uma só pérola de Cleópatra valia mais que o mais alto rochedo, apesar deste ser muito maior; um tem maior tamanho, o outro mais valor. Se discutirmos qual a mais preeminente glória dum príncipe, se a que adquire na guerra pelas armas ou a que granjeia na paz pela justiça, a mim se me afigura que a glória militar é maior e a outra melhor.

Falando de instrumentos, os tambores e as trombetas fazem mais estrondo, mas os alaúdes e as harpas são mais melódiosos; o som dos primeiros é mais forte, e o dos segundos é mais suave e espiritual. Uma onça de bálsamo não derramará tanto perfume como um arrátel de óleo do nardo, e contudo o aroma do bálsamo é sempre mais apreciado e valioso.

Quantas vezes, Teotimo, hás-de ter observado que há mães de tal modo afeiçoadas aos filhos que parece que nelas o amor materno é o único que reina; não têm olhos senão para contemplar os filhos, não têm boca senão para os beijar, peito senão para lhes dar sustento, cuidados senão para prover a todas as suas necessidades. E o marido, para essas mulheres, parece estar posto de parte. No entanto, se tivessem de escolher entre a vida do marido e a do filho, ver-se-ia que tinham em maior estima a do esposo. O amor do filho era mais terno, mais solícito, mais apaixonado; mas o do marido é mais intenso, mais forte e melhor.

Também, quando um coração ama a Deus em consideração da sua infinita bondade, por baixo que seja ainda o grau da sua dilecção, preferirá a vontade de Deus a todas as

coisas e em todas as ocasiões que se lhe deparem, tudo desprezará para se conservar na graça da soberana Bondade, sem que nada o possa desviar. De modo que, ainda que esse divino amor se não patenteie com tanta evidência como os outros amores, nem por isso nas ocasiões propícias deixa de inspirar acções tão alevantadas e nobres que uma só delas vale por milhões das outras.

As coelhas são duma fecundidade incomparável e a fêmea do elefante nunca produz mais do que uma cria. Pois esse pequenino elefante vale mais do que todos os coelhos do mundo: o amor dedicado às criaturas desenvolve-se em múltiplas produções; mas quando o amor sagrado inspira uma obra, ela resulta tão eminente que sobrepuja a todas, porque faz preferir Deus a todas as criaturas, sem excepções, nem reserva.

CAPÍTULO VIII

História memorável, para nos fazer compreender em que consiste a força e excelência do amor sagrado

Ah! meu caro Teotimo, como deve ser extensa a força do amor de Deus sobre todas as coisas! Tem de avantagejar-se a todas as afeições, vencer todas as dificuldades e preferir a honra da benevolência de Deus a todas as coisas.

Quando digo todas as coisas, não admito excepção de espécie alguma. Falo assim com grande cuidado e reserva, porque pessoas há que desprezariam corajosamente a fortuna, a honra e a própria vida por Nosso Senhor, e todavia não lhe sacrificariam outra qualquer coisa de somenos importância.

No tempo dos imperadores Valeriano e Galos, assistiam em Antioquia um padre chamado Saprício e um secular de nome Nicéfore, tão unidos em sua velha e fiel amizade que eram considerados como irmãos. Contudo aconteceu que, por último, não sei por que motivo, essa amizade esmoreceu e degenerou num ódio profundamente arreigado.

Porém, um dia Nicéfore, compreendendo o seu erro, fez três tentativas de reconciliação com Saprício, incumbindo de lhe apresentar todas as satisfações e protestos de arrependimento a alguns amigos seus, que o eram igualmente dele. Mas este, inflexível a todas as súplicas e admoestações, recusou-se sempre à reconciliação com tanta altivez, quanta era a humildade com que Nicéfore lha pedia.

Por último o pobre Nicéfore, calculando que Saprício se comoveria se o visse rojar-se na sua presença a pedir-lhe perdão, dirigiu-se a casa dele e lançando-se-lhe aos pés, exclamou: «Meu padre, peço-lhe que me perdoe, pelo amor de Nosso Senhor».

Mas esta humildade não foi coroada de melhor êxito que as precedentes.

Por esse tempo, rebentava uma atroz perseguição contra os cristãos e Saprício, entre muitos, foi preso e posto a tormentos. Aqui a sua fé obrou maravilhas. Tudo sofreu sem vacilar e nem quando o fizeram rolar e agitar barbaramente num instrumento feito de propósito e parecido com a rosca duma prensa, lhe abalaram a constância. Então, o governador de Antioquia, irritado com aquela fé inabalável, condenou-o à morte. Tiraram-no pois da prisão, e levaram-no por entre a multidão, até ao lugar em que havia de receber a gloriosa coroa do martírio.

Apenas Nicéfore soube disto, correu a um dos lugares da passagem e deparando com o seu Saprício, prostrou-se por terra, gritando: «Oh! mártir de Jesus Cristo, perdoa-me, porque fui eu que te ofendi!»

Saprício pareceu não atentar naquela súplica e o pobre Nicéfore, imaginando não ter sido escutado, tomou-lhe a dianteira, atalhou por outra rua, e veio novamente com a mesma humildade pedir-lhe perdão, nestes termos: «Oh! mártir de Jesus Cristo, perdoa-me a ofensa que te fiz, como homem que sou e propenso ao pecado; perdoa-me já que vais receber a coroa que te deu Nosso Senhor a quem nunca renegaste, confessando o seu santo nome *diante de muitas testemunhas*» (1). Mas Saprício, insistindo na sua altivez, nem uma palavra lhe retorquiu.

(1) I Tim., VI, 12.

Só os carrascos, admirados da perseverança de Nicéfore, lhe disseram: «Nunca se viu um doido assim; este homem vai morrer já, para que precisas do perdão dele?» Nicéfore respondeu: «Vós não podeis compreender o que eu peço ao confessor de Jesus Cristo: só Deus o sabe».

Ora no momento em que Saprício chegava ao lugar do suplício, eis que Nicéfore, prostrando-se outra vez diante dele, exclamou: «Peço-te, ó martir de Jesus Cristo, que me perdoes, porque está escrito ⁽¹⁾: *«Pedi, e ser-vos-á concedido»*. Nem essas palavras tiveram o dom de abrandar o coração desapiadado e rebelde do miserável Saprício que, recusando-se obstinadamente a usar de misericórdia para com o seu próximo, também pelo justo juízo de Deus foi privado da gloriosíssima palma do martírio.

E foi que, na ocasião em que os algozes o mandaram ajoelhar para lhe deceparem a cabeça, começou a perder a coragem e a capitular com eles, até por fim lhes manifestar esta deplorável e vergonhosa subserviência: «Ah! por favor, não me cortem a cabeça! Farei o que os Imperadores me ordenarem: sacrificarei aos ídolos».

O pobre Nicéfore, quando ouviu estas palavras, coberto de lágrimas, pôs-se a gritar: «Ah! meu querido irmão, não queiras, peço-te por Deus, não queiras transgredir a lei e renegar a Jesus Cristo; não o abandones, não recuses a coroa celestial que adquiriste à custa de tantos trabalhos e tormentos!»

Mas ah! esse desgraçado padre, ao chegar ao altar do martírio para nele consagrar a sua vida ao Deus eterno, não se recordou do que o Príncipe dos Mártires tinha dito ⁽²⁾: *«Se fores para o altar com a tua oferta e te lembrares, depois de lá estar, que um teu irmão tem qualquer ressentimento contra ti, deixa ficar a tua oferta e val em primeiro lugar reconciliar-te com o teu irmão e, quando voltares oferecerás a tua oblação»*.

Foi por este motivo que Deus repeliu a oblação de Saprício e, retirando-lhe a sua misericórdia, permitiu que não só perdesse a suprema felicidade do martírio mas ainda

(1) Mat., VII, 7. — (2) Ibid., V, 23.

que se precipitasse no abismo da idolatria. Entretanto o humilde e manso Nicéfore, vendo vaga aquela coroa do martírio pela apostasia do obstinado Saprício, movido por uma súbita e extraordinária inspiração, adianta-se corajosamente para a alcançar, dizendo aos archeiros e carrascos: «Eu sou, meus amigos, eu sou também cristão e creio em Jesus Cristo, que este agora renegou; peço-vos que me ponhais em seu lugar e que me corteis a cabeça»

Os algozes, admirados até à estupefacção, levaram a notícia ao governador, que ordenou fosse Saprício restituído à liberdade e Nicéfore supliciado. Este caso succedeu a 9 de Fevereiro do ano 260 da nossa salvação, segundo a narração de Metafraste e Súruius ⁽¹⁾.

Esta pavorosa narração merece ser maduramente ponderada e serve a esclarecer o assunto de que vamos tratando. Como viste, meu caro Teotimo, o corajoso Saprício foi ousado e enérgico em manter a fé; sofreu mil tormentos; manteve-se impávido e inabalável na confissão do nome do Salvador, enquanto o volteavam e atormentavam nesse instrumento que o apertava como a rosca duma prensa; e estava pronto a receber a pena de morte para cumprir o grau mais eminente da lei divina, preferindo a honra de Deus à própria vida.

Mas por outro lado, antepõe à vontade divina a satisfação que o seu ânimo cruel experimentava no ódio a Nicéfore. Parou assim de repente no caminho, e quando ia alcançar e gozar o prémio da glória pelo martírio, despenhou-se miseravelmente, perdeu-se abraçando a idolatria.

É portanto indiscutível que não basta amarmos a Deus mais do que a própria vida, se o não amarmos universalmente, absolutamente e sem excepção alguma, mais do que tudo quanto tivermos amado ou possamos vir a amar. Mas, observarás tu, pois não pôs Nosso Senhor por limites ao amor que lhe consagramos o sacrifício da própria vida? não disse ⁽²⁾ que *a maior caridade que podemos exercer é expor a vida pelo nosso amigo?*

É certo, Teotimo. Entre os actos particulares e as provas do amor divino não há nenhum de tão elevado alcance

(1) Ad diem IX Tebr. — (2) Joan., XV, 13.

como sacrificar a vida pela glória de Deus. Contudo, também é certo que tal sacrifício é um acto só, uma prova única, verdadeira obra prima da caridade, mas além dessa muitas outras há que a caridade reclama de nós e exige tanto mais fortemente quando são actos mais fáceis, mais comuns e triviais a todos os que amam e mais geralmente necessários à conservação do amor sagrado.

Oh! Saprício, como ousavas asseverar que amavas a Deus, como Ele se deve amar, se preferias à sua vontade a paixão do ódio, do rancor que votavas ao pobre Nicéfore? Querer morrer pelo Senhor é grande, mas não é com certeza o único acto da dilecção que devemos a Deus; e escolher este único acto, repudiando os outros, não é caridade, é vaidade. A caridade não deve envolver ostentação, o que sucede sempre que queremos agradar ao nosso supremo Bem em coisas de extrema dificuldade, e lhe desagradamos em coisas mais simples. Como há-de morrer por Deus quem não quer viver como Ele manda?

Um espírito bem orientado, se se resolvesse a padecer a morte por um amigo, sofreria sem dúvida por ele toda e qualquer provação, pois que tudo despreza quem desprezou a vida. Assim devia ser. Mas o espírito humano é fraco, volúvel e propenso à ostentação; por isso às vezes os homens preferem morrer a sofrer penas bem mais leves, e dão a vida de boa-vontade por satisfações infinitamente pequenas, pueris e vãs.

Agripina, quando soube que o filho que trazia em seu ventre havia de chegar a Imperador, mas o nascimento dele lhe custaria a vida, exclamou: Reine o meu filho, embora me mate ⁽¹⁾. Repara tu na desordem daquele coração loucamente materno, que prefere a alta dignidade do filho à própria vida.

Catão e Cleópatra antes quiseram morrer do que presenciar a satisfação e a glória dos inimigos, deitando-lhes a mão. E Lucrécia preferiu suicidar-se cruelmente a sofrer injustamente a vergonha dum facto, em que, a meu ver, não tinha culpa.

(1) Tacitus, *Annal.*, 1. XIV, c. IX.

Quantas pessoas há, que de boa-vontade morreriam por um amigo e não se sujeitariam a servi-lo e a obedecer às suas ordens. Há quem exponha a vida, e não exporia a bolsa. E posto que se encontre quem exponha a vida por um amigo, na extensão dum século talvez se não encontre um só que queira empenhar a liberdade ou perder a mais insignificante parcela da mais vã e inútil reputação e fama, por quem quer que fosse.

CAPÍTULO IX

Confirma-se o que ficou dito com uma notável comparação

Já sabes, Teotimo, como foram os amores de Jacob à sua Raquel ⁽¹⁾; o que ele não fez para provar a força e a fidelidade desse amor, desde o momento em que a saudou junto ao poço do caminho!... Desde esse instante não deixou de suspirar por ela e, para a receber em casamento, serviu com zelo incomparável durante sete anos incompletos, que lhe pareceram nada, porque o amor dulcificava os trabalhos que sofria pela sua prometida.

Privado novamente de realizar o que ambicionava, serviu de novo outros sete anos para a lograr, com toda a constância, lealdade e coragem da sua dilecção. Quando, por fim, chegou a alcançá-la, desprezou todas as outras afeições, esquecendo até os deveres para com a pobre Lia, sua primeira esposa, mulher de grandes virtudes e tão digna de ser estimada que até Nosso Senhor se compadeceu do grande desprezo, que ela padecia injustamente.

Depois de tudo isto, que era de sobra a cativar a mais ativa donzela ao amor de tão fiel amante, é altamente vergonhosa a fraqueza que Raquel manifestou no amor a Jacob ⁽²⁾.

(1) Gen., XXIX. — (2) Ibid., XXX, 14-16.

Entre Lia e Jacob já não existia nenhum laço de amor, senão o ela ter dado a seu marido quatro filhos varões. O mais velho, chamado Ruben, voltando uma tarde do campo, em tempo de colheitas, ofereceu à mãe um ramo de mandrágoras ⁽¹⁾ que tinha apanhado.

Raquel, observando isto, disse à irmã: *Lia, dá-me dessas mandrágoras que teu filho te trouxe.* Lia respondeu-lhe então com estas palavras de profunda amargura: «Parece que não estás ainda satisfeita com teres-me arrebatado o precioso amor de meu marido... até te apetece as mandrágoras que meu filho me traz...

— Ora, replicou Raquel, dá-me as mandrágoras que, em troca, te dispensarei por esta noite o meu Jacob.

A condição foi aceita e quando Jacob, ao escurecer voltou dos campos, esperava-o Lia, impaciente por adquirir os seus antigos direitos de esposa. Correu, pois, ao encontro dele e disse-lhe: Ah! meu senhor, hoje comprei por um punhado de mandrágoras a felicidade de ser, por uma noite, novamente tua esposa.

E contou-lhe como fizera o contrato com a irmã.

Que se saiba, Jacob não teve uma palavra, um gesto sequer com que respondesse a Lia. A meu ver, emudeceu-o e magoou-o profundamente a volubilidade e inconstância de Raquel, que, por tão pouco, trocava a dignidade de esposa e menosprezava a companhia de tão extremoso marido.

Realmente, Teotimo, quem poderá desculpar a leviandade estranha de Raquel, ao trocar por umas poucas de maçãs os castos amores de seu terno esposo?! Se o fizesse por um reinado, mas por um mesquinho punhado de mandrágoras! que te parece, Teotimo?

E contudo, aplicando a nós o caso, quantas vezes, meu Deus! não fazemos nós trocas ainda mais vergonhosas e miseráveis! O grande Santo Agostinho ⁽²⁾ deu-se um dia ao cuidado de ver e apreciar detidamente as tais mandrá-

(1) Planta da grande família dos *cotyledons* ou concelos, cujos frutos e ramagens tem aplicações terapêuticas. O fruto é de gosto desagradável.

(Nota do tradutor).

(2) Contra Faustum, 1. XXII, c. LVI.

goras para melhor avaliar o motivo pelo qual Raquel as poderia desejar com tamanho empenho. Achou-as em verdade formosas à vista e de aroma agradável, mas totalmente insípidas ao paladar.

Plínio explica ⁽¹⁾ que alguns cirurgiões empregam o sumo das mandrágoras para narcotizar os doentes que têm de sofrer alguma operação dolorosa, sucedendo que alguns não chegam a bebê-lo, adormecendo só com o cheiro activo da bebida. Também se considera como planta de feitiço por encantar a vista, as dores, os pesares e as paixões por meio de um sono plácido.

De resto é perigosa, porque emudece os que lhe aspirarem demoradamente o aroma e mata irremissivelmente os que abusarem do sumo dela.

É possível, Teotimo, retratar com mais fidelidade as pompas, as riquezas e os prazeres mundanos? Também estes têm uma aparência feitiçeira, mas quem provar dessas maçãs, isto é, quem lhes sondar a natureza sem paixão, não lhes encontra gosto nem se sente feliz; contudo, muitos há que se deixam enfeitiçar e adormecem ao aroma da vaidade, e a fama que o mundo lhes concede deslumbra e adormece quem usa e abusa de tão perigoso fruto.

É por causa dessas mandrágoras, quimeras e fantasmas de felicidade, que abandonamos os amores do celeste Esposo: como havemos, pois, de dizer que o amamos sobre todas as coisas, se preferimos assim à sua graça tão mesquinhas vaidades?

Que deplorável desastre não é ver que David, tão grande em vencer o ódio, tão corajoso em perdoar as injúrias, era tão furiosamente injurioso no amor ⁽²⁾ que, não contente com a legítima posse de tantas mulheres, vai iniquamente usurpar e seduzir a do infeliz Úrias, matando-o cruelmente para mais à sua vontade gozar dessa união criminosa!

Quem não há-de admirar o coração de S. Pedro, tão intrépido no meio dos soldados armados, que foi o único dos Discípulos que empunhou o ferro e feriu? ⁽³⁾ Pois foi esse

⁽¹⁾ Hist. nat., 1. XXV, c. XIII (al XCIV). — ⁽²⁾ II Reg., XI. — ⁽³⁾ Mat., XXVI, 51.

mesmo que, pouco depois, foi covarde à voz duma mísera serva, até o ponto de renegar o seu divino Mestre ⁽¹⁾.

À vista de tais exemplos, não podemos estranhar grandemente que Raquel trocasse os carinhos de Jacob pelas mandrágoras, porque também pela maçã que a serpente lhes ofereceu já Adão e Eva trocaram a graça.

Em resumo, Teotimo, vou fazer-te uma observação, que deves considerar atentamente. Os heréticos são heréticos e usam esse nome, porque dos artigos da fé escolhem a seu gosto e à sua vontade os que lhes parecem bons para acreditar, e rejeitam e condenam os outros. Os Católicos são Católicos, porque abraçam sem escolha nem excepção e com igual firmeza a fé da Igreja.

Sucede o mesmo com os artigos da caridade: na dilecção sagrada é heresia escolher alguns dos mandamentos de Deus para os praticar e violar os outros. Aquele que disse: *Não matarás*, também disse: *Não serás luxurioso; porque se não matares e fores luxurioso* ⁽²⁾, não é pelo amor que deixas de matar, mas outro qualquer motivo te leva a escolher este mandamento de preferência a outro. E essa escolha, em matéria de caridade, redunde em heresia.

Se um indivíduo me dissesse que me não cortava um braço por me tributar amizade, e todavia me quisesse arrancar um olho, esmigalhar o crânio, ou varar-me com homicida arma de lado a lado, eu havia de dizer-lhe indignado: Que amor é esse que não consente que me cortes um braço e deixa que me tires a minha preciosa vista, ou me vares com a tua espada, o que é mil vezes pior?

Há uma máxima que diz ⁽³⁾: «o bem procede duma causa verdadeiramente total, e o mal de qualquer falta». Para realizar um acto de verdadeira caridade, é preciso que ele proceda dum amor total, geral e universal; porque, se nos falha o amor num mandamento que seja, já o nosso amor não é total nem universal, e o coração em que ele reside não se pode considerar verdadeiramente amante, nem por consequência verdadeiramente bom.

⁽¹⁾ Mat., vv. 69-74. — ⁽²⁾ Jacobi, II, II, ordine inverso. — ⁽³⁾ S. Dionys. Areopag., De Divinis Nomin., c. IV, § XXX.

CAPÍTULO X

**Como devemos amar a divina bondade soberanamente
mais do que a nós mesmos**

Aristóteles teve razão quando disse que o bem era realmente digno do maior apreço, e, mais especialmente, o bem próprio, tanto que o amor que temos ao próximo, deriva do que temos a nós mesmos ⁽¹⁾. E que outra coisa podia dizer o filósofo, sendo certo que ele não amava a Deus, nem aludia quase nunca ao amor de Deus?

E todavia o amor de Deus precede todo o amor, até o de nós mesmos, pela inclinação natural da nossa vontade, como já expus no primeiro Livro ⁽²⁾.

A vontade dedica-se, direi mesmo, consagra-se de tal modo à bondade quando esta se lhe manifesta claramente que é impossível sem milagre deixar de a amar soberanamente. Os bem-aventurados sentem-se arrebatados, movidos, posto que não sejam forçados, a amar a Deus, cuja bondade suprema tem a dita de ver claramente.

A Escritura demonstra-o à evidência ⁽³⁾ quando compara a alegria que trasborda do coração desses gloriosos habitantes da Jerusalém celeste a uma *torrente e rio impetuoso*, cujas águas abundantes alagam as planícies que o ladeiam.

Mas nesta vida mortal, Teotimo, não podemos ser incitados a amá-lo tão soberanamente, pois que o não conhecemos em todo o seu esplendor. No Céu, onde havemos de vê-lo *face a face* ⁽⁴⁾, amá-lo-emos de coração a coração. Havemos todos de ver, cada um na proporção de seus méritos, a infinidade da sua beleza, numa visão tão soberanamente clara que havemos de sentir-nos arrebatados no amor da sua infinita bondade, em arrebatos tão extraordinários que nem

⁽¹⁾ Ethica ad Nicom., 1. VIII, c. II. 1. IX, c. IV.— ⁽²⁾ Chap. XVI.
— ⁽³⁾ Ps. XXXV, 9, XLV, 4. — ⁽⁴⁾ I Cor., XIII, 12.

forças nem vontade teremos, para lhe opor a mínima resistência.

Porém, no mundo, sem nos ser dado ver a soberana bondade em sua beleza imensa, mas entrevedendo-a apenas por entre obscuridades, sentimo-nos sinceramente inclinados e atraídos, mas não impelidos, a amá-la mais que a nós mesmos.

Pelo contrário, posto que sintamos a santa inclinação de amar a Divindade sobre todas as coisas, não temos contudo a força de a pôr em prática, se essa mesma Divindade não difundir sobrenaturalmente em nossos corações a santíssima caridade.

Ora, é certo que, assim como a visão clara da Divindade produz infalivelmente a necessidade de a amarmos mais do que a nós mesmos, assim também a previsão, isto é, o conhecimento natural da Divindade produz infalivelmente a inclinação e tendência para a amarmos mais do que a nós mesmos. Ah! por favor, Teotimo, sendo a vontade destinada a amar o bem, como poderia conhecer, pouco que fosse, um tão soberano, sem para logo se sentir inclinada, pouco ou muito, a amá-lo soberanamente?

Entre todos os bens não infinitos, a nossa vontade prefere sempre em seu amor o que lhe for mais próximo e especialmente o próprio bem; mas havendo tão pouca proporção entre o infinito e o finito, sente-se movida, propensa e impelida a preferir a amizade do abismo dessa bondade infinita a todos os outros amores e até inclusivamente ao amor de nós mesmos.

E esta inclinação é mormente imperiosa porque nós estamos mais em Deus do que em nosso ser, vivemos mais n'Ele do que em nós ⁽¹⁾, e de tal modo lhe pertencemos que não poderíamos, reflectidamente, pensar no que somos para Ele, e no que Ele é para nós, sem nos sentirmos obrigados a exclamar: *Eu sou vosso*, Senhor ⁽²⁾, nem devo pertencer senão a Vós; a minha alma é vossa, e não deve viver senão para Vós; a minha vontade é vossa, e não deve amar a ninguém senão por vosso amor; o meu amor é vosso, e não

(1) Act., XVII, 28. — (2) Ps. CXVIII, 94.

deve visar senão a Vós. Devo amar-vos como meu primeiro princípio, porque vim de Vós; devo amar-vos como meu fim supremo e meu repouso, porque fui criado para Vós; devo amar-vos mais do que ao meu ser, porque este ser subsiste por Vós; devo amar-vos mais do que a mim próprio, porque vos pertenco e resido em Vós.

Se existisse ou pudesse existir uma bondade soberana da qual fôssemos independentes, mas à qual nos pudéssemos unir por amor, seríamos impelidos a amá-la mais do que a nós mesmos, porque a sua suavidade infinita seria sempre incomparavelmente mais forte para atrair a nossa vontade ao seu amor que todas as outras bondades, incluindo a nossa.

E se, por uma suposição impossível, houvesse uma infinita bondade com a qual não tivéssemos ligação alguma, nem pudéssemos ter contacto nem união de nenhuma espécie, ainda a apreciaríamos mais do que a nós; conhecendo que ela era infinita, seria sempre mais apreciável e digna de preito do que nós, e poderíamos aspirar a amá-la; mas a falar com propriedade, não a amaríamos, porque o amor supõe união; muito menos poderíamos exercer para com ela a caridade, porque a caridade é uma forma de amizade e a amizade só pode ser recíproca: há-de ter por alicerce a comunicação, e a união por fim supremo.

Isto que digo é para orientar alguns espíritos quiméricos e vãos, que se perdem em imaginações impertinentes, donde resultam frequentemente pensamentos melancólicos, que os afligem grandemente.

Porém, quanto a nós, meu caro Teotimo, vemos perfeitamente que não podemos ser verdadeiros homens sem a inclinação de amar a Deus mais do que a nós mesmos, nem verdadeiros cristãos, sem pôr em prática essa inclinação. Amemos, pois, mais do que a nós mesmos Aquele que para nós é mais do que tudo e mais do que nós mesmos.

Praza a Deus que assim seja!

CAPÍTULO XI

Como da santa caridade deriva o amor do próximo

Como Deus criou o *homem à sua imagem e semelhança*, assim impôs ao homem um amor à imagem e semelhança do amor que é devido à sua Divindade: *Amarás*, disse ele ⁽¹⁾, *o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração; é o primeiro e o maior dos mandamentos. O segundo é semelhante a este: Amarás o próximo como a ti mesmo.*

Por que amamos a Deus, Teotimo? «A causa por que amamos a Deus, diz S. Bernardo ⁽²⁾, é Deus mesmo»; que é como se dissesse que amamos a Deus por ser a soberaníssima e infinitíssima bondade. Porque é que nos amamos a nós mesmos em caridade? Indubitavelmente, por sermos a *imagem e a semelhança* de Deus.

E visto que todos os homens têm essa mesma dignidade, amamo-los também como a nós mesmos, isto é, na qualidade de santíssimas e vivas imagens da Divindade.

É nessa qualidade que nós pertencemos a Deus, com tão estreita aliança e tão estimável dependência, que não tem dificuldade em se dizer nosso *Pai* e chamar-nos seus *filhos* ⁽³⁾; é nessa qualidade que temos a capacidade de nos unirmos à sua divina essência, pelo gozo da sua soberana bondade e felicidade; é nessa qualidade que recebemos a sua graça e nosso espírito se associa ao seu *fazendo-nos participar*, por assim dizer, *da sua natureza divina* ⁽⁴⁾; como diz S. Leão ⁽⁵⁾. É assim que a mesma caridade que produz os actos de amor de Deus, produz igualmente os do amor do próximo.

Por isso Jacob compreendeu que aquela escada, que subia da terra ao Céu, tanto servia para os Anjos descerem

(1) Mat., XXII, 37-39.—(2) De dilig. Deo, inftio.—(3) I Joan., III, 1, 2.—(4) II Petri, 1, 4.—(5) Sermo XII, § 1.

como para subirem os homens ⁽¹⁾. Também nós sabemos que a mesma dilecção abrange o amor de Deus e o do próximo, levantando o nosso espírito à união com Deus e reconduzindo-o à amável sociedade do próximo.

Amamos, todavia, o próximo enquanto é a imagem e a semelhança de Deus, criada para comunicar com a divina Bondade, participar da sua graça e gozar da sua glória.

Amar o próximo, por caridade, é amar a Deus no homem, ou ao homem em Deus. É estimar a Deus, pelo amor de si mesmo, e à criatura por amor d'Ele. O jovem Tobias, acompanhado do anjo Rafael, aproximou-se de Raguel, seu parente, que o não conhecia.

Raguel, apenas lhe lançou os olhos, diz a Escritura ⁽²⁾, *voltou-se para Ana, sua mulher, e disse-lhe: Repara como este mancebo se parece com meu primo.*

E depois disto, perguntou-lhes: *De onde sois, mancebos e meus queridos irmãos?* Ao que eles responderam: *Somos da tribo de Neftalí, do cativo de Nínive.* Então disse-lhes: *Conheceis meu irmão Tobias?* — *Conhecemos, disseram.* E como Raguel falasse dele com grande consideração e elogio, o Anjo disse-lhe: *Esse Tobias, por quem nos perguntas, é o pai deste.* Então Raguel adiantou-se, e beijando-o com lágrimas de ternura, encostou-se ao peito de Tobias e exclamou: *Abençoado sejas tu, meu filho, que descendes de um tão bom e justo varão. E a bondosa Ana, mulher de Raguel, com sua filha Sara, puseram-se também a chorar de doce comoção.*

É preciso notar, Teotimo, que Raguel, sem conhecer ainda ao moço Tobias, o abraça, o afaga, o beija e chora enternecido com ele. De que provém este amor, senão do que ele tributava ao velho Tobias, pai, com quem essa criança se parecia tão extraordinariamente? *Bendito sejas tu*, disse ele; mas porquê? com certeza não foi por lhe ver boas qualidades, pois que o não conhecia ainda, mas *por seres filho* e te pareceres com meu irmão, que *é um homem de bem.*

Ah! meu caro Teotimo, quando contemplamos o nosso

(1) Gen., XVIII, 12. — (2) Tobiae, XVII, 1-8.

próximo, criado à *imagem e semelhança* de Deus, devíamos dizer uns para os outros: Reparaí para esta criatura, como ela se parece com o nosso Criador? e devíamos abraçá-la com carinho, rodeá-la das nossas atenções e chorar de amor por ela; devíamos rogar a Deus que lhe concedesse mil bênçãos. Mas porquê? por amor dela? Não, porque não sabemos se ela é *digna de amor ou de ódio* ⁽¹⁾. Então porquê? Ah! Teotimo, pelo amor de Deus, que a formou à *sua imagem e semelhança*, e a tornou, por consequência, capaz de participar pela sua bondade na graça e na glória; pelo amor de Deus, a quem essa criatura pertence, para quem é, por quem existe, em quem vive e com quem se assemelha dum modo particular.

Esse o motivo pelo qual o amor divino não só recomenda com insistência o amor do próximo, mas o inspira e difunde no coração humano, como imagem e semelhança do seu próprio amor,

Assim como o homem é a imagem de Deus, assim o santo amor do homem pelo homem é a verdadeira imagem do celeste amor do homem para com Deus.

Porém o amor do próximo é assunto para um tratado à parte. Eu rogo ao soberano Amante dos homens se digne inspirá-lo a algum dos seus mais dignos e competentes servos, porque a perfeição do amor da divina bondade do Pai celeste consiste na perfeição do amor aos nossos semelhantes, que são nossos irmãos,

CAPÍTULO XII

Como o amor origina o zelo

O amor, assim como tende ao bem do objecto amado, comprazendo-se nele, se o alcançou, ou desejando-lho e procurando-lho, se o não possui, assim origina o ódio, pelo qual

(1) Ecles., IX, I.

afasta o mal contrário ao objecto amado, ou desejando e tentando desviá-lo dele se já está sob o seu domínio, ou evitando e impedindo a sua vinda se ainda não chegou; porém se o mal não pode já ser evitado, nem afastado, o amor não deixa contudo de o aborrecer e detestar. Quando o amor é ardente e chegou à perfeição de querer suprimir, afastar e impedir tudo o que pode ser nocivo ao objecto amado, chama-se zelo; de modo que, em sua significação mais própria, o zelo não é mais do que o amor em seu ardor mais intenso, ou antes o intenso ardor que no amor pode existir.

Por conseguinte, como for o amor, assim há-de ser o zelo: se o amor for bom, o zelo será bom, e se o amor for mau, o zelo é necessariamente mau.

Quando me refiro ao zelo, incluo também o ciúme, porque o ciúme é uma espécie de zelo; e, se não estou em erro, uma só diferença há entre os dois a saber: o zelo tem em vista todo o bem do objecto amado, e procura afastar o mal contrário; o ciúme tem em vista apenas o bem particular da amizade, e tenta repelir tudo o que se lhe opõe.

É por isso que, quando amamos ardentemente as coisas mudadas e temporais, a beleza, as honras, as distinções, este zelo, ou antes, a veemência deste amor, degenera em inveja, porque essas coisas mesquinhas são tão pequenas, tão relativas, limitadas, finitas e imperfeitas, que para um as possuir, não pode outro possuí-las inteiramente, de modo que, sendo possuídas por muitos, a posse delas por cada um é imperfeita.

Mas quando em particular nós desejamos ser amados com ardor, o zelo, ou a veemência desse amor, degenera em ciúme; porquanto a amizade humana, posto que seja uma virtude, tem a imperfeição de, em razão da nossa fraqueza, e quando repartida por muitos, tornar-se mais pequena para cada um.

Eis porque o ardor ou o zelo que temos em ser amados, não pode suportar rivais ou companheiros; e se imaginamos tê-los, eis-nos caídos na paixão do ciúme, que em certo modo tem as suas parecenças com a inveja, mas não deixa contudo de ser muito diferente dela.

1. A inveja é sempre injusta e o ciúme muitas vezes é justo, se for moderado. Os casados, por exemplo, tem razão

para não admitir que o seu amor sofra diminuição pela partilha.

2. Pela inveja sentimos tristeza por o próximo receber um bem maior ou igual ao nosso; nisto a inveja não é razoável porque considera o bem do próximo mal para nós. O ciúme nunca se contrista com o bem do próximo, desde que o não prejudique no seu; o cioso não se dói que o seu companheiro seja amado por outras mulheres, desde que o não seja pela sua, porque até em rigor, nós não temos ciúmes dum rival senão no caso de ele ter alcançado o amor da pessoa querida por nós; mas se não for assim, se no fundo se descobrir outra paixão, então não é ciúme, é inveja.

3. Nunca presumimos imperfeição naquele que invejamos, mas ao contrário supomos nele o bem que lhe invejamos; todavia imaginamos sempre que a pessoa de quem somos ciosos é imperfeita, inconstante, volúvel e corruptível.

4. O ciúme procede do amor; a inveja, pelo contrário, procede da falta dele.

5. O ciúme nunca existe senão em matéria de amor; a inveja estende-se a todos os campos: à riqueza, às honras, aos favores, à beleza, etc.. Se houver quem seja invejoso do amor dedicado a outrem, esse não abrigará amor, mas algum fruto degenerado dele; um invejoso pouco se preocupa que um seu colega seja estimado pelo rei ou pelo seu superior, o que não quer é que ele seja gratificado nem distinguido por seus nobres feitos.

CAPÍTULO XIII

Como Deus é cioso de nós

Disse Deus: *Eu sou o Senhor teu Deus, forte e cioso; o Senhor quis para si o nome de cioso* ⁽¹⁾. Deus é, pois, cioso, Teotimo; mas qual é a espécie do seu ciúme? Parece

(1) Exod., XX, 5, XXXIV, 14.

a princípio um ciúme como o dos maridos pelas esposas; porque quer que sejamos de tal modo seus, que não pertençamos de forma alguma a mais ninguém. *Ninguém*, disse Ele ⁽¹⁾, *pode servir a dois senhores*. Jesus pede e quer *tudo* o nosso coração, *toda* a nossa alma, *tudo* o nosso espírito, *todas* as nossas forças ⁽²⁾, por isso se chama nosso Esposo, e chama às nossas almas esposas, considerando toda e qualquer separação como infidelidade, como adultério.

E com efeito é de justiça que um Deus essencialmente tão bom, queira inteiramente todo o nosso coração, porque, sendo este tão pequeno, não pode conter bastante amor para amar dignamente a divina Bondade: não é, pois, justo que, não sendo nós capazes de tributar a Deus o amor conveniente, lhe demos ao menos todo aquele de que somos capazes? O bem soberanamente amável não deverá ser soberanamente amado? Pois amar soberanamente é amar totalmente.

Todavia o ciúme que Deus tem por nós, não se parece com o ciúme da concupiscência: é um ciúme de suprema amizade porque amar a Deus não é interesse d'Ele, mas nosso. O nosso amor é-lhe inútil, mas para nós é de grande proveito; e, se lhe é agradável, é porque reverte em proveito nosso. Ele é o supremo bem, e por isso se compraz em comunicar-se-nos pelo seu amor, sem que por isso receba em retribuição bem algum.

Por isso exclama ⁽³⁾, queixando-se dos pecados, como espécie de ciúme: *Deixaram-me, a mim, que sou a fonte de água viva, e fugiram para as cisternas de águas estagnadas, cisternas fendidas, que não podem vedar as águas*.

Repara, Teotimo, como este divino Amante exprime delicadamente a nobreza e generosidade do seu ciúme: *Deixaram-me*, diz ele, *a mim que sou a fonte de água viva*; como se dissesse: Eu não me queixo por me deixarem, pois nenhum prejuízo me resulta desse abandono. Que prejuízo resulta para a fonte viva, se não vierem dessedentar-se em suas águas? deixa por isso de correr e fecundar a terra? Mas lastimo a infelicidade dos que me abandonaram, para

⁽¹⁾ Mat., VI, 24. — ⁽²⁾ Deut., VI, 5; Mat., XXII, 37. — ⁽³⁾ Jerem., II, 13.

irem em busca de poços que nem água têm. Se pudesse conceber-se que encontrassem outra fonte de água viva, suportaria de boamente que me deixassem, pois nada ambiciono senão a sua felicidade; mas deixarem-me para perecerem, abandonarem-me para se precipitarem, isso é que me admira e faz indignar por tamanha loucura.

É, portanto, por amor de nós que Ele quer que O amemos, porque não podemos deixar de O amar sem começarmos a perder-nos, resultando perdidos para nós todos os affectos que lhe recusamos.

Coloca-me, diz o divino Pastor à Sulamita ⁽¹⁾, *coloca-me como selo em teu coração, como um sinete no teu braço*. Certamente a Sulamita havia de ter o coração repleto do amor celeste do seu querido Amante, mas este, posto que o possuísse totalmente, não se contentava, mas com uma santa desconfiança de ciúme, quer residir no coração que o possui e selá-lo com a sua própria imagem, para que não saia a mínima parcela do seu amor, nem possa entrar mistura alguma de amores profanos.

O Senhor não poderia satisfazer-se ou saciar-se no amor que trasborda do coração da sua Sulamita, se ela não fosse sempre constante, toda pura e exclusivamente devotada ao seu Amante. E para gozar não só dos affectos da nossa alma, mas da obra de nossas mãos, quer ainda ser colocado como um sinete em nosso braço direito, para que este se não estenda, nem se empregue senão em seu serviço.

A causa desta exigência do divino Amante ⁽²⁾ é que, sendo *a morte* tão forte que separa a alma de tudo e até da própria carne, o amor sagrado, quando atinge o grau do zelo, separa e afasta a alma de todas as outras afeições, expurgando-a de toda a mescla.

O amor, nessa altura, é não só *tão forte como a morte*, mas é austero, inexorável, *duro* e implacável em castigar a ofensa que se lhe faz, admitindo rivais; é implacável como o *inferno* em castigar os condenados. E como o inferno, cheio de horrores, de raivas e cruezas não admite em si a mínima parcela de amor, assim também o amor cioso não admite a

(1) Cant., ult., 6 — (2) Ibid..

menor parcela de outros affectos estranhos, reclamando-os todos para o seu Amado.

Não há meiguice que se compare com a do pombo: mas não há crueldade que iguale a sua, se o ciúme o assalta. Se nunca reparaste nisso, observa-o, Teotimo, e verás como ele, sempre tão pacífico, se, ao pousar do voo der com a companhia entre outros pombos, já não domina a desconfiança e mostra-se violento e intratável.

Começa por rodeá-la, com modos arrogantes, a rosnar, a saltitar, a acometê-la com bicadas, fustigando-a com as asas.

E contudo sabe que a sua pomba lhe é fiel e bem a vê, em toda a alvura da sua inocência.

Um dia Santa Catarina estava em um arrebatamento que a não privava do uso dos sentidos, e enquanto Deus lhe patenteava as suas maravilhas, um irmão da santa passou com tal ruído que a distraíu, a ponto de lhe volver os olhos por um momento, apenas.

Esta distracção de tão breves instantes, e sucedida de improviso, não constituiu pecado nem infidelidade; foi, se tanto, uma esvaída sombra de pecado ou uma pálida imagem de infidelidade. Pois a Santíssima Mãe do celeste Esposo, repreendeu-lha tão severamente e o glorioso S. Paulo exprobrou-lha tanto que a Santa se desfez em lágrimas.

David, convertido à graça, por meio de um amor tão perfeito, como foi ele tratado por causa do pecado venial que cometeu com o recenseamento do seu povo? ⁽¹⁾

Quem quiser ver esse ciúme descrito primorosamente, com a delicada subtilidade, inata numa alma de eleição, tem de ler os ensinamentos da seráfica Santa Catarina de Génova, destinados a demonstrar as propriedades do puro amor.

Entre eles, a Santa inculca e põe em relevo o seguinte ⁽²⁾: O amor perfeito, isto é, o amor elevado até ao zelo, não tolera intervenção ou interposição alguma, não admite associação nem mesmo dos dons de Deus; chega ao rigor de não permitir que queiramos o Paraíso, senão pelo facto de lá amarmos mais francamente a bondade d'Aquele que o formou. As lâmpadas desse puro amor não tem azeite, pavio, nem

(1) II Reg., XXIV. — (2) Anon., in vita ejus, cc. XVIII, XXXVII.

fumo; são todas *fogo e chama* e nada existe na terra que as possa *apagar* ⁽¹⁾; e aqueles que seguram em *suas mãos* essas *lâmpadas ardentes* ⁽²⁾, têm o santo temor das castas esposas, e não o das mulheres adúlteras.

As primeiras e as segundas temem, mas dum modo totalmente diverso, diz Santo Agostinho ⁽³⁾: a esposa casta receia a ausência do marido, a adúltera teme-lhe a presença; aquela receia que ele vá, esta teme que ele fique; aquela é tão amorosa, tão terna que se torna ciosa, esta não é ciosa, porque não tem amor ao marido; esta teme ser castigada, e aquela teme não ser amada, ou antes, em rigor, ela não teme não ser amada, como fazem as outras ciosas que se amam só a si e querem ser amadas; o que ela receia é não amar suficientemente aquele que ela reconhece tão amável que lhe parece não o estimar dignamente e à altura da grandeza do seu amor, como já demonstrei em outro lugar.

O ciúme da esposa casta, não é esse ciúme vulgar e interesseiro; é o ciúme puro, que não procede da concupiscência, mas da mais nobre e simples amizade; ciúme que depois se estende até ao próximo, com o amor do qual procede. Já que amamos ao próximo como a nós mesmos, pelo amor de Deus, também devemos ser ciosos dele pelo mesmo Deus ⁽⁴⁾, como o somos de nós mesmos, de modo que devemos aceitar a morte, para impedir que ele morra.

Como o zelo é um ardor inflamado ou uma inflamação ardente do amor, carece de ser praticado com a máxima prudência e circunspecção; se assim não for, os limites da modéstia, da moderação, serão violados, facilmente passaremos do zelo à cólera e duma justa afeição a uma iníqua paixão.

Não vindo aqui a propósito o indicar-te as condições do zelo, meu Teotimo, só te previno de que, para a realização dele, hás-de recorrer sempre àquele que Deus te deu para orientar a tua vida devota.

(1) Cant., ult., 6, 7. — (2) Luc., XII, 35. — (3) I Ps. CXXVII, § 8.
— (4) II Cor., XI, 2.

CAPÍTULO XIV

Do zelo ou ciúme que temos por Nosso Senhor

Um cavaleiro quis um dia que um famoso artista ⁽¹⁾ lhe pintasse o cavalo a correr. Concluído o trabalho, o pintor apresentou-lhe o retrato do cavalo caído de costas, como se se houvesse despenhado de grande altura. O cavaleiro, ao examinar o quadro, zangou-se e ia dar largas ao seu desgosto, quando o pintor, invertendo o quadro, lhe disse: Não é caso para tamanha contrariedade; para mudar o aspecto do cavalo caído na do cavalo em carreira, basta voltar o quadro com a parte de cima para baixo, ou vice-versa.

Teotimo: quem quiser saber como há-de ser o zelo que devemos ter por Deus, não tem mais do que inverter o zelo que vota às coisas humanas; tal deve ser o que Deus requer para si.

Façamos o paralelo entre os que gozam da resplandecente luz do sol e os que apenas têm para se alumiar uma simples lâmpada: aqueles não carecem de ser invejosos, nem ciosos uns dos outros, porque conhecem que aquela luz chega para todos, e que, por alguns gozarem dela, não ficam os outros prejudicados, nem a recebem menos intensa.

Por a gozarem todos em geral, não deixa cada um de a possuir em particular. Mas, com a lâmpada, já não succede o mesmo; ela é pequena, sem extensão nem intensidade para muitos; se um a levar para o seu quarto, ficam os outros às escuras, e de aí vem a inveja.

O bem das coisas humanas é tão mesquinho, tão vil, que, quando chega a um, falha aos outros; e o affecto humano, tão restrito e tão débil, que, para se comunicar a uns, enfraquece para os outros; esse é o motivo porque nos sentimos atacados de ciúme quando em nossos affectos temos rivais.

(1) Pauso.

Porém o coração de Deus é tão abundante em amor, a sua graça é de tal modo infinita, que todos podem participar dela sem que por isso os outros a possuam menos: a infinidade dessa bondade nunca poderá esgotar-se, ainda que dela estivessem repletos todos os espíritos do universo.

Por muito que o Senhor nos cumulasse de graças, a sua infinidade permanecia íntegra, sem nenhuma diminuição. O sol não aquece menos uma rosa, juntamente com mil milhões destas flores do que se fosse essa rosa a única flor do mundo.

Também Deus não dardejia menos o seu amor sobre uma alma, ainda que ame juntamente uma infinidade delas, do que se amasse só aquela: a força da sua dilecção não enfraquece por se multiplicar em imensos raios, porque fica sempre na plenitude da sua imensidade.

1. Em que consistirá, pois, o zelo ou o ciúme que devemos ter pela divina Bondade? Teotimo, a missão dos que são zelosos em primeiro lugar é aborrecer, evitar, impedir, detestar, repelir, combater e fulminar, se possível for, tudo o que seja contrário a Deus, isto é, à sua vontade, à sua glória e à santificação do seu nome.

Odiel a iniquidade, disse David, *e abominei-a* ⁽¹⁾. *Aqueles a quem odiais, Senhor, como não hei-de eu odiá-los e encher-me de pesar, por causa dos vossos inimigos?* ⁽²⁾ *O meu zelo pasma de admiração ao ver como se esquecem das vossas palavras os meus inimigos* ⁽³⁾. *Amanhã começaria a matar todos os pecadores do universo, se assim conseguisse destruir e exterminar todos os cobreiros da iniquidade* ⁽⁴⁾.

Este grande Rei, Teotimo, sente-se animado de um zelo tal que põe as paixões da sua alma ao serviço dum ciúme santo: não só aborrece a iniquidade, como a abomina, define-se de mágoa ao presenciá-la, desfalece-lhe o ânimo, o coração oprime-se-lhe de dor, e então persegue-a, destrói-a, extermina-a.

Também Fineas ⁽⁵⁾, possuído dum santo zelo, varou

⁽¹⁾ Ps. CXVIII, 163.—⁽²⁾ Ps., CXXXVIII, 21.—⁽³⁾ Ps. CXVIII, 139.
—⁽⁴⁾ Ps. C, ult.—⁽⁵⁾ Num., XXV, 8.

com uma cutilada o desaforado Israelita e a impúdica Madianita, por os encontrar em flagrante delito de sensualidade. Assim o zelo que devorava o coração do nosso Salvador também o levou a expulsar e castigar a irreverência e profanação que no Templo cometiam os vendilhões ⁽¹⁾.

2. O zelo faz-nos ardentemente ciosos da pureza das almas que são esposas de Jesus Cristo, no dizer do santo Apóstolo aos Coríntios ⁽²⁾: *Eu sou cioso de vós, desse ciúme do Senhor, porque vos prometi a um homem, isto é, comprometi-me a entregar-vos a Jesus Cristo, como castas virgens.*

Eliezer sentir-se-ia atrozmente ferido pelo ciúme, se visse a casta e formosa Rebeca, que conduzia para esposa do filho do seu senhor, correr o risco de ser violada, e sem dúvida diria a essa santa donzela: Eu sou cioso de vós, do zelo que tenho por meu amo, porque vos levo como noiva a um homem, e como tal vos tenho de entregar virgem casta ao filho do meu senhor Abraão.

O mesmo quer dizer o glorioso S. Paulo aos Coríntios: Eu fui enviado por Deus às vossas almas para tratar o casamento da eterna união entre seu Filho, nosso Salvador, e vós; *eu prometi-vos a ele e quero entregar-vos como virgens castas, a esse divino Esposo*; e eis porque *eu sou cioso*, não do meu ciúme, mas *do zelo de Deus*, em nome de quem faço contrato convosco.

Este zelo, Teotimo, fazia desfalecer e morrer dia a dia o santo Apóstolo: *morro dia a dia*, diz ele, *pela vossa glória* ⁽³⁾. Quem é que enferma, que me não faça adoecer também? quem foi scandalizado, que me não visse também ferido? ⁽⁴⁾

Reparai, diziam os Antigos ⁽⁵⁾, no amor, no cuidado, no zelo que uma galinha tem pelos seus pintainhos (Nosso Senhor não julgou esta comparação indigna do seu Evangelho) ⁽⁶⁾. A galinha é uma galinha, isto é, não passa de uma ave sem coragem nem generosidade alguma, enquanto não é mãe; mas quando o chega a ser, ei-la com coração de

(1) Joan., II, 14-17. — (2) II Ep., XI, 2. — (3) I Cor., XV, 31. —

(4) II Cor., XI, 29. — (5) In locum Mat. infra citatum. — (6) Mat. XXIII, 37.

leão, sempre de cabeça erguida, sempre de olhar vigilante, sempre perscrutando por todos os lados, ainda que não veja vislumbre de perigo para os filhos; se surgisse algum inimigo, arrancar-lhe-ia os olhos, em defesa da sua querida ninhada, por quem vela sempre, cacarejando e chamando. Se lhe morre um pintainho, que pesar o dela! que cólera! E o zelo dos pais e mães pelos filhos, dos pastores pelas suas ovelhas, dos irmãos pelos irmãos.

Que zelo o dos filhos de Jacob, quando souberam que Dina fora violada! ⁽¹⁾ Que zelo o de Job, sob a apreensão e o receio de que os filhos ofendessem a Deus! ⁽²⁾ Que zelo o de S. Paulo por *seus irmãos, segundo a carne*, e por seus filhos, em Jesus, por amor dos quais chegou a *querer ser exterminado como réu de anátema e excomunhão!* ⁽³⁾ Que zelo o de Moisés, quando por amor do seu povo desejou em certo modo ser riscado do livro da vida! ⁽⁴⁾

3. No zelo humano, nós receamos que o objecto amado seja amado por outrem; mas o zelo que temos por Deus faz, ao contrário, que receemos sobretudo não estarmos completamente possuídos dele. O zelo humano dá-nos a apreensão de não sermos bem amados; o zelo cristão aflige-nos por não amarmos bem.

Por isso a Sulamita exclamava ⁽⁵⁾: *Oh! meu Amado da minha alma, dizei-me onde repousais à hora do meio-dia, para eu me não distrair; e para que não vá atrás do rebanho dos vossos companheiros!* Ela só receia não pertencer inteiramente ao seu querido Pastor, e entreter-se pouco que seja, com os que querem ser seus rivais: não admite que por modo algum os prazeres, as honras e os bens exteriores possam ocupar a mínima parcela do seu amor, que consagrou inteiramente ao seu querido Salvador.

⁽¹⁾ Gen., XXXIV. — ⁽²⁾ Job, I, 5, — ⁽³⁾ Rom., IX, 3. — ⁽⁴⁾ Exod., XXVII, 32. — ⁽⁵⁾ Cant., I, 6.

CAPÍTULO XV

Conselhos relativos ao santo zelo

Porque o santo zelo é um ímpeto, uma veemência de amor, carece de ser prudentemente dirigido; de outro modo viola os limites da modéstia e da prudência. Isto não quer dizer que o divino amor, por veemente que seja, possa ser excessivo em si, ou nos movimentos e inclinações que dá aos espíritos, mas porque emprega na execução dos seus projectos a inteligência, impondo-lhe que se utilize de todos os meios para vencer, e a ousadia ou a cólera para superar as dificuldades que porventura encontre.

Daqui resulta frequentemente que o entendimento propõe e faz tomar caminhos ásperos e violentos, e que a cólera ou a audácia, uma vez interessadas, não se contém dentro dos limites da razão, precipitando o coração na desordem: por este processo, o zelo exerce-se indiscretamente, desagradamente, e torna-se mau e censurável.

David enviou Joab com um exército contra seu filho Absalão, que lhe fora desleal e rebelde, mas proibiu-lhe terminantemente que lhe tocasse; mais lhe recomendou que facultasse a seu filho todos os meios de se evadir. Porém Joab, em meio da luta, entusiasmado por alcançar a vitória completa, matou às próprias mãos o pobre Absalão, sem se recordar de nenhuma das recomendações do Rei ⁽¹⁾.

O zelo também emprega a ira contra o mal, impõe-lhe expressamente que destrua a iniquidade e o pecado, salvando, porém, sempre que é possível, o pecador e o iníquo. Mas a ira, uma vez em campo, como cavalo desenfreado, escapa-se, arrasta o homem para fora da liça e só pára, quando exausta de forças.

Aquele bom pai de família que Nosso Senhor descreve no Evangelho ⁽²⁾, chegou à conclusão de que os servos muito

(1) II Reg., XVIII, 5, 14. — (2) Mat., XIII, 24-30.

zelosos e violentos costumam, em geral, ultrapassar as ordens dos amos; por isso quando os servos se lhe ofereceram para mendar o joio do campo, disse-lhes: *Não, não quero, tenho medo de que me arranqueis o trigo junto com o joio.*

Em verdade, Teotimo, a cólera é um dos servos que, por ser possante, corajoso e grande empreendedor, causa às vezes muitos prejuízos; é tão fogoso, tão turbulento, tão irreflectivo e impetuoso, que não chega nunca à realização de um bem, sem ocasionar muitos males.

Ora, não é bom governo, diz a gente do campo, ter pavões em casa para destruir as aranhas, porque esse benefício, que é insignificante, não indemniza os prejuízos da ave que estraga os telhados e danifica os estuques com o seu bico agudo.

A cólera é um auxílio que a natureza empresta à razão e que a graça emprega ao serviço do zelo, para a realização de certos desígnios; mas é um auxílio perigoso e pouco aplicável. Quando se apresenta forte, domina tudo; derriba a autoridade da razão e as amoráveis leis do zelo.

Se vem fraca, nada consegue que o zelo não fizesse sem ela, e há sempre o receio de, reforçando-se apoderar-se do coração e do zelo, submetendo-os à sua tirania, como fogo artificial que num momento pode incendiar um edifício, sem que seja possível apagá-lo. É um recurso desesperado admitir numa praça socorro estranho, que possa tornar-se mais forte.

O amor próprio engana-nos muitas vezes, deixando imperar as próprias paixões sob a máscara do zelo. O zelo nunca lança mão da cólera; e contudo a cólera encobre-se muitas vezes com o nome do zelo, para satisfazer disfarçadamente os seus ignominiosos desvarios.

Digo que se serve apenas do nome do zelo e não do zelo, porque desse nunca ousaria servir-se; é qualidade inseparável de todas as virtudes, e especialmente da caridade, sob cuja dependência está o zelo, o serem tão boas, que ninguém pode abusar delas ⁽¹⁾.

Um pecador famoso foi certo dia aos pés dum sacerdote bondoso e digno e asseverou-lhe com muita submissão que o

(1) Aristot., Magna Moralia. 1. II, c. VII.

levava ali sincero desejo de encontrar remédio para os seus males, isto é, que ambicionava com empenho a absolvição dos seus erros.

Certo monge, por nome Demófilo, julgando que o pobre penitente, cuja vida escandalosa conhecia, se aproximava demasiado do altar, deixou-se dominar por tão acesa cólera que se atirou a ele a pontapés, e empurrões, até o pôr fora do templo, e injuriou ao mesmo tempo com ultrajes o sacerdote que o acolhera com brandura; como era do seu dever.

Depois, correndo para o altar, retirou dele as toalhas e objectos que, segundo a opinião do monge, ficavam profanadas com a proximidade do pecador. Após esta explosão do que ele chamava o seu zelo, não ficou por aqui e com grande aparato escreveu ao grande S. Dionísio Areopagita, relatando-lhe com desvanecimento este feito.

Não lhe tardou, porém, a resposta, e esta à altura do espírito apostólico do grande discípulo de S. Paulo. Nela lhe fez ver quanto esse zelo fora indiscreto, sem prudência, nem pudor ao mesmo tempo. Pois que ainda que o zelo da honra devida às coisas santas seja bom e até louvável, neste caso fora praticado contra a razão, sem consideração nem senso algum.

O monge servira-se de empurrões, de pontapés, censuras, ultrajes e injúrias, num lugar, numa ocasião e contra pessoas, que ele tinha obrigação de amar, respeitar e honrar: um zelo praticado em meio de tão escandalosa desordem, nunca podia ser edificante.

E nesta mesma resposta (1), incluiu o grande Santo um exemplo admirável do grande zelo duma alma muito boa que todavia se dissipara, deixando-se corromper por causa dos excessos da cólera, que lhe era peculiar. E foi o seguinte:

Um pagão de Cândia conseguira atrair novamente para a idolatria um cristão, recentemente convertido à fé de Jesus. Carpus, homem eminente em pureza e santidade de vida e que, segundo opiniões de grande competência, fora bispo de Cândia, sentiu tal repugnância por esse acto que não pôde conformar-se com ele.

(1) Epist. VIII, ad Demofilum.

Dominado por essa indignação, levantou-se à meia noite, como costumava, para orar, e tendo chegado à conclusão de que não era justo homens ímpios, como aqueles, viverem por mais tempo, implorou com grande indignação à divina Justiça que fulminasse de uma vez, com um raio, esses dois pecadores — o pagão sedutor e o cristão seduzido.

Mas repara, Teotimo, no que Deus fez para castigar o rigor da paixão que se assenhoreara de Carpus. Em uma visão, mostrou-lhe em primeiro lugar, como a Santo Estêvão ⁽¹⁾ *o Céu aberto*, e Jesus Cristo Nosso Senhor assentado em seu trono de glória, rodeado de grande multidão de Anjos, que lhe assistiam em forma humana.

Em baixo, via-se a terra aberta como horrível e vasto abismo, e os dois transviados a quem Carpus desejara tanto mal, postos à beira do precipício, trémulos e quase desfalecidos de pavor, com a iminência do perigo de serem tragados por ele.

Dum lado, uma infinidade de serpentes, a surdirem do precipício e a enroscarem-se-lhes nas pernas, fustigavam-nos com a cauda e impeliam-nos para a queda; doutro lado, viam-se criaturas que os empurravam, para os precipitarem mais depressa.

Assim, parecia impossível salvar os desgraçados e dir-se-ia inevitável a queda deles no precipício.

Mas vê, Teotimo, a violência da paixão de Carpus: pouco depois contava ele mesmo a S. Dionísio, que nem sequer dava conta de contemplar a Nosso Senhor e aos Anjos, que se mostravam no Céu, tão interessado estava em ver a espantosa desgraça daqueles dois infelizes, afligindo-se apenas por tanto tardarem em perecer, dando-lhe até vontade de ser ele próprio a dar-lhes o golpe de misericórdia.

Mas como não pudesse fazê-lo desesperava-se e amaldiçoava-os, até que, levantando os olhos ao Céu, viu o doce e piedosíssimo Salvador que, com grande amor e extrema compaixão do que se passava, se levantou de seu trono e, descendo até ao lugar em que estavam os dois desgraçados, lhes estendeu a sua mão de misericórdia, ao mesmo tempo

(1) Act., VII, 55.

que os Anjos, amparando-os dum lado e do outro, impediam que caíssem no medonho abismo.

Para concluir: Jesus, o nosso doce Jesus, dirigindo-se ao colérico Carpus, disse-lhe: «Vamos, Carpus, fere-me agora, porque eu estou ainda pronto a padecer mais uma vez para salvar os homens, e ser-me-ia agradável realizar esse desejo, se fosse possível fazê-lo, sem que outros pecassem. Agora vê o que seria mais proveitoso para a tua alma: auxiliares as serpentes do abismo, ou seres como os Anjos, tão grandes amigos dos homens».

Teotimo, esse santo Carpus tinha razão em seu zelo contra aqueles dois homens, e esse zelo excitou justamente a sua cólera contra eles, mas a cólera adiantou-se, e deixou o zelo e a razão para trás; ultrapassando os limites do santo amor e consequentemente o zelo, que reside no fervor, converteu o ódio ao pecado em ódio ao pecador, e a doce caridade na mais implacável crueza de ânimo.

Também há pessoas que não concebem o muito zelo sem muita cólera, imaginando que se não pode realizar nada sem dispender tudo. Pois, muito ao contrário, o verdadeiro zelo nunca se socorre da cólera, justamente pelo motivo de que se não aplica o ferro e o fogo aos doentes, senão quando os outros recursos já não podem ser eficazes; também o santo zelo só emprega a cólera nas extremas necessidades.

CAPÍTULO XVI

Como o exemplo de alguns santos, que parece terem exercido o seu zelo com cólera, nada prova contra o exposto no capítulo precedente

Não há dúvida, meu caro Teotimo, de que Moisés ⁽¹⁾, Fineas ⁽²⁾, Elias ⁽³⁾, Matatias ⁽⁴⁾, e muitos outros servos

⁽¹⁾ Exod., XXXII, 19-29. — ⁽²⁾ Num., XXV, 7-11. — ⁽³⁾ III Reg., XVIII, 40; IV Reg., I, 10-12. — ⁽⁴⁾ I Mac., II, 24, 26.

de Deus se serviram da cólera, para exercerem o zelo em muitas ocasiões assinaladas.

Convém, porém, notar que eram pessoas com a capacidade suficiente para bem manejarem as paixões e dominarem a cólera; semelhantes àquele bravo capitão do Evangelho ⁽¹⁾ que dizia aos soldados: Ide! e eles iam: vinde! e eles voltavam. Mas nós, que somos, quase todos, pequenos, não temos tanto domínio sobre os movimentos da nossa alma; o nosso animal não está amestrado a ponto de o fazermos andar ou parar, quando nos convenha.

Os cães bem ensinados avançam ou retrocedem obedientemente, à voz do seu domesticador: porém os que estão em aprendizagem desviam-se a cada passo, e desobedecem. Os grandes Santos, que dominaram as paixões, à força de as mortificarem com o exercício das virtudes, também puderam ter mão na cólera, soltando-lhe as rédeas, ou sofrendo-as conforme lhes parecia.

Mas nós, que temos paixões indomadas, muito novas ou muito mal amestradas, não podemos dar largas à ira, sem grave perigo de desordem, porque uma vez posta em campo, não podemos já retê-la nem dominá-la, como conviria.

S. Dionísio, falando a Demófilo que pretendia chamar zelo à fúria e raiva que o dominavam, disse-lhe ⁽²⁾: « Quem quiser corrigir os outros deve, em primeiro lugar, empregar o máximo cuidado de impedir que a cólera exceda a razão do império e domínio que Deus deu à alma, e provoque revolta, sedição ou confusão em nós mesmos. E por isso nunca poderemos aprovar vossos ímpetos de zelo indiscreto, ainda que mil vezes aponteis o exemplo de Fineas e Elias, porque tais palavras não agradaram a Jesus Cristo, quando lhe foram dirigidas pelos Discípulos, que não tinham ainda participado do seu doce e benigno espírito ».

Quando Fineas viu aquele desgraçado Israelita ofender a Deus com uma Moabita, matou-os ambos ⁽³⁾; Elias predissera a morte de Ocosias, que, indignado com a profecia, enviou dois capitães, um depois do outro, com cinquenta sol-

(1) Mat., VIII, 9. — (2) Ubi in cap. praeced. — (3) Num., ubi supra.

dados para o prender ; o homem de Deus fez descer o fogo do céu, que os fulminou ⁽¹⁾.

Ora um dia Nosso Senhor, passando na Samaria, mandou a uma cidade pedir hospedagem, mas os habitantes, ao saberem que Nosso Senhor era Judeu de nação e ia para Jerusalém, recusaram-lha.

A vista desta recusa, S. João e S. Tiago, disseram a Jesus: *Quereis, Senhor, que façamos descer sobre eles fogo que os devore?* Mas Nosso Senhor, *voltando-se para eles, repreendeu-os com estas palavras: Vós não compreendeis de que espírito sois; o Filho do Homem não veio para perder as almas, veio para as salvar* ⁽²⁾.

Ora é isto o que quer dizer S. Dionísio a Demófilo quando este alegava em sua defesa o exemplo de Fineas e de Elias. S. João e S. Tiago queriam imitar a Elias, fazendo descer o fogo do céu sobre os homens, mas Nosso Senhor repreendeu-os e fez-lhes perceber que o seu espírito, o seu zelo, era doce, bondoso e afável e que empregava a cólera rarissimamente só quando não houvesse esperança alguma de tirar resultado doutra sorte.

S. Tomás de Aquino, o grande astro da teologia, adoecendo da enfermidade que o vitimou no Mosteiro de Fosse-neuve, Ordem de Cister, os religiosos pediram-lhe que lhes fizesse uma breve exposição do sagrado Cântico dos Cânticos, à imitação de S. Bernardo. Mas ele respondeu-lhes: «Meus caros Padres, dai-me o espírito de S. Bernardo e eu interpretarei esse divino Cântico como S. Bernardo» ⁽³⁾.

Assim também, se alguém nos dissesse a nós, cristãos pequeninos, miseráveis, imperfeitos e mesquinhos: No vosso zelo, servi-vos da ira e da indignação como Fineas, Elias, Matatias, S. Pedro e S. Paulo, devíamos responder: Dai-nos o espírito de perfeição e de puro zelo, com a luz interior desses grandes Santos, e nós nos acenderemos em cólera como eles. Mas não está na mão de toda a gente saber encolerizar-se quando e como deve ser.

Aqueles grandes Santos eram inspirados imediatamente

(1) I Reg., ubi supra. — (2) Luc., IX, 52-56. — (3) Sixt. Senens., Bibliot. Santa, 1. liv.

por Deus e conseguiam por isso empregar a cólera sem perigo. O mesmo Espírito que os incitava, segurava também as rédeas da sua justa cólera, para que esta não excedesse os limites que lhe fixava. Uma ira inspirada ou excitada pelo Espírito Santo, não é a *ira do homem*, e da *ira do homem* é que devemos fugir, porque, como diz o glorioso S. Tiago, *ela nunca opera a justiça de Deus*. Efectivamente, quando esses grandes servos de Deus empregavam a cólera, era em ocasiões tão solenes e excepcionais e por crimes tão espantosos que não havia perigo de a pena exceder a culpa,

Porque S. Paulo uma vez chamou aos Galateus *insensatos* ⁽¹⁾; porque descobriu aos de Cândia as suas depravadas inclinações ⁽²⁾; porque resistiu de *frente* ao glorioso S. Pedro ⁽³⁾, seu superior, segue-se daí que nos seja lícito injuriar os pecadores, difamar as nações, desautorizar e censurar os nossos superiores e prelados? Não, porque nós não somos outros S. Paulos, para sabermos fazer essas coisas com cabimento.

Porém os espíritos avinagrados, descontentes, presumidos e maldizentes, servindo apenas as inclinações, humores, aversões e temeridades próprias, querem encobrir a sua injustiça com a capa de zelo e deixam-se, sob o nome desse fogo sagrado, devorar pelas próprias paixões. O zelo da salvação das almas leva a desejar a mitra, segundo diz tal ambicioso; não deixa em sossego o monge que tinha obrigação de estar no coro, como afirma tal espírito irrequieto; inspira graves censuras e murmurações contra os prelados da Igreja e contra os príncipes temporais, como alega um espírito arrogante.

Em resumo, não se fala senão de zelo, e contudo, nestes não existe o zelo; reina unicamente a maledicência, a ira, o ódio, a inveja e as inquietações de espírito e de palavras.

O zelo pode praticar-se de três modos: primeiro, realizando grandes actos de justiça para repelir o mal; mas isso só compete àqueles que, por seus altos cargos, estão no caso de corrigir, censurar e reprimir—são os superiores,

(1) Galat., III, 1. — (2) Tit., I, 12. — (3) Galat., II, 11.

príncipes, magistrados, prelados e pregadores. Mas como são missões dignas do maior respeito, não falta quem as queira envergar. — Segundo, exerce-se o zelo, com acções de grande virtude para dar bom exemplo, sugerindo remédio para o mal e exortando ao seu emprego, praticando o bem oposto ao mal que se quer exterminar. Isto compete a todos, mas poucos se resolvem a fazê-lo. — Por fim, exerce-se o zelo com grande perfeição, sofrendo e padecendo muito para evitar e remover o mal. Esta espécie de zelo quase ninguém a escolhe.

O zelo sedutor, o zelo que nós queremos, é aquele em que se patenteia o nosso talento, sem repararmos que não é zelo o que se tem em vista, mas sim a glória e a satisfação da presunção, da cólera, do tédio e quejandas paixões.

É certo que o zelo de Nosso Senhor se manifestou principalmente em morrer na cruz, para destruir a morte e o pecado dos homens. Nisso foi perfeitamente imitado por esse admirável *vaso de eleição* ⁽¹⁾, que o foi também de dilecção, como no-lo apresenta o grande S. Gregório Nazianzeno nestas palavras de ouro, em que se refere ao santo Apóstolo: «Ele combate por todos ⁽²⁾, faz oração por todos, apaixonase, inflama-se por todos, e mais ainda ousou fazer pelos *seus irmãos, segundo a carne*. Julgo não exagerar em meu juízo, imaginando que o grande Apóstolo daria de bom grado aos seus semelhantes o lugar que lhe coubesse ao pé de Jesus Cristo ⁽³⁾. Extraordinária coragem, incrível fervor de espírito!

Ele imita a Jesus que *por nosso amor se tornou em maldição* ⁽⁴⁾, tomando as nossas enfermidades, suportando as nossas misérias ⁽⁵⁾; para falar com mais sobriedade, foi ele o primeiro, depois do Salvador, que não se recusou ao sofrimento, nem vacilou em passar por ímpio.»

A semelhança do nosso Salvador que foi açoitado, condenado, crucificado, como homem predestinado a sofrer os opróbrios, as ignomínias e os castigos devidos a todos os pecadores do mundo, e a servir de sacrifício geral pelo pecado, como um

(1) Act., IX, 15. — (2) Orat. II, § 55. — (3) Rom., IX, 3. — (4) Galat., III, 13. — (5) Is., LIII, 4.

anátema, separado e abandonado de seu Eterno Pai ⁽¹⁾; igualmente, segundo a verdadeira doutrina do grande Nazianzeno, o glorioso S. Paulo quis ser coberto de ignomínia, crucificado, apartado, abandonado pelos pecados dos Judeus, para padecer por eles o *anátema* e o castigo que haviam merecido.

E como o Salvador se cobriu de todos os pecados dos homens e se tornou anátema, sacrificado pelo pecado e abandonado do seu Eterno Pai, sem deixar de ser perpétua-mente o *Filho muito amado, em quem* o Pai punha toda a sua *complacência* ⁽²⁾, assim também o santo Apóstolo quis ser *anátema*, separado do seu divino Mestre, abandonado por este e entregue à mercê dos opróbrios e penas devidas aos Judeus; só não quis ser privado da *caridade* e da graça do Senhor, e dessas não havia forças nem poder que lograssem *separá-lo* ⁽³⁾.

Quis ser tratado como um homem separado de Deus, mas nunca quis separar-se de facto, nem ser privado da divina graça, porque tal coisa não pode desejar-se santamente. A celeste Esposa confesssa ⁽⁴⁾ que o *amor é forte como a morte*, que separa a alma do corpo; e o *zelo*, sendo um amor ardente, é ainda muito mais forte, porque se parece com o *inferno* que separa a alma da vista de Nosso Senhor: jamais, porém, foi dito nem pode dizer-se que o amor ou o zelo é semelhante ao pecado, única coisa que separa da graça de Deus.

Como havia de conceber-se que o ardor do amor pudesse inspirar o desejo da separação da graça, sendo o amor a própria graça, ou pelo menos não pode viver sem ela?

Ora o zelo do grande S. Paulo foi imitado em certo modo pelo pequeno S. Paulo, isto é, por S. Paulino que, para resgatar um escravo, tornou-se escravo ele próprio, sacrificando a sua liberdade, para a restituir ao seu próximo.

« Bem-aventurados, diz Santo Ambrósio ⁽⁵⁾, os que sabem a disciplina do zelo! » « O diabo zombará com a maior facilidade do teu zelo, diz S. Bernardo ⁽⁶⁾, se tu te descuidares da ciência dele; seja o teu zelo inflamado pela caridade, ornado de ciência e fortalecido pela constância ».

(1) Mat. XXVII, 46; Galat., III, 13. — (2) Mat., III, 17, XVII, 5. — (3) Rom., VIII, 35-39. — (4) Cant., ult., 6. — (5) Sermo XVIII in Ps. CXVIII § 17. — (6) Serm. XIX in Cant., § 7, XX, § 4.

O verdadeiro zelo é filho da caridade, porque reside no ardor; como ela, é *paciente, benigno*, impertubável; não quer debates, não tem ódios, *nem invejas*, e compraz-se na *verdade* ⁽¹⁾.

O ardor do verdadeiro zelo é semelhante ao do caçador, que é diligente, cuidadoso, activo, laborioso e apaixonado na busca, mas sem cólera, sem ira nem perturbação; se o trabalho do caçador fosse raiva, ira, aborrecimento, não houvera tanto quem o apreciasse e estimasse. Do mesmo modo o verdadeiro zelo tem entusiasmos extremos, mas constantes, firmes, suaves, laboriosos; dá prazer e não fatiga. Pelo contrário, o falso zelo é turbulento, altercador, insolente, altivo, colérico, volúvel — tão impetuoso como inconstante.

CAPÍTULO XVII

Como Nosso Senhor praticou os mais excelentes actos de amor

Detidamente me tenho já referido aos sagrados actos do divino amor: e para mais facilmente e com mais empenho lhes conservares a lembrança, vou apresentar-te, Teotimo, um resumo ou sumário deles. *A caridade de Jesus Cristo obriga-nos*, diz o grande Apóstolo ⁽²⁾; é verdade, obriga-nos, violenta-nos com aquela infinita doçura que praticou em toda a obra da nossa Redenção, na qual *se manifestou a benignidade e amor de Deus aos homens* ⁽³⁾. Que não fez o Senhor em matéria de amor?

1.º Amou-nos com o amor de complacência, porque cifrou *as suas delícias em estar com os filhos dos homens* ⁽⁴⁾ e atrair o homem a si, fazendo-se homem como ele.

2.º Amou-nos com o amor de benevolência, derramando

⁽¹⁾ I Cor., XIII, 46. — ⁽²⁾ II Cor., v, 14. — ⁽³⁾ Tit., II, II, III, 4. — ⁽⁴⁾ Prov., VIII, 31.

a própria Divindade no homem, elevando o homem até Deus.

3.º Uniu-se a nós por uma incompreensível conjunção, aderindo e ligando-se à natureza tão fortemente, indissolúvelmente e infinitamente, que coisa alguma foi jamais tão unida e ligada à humanidade, como o é agora a augustíssima Divindade na Pessoa do Filho de Deus.

4.º Derramou-se todo em nós, e por assim dizer, abismou a sua grandeza, para a reduzir às mesquinhas proporções da nossa pequenez; por isso se chamou *fonte de água viva* ⁽¹⁾ orvalho e chuva do Céu ⁽²⁾.

5.º Esteve em êxtase, não só, diz S. Dinis ⁽³⁾, em virtude do excesso de sua amorosa bondade, que o arrebatou para fora de si, estendendo a sua Providência a todas as coisas e encontrando-se em todas as coisas, mas também porque, como diz S. Paulo ⁽⁴⁾, Jesus esqueceu-se de si, abstraiu-se de si, despojou-se da própria grandeza, da sua glória, apeou-se do trono da sua incompreensível majestade, e se é mister tal expressão, *aniquilou-se*, para descer até à nossa humanidade e encher da sua Divindade o nosso ser, saciar-nos de sua bondade suprema, elevar-nos à sua dignidade, e dar-nos a divina natureza de *filhos de Deus* ⁽⁵⁾.

E Aquele de quem se escreveu tantas vezes: *Eu vivo em mim, disse o Senhor*, pode depois dizer na linguagem do seu Apóstolo: *Eu vivo, mas não sou eu mesmo que vivo, é o homem que vive em mim* ⁽⁶⁾; *A minha vida é o homem, e morrer por ele é o meu lucro* ⁽⁷⁾; *A minha vida oculta-se com o homem em Deus* ⁽⁸⁾.

Aquele que antes habitava em si, habita agora em nós, e O que viveu durante a sucessão dos séculos *no seio de seu Eterno Pai* ⁽⁹⁾, vestiu-se da mortalidade no seio de sua Mãe temporal; Aquele que vivia eternamente da existência divina, viveu temporalmente da vida humana, e Aquele que nunca, eternamente, deixara de ser Deus, será, perpétuamente também, homem, de tal modo o amor do homem o arrebatou e elevou ao êxtase!

(1) Jerem., II, 13. — (2) Is., XXIV, 8. — (3) De Divin Nomin., c. IV, § XIII. — (4) Filip., II, 7. — (5) Joan., I, 12 et Ep. I, c. III, l. — (6) Galat., II, 20. — (7) Filip., I, 21. — (8) Coloss., III, 3. — (9) Joan., I, 8.

6.º Admirou muitas vezes por dilecção, como fez com o Centurião ⁽¹⁾ e a Cananea ⁽²⁾.

7.º Atentou no jovem que até então observara os mandamentos e desejava adiantar-se na perfeição ⁽³⁾.

8.º Descansou amorosamente em nós, e até com suspensão de sentidos no ventre de sua puríssima Mãe, e durante a sua infância.

9.º Teve incomparáveis ternuras para as criancinhas, que abraçava, acalentando-as com amor ⁽⁴⁾; para Marta e Madalena ⁽⁵⁾, para Lázaro, por quem chorou ⁽⁶⁾, como pela cidade de Jerusalém ⁽⁷⁾.

10.º Animou-se de incomparável zelo, que, como diz S. Dionísio ⁽⁸⁾, se converteu em ciúme, desviando, enquanto nele habitou, todo o mal da sua muito amada natureza humana, com perigo e à custa da própria vida; afugentando o diabo, *rei do mundo* ⁽⁹⁾, que parecia ser seu rival e companheiro.

11.º Teve milhares de amorosos desfalecimentos; pois de que procederiam aquelas divinas palavras: *Eu hei-de ser baptizado com baptismo de sangue; e como me sinto angustiado e ansioso por que ele se realize?* ⁽¹⁰⁾ Ainda se não aproximava a hora em que havia de ser baptizado no próprio sangue e já suspirava por sê-lo, porque o amor que nos tinha o obrigava a livrar-nos da morte eterna, à custa da própria vida.

Por isso esteve *triste* e suou o sangue da agonia no Jardim das Oliveiras ⁽¹¹⁾, não só em virtude da extrema dor, que a sua alma sentia na parte inferior da razão, mas pelo supremo amor que nos dedicava na parte superior dela; a dor dáva-lhe o horror da morte e o amor um extraordinário desejo de a consumir. De modo que se lhe travou no espírito um combate rude e uma cruel agonia se manifestou entre o desejo e o horror da morte, até à grande efusão do *sangue*, que correu como de fonte de água viva, jorrando pelo solo.

12.º Enfim, Teotimo, este divino Amante morreu no

(1) Mat., VIII, 10. — (2) Ibid., XV, 28. — (3) Marci, X, 21. — (4) Ibid., x, 16. — (5) — Joan., XI, 5. — (6) Ibid., xx, 35, 36. — (7) Luc., XIX, 41. — (8) Ubi supra. — (9) Joan., XVI, 30. — (10) Luc., XII, 50; juxta Graec. — (11) Mat., XXVI, 37, 38; Luc., XXII, 43, 44.

meio das chamas e ardores da dilecção, pela caridade que tinha por nós e pela força e virtude do amor, isto é, morreu amando, morreu por amor e de amor.

Posto que aqueles cruéis suplícios bastassem para fazer morrer quenquer que fosse, não podia contudo a morte penetrar na vida d'Aquele que tem as *chaves* de ambas elas ⁽¹⁾ se o divino amor, que governa e maneja essas chaves, não abrisse as portas à morte, para esta poder lançar-se sobre aquele divino corpo e arrebatá-lo a vida. O amor não se contentaria com o fazer mortal por nós, se lhe não desse a morte.

Foi por eleição, e não por força do mal, que ele morreu: *Ninguém me tira a vida*, disse ele ⁽²⁾, *sou eu que a deixo e a tiro a mim mesmo; tenho poder de a deixar e de a reaver*, quando quizer. *Ofereceu-se*, diz Isaías ⁽³⁾, *porque quis*.

Não se diz, portanto, que o seu espírito voou, deixando-o e separando-se d'Ele; mas ao contrário, que Ele *despediu o seu espírito*, soltou-o e entregou-o e pô-lo nas mãos de seu Eterno Pai ⁽⁴⁾; tanto que Santo Atanásio nota que Ele abaixou a cabeça para morrer, consentindo e facilitando a vinda da morte, que, de outro modo, não ousaria aproximar-se-lhe ⁽⁵⁾; e soltando um grande grito, entregou o *espírito* a seu Pai ⁽⁶⁾, para provar que assim como tinha força e alento para não morrer, também tinha suficiente amor para não poder viver, sem fazer ressuscitar com a sua morte aqueles que, sem isso, não podiam jamais evitar a morte, nem aspirar à verdadeira vida.

Eis porque a morte do Salvador foi um verdadeiro sacrifício e sacrifício de holocausto, oferecido a seu Pai pela nossa redenção. Ainda que as penas e dores da Paixão foram tão grandes e violentas que não haveria homem que lhes resistisse, ele contudo, nunca pereceria, se não quisesse, e se o fogo de sua infinita caridade lhe não consumisse a vida.

Foi, portanto, o sacrificador da própria existência, foi quem a ofereceu a seu Pai, e se imolou em amor, ao amor, para o amor, pelo amor e de amor.

(1) Apoc., I, 18. — (2) Joan., X, 17, 18. — (3) Cap. LIII, 7. — (4) Mat., XXVII, 50; Marci, XV, 37; Luc., XXIII, 46; Joan., XIX, 30. — (5) In Parab. Evangeli, qu, XLI. (*Hodie* inter spuria). — (6) Luc., XXIII, 46.

Não podemos no entanto afirmar que esta amorosa morte do Salvador se verificasse à maneira de arrebatamento, porque o objecto pelo qual a sua caridade o levou à morte não era tão amável que pudesse arrebatá-lo para si aquela divina alma, que saiu do corpo a modo de êxtase, impelida pela afluência e força do amor.

A semelhança da mirra, que expele o primeiro licor, pela sua grande abundância, sem que ninguém o lance fora, nem o tire, também o mesmo Jesus, como já expliquei, disse: *Ninguém me tirou nem arrebatou a alma; fui eu que voluntariamente a dei.*

Ah! Senhor, que extraordinário incentivo para nos entusiasmares nos exercícios do santo amor ao Salvador divino, que é tão bom, o vemos que Jesus os praticou com tão excessivo amor por nós, que somos tão maus!

Vês, Teotimo, como *a caridade de Jesus Cristo nos obriga?! (1)*

FIM DO LIVRO DÉCIMO

(1) II Cor., v, 14.

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO

DA SUPREMA AUTORIDADE QUE O AMOR SAGRADO TEM SOBRE TODAS AS VIRTUDES, ACÇÕES E PERFEIÇÕES DA ALMA

CAPÍTULO I

Como as virtudes são agradáveis a Deus

A virtude é de si tão digna de apreço que Deus a premeia, onde quer que a encontre. Os pagãos, posto que inimigos da divina Majestade, praticavam por vezes virtudes humanas e cívicas que não excediam em espécie as forças da alma racional.

Como bem comprehendes, Teotimo, eram virtudes de curto alcance. Na verdade, ainda que elas se mostrassem de grande aparato, o seu valor era pequeno, por causa da baixa intenção dos que as praticavam.

Eles trabalhavam, quase sempre, apenas por ostentação, como diz Santo Agostinho ⁽¹⁾, ou por outro qualquer motivo superficial e fútil, como o das boas relações da sociedade civil; outras vezes por qualquer inclinação que tinham para o bem, e os induzia à prática de insignificantes acções de virtude, quando não deparassem grande contrariedade, como por exemplo: saudarem-se mutuamente, socorrer os amigos,

(1) De Civit. Dei, 1. V, c. XII.

viver com sobriedade, não roubar, servir aos amos com fidelidade, pagar salário a quem trabalhasse, etc..

E todavia, posto que estas virtudes sejam mínimas e eivadas de imperfeições, contudo Deus levava-as em conta e recompensava-as largamente àqueles infelizes.

As prudentes mulheres, a quem Faraó encarregou de matar todas as crianças do sexo masculino dos Israelitas, eram indubitavelmente Egípcias e pagãs, porque, desculpando-se de não haverem cumprido a ordem do Rei, diziam: *As mulheres Hebraicas não são como as Egípcias: estas souberam como haviam de conservar os filhos, dando-os à luz, antes que nós chegássemos* (1).

Esta desculpa não teria razão de ser se aquelas boas mulheres fossem Hebraicas; nem mesmo é crível que Faraó as incumbisse de tão desapiedada missão contra as patrícias, se elas fossem iguais de nação e religião. E também Josefo assevera (2) que elas eram Egípcias.

Pois, apesar de Egípcias e pagãs, *temeram* ofender a Deus com uma crueldade tão bárbara e desnaturada, como a do sacrifício de tantas criancinhas. E o Senhor tomou-lhes em conta tão louvável resolução, e permitiu que *elas edificassem suas habitações*, quer dizer, fê-las fecundas em posteridade e em bens temporais.

Nabucodonosor, rei da Babilónia, tinha combatido numa guerra justa contra a cidade de Tiro, que a justiça divina queria castigar; e disse Deus a Ezequiel que daria o Egipto em prémio a Nabucodonosor e ao seu exército, *porque, disse o Senhor, trabalharam para mim* (3).

Com isto, acrescenta S. Jerónimo no Comentário, «nós ficamos sabendo que até os próprios pagãos, fazendo o bem, não ficam sem recompensa no juízo de Deus».

Foi assim que Daniel (4) exortou a Nabucodonosor infiel, que resgatasse os seus *pecados com esmolas*, isto é, que se resgatasse das penas temporais que os seus pecados haviam merecido e estavam suspensas sobre a sua cabeça.

Vês, Teotimo, como é certo que Deus recompensa as

(1) Exod., I, 15-19. — (2) De Antiquit. Jud., I, II, c. V. — (3) Ezech., XXIX, 18-20. — (4) Cap. IV, 24.

boas obras, ainda que sejam maus os que as praticam? Se lhe não fosse agradável a misericórdia daquelas boas mulheres e a justiça da guerra de Babilónia, ter-se-ia o Senhor preocupado com a paga dessas acções? e se Daniel não estivesse convencido de que a infidelidade de Nabucodonosor não impedia que o Senhor visse com benignos olhos as suas esmolas, ter-lhas-ia aconselhado?

Em verdade, o Apóstolo afirma ⁽¹⁾ que os pagãos, *que não tem fé, fazem naturalmente o que se refere à lei*: e quando o fazem, como poderá pôr-se em dúvida que eles fazem bem, e que Deus lho recompensará?

Os pagãos vieram ao conhecimento de que o casamento era bom e necessário, compreenderam que convinha educar os filhos, ensinando-lhes artes, instruindo-os no amor da pátria, nos deveres cívicos, e assim o fizeram.

A razão esclarecida dos que me lêem eu deixo a liberdade de pensar se Deus acharia ou não bem entendida a resolução deles, tendo-lhes dado luz à razão, e o instinto natural a inspirá-los neste intento.

A razão natural é uma boa árvore que Deus plantou em nós, e os frutos que ela produz não podem deixar de ser bons: frutos que, comparados com os que procedem da graça, são realmente de pouquíssima valia, mas não destituídos de valor, porque Deus os apreciou e lhes concedeu recompensas temporais. Foi por esse motivo que, segundo a asserção de Santo Agostinho ⁽²⁾, premiou as grandes virtudes moraes dos Romanos com o alargamento e magnífico renome do seu Império.

O pecado faz enfermar o espírito, que por isso não pode realizar grandes operações, nem muito vigorosas; porém, posto que pequenas, nem todas as acções dos doentes resultam nulas ou imperfeitas; eles ainda falam, ainda vêem, ainda ouvem. A alma que está em pecado pode ainda produzir bens que, por serem naturais, são retribuídos com salários naturais; sendo cívicos, são pagos com moeda civil e humana, isto é, com os confortos temporais.

O pecador não está na condição dos demónios, cuja

(1) Rom., II, 14, — (2) De Civit. Dei, l. v, c. XV.

vontade está de tal modo corrompida e saturada do mal, que não pode conceber bem algum.

Não, Teotimo; o pecador neste mundo não é assim. Ei-lo a meio caminho, entre *Jerusalém* e *Jerico*, ferido de morte, mas ainda não morto, porque, diz o Evangelho ⁽¹⁾, *o deixaram meio vivo*; e como está meio vivo, pode realizar acções semi-vivas. Ele não poderia certamente caminhar, nem levantar-se; não podia chamar por socorro, nem falar em voz alta. Podia contudo falar baixinho, porque o coração lhe batia desfalecido; podia abrir bem os olhos, mover os dedos, suspirar e queixar-se.

São acções fracas, e apesar delas teria perecido irremissivelmente, escoado de sangue, se o Samaritano, tão misericordioso, lhe não tivesse valido com óleo e vinho, se o não houvesse conduzido à hospedaria, para ser curado e tratado à sua custa ⁽²⁾.

A razão natural sente-se altamente afectada e meia morta pelo pecado; e é por isso que, por muito que queira, não pode observar todos os mandamentos, apesar de reconhecer quanto lhe seria salutar fazê-lo; conhece o dever, sem o poder cumprir, e os olhos têm mais luz para lhe mostrar o caminho do que forças têm as pernas para o seguir.

O pecador pode desejar sinceramente observar alguns mandamentos com mais ou menos dificuldades; pode até lograr observá-los todos em dadas circunstâncias, ou em determinada ocasião não faltar a nenhum, por se lhe não apresentar dificuldade de praticar as virtudes impostas, ou imperiosa tentação de cometer o pecado proibido. Mas que possa o pecador viver muito tempo sem acumular novos pecados, isso não sucede com certeza, sem uma especial protecção de Deus.

Os inimigos do homem são assíduos, trabalhadores, e esforçam-se perpétuamente para o pricipitarem, e se vêem que não se depara ocasião de praticar as virtudes preceituadas, suscitam mil tentações para nos fazer cair nas coisas proibidas; e então a natureza, sem o auxílio da graça, não

(1) Luc., X, 30. — (2) Vers. 33, 34.

pode livrar-se do precipício: se vencemos, é porque *Deus nos dá vitória por Jesus Cristo*, como diz S. Paulo ⁽¹⁾.

Vigial e oral para não cairdes em tentação ⁽²⁾: se Nosso Senhor nos dissesse apenas—*Vigial*—nós julgaríamos poder fazer bastante por nós próprios; mas acrescentou — *e oral* — mostrando assim que, se Deus não guardar nossas almas no tempo da tentação, *em vão* vigiará quem as guardar ⁽³⁾.

CAPÍTULO II

Como o amor sagrado torna as virtudes infinitamente mais agradáveis a Deus do que elas o são por sua natureza

Os apreciadores das belezas campestres admiram a fresca inocência e a pureza dos morangos. Apesar de rastejarem pelo chão e de serem calcados pelas serpentes, lagartos e outros répteis venenosos, não absorvem nenhuma propriedade maligna, prova evidente que não têm afinidade com o veneno.

São também assim as virtudes humanas, Teotimo. Posto que habitem num coração baixo, terreno e muito ocupado pelo pecado, não se contaminam todavia da malícia dele, por serem de tão inocente e franca natureza que se não podem corromper com a aproximação da iniquidade, razão por que o próprio Aristóteles disse que «a virtude era um hábito de que ninguém podia abusar ⁽⁴⁾».

E se as virtudes, apesar de serem de boa natureza, não são recompensadas com a mansão eterna, por serem praticadas por infiéis ou pelos que estiverem em pecado, não é isso de admirar. O coração pecador de que elas procedem não é susceptível do bem eterno, porque antes se desviou de Deus; a celeste herança pertencendo ao Filho de Deus, não

(1) I Cor., XV, 57. — (2) Mat., XXVI, 41. — (3) Ps., CXXVI, 2.
— (4) Ubi supra, l. X, c. XV.

pode ser partilhada senão pelos que estiverem com ele, e forem seus irmãos adoptivos.

A convenção em que Deus nos promete o Paraíso apenas se refere aos que estão em graça; as virtudes dos pecadores não têm outro valor nem merecimento além do da própria natureza, e, por consequência, não podem elevar-se ao mérito das recompensas sobrenaturais, que se chamam sobrenaturais, precisamente porque a natureza, e tudo o que se relaciona com ela, não pode nem dá-las, nem merecê-las.

Porém as virtudes que os amigos de Deus praticam, posto que sejam, por condição essencial, apenas morais e naturais, são contudo enobrecidas e elevadas à dignidade de obras santas, por nascerem dum coração consagrado a Deus. Uma das propriedades da amizade, consiste em tornar agradável o amigo e tudo o que há nele de honesto e de bom.

A amizade derrama a sua graça e favor em todos os actos da pessoa amada, ainda que eles pouco o mereçam; as asperezas do amigo parecem doçuras; as doçuras do inimigo parecem asperezas.

Todas as obras virtuosas dum coração amigo de Deus são oferecidas directamente a Deus: pois como há-de o coração que se deu a si, negar o que dele deriva? Quem dá uma árvore sem reserva, não dá também as folhas, as flores e os frutos?

O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Libano. Plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios da casa do nosso Deus (1).

Já que o justo foi plantado *na casa de Deus*, as folhas, as flores e os frutos crescem e são dedicados ao serviço da sua Majestade; ele é *como a árvore plantada perto da corrente das águas, que frutifica no tempo próprio; nem as folhas lhe caem, porque tudo nele prospera (2).*

E não são apenas os frutos da caridade e as flores das obras que ela ordena, mas até as próprias folhas das virtudes morais e naturais tiram especial proveito do amor do coração que lhes dá origem.

Teotimo: se tu enxertasses uma roseira e introduzisses

(1) Ps. XCI, 13, 14. — (2) Ps. 1, 3, 4.

na fenda da haste um grão de musgo, as rosas que depois desabrochassem seriam todas musgadas. Fende, pois, o teu coração com a santa penitência, e introduz nessa fenda o amor de Deus; depois enxerta nele todas as virtudes que quiseses, e verás que as obras que ele depois produzir hão-de vir perfumadas de santidade, sem que para isso careças de outros meios.

Os Espartanos, se ouvissem uma sentença justa da boca de um homem mau, não a adoptavam sem que fosse primeiramente pronunciada por um homem de bem: para a tornar, pois, digna de aceitação não tiveram mais do que fazê-la proferir anticipadamente por um homem virtuoso ⁽¹⁾.

Se queres que a virtude humana e moral de Epíteto, de Sócrates ou de Demades seja uma virtude santa, basta que a pratique uma alma verdadeiramente cristã, isto é, que tenha o amor de Deus.

Também *Deus olhou* primeiro para o bom *Abel*, e depois para as suas ofertas ⁽²⁾, de modo que as ofertas assumiram graça e dignidade aos olhos de Deus, pela bondade e piedade de quem as apresentava. Oh! suprema bondade desse grande Deus, que favorece tanto os seus amantes, que estima as suas acções mínimas, por pouco valor que elas tenham, e as enobrece extraordinariamente, dando-lhes o título e a qualidade de santas!

É em consideração de seu Filho muito amado que ele quer dignificar e honrar os filhos adoptivos, santificando tudo o que neles existir de bom: os ossos, os cabelos, o vestuário, o sepúlcro, e até a sombra do seu corpo; a fé, a esperança, o amor, a religião e inclusivamente a cortezia, a sobriedade e a afabilidade de seu coração.

Lá diz o Apóstolo ⁽³⁾: *Meus caros irmãos, sede estáveis e constantes; abundai em todas as obras do Senhor, certos de que o vosso trabalho não vos será inútil para o Céu.* E repara, Teotimo, que a obra virtuosa deve ser considerada como *obra do Senhor*, nem que seja praticada por um infiel.

A divina Majestade disse a Ezequiel ⁽⁴⁾ que Nabuco-

(1) Plutarchus, ubi supra, 1, VIII, c. I. — (2) Gen., IV, 4. — (3) I Cor., XV, ult. — (4) Ubi id cap. praeced.

donosor e o seu exército tinham trabalhado para ela, porque tinham feito uma guerra legítima e justa contra os de Tyro.

Assim mostrou o Senhor que a justiça dos injustos é sua, tende para ele e pertence-lhe, posto que os injustos que operam essa justiça não sejam seus, não tendam para ele, nem lhe pertençam. O grande profeta e príncipe Job, apesar de descender da raça pagã e habitar em Hus, nem por isso deixou de pertencer a Deus; igualmente as virtudes morais, ainda que provenham dum coração pecador, não deixam de pertencer a Deus.

Mas quando essas mesmas virtudes florescem num coração verdadeiramente cristão, isto é, enriquecido pelo santo amor, então não só pertencem a Deus, *mas nunca são inúteis em Nosso Senhor*, antes se tornam frutuosas e preciosas aos olhos da sua bondade.

Concedei a um homem a caridade, diz Santo Agostinho ⁽¹⁾, *e tudo lhe aproveita*; tirai-lhe a caridade, e já nada lhe aproveita: e *àqueles que amam a Deus, todas as coisas o ajudam para o bem*», diz o Apóstolo ⁽²⁾.

CAPÍTULO III

Como há virtudes que a presença do divino amor exalta a maior eminência que as outras

Há virtudes que, por sua natural aliança e correspondência com a caridade, são também muito mais susceptíveis de receber a preciosa influência do amor sagrado, e, consequentemente, a comunicação da dignidade e valor dele. São elas a fé e a esperança, que, com a caridade, se referem imediatamente a Deus; e a religião com a penitência e devoção, que se empregam em honra da sua divina Majestade.

⁽¹⁾ *Sermo 50 De Verb. Domini.* (Hod Sermo CXXXVIII, de Script, § 2). — ⁽²⁾ Rom., VIII, 28.

Estas virtudes têm, por sua condição, tão estreita relação com Deus e são de tal modo susceptíveis das impressões do amor celeste, que para elas participarem da santidade dele, basta que se aproximem de Deus, isto é, que estejam num coração que o ame.

Também para imprimir nas uvas o gosto da azeitona, não é preciso que elas se toquem de modo algum; basta a simples proximidade para essas plantas estabelecerem recíproca comunicação de sabor e propriedades, tão acentuada é a propensão e conveniência de uma para com a outra.

Em geral, todas as flores, à excepção das da *triste árvore* e de poucas mais, cuja natureza é excepcional, todas, dizia eu, se deleitam, desabrocham e crescem em beleza à luz do sol, em virtude do calor vital que auferem de seus raios; mas todas as flores amarelas, e especialmente aquela que os Gregos denominaram *heliotropium*, e nós chamamos girasol, não só se enchem de alegria e de prazer em presença do sol, mas seguem affectuosamente o esplendor de seus raios, voltando-se para ele e mirando-o desde que nasce até que se põe no ocaso.

Assim todas as virtudes recebem novo lustre e mais merecimentos com a presença do amor sagrado; mas a fé, a esperança, o temor de Deus, a piedade, a penitência e todas as outras virtudes que tendem naturalmente para Deus e para a sua honra, não só recebem a impressão do divino amor, que as alevanta a grande mérito, mas voltando-se totalmente para ele, associam-se-lhe, seguem-no e servem-no em todas as ocasiões.

Enfim, meu caro Teotimo, as sagradas Letras ⁽¹⁾ atribuem uma certa força e propriedade de salvar, de santificar e glorificar, à fé, à esperança, à piedade, ao temor de Deus e à penitência; o que mostra bem que são virtudes de grande merecimento e que, sendo exercidas por um coração que possua o amor de Deus, tornam-se extraordinariamente mais frutuosas e santas do que as outras, que por sua natureza se não conformam tão perfeitamente ao amor sagrado.

E aquele que exclama ⁽²⁾: *Se eu tiver tanta fé que me*

(1) Mat., IX, 22; Rom., III, v, 2; I Tim., IV, 8; Eccli., I, XVII; alibi. — (2) I Cor., XIII, 2.

julgue capaz de transportar montanhas, mas não tenha caridade, já não sou nada, demonstra claramente que, com a caridade, a fé lhe aproveitará infinitamente mais.

A caridade é, pois, uma virtude sem igual: não é um simples ornato do coração que a possui, mas abençoa e santifica também todas as virtudes que encontra nele, com a sua só presença, embalsamando-as e perfumando-as com celeste aroma, o que as torna do mais alto preço diante do Senhor. Todavia a caridade realiza isto mais perfeitamente junto com a fé, com a esperança e com outras virtudes, que por sua natureza mais tendem à piedade.

Por esta razão é que, entre todas as acções virtuosas, devemos escrupulosamente praticar as da religião e reverência pelas coisas divinas, os actos de fé, de esperança e do santo temor de Deus: falando muito das coisas celestes, pensando e aspirando à eternidade, frequentando os templos e os exercícios sagrados, entregando-nos a leituras devotas, observando as cerimónias da religião cristã.

O amor sagrado nutre-se até à saciedade com estes exercícios, e derrama neles com abundância as graças e propriedades que não concede às virtudes puramente humanas: é como o formoso arco-íris que faz odoríferas todas as plantas em que cai, mas incomparavelmente mais que todas as do aspalatus ⁽¹⁾.

CAPÍTULO IV

**Como o divino amor santifica ainda mais
excelentemente as virtudes, quando são
exercidas por sua ordem e preceito**

A formosa Raquel, depois de desejar por muito tempo ter geração do seu querido Jacob, logrou ser fértil por dois meios, tendo por isso filhos de duas maneiras diferentes.

(1) Plin., Hist. nat., l. XII, c. XXIV (al. LII).

Nos primeiros anos do seu casamento, como se visse estéril, e não tendo concebido filhos em seu seio, empregou, a modos de empréstimo, o corpo da sua serva Bala, a quem deu sociedade no exercício das funções matrimoniais, dizendo ao marido: *Dou-te a minha camareira Bala, como esposa, e os filhos que ela der à luz, tomá-los-ei em meu regaço e serão meus* ⁽¹⁾.

E o desejo de Raquel realizou-se. Bala concebeu e deu à luz alguns filhos, entregando-os ao regaço de Raquel, que os recebeu como se fossem seus, por serem procriados por dois corpos que lhe pertenciam: o de Jacob, pela lei do matrimónio, e o de Bala por obrigação do serviço, além de que essa geração fora feita por sua expressa vontade e determinação.

Porém, mais tarde, Raquel teve dois filhos, não pelo primeiro meio de adopção, mas realmente concebidos, gerados e procriados em seu ventre. E foram eles José e o muito amado Benjamim.

Eu te digo, meu caro Teotimo, que a caridade ou dilecção sagrada, mil vezes mais formosa do que Raquel, casada segundo o espírito humano, deseja incessantemente produzir obras santas. Em geral, no começo, a caridade não pode por si mesma produzir os frutos da união sagrada, que é própria só dele; então socorre-se das outras virtudes, como suas servas fiéis. associa-as ao seu enlace, ordenando ao coração que as pratique, para que delas nasçam as boas obras.

No entanto, essas obras adopta-as ela e considera-as como suas, porque foram originadas por sua ordem e determinação e nasceram dum coração que lhe pertencia, porque, como já expus em outro lugar ⁽²⁾, o amor é senhor do coração e consequentemente de todas as obras das outras virtudes feitas por seu consentimento.

Mas, além disso, a divina dilecção não deixa de ter dois actos gerados e produzidos propriamente por ela: um é o amor efectivo que, qual outro José, usando da plenitude da autoridade real, submete e regula toda a multidão das nossas faculdades, potências, paixões e affectos à vontade de Deus,

(1) Gen., XXX, 3. — (2) Livros I, CC. IV, VI; VIII, C. I, X, C. I.

para que seja amado, obedecido e servido sobre todas as coisas, fazendo cumprir por esse meio o grande mandamento celeste: *Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito, com todas as tuas forças* (1).

O outro é o amor afectivo ou affectuoso como o tenro Benjamim, extraordinariamente delicado, terno, cheio de atenções e amabilidade; porém mais feliz que Benjamim, porque a caridade, sua mãe, não morre ao dá-lo à luz, antes parece reassumir nova vida, pela suavidade e vigor de que se reveste.

As acções virtuosas dos filhos de Deus, Teotimo, pertencem todas à dilecção sagrada: umas, porque foram produzidas pela própria natureza dessa dilecção; outras, porque ela as santifica com a sua vital presença; e outras, finalmente, pela autoridade e determinação de que ela usa para com as outras virtudes de quem as faz nascer.

E estas últimas, não são, em verdade, tão eminentes em dignidade como os actos realmente e imediatamente gerados pela dilecção; contudo excedem incomparavelmente as outras acções que tiram toda a sua perfeição sòmente da presença e companhia da caridade.

Um grande general, se ganhar uma vitória assinalada, terá sem dúvida todas as honras da vitória, e com razão. Combateu à frente de todos, praticou feitos de bravura incontestável e, finalmente, foi ele que organizou o exército, determinou a batalha e comandou aqueles homens que, como um só, realizaram o seu plano de ataque e defesa, levando-o a bom êxito.

Portanto, ele tem as honras da vitória, pelo que fez individualmente e pelo que conseguiu, comandando os seus soldados. E ainda que algumas tropas amigas viessem em seu auxílio de improviso e se unissem ao corpo do exército, ainda a honra cabia ao general, porque, posto que essas tropas pelejassem, sem haver recebido as instruções dele, o haviam todavia servido, secundando a sua intenção.

No entanto, depois de se haver dado em conjunto toda a

(1) Marci, XII, 30.

glória ao general, não se deixa de a distribuir em parcelas por cada parte do exército, determinando o quinhão que a guarda avançada, o grosso do exército ou a retaguarda tiveram no feito. Assim procederam os Franceses, os Italianos, os Alemães, os Espanhóis, etc.. E também costumam louvar-se os particulares que se assinalam na peleja.

Identicamente, Teotimo, em meio de todas as virtudes, a glória da nossa salvação e da nossa vitória sobre o inferno atribui-se ao amor divino que, como príncipe e general do grande exército das virtudes, emprega todos os expedientes que nos conduzem ao triunfo; porque o amor sagrado tem as suas acções próprias, geradas e provenientes dele, por meio das quais realiza milagres de armas sobre os nossos inimigos; além disso, dispõe, comanda e ordena as acções das outras virtudes, que, por esse motivo se chamam actos ordenados pelo amor; e se, finalmente, algumas virtudes exercerem as suas operações sem a determinação dele, nem por isso o amor sagrado deixará de as adoptar como suas, por servirem ao seu intento, que é a honra de Deus.

Ora, posto que em absoluto nós digamos, imitando o divino Apóstolo ⁽¹⁾ que *a caridade tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre*, não deixamos de atribuir em particular os louvores da salvação dos Bem-aventurados às outras virtudes, conforme a influência que elas produziram em cada um; assim dizemos que a fé salvou uns, a esmola outros, a temperança, a oração, a humildade, a esperança, a castidade aos demais, porque a acção dessas virtudes brilhou com mais intensidade nesses Santos.

Mas depois de haver louvado estas virtudes particulares, é necessário referir sempre toda a honra ao amor sagrado que lhes imprimiu a santidade que elas tiveram.

Que outra coisa quer, pois, dizer o glorioso Apóstolo, asseverando que *a caridade é benigna, paciente* ⁽²⁾, que *ela crê tudo, espera tudo, suporta tudo*, senão que a caridade impõe à paciência que sofra, à esperança que espere, à fé que creia?

É certo, Teotimo, que o Apóstolo indica ainda ser o

(1) I Cor., XIII, 7. — (2) Vers. 4.

amor a alma e a vida de todas as virtudes; como se quisesse significar que a paciência não é assaz sofredora, nem a fé bastante fiel, nem a esperança bem confiada, nem a bondade mansa como deve, se o amor as não animar e vivificar.

É isso mesmo que nos quer fazer compreender o mesmo *vaso de eleição* quando diz que *sem caridade* nada lhe aproveita ⁽¹⁾, e que ele não é *nada* ⁽²⁾; é como se dissesse que, sem o amor, não seria paciente, nem bondoso, nem constante, nem fiel, nem esperaria como lhe cumpre, por ser servo de Deus, que é o verdadeiro e desejável ser do homem.

CAPÍTULO V

Como o amor sagrado junta a sua dignidade à das outras virtudes aperfeiçoando a que lhe é particular

«Tive ocasião de ver em Tivoli, diz Plínio ⁽³⁾, uma árvore enxertada de todos os modos possíveis, ostentando todas as espécies de frutos; num ramo apresentava cerejas, noutro nozes, nos outros uvas, figos, peras, maçãs e todas as qualidades de fruta».

Pois, meu Teotimo, se tal facto é de molde a causar admiração, muito mais o é ver no homem cristão o divino amor e enxertadas neste todas as outras virtudes; de forma que, como podíamos chamar com propriedade àquela árvore cerejeira, macieira, nogueira, pereira, etc., também podemos dizer da *caridade* que ela é *paciente* ⁽⁴⁾, doce, valorosa, justa; ou melhor, que a caridade é a paciência, a mansidão e a mesmíssima justiça.

Contudo a pobre árvore de Tívoli pouco durou, como afirma o próprio Plínio ⁽⁵⁾, porque aquela grande variedade de produção lhe exauriu rapidamente a seiva da raiz, de forma que secou, e morreu.

(1) Vers. 3 — (2) Vers. 2 — (3) Hist., nat., 1. XVII, c. XVI (al. XXVI). — (4) Vide in cap. praeced. — (5) Ubi supra.

Pois, muito ao contrário, a dilecção reforça-se, toma novo vigor, desabotoando-se em frutos com o exercício de todas as virtudes. Os santos Padres notaram quanto ela é insaciável no empenho de frutificar, e como não cessa de incitar o coração em que habita, como Raquel fazia a seu marido, dizendo-lhe: *Dá-me filhos, senão morro* (1).

Ora os frutos das árvores enxertadas são sempre da natureza do garfo; se o garfo for de macieira, darão maçãs, se for de cerejeira, darão cerejas, conservando contudo esses frutos o gosto do tronco.

Da mesma sorte, Teotimo, os nossos actos tomam o nome e a espécie das virtudes particulares de que nasceram, mas conservam sempre o gosto santificador da caridade: a caridade é a raiz e a origem de toda a santidade no homem.

E assim como o tronco comunica o sabor a todos os frutos que os garfos dão, de modo que cada fruto conserva a propriedade natural do garfo que o produziu, assim a caridade derrama igualmente a sua perfeição e valor nos actos das outras virtudes, conservando todavia cada uma delas o valor e a utilidade particular, que tiver de sua condição natural.

Todas as flores perdem a propriedade do brilho e da graça enquanto duram as trevas da noite; mas de manhã, quando o sol veste de luz e de graça essas mesmas flores, não as iguala em beleza e viço; a sua claridade, derramada com igualdade sobre todas, mostra-as com brilhos e alvuras diferentes, conforme elas são mais ou menos susceptíveis de receber os efeitos do seu esplendor.

A luz solar, apesar de incidir igualmente sobre a violeta e a rosa, jamais poderá fazer comparável a beleza desta com a daquela, nem a graça duma margarida com a do lírio. No entanto, se a luz do sol incidisse muito clara sobre a violeta, e muito obscurecida sobre a rosa, sem dúvida tornaria mais agradável à vista a violeta do que a rosa.

Assim, meu caro Teotimo, ainda que com a mesma caridade padeça um a morte do martírio e outro a fome do jejum, quem não vê que o valor deste jejum nunca será igual ao do martírio? Quem ousará dizer que o martírio em si não é mais excelente do que o jejum?

(1) Gen., XXX, I.

E se é mais excelente a caridade donde procede não lhe tira a excelência, antes lha aperfeiçoa, conservando-lhe por isso as vantagens que naturalmente tem sobre o jejum.

Nenhuma pessoa de bom senso iguala ou compara sequer a castidade nupcial à virgindade, nem o bom uso da riqueza à abnegação radical dela; portanto quem se atreveria a afirmar que a caridade proveniente dessas virtudes, lhes tiraria as propriedades e privilégios? A caridade nunca destrói, nunca depaupera; antes enaltece, vivifica e enriquece tudo o que encontra de bom nas almas que domina.

Não só o amor celeste não tira às virtudes a eminência e dignidade que elas têm por natureza, mas, ao contrário, porque tem a propriedade de aperfeiçoar as perfeições que encontra, à medida que encontra maiores perfeições mais altamente as aperfeiçoa.

É como o açúcar, na confeitaria, que de tal modo tempera com sua doçura o amargor de certos frutos, que adoçando-os todos, deixa-os todavia desiguais em sabor e doçura, segundo o sabor desigual que tem por natureza. Nunca faz que os pêssegos e as nozes sejam tão doces e agradáveis como os damascos e as ameixas.

Todavia, é certo que, se a dilecção for ardente, cheia de vigor e excelente num coração, há-de enriquecer e aperfeiçoar mais todos os actos de virtude que dela procedem. Podemos sofrer a morte ou o fogo por Deus, sem caridade, como supõe S. Paulo ⁽¹⁾ e eu explico noutro lugar ⁽²⁾; mas com melhor razão, se pode sofrer com alguma caridade.

Eu tenho para mim, Teotimo, que uma virtude bem pequena pode ter mais valor numa alma em que o amor sagrado impera, do que o próprio martírio numa alma em que o amor é tíbio, fraco e lento.

Deste modo, as menores virtudes de Nossa Senhora, de S. João e de outros Santos eminentes, eram de maior valor aos olhos de Deus do que as mais alevantadas virtudes de outros Santos inferiores, assim como muitos dos pequeninos impulsos amorosos dos Serafins são mais veementes do que os mais acendrados dos Anjos de ordem inferior. Exactamente

(1) I Cor., XIII, 3. — (2) Livro X, c. VIII.

mente como o canto dos rouxinóis aprendizes é incomparavelmente mais harmonioso do que o dos pintassilgos mais amestrados.

O pintor Pireicus, no fim da vida, não pintava senão obras de pequeno tomo, como lojas de barbeiro, de sapateiro, jumentinhos carregados de feixes de erva, e quejandas bagatelas.

Parecia, diz Plínio (1), que se empenhava o grande artista em aniquilar a fama que alcançara: e passaram a considerá-lo como pintor de segunda plana. No entanto, a pujança do seu talento manifestava-se com tal evidência em seus humildes trabalhos, que estes eram reputados e vendidos por mais elevado preço do que as obras mais esmeradas de outros artistas.

É assim, Teotimo, que as pequeninas simplicidades, abjecções e humilhações em que tanto se compraziam os grandes Santos para se amesquinharem e occultarem, pondo assim o coração ao abrigo da vanglória, mereciam deste modo ser mais agradáveis a Deus, pela perfeição e ardor com que eram praticadas, do que as ostentosas e grandes acções praticadas por outros e em que a caridade tinha uma parte muitíssimo reduzida.

A sagrada Esposa impressiona o Esposo com *um só* dos seus cabelos (2), que ele tem em tão alta consideração que os compara aos *rebanhos das cabras de Galaad* (3); e não louvou antes os olhos da sua devota amante, sendo eles a mais expressiva e nobre parte de todo o rosto. Contentou-se com louvar-lhe a cabeleira que é a mais fraca, a mais vil e abjecta de todas.

É para que se saiba que numa alma cativa do divino amor, os exercícios que parecem mais mesquinhos são, no entanto, altamente agradáveis à sua divina Majestade.

(1) Hist. natur. 1, XXXV, c. x (al., XXXVII. — (2) Cant., IV, 19.
— (3) Ibid., VI, 4.

CAPÍTULO VI

Do alto mérito que o amor sagrado dá às acções que inspira, e às que procedem das outras virtudes

Mas, dir-me-ás, que valor é esse que o amor sagrado confere às nossas acções? Ah! Teotimo, eu nunca me atreveria a dizê-lo se o próprio Espírito Santo o não houvesse declarado em termos categóricos, pela boca do grande apóstolo S. Paulo, que diz assim: *O que, no tempo, a nossa tribulação tem de momentâneo e leve, opera, na eternidade, um peso de glória sem medida* (1).

Ponderemos bem estas palavras. As nossas tribulações tão leves que passam num momento, convertem-se *para nós*, em *peso sólido e permanente da glória*. Quantas maravilhas nestas promessas: a *tribulação* transforma-se em *glória*, a *leveza* em *peso*, e os momentos em eternidade!

Mas quem pode dar tanta virtude a esses momentos passageiros e às tribulações tão leves de suportar? O escarlate, a púrpura ou o carmezim violeta, é um tecido tão precioso que, geralmente se emprega só para o manto dos reis ou das altas dignidades da Igreja; no entanto não é tão raro e precioso pela matéria prima como pela cor da tinta.

Também as obras dos bons Cristãos são de tão alto valor que por elas ganhamos o Céu; mas não é, Teotimo, por elas serem nossas, fabrico do nosso coração, é porque são tintas no sangue do Filho de Deus: quero dizer, o Salvador santifica as nossas obras pelo merecimento do seu precioso sangue.

O sarmento unido e ligado à cepa dá fruto, não por sua virtude, mas por virtude da cepa: ora nós estamos unidos pela caridade ao nosso Redentor, como os membros à cabeça (2); e é esse o motivo porque os nossos frutos e boas obras, haurindo do sangue de Jesus o valor, alcançam a vida

(1) II Cor., IV, 17.—(2) Efes., IV, 15, 16.

eterna. A vara de Aarão estava seca, incapaz de frutificar por si, mas logo que o nome do grande Patriarca foi escrito nela, numa só noite deu folhas, flores e frutos ⁽¹⁾.

Nós também somos como varas secas, inúteis e infrutíferas, *incapazes de produzir um pensamento só por nós; toda a nossa capacidade é de Deus, que nos fez oficiais idôneos* ⁽²⁾ e bastantes da sua vontade. Por isso, quando pelo santo amor o nome do Salvador, grande *Bispo da nossa alma* ⁽³⁾, estiver gravado em nossos corações, para logo começamos a produzir frutos deliciosos para a vida eterna.

E como as pevides que não produzem senão melões de gosto insípido, dão melões açucarados se, antes de as semear, tivermos o cuidado de as mergulhar em água bem açucarada, igualmente os nossos corações que de si não eram capazes de produzir nem um bom pensamento para o serviço de Deus, se os embebermos na sagrada dilecção pelo *Espírito Santo que habita em nós* ⁽⁴⁾, produzem santas acções que tendem e nos conduzem à glória imortal.

As obras que provêm de nós, não passam de mesquinhos caniços, mas esses caniços tornam-se de ouro pela caridade e com eles se mede a Jerusalém celeste ⁽⁵⁾, que nos é dada por essa medida.

Tanto aos homens como aos Anjos, a glória é concedida conforme a caridade e as operações dela, de modo que *a medida do Anjo é a mesma que serve para o homem* ⁽⁶⁾; e Deus tem dado e dará *a cada um, na proporção das suas obras*, como a Escritura divina nos ensina, a prometida felicidade e alegria eterna do Céu, em recompensa dos trabalhos, sacrifícios e boas acções que tivermos praticado neste mundo.

Recompensa magnífica que denuncia a grandeza do Senhor que servimos, e que, na verdade, Teotimo, tinha todo o direito, se quisesse, de exigir de nós inteira obediência e serviço sem nos propôr salário nem galardão: nós pertencemos-lhe por mil títulos, todos legítimos, além de que nada podemos fazer de meritório, que não seja d'Ele, por Ele e para Ele.

(1) Num., XVII, 8. — (2) II Cor., III, 5, 6. — (3) I Petri, II, ult.. — (4) Rom., V, 5, VIII, II. — (5) Apoc., XXI, 15. — (6) Ibid., v, 17; cum inversione.

Porém a sua bondade não quis que fosse assim; em consideração de seu Filho e nosso Salvador, quis tratar connosco com preço estabelecido, recebendo-nos em penhor e tomando para connosco o compromisso de nos pagar, segundo nossas obras, com salários eternos.

Ora, não fez isto porque o nosso serviço lhe seja útil nem necessário; porque *depois de termos feito tudo o que o Senhor ordenou*, devemos confessar com humílissima verdade e verdadeira humildade, que somos efectivamente *servos inúteis* ⁽¹⁾ e de todo o ponto infrutuosos para o nosso Senhor que, por sua essencial superabundância de bem, não pode auferir proveito nenhum de nós; antes, revertendo as nossas obras em nosso favor e proveito, ele concede que o sirvamos com tanta inutilidade para ele como vantagem para nós, que com tão pequenos trabalhos alcançamos tão grandes recompensas.

O Senhor não era, pois, obrigado a pagar-nos, se não o tivesse prometido. Mas não julgues, Teotimo, que nesta promessa o Senhor quis apenas manifestar a sua bondade, esquecendo-se de glorificar nela a sua infinita sabedoria. Pelo contrário: observou com exactidão extraordinária as regras da equidade, aliando admiravelmente a conveniência com a liberalidade: porque as nossas obras são realmente muito pequeninas e de todo indignas de serem comparadas com a glória na sua quantidade, mas são-lhe no entanto, proporcionadas em qualidade, por virtude do Espírito Santo.

Habitando em nossos corações pela caridade ⁽²⁾, ele opera-as em nós, por nós e para nós, com tão estranha arte, que as mesmas obras que são todas nossas, melhor se diriam todas dele, porque, assim como ele as produz em nós, assim nós reciprocamente as operamos nele; assim como as faz para nós, assim nós as fazemos para ele; assim como ele operou connosco, assim nós cooperámos com ele.

O Espírito Santo habita em nós se formos membros vivos de Jesus Cristo, que por isso dizia aos Discípulos ⁽³⁾: *Aquele que habitar em mim e eu nele, esse produzirá muito fruto*; e essa é a razão, Teotimo, porque quem viver nele

• (1) Luc., XVII, 10. — (2) Rom., ubi supra. — (3) Joan., XV, 5.

participa do divino Espírito, que reside no centro do coração humano como uma *fonte que brota* e jorra as suas águas *para a vida eterna* ⁽¹⁾.

Assim o óleo de bênção derramado sobre o Salvador, como *chefe* da Igreja triunfante e militante, espalha-se pela multidão dos Bem-aventurados, que representam a *barba* do Divino Mestre por viverem unidos à sua face gloriosa, e ainda se derrama sobre os fiéis, que são como que as *vestes* juntas e unidas pela dilecção à divina Majestade: uma e outra legião, compostas de irmãos legítimos, podem nesse momento exclamar: *Ó que felicidade a nossa, ao vermo-nos assim tão unidos com todos os nossos irmãos, ungidos pelo oleoso perfume que, descendo pela barba de Aarão, desliza até à fimbria das suas vestes sacerdotais!* ⁽²⁾

Também as nossas obras, semelhantes ao mesquinho grão *de mostarda* ⁽³⁾, nunca se podem comparar em tamanho com a árvore de glória que produzem. No entanto elas possuem o vigor e a virtude de a produzir, porque procedem do Espírito Santo, que, por uma admirável infusão da sua graça em nossos corações, torna as nossas obras suas, ficando ao mesmo tempo nossas. Isto enquanto nós formos membros dum corpo de que ele é o Espírito, e estivermos enxertados na árvore de que ele é a divina seiva.

Actuando ele deste modo em nossas obras, e cooperando nós na sua acção, ele deixa-nos, por nosso quinhão todo o mérito e fruto dos nossos serviços e boas obras, e nós rendemos-lhe toda a honra e lóuvor, reconhecendo que a origem, a realização e o fim de todo o bem que fizemos depende da sua misericórdia. É por ela que o Espírito Santo vem a nós pela graça preveniente, veio até nós e nos assistiu, veio connosco e nos conduziu, levando-nos a concluir o que Ele começou ⁽⁴⁾.

Ah! Senhor quão grande é a vossa misericórdia em semelhante partilha! nós damos-vos a glória dos louvores, mas ah! vós dais-nos a glória do vosso gozo e, em resumo, em troca de levíssimos e passageiros sacrifícios, adquirimos bens perduráveis por toda a eternidade. Assim seja!

(1) Joan., IV, 14. — (2) Ps., CXXXII, 1, 2. — (3) Mat., XIII, 31, 32. — (4) Filip., 1, 6.

CAPÍTULO VII

**Como as virtudes perfeitas não existem
umas sem as outras**

É opinião geral que o coração é o primeiro órgão vital do homem, por receber directamente a vida da alma, e que a vista é o último ⁽¹⁾.

Assim, quando se morre naturalmente, a vista é a primeira a desfalecer e o coração o último. Logo que o coração começa a viver, antes de estarem animadas as restantes partes do corpo, o seu movimento é certamente muito débil, muito brando e imperfeito. Mas, à medida que essa vida se vai generalizando por todo o organismo, torna-se mais vigorosa em cada parte, e nomeadamente no coração.

Do mesmo modo se a vida for, afectada em algum de nossos membros, todos os outros se ressentem imediatamente. Um homem, ferido numa perna ou num braço, sente-se abalado em todo o seu ser, comovido, preocupado; se adoecermos do estômago, os olhos, a voz, todo o semblante o acusa, tão perfeita é a harmonia que existe entre todas as partes do corpo humano, no gozo da vida natural.

As virtudes também se não adquirem todas ao mesmo tempo, mas umas depois das outras, e à medida que a razão, que é a alma do nosso coração, se apodera primeiro duma paixão e depois de outra, para as moderar e dominar. É geralmente a vida da alma tem o seu início no coração das paixões, que é o amor, e estendendo-se a todas as outras, vivifica por fim o entendimento, por meio da contemplação; inversamente, a morte moral ou espiritual, faz a sua primeira entrada na alma pela irreflexão (*a morte entra pelas janelas*, diz o sagrado Texto ⁽²⁾) e o seu último efeito é destruir o amor, que, ao morrer, faz perecer em nós toda a vida moral,

(1) Aristot., De gener. Animal., I, II, c. IV. — (2) Jerem., IX, 21.

Ainda bem que podemos ter algumas virtudes separadas das outras, embora isso não possa dar-se senão com virtudes imperfeitas e débeis. É certo que a razão, vida da nossa alma, se não satisfaz, nem se dá bem numa alma sem que possua e domine todas as faculdades e paixões: ferida a razão ou ofendida em alguma de nossas paixões ou affectos, para logo as outras perdem o vigor e esmorecem extraordinariamente.

Olha, Teotimo: todas as virtudes são virtudes por se harmonizarem ou conformarem com a razão; não se podem chamar virtuosas as acções que não procederem do affecto que o coração tributa à honestidade e beleza da razão.

Ora, se o amor da razão possuir e animar um espírito, há-de fazer o que a razão determinar em todos os casos, e assim pratica todas as virtudes. Se Jacob amasse Raquel pelo motivo de ser filha de Laban, por que havia de a preferir a Lia que era primogénita do mesmo Laban? Mas ele, que amava Raquel em virtude da beleza que nela encontrou, nunca pôde amar igualmente a pobre Lia, apesar de fecunda, apesar de discreta, porque não possuía a formosura que o encantara na irmã ⁽¹⁾.

Quem amar uma virtude pelo amor da razão e honestidade que nele transparecer, há-de amá-las a todas, porque encontrará em todas o mesmo motivo, estimando mais ou menos a cada uma, conforme a razão nelas transpareça mais resplandecente. Quem ama a liberalidade e não aprecia a castidade, mostra claramente que não ama a liberalidade pela beleza da razão; porque esta beleza é ainda maior na castidade, e onde a causa é mais poderosa, os efeitos deviam ser mais fortes.

Eis, portanto, uma prova evidente de que aquele coração não se inclinou à liberalidade pela consideração da razão: donde se conclui que essa liberalidade não tem de virtude senão a aparência, visto não derivar da razão, que é a verdadeira origem das virtudes, mas sim de qualquer outro motivo estranho.

Para usar do nome do marido de sua mãe, basta que uma criança nasça depois do matrimónio e seja perfilhada por

(1) Gen., XXIX, 16-30.

ele. Mas para que em suas veias gire o mesmo sangue, é preciso que ela seja gerada desse matrimônio. As acções têm o nome, o cunho e os sinais das virtudes, porque, nascidas dum coração dotado da razão, podem dizer-se racionais; mas não têm a substância nem o vigor da virtude, se provierem dum motivo alheio e adúltero, e não da razão.

Pode muito bem acontecer que um homem tenha algumas virtudes e seja destituído das restantes. Mas nesse caso são virtudes nascentes, ainda muito tenras, como flores em botão; ou então, virtudes descrépitadas, moribundas, como flores emurchecidas. Não há dúvida de que as virtudes só todas reunidas é que atingem a integridade e suprema perfeição, e isto mesmo nos garantem tanto a filosofia como a teologia.

Eu não sei, Teotimo, que prudência pode ter um homem, que é imoderado em seus costumes, injusto e poltrão, se pratica o vício e despreza a virtude. E como é que se pode ser justo sem prudência, sem força, nem moderação, quando é certo que a justiça não passa de uma perpétua, eficaz e constante vontade de dar a cada um o que lhe pertence? A ciência, pela qual o direito se administra, chama-se jurisprudência, e diz que, para dar o seu a seu dono, é necessário viver com regra e com modéstia, impedir as desordens da intemperança em nós, para nos dar o que a nós mesmos pertence.

A palavra «virtude» significa uma força e vigor pertencentes à alma como propriedade sua, exactamente como se diz das plantas ou das pedras preciosas, que têm esta ou aquela propriedade.

Não será imprudência a prudência do homem imoderado? A força sem prudência, justiça e temperança degenera em insânia; a justiça é injusta no homem covarde que não se atreve a exercê-la; no homem descomedido, que se entrega às paixões; e no imprudente, que não sabe distinguir entre a verdade e o erro.

A justiça que não for acompanhada da prudência, da força e temperança, não é justiça; a prudência perde também o seu valor se não for moderada, justa e forte; a força precisa igualmente de ser justa, prudente e moderada; a temperança carece sempre de ser prudente, forte e justa. Enfim, uma virtude não pode ser perfeita se não se acompanhar das outras todas.

É inegável que as virtudes se não podem exercer todas a um tempo, porque nem sempre se proporciona ocasião para isso. Tanto que muitos santos viveram e morreram, sem praticar algumas virtudes. Como podia, por exemplo, S. Paulo, primeiro eremita, exercer o perdão das injúrias, a afabilidade, a magnificência e a bondade?

Contudo as boas almas afeiçoam-se instintivamente à bondade da razão, e posto que não ponham por obra todas as virtudes, amam-nas a todas, e estão prontas e dispostas a seguir e servir a razão em todas as circunstâncias, sem excepção nem reserva. Há inclinações que às vezes se consideram como virtudes e que não passam de favores e vantagens da natureza.

Pois não há pessoas que, por natural condição, são sóbrias, simples, mansas, taciturnas, e até castas e honestas? Ora, parecendo à primeira vista que isto são virtudes, não têm todavia o menor mérito, assim como não podemos censurar certas inclinações perniciosas, enquanto lhe negarmos livre e voluntário consentimento.

Não é virtude abstermo-nos de comer por não podermos, mas por deliberação própria; não é virtude ser taciturno por inclinação, mas é-o, quando nos calamos por prudência. Há outros que imaginam ter as virtudes, quando não praticam os vícios contrários; quem nunca foi assaltado, pode com fundamento gloriar-se de não ser covarde, mas não se pode dizer valente; quem não tem curtido verdadeiras aflições, poderá considerar-se livre de impaciências, mas não se dirá paciente.

Há quem imagine possuir virtudes e contudo não tem mais do que boas inclinações: e como essas inclinações existem isoladas umas das outras, concluem que se dá o mesmo com as virtudes.

Santo Agostinho, numa epístola a S. Jerónimo ⁽¹⁾, prova que podemos ter alguma espécie de virtudes, sem possuir as outras, mas que para serem perfeitas temos de as reunir a todas. Enquanto aos vícios, podemos ter um sem os outros e até é impossível possuí-los todos. Não se pode por isso

(1) Ep. CLXVII, § 8 2, 3.

concluir que quem perdeu todas as virtudes, tenha todos os vícios, porque quase todas as virtudes têm dois vícios opostos não só à virtude como adversos entre si. Quem degenerou de valente em temerário, não pode ser covarde ao mesmo tempo; quem é pródigo, em vez de liberal, não pode ser avarento.

«Catilina, diz Santo Agostinho ⁽¹⁾, era sóbrio, vigilante, paciente em curtir frios e fomes; deste modo, ele e os cúmplices, ostentaram uma constância extraordinária. Contudo essa força não era prudente, porque escolhia o mal em vez do bem; não era moderada, porque se amesquinhava com vis torpezas; não era justa, porque se revoltava contra a pátria. Portanto era uma porfia, uma teima, só com o nome de constância, para iludir os tolos e os incautos.»

CAPÍTULO VIII

Como a caridade abrange todas as virtudes

Um rio partia do lugar de delícias para banhar o Paraíso terrestre, e, dali, dividia-se em quatro braços ⁽²⁾. O homem é um lugar de delícias, em que Deus fez brotar o rio da razão e da luz natural para banhar todo o paraíso do nosso coração; esse rio divide-se em quatro braços, que são outras tantas correntes, relativas às quatro regiões da alma:

1.º Sobre o juízo prático, isto é, que discerne as acções que devemos praticar ou evitar, a luz natural derrama a prudência, que inclina o espírito a julgar do mal que devemos evitar, e do bem que devemos praticar;

2.º Sobre a vontade, faz recair a justiça, que não é mais do que um perpétuo e firme desejo de dar a cada um o que lhe pertence;

3.º Sobre os excessos da ambição lança a temperança, que modera as paixões inerentes;

(1) Ibid., § 2. — (2) Gen., II, 10.

4.º Sobre os impulsos da ira faz flutuar a força que domina e refreia todos os movimentos coléricos.

Ora estes quatro rios, assim separados, ainda se subdividem em outros, para que todas as acções humanas visem directamente ao bem e à felicidade natural. Mas, além disso, Deus querendo enriquecer os cristãos com um favor especial, fez brotar da parte superior do seu espírito uma fonte sobrenatural, que nós chamamos — graça —.

A graça compreende a fé e a esperança, mas consiste especialmente na caridade; purifica a alma de todos os pecados: exorna-a com extrema beleza, e por fim difunde as suas águas sobre todas as faculdades e respectivas operações, para dar ao entendimento uma prudência celeste, à vontade uma santa justiça, à ambição uma temperança sagrada, aos excessos da ira uma força devota. Assim, o coração do homem terá apenas um fim — o bem, a felicidade sobrenatural, que consiste na união com Deus.

Quando estas quatro correntes e rios da caridade encontram numa alma qualquer das quatro virtudes naturais, submetem-na ao seu domínio, identificam-na consigo para a aperfeiçoarem, como a água aromática perfuma a água natural, quando se misturam. Porém, se a santa dilecção, assim difundida, não encontra nenhuma das virtudes naturais na alma, então é ela que efectua todas as operações, conforme o exigem as circunstâncias.

Por exemplo: em S. Paulo, em Santo Ambrósio, em S. Dionísio, etc., o amor celeste encontrou muitas virtudes, derramou sobre elas uma claridade intensa, e chamou-as todas ao seu serviço. Em Madalena, em Santa Maria Egípcíaca, no bom ladrão e em mil outros penitentes, que haviam sido grandes pecadores, o divino amor, não achando virtudes, substituiu-as, fez as vezes delas, e tornou-se nelas pacífico, manso, humilde e liberal.

Semeamos num jardim grande variedade de sementes, cobrimo-las a todas de terra, como sepultando-as, até que o sol com a sua força criadora as faz surgir e, em certo modo, ressuscitar, para produzirem flores e folhas com novas sementes, *cada uma segundo a sua espécie* (1). De forma que

(1) Gen., I, 12.

um único calor celeste opera toda a infinita variedade de produções, fazendo germinar as sementes que encontra ocultas no seio da terra.

Não há dúvida, meu caro Teotimo, de que Deus derramou em nossas almas as sementes de todas as virtudes; todavia elas acham-se de tal modo cobertas com a nossa imperfeição e fraqueza que não podem vir a lume ou, quando muito, transparecem dubiamente, enquanto o calor vital da dilecção sagrada as não vier animar e ressuscitar, produzindo por elas as operações de todas as virtudes.

Como o maná encerrava a variedade de paladares de todas as carnes e delas despertava o gosto na boca dos Israelitas ⁽¹⁾, também o amor celeste compreende a diversidade das perfeições de todas as virtudes, em grau tão eminente e alevantado que realiza todas as acções delas em tempo e lugar adequado.

Josué derrotou ousadamente os inimigos de Deus com a boa organização dos exércitos a seu cargo; mas Sansão ainda os venceu com mais glória porque, corpo a corpo e com a queixada de um burro, matou-os aos milhares ⁽²⁾; Josué fez maravilhas com o valor das suas tropas, com a boa disciplina do seu comando, mas Sansão, só com a força dos seus músculos e sem nenhum auxílio estranho, operou milagres. Josué tinha a força dos soldados à sua ordem; Sansão tinha-a em si e, sozinho, podia tanto como Josué com os soldados.

O amor celeste excede qualquer destas duas imagens. Quando encontra virtudes numa alma e acha pelo menos a fé, a esperança e a penitência, anima-as, governa-as e emprega-as com felicidade ao serviço de Deus. E quanto às restantes virtudes, que não encontra, o amor celeste substitui-as com mais valor e eficácia ele só, do que elas logariam empregar todas juntas.

Efectivamente o grande Apóstolo ⁽³⁾ não diz só que a caridade nos dá paciência, benignidade, constância, simplicidade; mas afirma que ela é *pacífica, benigna, constante*. É mesmo próprio das supremas virtudes poder não só orde-

(1) Sap., XVI. 20. — (2) Judic., XV, 15. — (3) I Cor., XIII, 4.

nar às inferiores que operem, mas poderem elas mesmas fazer o que ordenam às outras. Um bispo pode conferir todas as dignidades e funções eclesiásticas, desde: abrir a igreja, orar nela, esconjurar, explicar, pregar, baptizar, sacrificar, comungar, absolver: e pode ele mesmo fazer e faz tudo isto por estar investido duma virtude eminente que abrange todas as inferiores.

S. Tomás, referindo-se ao que S. Paulo afirma: ser a *caridade paciente, benigna, forte*, diz assim ⁽¹⁾: «A caridade realiza as obras de todas as virtudes». Santo Ambrósio, escrevendo a Demetrias ⁽²⁾, chama à paciência e às outras virtudes «membros da caridade».

E o grande Santo Agostinho também diz ⁽³⁾ que o amor de Deus compreende todas as virtudes e faz as vezes delas em nossa alma. Eis as suas palavras: «Dizem que a virtude se divide em quatro (referindo-se às quatro virtudes cardeais) e dizem-no a meu ver por causa das diversas afeições que resultam do amor: de modo que eu não poria dúvida em definir estas quatro virtudes da seguinte maneira: A temperança é o amor que se dá inteiramente a Deus; a fortaleza, um amor que sofre de boamente tudo por Deus; a justiça, um amor que, servindo só a Deus, dirige rectamente tudo o que está subordinado ao homem; a prudência, um amor que escolhe o que lhe é proveitoso, para se unir a Deus e repele o que lhe é nocivo».

Aquele, pois, que tem a caridade, tem o espírito revestido com uma formosa veste nupcial, recamada, como a de José ⁽⁴⁾, de toda a espécie de virtudes; ou melhor, tem uma perfeição que encerra a virtude de todas as perfeições, ou a perfeição de todas as virtudes.

É por isso que *a caridade é paciente e benigna; não é invejosa*, mas cheia de bondade; *não pratica leviandades*, mas usa de prudência; *não se desvanecer de orgulhosa*, mas é humilde; *não tem ambições, nem desdêns*, mas é branda e afável; *não é caprichosa em exigir o que lhe pertence*, mas é franca e condescendente; *nunca se desespera*, porque é

(1) II^a II^{as}, qu. XXIII, art. IV, ad 2. — (2) Epist. ad Demetr., olim inter Opera S. Ambr., — (3) De Morib. Eccl. c. 15. — (4) Gen., XXXVII, 3.

pacífica; *nunca supõe mal nenhum*, porque é bondosa; *não se alegra nunca com o mal*, só se regozija com a verdade e na verdade; *suporta tudo, acredita* de bom grado o que lhe disserem de bem, sem relutância, nem teimas, nem desconfiança; *espera todo o bem do próximo*, sem nunca desanimar de o guiar para a salvação; *sofre tudo* ⁽¹⁾ esperando tranquilamente o que lhe foi prometido.

Para rematar: a caridade é o ouro *fino e inflamado*, que Nosso Senhor aconselhava ao bispo de Laodicéa que *comprasse* ⁽²⁾, e que encerra o valor de todas as coisas, que tudo pode e tudo consegue.

CAPÍTULO IX

Como as virtudes haurem a sua perfeição do amor sagrado

A caridade é o laço de perfeição ⁽³⁾, porque encerra e compendia em si todas as perfeições da alma, e porque sem ela não é possível reunir todas as virtudes, nem mesmo chegar à perfeição de nenhuma. Sem a argamassa ou o cimento a ligar as pedras das paredes, não pode haver edifício que se não desmorone; sem os nervos, os músculos e os tendões, o nosso corpo não pode sustentar-se, e infalivelmente se desfará. Também sem a caridade, as virtudes não podem sustentar-se umas às outras.

Nosso Senhor alia sempre o cumprimento dos mandamentos à caridade: *Quem está de posse dos meus mandamentos e os observa, esse é que me ama* ⁽⁴⁾; *Quem me não amar, não observará os meus mandamentos* ⁽⁵⁾; *Aquele que me amar, há-de respeitar as minhas palavras* ⁽⁶⁾. E o Discípulo amado repete: *Quem observar os mandamentos de Deus, abrigará em sua alma a perfeita caridade do mesmo*

(1) I Cor., XIII, 4-7. — (2) Apoc., III, 18. — (3) Coloss., III, 14. — (4) Joan., XIV, 21. — (5) Ibid., v. 24. — (6) Ibid., v. 23.

Senhor (1); *A caridade de Deus consiste em guardarmos os seus mandamentos* (2).

O que possuir todas as virtudes, observará todos os mandamentos. Quem tiver a virtude da religião, observa os três primeiros mandamentos; quem tiver a piedade guarda o quarto; quem tiver mansidão e bondade observa o quinto; com a castidade, guardaremos o sexto; com a liberalidade evitaremos a violação do sétimo; com a verdade, a do oitavo; e com a parcimónia e a pureza se guardará o nono e o décimo.

Se não é possível sem caridade observar os mandamentos, com mais fundos motivos é impossível, sem ela, ter todas as virtudes.

Pode, certamente, uma pessoa, ainda que não tenha o amor divino, praticar alguma virtude e passar algum tempo até sem ofender a Deus. Porém, talqualmente como uma árvore arrancada de fresco da terra ainda dá alguma produção, posto que não perfeita, nem muito duradoura, também o coração sem caridade pode realmente praticar actos de virtude, mas de mínima perfeição e não por muito tempo.

As virtudes separadas da caridade são sempre imperfeitas, não podem atingir o seu fim, que é tornar o homem feliz. As abelhas, quando nascem são apenas uns vermezinhos sem pés, sem asas, nem forma: porém, com o tempo, vão-se transformando em moscas e, enfim, quando grandes e fortes, diz-se então que são abelhas formadas, feitas e perfeitas, porque têm o que lhes era preciso para voar e fabricar o seu precioso mel.

As virtudes têm também o seu princípio, o seu progresso e a sua perfeição. Não repugna, nem eu nego que, sem a caridade, elas possam gerar-se e crescer até certo ponto. Porém, para que elas tenham a perfeição necessária para se chamarem virtudes formadas, completas, é necessária a caridade, que lhes dá a força de ascenderem a Deus, e recolherem da misericórdia divina o mel do verdadeiro mérito e da santificação dos corações em que se encontra.

A caridade está para as virtudes na mesma proporção

(1) Ep., II, 5. — (2) Ibid., v. 3.

em que o sol está para as estrelas: distribuí por todas a sua claridade e beleza. A fé, a esperança, o temor de Deus, a penitência, vêm geralmente antes dela, a preparar-lhe nas almas morada e alojamento; mas desde que ela chega, obedecem-lhe e servem-na com as demais virtudes, e a todas a caridade anima, embeleza e vivifica com a sua presença.

As demais virtudes podem coadjuvar-se mutuamente e excitarem-se em suas obras e exercícios. Como todos sabem, a castidade requer e excita a sobriedade, e a obediência leva-nos à liberalidade, à oração, à humildade. Pela comunicação que há entre elas, participam das perfeições umas das outras. Assim, a castidade observada por obediência tem duplo mérito; o merecimento próprio e o da obediência, que ainda vale mais.

Aristóteles afirma ⁽¹⁾ que quem rouba para ser libertino é mais libertino do que ladrão, porque tem todos os afectos postos na prostituição e não se serve do latrocínio senão como de um meio para realizar o seu fim. Assim quem é casto por obediência, é mais obediente do que casto, porque põe a castidade ao serviço da obediência.

Porém, da associação das duas virtudes não resulta uma virtude completa e perfeita, porque a suma perfeição, que é o amor, falta em ambas elas: de modo que, se fosse possível uma pessoa reunir todas as virtudes, e só lhe faltasse a caridade, tal conjunto de virtudes seria certamente um corpo completo em todas as suas partes, como o de Adão, quando Deus com a sua divina mão o *formou do barro*, mas um corpo sem vida, sem graça, sem movimento, até que o Senhor lhe insuflou o *sopro da vida* ⁽²⁾, isto é, a santa caridade, sem a qual *nada nos aproveita* ⁽³⁾.

Insistindo: a perfeição do amor divino é tão eminente que eleva todas as virtudes, sem poder ser aperfeiçoado por nenhuma, nem pela própria obediência, que é de todas a que mais perfeição imprime às outras. Posto que o amor seja preceituado e que, amando, nós obedeçamos, em todo o caso o amor não tira a sua perfeição da obediência mas da bondade daquele a quem ama: o amor não é excelente porque obedece, mas porque ama um bem excelente.

(1) *Ethica ad Nicom.*, 1, v. c. II. — (2) *Gen.*, II, 7. — (3) *I Cor.*, XIII, 3.

Não há dúvida de que, amando, obedecemos, como inversamente, obedecemos amando; mas esta obediência tende a praticar excelentemente o amor; a sua perfeição não consiste em amarmos por obediência mas em obedecer por amor. Assim como Deus é o supremo fim de tudo o que é bom e igualmente a sua primeira origem, assim o amor, manancial de todos os bons affectos, é semelhantemente o derradeiro fim e perfeição desses affectos.

CAPÍTULO X

Digressão acerca da imperfeição das virtudes dos pagãos

Os sábios de outras eras fizeram pomposos discursos, teceram elogios mirabolantes às virtudes morais, e estenderam-nos até à religião. No entanto, o que Plutarco observou acerca dos estóicos, ainda se me afigura mais adequado a todos os pagãos. Nós vemos, diz ele ⁽¹⁾, navios que ostentam inscrições espaventosas: há navios chamados Vitória, outros, Valentia, outros, Sol, etc., e contudo estão, como os demais, sujeitos aos ventos e às vagas.

Também os estóicos, alardeiam uma isenção de paixões que estão longe de possuir; dizem-se sem medo, sem tristeza, sem ira, génios inalteráveis e inacessíveis a todas as vicissitudes da vida. No entanto, eles são, como os outros mortais, susceptíveis de se perturbarem, têm inquietações, deixam-se dominar pela cólera e por outras paixões mais.

Mas que crédito pode merecer a virtude de homens que, voluntariamente, de caso pensado, destruíam todas as leis da religião? Séneca escreveu um livro intitulado *Contra as superstições*, em que censurava a impiedade pagã com muita ousadia. Ora «essa ousadia», diz Santo Agostinho ⁽²⁾,

(1) Opus. cujus argumentum est Stoicos quam poetas absurdiora dicere. — (2) Lib. 6. de Civit. cap. 10 e 11.

«encontra-se-lhe nos escritos mas não na sua vida» porque ele mesmo aconselhou «que intimamente reprovássemos a superstição, mas não deixássemos de a pôr em prática». Senão, ponderemos as suas palavras: «O sábio tem de observar essas superstições como leis, mas não como agradáveis aos deuses».

Como haviam de ser virtuosos aqueles que, como conta Santo Agostinho ⁽¹⁾, entendiam «que o sábio devia pôr termo à existência, quando não pudesse ou não devesse suportar as calamidades da vida? E contudo não queriam confessar que as calamidades eram inerentes aos homens, e os homens acessíveis às calamidades; sustentavam que o sábio era sempre feliz, e a sua vida sempre plácida e ditosa. «Que vida feliz é essa, diz Santo Agostinho ⁽²⁾ para evitar a qual é necessário recorrer à morte?! Se ela é tão ditosa, por que lhe podes termo?»

Assim, houve entre os estóicos e capitães um homem muito louvado por juízos profanos, em virtude de se haver suicidado na cidade de Utica, para evitar um acto que considerava indigno de si.

Contudo, diz muito acertadamente Santo Agostinho ⁽³⁾, esse atentado atestou menos uma coragem em evitar vergonha, do que a fraqueza duma alma que não teve ânimo para defrontar a adversidade. Se considerava indigna a vida sob o domínio de César, por que ordenou que esperassem na bondade de César? Por que não aconselhou ao filho que morresse com ele, se a morte era mais honrosa do que a vida?»

De duas, uma: ou ele se matou por invejar a César a glória de lhe conceder a vida, ou por se vexar de viver sob o domínio de um vencedor que odiava.

Louvem-lhe, se quiserem, o ânimo de pôr termo à existência, mas nunca poderão afirmar que esse homem tinha um espírito constante, recto e muito menos virtuoso. O crime que se comete sem emoção, a sangue frio, é o mais cruel e indesculpável de todos. O desespero que é lento, que se

(1) *L. 19. de Civ. c. 4.* — (2) *Ibid.* — (3) *Supr. et Lib. I, cap. 22 et 23.*

pratica com deliberação, com decisão, é também o que menos se pode justificar e relevar e, por consequência, o mais desesperado.

Lucrécia (vá este exemplo, para não deixar na sombra o valor do sexo fraco). também, ou foi casta em meio da violência com que o filho de Tarquínio a maculou ou o não foi. Se não foi casta, por que louvam tanto a sua castidade? E se foi casta e inocente neste atentado, Lucrécia não foi má em matar a inocente Lucrécia? «Se foi adúltera, para que tantos elogios? se foi pudica, porque se condenou à morte?»

Ela temeu-se do opróbrio e da vergonha que lhe votariam os que acreditassem que a desonestidade «que sofrera violentamente, em vida, a sofreria voluntariamente se, depois dela, continuasse a viver. Teve medo de que a julgassem cúmplice do pecado, se o acto indigno que nela foi praticado o suportasse com paciência» ⁽¹⁾.

Para fugir à vergonha e ao opróbrio que depende da opinião dos homens, deve-se perseguir o inocente, matar o justo? deve-se guardar a honra à custa da virtude, a reputação com perigo da equidade?

Pois essas é que foram as virtudes dos mais eminentes pagãos, para com Deus e para com eles mesmos.

E pelas virtudes que diziam respeito ao próximo, calçaram aos pés, afrontosamente, com as suas leis, a principal das virtudes, que é a piedade. Aristóteles, o maior cérebro dos pagãos, pronuncia esta horrível e mais que ímpia sentença: «Referindo-se à exposição», quer dizer, ao abandono «das crianças, ou à sua educação, quer que a lei seja esta: que se não alimentem crianças privadas de qualquer membro; e, quanto às outras, se as leis e costumes do país proíbem o abandono das crianças, e o número delas se multiplica a ponto de as haver em duplicado das posses de cada um, urge que se previna esse mal, provocando abortos» ⁽²⁾.

Sêneca, o sábio tão louvado, diz: «Nós matamos os monstros; e os nossos filhos, se forem mancos, débeis, imperfeitos, monstruosos, engentamo-los, votamo-los ao abandono» ⁽³⁾.

⁽¹⁾ Vide *August., L. I. Civit. c. 19.* — ⁽²⁾ *L. 7. Pol. cap. 16.* — ⁽³⁾ *De ira. l. I. c. 15.*

De modo que não é infundadamente que Tertuliano (1) increpava os Romanos por eles exporem os filhos às ondas, ao frio, à fome e aos cães. E não é porque a pobreza os obrigasse a isso. Não: os próprios presidentes e magistrados perpetravam essa desnaturada crueldade.

Ai, Teotimo, que homens virtuosos, e que sábios podiam ser esses homens, que decretavam leis de tão cruel e brutal sabedoria? Ah! — diz o grande Apóstolo (2), à força de *se julgarem sábios, fizeram-se insensatos*, e deixaram obscurecer o seu louco espírito; homens entregues a sentimentos depravados. Que horror! um filósofo aconselhar o aborto! «E antecipar o homicídio, diz Tertuliano (3), o impedir que nasça uma criatura gerada». Santo Ambrósio, censurando aos pagãos semelhante barbaridade, diz: «Por este processo, tiram às crianças a vida, antes de lha haverem dado» (4).

Inquestionavelmente, se os pagãos praticaram algumas virtudes, fizeram-no para merecer a glória do mundo e, por consequência, tiveram o mérito da acção, mas nunca a da causa e da intenção.

E a virtude nunca se pode chamar verdadeira virtude, se não tiver recta intenção. «A ambição humana fez a força dos pagãos, diz o Concílio de Oranges (5), e a caridade fez a dos Cristãos». As virtudes dos pagãos, diz Santo Agostinho (6), não foram verdadeiras, mas verosímeis, porque não foram praticadas para o devido fim, mas para fins transitórios: «Fabrício há-de ser menos castigado do que Catilina, não porque fosse bom, mas porque este foi pior; Fabrício não teve verdadeiras virtudes, mas não esteve tão longe de as praticar: e, no dia do juízo, as virtudes dos pagãos, hão-de defendê-los, senão para os salvarem, ao menos para que a sua pena seja menor».

Os pagãos apagavam um vício com outro, dando assim lugar uns aos outros, sem darem margem alguma à prática da virtude; e pelo vício da vanglória tinham força para reprimir a avareza e muitos outros vícios, chegando até a trocar vaidade por vaidade. Assim, um deles, que por sinal

(1) *In Apol. cap. 9. et vide Lysium, cent. I* [ad Belgas] *epist. 85.*
 — (2) *Rom., I, 12, 22, 28.* — (3) *Ubi snpra.* — (4) *Lib. 5. Ex hameron. c. 18.* — (5) *Conc. arans. c. 17.* — (6) *Tom. 7. l. 4. cont. Jul. Pel. c. 3.*

parecia o mais despido de vaidades, calçou aos pés o leito bem guarnecido de Platão. — Que significa isso, Diógenes? — pergunta-lhe ele. «Eu espezinho o luxo de Platão», responde o filósofo. «É verdade», replicou Platão, «tu espezínha-lo, mas admites outro luxo (1)».

A prova de que Sêneca foi vão, está profundamente impressa nas suas últimas disposições: o fim coroa a obra e a última hora dá o perfeito juízo de toda a vida (2). Que vaidade a sua! Prestes a morrer, disse aos amigos que o rodeavam que até esse momento não tivera ensejo de lhes demonstrar dignamente o seu reconhecimento, mas, ao partir, queria deixar-lhes um legado que considerava o mais belo, o mais útil de todos e que, se o conservassem com cuidado, lhes mereceria justos louvores.

E terminou por declarar que esse legado era nem mais nem menos que «a imagem da sua vida». As últimas manifestações deste espírito são simplesmente, mas asquerosamente, trespassadas de vaidade.

Não foi evidentemente o amor da honestidade, mas apenas o amor das honras que levou os sábios mundanos à prática da virtude. E essas virtudes estavam tão aquém das verdadeiras, como a honestidade está longe da honra, e o amor do mérito longe do amor da recompensa.

Os que servem os reis por interesse, ordinariamente prestam-lhes serviços de mais aparato, mais ardentes e de mais sensação; e os que os servem por amor, rendem-lhos mais nobres, mais generosos e de mais merecimento.

Os Gregos dão aos carbúnculos e aos rubís nomes diametralmente opostos: chamam-lhes *piropes* (3) e *apiropes* (4), isto é, de fogo e sem fogo, ou então, inflamados e apagados. Também lhes chamam ígneos, de fogo, carvões ou carbúnculos, por se assemelharem ao fogo nos reflexos e esplendor; mas dizem-nos igualmente sem fogo, ou antes, incombustíveis porque aqueles reflexos não só são frios, como não há lume que os possa aquecer.

Os nossos antepassados também chamaram às vitudes

(1) Diog. Laert., De Vitis et Dogm. Filosof., *Diógenes*. — (2) Tacitus, Annal., 1, XV, c. LXII. — (3) Plin., Hist. nat., 1, XXXVII, c. VII (al. XXV). — (4) Theophr., De Lapid., § 3.

dos pagãos virtudes e não-virtudes ao mesmo tempo. Virtudes, por ostentarem os reflexos da aparência; não-virtudes porque não só eram destituídas do calor vital do amor de Deus, que só ele tem o poder de as aperfeiçoar, mas por não serem susceptíveis de o atingirem, visto serem praticadas por infiéis. «E havendo nesse tempo, diz S.^{to} Agostinho ⁽¹⁾, dois Romanos grandes em virtude, que eram César e Catão, a deste último foi a que mais se aproximou da verdadeira virtude». E noutro lugar diz ⁽²⁾ que «os filósofos destituídos da verdadeira piedade tinham tido resplendores de virtude» mas logo se desdiz dessa opinião na sua obra, intitulada *Retractações* ⁽³⁾, em que considera exagerado este louvor e excessivo para virtudes tão imperfeitas como foram as dos pagãos.

E na verdade elas parecem-se com os pirilampos, que apenas luzem na escuridão, e, mal desponta a luz da aurora, perdem toda a luz e fosforescência que ostentavam. As virtudes pagãs também não são virtudes senão comparadas com os vícios, mas, comparadas com as dos verdadeiros Cristãos, nem sequer merecem o nome de virtudes.

Todavia, como elas têm sempre alguma coisa de bom, podem com fundamento comparar-se às maçãs bichosas, que têm uma bela cor e a pouca substância que lhes resta é tão boa como a das maçãs perfeitas. Pois com as virtudes pagãs dá-se o mesmo: boas e formosas na aparência, lá está o verme da vaidade no centro a corroê-las. Por isso, quando se tratar de as usar ou apreciar, é necessário discernir o bom do mau.

Eu concordo, Teotimo, que Catão teve a firmeza da coragem e que essa firmeza foi louvável nele. Mas quem quiser seguir-lhe o exemplo, deve primeiro atentar na justiça do assunto em que a aplicar; não procuremos a morte, nem a levemos a cabo por nossas mãos, mas soframola de boamente, se a verdadeira virtude o exigir, não pela vaidade da glória, mas pela glória da verdade.

Os nossos mártires, com coragem invencível, fizeram tantos milagres de constância e valor, que os Catões, os Horácios, os Sénecas, as Lucrécias, os Árries, não merecem a mínima consideração, comparados com eles.

(1) *Lib. 5. de Civ. c. 12.* — (2) *De Ordine, 1. I, c. XI.* — (3) *Li. I. Retract. c. 3.*

As provas dos Lourenços, dos Vicentes, dos Vitaux, dos Erasmos, dos Eugénios, dos Sebastões, das Ágatas, das Ineses, Catarinas, Perpétuas, Felicidades, Sinforosas, Natálias e mil milhares de outras, essas provas fazem-me todos os dias pasmar dos admiradores das virtudes pagãs, não tanto por os ver curvados profundamente ante as imperfeitas dos pagãos, como por os ver indiferentes e cegos para com as perfeitas virtudes dos Cristãos, que são infinitamente mais dignas de admiração, e as únicas que merecem ser imitadas.

CAPÍTULO XI

Como as acções humanas perdem o mérito, quando praticadas sem o divino amor

Abraão, o bom servo de Deus, não teve de Sara, sua verdadeira mulher, senão o estremecido Isaac, que foi depois seu herdeiro universal. E, posto que tivesse ainda Ismael da escrava Agar, e outros filhos de Cetura, suas mulheres escravas e secundárias, não legou a nenhum deles senão alguma recordação ou deixa de pouco valor, para as rejeitar e deserdar, porque, não sendo filhos reconhecidos da mulher principal, não podiam succeder ao pai.

Ora eles não foram reconhecidos porque os filhos de Cetura nasceram todos depois da morte de Sara ⁽¹⁾; relativamente a Ismael, posto que Agar o concebesse por ordem de sua ama, todavia logo que se sentiu grávida ⁽²⁾, tratou a Sara com desprezo e não quis dar o filho à luz sobre o regaço dela, como Bala deu a vida aos seus, nos joelhos de Raquel.

Teotimo: só os filhos, isto é, os actos da santa caridade, são herdeiros de Deus, co-herdeiros de Jesus Cristo ⁽³⁾, e também os filhos ou actos que as outras virtudes concebem e produzem em seu regaço, por sua determinação, ou sob as asas e favor da sua presença.

(1) Gen., XXV. 1, 2. — (2) Ibid., XVI, 4. — (3) Rom., VII, 17.

Mas quando as virtudes morais, ou mesmo as sobrenaturais, são praticadas fora do domínio da caridade, como fazem os cismáticos, segundo Santo Agostinho, e alguns maus Católicos, nenhum valor têm para o Paraíso. Nem que distribuíssemos todos os nossos bens em esmolas *aos pobres*; nem que pelo martírio déssemos o *corpo* às chamas para *sermos queimados, sem caridade*, diz o Apóstolo ⁽¹⁾, nada teria valor, como largamente o explicamos noutro lugar ⁽²⁾.

Ainda mais: quando na prática dos actos das virtudes morais a vontade desobedece à sua senhora e ama, que é a caridade, como quando por orgulho, por vaidade, por interesse temporal ou por qualquer outro motivo indigno as virtudes degeneram da própria natureza, com certeza que essas acções são expulsas e banidas da casa de Abraão e do convívio de Sara, quer dizer, são privadas do fruto e dos privilégios da caridade, ficando por isso sem valor nem mérito algum. Essas acções infeccionadas pela intenção maldosa, são efectivamente mais viciadas do que virtuosas, com exterior de virtude, mas com o interior roído pelo vício que as motivou. Assim foram os jejuns, as ofertas e outras acções do Fariseu ⁽³⁾.

Mas, além de tudo isto, como os Israelitas viveram sossegadamente no Egipto enquanto José e Levi existiram, e de repente, quando este último morreu, foram tirânicamente reduzidos à escravidão, donde teve origem o provérbio dos Judeus: «Morto um dos irmãos, são os outros sacrificados» (segundo diz a *Grande Cronologia dos Hebreus* ⁽⁴⁾), publicada pelo sábio Arcebispo de Aix, Gilbert Genebrard, que eu cito com o maior gosto e consideração, por haver sido seu discípulo, posto que inútilmente, quando ele era leitor real em Paris e explicava o Cântico dos Cânticos), é assim que sucede com os merecimentos e frutos das virtudes, tanto morais como cristãs, que subsistem em paz e tranquilidade na alma, enquanto lá viver e reinar a sagrada dilecção; mas, morta esta, todos esses merecimentos e frutos das outras virtudes perecem imediatamente.

E é a essas obras que os teólogos chamam mortificadas, porque havendo nascido com vida, sob o manto da dilecção,

(1) I Cor., XIII, 3. — (2) Livro X, c. VIII. — (3) Luc., XVIII, 12, 14. — (4) Cap. III.

qual Ismael na casa de Abraão, perdem depois a vida e o direito à herança, pela desobediência e rebelião da vontade humana, que é sua mãe.

Que desgraça, Teotimo! *Se o justo se desviar da sua justiça e enveredar pela iniquidade, perder-se-á a memória de todas as suas justiças e morrerá em pecado*, disse Nosso Senhor em Ezequiel (1).

De forma que o pecado mortal destrói todo o mérito das virtudes: aquelas que se praticarem enquanto ele reinar na alma, nascem de tal modo mortas que resultam inúteis para sempre para a vida eterna; e, quanto às que havíamos praticado antes de cometer o pecado, isto é, enquanto a sagrada dilecção vivia na alma, o seu valor e mérito desfalece e morre logo que o pecado chega, não podendo conservar a vida depois de morta a caridade que lha havia dado.

O lago que os profanos chamam geralmente Asfaltite, e os autores sagrados Mar-Morto, tem sobre si uma maldição tamanha que nada do que nele entrar pode resistir. Os peixes do rio Jordão morrem imediatamente se não retrocederem quando se lhe aproximam. As árvores das suas margens não produzem nada vivo, e posto que os seus frutos tenham a aparência e a forma exterior semelhante aos frutos das outras regiões, todavia, se alguém pretender colhê-los, não depara senão com cascas e peles cheias de cinzas, que o vento imediatamente dispersa, sinais dos horrendos pecados por cuja punição essa região povoada de quatro cidades opulentas, foi outrora convertida nesse abismo fétido de infecção.

A meu ver, não há nada que melhor simbolize a desgraça do pecado do que esse lago abominável, que teve origem na desordem mais desenfreada e horrorosa que a carne humana jamais pôde cometer. O pecado, pois, é qual Mar-Morto e mortal, que mata tudo o que se lhe aproximar: de tudo o que nascer ou crescer na alma ocupada por ele, nada vingará nem dará frutos de vida.

Ai, não! meu Deus! de forma alguma! O pecado é uma obra, não só morta, mas de tal modo pestilenta e venenosa, que as mais alevantadas virtudes da alma pecadora não

(1) Cap. XVIII, 24, XXXIII, 13.

produzem nenhuma acção viva; e ainda que as acções dos pecadores tenham muitas vezes grandes parecenças com as dos justos, não passam de peles cheias de vento e poeiras, encaradas verdadeiramente e até recompensadas pela divina Bondade com alguns bens temporais, que lhes são dados como aos filhos dos servos liberalizamos coisas de pouco valor; porque elas não são nem podem ser apreciadas pela divina justiça, nem tão-pouco galardoadas com a recompensa eterna.

São frutos que fenecem na árvore e não podem ser conservados na mão de Deus, porque são vazios do verdadeiro valor. É, como se diz no Apocalipse ⁽¹⁾ ao Bispo de Sardes, que era considerado como *árvore viva*, em razão de algumas virtudes que praticava, e estava *morto*, por estar em pecado; essas virtudes não eram frutos vivos, mas peles mortas, de leite para os olhos, mas nunca pomos saborosos, próprios para comer.

A imitação do Apóstolo ⁽²⁾ podemos soltar este brado, profundamente verdadeiro: *Sem caridade, não sou nada, nada me aproveita*. E este outro, como Santo Agostinho ⁽³⁾: «Introduzi no coração a caridade, e tudo lhe aproveita; tirai de lá a caridade, e nada lhe aproveita».

Note-se, porém, que eu digo *nada aproveita* para a vida eterna, ainda que, como digo em outro lugar ⁽⁴⁾, as obras virtuosas dos pecadores não sejam inúteis para a vida temporal. Mas ah! meu caro Teotimo, *que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro*, temporalmente, *se perder a sua alma eternamente?*! ⁽⁵⁾

(1) Cap., III, I. — (2) I, Cor., XIII, 2, 3 — (3) Ubi supra, cap. II, in fine. — (4) Supra, cap. I. — (5) Mat., XVI, 26.

CAPÍTULO XII

Como o santo amor, voltando à alma, faz reviver as obras que o pecado aniquilara

Portanto as obras praticadas pelo pecador, enquanto privado do verdadeiro amor, nunca podem aproveitar para a vida eterna, e por isso se chamam mortas. As do justo, pelo contrário, chamam-se vivas, enquanto o divino amor as animar e vivificar com a sua dignidade. E se, depois, perderem a vida e o valor pelo pecado subsequente, chamam-se então obras amortecidas ou apenas mortificadas; nunca, porém, obras mortas, principalmente com relação aos eleitos.

Como o Salvador, falando da pequenita Talita de Jairo, disse que ela não estava *morta*, mas *só adormecida* ⁽¹⁾, porque antes de ser repentinamente ressuscitada, aquela morte seria de tão curta duração que mais parecia um sono do que uma verdadeira morte, também as obras dos justos, e mormente dos eleitos, que o pecado subsequente fez morrer, se não chamam obras mortas, mas simplesmente amortecidas, adormecidas, entorpecidas ou desmaiadas, que hão-de ressuscitar e viver com o próximo regresso da santa dilecção. A volta do pecado tira a vida ao coração e a todas as suas obras: a volta da graça restitui-lha por completo.

Um inverno rigoroso entorpece todas as plantas dos campos, de modo que, se durasse sempre, também elas ficariam perpétuamente em estado de morte. O pecado, qual triste e desolado inverno da alma, entorpece todas as santas obras que encontra, e se durasse sempre, nunca mais elas recuperariam a vida e o vigor.

Porém, assim como na volta da formosa primavera as sementes novas lançadas à terra nesta bela e fecunda estação germinam e rebentam viçosamente, cada uma segundo a sua espécie, assim as plantas velhas que a aspereza do

(1) Mat., IX, 24.

inverno precedente tinha entorpecido, murchado e amortecido reverdecem, revigoram-se e recuperam a virtude da vida.

Também, abolido o pecado e chegada à alma a graça do divino amor, não só as novas afeições que o regresso d'essa santa primavera traz, germinam e produzem muitos méritos e bênçãos, mas também as obras fanadas e emurchecidas pelos rigores do inverno do passado pecado, conseguem libertar-se do seu inimigo mortal, recuperam as forças, avigoram-se, e, como que ressuscitadas, florescem de repente e frutificam em merecimentos para a vida eterna.

Tal é o supremo poder do celeste amor, ou o amor do supremo poder; *Se o ímpio deixar a impiedade e fizer juízo e justiça, vivificará a sua alma. — Convertet-vos e fazei penitência das vossas iniquidades, e a iniquidade não vos servirá de ruína*, disse o Senhor todo-poderoso ⁽¹⁾. E que quer dizer «a iniquidade não vos servirá de ruína», senão que as ruínas do pecado hão-de ser reparadas?

Assim, além das mil carícias que o filho pródigo recebeu do pai, foi indemnizado com vantagem de todos os trajos, de todas as graças, favores e distinções que tinha perdido ⁽²⁾. Job, imagem inocente do pecador penitente, recebe por fim *em duplicado tudo o que possuíra* ⁽³⁾.

O muito santo Concílio de Trento quer ⁽⁴⁾ que se animem os penitentes convertidos à sagrada dilecção com estas palavras do Apóstolo: *Abundai em boas obras, na certeza de que o vosso trabalho nunca será inútil perante o Senhor* ⁽⁵⁾; *porque Deus não é injusto para esquecer as vossas obras e a dilecção que mostrastes em seu nome* ⁽⁶⁾. Deus nunca esquece as obras dos que, tendo perdido a dilecção pelo pecado, a recuperam pela penitência.

Deus esquece as obras quando elas perdem o valor e a santidade pelo pecado subsequente, e recorda-as quando elas recuperam a vida e o mérito, por meio do santo amor. Para que os fiéis sejam recompensados das suas boas obras, tanto pelo aumento da graça e da glória futura como pelo gozo efectivo da vida eterna, não é necessário deixar de cair em

(1) Ezequ., XVIII, 27, 30. — (2) Luc., XV, 22. — (3) Job, ult., 10. — (4) Sess. VI, De Justif., cap. XVI. — (5) I Cor., XV, 58. — (6) Heb., VI, 10.

pecado, mas basta, segundo o sagrado Concílio ⁽¹⁾, «morrer em graça» e caridade de Deus.

Deus prometeu recompensas eternas às obras do homem justo, *mas se o justo se desviar da sua justiça, pelo pecado, Deus deixará de ter memória das suas justiças e obras boas feitas por ele* ⁽²⁾. *Todavia*, se depois esse pobre homem caído em pecado, se erguer e se converter ao divino amor pela *penitência*, Deus não se recordará mais do seu pecado ⁽³⁾, e se o Senhor se não recorda do pecado, lembra-se, das boas obras precedentes e da recompensa que lhe tinha prometido, porque o pecado, que é o único que as pode apagar da divina memória, está totalmente apagado, abolido, aniquilado.

Então a justiça de Deus obriga a sua misericórdia, ou melhor, a misericórdia de Deus obriga a sua justiça a olhar novamente as boas obras passadas, como se nunca as houvesse esquecido. Se assim não fora, o santo penitente não ousaria dizer ao seu divino Mestre ⁽⁴⁾: *Mouve em mim saudável alegria e confia-me os teus dons principais*.

Como vedes, o penitente não só reclama um espírito e um coração novo ⁽⁵⁾, mas pretende a *alegria* que o pecado lhe tinha roubado: essa alegria não é mais do que o *vinho* do celeste amor, *que enche de regozijo o coração do homem* ⁽⁶⁾.

Com o pecado não se dá o mesmo que com as obras de caridade: as obras do justo nunca são apagadas, abolidas ou aniquiladas pelo pecado que sobrevém, são simplesmente esquecidas. Porém o pecado do mau não só é esquecido, mas apagado, limpo, abolido, suprimido pela santa penitência. Por isso, o pecado em que cai o justo não lhe faz reviver os pecados outrora perdoados, porquanto estes foram totalmente anulados, mas o amor, voltando à alma do penitente, faz ressuscitar as obras santas que haviam sido praticadas, porque não estavam obliteradas mas simplesmente esquecidas.

E este esquecimento das boas obras dos justos, depois que estes abandonaram a justiça e dilecção, consiste em que elas se tornam inúteis, visto que o pecado nos impede a

(1) Sess. VI, can. XXXII. — (2) Ezequ., XVIII, 24. — (3) Ibid., ss. 21, 22. — (4) Ps., L, 13. — (5) Vers., 12. — (6) Judic., IX, 13; Ps., CIII, 15.

vida eterna, que é o seu fruto; portanto, tão depressa nós somos incluídos no número dos filhos de Deus, pela volta da caridade, e por isso susceptíveis da glória imortal, como Deus se recorda das antigas boas obras, e elas são novamente investidas do seu fruto.

Não é de razão que o pecado tenha tanta força contra a caridade como a caridade contra o pecado, porque o pecado procede da nossa fraqueza, e a caridade do poder divino: se o pecado abunda em malícia para destruir, a graça superabunda em poder para reparar ⁽¹⁾; e a *misericórdia* de Deus, com que se apaga o pecado, *exalta-se* dia a dia e torna-se gloriosamente triunfante contra o *juízo* ⁽²⁾, pelo qual Deus tinha esquecido as boas obras, que precediam o pecado.

Assim sempre nas curas corporais, que Nosso Senhor operava por milagre, não só restituía a saúde, mas acrescentava-lhe novas bênçãos, fazendo que a cura excedesse a doença: tal era a sua bondade para com os homens.

Que as vespas, as varejas ou os moscardos e quejandos insectos nocivos, depois de mortos possam ressuscitar e viver, nunca eu vi, nem li, nem ouvi sequer dizer; mas que as prestimosas abelhas, moscas de tanta virtude, possam ressurgir, há quem o diga, e eu já o li algures. «Diz-se (são palavras textuais de Plínio) ⁽³⁾ que, se guardarmos em casa durante o inverno as abelhas que morreram afogadas, e as pusermos ao sol na primavera seguinte cobertas de cinza de figueira, elas ressuscitarão», ficando como antes de morrerem.

Que as iniquidades e obras malignas possam reviver depois de afogadas e aniquiladas pela penitência, com certeza, meu Teotimo, nunca a Escritura nem nenhum teólogo jamais o disse, que eu saiba. Porém, o contrário está autorizado pela sagrada Palavra e pelo comum acordo de todos os doutores. As obras santas, quais doces abelhas que fabricam o mel dos merecimentos, afogadas no pecado, podem depois reviver, sendo cobertas pelas cinzas da penitência e expostas ao sol da graça e da caridade: todos os teólogos o

(1) Rom., V, 20. — (2) Jacobi, II, 13. — (3) Hist. nat., 1. XI, c, XX (al. XXII).

dizem e ensinam claramente, e não resta dúvida de que elas ficam tão úteis e frutuosas como antes do pecado.

Quando Nabuzardan destruiu Jerusalém e Israel foi conduzido ao cativeiro, recolheram o fogo sagrado do altar num poço, onde o cobriram de lama; mas logo que foi tirado do poço e exposto ao sol, em seguida à volta do cativeiro, o fogo extinto reacendeu-se e a lama converteu-se em chama ⁽¹⁾.

Quando o homem justo se deixa escravizar pelo pecado, todas as boas obras que tinha praticado ficam tristemente esquecidas e reduzidas a lama; mas ao sair do cativeiro, quando, pela penitência, voltar à graça da dilecção divina, as boas obras precedentes são tiradas do poço do olvido, e, aquecidas pelos raios da misericórdia divina, revivem e convertem-se em chamas mais brilhantes do que nunca, por voltarem para o altar sagrado da divina aprovação e recuperarem a primitiva dignidade, o primitivo mérito, o primitivo valor.

CAPÍTULO XIII

Como devemos reduzir ao santo amor toda a prática das virtudes e acções

Os animais, não podendo conhecer o fim das suas acções, tendem para o seu fim sem o pretenderem. Pretender qualquer coisa é tender para ela intencionalmente, antes de tender por acção. Isto fazemo-lo nós. Os animais visam a um fim, seguindo o seu instinto, sem escolha, nem intenção.

Ora o homem é de tal modo senhor dos seus actos humanos e racionais que os pratica sempre com um fim, e pode até destiná-los a um ou mais fins particulares, como muito bem lhe aprouver. Pode até torcer o fim natural duma acção, como quando jura para enganar, sendo o fim do jura-

(1) II Mac., I, 19, 22.

mento evitar os enganos; e pode acrescentar ao fim natural duma acção outro fim, como quando, além da intenção de socorrer o pobre a quem se dá esmola, temos intenção de o obrigar a retribuir.

As vezes também acrescentamos um fim de menos perfeição do que a do acto que praticamos, outras vezes de igual ou semelhante perfeição e outras ainda com um fim mais eminente ou alevantado. Quando damos esmola a um necesitado podemos, além de o socorrer, ter em vista:

1.º adquirir a sua amizade; 2.º edificar o próximo; 3.º agradar a Deus. São três fins diversos, dos quais o primeiro é o menor, o segundo pouco mais adianta e o terceiro é muito superior ao fim usual da esmola. Como se vê por aqui, podemos imprimir aos nossos actos diversas perfeições, conforme a variedade de causas, fins e intenções que temos ao praticá-los.

«Sede bons negociantes», disse o Salvador (1). Devemos acautelar-nos, Teotimo, para não trocarmos os motivos e o fim das nossas acções senão com vantagem e proveito, nem fazermos nada neste negócio em que não entre a ordem e o raciocínio.

Imagina que um dado indivíduo se encarregou da alta e espinhosa missão de servir o povo e ao mesmo tempo adquirir fama: se puser mais empenho em evidenciar-se do que em servir a causa pública, ou mesmo empenho igual nas duas coisas, procede mal e não deixa de ser um ambicioso, porque inverte ou destrói a ordem da razão, igualando ou preferindo o seu interesse particular ao bem público. Porém, se procurar como fim principal servir a nação, não lhe fica mal, ao mesmo tempo, auferir honra para o seu nome e da sua família, nem há motivos para que seja censurado: são duas pretensões honestas e igualmente bem justificadas.

Há outro indivíduo que comunga pela Páscoa para não ser censurado pela vizinhança e para obedecer a Deus. Não há dúvida que procede bem. Todavia se ele comunga prin-

(1) Juxta Origen., S. Amb., S. Hieron. et alios. Cf. Introd. ad Vit. dev. Partem III, c. XXII.

principalmente para evitar o reparo dos vizinhos e em segundo lugar para obedecer ao Senhor, já esse acto fica grandemente prejudicado, porque igualou, ou melhor, preferiu o respeito humano à obediência que deve a Deus.

Eu posso jejuar na Quaresma por diversos motivos: por caridade, para agradar ao Senhor; por obediência à Santa Igreja; por sobriedade; por diligência para melhor me aplicar ao estudo; por prudência, para realizar alguma economia necessária; por castidade, para dominar a carne; ou por devoção, para orar melhor. Se eu quizer, posso reunir todas estas intenções e jejuar por todas elas, mas nesse caso é necessário ser extremamente meticuloso em ordenar esses motivos.

Se eu jejuar principalmente para poupar, mais do que para obedecer à Igreja, mais para estudar bem do que para agradar a Deus, é evidente que transgrido o direito natural e a ordem, preferindo o interesse à obediência à Igreja e ao agrado do meu Deus. Jejuar para economizar é bom; jejuar para obedecer à Igreja é melhor; jejuar para agradar ao Senhor é óptimo. Ora, posto que pareça um contra-senso achar um mal na escolha de três bens, todavia é certo que, preferindo o menor ao maior, cometemos uma desordem digna de lástima.

Um indivíduo que não convide senão um dos seus amigos, nem por sombras ofende os outros; mas se os convidar a todos e der os melhores lugares aos mais insignificantes, em menosprezo dos de maior representação, não é certo que os ofende a todos simultâneamente? aos que deprime injustamente e aos que obriga a fazer triste figura, dando-lhes um lugar que lhes não competia?

Praticar uma acção por um motivo qualquer, por pequeno que seja, não ofende a razão; mas quem quizer reunir muitas intenções, deve ordená-las segundo as suas respectivas qualidades; de outro modo peca, porque a desordem é um pecado, como o pecado é uma desordem.

Quem quer agradar a Deus e a Nossa Senhora faz muito bem; mas aquele que quisesse igualar ou exceder o preito de Nossa Senhora ao de Deus, cometeria uma irregularidade, um desconcerto indesculpável e poder-se-lhe-ia dizer como a Caim: *Se tu tivesses oferecido como devias! . . . Mas repar-*

tiste mal; pára, porque pecaste (1). É necessário dar a cada um o seu lugar competente e, por consequência, o supremo fim deve ser o de agradar a Deus.

Ora o supremo fim das nossas acções, que é o celeste amor, tem a suprema propriedade de, quanto mais puro for, mais pura tornar a acção que dele proceder. Assim, os Anjos e os Santos do Paraíso não amam nada com outro fim que não seja o amor da divina Bondade e pelo motivo de lhe quererem agradar. Amam-se uns aos outros verdadeiramente e com todo o extremo, amam-nos também, amam as virtudes, mas tudo isso só para agradar a Deus. Seguem e praticam as virtudes, não tanto pela sua beleza e amabilidade própria, mas por serem agradáveis a Deus. Amam a sua felicidade, não tanto pelo gozo que fruem, mas porque ela agrada a Deus. Amam até o amor que consagram a Deus, não por residir neles, mas por se dedicar a Deus; não pela doçura que encerra, mas porque apraz ao Senhor; não por o terem de sua posse, mas porque o recebem de Deus e Deus se regozija com ele.

CAPÍTULO XIV

Prática sobre o capítulo precedente

Purifiquemos, pois, Teotimo, tanto quanto possível, todas as nossas intenções. E se pudermos imprimir em todas as acções o carácter sagrado do divino amor, por que o não faremos? Repelindo em as ocasiões todos os motivos viciosos, tais como a vanglória e o interesse próprio, e aproveitando todos os bons motivos que pudermos, para efectuar a acção que se deparar, escolheremos o do santo amor, que é sempre o mais eminente, para superar a todos. Por exemplo: se eu pretender expor-me valentemente aos perigos da guerra, posso fazê-lo por dois motivos: o natural motivo

(1) Gen., IV, 7; juxta Septuag.

deste acto é o da força, do valor que inspira estas acções arriscadas; mas, além deste, posso expor-me por outros: por obedecer ao meu rei, por amor da causa pública, por magnanimidade, ou outros que me afoitem na grandiosidade dessa empresa.

Mas, voltando ao caso, exponho-me ao perigo por todos estes motivos; mas para os nivelar ou reuni-los no grau do amor divino e purificar-lhes devidamente a intenção, hei-de dizer no meu interior com toda a sinceridade: Ó Deus eterno, que sois o queridíssimo amor do meu coração! Se o valor, a obediência ao rei, o amor da pátria e a minha magnanimidade vos não são agradáveis, não obedecerei jamais aos impulsos que neste momento me dominam; porém se estas virtudes vos agradam, aproveito a ocasião de as pôr por obra, e não as efectuo senão porque vós o quereis.

Vês, meu caro Teotimo, que assim perfumamos todos os outros motivos com o aroma e santa suavidade do amor, porque não os seguimos por encerrarem virtude, mas porque são desejados, aceitos e prezados pelo Senhor.

Quem rouba para se embriagar, é mais ébrio do que ladrão, como diz Aristóteles ⁽¹⁾; os que praticam acções de valor, de obediência, de amor à pátria, de grandeza de alma, para agradar a Deus, mostram mais sentimentos de amor a Deus do que de valor, de obediência, de patriotismo, de magnanimidade; todo o empenho, nesses exercícios, resume-se e concentra-se no amor de Deus, servindo-se de todos os meios para chegar a um fim único. Não se pode dizer que vamos para uma cidade, quando esta nos sirva apenas de via de passagem para outra em que pretendemos demorar-nos; não podemos tão-pouco afirmar que vamos cantar, mas sim servir a Deus, quando cantamos para o servir.

Se formos alguma vez inspirados por algum motivo particular, como, por exemplo, se nos ocorresse dedicarmo-nos a amar a castidade, por ser bela e de deslumbrante pureza, é necessário ungir essa intenção com o divino amor, por esta forma: Oh! honestíssima e deliciosa alvura da castidade, qual não é a tua beleza para seres amada pela

(1) Ubi supra, c. IX.

divina Bondade! eu só vos peço uma coisa, e é essa que eu quero alcançar com a escolha da castidade: é realizar o vosso agrado e ver as delícias que experimentais com isso (1). E quando iniciarmos o exercício das virtudes devemos dizer muitas vezes de todo o coração; *Sim, Pai Eterno, hei-de proceder assim, porque assim tem sido agradável aos vossos olhos desde toda a eternidade* (2).

É por este processo que devemos animar todos os nossos actos com o bom agrado do Senhor, amando principalmente a honestidade e beleza das virtudes, por elas serem agradáveis a Deus. Há homens, Teotimo, que se enamoram perdidamente da beleza de algumas virtudes, não só sem amar a caridade, mas até com desprezo dela. Com certeza que Orígenes e Tertuliano amaram de tal modo a alvura da castidade que por ela violaram as maiores regras que a caridade impõe: um, preferindo cometer a idolatria a deixar macular o seu corpo pelos tiranos, o outro, separando-se da castíssima Igreja Católica, sua mãe, para, segundo a sua opinião, guardar melhor a castidade da esposa.

Quem ignora que na cidade de Lião houve pobres que, para louvar em demasia a mendicidade, se fizeram heréticos, e de mendigos degeneraram em intrujões? Quem desconhece a vaidade dos Entusiastas, Messalianos, Euquitas, que desprezaram a dilecção para enaltecerem a oração? Quem não sabe que houve héréticos que, para exaltarem a caridade para com os pobres, punham de parte a caridade para com o Senhor, atribuindo a salvação dos homens meramente à virtude da esmola, como conta Santo Agostinho? (3) E todavia o santo Apóstolo assevera (4) que *aquele que der a sua fortuna toda aos pobres, se não tiver caridade, isso de nada lhe pode aproveitar*.

Deus lançou sobre mim a bandeira da sua caridade, disse a divina Sulamita (5). O amor, caro Teotimo, é a bandeira no exército das virtudes, e todas elas se devem submeter a ele que é o único pendão pelo qual Nosso Senhor as faz combater, como general em chefe do exército.

(1) Ps. XXVI, 4. — (2) Mat., XI, 26. — (3) De Civit. Dei, 1. XXI, c. XXVII. — (4) I Cor., XIII, 3. — (5) Cant., II, 4; juxta Hebr.

Reduzamos, pois, todas as virtudes à obediência da caridade: amemos as virtudes particulares, mas principalmente por serem agradáveis a Deus; amemos mais particularmente as virtudes mais eminentes, por isso mesmo que Deus as ama em particular. Deste modo o santo amor vivificará todas as virtudes, exaltando-as por todos os meios.

CAPÍTULO XV

Como a caridade compreende em si os dons do Espírito Santo

Para que o espírito humano possa desassombradamente seguir os movimentos e instintos da razão, para alcançar a felicidade natural a que tem jus, vivendo sob as leis da honra, precisa: 1.º temperança, para reprimir as insolentes inclinações da sensualidade; 2.º justiça, para dar a Deus, ao próximo e a si mesmo o que a cada um pertence; 3.º força, para repelir o mal e praticar o bem; 4.º prudência, para escolher os meios mais adequados ao serviço do Bem e para ganhar virtudes; 5.º ciência, para apartar o verdadeiro bem, a que devemos aspirar, do verdadeiro mal que temos de repelir; 6.º entendimento, para bem compreender e penetrar os primeiros e principais alicerces ou princípios da beleza e supremacia da honra; 7.º e último — sapiência, para contemplar a Divindade, primeira origem de todo o bem. Eis as qualidades que tornam o espírito brando, obediente e submisso às leis da razão natural que em nós reside.

Assim, Teotimo, o Espírito Santo que habita em nós, querendo tornar a nossa alma branda, submissa e obediente aos seus divinos movimentos e celestes inspirações, que são as leis do seu amor e em cuja observância consiste a felicidade sobrenatural da vida presente, dá-nos sete propriedades e perfeições, semelhantes às que acabo de citar, e que na

Escritura Sagrada ⁽¹⁾ e nos livros dos teólogos se chamam — dons do Espírito Santo.

E esses dons não só são inseparáveis da caridade, como, se bem considerarmos, compendiam as principais virtudes, propriedades e qualidades da caridade. Porque: 1.º a *sapiência* não é mais do que o amor que aprecia e experimenta quanto Deus é doce e suave; 2.º o *entendimento* é o amor atento, considerando e penetrando as belezas das verdades da fé, para nelas conhecer a Deus em si mesmo, e depois, descendo até nós, conhecê-los nas criaturas; 3.º a *ciência* — que é o mesmo amor que nos leva a quereremos conhecer-nos a nós e às outras criaturas, para nos elevarmos ao perfeito conhecimento das obrigações que devemos a Deus; 4.º o *conselho*: esse é também o amor a fazer-nos cuidadosos, atentos e hábeis em bem escolher os meios próprios para servir a Deus santamente; 5.º a *força* — que é o amor a animar o coração, para que leve a cabo o que o conselho determinou que se fizesse; 6.º a *pliedade*, que é o amor a dulcificar-nos os trabalhos e que nos faz com affecto, com verdadeiro amor filial, empregar-nos nas obras que agradam a Deus, nosso Pai; e 7.º finalmente, o *temor*, que não é senão o amor, evitando e fugindo do que for desagradável à divina Majestade.

A caridade, Teotimo, é qual outra escada de Jacob ⁽²⁾, composta dos sete dons do Espírito Santo, como de outros tantos degraus sagrados, pelos quais os homens angélicos subirão da terra ao Céu para irem unir-se ao coração do Deus todo-poderoso, e descerão do Céu à terra, para conduzirem o próximo pela mão e levá-lo para a Jerusalém celeste.

Subindo o primeiro degrau — o *temor* — deixamos o mal; no 2.º — a *pliedade* — queremos fazer o bem; no 3.º a *ciência* dá-nos o conhecimento do bem que se deve seguir e do mal a evitar; no 4.º a *força* dá-nos coragem contra todas as dificuldades que se nos depararem nas empresas; no 5.º o *conselho* patenteia-nos os meios para elas; no 6.º unimos o nosso *entendimento* a Deus, para ver e penetrar as feições da sua infinita beleza; e no 7.º unimos a nossa vontade ao Senhor para saborearmos as doçuras da sua incompreensível bon-

(1) Is., XI, 2, 3; Act., II, 38. — (2) Gen., XXVIII, 12.

dade; no alto da escada, o Deus eterno inclinado para nós dá-nos o *ósculo* de amor, e patenteia-nos o seu seio de suavidade, mais saboroso que o vinho ⁽¹⁾.

Mas se, depois de havermos gozado com delícia desses favores, quisermos voltar à terra para levar o próximo à mesma felicidade, do primeiro e mais alto degrau, onde haurimos esse zelo ardentíssimo e perfumamos a nossa alma com a soberana caridade de Deus, descemos ao segundo degrau, onde o nosso *entendimento* assumirá uma incomparável claridade, e fará provisão das concepções e máximas mais edificantes, para a glória da beleza e bondade divinas. Descemos desse ao 3.º em que, por meio do *conselho*, conheceremos os meios a empregar para inspirarmos ao nosso próximo o gosto e o apreço da divina suavidade. No 4.º animar-nos-emos, recebendo uma santa *fortaleza*, para opor às dificuldades e atritos que possam deparar-se-nos em nosso propósito. No 5.º começamos a pregar, com o dom da *ciência*, exortando as almas a seguirem as virtudes e a abandonarem os vícios. No 6.º procuramos imprimir no coração do próximo a santa *piedade*, para que, reconhecendo a Deus por Pai amantíssimo, lhe obedeça com um *temor* filial. E no último degrau, ensinamo-lo a temer os juízos de Deus, para que, aliando este *temor* de ser condenado à reverência filial, deixe com mais ardor a terra para subir connosco ao Céu.

A caridade, no entanto, compreende os sete dons e é qual formoso lírio de seis folhas, mais alvas que a neve, ostentando no centro os belos martelinhos de ouro da *sapiência*, que despertam em nosso coração o gosto de apreciarmos com amor a bondade desse Pai, nosso Criador, a misericórdia do Filho, nosso Redentor e a suavidade do Espírito Santo, nosso Santificador.

Propositadamente coloco este duplo *temor* nos dois últimos degraus, para harmonizar todas as traduções com a santa e sagrada edição ordinária ⁽²⁾; no Hebreu a palavra *temor* é repetida duas vezes, mas não sem fundamento: é com a intenção de demonstrar que há um dom de *temor filial* que não é

(1) Cant., I, I. — (2) Is., XI, 2, 3.

mais do que o dom da piedade, e um dom do *temor servil*, que é o *princípio* de todo o nosso caminho para a soberana *sabedoria*.

CAPÍTULO XVI

Do amorável temor das esposas — Continuação do antecedente

Ah! Jónatas, meu irmão, dizia David, tu merecias um amor superior ao da mulher! ⁽¹⁾ Era como se dissesse: tu merecias um amor maior do que a mulher consagra a seu marido. Tudo o que é muito bom, é raro.

Supõe tu, Teotimo, uma esposa que possuísse um coração de pomba, que tivesse em sua alma a perfeição do amor nupcial: esse amor incomparável, não só por ser sublime como pela grande variedade de bons affectos que o acompanham. Ele é casto, é pudico; é intenso, mas cheio de graça; violento, mas terno; ardente, mas respeitoso; tímido, mas generoso; ousado e obediente; receoso mas confiante.

Também é assim o temor da alma possuída da dilecção do Senhor. Sente-se tão confiada na soberana bondade do divino Esposo que não receia perdê-lo, mas no entanto teme não gozar suficientemente da sua divina presença ou, em qualquer momento, fazê-lo ausentar por instantes que seja: confia que lhe não desagradará nunca, mas receia não lhe agradar tanto como o seu amor exige; é muito corajosa para admitir a mínima suspeita de lhe cair no desagrado, mas é tão atenta que teme não estar tão unida a ele como deseja.

A alma chega a ponto de tamanha perfeição que já não receia estar bem unida ao Esposo, tem a certeza de que o está para sempre, mas supõe ainda que essa união não seja tão pura, tão simples e atenta como ela pretende.

É esta admirável amante que quereria de bom grado

(1) II Reg., I, 26.

não amar os gostos, as delícias, as virtudes e as consolações espirituais, com receio de se distrair, embora levemente, do único amor que consagra ao seu Amado, protestando que é a ele e não aos seus bens que ela procura, exclamando neste intento: *Ah: dizei-me, meu Amor, onde estais, onde repousais à hora do meio-dia, para eu me não distrair com prazeres alheios a vós* ⁽¹⁾.

Almas grandes se têm sentido possuídas do santo temor das divinas esposas, e foram essas S. Paulo, S. Francisco, Santa Catarina de Génova e outras que não admitiam mescla em seus amores, mas que o queriam elevar a uma tal pureza, a uma simplicidade e perfeição tal que não dava lugar a consolações nem virtudes entre o seu amor e Deus.

Essas podiam dizer: *Eu vivo, não já em mim, mas é Jesus Cristo que vive no meu ser* ⁽²⁾: *O meu Deus resume para mim todo o universo* ⁽³⁾; O que se não refere a Deus, não me interessa; *Jesus Cristo é a minha vida* ⁽⁴⁾; «O meu amor está crucificado ⁽⁵⁾»; e idênticas frases dum sentimento extático.

Ora, o temor inicial ou dos principiantes provém do verdadeiro amor, mas enquanto é ainda tenro, fraco, hesitante; o temor filial procede do amor firme, sólido e já propenso à perfeição; e o temor das esposas deriva da supremacia e perfeição amorosa totalmente adquiridas. Quanto aos temores servis e mercenários, esses não procedem directamente do amor, mas ordinariamente esses receios que o precedem é que são a sua guarda avançada, como já expliquei noutro lugar ⁽⁶⁾, sendo sumamente úteis ao seu serviço.

Imagina tu, caro Teotimo, que uma senhora hábil, não querendo *entregar-se à ociosidade* ⁽⁷⁾, como aquela que tão decantada foi por Salomão, recamava de sedas de variado matiz uma tela do mais alvo setim, bordando nela flores lindíssimas, depois contornadas a ouro e prata, para melhor realçar a obra. Este trabalho era feito com uma agulha que levava o fio onde quer que a primorosa dama queria aplicar seda, ouro ou prata. É preciso notar que a agulha não era

(1) Cant., 1, 6. — (2) Galat., II, 20. — (3) Vide supra 1, X, c. IV. — (4) p. 184. — Philip., I, 21; Coloss., III, 4. — (5) Vide supra, 1, I, c. XIV. — (6) Livro II, c. XVIII. — (7) Prov., ult, 27.

posta no setim, para lá ficar, mas simplesmente para nele introduzir a seda, o ouro ou a prata e dar-lhes passagem; e, assim, à medida que essas coisas iam ficando, logo a agulha era retirada.

Também a divina Bondade, querendo bordar na alma humana grande variedade de virtudes e realçá-las no fim com o seu sagrado amor, serve-se da agulha do temor servil e mercenário, com o qual ordinariamente os nossos corações são picados. Porém, apenas as virtudes se bordam e imprimem na alma, logo o temor servil e mercenário sai; no dizer do Discípulo amado ⁽¹⁾, *a caridade perfeita empurra o temor para fora*.

E de facto, Teotimo, os temores de ser condenado e perder o Paraíso são terríveis e angustiosos. Como, pois, poderiam aliar-se com a sagrada dilecção, toda doçura, toda suavidade?

CAPÍTULO XVII

Como o temor servil permanece com o divino amor

No entanto, posto que a dama de que vinha falando não queira deixar a agulha na obra, depois de concluída, pode acontecer que, se tiver de levantar mão dela para atender a outros afazeres, deixe a agulha pregada no amor-perfeito, na rosa ou no cravo que estava bordando, para depois a encontrar mais a geito, quando voltar.

Também, Teotimo, enquanto a Providência divina faz na nossa alma o bordado das virtudes e a obra do seu santo amor, deixa sempre nela o temor servil e mercenário até que, estando perfeita a caridade, retira de lá a agulha, e a coloca, por assim dizer, na sua almofada.

Como, porém, nesta vida a nossa caridade nunca atinge

(1) I Ep., IV, 18.

perfeição que seja isenta de perigo, temos sempre precisão do temor e quando estremecermos de alegria por amor, pelo temor devemos tremer de apreensão;

Vós que julgais a terra, ó Reis, ouvistes?
Aproveitai tão sábia advertência;
Com temor praticai o que Deus manda
Nele exultai com tímida prudência (1).

Abraão mandou o seu servo Eliezer, a fim de lhe trazer uma noiva para seu filho único, Isaac. Eliezer foi e, por inspiração celeste, escolheu a linda e casta Rebeca, que trouxe consigo. Mas a discreta donzela deixou Eliezer, apenas se encontrou com Isaac, e logo que a introduziram no quarto de Sara, ficou esposa dele para sempre (2).

Assim, Deus manda à alma o temor servil, qual outro Eliezer (Eliezer também quer dizer auxílio de Deus), para negociar o casamento entre ela e o amor sagrado; contudo a alma, embora venha pela mão do temor não é que o queira esposar, porque na verdade, tão depressa encontra o amor, une-se a ele e abandona o temor.

Mas como Eliezer, de volta a casa de seu amo, ficou servindo a Isaac e a Rebeca, também o temor, depois de nos conduzir ao amor sagrado, fica connosco para servir nas ocasiões o amor e a alma amorosa.

E assim deve ser. A alma, posto que justa, vê-se sempre assediada por inúmeras tentações, e o amor, por muito corajoso que seja, tem sempre grande dificuldade em se manter, em virtude do lugar que ocupa, que é o coração humano, variável e sujeito aos embates das paixões. É nessas conjunturas que o amor emprega o temor no combate e se serve dele, para repelir o inimigo.

O destemido príncipe Jónatas, resolvendo-se a atacar os Filisteus sob as trevas da noite, quis levar em sua companhia um escudeiro fiel, e aqueles dos inimigos que não lograva matar, caíam sob o ferro do escudeiro (3).

(1) Ps. II, 10, 11. — (2) Gen., XXIX. — (3) I Reg., XIV, 13.

Igualmente o amor, quando se aventura a alguma empresa arrojada, não se serve apenas dos seus meios, mas emprega também os meios do temor servil e mercenário: assim as tentações que o amor não logra destruir, o temor de ser condenado derrota-as facilmente.

Se a tentação do orgulho, da avareza ou de outro qualquer prazer voluptuoso me acometer, direi: Pois será crível que, por coisas vãs, o meu coração queira abandonar a graça do seu Amado?!

E se isto não bastar a mover-me, o amor socorrer-se-á do temor. Tu não vês, coração miserável que, obedecendo a esta tentação, as impiedosas chamas do inferno te esperam, e perdes a herança eterna do Paraíso?

É lícito lançar mão de tudo nas extremas necessidades. E assim fez o mesmo Jónatas, quando, para atravessar os escarpados rochedos que se interpunham entre ele e os Filisteus, se serviu de pés e mãos para trepar e gatinhar por eles, conforme podia ⁽¹⁾.

Como os pilotos que levantam ferro com vento favorável, com bom tempo, se não esquecem todavia de levar cordas, âncoras e salva-vidas, para se prevenirem contra os perigos e tempestades, assim o servo de Deus, posto que goze do repouso e doçura do santo amor, nunca deve desprevenir-se do temor dos juízos divinos, para se servir dele em meio das tormentas e do assalto das tentações.

Assim como a casca da maçã, na sua essência, é coisa de pouca valia, e serve apesar disso de grande utilidade à maçã que cobre, para a conservar, também o temor servil, que de sua condição pouco vale relativamente ao amor, é-lhe contudo altamente proveitoso à conservação, durante os vaivéns desta vida mortal.

E como quem oferece o mimo duma romã não dá só os rubis dos seus grãos e o delicioso sumo dela, mas dá igualmente a casca apesar de amargosa, porque lhe pertence, também o Espírito Santo, com os seus dons sagrados, confere o do temor amoroso às almas dos seus, para eles temerem a Deus na piedade ⁽²⁾, como seu Pai e Esposo, posto que ainda

(1) Ibid. — (2) Vide supra, c. XV, in fine.

assim não deixe de lhes dar o temor servil e mercenário, como um acessório do outro, mais excelente.

José, quando enviou a seu pai algumas cargas com riquezas do Egito, não só lhe ofereceu os tesouros, como principais presentes, mas deu-lhe também os animais que os conduziam ⁽¹⁾.

Ora, posto que o temor servil e mercenário seja altamente proveitoso para esta vida normal, ele não é digno de ter lugar na vida eterna, onde a confiança é sem temor, a paz sem suspeita, o repouso sem cuidados. No entanto os serviços que esses temores servis e mercenários prestaram ao amor são lá recompensados; de forma que esses temores são comparáveis a Moisés e a Aarão, que não entraram na Terra da Promissão, mas cuja posteridade e boas obras lá tiveram lugar. Quanto ao temor dos filhos e das esposas, esse há-de ter o seu lugar e a sua graduação, não para dar desconfiança nem perplexidade à alma, mas para lhe fazer admirar e reverenciar com submissão a incompreensível majestade do Pai omnipotente e do Esposo glorioso:

O temor de Deus é santo e permanece por todos os séculos;
Os juízos do Senhor são verdadeiros e conformes à justiça.
São muito mais para desejar do que o ouro e as pedras
preciosas; e mais doces do que o mel e o favo.

CAPÍTULO XVIII

Como o amor se serve do temor natural, servil e mercenário

Os relâmpagos, trovões, raios, tempestades, inundações, tremores de terra e outros que tais acidentes inesperados excitam os mais descrentes a temer a Deus, e impelem o coração, os olhos e as próprias mãos para o Céu, a reclamar

(1) Gen., XLV, 23.

socorro da santíssima Divindade, conforme o sentimento comum do género humano, que é, diz Tito Lívio ⁽¹⁾, que aqueles que servem a Divindade prosperam e os que a desprezam são castigados.

Na tormenta que pôs em perigo Jonas, *os marinheiros deixaram-se apoderar* dum grande temor, e invocavam ao mesmo tempo cada um ao seu deus ⁽²⁾. «Eles ignoravam», diz S. Jerónimo ⁽³⁾, «a verdade, mas reconheciam a Providência», e acreditavam que era por juízo divino que se encontravam em perigo; como os Maltezes, quando viram S. Paulo, salvo do naufrágio, ser atacado pela víbora, acreditaram que era uma vingança divina ⁽⁴⁾.

Também os trovões, tempestades, raios, são denominados *vozes do Senhor* pelo Salmista ⁽⁵⁾, o qual diz também que são as palavras d'Ele ⁽⁶⁾, porque anunciam o seu temor e são como que os ministros da sua justiça. E noutro lugar ⁽⁷⁾, desejando que a divina Majestade se faça temer dos inimigos, diz: *Despedi relâmpagos e dispersá-los-eis; disparai os vossos dardos e vós os confundireis*. Outras vezes chama aos raios setas e dardos do Senhor.

Antes do Salmista, já a virtuosa mãe de Samuel tinha cantado que os próprios inimigos de Deus o temeriam, desde que desencadeasse *sobre eles a cólera do Céu* ⁽⁸⁾. Platão, no seu Gorgias, e em outros lugares também, assevera que nos pagãos havia um certo sentimento de temor, não só pelos castigos que a soberana justiça de Deus exerce neste mundo, mas também pela justa punição que inflige na outra vida sobre as almas dos que tinham pecados incuráveis ou mortais. De tal modo o instinto do temor à Divindade está profundamente gravado na natureza humana!

Porém, este temor espontâneo ou nascido dum sentimento natural, não merece ser aplaudido nem censurado, porque não procede da nossa vontade. É um efeito duma causa boa, e causa dum bom efeito, por derivar do conhecimento natural que Deus nos deu da sua Providência, e nos faz reconhecer quanto dependemos da sua onnipotência sobe-

(1) Hist., I. III, c. LVI. — (2) Jonae, 1, 5. — (3) In locum. — (4) Act., XXVIII, 4. — (5) Ps., XXVIII, 3-8, LXXVI, 18, 19. — (6) Ps., CXLVIII, 8. — (7) Ps., CXLIII, 6. — (8) I Reg., II, 11.

rana, incitando-nos a implorá-la. E, encontrando-se numa alma fiel, ocasiona-lhe inúmeros benefícios.

Os cristãos, quando ribomba o trovão ou em outros perigosos fenómenos naturais, invocam os santíssimos nomes de Jesus e de Maria, fazem o sinal da Cruz, prostram-se diante de Deus e fazem alguns salutareos actos de fé, de esperança e de religião.

O glorioso S. Tomás de Aquino ⁽¹⁾, sendo naturalmente sujeito ao pavor, quando trovejava, costumava dizer, em forma de oração jaculatória, as divinas palavras que a Igreja tanto aprecia: *O verbo fez-se carne* ⁽²⁾. E com este temor, o amor divino faz muitas vezes actos de complacência e affecto. *Eu vos bendirei, Senhor, porque Vós sois magnificado terrivelmente* ⁽³⁾. Que todos vos temam, Senhor! ⁽⁴⁾ *Oh! átomos do pó, servi a Deus com temor e exultai nele com tímida prudência* ⁽⁵⁾.

Mas há um outro temor, que tem a origem na fé, e nos ensina que depois desta vida mortal há suplícios terrivelmente eternos ou eternamente terríveis, para aqueles que neste mundo tiverem ofendido a divina Majestade e morrerem sem se reconciliarem com ela; que à hora da morte as almas serão julgadas num juízo particular e no fim do mundo todas hão-de comparecer ressuscitadas para serem novamente julgadas no juízo universal: porque as verdades cristãs, Teotimo, ferem o coração que as medita com um pavor extremo.

E quem poderá considerar os horrores eternos sem estremecer, sem se encher de apreensões? Ora, quando estes sentimentos de temor se apoderam de tal modo do nosso coração que «apagam e afugentam dele a afeição e a vontade de pecar», na frase do sagrado Concílio de Trento ⁽⁶⁾, na verdade eles resultam altamente salutareos. *Nós concebemos do vosso temor, ó Deus, e produzimos o espírito de salvação*, disse-se em Isaías ⁽⁷⁾. Quer dizer: A vossa face encolerizada assustou-nos e fez-nos conceber e dar à luz o espírito da penitência, que é o espírito da salvação.

(1) Razzi, Vite dei Santi del Ord. dei Trati Predic. Cf. Surium, ad diem XII Martii. — (2) Joan., I, 14. — (3) Ps. CXXXVIII, 14. — (4) Ps. XXXII, 8. — (5) Ps. II, 10, 11. — (6) Sess. XIV, de Poenit., cap. IV. — (7) Cap. XXIV, 18; juxta Septuag.

Assim disse o Salmista: *Os meus ossos não podem ter paz, tremem diante da face da vossa ira.* Nosso Senhor, que veio para nos trazer a lei do amor, nem por isso deixa de nos inspirar este temor: *Temei*, disse ele ⁽¹⁾, *Aquele que pode precipitar-vos o corpo e a alma no inferno.*

Os habitantes de Nínive ⁽²⁾ perante as ameaças da sua destruição e condenação, fizeram penitência, e essa penitência foi agradável a Deus. Em resumo, este temor está compreendido nos dons do Espírito Santo, como notaram alguns dos Santos Padres ⁽³⁾.

Quando o temor não exclui a vontade de pecar, nem a afeição ao pecado, sabe-se que é mau e semelhante ao dos diabos, que deixam muitas vezes de fazer mal, com medo de serem atormentados pelos exorcismos, sem todavia deixarem de desejar e querer o mal, em que cuidam constantemente; é semelhante ao do miserável forçado, que desejaria devorar os fígados da sentinela que o vigia, e, contudo, não se atreve a erguer-lhe os olhos, com medo do castigo; semelhante ao temor do grande heresiarca do século passado, que confessa ter odiado a Deus, por ele castigar os maus ⁽⁴⁾.

Aquele que ama o pecado e o quer cometer, contra a vontade de Deus, ainda que o não chegue a cometer, com medo de ser condenado, esse tem um temor horrível e detestável; porque, posto que não leve a efeito o pecado, tem a execução dele na vontade, e realizava-o, se o temor o não sustasse, como que impedindo-o à força de passar a vias de facto.

Pode ainda acrescentar-se uma outra espécie de temor, menos maliciosa na verdade, mas igualmente inútil, como foi a do juiz Félix, que ouvindo falar do juízo divino, se sentiu apavorado e contudo não deixou de perseverar no pecado da avareza ⁽⁵⁾; e o de Baltasar, que viu aquela mão prodigiosa escrever a sua condenação numa parede; este ficou de tal modo assustado que empalideceu, *sentiu desconjuntarem-se-lhe os rins e vergarem-se-lhe os joelhos* ⁽⁶⁾, e todavia não fez penitência.

(1) Mat., X, 28. — (2) Jonae, III, ult. — (3) S. Hier., in In., XI, 2; S. Aug., de Doc. Ch., 1. II, c. VII; S. Greg. Mag., in Ezech., 1. II, hom. VII, 87. — (4) Lutherus, in Praefat. Operum. — (5) Act., XXIV, 25-27. — (6) Daut. V, 5, 6.

De que serve então temer o mal, se pelo temor não nos resolvemos a evitá-lo?

O temor daqueles que, como escravos, observam a lei de Deus para evitar o inferno, é bom; mas muito mais nobre e apreciável é o dos cristãos mercenários que, como servos assoldados, trabalham fielmente, não pelo affecto que consagram aos amos, mas pela certeza de receberem em paga a recompensa prometida.

Ah! que se a *vista* pudesse atingir, o *ouvido* pudesse escutar, ou se fosse possível chegar ao *conhecimento do homem o que Deus tem preparado para aqueles que o servem* ⁽¹⁾, ah! que apreensão ele não teria em violar os mandamentos divinos, com medo de perder as recompensas eternas! que lágrimas, que gemidos os nossos, quando, pelo pecado, nos arriscássemos a perdê-las!

Ora este temor seria todavia censurável se incluísse a exclusão do santo amor; porque quem dissesse: eu não quero servir a Deus pelo amor que lhe devo consagrar, mas apenas para alcançar as recompensas que Ele promete, proferiria uma blasfêmia, porque preferia a recompensa ao Senhor, o benefício ao Benfeitor, a herança ao Pai, e o seu proveito ao Deus todo poderoso, como mais explicitamente demonstrámos no Livro Segundo ⁽²⁾.

Mas enfim, quando nós tememos ofender a Deus, não para evitar a pena do inferno ou a perda do Paraíso, mas por ser Deus nosso Pai tão bom, a quem devemos honra, respeito e obediência, então o nosso temor é filial.

É como o de um filho bem educado, que não obedece ao pai em consideração do poder que ele tem de castigar a sua desobediência, nem por o poder deserdar, mas simplesmente porque é seu pai; de forma que ainda que o pai fosse velho, impotente e pobre, nem por isso deixaria de o servir com igual diligência, antes, como a piedosa cegonha, lhe assistiria com mais cuidado e affecto.

José, quando viu debaixo do seu cetro, Jacob, seu pai, velho, necessitado e abatido, não deixou de o honrar, servir e reverenciar com uma ternura mais do que filial, e tanto que os irmãos, reconhecendo-a, julgaram que ela ainda depois

(1) I Cor., II, 9. — (2) Cap. XVII.

da morte do pai teria efeito, e applicaram-na para obter o perdão de José, com estas palavras: *Vosso pai ordenou-nos que vos disséssemos da sua parte: Peço-vos que esqueçais o crime dos vossos irmãos, e o pecado e a malícia com que eles procederam para convosco. A estas palavras, ele pôs-se a chorar* ⁽¹⁾, de tal modo se lhe enterneceu o coração, perante os desejos e vontade do seu falecido progenitor.

Os que temem a Deus com uma afeição filial, têm medo de lhe desagradar, pura e simplesmente por ele ser um pai tão doce, tão benigno e tão amável.

Todavia, quando succede que este temor filial se alia e mistura com o temor servil da eterna condenação ou com o temor mercenário de perder o Paraíso, nem por isso deixa de ser agradável a Deus, e chama-se então temor inicial, quer dizer, temor dos principiantes, dos que começam a exercitar-se no amor divino. São como os mancebos que começam a montar, e que, se sentem o cavalo adiantar um pouco o andamento, não se contentam com apertar os joelhos, mas se agarram afincadamente à sela com ambas as mãos; enquanto que, se tivessem prática, aguentar-se-iam sem dificuldade sobre o animal.

Também os noviços e aprendizes no serviço de Deus, quando se encontram à mercê dos inimigos, que forcejam por os desorientar e perder, valem-se do temor filial e do mercenário e servil e lá se sustentam como podem, para não decaírem da sua pretensão.

CAPÍTULO XIX

Como o amor sagrado abrange os doze frutos do Espírito Santo e as oito bem-aventuranças do Evangelho

O glorioso S. Paulo diz assim ⁽²⁾: *Ora o fruto do Espírito Santo é a caridade, a alegria, a paz, a paciência, a*

(1) Gen., ult., 15-17. — (2) Galat., V, 22, 23.

benignidade, a bondade, a clemência, a mansidão, a fé, a modéstia, a temperança, a castidade.

É forçoso notar que o santo Apóstolo ao contar os doze frutos do Espírito Santo, apresenta-os como um só fruto. Não diz: *os frutos do Espírito Santo são a caridade, a alegria, etc.*. Disse apenas: *O fruto do Espírito Santo é a caridade, a alegria, etc.*

Vamos, porém, explicar este misterioso modo de dizer. *A caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que no-la deu* (1). Na verdade a caridade é o único fruto do Espírito Santo, mas porque este fruto tem muitas e excelentes propriedades, o Apóstolo, que quer apresentar algumas, como se elas existissem isoladas, fala de um único fruto, com uma multidão de propriedades encerradas na sua unidade, e fala reciprocamente de todos os frutos como de um só, pela união que existe nesta variedade.

Quem dissesse, por exemplo: o fruto da vide é a uva, o mosto, o vinho, a aguardente, o licor que alegra o homem (2), a bebida que refresca o estômago, não queria dizer certamente que fossem frutos de diferentes espécies, mas a sua intenção era a de demonstrar que esse único fruto, tinha diversas propriedades, que se empregam diferentemente.

O Apóstolo, pois, não quer dizer senão que o *fruto do Espírito Santo é a caridade*, que é alegre, paciente, benigna, bondosa, clemente, doce, fiel, modesta, temperada, casta; quer dizer que o amor divino nos dá uma *alegria* e consolação interior, com uma grande *paz* de espírito, que nos sustenta através das adversidades por meio da *paciência*, e que nos torna agradáveis e benignos, ao socorrermos o próximo com carinhosa bondade.

E essa bondade não é variável, é constante, perseverante; dá-nos coragem tão grande que nos torna afáveis, bondosos, condescendentes para com toda a gente, suportando os seus maus humores e imperfeições e guardando-lhe uma *lealdade* perfeita, testemunhando uma simplicidade revestida de con-

(1) Rom., V, 5. — (2) Judic., IX, 13; Ps., CIII, 15.

fiança, tanto nas palavras como nas acções; vivendo modesta e humildemente; suprimindo todas as superfluidades e todas as desordens no beber, no comer, vestir, dormir; nos jogos, nos passatempos e outros que tais desejos voluptuosos, por meio de uma santa *temperança*, e reprimindo especialmente as inclinações e revoltas da carne com uma cuidadosa *castidade*.

E é assim que todo o nosso ser se ocupa na divina dilecção, tanto interiormente com *a alegria, a paz, a paciência, a clemência, a bondade e a lealdade*, como também exteriormente com *a benignidade, a mansidão, a modéstia, a temperança e a castidade*.

Ora a dilecção chama-se *fruto* enquanto nos deleita e nós gozamos da sua deliciosa suavidade, como um verdadeiro pomo do Paraíso, colhido da *árvore da vida* ⁽¹⁾, que é o Espírito Santo unido aos nossos espíritos humanos e habitando em nós pela sua infinita misericórdia. Porém, quando não só nos regozijamos nessa divina dilecção e gozamos da sua deliciosa doçura, mas ciframos nela toda a nossa glória, como coroa da nossa honra ⁽²⁾, então ela não é só um *fruto grato* ao nosso *gosto* ⁽³⁾, mas torna-se numa bem-aventurança e felicidade muito para desejar; não só por nos assegurar a felicidade na outra vida, como por nos dar nesta um contentamento de inestimável valor; contentamento de si tão forte que as *águas* das tribulações e os rios da perseguição *não logram estancá-lo* ⁽⁴⁾. Ele não morre, enriquece em meio das pobreza, eleva-se com as abjecções e humildades, alegra-se com as lágrimas, alenta-se com o abandono da justiça, e privado da assistência dela, quando, ao reclamá-la, todos lha negam; regozija-se em meio da compaixão e comiseração quando está rodeado de míseros e desgraçados; deleita-se com a renúncia de toda a espécie de delícias sensuais e mundanas, para obter a pureza e limpeza de coração; tem o poder de aplacar as guerras, as pendências e dissensões, e de desprezar as grandezas e honras temporais; toma novo vigor ao suportar toda e espécie

(1) Apoc., ult., 2. — (2) Ps., VIII, 6. — (3) Cant., II, 3. — (4) Ibid., ult., 6.

de sofrimentos, e sustenta que a sua verdadeira vida consiste em morrer pelo seu Amor ⁽¹⁾.

Portanto, o resumo disto cifra-se em que a santíssima dilecção é uma virtude, um dom, um fruto e uma bem-aventurança.

Na qualidade de virtude, torna-nos obedientes às inspirações exteriores que Deus nos dá com os seus mandamentos e conselhos, com cuja realização se praticam todas as virtudes; do que se segue que a dilecção é a virtude de todas as virtudes.

Na qualidade de dom, a dilecção torna-nos brandos e dóceis às inspirações interiores, que são os mandamentos e conselhos secretos de Deus, em cuja execução se empregam os sete dons do Espírito Santo; resultando daqui que a dilecção é o dom de todos os dons.

Na qualidade de fruto, proporciona-nos um gosto e prazer extremo na prática da vida devota, que se encontra nos doze frutos do Espírito Santo; portanto ela é o fruto dos frutos.

Na qualidade de bem-aventurança, leva-nos a considerar como grande favor e honra singular as afrontas, as calúnias, vitupérios e opróbrios que o mundo nos verbera, e ensina-nos a deixar, a renunciar e repelir toda e qualquer glória, que não proceda do amantíssimo Crucificado ⁽²⁾, pela qual nos glorificamos na abjecção e aniquilamento da nossa individualidade.

E assim, não queremos outras insígnias de majestade senão a coroa de espinhos do Crucificado, o cetro da sua cana, o manto de desprezos que lhe foi imposto e o trono da sua Cruz, sobre o qual os sagrados amantes têm mais contentamento, alegria, glória, e felicidade, do que jamais gozou Salomão no seu trono de marfim.

A dilecção é muitas vezes representada pela romã ⁽³⁾. A romã recebe as suas propriedades da romanzeira, e pode dizer-se sua virtude; é fruto, que o homem saboreia com delícia; mimo oferecido por amor à humanidade; enfim, é glória e bem-aventurança, porque ostenta a coroa e o diadema.

(1) Mat., V, 3-12; Luc., VI, 20-23. — (2) Galat., ult., 14, —
(3) Vide supra, 1, VI, c. XIII, p. 348.

CAPÍTULO XX

Como o divino amor emprega todas as paixões e affectos da alma e os reduz à sua obediência

O amor é a vida do nosso coração. E como o pêndulo dá movimento a todas as peças dum relógio, também o amor dá à alma todos os movimentos que ela tem.

Todas as afeições que temos, seguem o nosso amor e é sob as suas impressões que nós desejamos, gostamos, esperamos ou desesperamos, tememos, ganhamos ânimo, odiamos, fugimos, nos entristecemos, nos encolerizamos ou ganhamos vitória.

Há homens que entregam o coração ao amor vil e abjecto das mulheres; assim, não desejam senão em conformidade desse amor, não esperam nem desesperam senão por ele, não temem, nem se animam por outro motivo, não se embaraçam nem evitam senão o que os estorva, não se entristecem senão quando estão privados dele, não se enraivessem senão por ciúme, não triunfam senão por essa infâmia. O mesmo succede com os ambiciosos de honras ou riquezas; tornam-se escravos do que amam e não tem coração no peito, nem alma no coração, nem affectos na alma, senão para essas paixões.

Quando o divino amor reina em nosso coração, domina realmente todos os outros amores da vontade e, consequentemente, todas as afeições dela, porque naturalmente elas seguem os amores.

Depois domina o amor sensual, e porque o reduz à obediência, também subjuga todas as paixões sensuais. Em resumo, esta sagrada dilecção é a água salutar de que Nosso Senhor dizia ⁽¹⁾: *Aquele que beber da água que Eu lhe der, jamais terá sede.*

(1) Joan., IV, 13.

E não, Teotimo; quem possuir o amor de Deus com abundância, nunca mais terá desejo, nem temor, nem esperança, nem coragem, nem alegria senão para Deus, e todos os seus movimentos serão acalmados pelo amor celeste.

O amor divino e o amor próprio habitam no nosso coração como Jacob e Esaú no ventre de Rebeca ⁽¹⁾: eles nutrem um pelo outro a mais profunda antipatia e repugnância e chocam-se a cada passo dentro do nosso coração. Assim a pobre alma exclamou: *Ai de mim, tão miserável! quem me livrará deste corpo de morte* ⁽²⁾, para que só o amor de Deus reine em paz dentro em mim?

No entanto, é preciso termos coragem, esperarmos na palavra de Nosso Senhor, que promete quando ordena, e ordena quando promete a vitória ao seu amor; e parece repetir à alma as palavras que pôs na boca de Rebeca ⁽³⁾: *Duas nações estão no teu ventre e dois povos serão separados nas tuas entranhas; e um dos povos vencerá o outro, vindo o mais velho a servir ao mais novo.*

Como Rebeca não tinha senão dois filhos em seu ventre, mas porque deles deviam nascer dois povos, foi dito que ela tinha *duas nações no seu ventre*; também a alma, tendo no coração dois amores, tem consequentemente dois povos, duas agremiações de movimentos, affectos e paixões; e como os dois filhos de Rebeca, com a contrariedade de movimentos lhe ocasionavam grandes convulsões e dores agudas no ventre, assim os dois amores da nossa alma nos causam grandes trabalhos ao coração.

E também como se disse dos dois filhos dessa mulher que o mais velho serviria ao mais novo, por isso foi destinado que, dos dois amores do nosso coração, o sensual serviria ao espiritual, que dizer que o amor próprio servirá ao amor de Deus.

Mas, como e quando é que o mais velho dos povos que se geraram no ventre de Rebeca serviu ao mais novo? Com certeza, não foi senão quando David subjogou em batalha os Idumeus, e que Salomão os dominou em paz. Quando será então que o amor sensual servirá ao amor divino? Há-de

(1) Gen., XXV, 22-25. — (2) Rom., VII, 24. — (3) Loco quo supra.

ser quando o amor armado, exaltado até ao zelo, dominar as nossas paixões por meio da mortificação, e melhor ainda, quando lá, nos altos Céus, o amor bem-aventurado possuir toda a nossa alma em paz ⁽¹⁾.

Ora o processo de que deve servir-se o amor divino para subjugar o apetite sensual, é semelhante àquele que usou Jacob, quando por um bom pressentimento e início do que havia de suceder depois, ao ver Esaú sair do ventre da mãe, o *agarrrou por um pé* ⁽²⁾, para lhe passar adiante, suplantá-lo ou tê-lo cativo. Prendeu-o, como a um falcão. E assim foi que Esaú não passou nunca de caçador e homem intratável, perdendo a primogenitura.

O amor divino quando vê nascer em nós qualquer paixão ou afeição natural, deve imediatamente tomá-la pelo pé e obrigá-la ao seu serviço. E que quer dizer tomá-la pelo pé? É prendê-la e escravizá-la ao serviço de Deus. Tu não vês como Moisés transformava a serpente em varinha, segurando-a pela ponta da cauda? Pois de igual modo, desde que nós dermos um bom fim às nossas paixões, elas tomam a qualidade de virtudes.

Mas qual deverá ser o método a seguir, para podermos escravizar os nossos affectos e paixões ao serviço do divino amor? Os médicos que são metódicos têm sempre nos lábios esta máxima: «os contrários são sempre curados com os seus contrários».

Os *pagírcos*, por seu turno, celebram estoutra: «os semelhantes curam-se com os seus semelhantes».

Como quer que seja, o que nós sabemos é que duas coisas fazem desaparecer a luz das estrelas: a obscuridade da cerração e a deslumbrante luz do sol. Podemos também combater as paixões por dois processos: opondo-lhes paixões contrárias ou afeições maiores da mesma espécie.

Se se me apresenta qualquer esperança vã, eu posso resistir, opondo-lhe este último desânimo: Oh! homem insensato, sobre que alicerces construiste essa esperança? Não vês que esse grande, em quem tu esperas, está tão sujeito à morte como tu? não conheces a instabilidade, a fraqueza e

(1) Luc., XI, 21, XXI, 19. — (2) Loco quo supra.

inconstância do espírito humano? hoje, esse coração que pretendes, pertence-te; amanhã, outro o há-de conquistar. Em que firmas, pois, essa esperança?

Posso também resistir-lhe, opondo-lhe outra esperança mais sólida: *Espera em Deus, ó minha alma, porque é Ele que te há-de livrar do laço* ⁽¹⁾. *Nunca ninguém esperou n'Ele, que fosse confundido* ⁽²⁾. Ergue os teus olhares para as coisas eternas e duradouras.

Posso combater o desejo das riquezas e voluptuosidades mortais com o desprezo que elas merecem ou com o desejo das imortais; e por esse meio o amor sensual e terreno é derrotado pelo amor celeste, como o fogo se apaga com água, por efeito das suas propriedades contrárias, ou, como ele, extinto pelo fogo do céu, em virtude doutras qualidades mais fortes e predominantes.

Nosso Senhor serve-se de ambos os processos nas suas curas espirituais. Cura do temor mundano, os seus discípulos, imprimindo-lhes no coração um temor supremo: *Não temas*, disse ele, *os que matam o corpo; teme Aquele que pode condenar o corpo e a alma às penas do inferno* ⁽³⁾. Querendo noutra ocasião curá-los duma alegria baixa, apontou-lhes outra mais elevada: *Não vos alegreis por sujeitardes os espíritos malignos; alegrai-vos antes por terdes o vosso nome escrito no Céu* ⁽⁴⁾; e também rejeita a alegria pela tristeza: *Desgraçados os que riem, porque eles hão-de chorar* ⁽⁵⁾.

É assim que o amor divino suplanta e escraviza os afectos e paixões, desviando-os do fim a que o amor próprio os quis conduzir e adequando-os à sua pretensão espiritual. É como o arco-íris, ao tocar na flor do *aspalatus*, lhe tira o aroma e lhe dá outro superior ⁽⁶⁾, também o amor sagrado, ao tocar em as nossas paixões, lhes arranca o fim terreno e lhes imprime outro celeste.

A vontade de comer, torna-se altamente espiritual, se antes de a satisfazermos lhe dermos o motivo do amor: Ah! não, Senhor! não é para contentar este mesquinho estô-

(1) Ps., XXIV, 15, XLI, 6. — (2) Eccli., II, II. — (3) Mat., X, 28. — (4) Luc., X, 20. — (5) Ibid., VI, 25. — (6) Vid supra, cap. III, in fine.

magos, nem para satisfazer este apetite que vou para a mesa: é para, em conformidade com a vossa Providência, sustentar o corpo que me destes, sujeito a essa miséria; *sim, Senhor, porque assim é do vosso agrado* ⁽¹⁾. Se eu esperar um amigo, também posso dizer: Vós determinastes a nossa vida de modo, Senhor, que temos de receber socorro, alívio e consolação uns dos outros; e porque assim vos apraz, empregarei este homem, cuja amizade me concedestes, nesse intuito.

Existe algum motivo justo de temor? Vós quereis, ó Senhor, que eu tema, para que lance mão do meio conveniente de evitar os contratempos; fá-lo-ei, Senhor, visto ser do vosso agrado. Se o temor for excessivo: Ah! meu Deus, meu Pai Eterno, que podem recluir os vossos filhos, os pintainhos que vivem debaixo das vossas asas? ⁽²⁾ Ora, pois, eu farei quanto possível, para evitar o mal que temo; mas depois disso: *Senhor, eu sou vosso, salvai-me* ⁽³⁾, se é do vosso agrado; e tudo o que me acontecer, tomá-lo-ei como sendo da vossa divina vontade.

Ó santa e sagrada alquimia! ó divino pó de projecção, com o qual todos os metais das nossas paixões, affectos e actos são convertidos no ouro puríssimo da celeste dilecção!

CAPÍTULO XXI

Como a tristeza é quase sempre inútil e até contrária ao serviço do santo amor

Não se pode enxertar um garfo de carvalho numa pereira; são duas árvores de naturezas opostas. Também não é possível enxertar a ira, nem a cólera, nem o desespero na caridade, ou pelo menos tornar-se-ia extremamente difícil.

Da ira já falamos, no capítulo relativo ao zelo ⁽⁴⁾, do

(1) Mat., XI, 26.—(2) Ps., XC, 4; Mat., XXIII, 37.—(3) Ps., CXVIII, 94.
— (4) L'v. X, cc. XV, XVI.

desespero, se o não reduzirmos à justa desconfiança de nós mesmos, ou àquele desgosto da vaidade, fraqueza e inconstância dos favores, assistência e promessas do mundo, não vejo que serviço ele possa prestar ao amor divino.

É enquanto à tristeza, como pode ela ser útil à santa caridade, sendo certo que a *alegria* está no número dos frutos do Espírito Santo e posta a par da *caridade*? ⁽¹⁾ Todavia o grande Apóstolo diz assim ⁽²⁾: *A tristeza que Deus inspira opera penitência estável para a salvação; mas a tristeza do mundo traz em si a morte.*

Há, pois, uma *tristeza de Deus*, que os pecadores exercem na penitência, os bons na compaixão pelas misérias temporais do próximo, os perfeitos quando deploram, e se compadecem e doem das calamidades espirituais das almas.

David, S. Pedro, Madalena, choraram os seus pecados. Agar chorou quando viu o filho morto de sede. Jeremias chorou a ruína de Jerusalém. Nosso Senhor, os Judeus. O seu grande Apóstolo, gemendo, diz estas palavras ⁽³⁾: *Muitos há, de quem vos falei muitas vezes e agora repito com mágoa, que são inimigos da Cruz de Jesus Cristo.*

Há, portanto uma *tristeza deste mundo*, que provém igualmente de três causas.

1.º Causa-a muitas vezes o inimigo infernal, com mil sugestões tristes, melancólicas, desgostosas, a obscurecerem-nos o entendimento, a desalentarem-nos a vontade e a perturbar-nos a alma; é como um nevoeiro intenso que enchesse a cabeça e o peito de humores e tornasse a respiração difícil, pondo o viajante perplexo, sem conhecer rumo nem carreira; também o espírito maligno enche a inteligência humana de pensamentos tristes, de tédio e grande falta de ânimo, para o desesperar e perdê-lo.

Diz Plínio na sua História Natural que há um peixe alcunhado de «diabo do mar», que remexendo e atirando o lodo dum lado para o outro, turba a água ao redor de si, para se emboscar, até que os pobres peixinhos, descuidosos, são assaltados pelo traidor, e devorados. É daqui que procede a frase — pescar em águas turvas — que se usa frequentemente. Com o diabo do inferno sucede o mesmo. Arma as suas

(1) Galat., V, 22. — (2) II Cor., VII, 10. — (3) Filip. III, 18.

ciladas com a tristeza, até que, tendo a alma bem turva com inúmeros pensamentos fastidiosos, semeados pelo entendimento, se esconde debaixo dos affectos, minando-os de desconfianças, de ciúmes, de aversões, invejas, apreensões supérfluas dos pecados passados e, fornecendo-lhe mil subtilidades vãs, acres e melancólicas, a faz rejeitar toda a espécie de razões ou confortos.

2.^o A tristeza também procede muitas vezes da condição natural, quando a melancolia nos é característica. Esta não é essencialmente viciosa, mas o inimigo aproveita-se dela admiravelmente para urdir e tramar mil tentações na nossa alma. Como as aranhas fazem as suas teias em dias tristes, e quando o céu se mostra enevoadado, também o espírito maligno nunca pode tanto à vontade estender a teia das suas sugestões nos espíritos mansos, benignos e alegres, como nos espíritos apáticos, tristes e melancólicos; enche-os facilmente de desgostos, de suspeitas, ódios, murmurações, censuras, invejas, preguiça e torpor espiritual.

3.^o Finalmente há uma tristeza que a variedade dos sucessos do mundo nos acarreta. *Que alegria posso eu ter, dizia Tobias (1), sem ver a luz do céu?* Também assim ficou triste Jacob, quando soube da morte do seu José (2), e David ao ter conhecimento da de Absalão (3).

Esta tristeza é comum aos bons e aos maus: mas nos bons tem a moderá-la a aquiescência e resignação com a vontade de Deus, como se observa em Tobias, que de todas as adversidades que o atingiram dava graças à divina Majestade; em Job, que, por elas, bendizia o nome do Senhor (4); e em Daniel, que converteu as dores em cânticos (5).

Muito ao contrário os mundanos são ordinariamente tristes. têm pesares, desesperos, alucinações de espírito. São semelhantes aos macacos que no minguate da lua estão sempre aborrecidos, tristes, enfadonhos e, no crescente, saltam, dansam e se desentranham em momices. O mundano também é insulso, mordaz e melancólico, quando as prosperidades terrestres lhe falham, e quase sempre fanfarrão, alegre e insolente, nas marés prósperas.

(1) Cap. V, 12. — (2) Gen., XXXVII, 34, 35. — (3) II Reg., XVIII, ult. — (4) Cap. I, 21. — (5) Cap. IX.

Realmente a tristeza da verdadeira penitência não deve propriamente chamar-se tristeza; é um desgosto ou sentimento que detesta o mal; tristeza que não tem aborrecimento nem enfados; tristeza que não entorpece o espírito, mas que o torna activo, pronto, diligente; tristeza que não abate o coração, mas que o levanta por meio da oração e da esperança e lhe inspira progressos de fervor na devoção; tristeza que, no mais acesso das suas amarguras, produz sempre a doçura duma incomparável consolação, segundo o preceito de Santo Agostinho: O penitente deve entristecer-se sempre, mas que se alegre também da sua tristeza (1).

A tristeza, diz Cassiano (2), que opera a sólida penitência e o salutar arrependimento, nunca nos pesa. Essa é obediente, afável, humilde, bondosa, suave, paciente, porque deriva directamente da caridade; posto que se estenda a todas as dores do corpo e à contrição do espírito, ela é, em certo modo, alegre, animada e reforçada da esperança de vir a ser útil. Contém toda a doçura da afabilidade e grandeza de alma, encerrando em si os frutos do Espírito Santo, como o santo Apóstolo conta: «*Ora os frutos do Espírito Santo são: caridade, alegria, paz, grandeza de alma, bondade, clemência, fé, mansidão, temperança*» (3). Esta é a verdadeira penitência, a profícua tristeza, que não é propriamente triste nem melancólica, mas simplesmente atenta, afeiçoada e dedicada a impedir o mal do pecado passado e futuro.

As vezes também se observam penitências muito à pressa, perturbadas, impacientes, todas chorosas, amargas, com suspiros, inquietações, trespassadas de melancolia, e que resultam por fim infrutíferas e sem consequência de nenhuma emenda verdadeira, porque não procedem das verdadeiras causas da virtude da penitência, mas do amor próprio e natural.

A tristeza do mundo traz a morte, disse o Apóstolo (4). Teotimo, é necessário evitá-la e repeli-la, quanto em nossas forças caiba. Se ela for natural, devemos combatê-la, contrapondo aos seus instintos exercícios próprios, sujeitando-nos

(1) In Ps. L § 5. — (2) Instit., I, IX, c, XI, — (3) Galat., V, 22. — (4) Supra.

a um regulamento e servindo-nos de distrações e remédios que a medicina entender convenientes para tal fim.

Se ela nascer de tentações, é preciso patentearmos claramente o coração ao nosso director espiritual, que indicará então os meios próprios para a vencermos, como já explicámos na quarta Parte de *A Introdução à Vida Devota* ⁽¹⁾.

Se for accidental, recorreremos ao que está expresso no oitavo Livro ⁽²⁾, para ver quanto as tribulações são estimadas pelos filhos de Deus, e como a grandeza das nossas esperanças na vida eterna deve tornar quase desprezíveis todos os acontecimentos passageiros da vida temporal.

De resto, em meio das melancolias que possam assaltar-nos, devemos empregar a autoridade da vontade superior para fazer todo o possível em favor do amor divino. Realmente há acções que dependem de tal modo da nossa disposição e compleição física, que não está em nossas forças o poder realizá-las à nossa vontade.

Um melancólico, por exemplo, não é capaz de apresentar no olhar, nas falas, no rosto, aquela graça e doçura que teria, se o livrassem do seu mau humor. No entanto, ele pode, apesar da sua má disposição, pronunciar palavras de cortesia, de bem-querer, de affecto, e, não obstante o seu temperamento, praticar, por consideração, acções convenientes, em palavras e obras de caridade, de amor e condescendência.

Tem toda a desculpa aquele que não é sempre alegre, porque não somos senhores de possuir a alegria, quando a queremos. Mas o que não tem desculpa é a falta de bondade, de condescendência e de brandura, porque isso está sempre ao alcance da nossa vontade, e basta-nos, para as termos, resolvermo-nos a combater o mau humor e a inclinação contrária.

FIM DO UNDÉCIMO LIVRO

(1) Capitulo XIV. — (2) Cap. IV, V.

LIVRO DUODÉCIMO

ALGUNS CONSELHOS PARA O PROGRESSO DA ALMA NO SANTO AMOR

CAPÍTULO I

Como o progresso no santo amor não depende da compleição natural

Um grande religioso, nosso contemporâneo, escreveu que a disposição natural influi muito para o amor contemplativo, e que as pessoas naturalmente amoráveis, são as mais próprias para o nutrirem. Não penso que ele queira dizer que o amor sagrado seja directamente distribuído aos homens nem aos Anjos, e menos ainda em virtude das suas disposições naturais; nem que ele queira dizer que a distribuição do amor divino seja feita aos homens em harmonia com as qualidades e aptidões do seu natural. Isso seria desmentir a Escritura, seria violar a regra eclesiástica, pela qual os sequazes de Pelágio são declarados herejes.

Quanto a mim, refiro-me neste Tratado ao amor sobre-natural que Deus derrama em nossos corações pela sua bondade, e cuja morada está na suprema ponta do espírito; ponta que é superior a todo o resto da nossa alma, e que é absolutamente independente de toda a compleição natural.

Por isso, posto que as almas inclinadas à dilecção tenham dum lado qualquer disposição que as torne mais propensas ao amor de Deus, por outro expõem-se e estão sujeitas a

dedicar-se por afeição às criaturas dignas do seu amor. Essa inclinação põe-nas em risco de se distraírem da pureza do amor sagrado, para o confundirem com os outros amores. O perigo de amar indignamente corre parilhas com a facilidade de amar.

É, pois, certo que as almas assim constituídas, uma vez purificadas do amor das criaturas, fazem maravilhas na santa dilecção, porque o amor encontra extrema facilidade em se dilatar por todas as faculdades do coração. Disto resulta uma gratíssima suavidade, que não transparece na alma áspera, teimosa, melancólica e rabugenta.

No entanto, se houvesse duas pessoas, das quais uma fosse amorosa e meiga, e a outra enfadonha e triste, por condição natural, mas que fossem animadas de igual caridade, elas amariam sem dúvida igualmente a Deus, mas não semelhantemente. O coração naturalmente amante amá-Lo-ia com mais espontaneidade, com mais extremos, com mais ternuras, mas nunca mais sólidamente, nem com maior perfeição. O amor nascido entre os espinhos e as contrariedades dum carácter seco e pouco terno, é mais firme e mais glorioso, enquanto que o outro será mais cheio de agrados e delícias.

Pouco importa por isso que sejamos naturalmente propensos ao amor, quando se trata dum amor sobrenatural e pelo qual procedemos sobrenaturalmente. Eu, Teotimo, diria de boa vontade a todos os homens:

— Oh! mortais, se o vosso coração é dado ao amor, por que não haveis de aspirar ao amor celeste e divino?

E se sois de coração árido e pouco amável, oh! infelizes, já que fostes privados do amor natural, por que não haveis de pretender o amor sobrenatural, que vos será concedido amoravelmente por Aquele que vos chama com empenho ao seu amor?

CAPÍTULO II

É preciso ter um contínuo desejo de amar

Juntai tesouros no Céu (¹).

Um tesouro só não basta. O divino amante quer que nós tenhamos mais de um tesouro, ou que este seja composto de diversos tesouros. Quer dizer que é necessário ter um desejo insaciável de amar a Deus, para acumular dilecção sobre dilecção. Quem é que obriga as abelhas a aumentar o seu mel, senão o amor que elas lhe têm? Oh! coração da minha alma, que foste criada para amar o bem infinito, que amor podes tu desejar, a não ser esse amor, que é o mais apetecível de todos? Ah! alma do meu coração, que desejo podes tu acalantar de amar, senão o mais alevantado de todos os desejos? Oh! amor dos sagrados desejos, oh! desejos do santo amor! oh! quanto eu *tenho cubicado o desejo das vossas perfeições!* (²)

O doente, apoquentado pelo fastio, não tem apetite, mas deseja tê-lo; não deseja o alimento, mas deseja que ele lhe apeteça.

Teotimo, o sabermos se amamos a Deus sobre todas as coisas não está na nossa mão, se Deus no-lo não revelar, mas o que podemos saber com certeza é se desejamos amá-Lo, e quando sentimos em nós o desejo do amor sagrado, sabemos que começamos a amar. É a parte sensual e animal do nosso ser que apetece comer, enquanto que a parte racional é a que deseja esse apetite; e como a parte sensual nem sempre obedece à racional, também sucede muitas vezes que nós desejamos o apetite e não o podemos ter.

Porém o desejo de amar e o amor, procedem imediatamente da mesma vontade: razão porque tão depressa concebemos o verdadeiro desejo de amar, como começamos a

(¹) Mat., VI, 20. — (²) Ps. CXVIII, 20.

abrigar o verdadeiro amor, que aumenta à medida que o desejo vai crescendo. Quem desejar ardentemente o amor, em breve amarão sinceramente. Ah! Senhor, quem nos dera a graça de nos abrasarmos nesse desejo, que é o *desejo dos pobres e a preparação do seu coração*, que Deus atende da melhor vontade! ⁽¹⁾ Quem não tem a certeza de amar a Deus, é pobre; quem o deseja amar é mendigo, mas mendigo daquela feliz mendicidade a que o Salvador se referiu nestes termos; *Bem-aventurados os pobres mendigos de espírito, porque deles é o reino dos céus* ⁽²⁾.

Foi assim pobre S.^{to} Agostinho, quando exclamava ⁽³⁾: Ah! amar! caminhar! morrer em nós mesmos! subir até Deus! — S. Francisco, também, dizendo ⁽⁴⁾: «Quero morrer do teu amor», oh! Amigo do meu coração, «que te dignaste morrer pelo meu amor!» E assim S.^{ta} Catarina de Génova e a bem-aventurada Madre Teresa, quando, quais corças espirituais, ofegantes e sequiosas do divino amor ⁽⁵⁾, exclamavam: Ah, Senhor, *dá-me dessa água!* ⁽⁶⁾

A *avareza* temporal, pela qual desejamos avidamente os tesouros terrestres, é a *raiz de todos os males*; mas a avareza espiritual, por meio da qual se ambiciona incessantemente o fino ouro do amor sagrado, essa é a raiz de todos os bens. Quem bem desejar a dilecção, bem a procura: quem bem *a procurar, bem a encontra* ⁽⁷⁾; quem a encontrar achou a fonte da vida, da qual *brotará a salvação do Senhor* ⁽⁸⁾. Gritemos noite e dia, Teotimo; «Vinde, oh! Santo Espírito, enchei os corações dos vossos fiéis, e acendei neles o fogo do vosso amor» ⁽⁹⁾. Oh! amor celeste, quando encherás tu a minha alma?!...

(1) Ps. IX, 38. — (2) Mat., v, 3; juxta Graec. — (3) Sermo CLIX, c. VII. — (4) Oratio ad impetr. amorem Dei; inter Opuscula. — (5) Ps., XCI, I. — (6) Joan., IV, 15. — (7) Mat., VIII, 8. — (8) Prov., VIII, 35. — (9) Ad. Missam in festo Pentec.,

CAPÍTULO III

**Como, para o desejo do amor sagrado, é preciso
suprimir os outros desejos**

Por que pensas tu, Teotimo, que os cães na primavera perdem mais frequentes vezes que em outra estação o rasto e a pista da caça? Dizem os caçadores e os filósofos que é por as plantas e as flores estarem em pleno vigor. Então a variedade dos aromas abafa de tal modo o olfacto dos cães que eles não sabem distinguir e muito menos acertar com o cheiro da presa, desorientados pela profusão de aromas exalados pela terra.

As almas, também, que inventam contínuos desejos, desígnios e projectos, nunca desejam cabalmente o santo amor celeste, nem podem farejar o rasto do divino Amante, que é comparado ao *cordelro e filho da corça* ⁽¹⁾.

O lírio não tem estação própria, floresce cedo ou tarde, conforme o tempo em que o plantarem: além disso, ainda depende da profundidade em que lhe enterrarem a raiz. Se estiver apenas três dedos abaixo da superfície da terra, florescerá sem demora, mas se o enterrarem mais fundo, só florescerá muito mais tarde, em proporção da dificuldade que tem de trespassar a terra.

Se o coração que pretende o amor divino estiver muito enterrado nos negócios da terra e nos assuntos temporais, só tarde e difficilmente florirá; mas se os laços que o prendem ao mundo forem como a sua condição o exige, vê-lo-ás brevemente florescer em dilecção e exalar o seu agradável aroma ⁽²⁾.

Por isso os santos se refugiaram nas solidões, para, mais livres dos cuidados do mundo, se entregarem inteiramente ao amor celeste; por isso, a Esposa sagrada ⁽³⁾ fechava um dos olhos, para concentrar a vista com mais força no outro

(1) Cant., II, 9. — (2) Cant., II, 13. — (3) Cant., IV, 9.

e aplicá-lo ao centro do coração do seu Amado, que ela queria ferir de amor; por isso, ela conserva a cabeleira de tal modo enrolada e apanhada numa trança que semelha ter apenas *um cabelo*, de que se serve para enleiar e prender o coração do Esposo, a quem torna escravo da sua dilecção.

As almas que querem sinceramente amar a Deus, fecham o entendimento às coisas mundanas, para o empregarem com mais ardor na meditação das coisas divinas, e reúnem todas as suas pretensões no único empenho de amar exclusivamente a Deus. E outra qualquer coisa que desejem, que não seja para Deus, já lhes diminui esse desejo.

Um religioso perguntou ao bem-aventurado Gil ⁽¹⁾, o que poderia ser mais agradável a Deus. Ele respondeu-lhe, cantando; «Uma a um, uma a um»: quer dizer — uma só alma a um só Deus. Muitos desejos e amores em um só coração são como muitos filhos a sugar um seio só: não podem satisfazer-se todos, e assim aos empurrões uns aos outros, invejosamente, acabam por o esgotar e secar por completo.

Quem pretender o amor divino deve cuidadosamente dedicar-lhe o seu repouso, o seu espírito e as suas afeições todas.

CAPÍTULO IV

Como as ocupações legítimas não impedem a prática do divino amor

A curiosidade, a ambição e a inquietação, a par da inadvertência e pouco conhecimento do fim para que viemos a este mundo, são a causa de termos mil vezes mais impedimentos do que afazeres, mais impecilhos do que obras, mais embaraços do que tarefas; e são os enredos, Teotimo, quer dizer, as mesquinhas, vãs e supérfluas ocupações de

(1) Vide supra, 1, v, c. VII.

que nos encarregamos, que nos distraem do amor de Deus, e não os verdadeiros e legítimos exercícios da nossa vocação.

David, e depois dele S. Luís, entre tantos atritos, trabalhos e ocupações que tiveram, quer na paz, quer na guerra, nunca deixaram de cantar, com convicção :

..... e que mais posso
Apetecer no céu, que tanto encerra,
Ou desejar com ansia cá na terra? (1)

S. Bernardo não deixava nunca de progredir, como desejava, no santo amor, apesar de fazer parte dos exércitos dos grandes príncipes, porque subordinava sempre as suas ocupações ao serviço da glória de Deus. Mudava muitas vezes de lugar, mas não variava de coração, nem o coração de amor, nem o amor de objecto; e servindo-me até da sua própria expressão (2), essas mudanças davam-se nele, mas não vinham dele, porque, posto que as suas ocupações fossem muito diferentes, ele era indiferente a todas elas e diferente delas todas; não reflectia a cor dos afazeres e conversas, como o camaleão a dos lugares em que se encontra, mas ficava sempre unido a Deus, sempre alvo de pureza, sempre vermelho de caridade, e inalteravelmente humilde.

Eu bem sei o *conselho* dos sábios :

Foge da corte — o fausto deixarás,
Para viver para Deus. É raro na guerra
Conseguir desviar os olhos da terra...
Ser santo e ter fé, são obras de paz.

E os Israelitas tinham razão de se desculparem com os de Babilónia, que os obrigavam a cantar os sagrados cânticos de Sião :

(1) Ps., LXXII, 24 — (2) Ubi supra 1. II, c. IX, in fine.

Como expor hinos sagrados
Aos que tão-pouco entendiam?
Como faltar de verdades
Profanas curiosidades?... (1)

Mas não é certo que esses desgraçados estavam com os de Babilónia, e cativos deles? Aquele que se escraviza aos favores da corte, ao fausto dos palácios, à honra da guerra, certamente não pode entoar os cânticos do amor divino. Porém ao que não está na corte, na guerra, nos palácios, senão por dever, Deus assiste-lhe, e a doçura celeste imprime-se-lhe como um epíteto no coração, para o preservar da deste que reina nesses lugares.

Quando a peste assolou Milão, S. Carlos não opôs dificuldades em frequentar as casas, e estar em contacto com as pessoas atacadas do flagelo. É preciso notar que ele penetrava nos edifícios e estava em contacto unicamente com aqueles que a necessidade do serviço de Deus lhe ordenava. Nunca se expôs ao perigo sem verdadeira necessidade, sob pena de cometer o pecado de tentar a Deus. E deste modo nenhum mal o atingiu; a divina Providência conservou-o, por ele depositar na sua onipotência uma confiança tão pura que nela não entrava medo nem temeridade.

Deus vela igualmente por aqueles que frequentam a corte, os palácios e vão à guerra pela obrigação das suas atribuições e deveres. Em tudo isto, é necessário não ser medroso a ponto de abandonar justas obrigações, não indo, nem exagerado e presumido, indo e lá ficando sem a expressa necessidade do dever e dos negócios.

(1) Ps., CXXXVI, 4.

CAPÍTULO V

Exemplo edificante sobre o mesmo assunto

Deus é *inocente para o inocente* ⁽¹⁾, bom para o bom, condescendente para o condescendente, terno para os ternos; e o seu amor obriga-o muitas vezes a usar de graciosos e santos afagos para com as almas que, por amorosa pureza e simplicidade, se parecem com criancinhas, ao pé do Senhor.

Um dia Santa Francisca recitava o Ofício de Nossa Senhora, e, como sucede de ordinário, a pressa de certas ocupações só se patenteia quando chega a hora da oração; e assim esta santa mulher, foi interrompida por uma criada que vinha da parte do marido para um serviço doméstico. Quatro vezes seguidas a vieram interromper, quando ela cuidava prosseguir na reza do seu Ofício e quatro vezes teve de deixar em meio o mesmo versículo. Finda, porém, a tal ocupação para a qual tinham reclamado a sua presença e interrompido a sua oração, a Santa, voltando ao Ofício, encontrou o versículo, quatro vezes deixado por obediência e outras tantas recommçado por devoção, escrito em caracteres dourados. A devota companheira de Santa Francisca, de nome Vanocia, jura tê-lo visto escrever pelo anjo da guarda da Santa, a quem S. Paulo, mais tarde, também o revelou ⁽²⁾.

Que suavidade a do celeste Esposo para com a sua doce e fiel amante!

Já vês, Teótimo, que as ocupações do estado de cada um não diminuem o amor divino, antes o acrescentam e douram, por assim dizer, a obra da devoção. O rouxinol não estima menos a sua melodia nos intervalos de pausa do que quando canta. O coração devoto não estima menos o amor, quando as necessidades exteriores o chamam para serem cumpridas, do que quando ora: o silêncio ou as pala-

(1) Ps., XVII, 26. — (2) And. Valladierus, Panegy. S. Franc. Rom.

bras, a acção ou a contemplação, o trabalho ou o descanso, cantam igualmente nele o cântico da sua dilecção,

CAPÍTULO VI

Devemos empregar todas as ocasiões na prática do divino amor

Há almas que intentam fazer grandes serviços em honra de Nosso Senhor, quer com acções eminentes, quer com sofrimentos extraordinários, mas acções e sofrimentos de cuja realização se lhes não apresenta nem jamais se lhes apresentará ocasião. E julgam que com esses simples projectos dão provas de grande amor.

Nisso se enganam porque, abraçando por desejo, como lhes parece, grandes cruces futuras, regeitam com ardor as presentes que são menores. Não será tentação essa valentia imaginária, sendo tão covardes na execução?

Ah! livre-nos Deus destes ardores imaginários, que alimentam muitas vezes no fundo do coração o vão e secreto amor-próprio! Nem sempre as grandes obras se nos depa-ram no caminho; mas o que podemos sempre é realizar as pequenas com perfeição, isto é, com muito amor. Vejamos aquele Santo que deu um *copo de água* pelo amor de Deus, ao pobre passageiro sequioso: parece que faz pouco; no entanto a intenção, a afabilidade, a dilecção de que animou aquele acto foram tão perfeitas, que o simples copo de água se converteu em água de vida, mas de vida eterna ⁽¹⁾.

As abelhas haurem o mel nos lírios, nos cravos, nas rosas, mas em todo o caso não deixam de fazer a mesma colheita nas florinhas modestas, como são a do rosmaninho e a do tomilho. E é até nestas que colhem maior e melhor

(1) Mat., X, 42.

porção de mel, porque dentro do seu pequenino cálice o mel se conserva melhor, por estar mais fechado.

Também nos pequenos e vulgares exercícios de devoção a caridade se pratica com mais frequência e ordinariamente com mais humildade, com mais fruto e proveito.

A condescendência em sofrer o mau humor de outrem, o aturarmos acções e modos acres e aborrecidos do próximo, a vitória sobre o próprio génio e paixões, a renúncia às mínimas inclinações e gostos, esse esforço contra as nossas antipatias e repugnâncias, a sincera confissão dos nossos defeitos, essa lida e dificuldade contínua com que lutamos para mantermos a nossa alma em paz, o amor da nossa abjecção, o benigno e afável acolhimento que fazemos ao desprezo e censuras da nossa posição, do nosso viver, dos nossos modos e acções; ah! Teotimo, tudo isso é mais proveitoso para a nossa alma do que nós podemos calcular, desde que seja dirigido pela celeste dilecção.

E eu já o expliquei a Filotéa (1).

CAPÍTULO VII

É necessário praticar as acções com muita perfeição

Como contam os antigos (2), Nosso Senhor costumava dizer aos seus: «Sede bons moedeiros».

Se a moeda não for de bom ouro, se não tiver o peso, se o cunho não for autêntico, deixa de girar, porque é falsa. Uma obra que não seja de boa espécie, se a não dourar a caridade, se a intenção não for piedosa, nunca poderá ser nivelada com as boas obras.

Se eu jejuar por economia, o meu jejum não é de boa espécie; se for por temperança, mas que eu tenha algum pecado mortal na alma, falha o peso à obra, porque é a cari-

(1) Parte III, cc. III, XXXV.—(2) Vide supra, 1. XI, c. XIII, p. 286.

dade que dá peso a tudo que nós fazemos; se for só por sociar e condescender com aqueles com quem vivo, a obra não tem o cunho duma intenção aprovada; se o jejum for por temperança e estivermos na graça de Deus, e com a intenção de agradar à sua divina Majestade, já a obra é a boa moeda, própria para aumentar em mim o tesouro da caridade.

Praticar com perfeição as pequenas acções, é realizá-las com muita pureza de intenção e uma profunda vontade de agradar a Deus; neste caso elas servem com eficácia para nos santificarem. Há pessoas que comem muito e estão sempre magras, desfalecidas, por não terem suficiente força digestiva, enquanto que outras, comendo pouco, estão sempre gordas e vigorosas, porque o estômago lhes funciona bem.

Também há almas que praticam muitas obras boas e aumentam pouco em caridade, porque as realizam friamente, sem entusiasmo, ou por instinto e inclinação da natureza, mais do que por inspiração de Deus ou fervor celeste; ao contrário há outras que bem pouco fazem, mas com uma vontade e intenção tão santa, que aumentam extraordinariamente em dilecção: tem pouco talento, mas aplicam-no tão fielmente e com tanto tino, que o Senhor as recompensa largamente ⁽¹⁾.

CAPÍTULO VIII

Processo geral de aplicar as nossas obras ao serviço de Deus

Tudo o que vós fizerdes, e quer o façais por palavras ou por obras, fazei tudo em nome de Jesus Cristo. Ou comer, ou beber, ou seja o que for, consagrai tudo à glória

(1) Mat., XXV, 21, 23.

de Deus. São estas as textuais palavras do divino Apóstolo ⁽¹⁾, que, como S. Tomás diz ao explicá-las ⁽²⁾, se cumprem cabalmente, quando temos o hábito da santíssima caridade; por meio desta, posto que não tenhamos expressa e deliberada intenção de fazer cada obra por amor de Deus, essa intenção está ocultamente contida na união e comunhão que temos com Deus; e por meio dela tudo o que podemos fazer de bom é dedicado connosco à sua divina Bondade.

Não é necessário que um filho, que vive na casa e em poder do pai, declare que tudo o que adquirir pertence ao pai, porque, pertencendo-lhe o seu ser, tudo o que dele depende lhe pertence também. Por isso, basta sermos filhos de Deus por dilecção, para que tudo o que fizermos reverta inteiramente em seu louvor e glória.

É indubitável, Teotimo, que, como eu disse algures ⁽³⁾, assim como a oliveira plantada perto da vide lhe comunica o sabor, também a caridade estando próxima das outras virtudes as faz participantes da sua perfeição. Assim como, se se enxertar a vide na oliveira, se lhe comunica mais perfeitamente o gosto e até o suco, assim também não vos contenteis com ter a caridade e com ela a prática das virtudes, mas fazei que seja por ela e para ela que as pratiqueis, para elas lhe serem justamente atribuídas.

Quando um pintor segura e guia a mão do aprendiz, a firmeza do traço atribui-se principalmente ao pintor. O aprendiz, posto que contribuisse com o movimento da mão e a aplicação do pincel, o certo é que o mestre também lhe juntou o seu movimento e, imprimindo-o, a honra da firmeza do traço é-lhe especialmente conferida, ainda que não deixe de se louvar o aprendiz pela leveza com que deixou conduzir o seu movimento pela direcção do mestre. Oh! como as acções das virtudes são perfeitas, quando o divino amor lhes imprime o seu sagrado movimento, quer dizer, quando elas se fazem por motivo da dilecção! Mas isso efectua-se dum modo diferente.

O motivo da divina caridade difunde uma influência de perfeição particular sobre as acções virtuosas daqueles que

(1) Coloss., III, 17; I Cor., X, 31. — (2) 1^a 1^{ae}, qu. LXXXVIII, art. I, ad 2. — (3) Livro XI, c. III.

se consagraram a Deus, para o servirem perpétuamente. Tais são os bispos e os padres, que, por uma consagração sacramental e por um carácter espiritual, que não pode apagar-se, se dedicam, como servos predestinados e assinalados, ao perpétuo serviço de Deus; tais são os religiosos que, pelos seus votos, simples ou solenes, se imolam a Deus na qualidade de hóstias vivas e racionais ⁽¹⁾; tais são todos os que se filiam nas congregações piedosas, dedicadas para sempre à glória divina.

Tais são ainda todos os que propositadamente, se resolvem profunda e poderosamente a seguir a vontade de Deus, fazendo para isso retiros de alguns dias, para excitarem a alma, com diversos exercícios espirituais, à inteira reforma de vida: processo santo, familiar aos antigos cristãos, que depois foi quase abolido, até que o grande servo de Deus, S.^{to} Inácio de Loiola, o introduziu novamente nos usos de nossos pais.

Eu sei que muitos não crêem que esta oblação tão geral da nossa pessoa estenda a sua virtude e imprima a sua influência sobre as acções que viermos a praticar no futuro, mas sim à medida que, no exercício delas, aplicamos em particular o motivo da dilecção, dedicando-as especialmente à glória de Deus.

Todavia todos confessam, com S. Boaventura ⁽²⁾, que é aprovado neste assunto: Se eu resolver em minha consciência dar cem escudos por amor de Deus, ainda que depois faça com demora a entrega dessa quantia, com o espírito distraído e sem atenção, essa distribuição todavia não deixará de ser feita por amor, porque procede da primeira intenção que o divino amor me inspirou de dar esse dinheiro.

E então, Teotimo, que diferença existe entre quem oferece cem escudos a Deus e quem lhe oferece todas as suas acções? Certamente não há senão a de um oferecer uma soma de dinheiro, outro uma soma de acções. E por que não hão-de ser igualmente avaliadas as duas somas, em virtude das intenções primitivas e fundamentais resoluções? E se um, ao distribuir os seus escudos sem atenção, não deixa de gozar a influência do seu primeiro propósito, por que não há-de

(1) Rom., XII, I. — (2) In II Sentent., dist. XLI, art. I, concl.

o outro, distribuindo as suas acções, gozar do fruto do seu primeiro intento? Aquele que deliberadamente se fez escravo amorável da divina Bondade, dedicou-lhe forçosamente todas as suas acções.

Acerca desta verdade, cada um devia em sua vida fazer um bom retiro, para limar a alma de todo o pecado, e em seguida formar uma íntima e sólida resolução de viver todo para Deus, como já ensinámos na primeira Parte da *Introdução à Vida Devota*; depois, ao menos uma vez por ano, passar uma revista à consciência e renovar o primeiro propósito, que designamos na quinta Parte deste livro, e eu recomendo para o mesmo fim.

S. Boaventura confessa ⁽¹⁾ que um homem que adquire uma firme inclinação e hábito de fazer bem, o faz muitas vezes sem especial atenção, e não deixa por isso de merecer muito por tais acções. Estas são enobrecidas pela dilecção, da qual derivam como de raiz e fonte de origem desse feliz hábito, e da facilidade e prontidão com que o executam.

CAPÍTULO IX

Outros meios para aplicar mais particularmente as nossas obras ao amor de Deus

Quando as pavoas chocam em lugares muito claros, os pavõezinhos são também todos brancos. Quando as nossas ideias estão postas em Deus, na ocasião em que projectamos alguma obra boa, ou nos entregamos a qualquer occupação, todas as acções que se seguem reflectem o valor e reproduzem a nobreza da dilecção que lhes deu origem. As acções próprias do meu mister e adequadas aos meus desígnios dependem da primeira eleição e resolução tomada por mim.

Mas, Teotimo, não devemos ficar por aqui: para progre-

(1) Loco quo supra.

dirmos na devoção, é preciso não só no princípio da nossa conversão, e depois todos os anos, consagrar a Deus a nossa vida e todos os nossos actos, mas também precisamos de lhos oferecer todos os dias, conforme o exercício da manhã que ensinamos a Filotéa ⁽¹⁾; porque nessa repetição quotidiana da nossa oblação, difundimos sobre as nossas acções o vigor e a virtude do amor, com a nova aplicação da nossa alma à glória divina, por meio da qual nos santificamos cada vez mais.

Além disso, apliquemos mil vezes por dia a nossa vida ao divino amor com repetidas orações jaculatórias, elevações de coração e retiros espirituais; esses santos exercícios, levantando de contínuo o nosso espírito para Deus, encaminham para Ele todas as nossas acções.

E como seria possível que uma alma que a todos os momentos se abisma na divina Bondade, e suspira sem cessar palavras de dilecção para conservar sempre o seu coração no seio do Pai celeste, não praticasse todas as suas boas acções em Deus e para Deus? Aquela que diz: Ah! Senhor, *sou vossa* ⁽²⁾; *O meu Amado é todo meu e eu sou toda sua* ⁽³⁾; «Meu Deus, vós sois o meu tudo ⁽⁴⁾; Oh! Jesus, vós sois a minha vida; ai quem me dera a graça de morrer para mim e viver só para vós! «Ah! amar! caminhar! morrer para si! viver para Deus! ⁽⁵⁾ Oh! estar em Deus! meu Deus! Aquilo que não é vós-mesmo, não é nada para mim»; aquela, digo eu, não dedica continuamente as suas acções ao celeste Esposo? Oh! como é bem-aventurada a alma que soube um dia despojar-se e fazer a renúncia de si mesma nas mãos de Deus, como já explicámos anteriormente! ⁽⁶⁾ basta-lhe um suspiro, um volver de olhos ao Senhor, para renovar e confirmar a renúncia, a resignação e o sacrifício, com o protesto de que nada quer senão a Deus e para Deus, e que não se ama a si, nem a ninguém no mundo, senão em Deus e por amor do Senhor.

Ora este exercício de contínuas aspirações é muito próprio para aplicar todas as nossas obras à dilecção, mas é

(1) Partie II, c. X. — (2) Ps. CXVIII, 94. — (3) Cant., II, 16. —
 (4) Vide supra, l. X, c. V, p. 184. — (5) Vide sup., c. II, p. 322. —
 (6) Livro IX, c. XVI.

principalmente muito profícuo para as pequenas e ordinárias acções da nossa vida. Enquanto às obras elevadas e de importância, é necessário, para tirarmos delas grande proveito, usar do processo seguinte, a que já aludi em outro lugar ⁽¹⁾.

Nessas conjunturas, elevemos alma e coração para o Senhor, abismemos o pensamento e estendamo-lo o mais que nos seja possível à santíssima e gloriosa eternidade; vejamos que desde sempre a Bondade divina nos amava ternamente, destinando para a nossa salvação todos os meios convenientes ao aumento na sua dilecção e particularmente a oportunidade de praticarmos o bem que então se nos apresenta, ou o mal que temos de sofrer.

Feito isto, abrindo, por assim dizer, e elevando os braços do nosso consentimento, estreitemos docemente, mas com grande veemência e amor o bem que houvermos de realizar ou o mal que temos de padecer, considerando que Deus o quis eternamente, para lhe agradarmos e obedecermos à sua Providência.

Vejamos S. Carlos ⁽²⁾, quando a peste assolou a sua diocese: ergueu a sua coragem para Deus, e viu atentamente que na eternidade da Providência divina esse flagelo estava preparado e destinado ao seu povo, e que, em meio dele, a mesma Providência tinha ordenado que o Santo tivesse um cuidado muito affectuoso de servir, aliviar e assistir fielmente os empestados, porque nessa ocasião ele se encontrava revestido da tríplice dignidade de pai espiritual, pastor e bispo daquela província.

Assim, calculando a imensidade dos desgostos, trabalhos e perigos a que tinha de se expor para o bom desempenho dessa alta missão, imolou-se em espírito ao beneplácito de Deus, e beijando com ternura aquela cruz, exclamou do fundo do coração, à imitação de Santo André ⁽³⁾: «Eu te saúdo, oh! cruz preciosa», saúdo-te, oh! bem-aventurada tribulação! Oh! aflicção santa, como és de estimar, tu que vens do Pai da eterna misericórdia, que te quis desde toda a eternidade

(1) Livro VIII, c. XIV. — (2) Carolus a Basílica Pétri (Bascapè) Vita S. Caroli Bor., l. IV. — (3) In Actis ejus.

e te destinou a este querido povo e a mim! Oh! cruz, o meu coração quer-te, porque o do meu Deus te quis; oh! cruz, a minha alma preza-te, abraça-te com toda a sua dilecção!

Deste modo devemos empreender os maiores trabalhos e as mais árduas tribulações que nos apareçam. E quando elas forem de grande fôlego, é preciso de tempos a tempos e amiudadas vezes, repetir este exercício, para continuarmos mais útilmente a nossa união à vontade e agrado de Deus, pronunciando este breve mas diviníssimo protesto do seu Filho: *Sim, Pai eterno, eu o quero de todo o meu coração, porque assim foi agradável diante de vós* (1).

Ah! Teotimo, quantos tesouros nesta prática!...

CAPÍTULO X

Exortação ao sacrifício que devemos fazer a Deus do nosso livre arbítrio

Eu acrescento ao sacrifício de S. Carlos o do grande patriarca Abraão, como uma viva imagem do amor mais intenso e mais leal que imaginar se possa. Ele sacrificou, na verdade, todas as maiores afeições que podia nutrir, quando ouviu a voz de Deus, que lhe dizia: *Sal do teu país, e da tua família e da casa de teu pai, e vai para o país que eu te mostrar* (2): saiu imediatamente, pôs-se a caminho, *sem saber para onde* (3).

O terno amor da pátria, a agradável convivência dos vizinhos, as delícias da casa paterna não o demoveram. Partiu afoitamente e com entusiasmo, e lá foi para onde Deus lhe aprouve conduzi-lo. Que abnegação! que renúncia! Não se pode amar a Deus perfeitamente, se não perdermos o amor às coisas caducas.

Porém nada disto tem valor, comparado com o que fez

(1) Mat., XI, 26. — (2) Gen., XII, 1. — (3) Heb., XI, 8.

depois ⁽¹⁾, quando Deus, chamando-o por duas vezes e vendo a prontidão com que ele lhe respondeu, lhe disse: *Toma Isaac, teu filho único, a quem tanto amas, e vai à terra que avistares, onde o hás-de oferecer em holocausto sobre um monte que eu te hei-de designar.* E aquele pai lá partiu imediatamente com o filho tão amado e tão digno de amor, caminhando durante três longos dias.

Chegado ao sopé de um monte, entrega o cavalo aos criados, põe às costas do seu Isaac a lenha precisa para o sacrifício, e levou ele o cutelo e o lume. Enquanto iam subindo, a idolatrada criança disse-lhe: *Meu pai!* E ele respondeu: *Que queres tu, meu filho?* — *Nós*, disse a criança, *temos a lenha e o fogo; mas onde está a vítima do holocausto?* — O pai redarguiu: *Deus se encarregará da vítima, meu filho.*

Entretanto, chegavam ao cume do monte indicado, onde Abraão tratou de construir um altar, colocar sobre ele a lenha, ligar o seu querido Isaac e deitá-lo sobre a fogueira: estende em seguida a mão direita, empunha o cutelo, ergue o braço e quando ia a descarregar o golpe com que havia de imolar o filho, um Anjo suspende-o: *Abraão, Abraão!* Este responde; *Eis-me aqui.* Então o Anjo diz-lhe: *Não mates teu filho, basta! agora conheço que temes a Deus e que nem teu filho poupaste pelo seu amor.*

Foi desligada a criança e Abraão agarrou um carneiro que achou preso pelas pontas num silvado, e sacrificou-o.

Teotimo, aquele *que vê a mulher do próximo, para a cubiçar*, já foi *adúltero em seu coração* ⁽²⁾; aquele que ligou o filho para o imolar, já o sacrificou no seu coração. E que holocausto sublime o que esse Santo fez em seu coração! sacrifício incomparável, sacrifício que nem se pode atingir, e muito menos apreciar condignamente!

Ah! Senhor! quem soubera distinguir qual das duas dilecções foi de maior mérito — se a de Abraão que, para agradar a Deus, imolava o filho estremecido, se a da criança que, para agradar a Deus, consentia no sacrifício, e se deixava estender sobre a lenha, esperando como manso cordeiro o golpe que a mão paterna lhe ia descarregar!

(1) Gen., XXII. — (2) Mat., V, 28.

Pela minha parte, dou preferência à magnanimidade do pai, mas não nego mérito à magnanimidade do filho. Por um lado, é certamente uma maravilha, mas não tanto para admirar, que Abraão, já velho e prático na ciência de amar a Deus, e fortalecido com a recente visão e com a palavra divina, realizasse este cúmulo de lealdade e dilecção por um Senhor de quem tinha já tantas vezes sentido e experimentado a suavidade e a Providência.

Mas Isaac, na primavera da vida, noviço ainda e aprendiz na arte de amar o seu Deus, oferecer-se, à simples palavra do pai, ao cutelo e ao fogo, para ser um holocausto de obediência à divina vontade, é um prodígio que excede toda a admiração.

Por outro lado, temos de ponderar que Abraão resolveu na mente durante três dias o amargo pensamento deste cruel sacrifício. Quem não sentiria piedade pelo seu pobre coração paterno quando, subindo o monte com o filho, este, mais inocente que uma pomba, lhe perguntava: *Meu Pai, onde está a vítima?* e ele lhes respondia: *Deus há-de depará-la, meu filho.*

Não vos parece que a mansidão da criança, levando ao ombro o feixe de lenha e empilhando-a sobre o altar, comoveria tristemente as entranhas do pai? Oh! coração que os Anjos admiram e que Deus magnifica!

Ah! meu doce Jesus, quando há-de ser que, tendo-vos sacrificado tudo o que temos, nós vos imolaremos tudo o que somos? Quando vos ofereceremos em holocausto o nosso livre arbítrio, único filho de nosso espírito, e quando será que o ligaremos e estenderemos sobre a fogueira da vossa Cruz, dos vossos espinhos, da vossa lança, para que, qual mansa ovelhinha, seja vítima agradável ao vosso beneplácito, morrendo queimado na fogueira e sob o cutelo do vosso santo amor?

Oh! livre arbítrio do meu coração, como há-de ser bom estar ligado e estendido na Cruz do divino Salvador! como é de desejar morrermos para nós e andarmos perpétuamente em holocausto ao Senhor?

Teotimo; o nosso livre arbítrio nunca é tão livre como quando se escraviza à vontade de Deus, e nunca é tão escravo como quando depende só da nossa vontade. Nunca

tem tanta vida como quando morre para si, nem morre tão facilmente como quando vive para nós. Nós temos a liberdade de fazer o bem e o mal; mas preferir o mal não é usar, é abusar dessa liberdade.

Renunciemos, pois, a essa malfadada liberdade e escravizemos para sempre o nosso livre arbítrio ao partido do amor celeste, façamo-nos escravos da dilecção, cujos servos são mais felizes que os reis da terra. Se a nossa alma nunca quisesse empregar a sua liberdade contra os propósitos de servir a Deus eternamente e sem reserva!... Oh! sim, meu Deus, sacrifiquemos o livre arbítrio, obriguemo-lo a morrer para si e a viver para Deus!

Quem o quiser guardar para o amor próprio neste mundo, tem de o perder para o amor eterno no outro ⁽¹⁾. Quem lhe der liberdade neste mundo, tê-lo-á servo e escravo no outro, e quem o escravizar à Cruz neste mundo, tê-lo-á livre no outro, onde, abismado no gozo da divina Bondade, há-de encontrar a liberdade convertida em amor e o amor em liberdade, mas liberdade de infinita doçura: sem esforço, sem custo, sem nenhuma dificuldade, para amarmos invariavelmente e para sempre o Criador e Salvador das nossas almas.

CAPÍTULO XI

Motivos que temos para o santo amor

S. Boaventura ⁽²⁾, o padre Luís de Granada, o padre Luís de la Puente (jesuíta espanhol), e frei Diogo de Stela largamente discutiram sobre este assunto; limitar-me-ei, pois, a notificar os pontos a que me referi neste Tratado.

A Bondade divina considerada em si não é só o primeiro motivo de todos, mas o maior, o mais nobre e o mais poderoso, porque é o que arrebatava os Bem-aventurados e

(1) Mat., X, 39; Joan., XII, 25. — (2) Amatorium.

coroa a sua felicidade. Como é que pode haver um coração que não ame Bondade tão infinita?

Este assunto é amplamente proposto nos capítulos I e II do Livro segundo, e desde o capítulo VIII do Livro terceiro até ao fim, e no capítulo IX do Livro décimo.

O 2.º motivo é o da providência natural de Deus sobre nós, da criação e conversão, como dissemos no capítulo III do Livro segundo.

O 3.º motivo é o da providência sobrenatural de Deus para connosco, e da redenção que ele nos preparou, como está explicado nos capítulos IV, V, VI e VII do Livro segundo.

O 4.º motivo é considerar como Deus aplica essa providência e redenção, fornecendo a cada um todas as graças e a assistência conveniente para se salvar; disto tratamos no Livro segundo, desde o capítulo VIII, e no Livro terceiro, desde o princípio até ao capítulo VI.

O 5.º motivo é a glória eterna, que a divina Bondade nos destinou e que é a coroa, o cúmulo dos benefícios de Deus para connosco, assunto igualmente tratado desde o capítulo IX até ao fim do Livro terceiro.

CAPÍTULO XII

Processo útil de empregar estes motivos

Para receber destes motivos um profundo e poderoso calor de dilecção, é necessário:

1.º Que depois de termos considerado um deles em geral, o apliquemos a nós em particular. Por exemplo: Ah! que amabilidade a de Deus, que em sua infinita bondade nos deu seu amado Filho para remir todo o mundo!... Ah! sim, a todos em geral, mas ainda em particular a mim, *que sou o maior dos pecadores!* (1) O Senhor *amou-me*; sim,

(1) I Tim., I, 15.

amou-me a mim, a mim tal como sou, e sofreu aquela tremenda Paixão *por mim!* ⁽¹⁾

2.º É preciso considerar os benefícios divinos em sua primeira e eterna origem. Ah! Teotimo, como poderíamos amar bastante a infinita bondade do nosso Criador, que de toda a eternidade determinou criar-nos, conservar-nos, dirigir-nos, resgatar-nos, salvar-nos, glorificar-nos a todos em geral e a cada um em particular? ai, quem era eu, antes de existir? eu, que sendo presentemente alguma coisa, não passo dum mesquinho verme da terra. E todavia o Senhor, desde o abismo da sua eternidade, nutria por mim *pensamentos* ⁽²⁾; meditava, calculava, determinava até a hora do meu nascimento, do meu baptismo, de todas as inspirações que me tinha de dar, e em suma todos os benefícios que havia de preparar para mim e ofertar-mos. Pode acaso haver doçura semelhante a esta?

3.º É preciso considerar os benefícios divinos na segunda causa meritória. Tu não sabes, Teotimo, que o grande Sacerdote da Lei ostentava nas espáduas e no peito o nome dos filhos de Israel, isto é, pedras preciosas nas quais estavam gravados os nomes dos chefes de Israel? ⁽³⁾ Ah! contempla Jesus, nosso Sumo Pontífice ⁽⁴⁾, desde o momento da sua concepção: considera que nos trazia aos seus ombros, aceitando a missão de nos resgatar com a sua *morte, e morte de Cruz!* ⁽⁵⁾

Ah! Teotimo, Teotimo, a alma do Salvador conhecia-nos a todos, pelo nome e sobrenome: mas especialmente no dia da sua Paixão, ao oferecer as suas lágrimas, as orações, o sangue e a vida por todos, espalhava em particular por ti estes pensamentos de amor: Oh! meu eterno Pai, assumo e tomo sobre mim todos os pecados do pobre Teotimo, para sofrer todos os tormentos e a morte até, para o resgatar, de modo que ele se não perca, mas que viva. Que eu morra, para ele viver ⁽⁶⁾; seja eu crucificado, para o glorificar! Oh! amor soberano do coração de Jesus, em que recanto da terra haverá coração que dignamente te bendiga para sempre?!

(1) Galat., II, 20. — (2) Jerem., XXIX, II. — (3) Exod., XXXIX, 14. — (4) Heb., IV, 14. — (5) Filip., II, 8. — (6) Vide supra, I, X, c. VIII, p. 195.

Adentro do seu peito materno, aquele coração divino previa, dispunha, merecia, impetrava todos os benefícios que recebemos, não só em geral para todos, mas em particular para cada um: e em seu seio dulcíssimo preparava-nos o leite dos seus movimentos, dos atractivos, inspirações e encantos com que nos chama, conduz e alimenta o coração para a vida eterna. Os benefícios não nos inflamam, se não ponderarmos neles a vontade eterna que no-los destina e o Coração do Salvador que no-los adquiriu à custa de tantos trabalhos, e em especial com a sua Morte e Paixão.

CAPÍTULO XIII

Como o monte Calvário é a verdadeira academia da dilecção

Ora finalmente, para concluir, a Morte e Paixão de Nosso Senhor é o motivo mais suave e mais violento que pode mover os nossos corações nesta vida mortal: na verdade, as místicas abelhas haurem o seu melhor mel nas chagas *do Leão da tribo de Judá* ⁽¹⁾, com uma corda ao pescoço, ulcerado, despedaçado no monte Calvário; e os filhos da Cruz glorificam-se neste admirável mistério, que o mundo não pode perceber; da morte, que tudo devora saú a carne da nossa consolação; e da morte, que parecia invencível, surgiu a doçura do mel do nosso amor ⁽²⁾. Oh! Jesus, meu Salvador, como a vossa morte é amorável, visto que é o soberano efeito do vosso amor!

Lá em cima, na glória do Céu, após o motivo da Bondade divina conhecida e considerada em si, o da morte do Salvador há-de ser o mais poderoso para arrebatam os espíritos bem-aventurados à dilecção de Deus: em prova do que, na Transfiguração, que foi um fragmento da glória, Moisés e Elias *falavam* com Nosso Senhor *do prodígio que ele havia*

(1) Apoc., V, 5. — (2) Iudic., XIV, 8, 14.

de realizar em Jerusalém ⁽¹⁾. Mas de que *prodígio*, senão do prodígio de amor por meio do qual a vida foi arrebatada ao Amante para ser dada à sua amada? Tanto que, no cântico eterno, eu suponho que há-de repetir-se a toda a hora esta jubilosa aclamação:

Viva Jesus, cuja morte
Mostra quanto o amor é forte!

Teotimo, o monte Calvário é o monte dos amantes. Todo o amor que não tiver por origem a Paixão do Salvador é frívolo e perigoso. Desditosa é a morte sem o amor do Salvador; desditoso é o amor sem a morte do Salvador. O amor e a morte estão de tal modo confundidos na Paixão do Salvador, que não pode ter-se no coração um sem a outra.

No Calvário não pode ter-se a vida sem o amor, nem o amor sem a morte do Redentor; mas, fora daí, ou bem morte eterna, ou bem amor eterno e toda a sabedoria cristã consiste em escolher bem; e para te auxiliar neste intento, retém na tua memória, meu caro Teotimo, estas palavras:

Cumpre escolher, oh! mortal,
Durante a vida mortal,
Ou seja o amor eterno,
Ou seja a morte eterna,
A lei deste Deus supremo
Não conhece meio termo.

Concluo este Tratado com estas palavras, com as quais Santo Agostinho fechou um admirável sermão da caridade, pronunciado perante uma distinta e numerosa assembleia:

«Oh! amor eterno, a minha alma busca-te e é a ti que elige para sempre. «Vinde, Santo Espírito, e acendei no coração dos fiéis a vossa dilecção» ⁽²⁾. Ou amar ou morrer! Morrer e amar! Morrer para todos os amores e viver só

(1) Luc., IX, 31. — (2) Ad Missam in festo Pentec.

para o de Jesus, para não morrermos eternamente. Assim vivendo para o vosso amor eterno, oh! Salvador das nossas almas, cantaremos eternamente: VIVA JESUS! Amo a Jesus! Viva Jesus a quem amo! Amo a Jesus, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amén» (1).

Que estas expressões, Teotimo, pela graça e favor da caridade, escritas por teu amor, possam de tal modo insculpir-se em teu coração, que essa caridade encontre em ti o fruto das obras santas e não a folhagem dos louvores. Amén, Bendito seja Deus em todo o tempo.

FIM DO LIVRO DUODÉCIMO E DE TODO O TRATADO

(1) Sermo CCCL.

ÍNDICE

	Págs.
Oração dedicatória	5
Nota	7
Prefácio	9

LIVRO PRIMEIRO

Contendo uma preparação de todo o tratado

Capítulo I	— Para beleza da natureza humana Deus concedeu à vontade o governo de todas as faculdades da alma	23
Capítulo II	— A vontade dirige de diversos modos as potências da alma	25
Capítulo III	— A vontade governa as paixões	28
Capítulo IV	— O amor domina todas as afeições e paixões e dirige mesmo a vontade, ainda que esta tenha também domínio sobre ele.	32
Capítulo V	— Dos affectos da vontade.	34
Capítulo VI	— O amor de Deus domina os outros amores.	36
Capítulo VII	— Descrição do amor em geral	38
Capítulo VIII	— De onde se origina o amor?	42
Capítulo IX	— O amor aspira à união	44
Capítulo X	— A união para que o amor tende é toda espiritual	46
Capítulo XI	— Em que sentido podemos dizer que há duas partes na alma humana?	52
Capítulo XII	— Nestas duas partes da alma há quatro diferentes graus de razão	55
Capítulo XIII	— Divisão do amor.	58

	PÁGS.
Capítulo XIV — A Caridade deve-se chamar Amor	59
Capítulo XV — Da conveniência que há entre Deus e o homem.	60
Capítulo XVI — Temos uma inclinação natural para amar a Deus sobre todas as coisas.	63
Capítulo XVII — Não temos naturalmente o poder de amar a Deus sobre todas as coisas.	64
Capítulo XVIII — Não é inútil a inclinação que temos de amar a Deus	67

LIVRO SEGUNDO

Origem do amor divino

Capítulo I — As perfeições divinas formam uma perfeição única e infinita	69
Capítulo II — Deus é acto puro	72
Capítulo III — Da Providência divina em geral	75
Capítulo IV — Da Providência sobrenatural que Deus exerce para com as criaturas racionais	79
Capítulo V — A Providência divina proporcionou aos homens uma redenção abundantíssima	82
Capítulo VI — De algumas graças especiais concedidas pela divina Providência na redenção dos homens	85
Capítulo VII — A Providência divina é admirável na diversidade de graças que distribui aos homens	88
Capítulo VIII — Quanto Deus deseja que o amemos	91
Capítulo IX — O eterno amor de Deus para connosco predispõe os nossos corações por sua inspiração, para que o amemos.	94
Capítulo X — Muitas vezes repelimos a inspiração e recusamos amar a Deus	97
Capítulo XI — Não depende da divina Bondade o não termos um grande amor.	100
Capítulo XII — A graça divina deixa-nos a plena liberdade de a seguir ou de a repelir.	103
Capítulo XIII — Primeiros sentimentos de amor que as graças divinas produzem na alma, antes de ela ter a fé	107
Capítulo XIV — Amor divino que se recebe pela fé	110
Capítulo XV — A esperança aumenta o amor de Deus	113

	Págs.
Capítulo XVI — Como o amor se pratica na esperança	115
Capítulo XVII — O amor da esperança é muito bom, embora imperfeito.	118
Capítulo XVIII — Na penitência pratica-se o amor. Há várias espécies de penitência	121
Capítulo XIX — A penitência sem amor é imperfeita.	125
Capítulo XX — Na contrição efectua-se a junção do amor e da dor.	127
Capítulo XXI — Os amorosos atractivos de Nosso Senhor nos auxiliam e acompanham até à fé e à caridade.	132
Capítulo XXII — Breve descrição da caridade	135

LIVRO TERCEIRO

Progresso e perfeição do amor de Deus

Capítulo I — O amor divino pode ser aumentado cada vez mais em cada um de nós	139
Capítulo II — Nosso Senhor tornou fácil o aumento do amor.	142
Capítulo III — Como a alma que possui a caridade faz progressos nesta virtude	145
Capítulo IV — Da santa perseverança no amor de Deus	151
Capítulo V — A felicidade de morrer no amor de Deus é uma graça especial	155
Capítulo VI — Nesta vida mortal nunca poderemos conseguir a perfeita união de amor com Deus	158
Capítulo VII — A caridade dos Santos nesta vida mortal iguala, e até excede algumas vezes, a dos bem-aventurados	160
Capítulo VIII — Do incomparável amor da Mãe de Deus Senhora Nossa	162
Capítulo IX — União dos Bem-aventurados com Deus	165
Capítulo X — O desejo precedente aumentará muito a união dos bem-aventurados com Deus	168
Capítulo XI — Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da divindade	170
Capítulo XII — Da união dos espíritos Bem-aventurados com Deus na visão da geração eterna do Filho de Deus	172
Capítulo XIII — Da união dos espíritos Bem-aventurados com Deus na visão da processão do Espírito Santo.	175

	Págs.
Capítulo XIV — A glória do Céu servirá para a união dos espíritos bem-aventurados com Deus.	177
Capítulo XV — A união dos Bem-aventurados com Deus terá diferentes graus	179

LIVRO QUARTO

Decadência e ruína do amor de Deus

Capítulo I — Podemos perder o amor de Deus, enquanto estamos nesta vida mortal.	183
Capítulo II — Da tibieza da alma no amor de Deus	186
Capítulo III — Como deixamos o divino amor pelo amor das criaturas	189
Capítulo IV — O amor de Deus perde-se num momento . . .	192
Capítulo V — A única causa da falta e do esfriamento do amor de Deus está na vontade das criaturas	195
Capítulo VI — Devemos reconhecer como vindo de Deus todo o amor que lhe consagramos	198
Capítulo VII — Convém evitar toda a curiosidade e aquiescer humildemente à sapientíssima Providência de Deus	202
Capítulo VIII — Submissão devida aos decretos da Providência divina	206
Capítulo IX — Dum resto de amor que permanece muitas vezes na alma que perdeu a santa caridade	210
Capítulo X — Quanto este amor imperfeito é perigoso. . .	212
Capítulo XI — Meio de conhecer este amor imperfeito. . .	214

LIVRO QUINTO

Dos dois principais exercícios do amor sagrado, que se fazem por complacência e por benevolência

Capítulo I — Da sagrada complacência do amor, e primeiramente em que ela consiste.	217
Capítulo II — Pela santa complacência tornamo-nos como criancinhas alimentadas por Nosso Senhor.	220

	PÁGS.
Capítulo III — A santa complacência entrega o nosso coração a Deus e faz-nos sentir um perpétuo desejo de o gozar	224
Capítulo IV — Da amorosa condolência pela qual melhor se explica a complacência do amor.	228
Capítulo V — Do amor de condolência e de complacência para com a Paixão de Nosso Senhor.	232
Capítulo VI — Do amor de benevolência que praticamos para com Nosso Senhor por forma de desejo	235
Capítulo VII — O desejo de exaltar e engrandecer a Deus separa-nos dos prazeres inferiores, tornando-nos atentos às divinas perfeições	238
Capítulo VIII — A santa benevolência produz o louvor do divino Amado.	240
Capítulo IX — A benevolência faz-nos convidar todas as criaturas a que louvem a Deus	244
Capítulo X — O desejo de louvar a Deus faz-nos aspirar ao Céu.	247
Capítulo XI — Como praticamos o amor de benevolência nos louvores que o nosso Redentor e sua Mãe dão a Deus.	249
Capítulo XII — Do sumo louvor que Deus dá a si mesmo e do exercício de benevolência que n'Ele praticamos	254

LIVRO SEXTO

Dos exercícios do santo amor na oração

Capítulo I — A Teologia mística, ou oração.	257
Capítulo II — A meditação, primeiro grau da oração ou teologia mística	261
Capítulo III — A contemplação e a principal diferença que há entre esta e a meditação	266
Capítulo IV — O conhecimento intelectual de Deus origina o amor deste mundo, mas não a sua excelência.	268
Capítulo V — Segunda diferença entre a meditação e a contemplação.	271
Capítulo VI — A contemplação não causa fadiga; terceira diferença entre esta e a meditação	274

	Págs.
Capítulo VII — O amoroso recolhimento da alma na contemplação.	277
Capítulo VIII — Como a alma repousa no seu Bem-Amado . . .	281
Capítulo IX — Como se pratica este repouso sagrado	284
Capítulo X — Os diversos graus desta quietação e como convém conservá-la	286
Capítulo XI — Continuação dos diversos graus da santa quietação e da abnegação de si mesmo que nela algumas vezes se pratica	289
Capítulo XII — A íntima união da alma com Deus	292
Capítulo XIII — A ferida do amor	295
Capítulo XIV — Alguns outros meios pelos quais o amor de Deus fere os corações	299
Capítulo XV — Da amorosa languidez do coração ferido do amor divino	302

LIVRO SÉTIMO

União da alma com Deus aperfeiçoada pela oração

Capítulo I — Como o amor produz a união da alma com Deus por meio da oração	309
Capítulo II — Os diversos graus da união santa feita por meio da oração.	314
Capítulo III — O supremo grau de união, pela suspensão e arrebatamento	318
Capítulo IV — O arrebatamento e a sua primeira espécie . . .	322
Capítulo V — A segunda espécie de arrebatamento	324
Capítulo VI — Sinais do bom arrebatamento e sua terceira espécie.	327
Capítulo VII — Como o amor é a vida da alma. Continuação da vida extática.	331
Capítulo VIII — Admirável exortação de S. Paulo à vida extática e sobre-humana	334
Capítulo IX — O supremo efeito do amor afectivo, que é a morte dos que amam e principalmente dos que morrem amando	337
Capítulo X — Os que morreram por amor e para o amor divino	341
Capítulo XI — Como morreram de amor alguns eleitos de Deus.	342

	Págs.
Capítulo XII — História maravilhosa do falecimento de um gentil-homem, no monte Olivete	345
Capítulo XIII — Como a Santíssima Virgem, Mãe de Deus, morreu de amor por seu Filho	350
Capítulo XIV — Como a gloriosa Virgem morreu de amor infinitamente doce e tranquilo	353

LIVRO OITAVO

Do amor de conformidade pelo qual unimos a nossa vontade à de Deus, expressa nos mandamentos, conselhos e inspirações

Capítulo I — O amor de conformidade, nascido da sagrada complacência.	359
Capítulo II — A conformidade da submissão que procede do amor de benevolência	362
Capítulo III — Como devemos conformar-nos com a vontade divina, que se chama significada.	364
Capítulo IV — A conformidade da nossa vontade com a que Deus tem de nos salvar.	367
Capítulo V — Conformidade da nossa vontade com a de Deus expressa nos mandamentos	370
Capítulo VI — Conformidade da nossa vontade com a de Deus expressa em seus conselhos	373
Capítulo VII — Como o amor à vontade de Deus, expressa nos mandamentos, nos inspira o amor dos conselhos	377
Capítulo VIII — Como o desprezo dos conselhos evangélicos é um grande pecado	381
Capítulo IX — Continuação do antecedente. Como se devem amar, ainda que sem os pôr por obra, todos os conselhos evangélicos, devendo esforçar-nos por praticar algum deles	383
Capítulo X — Necessidade de nos conformarmos com a vontade divina, indicada por inspirações, e variedade dos meios de que Deus se serve para nos inspirar	387
Capítulo XI — Da união da nossa vontade à de Deus, pelas	

	Págs.	
	inspirações que recebemos e pela prática extraordinária das virtudes. Da perseverança na vocação — primeiro sinal da inspiração. . .	391
Capítulo XII	— União da vontade humana à de Deus nas inspirações opostas às leis ordinárias. Paz e sossego do coração — segunda prova da inspiração	395
Capítulo XIII	— Terceira prova da inspiração, que é a obediência perfeita à Igreja e aos superiores	398
Capítulo XIV	— Processo simples de conhecer a vontade de Deus	401

LIVRO NONO

Do amor de submissão, que identifica a nossa vontade com o agrado de Deus

Capítulo I	— União da nossa vontade à vontade divina, ou agrado de Deus	405
Capítulo II	— Como a união da nossa vontade com o agrado de Deus se realiza principalmente nas tribulações	408
Capítulo III	— A união da nossa vontade ao agrado de Deus nas aflições espirituais, pela resignação. . . .	412
Capítulo IV	— A união da nossa vontade à vontade de Deus pela indiferença	414
Capítulo V	— Como a santa indiferença se estende a todas as coisas	417
Capítulo VI	— Prática da indiferença amorosa nas coisas do serviço de Deus	419
Capítulo VII	— A indiferença que devemos pôr no que se refere ao nosso progresso nas virtudes	424
Capítulo VIII	— Como devemos unir a nossa vontade à de Deus, quando permite os pecados	428
Capítulo IX	— Como a pureza da indiferença se deve exercer nos actos do amor de Deus	430
Capítulo X	— Como se conhece a troca no amor divino . . .	433
Capítulo XI	— Perplexidade do coração que ama, sem saber o que é do agrado do Senhor.	436
Capítulo XII	— Como em meio das aflições interiores a alma	

	Págs.
	não percebe o amor que tem a Deus, e da morte amabilíssima da vontade
Capítulo XIII	— Como a vontade, morrendo para si, vive realmente na vontade de Deus
Capítulo XIV	— Explicação do que se disse, relativo à morte da nossa vontade
Capítulo XV	— Do mais salutar exercício que podemos fazer no meio das penas interiores e exteriores da vida, depois da indiferença e morte da vontade, ...
Capítulo XVI	— Como a alma unida à vontade de Deus se despoja de tudo.
	438
	441
	444
	447
	451

LIVRO DÉCIMO

Sobre o 1.º mandamento: Amar a Deus sobre todas as coisas

Capítulo I	— Doçura do mandamento que Deus nos impõe de O amarmos sobre todas as coisas.	455
Capítulo II	— O mandamento do amor tende para o Céu, mas é dado aos fiéis neste mundo	458
Capítulo III	— Como um coração, inteiramente ocupado no amor de Deus, pode amar ao mesmo tempo outras coisas.	460
Capítulo IV	— Dois graus de perfeição com que este mandamento pode ser observado na terra	464
Capítulo V	— De mais dois graus de maior perfeição com que podemos amar a Deus sobre todas as coisas	467
Capítulo VI	— Como o amor de Deus sobre todas as coisas é comum a todos os que amam.	472
Capítulo VII	— Explicação do capítulo precedente	474
Capítulo VIII	— História memorável, para nos fazer compreender em que consiste a força e excelência do amor sagrado.	477
Capítulo IX	— Confirma-se o que ficou dito com uma notável comparação	482
Capítulo X	— Como devemos amar a divina bondade soberanamente mais do que a nós mesmos.	486
Capítulo XI	— Como da santa caridade deriva o amor do próximo	489

	Págs.
Capítulo XII — Como o amor origina o zelo	491
Capítulo XIII — Como Deus é ciioso de nós.	493
Capítulo XIV — Do zelo ou ciúme que temos por Nosso Senhor.	498
Capítulo XV — Conselhos relativos ao santo zelo.	502
Capítulo XVI — Como o exemplo de alguns santos, que parece terem exercido o seu zelo com cólera, nada prova contra o exposto no capítulo precedente.	506
Capítulo XVII — Como Nosso Senhor praticou os mais excellentes actos de amor.	512

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO

Da suprema autoridade que o amor sagrado tem sobre todas as virtudes, acções e perfeições da alma

Capítulo I — Como as virtudes são agradáveis a Deus.	517
Capítulo II — Como o amor sagrado torna as virtudes infinitamente mais agradáveis a Deus do que elas o são por sua natureza.	521
Capítulo III — Como há virtudes que a presença do divino amor exalta a maior eminência que as outras	524
Capítulo IV — Como o divino amor santifica ainda mais excellentemente as virtudes, quando são exercidas por sua ordem e preceito	526
Capítulo V — Como o amor sagrado junta a sua dignidade à das outras virtudes aperfeiçoando a que lhe é particular	530
Capítulo VI — Do alto mérito que o amor sagrado dá às acções que inspira, e às que procedem das outras virtudes	534
Capítulo VII — Como as virtudes perfeitas não existem umas sem as outras.	538
Capítulo VIII — Como a caridade abrange todas as virtudes	542
Capítulo IX — Como as virtudes haurem a sua perfeição do amor sagrado.	546
Capítulo X — Digressão acerca da imperfeição das virtudes dos pagãos	549
Capítulo XI — Como as acções humanas perdem o mérito, quando praticadas sem o divino amor	555
Capítulo XII — Como o santo amor, voltando à alma, faz reviver as obras que o pecado aniquilara	559

	Págs.
Capítulo XIII — Como devemos reduzir ao santo amor toda a prática das virtudes e acções.	563
Capítulo XIV — Prática sobre o capítulo precedente.	566
Capítulo XV — Como a caridade compreende em si os dons do Espírito Santo	569
Capítulo XVI — Do amável temor das esposas — Continuação do antecedente	572
Capítulo XVII — Como o temor servil permanece com o divino amor	574
Capítulo XXII — Como o amor se serve do temor natural, servil e mercenário	577
Capítulo XIX — Como o amor sagrado abrange os doze frutos do Espírito Santo e as oito bem-aventuranças do Evangelho.	582
Capítulo XX — Como o divino amor emprega todas as paixões e affectos da alma e os reduz à sua obediência	586
Capítulo XXI — Como a tristeza é quase sempre inútil e até contrária ao serviço do santo amor	590

LIVRO DUODÉCIMO

Alguns conselhos para o progresso da alma no santo amor

Capítulo I — Como o progresso no santo amor não depende da compleição natural.	595
Capítulo II — É preciso ter um contínuo desejo de amar	597
Capítulo III — Como, para o desejo do amor sagrado, é preciso suprimir os outros desejos	599
Capítulo IV — Como as occupaões legítimas não impedem a prática do divino amor.	600
Capítulo V — Exemplo edificante sobre o mesmo assunto.	603
Capítulo VI — Devemos empregar todas as occasiões na prática do divino amor	604
Capítulo VII — É necessário praticar as acções com muita perfeição	605
Capítulo VIII — Processo geral de aplicar as nossas obras ao serviço de Deus	606
Capítulo IX — Outros meios para aplicar mais particularmente as nossas obras ao amor de Deus.	609

	PÁGS.
Capítulo X — Exortação ao sacrifício que devemos fazer a Deus do nosso livre arbítrio	612
Capítulo XI — Motivos que temos para o santo amor	615
Capítulo XII — Processo útil de empregar estes motivos	616
Capítulo XIII — Como o monte Calvário é a verdadeira academia da dilecção	618

FIM DO ÍNDICE

ERRATA

PÁG.	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
49	5	racionais	irracionais
>	7	por que	porque
>	10	êxtases	êxtase
>	12	êxtases	êxtase
53	20	Pois que!	Pois quê!
58	18	corespondência	correspondênoia
61	18	magestade	majestade
63	27	adormecido	adormecida
65	4	podessem	pudessem
>	18	por quanto	porquanto
87	4	porque	por que
>	6	porque	por que
>	29	secundassemos	secundássemos
>	30	bondade Deus	bondade de Deus

ESTE LIVRO, ACABOU DE IMPRIMIR-SE
NA IMPRENSA MODERNA, LTD.
RUA DA RESTAURAÇÃO, 317 — PORTO
AOS 30 DE JUNHO DE 1951.